DADOS DE COPYRIGHT
Sobre a obra:
A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Li
vros e seus diversos parceiros, com o
objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em
pesquisas e estudos acadêmicos, bem como
o simples teste da qualidade da obra, com o fim exc
lusivo de compra futura.
É expressamente proibida e totalmente repudíavel a
venda, aluguel, ou quaisquer uso
comercial do presente conteúdo
Sobre nós:
O Le Livros e seus parceiros disponibilizam conteúd
o de dominio publico e propriedade
intelectual de forma totalmente gratuita, por acred
itar que o conhecimento e a educação devem
ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. V
ocê pode encontrar mais obras em nosso
site: LeLivros.Net ou em qualquer um dos sites parc
eiros apresentados neste link.
Quando o mundo estiver unido na busca do conhec
imento, e não mais lutando por
dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível.
Título Original:
Harry Potter and the Deathly Hallows
Traduzi
do do inglês por Lia Wyler
Todos os direitos reservados; nenhuma parte desta
publicação pode ser reproduzida ou transmitida por
quaisquer meios, seja
eletrônico, mecânico, fotocóp
ia ou outros meios, sem a prévia permissão da edit
ora
Esta edição digital foi prime
iramente publicada por Pottermore Limited em 2013
Primeira publicação em papel i
mpresso no Brasil em 2007 por Editora Rocco Ltda.
Direitos A
utorais © J.K. Rowling 2007
Direitos Reservados © Direitos para a língua portu
gesa reservados com exclusividade para o Brasil à

Editora Rocco Ltda.,

2007
Ilustrações por Mary GrandPré © 2007 por Warner Bros.
Harry Potter characters, names and related indicia are trademarks of and © Warner Bros. Ent.
O direito moral da autora foi reconhecido
www.pottermore.com
Compartilhado por Baixelivros.org

de J.K. Rowling

Continue sua diversão com as histórias do Harry Potter pelo pottermore.com, e experimente o mundo de Harry Potter como nunca antes. Você pode explorar, compartilhar e participar nas histórias, mostrar sua própria criatividade e descobrir ainda mais informações da própria autora sobre os personagens, lugares, criaturas e objetos encontrados no mundo que ela criou.

Visite pottermore.com

Este livro
é dedicado
a sete pessoas:
a Neil,
a Jessica,
a David,
a Kenzie,
a Di,
a Anne,
e a você,
que acompanhou
Harry
até o
fim.

Ah, desgraça inerente à raça!
o grito torturante da morte

e o golpe que atinge a veia,
o sangramento inestancável, a dor,
a maldição insuportável.
Mas há uma cura dentro
e não fora de casa, não
vinda de outros mas deles próprios
por sua disputa sangrenta. Apelamos a vós,
deuses da sombria terra.
Ouvi bem-aventurados poderes soterrâneos -
atendei o nosso apelo, socorrei-nos
Favorecei os filhos, dai-lhes a vitória.

Ésquilo, As coéforas

A morte é apenas uma travessia do mundo, tal como os amigos que atravessam o mar e permanecem vivos uns nos outros. Porque sentem necessidade de estar presentes, para amar e viver o que é onipresente. Nesse espelho divino veem-se face a face; e sua conversa é livre e pura. Este é o consolo dos amigos e embora se diga que morrem, sua amizade e convívio estão, no melhor sentido, sempre presentes, porque são imortais.

William Penn, More Fruits of Solitude

Conteúdo

-- CAPÍTULO UM --
-- CAPÍTULO DOIS --
-- CAPÍTULO TRÊS --
-- CAPÍTULO QUATRO --
-- CAPÍTULO CINCO --
-- CAPÍTULO SEIS --
-- CAPÍTULO SETE --
-- CAPÍTULO OITO --
-- CAPÍTULO NOVE --
-- CAPÍTULO DEZ --
-- CAPÍTULO ONZE --
-- CAPÍTULO DOZE --
-- CAPÍTULO TREZE --
-- CAPÍTULO CATORZE --
-- CAPÍTULO QUINZE --
-- CAPÍTULO DEZESSEIS --

-- CAPÍTULO DEZESSETE --
-- CAPÍTULO DEZOITO --
-- CAPÍTULO DEZENOVE --
-- CAPÍTULO VINTE --
-- CAPÍTULO VINTE E UM --
-- CAPÍTULO VINTE E DOIS --
-- CAPÍTULO VINTE E TRÊS --
-- CAPÍTULO VINTE E QUATRO --
-- CAPÍTULO VINTE E CINCO --
-- CAPÍTULO VINTE E SEIS --
-- CAPÍTULO VINTE E SETE --
-- CAPÍTULO VINTE E OITO --
-- CAPÍTULO VINTE E NOVE --
-- CAPÍTULO TRINTA --
-- CAPÍTULO TRINTA E UM --
-- CAPÍTULO TRINTA E DOIS --
-- CAPÍTULO TRINTA E TRÊS --
-- CAPÍTULO TRINTA E QUATRO --
-- CAPÍTULO TRINTA E CINCO --
-- CAPÍTULO TRINTA E SEIS --

DEZENOVE ANOS DEPOIS

-- CAPÍTULO UM --

A ascensão do Lorde das Trevas

Os dois homens se materializaram inesperadamente, a poucos metros de distância, na estreita ruazinha iluminada pelo luar. Por um momento eles ficaram imóveis, as varinhas apontadas para o peito um do outro; então, reconhecendo-se, guardaram a varinha sob a capa e começaram a andar apressados na mesma direção.

- Novidades? - perguntou o mais alto dos dois.

- As melhores - respondeu Severo Snape.

A rua era ladeada por um silvado, à esquerda, e por uma sebe alta e cuidadosamente aparada, à direita. As longas capas dos homens esvoaçavam ao redor dos tornozelos enquanto eles caminhavam.

- Pensei que fosse me atrasar - disse Yaxley, suas feições grosseiras desaparecendo e reaparecendo à sombra dos galhos de árvores que e interpunham ao luar. - Foi um pouco mais

complicado do que imaginei. Mas acho que ele ficar
á satisfeito. Você tem certeza de que será
bem recebido?

Snape assentiu sem, contudo, dar explicações.

Os homens viraram para um largo caminho de entra
da, à direita. A alta sebe margeava e se
estendia para além do impressionante portão de ferr
o trabalhado que barrava a entrada. Em
silêncio, ambos ergueram o braço esquerdo numa espé
cie de saudação e atravessaram o
portão, como se o metal escuro fosse apenas fumaça.

As sebes de teixo abafaram os passos dos homens.
Ouviu-se um farfalhar à direita. Yaxley
tornou a sacar a varinha, apontando-a por cima da c
abeça do seu companheiro, mas a fonte do
ruído fora apenas um pavão alvíssimo, que caminhava
, majestoso, ao longo do topo da sebe.

- Ele sempre soube viver, o Lúcio. Pavões... - C
om um bufo de desdém, Yaxley tornou a
guardar a varinha sob a capa.

Um belo casarão se destacou nas trevas, no final
do caminho reto, as luzes faiscando nas
janelas em formato de losango do andar térreo. Em a
lgum lugar no jardim escuro, atrás dos
arbustos, uma fonte jorrava. O saibro começou a est
alar sob os pés, quando Snape e Yaxley
apressaram o passo em direção à porta da frente, qu
e se abriu à sua aproximação, embora
ninguém parecesse tê-la aberto.

O hall de entrada era grande, mal iluminado e su
ntuosamente decorado, e um magnífico
tapete cobria quase todo o piso de pedra. Os olhos
dos rostos pálidos nos retratos das paredes
acompanharam Snape e Yaxley assim que eles passaram
. Os dois homens se detiveram à
frente de uma pesada porta de madeira que levava a
outro cômodo, hesitaram o tempo de uma
pulsação, então Snape girou a maçaneta de bronze.

A sala estava cheia de pessoas silenciosas, sent
adas a uma comprida mesa ornamentada. Os
móveis que habitualmente a guarneciam tinham sido e

mpurrados descuidadamente contra as
paredes. A iluminação provinha das chamas vivas de uma bela lareira, cujo console de
mármore era encimado por um espelho dourado. Snape e Yaxley pararam um instante à
entrada. À medida que seus olhos se acostumaram à penumbra, sua atenção foi atraída para o
detalhe mais estranho da cena: o vulto de uma pessoa aparentemente desacordada suspensa de
cabeça para baixo sobre a mesa, girando lentamente como se estivesse presa por uma corda
invisível, e se refletindo no espelho e na superfície nua e lustrosa da mesa. Nenhuma das
pessoas sentadas à roda dessa visão singular a encarava, exceto um jovem pálido que estava
praticamente embaixo. Parecia incapaz de se conter e erguia os olhos a todo instante.

- Yaxley, Snape - falou uma voz aguda e clara da cabeceira da mesa -, vocês estão
praticamente atrasados.

O dono da voz estava sentado defronte à lareira, de modo que, a princípio, os recém-
chegados tiveram dificuldade em distinguir mais que a sua silhueta. À medida que se
aproximaram, porém, seu rosto se destacou na obscuridade, imberbe, ofídico, com fendas
estreitas no lugar das narinas e olhos vermelhos e brilhantes de pupilas verticais. Era tão
pálido que parecia emitir uma aura perolada.

- Severo, aqui - disse Voldemort, indicando a cadeira imediatamente à sua direita. -
Yaxley, ao lado de Dolohov.

Os dois homens ocuparam os lugares designados. Os olhares da maioria dos que estavam à
mesa seguiram Snape, e foi a ele que Voldemort se dirigiu primeiro.

- E então?

- Milorde, a Ordem da Fênix pretende transferir Harry Potter do lugar seguro em que está,
no sábado, ao anoitecer.

O interesse ao redor da mesa se intensificou perceptivelmente. Alguns enrijeceram, outros

se mexeram, todos atentos a Snape e Voldemort.
- Sábado... ao anoitecer - repetiu Voldemort. S
eus olhos vermelhos se fixaram nos olhos
pretos de Snape com tanta intensidade que alguns do
s observadores desviaram o olhar,
aparentemente receosos de serem atingidos pela fero
cidade daquela fixidez. Snape, no entanto,
sustentou esse olhar calmamente, e, após um moment
o, os lábios descarnados de Voldemort se
curvaram num aparente sorriso.
- Bom. Muito bom. E essa informação veio de...?
- Da fonte sobre a qual conversamos - disse Snap
e.
- Milorde.
Yaxley tinha se inclinado para a frente procura
ndo ver Voldemort e Snape. Todos os rostos
se voltaram para ele.
- Milorde, eu ouvi coisa diferente.
Yaxley aguardou, mas Voldemort não objetou, entã
o ele prosseguiu.
- Dawlish, o auror, deixou escapar que Potter n
ão será transferido até o dia trinta à noite,
na véspera do seu aniversário de dezessete anos.
Snape sorriu.
- Minha fonte informou que planejam divulgar uma
 pista falsa; deve ser essa. Sem dúvida,
lançaram em Dawlish um Feitiço para Confundir. Não
seria a primeira vez, todos conhecem a
sua suscetibilidade a feitiços.
- Posso lhe assegurar, Milorde, que Dawlish me p
areceu muito seguro do que dizia -
contrapôs Yaxley.
- Se foi confundido, é óbvio que parecerá segur
o - disse Snape. - Garanto a você, Yaxley,
que a Seção de Aurores não irá participar da proteç
ão de Harry Potter. A Ordem acredita que
estamos infiltrados no Ministério.
- Então, pelo menos nisso a Ordem acertou, hein?
 - comentou um homem atarracado, a
pouca distância de Yaxley, dando uma risadinha sibi
lada que ecoou pela mesa.
Voldemort não riu. Seu olhar se desviou para o a

lto, para o corpo que girava
vagarosamente, e ele pareceu se alhear.
- Milorde - continuou Yaxley -, Dawlish acredita que vão usar um destacamento inteiro de
aurores na transferência do garoto...
Voldemort ergueu a mão grande e branca, e Yaxley calou-se imediatamente, observando,
rancoroso, o Lorde se dirigir outra vez a Snape.
- E em seguida, onde irão esconder o garoto?
- Na casa de um dos membros da Ordem - respondeu Snape. - O lugar, segundo a minha
fonte, recebeu toda a proteção que a Ordem e o Min
istério juntos puderam lhe dar. Acredito
que seja mínima a chance de pormos as mãos nele uma vez que chegue ao destino, Milorde, a
não ser, é claro, que o Ministério tenha caído ant
es de sábado, o que, talvez, nos desse a
oportunidade de descobrir e desfazer um número sufi
ciente de feitiços, e passar pelos demais.
- E então, Yaxley? - interpelou-o Voldemort, a
luz das chamas se refletindo estranhamente
em seus olhos vermelhos. - O Ministério terá caído
até sábado?
Mais uma vez, todas as cabeças se viraram. Yaxle
y empertigou-se.
- Milorde, a esse respeito tenho boas notícias.
Consegui, com dificuldade e após muito
esforço, lançar uma Maldição Imperius em Pio Thickn
esse.
Muitos dos que estavam próximos de Yaxley parece
ram impressionados; seu vizinho,
Dolohov, um homem de cara triste e torta, deu-lhe u
m tapinha nas costas.
- É um começo - disse Voldemort -, mas Thickness
e é apenas um homem, Scrimgeour
precisa estar cercado por gente nossa para eu agir. Um atentado malsucedido à vida do
ministro me causará um enorme atraso.
- É verdade, Milorde, mas o senhor sabe que, na
função de chefe do Departamento de
Execução das Leis da Magia, Thicknesse tem contato frequente não só com o próprio ministro

como também com os chefes dos outros departamentos do Ministério. Acho que será fácil dominar os demais, agora que temos um funcionário graduado sob controle, e então todos podem trabalhar juntos para derrubar Scrimgeour.

- Isso se o nosso amigo Thicknesse não for descoberto antes de ter convertido o resto - afirmou Voldemort. - De qualquer forma, é pouco provável que o Ministério seja meu antes de sábado. Se não pudermos pôr a mão no garoto no lugar de destino, então teremos que fazer isso durante a transferência.

- Nesse particular, estamos em posição vantajosa, Milorde - disse Yaxley, que parecia decidido a receber alguma aprovação. - Já plantamos várias pessoas no Departamento de Transportes Mágicos. Se Potter aparatar ou usar a Rede de Flu, saberemos imediatamente.

- Ele não fará nenhum dos dois - disse Snape. - A Ordem está evitando qualquer forma de transporte controlada ou regulada pelo Ministério, desconfiam de tudo que esteja ligado àquele lugar.

- Tanto melhor - disse Voldemort. - Ele terá que se deslocar em campo aberto. Será muitíssimo mais fácil apanhá-lo.

Mais uma vez Voldemort ergueu o olhar para o corpo que girava vagarosamente, então prosseguiu:

- Cuidarei do garoto pessoalmente. Cometeram-se erros demais com relação a Harry Potter. Alguns foram meus. Que Potter ainda viva deve-se mais aos meus erros do que aos seus êxitos.

As pessoas em volta da mesa fitaram Voldemort apreensivas, cada qual deixando transparecer o medo de ser responsabilizada por Harry Potter ainda estar vivo. Voldemort, no entanto, parecia estar falando mais consigo mesmo do que com os demais, ainda atento ao corpo inconsciente no alto.

- Por ter sido descuidado, fui frustrado pela s

orte e a ocasião, essas destruidoras dos
planos, a não ser os mais bem traçados. Mas aprend
i. Agora compreendo coisas que antes não
compreendia. Eu é que devo matar Harry Potter, e as
sim farei.

Nisso, e em aparente resposta às suas palavras,
ouviu-se um lamento repentino, um grito
terrível e prolongado de infelicidade e dor. Muitos
ao redor da mesa olharam para baixo,
assustados, pois o som parecia vir do chão.

- Rabicho? - chamou Voldemort, sem alterar o seu
tom de voz, baixo e reflexivo, e sem
tirar os olhos do corpo que girava no alto. - Já n
ão lhe disse para manter essa escória calada?

- Disse, M-Milorde - falou um homenzinho sentado
na segunda metade da mesa, tão
encolhido que, à primeira vista, sua cadeira pareci
a estar desocupada. E, levantando-se de um
salto, saiu correndo da sala, deixando em seu rastr
o apenas um estranho brilho prateado.

- Como eu ia dizendo - continuou Voldemort, olha
ndo mais uma vez para os rostos tensos
dos seus seguidores -, agora compreendo melhor. Pre
cisarei, por exemplo, pedir emprestada a
varinha de um de vocês antes de sair para matar Pot
ter.

Os rostos à sua volta expressaram apenas incred
ulidade; como se ele tivesse anunciado que
queria um braço deles emprestado.

- Nenhum voluntário? - perguntou Voldemort. - Ve
jamos... Lúcio, não vejo razão para você
continuar a ter uma varinha.

Lúcio Malfoy ergueu a cabeça. Sua pele parecia
amarela e cerosa à luz das chamas, e tinha
os olhos encovados e sombrios. Quando falou, sua vo
z saiu rouca.

- Milorde?

- Sua varinha, Lúcio. Preciso de sua varinha.

- Eu...

Malfoy olhou de esguelha para sua mulher. Narci
sa tinha o olhar fixo à frente, tão pálida
quanto o marido, os longos cabelos louros descendo

pelas costas, mas, sob a mesa, seus dedos finos apertaram brevemente o pulso dele.' Ao seu toque, Malfoy enfiou a mão nas vestes e tirou uma varinha que passou a Voldemort, que a ergueu diante dos olhos vermelhos e examinou-a detidamente.

- De que é?

- Olmo, Milorde - sussurrou Malfoy.

- E o núcleo?

- Dragão... fibra do coração.

- Ótimo - aprovou Voldemort. E, sacando a própria varinha, comparou os comprimentos.

Lúcio Malfoy fez um movimento involuntário; por uma fração de segundo, pareceu que esperava receber a varinha de Voldemort em troca da sua. O gesto não passou despercebido ao Lorde, cujos olhos se arregalaram maliciosamente.

- Dar-lhe a minha varinha, Lúcio? Minha varinha?

Alguns dos presentes riram.

- Dei-lhe a liberdade, Lúcio, não é suficiente? Mas tenho notado que você e sua família ultimamente parecem menos felizes... alguma coisa na minha presença em sua casa os incomoda, Lúcio?

- Nada... nada, Milorde.

- Quanta mentira, Lúcio...

A voz suave parecia silvar, mesmo quando a boca cruel parava de mexer. Um ou dois bruxos mal conseguiram refrear um tremor quando o silvo foi se intensificando; ouviu-se uma coisa pesada deslizar pelo chão embaixo da mesa.

A enorme cobra apareceu e subiu vagarosamente pela cadeira de Voldemort. Foi emergindo, como se fosse interminável, e parou sobre os ombros do mestre: o pescoço do réptil tinha a grossura de uma coxa masculina; seus olhos com as pupilas verticais não piscavam. Voldemort acariciou-a, distraído, com seus dedos longos e finos, ainda encarando Lúcio Malfoy.

- Por que os Malfoy parecem tão infelizes com a própria sorte? Será que o meu retorno, minha ascensão ao poder, não é exatamente o que disseram desejar durante tantos anos?

- Sem dúvida, Milorde - respondeu Lúcio Malfoy. Sua mão tremeu quando secou o suor sobre o lábio superior. - É o que desejávamos... desejamos.

À esquerda de Malfoy, sua mulher fez um aceno rígido e estranho com a cabeça, evitando olhar para Voldemort e a cobra. À direita, seu filho Draco, que estivera mirando o corpo inerte no teto, lançou um brevíssimo olhar a Voldemort, aterrorizado de encarar o bruxo.

- Milorde - disse uma mulher morena na outra metade da mesa, sua voz embargada pela emoção -, é uma honra tê-lo aqui, na casa de nossa família. Não pode haver prazer maior.

Estava sentada ao lado da irmã, tão diferente desta na aparência, com seus cabelos negros e olhos de pálpebras pesadas, quanto o era no porte e na atitude; enquanto Narcisa sentava-se dura e impassível, Belatriz se curvava para Voldemort, porque meras palavras não podiam demonstrar o seu desejo de maior proximidade.

- Não pode haver prazer maior - repetiu Voldemort, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, estudando Belatriz. - Isso significa muito, Belatriz, vindo de você.

O rosto da mulher enrubesceu, seus olhos lacrimejaram de prazer.

- Milorde sabe que apenas digo a verdade!

- Não pode haver prazer maior... mesmo comparado ao feliz evento que, segundo soube, houve em sua família esta semana?

Belatriz fitou-o, os lábios entreabertos, nitidamente confusa.

- Eu não sei a que está se referindo, Milorde.

- Estou falando de sua sobrinha. E de vocês também, Lúcio e Narcisa. Ela acabou de casar com o lobisomem Remo Lupin. A família deve estar muito orgulhosa.

Gargalhadas debochadas explodiram à mesa. Muitos se curvaram para trocar olhares divertidos; alguns socaram a mesa com os punhos. A cobra, incomodada com o barulho, escancarou a boca e silvou irritada, mas os Comensais da Morte nem a ouviram, tão exultantes estavam com a humilhação de Belatriz e dos Malfoy. O rosto da mulher, há pouco rosado de felicidade, tingiu-se de feias manchas vermelhas.

- Ela não é nossa sobrinha, Milorde - disse em meio às gargalhadas. - Nós, Narcisa e eu, nunca mais pusemos os olhos em nossa irmã depois que ela casou com aquele sangue ruim. A fedelha não tem a menor ligação conosco, nem qualquer fera com quem se case.

- E você, Draco, que diz? - perguntou Voldemort, e, embora falasse baixo, sua voz ressoou claramente em meio aos assovios e caçoadas. - Vai bancar a babá dos filhotes?

A hilaridade aumentou; Draco Malfoy olhou aterrorizado para o pai, que contemplava o próprio colo, e seu olhar cruzou com o de sua mãe. Ela balançou a cabeça quase imperceptivelmente, depois retomou seu olhar fixo na parede oposta.

- Já chega - disse Voldemort, acariciando a cobra raivosa. - Basta.

E as risadas pararam imediatamente.

- Muitas das nossas árvores genealógicas mais tradicionais, com o tempo, se tornaram bichadas - disse, enquanto Belatriz o mirava, ofegante e súplice. - Vocês precisam podar as suas, para mantê-las saudáveis, não? Cortem fora as partes que ameaçam a saúde do resto.

- Com certeza, Milorde - sussurrou Belatriz, mais uma vez com os olhos marejados de gratidão. - Na primeira oportunidade!

- Você a terá - respondeu Voldemort. - E, tal como fazem na família, façam no mundo também... vamos extirpar o câncer que nos infecta até restarem apenas os que têm o sangue verdadeiramente puro.

Voldemort ergueu a varinha de Lúcio Malfoy, apontou-a diretamente para a figura que girava lentamente, suspensa sobre a mesa, e fez um gesto quase imperceptível. O vulto recuperou os movimentos com um gemido e começou a lutar contra invisíveis grilhões.

- Você está reconhecendo a nossa convidada, Severo? - indagou Voldemort.

De baixo para cima, Snape ergueu os olhos para o rosto pendurado. Todos os Comensais agora olhavam para a prisioneira, como se tivessem recebido permissão para manifestar sua curiosidade. Quando girou para o lado da lareira, a mulher disse, com a voz entrecortada de terror:

- Severo, me ajude!

- Ah, sim - respondeu Snape enquanto o rosto da prisioneira continuava a virar para o outro lado.

- E você, Draco? - perguntou Voldemort, acariciando o focinho da cobra com a mão livre. Draco sacudiu a cabeça com um movimento brusco. Agora que a mulher acordara, ele parecia incapaz de continuar encarando-a.

- Mas você não teria se matriculado no curso dela - disse Voldemort. - Para os que não sabem, estamos reunidos aqui esta noite para nos despedir de Caridade Burbage que, até recentemente, lecionava na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts!

Ouviram-se breves sons de assentimento ao redor da mesa. Uma mulher corpulenta e curvada, de dentes pontiagudos, soltou uma gargalhada.

- Sim... a profa. Burbage ensinava às crianças bruxas tudo a respeito dos trouxas... e como se assemelham a nós...

Um dos Comensais da Morte cuspiu no chão. Em seu giro, Caridade Burbage tornou a encarar Snape.

- Severo... por favor... por favor...

- Silêncio - ordenou Voldemort, com outro breve

movimento da varinha de Lúcio, e
Caridade silenciou como se tivesse sido amordaçada.
- Não contente em corromper e poluir
as mentes das crianças bruxas, na semana passada, a
profa Burbage escreveu uma apaixonada
defesa dos sangues ruins no Profeta Diário. Os brux
os, disse ela, devem aceitar esses ladrões
do seu saber e magia. A diluição dos puros sangues
é, segundo Burbage, uma circunstância
extremamente desejável... Ela defende que todos ca
semos com trouxas... ou, sem dúvida, com
lobisomens...

Desta vez ninguém riu: não havia como deixar de
perceber a raiva e o desprezo na voz de
Voldemort. Pela terceira vez, Caridade Burbage enca
rou Snape. Lágrimas escorriam dos seus
olhos para os cabelos. Snape retribuiu seu olhar, t
otalmente impassível, enquanto ela ia
girando o rosto para longe dele.

- Avada Kedavra.

O lampejo de luz verde iluminou todos os cantos
da sala. Caridade caiu estrondosamente
sobre a mesa, que tremeu e estalou. Vários Comensai
s pularam para trás ainda sentados.
Draco caiu da cadeira para o chão.

- Jantar, Nagini - disse Voldemort com suavidade
, e a grande cobra deslizou sinuosamente
dos ombros dele para a lustrosa mesa de madeira.

-- CAPÍTULO DOIS --
In Memoriam

Harry sangrava. Segurando a mão direita com a esque
rda, e xingando baixinho, ele empurrou
a porta do quarto com o ombro. Ouviu um barulho de
porcelana quebrando; pisara em uma
xícara de chá frio que alguém deixara do lado de fo
ra, à porta do quarto.

- Que m...?

Ele olhou para os lados; o corredor da rua dos A
lfeneiros no 4 estava deserto. A xícara de
chá era, possivelmente, a ideia de armadilha intel
igente imaginada por Duda. Harry manteve a
mão ensanguentada no alto, juntou os cacos da xícar

a com a outra mão e atirou-os na cesta
abarrotada de lixo que entreviu pela porta de seu q
uarto. Depois caminhou pesadamente até o
banheiro para pôr o dedo sob a água da torneira.
Era uma idiotice sem sentido e incrivelmente irr
itante que ainda lhe faltassem quatro dias
para poder realizar feitiços... mas tinha de admit
ir que esse feio corte no dedo o derrotaria.
Nunca aprendera a curar ferimentos e, agora que lh
e ocorria pensar nisso - particularmente à
luz dos seus planos imediatos -, parecia-lhe uma sé
ria lacuna em sua educação bruxa.
Anotando mentalmente para perguntar a Hermione como
 se fazia, ele usou um grande chumaço
de papel higiênico para secar o melhor que pôde o c
há derramado, antes de voltar para o
quarto e bater a porta.
Harry gastara a manhã inteira esvaziando seu mal
ão de viagem pela primeira vez desde que
o arrumara havia seis anos. Nos primeiros anos de e
scola, ele simplesmente limpara uns três
quartos do seu conteúdo e os repusera ou atualizara
, deixando no fundo uma camada de lixo -
penas usadas, olhos secos de besouro, meias sem pa
r que não lhe serviam mais. Minutos antes,
Harry metera a mão nesse entulho, sentira uma dor l
ancinante no quarto dedo da mão direita e,
ao puxá-la, viu que estava coberta de sangue.
Continuou, então, um pouco mais cauteloso. Torna
ndo a se ajoelhar ao lado do malão,
apalpou o fundo, retirou um velho broche que piscav
a fra camente, ora Apoie CEDRICO
DIGGORY ora POTTER FEDE, um bisbilhoscópio rachado
e gasto e um medalhão de ouro
contendo um bilhete assinado por R.A.B., e finalmen
te descobriu o gume afiado que o ferira.
Reconheceu-o sem hesitação. Era um caco de uns cinc
o centímetros do espelho encantado que
Sirius, seu falecido padrinho, tinha lhe dado. Harr
y separou-o e apalpou o malão à procura do
resto, mas nada mais restara do último presente do
padrinho exceto o vidro moído, agora

grudado, na última camada de destroços, como purpur
ina.
Harry sentou e examinou o caco pontiagudo em que
se cortara, mas não viu nada além do
reflexo do seu brilhante olho verde. Colocou, então
, o fragmento sobre o Profeta Diário
daquela manhã, que continuava intocado em sua cama
, e tentou estancar o repentino fluxo de
amargas lembranças, as pontadas de remorso e saudad
e que a descoberta do espelho partido
tinha ocasionado, ao atacar o resto do lixo dentro
do malão.
Levou mais uma hora para esvaziá-lo completament
e, jogar fora os objetos inúteis e separar
os demais em pilhas, de acordo com as suas futuras
necessidades. Suas vestes de escola e de
quadribol, caldeirão, pergaminho, penas e a maior p
arte dos livros de estudo foram
empilhados a um canto para serem deixados em casa.
Ficou imaginando o que os tios fariam
com aquilo; provavelmente queimariam tudo na calada
da noite, como se fossem provas de um
crime hediondo. Suas roupas de trouxa, Capa da Invi
sibilidade, estojo para preparo de
poções, certos livros, o álbum de fotos que Hagrid
um dia lhe dera, um maço de cartas e sua
varinha foram rearrumados em uma velha mochila. No
bolso frontal, guardou o mapa do
maroto e o medalhão com o bilhete assinado por R.A.
B. O medalhão recebera esse lugar de
honra não porque fosse valioso - sob qualquer ângu
lo normal, era imprestável -, mas pelo que
lhe custara obtê-lo.
Restou uma avantajada pilha de jornais sobre sua
escrivaninha, ao lado da alvíssima coruja
Edwiges: um exemplar para cada um dos dias desse ve
rão que Harry passara na rua dos
Alfeneiros.
Levantou-se, então, do chão, espreguiçou-se e se
dirigiu à escrivaninha. Edwiges não fez o
menor movimento quando ele começou a folhear os jor
nais e atirar um a um na montanha de

lixo acumulado; a coruja cochilava, ou fingia cochilar; estava zangada com Harry por causa do pouco tempo que, no momento, ele a deixava fora da gaiola.

Quase no fim da pilha de jornais, Harry desacelerou à procura de uma certa edição que ele sabia ter chegado logo depois do seu regresso à rua dos Alfeneiros, para passar o verão; lembrava-se de que havia uma pequena nota na primeira página sobre o pedido de demissão de Caridade Burbage, a professora de Estudo dos Trouxas em Hogwarts. Finalmente encontrou-a. Abrindo-a à página dez, sentou-se à cadeira da escrivaninha e releu o artigo que estivera procurando.

EM MEMÓRIA DE ALVO DUMBLEDORE

Elifas Doge

Conheci Alvo Dumbledore aos onze anos de idade, em nosso primeiro dia em Hogwarts. Sem dúvida o nosso interesse mútuo se deveu ao fato de ambos nos sentirmos deslocados. Eu contraíra varíola de dragão pouco antes de chegar à escola, e, embora não oferecesse mais contágio, o meu rosto marcado e verdoso não animava ninguém a se aproximar de mim. Por sua vez, Alvo chegara a Hogwarts carregando o peso de uma indesejável notoriedade. Menos de um ano antes, seu pai, Percival, fora condenado por um ataque selvagem, e amplamente comentado, a três rapazes trouxas.

Alvo jamais tentou negar que o pai (que morreria em Azkaban) cometera o crime; muito ao contrário, quando reuni coragem para lhe perguntar, ele me confirmou que sabia que o pai era culpado. E se recusava a acrescentar o que fosse sobre o triste caso, embora muitos tentassem fazê-lo falar. Alguns até se

dispunham a elogiar a atitude do pai, presumindo que Alvo também odiasse
trouxas. Não poderiam estar mais enganados: todos que conheceram Alvo
atestariam que ele jamais revelou a mais remota tendência antitrouxa. Na
realidade, seu decisivo apoio aos direitos dessa comunidade conquistou-lhe muitos
inimigos nos anos que se seguiram.

Em questão de meses, no entanto, a fama pessoal de Alvo começou a eclipsar
a do pai. Ao terminar o primeiro ano de Hogwarts, deixara de ser conhecido como
o filho do homem que odiava trouxas, e ganhou a reputação de ser o aluno mais
brilhante que a escola já vira. Aqueles que tinham o privilégio de ser seus amigos
se beneficiavam do seu exemplo, além de ajuda e estímulo, que sempre distribuía
com generosidade. Mais adiante na vida, ele me confessaria que já naquela época
sabia que o seu maior prazer era ensinar.

Alvo não só ganhou todos os prêmios importantes que a escola oferecia, bem
como não tardou a se corresponder regularmente com as personalidades mais
notáveis do mundo da magia contemporânea, inclusive Nicolau Flamel, o famoso
alquimista, Batilda Bagshot, a renomada historiadora, e o teórico da magia
Adalberto Waffling. Vários dos seus artigos foram acolhidos por publicações cultas
como a Transfiguração Hoje, Desafios nos Encantamentos, O Preparador de
Poções. A carreira futura de Dumbledore provavelmente seria meteórica, e a única
dúvida era se chegaria a ministro da Magia. Embora futuramente se previsse com
frequência que ele estava às vésperas de assumir o cargo, Dumbledore nunca
teve ambições ministeriais.

Três anos depois de começarmos a estudar em Hogw

arts, seu irmão chegou à
escola. Não se pareciam; Aberforth nunca foi dado a leituras e, ao contrário de
Alvo, preferia resolver suas diferenças com duelos em vez de discuti-las
racionalmente. É, porém, um engano insinuar, como alguns têm feito, que os
irmãos não fossem amigos. Davam-se tão bem quanto dois garotos, assim
diferentes, poderiam se dar. E, para fazer justiça a Aberforth, deve-se admitir que
viver à sombra de Alvo não pode ter sido uma experiência muito confortável. Ser
continuamente ofuscado era um risco ocupacional que acompanhava seus amigos,
e não pode ter sido muito mais prazeroso para um irmão.

Quando Alvo e eu concluímos os estudos em Hogwarts, pretendíamos fazer
juntos a viagem pelo mundo, então tradicional, para visitar e observar os bruxos
estrangeiros, antes de seguir cada qual a sua carreira. Interveio, porém, a
tragédia. Na véspera de nossa viagem, a mãe de Alvo, Kendra, faleceu, legando
ao filho mais velho a tarefa de chefiar e sustentar sozinho a família. Adiei a minha
partida tempo suficiente para prestar as últimas homenagens a Kendra, então
iniciei a viagem, solitário. Com um irmão e uma irmã mais jovens para cuidar, e o
pouco dinheiro herdado, já não havia possibilidade de Alvo me acompanhar.

Aquele foi o período de nossas vidas em que mantivemos menos contato.
Escrevi a Alvo, narrando, talvez insensivelmente, as maravilhas da minha viagem,
desde o episódio em que escapei por um triz de quimeras na Grécia até as minhas
experiências com alquimistas egípcios. As cartas dele me contavam alguma coisa
de sua vida diária, que eu percebia ser monótona e

frustrante para um bruxo tão
genial. Absorto em minhas próprias experiências, fo
i com horror que soube, quase
no fim do ano de viagens, que outra tragédia se aba
tera sobre a família: a morte
de sua irmã Ariana.

Embora Ariana não gozasse de boa saúde havia t
empo, o golpe tão próximo à
morte da mãe afetou profundamente os dois irmãos.
Todos os que eram mais
chegados a Alvo - e incluo-me entre esses felizar
dos - concordam que a morte de
Ariana e o sentimento de responsabilidade do irmã
o por esse desfecho (ainda que
ele não fosse culpado) marcaram-no para sempre.

Quando regressei, encontrei um rapaz que passa
ra por sofrimentos de um
homem mais velho. Alvo tornou-se mais reservado d
o que antes e muito menos
alegre. Para aumentar sua infelicidade, a morte d
e Ariana não conduzira a uma
aproximação maior entre Alvo e Aberforth, mas a u
m afastamento. (Com o tempo
isso se resolveria - nos últimos anos eles restab
eleceram se não uma relação
íntima, ao menos cordial.) Desde então, porém, el
e raramente falava dos pais ou
de Ariana, e seus amigos aprenderam a não mencion
á-los.

Outros escritores descreverão os triunfos dos
anos seguintes. As inúmeras
contribuições de Dumbledore ao acervo de conhecim
entos sobre magia, inclusive a
descoberta dos doze usos para o sangue de dragão,
beneficiarão as futuras
gerações, do mesmo modo que a sabedoria que demon
strou nos muitos
julgamentos que realizou durante o mandato de pre
sidente da Suprema Corte dos
Bruxos. Dizem, ainda hoje, que nenhum duelo de ma
gia jamais se igualou ao que
foi travado entre Dumbledore e Grindelwald, em 19

45. Os presentes descreveram
o terror e o assombro que sentiram ao observar aq
ueles dois bruxos
extraordinários combaterem. A vitória de Dumbledo
re e suas consequências para
o mundo bruxo são consideradas um marco na histór
ia da magia, comparável à
introdução do Estatuto Internacional de Sigilo em
Magia ou à queda d'Aquele-Que-
Não-Deve-Ser-Nomeado.

Alvo Dumbledore jamais demonstrava orgulho ou
vaidade; sempre encontrava o
que elogiar em qualquer pessoa, por mais insignif
icante ou miserável que fosse, e
acredito que as perdas que sofreu na juventude o
dotaram de grande humanidade
e solidariedade. Sentirei saudades de sua amizade
mais do que poderia
reconhecer, mas a minha perda é desprezível se a
compararmos à do mundo dos
bruxos. É indiscutível que ele foi o mais inspira
dor e o mais querido diretor de
Hogwarts. Ele morreu como viveu: sempre trabalhan
do para o bem maior e, até a
sua hora final, tão disposto a estender a mão ao
garotinho com varíola de dragão
quanto no dia em que o conheci.

Harry terminou a leitura, mas continuou a contem
plar a foto que acompanhava o obituário.
Dumbledore exibia o seu conhecido sorriso bondoso,
mas, ao olhar por cima dos oclinhos de
meia-lua, dava a impressão, mesmo em jornal, de ver
o íntimo de Harry, cuja tristeza mesclou-
se com uma sensação de humilhação.

Tinha achado que conhecia Dumbledore muito bem,
mas, depois da leitura do obituário,
fora forçado a admitir que pouco sabia dele. Jamais
imaginara uma única vez a infância ou a
juventude do mestre; era como se ele tivesse ganhad
o existência quando Harry o conhecera,
venerável, de barbas e cabelos prateados, e idoso.
A ideia de um Dumbledore adolescente era

simplesmente esquisita, o mesmo que imaginar uma He
rmione burra ou um explosivim
amigável.
Nunca pensara em indagar a Dumbledore sobre o se
u passado. Sem dúvida, teria sido
constrangedor, e até impertinente, mas era de conh
ecimento geral que Dumbledore travara um
lendário duelo com Grindelwald, e arry nem sequer
pensara em perguntar ao mestre como fora
este e outros feitos famosos. Não, eles sempre dis
cutiam Harry, o passado de Harry, o futuro
de Harry, os planos de Harry... e a impressão de Ha
rry agora, apesar de seu futuro tão
perigoso e incerto, era que ele perdera insubstituí
veis oportunidades de perguntar mais a
Dumbledore sobre ele mesmo, embora a única pergunta
 pessoal que fizera ao mestre tenha
sido, também, a única que, desconfiava, Dumbledore
não respondera com sinceridade:
- O que é que o senhor vê quando se olha no espe
lho?
- Eu? Eu me vejo segurando um par de grossas mei
as de lã.
Após alguns minutos de reflexão, Harry retirou o
 obituário do Profeta, dobrou a folha
cuidadosamente e guardou-a no primeiro volume de Pr
ática da magia defensiva e seu uso
contra as Artes das Trevas. Em seguida, atirou o r
esto do jornal no monte de lixo e virou-se
para encarar o quarto. Estava muito mais arrumado.
As únicas coisas fora de lugar eram a
edição do dia do Profeta Diário, ainda sobre a cama
, e, em cima dela, o caco de espelho.
Harry atravessou o quarto, empurrou o caco para
o lado e abriu o jornal. Tinha apenas
corrido os olhos pela manchete ao tirar o exemplar
enrolado das garras da coruja entregadora,
mais cedo naquela manhã, abandonando-o em seguida a
o reparar que nada havia sobre
Voldemort. Harry tinha certeza de que o Ministério
contava que o Profeta omitisse as notícias
sobre o bruxo das trevas. Foi somente neste momento

, portanto, que reparou no que deixara escapar.

Na metade inferior da primeira página, havia uma manchete no alto de uma foto de Dumbledore caminhando com um ar preocupado: DUMBLEDORE - ENFIM A VERDADE?

Na próxima semana, a chocante verdade sobre o gênio imperfeito que muitos consideram o maior bruxo de sua geração.

Desfazendo a imagem popular de serena e venerável sabedoria, Rita Skeeter revela a infância perturbada, a juventude rebelde, as rixas intermináveis e os segredos vergonhosos que Dumbledore levou para o túmulo. POR QUE o homem indicado para ministro da Magia se contentou com o simples cargo de diretor de escola? QUAL era a real finalidade da organização secreta conhecida como a Ordem da Fênix? COMO Dumbledore realmente encontrou a morte?

As respostas a essas perguntas e muitas outras são examinadas em uma nova e explosiva biografia A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore, de autoria de Rita Skeeter, entrevistada com exclusividade por Betty Braithwaite, na página 13 deste número.

Harry rasgou a cinta do jornal e abriu-o à página treze. O artigo estava encimado pela foto de outro rosto conhecido: uma mulher com óculos enfeitados com pedrinhas, cabelos louros bem ondulados, os dentes à mostra no que, sem dúvida, se supunha ser um sorriso cativante, agitando os dedos para ele. Fazendo o possível para ignorar a imagem nauseante, Harry leu.

Rita Skeeter é muito mais simpática e sensível em pessoa do que os seus já famosos e ferozes retratos a bico de pena poderiam sugerir. Recebendo-me à entrada de sua casa aconchegante, ela me conduz dir

etamente à cozinha para
uma xícara de chá, uma fatia de bolo inglês e, nem é preciso dizer, um caldeirão
fumegando com fofocas frescas.

"Naturalmente, Dumbledore é o sonho de qualquer biógrafo", diz Skeeter, "com
sua vida longa e plena. Tenho certeza que o meu livro será o primeiro de muitos
outros."

Skeeter certamente agiu com rapidez. Seu livro de novecentas páginas foi
concluído apenas quatro semanas após a misteriosa morte de Dumbledore, em
junho. Pergunto-lhe como conseguiu esse feito de velocidade.

"Ah, quando se é jornalista de longa data, trabalhar com prazos curtos é uma
segunda natureza. Eu sabia que o mundo dos bruxos exigia uma história completa
e queria ser a primeira a satisfazer essa demanda."

Menciono os comentários recentes e amplamente divulgados de Elifas Doge,
conselheiro especial da Suprema Corte dos Bruxos, o Wizengamot, e amigo de
longa data de Alvo Dumbledore, de que "o livro da Skeeter contém menos fatos do
que um cartão de sapos de chocolate".

Skeeter joga a cabeça para trás dando uma gargalhada.

"Querido Doguinho! Lembro-me de tê-lo entrevistado há alguns anos sobre os
direitos dos sereianos, que Deus o abençoe. Completamente gagá, parecia achar
que estávamos sentados no fundo do lago Windermere, e não parava de
recomendar que eu tivesse cuidado com as trutas."

Contudo, as acusações de imprecisão feitas por Elifas Doge encontraram eco
em muitos lugares. Será que Skeeter julga que quatro breves semanas foram
suficientes para captar um retrato de corpo inteiro

da longa e extraordinária vida
de Dumbledore?
"Ah, minha cara", responde ela, abrindo um largo sorriso e me dando um tapinha
afetuoso na mão, "você conhece tão bem quanto eu a quantidade de informações
que pode gerar uma bolsa cheia de galeões, uma recusa em aceitar um `não' e
uma pena de repetição rápida! As pessoas fizeram fila para despejar as sujeiras
de Dumbledore. Nem todas achavam que ele fosse tão maravilhoso assim, sabe -
ele pisou um bom número de calos de gente importante. Mas o velho Doguinho
esquivo pode descer do seu hipogrifo, porque tive acesso a uma fonte que faria
jornalistas negociarem as próprias varinhas para obter, alguém que jamais fez
declarações públicas e que foi íntimo de Dumbledore durante a fase mais
turbulenta e perturbada de sua juventude."
A publicidade que antecede o lançamento da biografia de Skeeter certamente
sugere que o livro reserva surpresas para os que acreditam que Dumbledore levou
uma vida sem pecados. Perguntei-lhe quais foram os maiores que descobriu.
"Francamente, Betty, não vou revelar todos os destaques antes de as pessoas
comprarem o livro!", ri-se Skeeter. "Mas posso prometer que alguém que ainda
pense que Dumbledore era alvo como suas barbas vai acordar assustado!
Digamos apenas que ninguém que o tenha ouvido vociferar contra Você-Sabe-
Quem sonharia que ele próprio lidou com as Artes das Trevas na juventude! E,
para um bruxo que passou o resto da vida pedindo tolerância, ele não era
exatamente indulgente quando mais moço! Sim, senhora, Alvo Dumbledore teve
um passado sombrio, isso para não mencionar sua fam

ília muito suspeita, que ele
tanto se esforçou por ocultar."
Pergunto se Skeeter está se referindo ao irmão d
e Dumbledore, Aberforth, cuja
condenação pela Suprema Corte dos Bruxos por mau us
o da magia causou um
pequeno escândalo há quinze anos.
"Ah, Aberforth é apenas o topo da estrumeira", r
i-se Skeeter. "Não, não, estou
falando de coisa muito pior do que a predileção de
um irmão por bodes, pior
mesmo do que a mutilação de um trouxa pelo pai, coi
sas que Dumbledore não
pôde abafar, os dois foram condenados. Não, estou m
e referindo à mãe e à irmã
que me intrigaram, uma pequena pesquisa desenterrou
 um verdadeiro ninho de
maldades - mas, como digo, você terá que esperar pe
los capítulos de nove a
doze para conhecer os detalhes. O que posso adianta
r agora é que ninguém
estranhe que Dumbledore nunca tenha contado como fr
aturou o nariz."
Apesar dos torpes segredos de família, será que
Skeeter nega a genialidade
que conduziu Dumbledore a tantas descobertas em mag
ia?
"Ele tinha cabeça", admite ela, "embora muitos a
gora questionem se realmente
mereceu sozinho o crédito por suas supostas realiza
ções. No capítulo dezesseis,
transcrevo a afirmação de Ivor Dillonsby de que ele
 já teria descoberto oito usos
para o sangue de dragão quando Dumbledore `tomou em
prestado' os seus
estudos."
Atrevo-me a replicar que a importância de alguma
s realizações de Dumbledore
não pode ser negada. E a famosa vitória sobre Grind
elwald?
"Ah, foi bom você ter mencionado o Grindelwald",
 responde Skeeter, com um

sorriso irresistível. "Acho que aqueles cujos olhos umedecem de emoção com a
magnífica vitória de Dumbledore devem se preparar para uma bomba - ou talvez
uma bomba de bosta. Realmente fede bastante. Só posso alertar para a dúvida
com relação ao duelo espetacular que nos conta a lenda. Depois de lerem o meu
livro, as pessoas talvez sejam obrigadas a concluir que Grindelwald simplesmente
conjurou um lenço branco na ponta da varinha e se entregou!"

Skeeter se recusa a revelar outros detalhes sobre o intrigante assunto, portanto,
abordamos a relação que, sem dúvida, mais fascina os seus leitores.

"Ah, sim", diz Skeeter, assentindo energicamente, "dedico um capítulo inteiro à
relação Potter-Dumbledore. Há quem a considere doentia e até sinistra. Repito
mais uma vez, os seus leitores terão de comprar o meu livro para saber a história
completa, mas, pelo que ouço dizer, é ponto pacífico que Dumbledore tomou um
interesse anormal por Potter. Se isso realmente visava o bem do garoto - é o que
veremos. Certamente não é segredo que Potter tem tido uma adolescência
excepcionalmente perturbada."

Perguntei se Skeeter ainda mantém contato com Harry Potter, a quem
entrevistou, com sucesso, no ano anterior: um furo de reportagem em que Potter
falou exclusivamente de sua certeza sobre o retorno de Você-Sabe-Quem.

"Ah, sim, construímos um forte vínculo", diz Skeeter. "O coitado do Potter tem
poucos amigos verdadeiros, e nos conhecemos em um dos momentos de maior
desafio de sua vida - o Torneio Tribruxo. Provavelmente sou uma das poucas
pessoas vivas que podem afirmar conhecer o real H

arry Potter."
A resposta nos leva diretamente aos muitos boatos que continuam a circular sobre as últimas horas de vida de Dumbledore. Será que Skeeter acredita que Potter estava presente quando ele morreu?
"Bem, não quero falar demais - está tudo no livro -, mas testemunhas oculares no castelo de Hogwarts viram Potter saindo de cena instantes depois de Dumbledore cair, saltar ou ser empurrado. Mais tarde, o garoto prestou depoimento acusando Severo Snape, um homem com quem ele tinha conhecida inimizade. Será que as coisas são como parecem ser? Caberá à comunidade bruxa julgar - depois de ler o meu livro."
A essa nota intrigante, eu me despeço. Não há dúvida de que Skeeter escreveu um bestseller de ocasião. Enquanto isso, as legiões de admiradores de Dumbledore talvez estejam apreensivas com o que em breve será divulgado sobre o seu herói.
Harry chegou ao fim do artigo, mas continuou a olhar atônito para o papel. A repugnância e a fúria o acometeram como um vômito; ele amassou o jornal e atirou-o, com toda a força, contra a parede, onde a bola foi se juntar ao monte de lixo que já transbordava da lata.
Começou a caminhar às cegas pelo quarto, abrindo gavetas vazias e erguendo os livros para, em seguida, repô-los nas mesmas pilhas, quase inconsciente do que fazia, enquanto frases esparsas da entrevista com Rita ecoavam em sua cabeça: um capítulo inteiro à relação Potter-Dumbledore... há quem a considere doentia e até sinistra... ele próprio lidou com as Artes das Trevas na juventude... tive acesso a uma fonte que faria jornalistas negociarem as próprias varinhas para obter...
- Mentiras! - berrou Harry, e pela janela viu o

dono da casa ao lado, que parara para
religar o cortador de grama, erguer os olhos, nervo
so.
O garoto sentou-se com força na cama. O caco de
espelho saltou para longe; ele o apanhou
e examinou entre os dedos pensando, pensando em Dum
bledore e nas mentiras com que Rita
Skeeter o difamava...
Um lampejo azul intenso. Harry congelou, o dedo
cortado escorregou pela ponta do
espelho. Fora imaginação, devia ter sido. Ele espio
u por cima do ombro, mas a parede
continuava da cor pêssego enjoativo que tia Petúnia
escolhera; não havia nada azul ali para
ser refletido. Harry tornou a examinar o fragmento
de espelho e nada viu, exceto o seu olho
muito verde encarando-o.
Imaginara o lampejo, não havia outra explicação;
imaginara porque estivera pensando no
diretor falecido. Se havia uma certeza era que os o
lhos muito azuis de Alvo Dumbledore
jamais o perscrutariam outra vez.
==========
==========
Conteúdo disponíbilizado gratuit
amente por Le Livros
==========
==========

-- CAPÍTULO TRÊS --

A partida dos Dursle
y

O ruído da porta da frente batendo ecoou escada aci
ma, e uma voz gritou:
- Ei! Você!
Dezesseis anos ouvindo este chamado não permitiu
a Harry duvidar que era a ele que o tio
estava se dirigindo; ainda assim, não respondeu ime
diatamente. Continuou a contemplar o
caco de espelho em que, por uma fração de segundo,
pensara ter visto um olho de
Dumbledore. Somente quando o tio berrou "MOLEQUE!",
Harry se levantou vagarosamente e

se encaminhou para a porta do quarto, parando, ante
s, para guardar o pedaço de espelho na
mochila cheia com as coisas que ia levar.
- E vem se arrastando! - urrou Válter Dursley q
uando o garoto apareceu no alto da escada.
- Desça aqui, quero falar com você!
Harry desceu a escada, as mãos enfiadas no fundo
dos bolsos do jeans. Quando chegou à
sala de estar, encontrou os três Dursley. Trajavam
roupas de viagem: tio Válter vestia um
blusão de zíper castor, tia Petúnia um elegante cas
aco salmão, e Duda, o primo forte,
musculoso e louro, uma jaqueta de couro.
- Pois não? - disse Harry.
- Sente-se! - ordenou o tio. Harry ergueu as sob
rancelhas. - Por favor! - acrescentou,
fazendo uma ligeira careta como se a palavra lhe ar
ranhasse a garganta.
Harry sentou-se. Pensou que sabia o que esperar.
Válter Dursley começou a andar para
cima e para baixo. Tia Petúnia e Duda acompanhavam
seus passos com os rostos ansiosos.
Por fim, o tio, com a cara larga e púrpura contraíd
a de concentração, parou diante de Harry e
falou:
- Mudei de ideia.
- Que surpresa - respondeu o garoto.
- Não venha com ironias... - começou tia Petúni
a com a voz esganiçada, mas o marido fez
sinal para que ela se calasse.
- É tudo conversa fiada - afirmou ele, encarando
Harry com seus olhinhos de porco. -
Concluí que não acredito em uma única palavra. Vamo
s ficar aqui, não vamos a lugar algum.
Harry ergueu os olhos para o tio e sentiu uma me
scla de exasperação e surpresa. Válter
Dursley vinha mudando de ideia a cada vinte e quatr
o horas nas últimas quatro semanas,
carregando o carro, descarregando-o e recarregando-
o a cada mudança. O momento favorito
de Harry tinha sido quando o tio, sem saber que Dud
a guardara os pesos de musculação na

mala desde a última vez que fora descarregada, tent
ara colocá-la novamente no porta-malas e
desequilibrou-se, soltando urros de dor e xingando
horrores.
- Pelo que me conta - disse Válter Dursley, reco
meçando a andar pela sala -, nós, Petúnia,
Duda e eu, corremos perigo. Por conta de... de...
- Gente da "minha laia", certo.
- Pois eu não acredito - repetiu o tio, parando
outra vez diante de Harry. - Passei metade
da noite refletindo e acho que é uma armação para v
ocê ficar com a casa.
- A casa? - perguntou Harry. - Que casa?
- Esta casa! - gritou o tio, a veia da testa co
meçando a pulsar. - Nossa casa! Os preços das
casas estão disparando por aqui! Você quer nos tira
r do caminho, fazer meia dúzia de
charlatanices e, quando a gente der pela coisa, as
escrituras estarão em seu nome e...
- O senhor enlouqueceu? Uma armação para ficar c
om esta casa? Será que o senhor é
realmente tão retardado como está parecendo ser?
- Não se atreva!... - guinchou tia Petúnia, mas
, novamente, Válter fez sinal para a mulher se
calar: ofensas sobre sua personalidade não se compa
ravam ao perigo que identificara.
- Caso o senhor tenha esquecido - disse Harry -,
eu já tenho uma casa, meu padrinho a
deixou para mim. Então, por que eu iria querer est
a? Pelas boas lembranças que guardo daqui?
Fez-se silêncio. Harry achou que impressionara o
tio com esse argumento.
- Você quer me dizer que esse tal lorde...
- Voldemort - completou Harry impaciente -, e já
repassamos isso cem vezes. E não é o
que quero dizer, é um fato, Dumbledore lhe disse is
so no ano passado, e Kingsley e o sr.
Weasley...
Válter Dursley encolheu os ombros encolerizado,
e Harry imaginou que o tio estivesse
tentando exorcizar as lembranças da inesperada vis
ita de dois bruxos adultos, logo no início

de suas férias de verão. A chegada de Kingsley Shac
klebolt e Arthur Weasley à porta da casa
fora um choque extremamente desagradável para os Du
rsley. Contudo, Harry tinha de admitir
que não era de se esperar que o reaparecimento do s
r. Weasley, que no passado demolira
metade da sala, deixasse seu tio feliz.

- Kingsley e o sr. Weasley explicaram tudo muito
bem - salientou Harry sem piedade. -
Quando eu completar dezessete anos, o feitiço de pr
oteção que me resguarda se desfará, e isto
me põe em risco e a vocês também. A Ordem tem certe
za que Voldemort visará o senhor, seja
para torturá-lo e descobrir aonde fui, seja por pen
sar que, se o fizer refém, eu tentarei vir
salvá-lo.

O olhar do tio encontrou o de Harry. O garoto te
ve certeza de que naquele instante os dois
estavam se perguntando a mesma coisa. Então, Válter
recomeçou a andar e Harry continuou:

- O senhor precisa se esconder e a Ordem quer aj
udar, ofereceu uma sólida proteção, a
melhor que existe.

Tio Válter não respondeu, continuou a andar para
cá e para lá. Lá fora, o sol batia
diagonalmente sobre a cerca de alfeneiros. Na casa
ao lado, o cortador de grama do vizinho
parou mais uma vez.

- Pensei que houvesse um Ministério da Magia! -
exclamou o tio bruscamente.

- Há - respondeu Harry, surpreso.

- Então, por que não podem nos proteger? Parece-
me que, como vítimas inocentes, cujo
único crime foi dar guarida a um homem marcado, dev
eríamos ter direito à proteção do
governo!

Harry riu; não conseguiu se conter. Era tão típ
ico do seu tio depositar as esperanças nas
instituições, mesmo as de um mundo que ele despreza
va e não confiava.

- O senhor ouviu o que o sr. Weasley e Kingsley
disseram. Achamos que o inimigo está

infiltrado no Ministério.
Tio Válter foi até a lareira e voltou, respiran
do com tanta força que ondulava o enorme
bigode negro, seu rosto ainda púrpura de concentraç
ão.
- Muito bem - disse ele, parando mais uma vez di
ante do sobrinho. - Muito bem, vamos
considerar a hipótese de que aceitemos essa proteçã
o. Continuo sem entender por que não
podemos recebê-la do tal Kingsley.
Harry conseguiu não erguer os olhos para o teto
, mas a muito custo. A pergunta já tinha sido
respondida meia dúzia de vezes.
- Como lhe expliquei - disse entre os dentes -,
Kingsley está protegendo o trouxa, quero
dizer, o seu primeiro-ministro.
- Exatamente: ele é o melhor! - exclamou o tio,
apontando para a tela escura da televisão.
Os Dursley tinham localizado Kingsley no telejornal
, andando discretamente às costas do
primeiro-ministro em visita a um hospital. Isto, e
o fato de Kingsley ter aprendido a se vestir
como um trouxa, sem esquecer da segurança que trans
mitia com sua voz lenta e grave, tinha
levado os Dursley a aceitarem Kingsley de um jeito
que certamente não se aplicara a nenhum
outro bruxo, embora fosse verdade que eles nunca o
tivessem visto de brinco.
- Ele está ocupado - disse Harry. - Mas Héstia J
ones e Dédalo Diggle estão mais do que
qualificados para esse serviço...
- Se ao menos tivéssemos visto os currículos del
es... - começou tio Válter, mas Harry
perdeu a paciência. Levantando-se, dirigiu-se ao ti
o, agora ele próprio apontando para a
televisão.
- Esses acidentes não são acidentes, as colisões
, explosões, descarrilamentos e o que mais
tenha acontecido desde a última vez que o senhor vi
u o telejornal. As pessoas estão
desaparecendo e morrendo, e é ele que está por trás
de tudo: Voldemort. Já lhe disse isso

muitas vezes, ele mata trouxas para se divertir. At
é os nevoeiros: são causados por
dementadores, e se o senhor não lembra quem são, pe
rgunte ao seu filho!
As mãos de Duda ergueram-se bruscamente para cob
rir a própria boca. Sentindo os olhos
dos pais e de Harry postos nele, tornou a baixá-las
lentamente e perguntou:
- Tem... mais daqueles?
- Mais? - Riu-se Harry. - Você quer dizer mais d
o que os dois que nos atacaram? Claro
que tem, tem centenas, talvez milhares a essa altur
a, uma vez que se alimentam do medo e do
desespero...
- Está bem, está bem - trovejou Válter Dursley.
- Você me convenceu...
- Espero que sim, porque quando eu completar dez
essete anos, todos eles, os Comensais da
Morte, os dementadores e até os Inferi, que é como
chamamos os mortos-vivos enfeitiçados
por um bruxo das trevas, poderão encontrar vocês e
certamente atacá-los. E se lembrarem da
última vez que tentaram ser mais rápidos do que os
bruxos, acho que irão concordar que
precisam de ajuda.
Houve um breve silêncio em que o eco distante d
e Hagrid derrubando uma porta de madeira
deu a impressão de reverberar pelos anos transcorri
dos desde então. Tia Petúnia olhava para
tio Válter; Duda encarava Harry. Por fim, o tio per
guntou abruptamente:
- E o meu trabalho? E a escola de Duda? Suponho
que essas coisas não tenham importância
para um bando de bruxos vagabundos...
- Será que o senhor não compreende? - gritou Har
ry. - Eles torturarão e matarão vocês
como fizeram com os meus pais!
- Pai - disse Duda em voz alta -, pai... eu vou
com esse pessoal da Ordem.
- Duda - comentou Harry -, pela primeira vez na
vida você está demonstrando bom senso.
Ele sabia que a batalha estava ganha. Se Duda es

tivesse suficientemente apavorado para aceitar a ajuda da Ordem, os pais o acompanhariam; separarem-se de Duda estava fora de questão. Harry olhou para o relógio de alça sobre o console da lareira.

- Eles estarão aqui dentro de uns cinco minutos - anunciou e, diante do total silêncio dos Dursley, saiu da sala. A perspectiva de se separar, provavelmente para sempre, dos tios e do primo era algo que ele conseguia imaginar com alegria, mas, ainda assim, havia um certo constrangimento no ar. Que se dizia a parentes ao fim de dezesseis anos de intensa e mútua aversão?

De volta ao próprio quarto, Harry mexeu a esmo na mochila, depois empurrou umas nozes pelas grades da gaiola de Edwiges. Elas produziram um som oco ao bater no fundo, onde a coruja as ignorou.

- Logo, logo estaremos indo embora daqui - disse-lhe Harry. - Então você vai poder voar novamente.

A campainha da porta tocou. Harry hesitou, em seguida tornou a sair do quarto e descer: era demais esperar que Héstia e Dédalo enfrentassem os Dursley sozinhos.

- Harry Potter! - esganiçou-se uma voz animada, no instante em que ele abriu a porta; um homenzinho de cartola lilás fez-lhe uma profunda reverência. - Uma honra como sempre!

- Obrigado, Dédalo - respondeu Harry, concedendo um sorriso breve e inibido a Héstia, a bruxa de cabelos escuros. - É realmente uma gentileza fazerem isso... eles estão aqui dentro, meus tios e meu primo...

- Bom-dia aos parentes de Harry Potter! - exclamou Dédalo, feliz, entrando na sala de estar. Os Dursley não pareceram nada felizes com a saudação; Harry chegou a pensar que mudariam mais uma vez de ideia. Duda se encolheu junto à mãe ao ver os bruxos.

"Vejo que já fizeram as malas e estão prontos.

Excelente! O plano, como Harry deve ter-
lhes dito, é simples", prosseguiu Dédalo, puxando d
o colete um enorme relógio de bolso e
consultando-o.
"Vamos sair antes de Harry. Devido ao perigo de
se usar magia em sua casa, porque Harry
ainda é menor de idade, e isto poderia dar ao Minis
tério uma desculpa para prendê-lo,
seguiremos de carro, digamos, por uns dois quilôme
tros. Então, desaparataremos até o local
seguro que escolhemos para os senhores. Imagino que
saiba dirigir, não?", perguntou o bruxo
a tio Válter educadamente.
- Saiba...? Claro que sei dirigir muito bem! - r
espondeu ele bruscamente.
- É preciso muita inteligência, senhor, muita in
teligência. Eu ficaria absolutamente
abobalhado com todos aqueles botões e alavancas de
puxar e empurrar - disse Dédalo. Sem
dúvida, o bruxo pensava estar elogiando Válter Durs
ley, que visivelmente ia perdendo
confiança no plano a cada palavra que Dédalo dizia.

- Nem ao menos sabe dirigir - resmungou, entre o
s dentes, ondulando o bigode de
indignação, mas, por sorte, nem Dédalo nem Héstia p
areceram ouvi-lo.
- Você, Harry - continuou Dédalo -, irá esperar
aqui por sua guarda. Houve uma pequena
mudança nos preparativos...
- Que quer dizer? - perguntou Harry, surpreso.
- Pensei que Olho-Tonto viria para fazer
comigo uma aparatação acompanhada, não?
- Inviável - respondeu Héstia, concisamente. - O
lho-Tonto lhe explicará.
Os Dursley, que tinham escutado tudo com express
ões de total incompreensão nos rostos,
sobressaltaram-se ao ouvir um guincho alto: "Apress
emse!" Harry correu os olhos pela sala e
se deu conta de que a voz saíra do relógio de bolso
de Dédalo.
- Tem razão, estamos operando com um horário ape

rtado - comentou o bruxo, assentindo
para o relógio e tornando a enfiá-lo no bolso do co
lete. - Estamos tentando cronometrar sua
saída da casa com a desaparatação de sua família, H
arry; assim, o feitiço se desfaz no
momento em que todos estiverem rumando para um dest
ino seguro. - E, voltando-se para os
Dursley: - Então, estamos com as malas feitas e pro
ntos para partir?

Nenhum deles lhe respondeu: tio Válter ainda ol
hava espantado para o volume no bolso do
colete de Dédalo.

- Talvez a gente devesse esperar lá fora no hall
, Dédalo - murmurou Héstia: era evidente
que considerava indelicado permanecerem na sala enq
uanto Harry e os Dursley, talvez às
lágrimas, trocavam despedidas amorosas.

- Não precisa - murmurou Harry, mas tio Válter
tornou qualquer explicação desnecessária
ao dizer em voz alta:

- Então, adeus, moleque. - Ergueu o braço direi
to para apertar a mão do garoto, mas, no
último instante, pareceu incapaz de fazê-lo, e sim
plesmente fechou a mão e começou a sacudi-
la para a frente e para trás como se fosse um metrô
nomo.

- Pronto, Duzinho? - perguntou tia Petúnia, ver
ificando, atrapalhada, o fecho da bolsa de
mão para evitar sequer olhar para Harry.

Duda não respondeu, mas ficou parado ali com a
boca entreaberta, lembrando ligeiramente
a Harry o gigante Grope.

- Vamos, então - disse o tio. Ele já alcançara a
 porta da sala quando Duda murmurou:

- Eu não estou entendendo.

- O que não está entendendo, fofinho? - pergunt
ou tia Petúnia, erguendo a cabeça para o
filho.

Duda estendeu a mão, que mais parecia um presunt
o, e apontou para Harry.

- Por que ele não está vindo com a gente?

Tio Válter e tia Petúnia congelaram onde estavam

, como se o filho tivesse acabado de expressar o desejo de ser uma bailarina.

- Quê?! - exclamou tio Válter em voz alta.

- Por que ele não está vindo também? - repetiu Duda.

- Ora, ele... ele não quer - respondeu tio Válter, virando-se com um olhar feroz para o sobrinho e acrescentando: - Você não quer, não é mesmo?

- Nem pensar - confirmou Harry.

- Viu? - disse tio Válter ao filho. - Agora ande, estamos indo.

E saiu da sala; todos ouviram a porta da frente abrir, mas Duda não se mexeu e, após alguns poucos passos hesitantes, tia Petúnia parou também.

- Que foi agora? - vociferou tio Válter, reaparecendo à porta.

Aparentemente, Duda lutava com conceitos demasiado difíceis para expressar em palavras. Passados vários segundos de um conflito interior visivelmente doloroso, ele perguntou:

- Mas aonde ele está indo?

Tia Petúnia e tio Válter se entreolharam. Era óbvio que Duda estava apavorando os pais. Héstia Jones rompeu o silêncio.

- Mas... certamente o senhor sabe aonde está indo o seu sobrinho, não? - perguntou, demonstrando perplexidade.

- Certamente que sabemos - retrucou Válter Dursley. - Está indo embora com uns tipos da sua laia, não é? Certo, Duda, vamos para o carro, você ouviu o que o homem disse, estamos com pressa.

Mais uma vez, Válter Dursley se dirigiu resolutamente à porta da frente, mas Duda não o acompanhou.

- Indo embora com uns tipos da nossa laia?

Héstia pareceu ultrajada. Harry já vira essa reação antes: bruxos se mostrarem perplexos ao constatar que os parentes vivos mais próximos tivessem tão pouco interesse no famoso Harry

Potter.
- Tudo bem - Harry tranquilizou-a. - Não faz dif erença, sinceramente.
- Não faz diferença? - repetiu Héstia, sua voz s e alteando ameaçadoramente. - Essas pessoas não entendem o que você tem sofrido? O peri go em que se encontra? A posição única que você ocupa no coração dos que militam no movime nto anti-Voldemort?
- Ah... não, não entendem - respondeu Harry. - Na verdade, acham que sou um desperdício de espaço, mas estou acostumado...
- Eu não acho que você seja um desperdício de es paço.
Se Harry não tivesse visto a boca do garoto mex er, talvez não tivesse acreditado. Tendo visto, entretanto, ficou olhando para Duda durante vários segundos antes de aceitar, por um detalhe, que devia ter sido o primo quem falara: se u rosto avermelhara. E Harry estava, ele próprio, sem graça e pasmo.
- Ãh... obrigado, Duda.
Novamente, Duda pareceu lutar com pensamentos de masiado difíceis, antes de murmurar:
- Você salvou a minha vida.
- Não foi bem assim. Era a sua alma que o dement ador queria...
Harry olhou com curiosidade para o primo. Eles v irtualmente não tinham tido contato durante este verão ou o anterior, porque ele voltar a à rua dos Alfeneiros por poucos dias e ficara em seu quarto a maior parte do tempo. Ocorr ia-lhe agora, porém, que a xícara de chá em que pisara aquela manhã talvez não tivesse sido uma armadilha. Embora bastante comovido, sentiu-se aliviado ao constatar que Duda aparentemente esgotara sua capacidade de expressar sentimentos. Depois de abrir a boca mais uma ou duas vezes, o primo mergulhou em ruborizado silêncio.
Tia Petúnia rompeu em lágrimas. Héstia Jones lhe lançou um olhar de aprovação que se

transformou em revolta quando a mulher se adiantou rapidamente e abraçou Duda em vez de Harry.

- Que amor, Dudoca... - soluçou ela encostada n o largo peito do filho -, q-que beleza de g-garoto... ag-gradecendo...

- Mas ele não agradeceu! - exclamou Héstia, indi gnada. - Ele só disse que não achava que Harry fosse um desperdício de espaço!

- É, mas, vindo de Duda, isto equivale a dizer "eu te amo" - explicou Harry, dividido entre a contrariedade e a vontade de rir, quando tia Pet únia continuou agarrada a Duda como se ele tivesse acabado de salvar Harry de um prédio em cha mas.

- Então, vamos ou não vamos? - urrou tio Válter , reaparecendo à porta da sala de estar. - Pensei que estávamos em cima da hora!

- Claro... claro, estamos - respondeu Dédalo Dig gle, que parara diante dessa troca de palavras com ar de estupefação, e agora parecia ter voltado ao normal. - Realmente precisamos ir, Harry...

O bruxo se adiantou aos tropeços e apertou a mão de Harry entre as suas.

- ... boa sorte. Espero que voltemos a nos encon trar. Você carrega nos ombros as esperanças do mundo bruxo.

- Ah, certo. Obrigado.

- Adeus, Harry - disse Héstia, também apertando sua mão. - Os nossos pensamentos o acompanharão.

- Espero que tudo corra bem - disse Harry, lança ndo um olhar a Petúnia e Duda.

- Ah, tenho certeza que vamos acabar nos tornand o os melhores amigos - disse Diggle animado, acenando com a cartola ao sair da sala. Hé stia acompanhou-o.

Duda se soltou gentilmente das garras da mãe e s e adiantou para Harry, que precisou conter o impulso de ameaçá-lo com um feitiço. Então, o pri mo estendeu a manzorra rosada.

- Caramba, Duda - disse Harry, sobrepondo-se aos renovados soluços de tia Petúnia -, será que os dementadores sopraram para dentro de você uma nova personalidade?

- Sei lá - murmurou Duda. - A gente se vê, Harry.

- É - respondeu Harry, apertando a mão do primo e sacudindo-a. - Quem sabe. Se cuida, Dudão.

Duda quase sorriu e em seguida saiu, desajeitado, da sala. Harry ouviu seus passos pesados na entrada de saibro, então a porta de um carro bateu.

Tia Petúnia, cujo rosto estivera enfiado no lenço, olhou para os lados ao ouvir a batida. Pelo jeito, não esperava se ver sozinha com Harry. Guardando apressada o lenço molhado no bolso, disse:

- Bom... adeus. - E dirigiu-se resoluta à porta, sem olhar para o sobrinho.

- Adeus - respondeu Harry.

Ela parou e olhou para trás. Por um momento, Harry teve a estranhíssima sensação de que ela queria lhe dizer alguma coisa: a tia lhe lançou um olhar estranho e trêmulo que pareceu oscilar à beira da fala, então, com um movimento brusco da cabeça, saiu apressada da sala para se reunir ao marido e ao filho.

-- CAPÍTULO QUATRO --
Os Sete Potter

Harry voltou correndo ao seu quarto, chegando ainda em tempo de ver o carro dos Dursley se afastar rua acima. Avistou, ainda, a cartola de Dédalo Diggle entre Petúnia e Duda, no banco traseiro. O veículo virou à direita, no fim da rua dos Alfeneiros, suas janelas se avermelharam por um momento ao sol poente, e, então, desapareceu.

Harry apanhou a gaiola de Edwiges, a Firebolt e a mochila, lançou um último olhar ao quarto anormalmente arrumado e, então, desceu desajeitado para o hall, onde pousou a gaiola,

a vassoura e a mochila próximos ao pé da escada. A claridade diminuía rapidamente, o hall enchia-se de sombras crepusculares. Parecia muito estranho ficar parado ali, naquele silêncio, sabendo que ia sair de casa pela última vez. Anos a trás, quando os Dursley o deixavam sozinho e iam se divertir, as horas de solidão tinham se constituído num presente raro: parando apenas para furtar alguma guloseima da geladeira, ele corria escada acima para brincar com o computador de Duda, ou ligar a televisão e trocar de canal à vontade. Dava-lhe um estranho vazio lembrar aqueles tempos: era como lembrar um irmão mais moço que tivesse perdido.

- Não quer dar uma última olhada na casa? - perguntou a Edwiges, que continuava aborrecida com a cabeça sob a asa. - Nunca mais viremos aqui. Você não quer lembrar os bons tempos? Isto é, olhe só para esse capacho. Que recordações... Duda vomitou aí depois que o salvei dos dementadores... Ele acabou me agradecendo, dá para acreditar?... E no verão passado, Dumbledore entrou por essa porta...

Harry perdeu por um instante o fio dos pensamentos, mas Edwiges não fez nada para ajudá-lo a retomar seu discurso e continuou parada na mesma posição. Harry virou as costas para a porta da frente.

- E aqui embaixo, Edwiges - Harry abriu uma porta sob a escada -, é onde eu costumava dormir! Você nem me conhecia na época... caramba, eu tinha esquecido como é apertado...

Harry correu o olhar pelos sapatos e guarda-chuvas empilhados, lembrando-se de que acordava toda manhã encarando o "avesso" dos degraus da escada, que muito frequentemente estavam enfeitados com uma ou duas aranhas. Naquele tempo, desconhecia sua verdadeira identidade, e ainda não descobrira como os pais tinham morrido nem a razão de coisas tão estranhas sempre acontecerem ao seu redor. Harry ai

nda lembrava os sonhos que o
perseguiam, mesmo naquela época: sonhos confusos qu
e incluíam clarões verdes e, uma vez -
tio Válter quase batera com o carro quando lhe cont
ara um deles -, uma moto voadora...

Um ronco repentino e ensurdecedor ecoou perto da
li. Harry se endireitou abruptamente e
bateu com o cocuruto no portal baixo. Parando apena
s para dizer alguns dos palavrões mais
enfáticos aprendidos com o tio, saiu cambaleando at
é a cozinha com as mãos na cabeça e
espiou o quintal pela janela.

A escuridão parecia estar ondulando, o ar estrem
ecia. Então, uma a uma, as pessoas
começaram a aparecer instantaneamente à medida que
se desfaziam os Feitiços da Desilusão.
Dominando a cena, ele viu Hagrid, de capacete e ócu
los de proteção, montando uma
gigantesca motocicleta com um sidecar preto. A toda
 volta, outras pessoas desmontavam de
vassouras e, em dois casos, de cavalos alados negro
s e esqueletais.

Abrindo com violência a porta dos fundos, Harry
correu para o centro do círculo. Ergueu-se
um grito de boas-vindas enquanto Hermione abria os
braços para ele, Rony lhe dava um
tapinha nas costas e Hagrid perguntava:

- Tudo bem, Harry? Pronto para o bota-fora?

- Com certeza - respondeu, incluindo todos em um
 grande sorriso. - Mas eu não estava
esperando tanta gente!

- Mudança de planos - rosnou Olho-Tonto, que seg
urava duas sacas grandes e cheias e cujo
olho mágico girava do céu do anoitecer para a casa
e dali para o jardim, com estonteante
rapidez. - Vamos entrar antes de lhe explicar tudo.

Harry conduziu-os à cozinha onde, rindo e tagare
lando, eles se acomodaram em cadeiras,
sentaram-se nas reluzentes bancadas da tia Petúnia
ou se encostaram em seus imaculados
eletrodomésticos: Rony, magro e comprido; Hermione

com os cabelos bastos presos às costas
em uma longa trança; Fred e Jorge, com sorrisos idê
nticos; Gui, cheio de cicatrizes e cabelos
longos; o sr. Weasley, o rosto bondoso, os cabelos
rareando, os óculos meio tortos; Olho-
Tonto, cansado de guerra, perneta, o olho mágico az
ul girando na órbita; Tonks, cujos cabelos
curtos estavam pintados no rosa berrante de que tan
to gostava; Lupin, mais grisalho, mais
enrugado; Fleur, esguia e linda com seus longos ca
belos louros platinados; Kingsley, careca,
negro, os ombros largos; Hagrid, de barba e cabelos
 sem trato, curvando-se para não bater a
cabeça no teto; e Mundungo Fletcher, franzino, sujo
 e trapaceiro, com aqueles olhos caídos de
basset hound e os cabelos empastados. O coração de
Harry pareceu crescer e se iluminar ao
vê-los; gostava incrivelmente de todos, até de Mun
dungo, que ele tentara estrangular da última
vez que o encontrara.

- Kingsley, pensei que você estivesse cuidando d
o primeiro-ministro trouxa, não? -
perguntou do lado oposto da cozinha.

- Ele pode passar sem mim por uma noite - respon
deu. - Você é mais importante.

- Harry, adivinha? - falou Tonks, empoleirada so
bre a máquina de lavar roupa, acenando
os dedos da mão esquerda para ele; brilhava ali uma
 aliança.

- Você se casou? - gritou Harry, seu olhar corre
ndo da auror para Lupin.

- Que pena que você não pôde assistir, Harry, fo
i superíntimo.

- Genial, meus para...

- Tudo bem, tudo bem, teremos tempo depois para
 pôr as novidades em dia! - rugiu Moody,
abafando a algazarra, e fez-se silêncio na cozinha
. O bruxo largou as sacas junto aos pés e se
virou para Harry. - Dédalo provavelmente lhe disse
 que tivemos de abandonar o plano A. Pio
Thicknesse passou-se para o outro lado, o que nos c
ausou um grande problema. Decretou que

são transgressões puníveis com prisão ligar esta ca
sa à Rede de Flu, criar uma Chave de
Portal, aparatar ou desaparatar aqui. Tudo em nome
 de sua maior proteção, para impedir que
Você-Sabe-Quem chegue a você. Coisa absolutamente s
em sentido, uma vez que o feitiço de
sua mãe já se encarrega disso. Na realidade, o que
ele fez foi impedi-lo de sair daqui em
segurança.

"Segundo problema: você é menor de idade, o que
 significa que ainda tem um rastreador."

- Não estou...

- O rastreador, o rastreador! - interrompeu-o O
lho-Tonto com impaciência. - O feitiço que
detecta atividades mágicas em torno de menores de d
ezessete anos, e que permite ao
Ministério descobrir quando um menor faz uso da mag
ia! Se você, ou alguém ao seu redor,
lançar um feitiço para tirá-lo daqui, Thicknesse sa
berá, e os Comensais da Morte também.

"Não podemos esperar o rastreador caducar, porqu
e, no momento em que você completar
dezessete anos, perderá toda a proteção que sua mãe
 lhe deu. Em resumo: Pio Thicknesse acha
que o encurralou de vez."

Harry não pôde senão concordar com o desconhecid
o, o tal Thicknesse.

- Então, que vamos fazer?

- Vamos usar os únicos meios de transporte que
nos restaram, os únicos que o rastreador
não poderá detectar, porque não precisamos lançar
feitiços para usar: vassouras, testrálios e a
moto do Hagrid.

Harry percebia falhas nesse plano; contudo, calo
u-se para dar a Olho-Tonto a chance de
continuar.

- Ora, o feitiço de sua mãe só se desfará sob d
uas condições: quando você se tornar maior
ou - Moody fez um gesto abrangendo a cozinha impecá
vel - quando deixar de chamar este
lugar de lar. Hoje à noite você e seus tios vão seg
uir caminhos separados, concordando

plenamente que jamais voltarão a viver juntos, certo?

Harry assentiu.

- Então desta vez, quando você sair, não haverá retorno, e o feitiço se desfará no momento em que deixar o âmbito desta casa. Decidimos desfazer o feitiço antes, porque a alternativa é esperar Você-Sabe-Quem entrar e capturá-lo no momento em que completar dezessete anos.

"A única coisa que temos a nosso favor é que Você-Sabe-Quem ignora que estamos transferindo você hoje à noite. Deixamos vazar uma pista falsa no Ministério: acham que você vai esperar até o dia trinta. Ainda assim, estamos lidando com Você-Sabe-Quem, portanto não podemos confiar que ele se deixe enganar com a data; certamente, por precaução, terá alguns Comensais da Morte patrulhando o céu desta área. Então, equipamos umas doze casas diferentes com toda a proteção que é possível lhes dar. Todas aparentam ser aquela em que vamos escondê-lo, todas têm alguma ligação com a Ordem: minha casa, a do Kingsley, a de Muriel, tia de Molly... entende a ideia."

- Entendo - confirmou Harry, com pouca sinceridade, porque ainda era capaz de ver um enorme furo nesse plano.

- Você vai para a casa dos pais de Tonks. Uma vez dentro dos limites dos feitiços protetores que lançamos sobre a casa, poderá usar uma Chave de Portal para A Toca. Alguma pergunta?

- Ah... sim - respondeu Harry. - Talvez eles não saibam para qual das doze casas seguras eu irei primeiro, mas não ficará meio óbvio - e ele fez uma rápida contagem das cabeças - quando catorze de nós voarmos para a casa dos pais de Tonks?

- Ah - disse Moody -, me esqueci de mencionar o principal. Os catorze não irão voar para a casa dos pais de Tonks. Haverá sete Harry Potter deslocando-se pelo céu hoje à noite, cada

um deles com um companheiro, cada par rumando para uma casa segura diferente.

De dentro do casaco, Moody tirou um frasco contendo um líquido que parecia lama. Ele não precisou acrescentar mais nada: Harry entendeu o restante do plano imediatamente.

- Não! - exclamou alto, sua voz ressoando pela cozinha. - Nem pensar!

- Eu avisei a eles que essa seria a sua reação - disse Hermione com um ar indulgente.

- Se vocês acham que vou deixar seis pessoas arriscarem a vida...!

- ... porque é a primeira vez para todos nós - interpôs Rony.

- Isto é diferente, fingir ser eu...

- Bom, nenhum de nós gostou muito da ideia, Harry - disse Fred, sério. - Imagine se alguma coisa der errado e continuarmos para o resto da vida retardados, magricelas e "ocludos".

Harry não sorriu.

- Não poderão fazer isso se eu não cooperar, precisarão que eu ceda uns fios de cabelo.

- Então, lá se vai o plano por água abaixo - comentou Jorge. - É óbvio que não há a menor possibilidade de arranjar fios dos seus cabelos, a não ser que você colabore.

- É, treze de nós contra um cara proibido de usar magia; não temos a menor chance - acrescentou Fred.

- Engraçado - disse Harry. - Realmente hilário.

- Se tivermos que usar a força, usaremos - rosnou Moody, seu olho mágico agora estremecendo um pouco na órbita ao encarar Harry com severidade. - Todos aqui são maiores de idade, Potter, e todos estão dispostos a se arriscar.

Mundungo sacudiu os ombros e fez uma careta; o olho mágico virou de esguelha pelo lado da cabeça de Moody para repreendê-lo.

- Não vamos continuar a discutir. O tempo está passando. Quero alguns fios de cabelo seus,

moleque, agora.
- Isto é loucura, não há necessidade...
- Não há necessidade! - rosnou Moody. - Com Você -Sabe-Quem aí fora e metade do Ministério do lado dele? Potter, se dermos sorte, ele terá engolido a pista falsa e estará planejando emboscar você no dia trinta, mas ele será doido se não mantiver um ou dois Comensais da Morte vigiando. É o que eu faria. Talvez eles não possam atingir você nem esta casa enquanto o feitiço de sua mãe estiver em vigor, mas está prestes a caducar e eles têm uma ideia geral de sua localização. A nossa única chance é usar chamarizes. Nem mesmo Você-Sabe-Quem é capaz de se dividir em sete.
O olhar de Harry encontrou o de Hermione e desviou-se rapidamente.
- Portanto, Potter, uns fios do seu cabelo, por gentileza.
Harry olhou para Rony, que fez uma careta como se dissesse "dá logo".
- Agora! - vociferou Moody.
Com todos os olhares convergindo para ele, Harry levou a mão ao topo da cabeça, agarrou um punhado de fios e arrancou-os.
- Ótimo - disse Moody, mancando até ele e puxando a tampa do frasco de poção. - Aqui dentro, por gentileza.
Harry deixou cair os fios no líquido cor de lama. No instante em que o cabelo tocou a sua superfície, a poção começou a espumar e fumegar e, instantaneamente, se tornou límpida e dourada.
- Ah, você parece muito mais gostoso que o Crabbe ou o Goyle, Harry - comentou Hermione antes de notar as sobrancelhas erguidas de Rony e, corando levemente, acrescentou -, ah, você entendeu o que eu quis dizer, a poção de Goyle lembrava um bicho-papão.
- Certo, então, os falsos Potter alinhem-se do lado de cá, por favor - pediu Moody.
Rony, Hermione, Fred, Jorge e Fleur se enfileir

aram à frente da reluzente pia de tia Petúnia.
- Falta um - disse Lupin.
- Aqui - respondeu Hagrid rispidamente, e, ergue ndo Mundungo pelo cangote, largou-o ao lado de Fleur, que enrugou o nariz deliberadamente e foi se postar entre Fred e Jorge.
- Eu lhe disse que preferia ser guarda - reclamo u Mundungo.
- Cala a boca - rosnou Moody. - Como já lhe expl iquei, seu verme invertebrado, quaisquer Comensais da Morte que encontrarmos tentarão captur ar Potter, e não matá-lo. Dumbledore sempre disse que Você-Sabe-Quem iria querer liquid ar Potter pessoalmente. Serão os guardas que terão de se preocupar mais, os Comensais da Mor te tentarão eliminá-los.
Mundungo não pareceu muito tranquilo, mas Moody já tinha tirado de dentro da capa meia dúzia de cálices, que distribuiu após servir em cad a um a dose da Poção Polissuco.
- Todos juntos, então...
Rony, Hermione, Fred, Jorge, Fleur e Mundungo be beram. Todos ofegaram e fizeram caretas quando a poção chegou à garganta: imediatam ente, suas feições começaram a borbulhar e distorcer como cera quente. Hermione e Mundungo cresceram de repente; Rony, Fred e Jorge encolheram; seus cabelos escureceram, os de Hermione e Fleur pareceram reentrar na cabeça.
Moody, indiferente, começou a soltar os cordões das enormes sacas que trouxera: quando tornou a se aprumar, havia seis Harry Potter exclam ando ofegantes diante dele.
Fred e Jorge se viraram um para o outro e disser am juntos:
- Uau... estamos idênticos!
- Não sei, não, acho que estou mais bonito - com entou Fred, examinando seu reflexo na chaleira.
- Bah! - exclamou Fleur, mirando-se na porta do micro-ondas -, Gui, nam olhe parra mim:

estam horrenda.
- Se as roupas ficarem largas em vocês, há taman hos menores aqui - disse Moody, indicando a primeira saca -, e vice-versa. Não esqu eçam os óculos, há seis pares no bolso lateral. E depois de se vestirem, a bagagem está na segunda saca.
O verdadeiro Harry achou que aquela talvez fosse a cena mais bizarra que já presenciara na vida, e já vira coisas extremamente exóticas. Obse rvou seus seis duplos mexerem na saca de roupa, tirar trajes completos, pôr os óculos e gua rdar as próprias coisas. Teve vontade de pedir que demonstrassem um pouco mais de respeito p or sua intimidade quando começaram a se despir sem censura, visivelmente mais à vontade em desnudar o seu corpo do que estariam com os próprios corpos.
- Eu sabia que Gina estava mentindo sobre aquela tatuagem - disse Rony, olhando para o próprio peito nu.
- Harry, a sua visão é ruim mesmo - comentou Her mione, ao colocar os óculos.
Uma vez vestidos, os falsos Harry Potter tiraram da segunda saca mochilas e gaiolas de coruja, cada uma contendo uma alvíssima coruja empa lhada.
- Ótimo - aprovou Moody, quando, por fim, os set e Harry vestidos, equipados com óculos e bagagem, se viraram para ele. - Os pares serão o s seguintes: Mundungo irá viajar comigo de vassoura...
- Por que vou com você? - protestou o Harry mais perto da porta dos fundos.
- Porque você é o único que precisa de vigilânci a - rosnou Moody, e, de fato, seu olho mágico não se desviou de Mundungo enquanto continua va -, Arthur e Fred...
- Eu sou Jorge - disse o gêmeo para quem Moody e stava apontando. - Você não consegue nos distinguir nem quando somos Harry?
- Desculpe, Jorge...

- Eu só estou zoando você, na verdade sou o Fred ...
- Chega de brincadeiras! - rosnou Moody. - O outro... Fred ou Jorge, seja lá quem for, você vai com Remo. Srta. Delacour...
- Vou levar Fleur em um testrálio - disse Gui. - Ela não gosta muito de vassouras.
Fleur foi para junto dele, lançando-lhe um olhar apaixonado e servil que Harry desejou de todo o coração que jamais voltasse a aparecer em seu rosto.
- Srta. Granger com Kingsley, também em um testrálio...
Hermione pareceu mais tranquila ao retribuir o sorriso de Kingsley; Harry sabia que a amiga também não se sentia segura em uma vassoura.
- E você sobra para mim, Rony! - comentou Tonks animada, derrubando um porta-canecas ao acenar para ele.
Rony não pareceu tão satisfeito quanto Hermione.

- E você vai comigo, Harry. É isso? - perguntou Hagrid, parecendo um pouco ansioso. - Iremos de moto. Vassouras e testrálios não aguentam o meu peso, entende. Não sobra muito espaço depois que eu me sento, então você irá no sidecar.
- Beleza - disse Harry, sem muita sinceridade.
- Achamos que os Comensais da Morte esperarão que você esteja voando em uma vassoura - explicou Moody, que pareceu perceber o que Harry estava sentindo. - Snape já teve tempo suficiente para acabar de informar a eles tudo que sabe sobre você, por isso, se toparmos com Comensais, apostamos que irão escolher um Harry que pareça à vontade montando uma vassoura. Muito bem, então - continuou Moody, amarrando a saca com as roupas falsas de Harry e saindo primeiro para o quintal. - Calculo que faltem três minutos para o nosso horário de partida. Não adianta trancar a porta dos fundos, não vai segurar os Comensais da Morte

quando vierem procurar você... Vamos...
Harry correu ao hall para apanhar sua mochila, a Firebolt e a gaiola de Edwiges antes de se reunir aos outros no quintal escuro. A toda volta, vassouras saltaram para as mãos dos donos; Kingsley já tinha ajudado Hermione a montar um grande testrálio negro; e Gui ajudou Fleur. Hagrid estava pronto ao lado da moto, com os óculos de proteção.
- É essa? A moto de Sirius?
- A própria - respondeu Hagrid, sorrindo para Harry. - E a última vez em que a montou, Harry, você cabia em uma das minhas mãos!
Harry não pôde deixar de se sentir um pouquinho humilhado ao embarcar no sidecar. Isto o colocava vários metros abaixo dos demais: Rony deu um sorrisinho debochado ao ver o amigo sentado ali, como uma criança em um carrinho de parque de diversões. Harry empurrou a mochila e a vassoura para o lugar dos pés e encaixou a gaiola de Edwiges entre os joelhos. Ficou extremamente desconfortável.
- Arthur andou fazendo uns ajustes - contou Hagrid, indiferente ao desconforto de Harry. Montou, então, a moto que rangeu um pouco e afundou alguns centímetros no solo. - Agora tem uns botões especiais no guidão. Esse aí foi minha ideia. - Hagrid apontou com o grosso dedo um botão roxo junto ao velocímetro.
- Por favor, tenha cuidado, Hagrid - recomendou o sr. Weasley, que estava parado ao lado deles, segurando a vassoura. - Ainda não tenho certeza se é aconselhável, e certamente só deve ser usado em emergências.
- Muito bem, então - anunciou Moody. - Todos a postos, por favor; quero que todos saiam exatamente na mesma hora, ou invalidamos a ideia de despistamento.
Todos montaram as vassouras.
- Segure-se firme agora, Rony - disse Tonks, e Harry viu o amigo lançar um olhar furtivo e culpado a Lupin antes de colocar as mãos na cintura

da bruxa. Hagrid deu partida na moto, que
roncou como um dragão e o sidecar começou a vibrar.

- Boa sorte a todos! - gritou Moody. - Vejo você
s dentro de uma meia hora n'A Toca.
Quando eu contar três. Um... dois... TRÊS.
Ouviu-se o estrondo da moto, e Harry sentiu o s
idecar avançar assustadoramente; estavam
levantando voo em alta velocidade, seus olhos lacri
mejavam um pouco, os cabelos foram
varridos para trás. À sua volta, as vassouras subia
m também: a cauda longa e negra de um
testrálio ultrapassou-o. As pernas do garoto, ental
adas no sidecar pela gaiola de Edwiges e a
mochila, já estavam doendo e começando a ficar dorm
entes. Seu desconforto era tão grande
que ele quase se esqueceu de lançar um último olhar
ao número quatro da rua dos Alfeneiros;
quando finalmente olhou pelo lado do sidecar, já nã
o sabia distinguir qual era a casa. Eles
foram subindo, sem parar, em direção ao céu...
Então, de repente, sem ninguém saber de onde nem
como, eles se viram cercados. No
mínimo uns trinta vultos encapuzados pairavam no ar
, formando um vasto círculo no meio do
qual entraram os membros da Ordem, sem perceber...
Gritos, clarões verdes para todo lado: Hagrid so
ltou um berro e a moto virou de cabeça
para baixo. Harry perdeu a noção de onde estavam: l
ampiões de rua no alto, berros à sua
volta, ele agarrado ao sidecar, como se disso depen
desse sua vida. A gaiola de Edwiges, a
Firebolt e a mochila escorregaram de baixo dos seus
joelhos...
- Não...! EDWIGES!
A vassoura girou em direção ao solo, mas ele con
seguiu, por um triz, agarrar a alça da
mochila e a gaiola quando a moto voltou à posição n
ormal. Um segundo de alívio e outro
clarão verde. A coruja soltou um grito agudo e tomb
ou no chão da gaiola.
- Não... NÃO!

A moto avançava veloz; de relance, Harry viu Comensais da Morte encapuzados se dispersarem quando Hagrid rompeu o seu círculo.

- Edwiges... Edwiges...

A coruja, porém, continuou no chão da gaiola, imóvel e patética como um brinquedo. Harry não conseguia acreditar, e sentiu um supremo terror pelos companheiros. Espiou rapidamente por cima do ombro e viu uma massa de gente se deslocando, clarões verdes, dois pares montados em vassouras se distanciavam, mas não sabia dizer quem eram...

- Hagrid, temos que voltar, temos que voltar! - berrou para sobrepor a voz ao ronco atroante do motor, empunhou a varinha, empurrou a gaiola de Edwiges para o chão, se recusando a aceitar que estivesse morta. - Hagrid, DÊ MEIA-VOLTA!

- Minha obrigação é levar você em segurança, Harry! - berrou Hagrid, acelerando.

- Pare... PARE! - gritou Harry. Quando tornou a olhar para trás, dois jorros de luz verde passaram voando por sua orelha esquerda: quatro Comensais da Morte tinham deixado o círculo e vinham em sua perseguição, fazendo pontaria nas largas costas de Hagrid. O bruxo se desviou, mas os Comensais emparelharam com a moto; lançaram mais feitiços contra eles, e Harry teve que se abaixar para evitá-los. Torcendo-se para trás, ordenou "Estupefaça!", e um raio de luz vermelha partiu de sua varinha, abrindo uma brecha entre os quatro perseguidores, ao se dispersarem para evitar ser atingidos.

- Segure-se, Harry, isso acabará com eles - rugiu Hagrid, e Harry ergueu os olhos bem em tempo de ver o amigo meter o dedo grosso em um botão verde ao lado do medidor de gasolina.

Uma parede, uma parede maciça de tijolos irrompeu do cano de escape. Espichando o pescoço, Harry a viu expandir-se no ar. Três dos Co

mensais da Morte se desviaram para
evitá-la, mas o quarto não teve tanta sorte: desapa
receu e em seguida despencou como uma
pedra por trás da parede, sua vassoura despedaçada.
 Um dos companheiros diminuiu a
velocidade para socorrê-lo, mas eles e a parede voa
dora foram engolidos pela escuridão
quando Hagrid se inclinou por cima do guidão e acel
erou.

Mais Maldições da Morte lançadas pelos dois Come
nsais sobreviventes voaram pelos
lados da cabeça de Harry, mirando Hagrid. Harry res
pondeu com Feitiços Estuporantes;
vermelho e verde colidiam no ar produzindo uma chu
va de faíscas multicoloridas, e o garoto
pensou intempestivamente em fogos de artifício, e n
os trouxas lá embaixo que não fariam ideia
do que estava acontecendo...

- Lá vamos nós outra vez, Harry, segure-se - be
rrou Hagrid, apertando um segundo botão.
Desta vez saiu uma rede pelo escape, mas os Comensa
is da Morte estavam preparados. Não
só se desviaram, como o que havia desacelerado para
 salvar o amigo inconsciente os
alcançou: brotou inesperadamente da escuridão e ago
ra três deles vinham em perseguição da
moto, todos disparando feitiços.

- Isso vai resolver, Harry, segure firme! - ber
rou Hagrid, e o garoto o viu bater com a mão
espalmada no botão roxo ao lado do velocímetro.

Com um urro inconfundível, o fogo de dragão, in
candescente e azul, jorrou pelo escape e a
moto arrancou com a velocidade de uma bala produzin
do um som metálico. Harry viu os
Comensais da Morte desaparecerem para evitar a tril
ha mortífera de chamas e ao mesmo
tempo sentiu o sidecar sacudir sinistramente: as li
gações metálicas que o prendiam à moto
racharam com a violência da aceleração.

- Tudo bem, Harry! - berrou Hagrid, empurrado pa
ra trás pelo ímpeto da moto; ninguém
controlava agora, e o sidecar começou a se retorce

r violentamente no jato de ar que a moto deslocava.

"Estou alerta, Harry, não se preocupe!", berrou Hagrid, e, do bolso do blusão, ele tirou o guarda-chuva cor-de-rosa e florido.

- Hagrid! Não! Deixa comigo!

- REPARO!

Ouviu-se um estampido ensurdecedor e o sidecar s e soltou completamente: Harry disparou para a frente, impulsionado pela velocidade da moto , então o sidecar começou a perder altura...

Desesperado, Harry apontou a varinha para o carr o e gritou:

- Wingardium Leviosa!

O sidecar subiu como uma rolha, desgovernada, ma s, pelo menos, no ar. Seu alívio, porém, durou apenas segundos: mais feitiços passaram por e le como raios, os três Comensais da Morte agora mais próximos.

- Estou chegando, Harry! - gritou Hagrid da escu ridão, mas o garoto sentiu o sidecar recomeçar a afundar: agachando-se o mais baixo que podia, apontou para os vultos que se aproximavam e berrou: - Impedimenta!

O feitiço atingiu no peito o Comensal do centro. Por um instante, o homem abriu absurdamente braços e pernas no ar, como se tivess e batido contra uma barreira invisível: um dos seus companheiros quase se chocou com ele...

Então o sidecar começou de fato a cair e um dos Comensais disparou um feitiço tão perto de Harry que ele precisou se encolher abaixo da bo rda do sidecar, e perdeu um dente ao bater contra o assento...

- Estou indo, Harry, estou indo!

Uma mão descomunal agarrou as vestes do garoto p elas costas e guindou-o para fora do sidecar em mergulho irreversível; Harry puxou para si a mochila ao se arrastar para o assento da moto e se viu sentado de costas para Hagrid. Ao ganharem altitude, afastando-se dos dois

Comensais da Morte restantes, o garoto cuspiu o sangue da boca, e, apontando a varinha para o sidecar que caía, gritou:

- Confringo!

Sentiu uma dor terrível como se lhe arrancassem as entranhas quando Edwiges explodiu; o Comensal mais próximo foi arrancado da vassoura e saiu do campo de visão de Harry; o companheiro recuou e desapareceu.

- Harry, me desculpe, me desculpe - gemeu Hagrid. - Eu devia ter tentado consertar o sidecar... você ficou sem espaço...

- Isto não é problema, continue voando! - gritou Harry em resposta, no momento em que mais dois Comensais da Morte emergiam da escuridão e vinham em sua direção.

Quando os feitiços cortaram o espaço entre eles, Hagrid se desviou e ziguezagueou; Harry sabia que o amigo não ousaria usar novamente o botão do fogo de dragão, com ele sentado sem a menor segurança. Disparou um Feitiço Estuporante atrás do outro contra os perseguidores, mal conseguindo mantê-los a distância. Disparou outro feitiço para detê-los: o Comensal mais próximo desviou-se e seu capuz caiu, e, à luz vermelha do Feitiço Estuporante seguinte, Harry reconheceu o estranho rosto vidrado de Stanislau Shunpike, o Lalau...

- Expelliarmus! - berrou Harry.

- É ele, é ele, o verdadeiro!

O grito do Comensal encapuzado chegou aos ouvidos de Harry apesar do ronco da moto: no momento seguinte, mais dois perseguidores tinham recuado e desaparecido de vista.

- Harry, que aconteceu? - berrou Hagrid. - Onde eles se meteram?

- Não sei!

Harry, porém, teve medo: o Comensal encapuzado gritara "é o verdadeiro"; como soubera? Correu os olhos pela escuridão aparentemente vazia e sentiu o perigo. Onde estavam? Ele se virou no assento para ficar de frente e se agarrou

nas costas do blusão de Hagrid.
- Hagrid, use o fogo do dragão outra vez, vamos dar o fora daqui.
- Segure-se bem, então, Harry!
Ouviu-se uma trovoada metálica e ensurdecedora e o fogo branco-azulado jorrou do escape: o garoto sentiu que estava escorregando para trás no pouco assento que lhe cabia, Hagrid foi atirado para cima dele, mal conseguindo manter as mãos no guidão...
- Acho que despistamos eles, Harry, acho que conseguimos! - berrou Hagrid.
Harry, contudo, não se convenceu: o medo o envolvia enquanto olhava à direita e à esquerda, à procura dos perseguidores e seguro de que viriam... Por que teriam recuado? Um deles ainda segurava a varinha... "É ele, é ele, o verdadeiro"... tinham exclamado logo depois que ele tentara desarmar Lalau...
- Estamos quase chegando, Harry, estamos quase conseguindo! - gritou Hagrid.
Harry sentiu a moto perder um pouco de altitude, embora as luzes em terra ainda parecessem estrelas remotas.
Então a cicatriz em sua testa ardeu em brasa: dois Comensais apareceram dos lados da moto, duas Maldições da Morte lançadas por trás passaram a milímetros do garoto...
Então Harry o viu. Voldemort vinha voando como fumaça ao vento, sem vassoura nem testrálio para sustentá-lo, seu rosto ofídico brilhando na escuridão, seus dedos brancos erguendo mais uma vez a varinha... Hagrid soltou um urro amedrontado e mergulhou a moto verticalmente. Segurando-se como se a vida dependesse disso, Harry disparou Feitiços Estuporantes a esmo para a noite vertiginosa. Viu um corpo passar por ele e soube que tinha atingido alguém, mas, em seguida, ouviu um estampido e viu saírem faíscas do motor; a moto entrou em uma espiral descendente, completamente descontrolada...

Jatos de luz verde tornaram a passar por eles. H
arry estava totalmente desorientado: sua
cicatriz continuava a queimar; esperou morrer a qu
alquer segundo. Uma figura encapuzada em
uma vassoura vinha a centímetros dele, o garoto viu
-a erguer o braço...

- NÃO!

Com um grito de fúria, Hagrid se atirou da moto
contra o Comensal da Morte; para seu
horror, Harry viu os dois bruxos caírem e desaparec
er, seus pesos somados excessivos para a
vassoura...

Mal se segurando na moto com os joelhos, Harry o
uviu Voldemort gritar:

- Meu!

Era o fim: ele não ouvia nem via onde Voldemort
estava; de relance, percebeu outro
Comensal da Morte fazer uma curva para se afastar d
o caminho e ouviu: Avada...

Quando a dor forçou-o a fechar os olhos, sua va
rinha agiu por vontade própria. Sentiu-a
arrastar seu braço como um enorme magneto, pelas pá
lpebras entreabertas viu um jorro de
fogo dourado, ouviu um estalido e um grito de fúria
. O Comensal da Morte restante urrou;
Voldemort berrou:

- NÃO!

De algum modo, Harry se deu conta de que estava
com o nariz a dois centímetros do botão
do fogo de dragão; socou-o com a mão livre e a moto
disparou mais chamas no ar,
precipitando-se para o solo.

- Hagrid! - chamou Harry, se segurando com força
à moto. - Hagrid... Accio Hagrid!

A moto acelerou, puxada para a terra. Com o rost
o ao nível do guidão, Harry nada via
exceto luzes distantes que se aproximavam sem parar
: ele ia bater e não havia nada que
pudesse fazer. Atrás dele, outro grito...

- Sua varinha, Selwyn, me dê sua varinha!

Harry sentiu Voldemort antes de vê-lo. Olhando d
e esguelha, ele deparou com os olhos

vermelhos e teve certeza de que seria a última cois
a que veria na vida: Voldemort
preparando-se para amaldiçoá-lo.

Então o lorde sumiu. Harry olhou para baixo e vi
u Hagrid de pernas e braços abertos no
chão: puxou com força o guidão para evitar bater ne
le, tateou à procura do freio, mas, com um
estrondo de furar os tímpanos e uma colisão de faze
r o chão tremer, a moto bateu com grande
impacto em um laguinho lamacento.

-- CAPÍTULO CINCO --
O guerreiro caído

- Hagrid?

Harry lutou para levantar-se dos destroços de me
tal e couro que o cercavam; suas mãos
afundaram em centímetros de água lamacenta quando t
entou ficar de pé. Não conseguia
entender aonde fora Voldemort, e esperava, a qualqu
er momento, vê-lo descer da escuridão.
Alguma coisa quente e molhada escorria-lhe do queix
o e da testa. Ele se arrastou para fora do
laguinho e cambaleou até a grande massa escura no c
hão, que era Hagrid.

- Hagrid? Hagrid, fala comigo...

Mas a massa escura não se mexeu.

- Quem está aí? É o Potter? Você é Harry Potter?

Harry não reconheceu a voz do homem. Então uma m
ulher gritou:

- Eles sofreram um acidente, Ted! Caíram no jard
im!

A cabeça de Harry estava rodando.

- Hagrid - repetiu, abobado, e seus joelhos cede
ram.

Quando voltou a si, estava deitado de costas no
que lhe pareciam almofadas, com uma
sensação de queimação nas costelas e no braço dire
ito. Seu dente partido rebrotara. A cicatriz
na testa ainda latejava.

- Hagrid?

Harry abriu os olhos e viu que estava deitado em
um sofá, em uma sala iluminada e

desconhecida. Sua mochila estava no chão a uma pequena distância, molhada e suja de lama.
Um homem louro, barrigudo, observava-o com ansiedade.

- Hagrid está bem, filho - disse o homem. - Minha mulher está cuidando dele agora. Como está se sentindo? Mais alguma coisa quebrada? Consertei suas costelas, seu dente e seu braço. A propósito, sou Ted, Ted Tonks, o pai de Dora.

Harry se sentou depressa demais: as luzes piscaram diante dos seus olhos e ele se sentiu enjoado e tonto.

- Voldemort...

- Tenha calma - disse Ted Tonks, apoiando a mão no seu ombro e empurrando-o contra as almofadas. - Você acabou de sofrer um acidente sério. Afinal, que aconteceu? Alguma coisa enguiçou na moto? Arthur Weasley exagerou outra vez, ele e suas geringonças de trouxas?

- Não - respondeu Harry, sentindo a cicatriz latejar como uma ferida aberta. - Comensais, montes deles... fomos perseguidos...

- Comensais? - interrompeu-o Ted. - Você quer dizer, Comensais da Morte? Pensei que não soubessem que você ia ser transferido hoje à noite, pensei...

- Eles sabiam.

Ted Tonks olhou para o teto como se pudesse ver o céu lá fora.

- Ora, então sabemos que os nossos feitiços de proteção funcionam, não? Não deveriam poder chegar a novecentos metros deste lugar em qualquer direção.

Harry compreendeu, então, por que Voldemort desaparecera; tinha sido no ponto em que a moto cruzou a barreira de feitiços da Ordem. Sua esperança era que continuassem a funcionar: ele imaginou o lorde a novecentos metros de altura, enquanto conversavam, procurando um modo de penetrar o que Harry visualizou como uma imensa bolha transparente.

O garoto pôs as pernas para fora do sofá; precis

ava ver Hagrid com seus próprios olhos
para acreditar que o amigo continuava vivo. Mal se levantara, porém, a porta se abriu e
Hagrid se espremeu por ela, o rosto coberto de lama e sangue, mancando um pouco, mas
milagrosamente vivo.

- Harry!

Derrubando duas frágeis mesas e uma aspidistra, o gigante cobriu a distância que os
separava em dois passos e puxou o garoto para um abraço que quase partiu suas costelas
recém-emendadas.

- Caramba, Harry, como foi que você se safou? Pensei que nós dois estávamos ferrados.

- Eu também. Nem acredito...

Harry se calou: acabava de notar a mulher que entrara na sala depois de Hagrid.

- Você! - gritou ele, enfiando a mão no bolso, mas encontrou-o vazio.

- Sua varinha está aqui, filho - disse Ted, batendo de leve em seu braço com o objeto. -
Caiu bem do seu lado, e eu a recolhi. E essa com quem você está gritando é a minha mulher.

- Ah, me... me desculpe.

Quando a bruxa se adiantou, a semelhança da sra. Tonks com a irmã, Belatriz, se tornou
menos acentuada: o castanho dos seus cabelos era suave e claro, e seus olhos maiores e mais
bondosos. Contudo, ela pareceu um pouco arrogante ao ouvir a exclamação de Harry.

- Que aconteceu com a nossa filha? - perguntou ela. - Hagrid me contou que vocês foram
vítimas de uma emboscada; onde está Ninfadora?

- Não sei - respondeu Harry. - Não sabemos o que aconteceu com mais ninguém.

A bruxa e o marido se entreolharam. Uma mescla de medo e culpa se apoderou de Harry ao
ver as expressões em seus rostos; se algum dos outros tivesse morrido, ele seria o culpado, o
único culpado. Consentira que executassem o plano, dera-lhes fios de cabelo...

- A Chave de Portal - lembrou-se ele, subitament

e. - Temos que voltar À Toca e
descobrir... poderemos, então, mandar avisá-los, ou
... ou Tonks virá avisar se...
- Dora ficará bem, Drômeda - tranquilizou-a Ted.
- Ela conhece o ofício, já esteve em
muitas situações críticas com os aurores. A Chave d
e Portal é por aqui - acrescentou ele para
Harry. - Deve partir em três minutos, se quiserem p
egá-la.
- Queremos. - Harry apanhou a mochila, atirou-a
sobre os ombros. - Eu...
Olhou, então, para a sra. Tonks, querendo se des
culpar pelo medo que lhe infundira e por
tudo por que se sentia profundamente responsável, m
as não lhe ocorreram palavras que não
parecessem vazias e insinceras.
- Direi a Tonks... Dora... para avisar, quando
ela... obrigado pelos consertos, obrigado por
tudo. Eu...
Harry ficou satisfeito de sair da sala e acompa
nhar Ted Tonks por um pequeno corredor que
dava acesso a um quarto. Hagrid acompanhou-os, aba
ixando-se bem para evitar bater a cabeça
na moldura superior da porta.
- Aí está, filho. A Chave de Portal.
O sr. Tonks apontava para uma pequena escova de
cabelos com o cabo de prata que se
encontrava em cima da penteadeira.
- Obrigado - disse Harry, esticando-se para colo
car um dedo no objeto, pronto para partir.
- Espere um instante - disse Hagrid, olhando par
a os lados. - Harry, cadê Edwiges?
- Ela... ela foi atingida.
A percepção da realidade desabou sobre ele: sent
iu-se envergonhado, as lágrimas
queimaram seus olhos. A coruja sempre fora sua com
panheira, sua única e importante ligação
com o mundo da magia, sempre que se via obrigado a
retornar à casa dos Dursley.
Hagrid estendeu a enorme mão e deu-lhe uma dolor
osa palmada nas costas.
- Não fique assim - disse, rouco. - Não fique as

sim. Ela teve uma vida boa e longa.
- Hagrid! - exclamou Ted, alertando-o quando a escova se iluminou com uma forte luz azul, e Hagrid só teve tempo para encostar o dedo nela.
Sentindo um puxão por dentro do umbigo como se um anzol invisível o arrastasse para a frente, Harry foi sugado para o vazio, e rodopiou inerte, o dedo preso na Chave de Portal, enquanto ele e Hagrid eram arremessados para longe da casa do sr. Tonks. Segundos depois, os seus pés bateram em solo firme e ele caiu de quatro no quintal d'A Toca. Ouviu gritos. Atirando para um lado a escova que já não luzia, Harry se ergueu, um pouco tonto, e viu a sra. Weasley e Gina descerem correndo a escada da entrada dos fundos enquanto Hagrid, que também desmontara à chegada, levantava-se com dificuldade do chão.
- Harry? Você é o Harry verdadeiro? Que aconteceu? Onde estão os outros?! - exclamou a sra. Weasley.
- Como assim? Ninguém mais voltou? - ofegou Harry.
A resposta estava claramente estampada no rosto pálido da sra. Weasley.
- Os Comensais da Morte estavam à nossa espera - contou-lhe Harry. - Fomos cercados no instante em que levantamos voo... eles sabiam que era hoje... não sei o que aconteceu com os outros. Quatro Comensais vieram atrás de nós, só pudemos escapar, então Voldemort nos alcançou...
Ele percebia o tom de autojustificação em sua voz, a súplica para que ela compreendesse por que ele não sabia o que tinha acontecido com os seus filhos, mas...
- Graças aos céus vocês estão bem - disse ela, puxando-o para um abraço que ele não achava merecer.
- Você não teria conhaque aí, teria, Molly? - perguntou Hagrid um pouco abalado. - Para fins medicinais?

A sra. Weasley poderia ter conjurado a bebida us
ando magia, mas quando entrou,
apressada, na casa torta, Harry percebeu que ela q
ueria esconder o rosto. Virou, então, para
Gina que respondeu imediatamente ao seu mudo pedido
 de informação.
- Rony e Tonks deviam ter voltado primeiro, mas
 perderam a hora da Chave de Portal, que
chegou sem eles - disse ela, apontando para uma lat
a de óleo enferrujada ali perto no chão. -
E aquela outra - Gina apontou para um velho tênis d
e escola - era a de papai e Fred, que
deviam ser os segundos. Você e Hagrid eram os terce
iros e - consultando o relógio - se
conseguirem, Jorge e Lupin devem chegar no próximo
minuto.
A sra. Weasley reapareceu trazendo uma garrafa d
e conhaque, que entregou a Hagrid. O
gigante desarrolhou-a e tomou a bebida de um gole.
- Mamãe! - gritou Gina, apontando para um lugar
a vários passos de distância.
Uma luz azul brilhou na escuridão: foi crescendo
 e se intensificando, Lupin e Jorge
apareceram aos rodopios e, em seguida, caíram no ch
ão. Harry percebeu imediatamente que
havia alguma coisa errada: Lupin vinha carregando
Jorge, que estava inconsciente e tinha o
rosto ensanguentado.
Harry correu para os dois e segurou as pernas do
 rapaz. Juntos, ele e Lupin carregaram
Jorge para dentro de casa, e da cozinha para a sala
 de visitas, onde o deitaram no sofá.
Quando a luz do candeeiro iluminou a cabeça dele, G
ina prendeu a respiração e o estômago de
Harry revirou: Jorge perdera uma das orelhas. O lad
o de sua cabeça e o pescoço estavam
empapados de sangue espantosamente vermelho.
Nem bem a sra. Weasley se curvou para o filho,
Lupin segurou Harry pelo braço e arrastou-
o, sem muita gentileza, de volta à cozinha, onde H
agrid continuava tentando passar o corpanzil
pela porta dos fundos.

- Ei! - exclamou Hagrid indignado. - Solte ele! Solte o braço de Harry!

Lupin não lhe deu atenção.

- Que criatura estava em um canto na primeira vez que Harry Potter visitou o meu escritório em Hogwarts? - perguntou ele, dando uma sacudidela no garoto. - Responda!

- Um... um grindylow em um tanque, não era?

Lupin soltou Harry e recuou de encontro ao armário da cozinha.

- Que foi isso? - rugiu Hagrid.

- Desculpe, Harry, mas eu precisava verificar - disse Lupin tenso. - Fomos traídos. Voldemort sabia que íamos transferir você hoje à noite, e as únicas pessoas que poderiam ter-lhe contado estavam participando diretamente do plano. Você poderia ser um impostor.

- Então, por que não está me testando? - arquejou Hagrid, ainda lutando para passar pela porta.

- Você é meio gigante - respondeu Lupin, erguendo os olhos para Hagrid. - A Poção Polissuco foi concebida apenas para uso humano.

- Ninguém da Ordem contou a Voldemort que ia ser hoje - disse Harry: achava a ideia medonha demais para atribuí-la a qualquer deles. - Voldemort só me alcançou quase no fim, não sabia qual era o Harry. Se estivesse por dentro do plano, teria sabido desde o início que eu estava com Hagrid.

- Voldemort o alcançou? - perguntou Lupin bruscamente. - Que aconteceu? Como foi que você escapou?

Harry explicou brevemente que os Comensais da Morte que vieram em seu encalço pareceram reconhecer que ele era o verdadeiro. Depois, abandonaram a perseguição e foram avisar Voldemort, que apareceu pouco antes de ele e Hagrid chegarem ao santuário da casa dos pais de Tonks.

- Eles reconheceram você? Mas como? Que foi que você fez?

- Eu... - Harry tentou lembrar-se; a viagem toda parecia-lhe um borrão de pânico e confusão. - Eu vi Lalau Shunpike... sabe o condutor do Nôitibus? E tentei desarmá-lo em vez de... bem, ele não sabe o que faz, não é? Deve estar sob o efeito de uma Maldição Imperius.

Lupin se horrorizou.

- Harry, o tempo de desarmar alguém já acabou! Essa gente está tentando capturar você para matá-lo! Pelo menos estupore, se não está preparado para matar!

- Estávamos à grande altitude! Lalau não estava normal, e se fosse estuporado teria caído e morrido como se eu tivesse usado o Avada Kedavra! O Expelliarmus me salvou de Voldemort dois anos atrás - acrescentou Harry, em tom de desafio. Lupin estava lhe lembrando o desdenhoso Zacarias Smith da Lufa-Lufa, que debochara de Harry por ter querido ensinar a Armada de Dumbledore a desarmar.

- É verdade, Harry - disse Lupin, contendo-se a custo. - E um grande número de Comensais da Morte presenciaram o acontecido. Perdoe-me, mas foi uma tática muito insólita para alguém usar sob iminente risco de vida. Repeti-la hoje à noite, diante de Comensais da Morte, que ou presenciaram ou ouviram contar sobre aquela primeira ocasião, foi quase suicídio!

- Então você acha que eu devia ter matado Lalau Shunpike? - indagou Harry enraivecido.

- Claro que não, mas os Comensais, e francamente a maior parte das pessoas, esperariam que você contra-atacasse. Expelliarmus é um feitiço útil, Harry, mas os Comensais da Morte começam a achar que tem a sua assinatura, e insisto que você não deixe isso se confirmar!

Lupin estava fazendo Harry se sentir idiota, contudo, ainda restava no garoto certa vontade de desafiar.

- Não vou eliminar as pessoas só porque estão no meu caminho. Esse é o ofício de

Voldemort.
A resposta de Lupin se perdeu. Tendo finalmente conseguido se espremer pela porta, Hagrid cambaleou até uma cadeira, que desabou sob seu peso. Sem dar atenção aos seus xingamentos e pedidos de desculpas, Harry tornou a se dirigir a Lupin.
- Jorge vai ficar bom?
Toda a frustração de Lupin com relação a Harry pareceu se esgotar ao ouvir a pergunta.
- Acho que sim, embora não haja possibilidade de se recompor a orelha, não quando foi decepada com um feitiço.
Ouviram passos do lado de fora. Lupin precipitou-se para a porta; Harry pulou por cima das pernas de Hagrid e correu para o quintal.
Dois vultos tinham se materializado ali, e ao correr ao seu encontro, Harry percebeu que eram Hermione, agora retomando sua aparência normal, e Kingsley, ambos agarrados a um cabide de casacos, amassado. Hermione atirou-se nos braços de Harry, mas Kingsley não demonstrou prazer algum ao vê-los. Por cima do ombro de Hermione, Harry o viu erguer a varinha e apontá-la para o peito de Lupin.
- Quais foram as últimas palavras de Alvo Dumbledore para nós dois?
- "Harry é a melhor esperança que temos. Confie nele" - respondeu Lupin calmamente.
Kingsley apontou a varinha para Harry, mas Lupin disse:
- É ele mesmo, já verifiquei.
- Tudo bem, tudo bem! - concluiu Kingsley, guardando a varinha sob a capa. - Mas alguém nos traiu! Eles sabiam, sabiam que era hoje à noite!
- É o que parece - replicou Lupin -, mas aparentemente não sabiam que haveria sete Harrys.
- Grande consolo! - rosnou Kingsley. - Quem mais voltou?
- Só Harry, Hagrid, Jorge e eu.

Hermione abafou um gemido com a mão.
- Que aconteceu com você? - Lupin perguntou a Kingsley.
- Fui seguido por cinco, feri dois, talvez tenha matado um - enumerou o auror. - E vimos Você-Sabe-Quem, ele se juntou aos Comensais mais ou menos no meio da perseguição, mas desapareceu em seguida. Remo, ele é capaz de...
- Voar - completou Harry. - Eu o vi também, veio atrás de mim e Hagrid.
- Então foi por isso que sumiu: para seguir você! - concluiu Kingsley. - Não consegui entender por que tinha desistido. Mas o que o levou a mudar de alvo?
- Harry foi bondoso demais com Lalau Shunpike - disse Lupin.
- Lalau? - repetiu Hermione. - Pensei que ele estava em Azkaban, não?
Kingsley deu uma risada sem graça.
- Obviamente, Hermione, houve uma fuga em massa que o Ministério abafou. O capuz de Travers caiu quando eu o amaldiçoei, ele deveria estar preso também. Mas que aconteceu com você, Remo? Onde está Jorge?
- Perdeu uma orelha - informou-o Lupin.
- Perdeu uma...? - repetiu Hermione com a voz esganiçada.
- Obra de Snape - disse Lupin.
- Snape? - gritou Harry. - Você não disse...
- Ele perdeu o capuz durante a perseguição. O Sectumsempra sempre foi uma especialidade de Snape. Eu gostaria de poder dizer que lhe paguei na mesma moeda, mas pude apenas manter Jorge montado na vassoura depois que foi ferido, estava perdendo muito sangue.
O silêncio se abateu sobre os quatro ao erguerem os olhos para o céu. Não havia sinal de movimento; as estrelas retribuíram seu olhar, sem piscar, indiferentes, sem sombra de amigos em voo. Onde estava Rony? Onde estavam Fred e o sr. Weasley? Onde estavam Gui, Fleur,

Tonks, Olho-Tonto e Mundungo?
- Harry, me ajuda aqui! - chamou Hagrid, rouco, da porta na qual tornara a se entalar. Feliz de ter o que fazer, Harry empurrou-o e depois atravessou a cozinha para voltar à sala de visitas, onde a sra.Weasley e Gina ainda cuidavam de Jorge. A sra. Weasley estancara a hemorragia e, à luz do candeeiro, Harry viu um buraco aberto onde antes havia uma orelha.
- Como está ele?
A sra. Weasley se virou para responder:
- Não posso recompor uma orelha que foi decepada por Artes das Trevas. Mas poderia ter sido muito pior... ele está vivo.
- Graças a Deus - disse Harry.
- Ouvi a voz de mais alguém no quintal? - perguntou Gina.
- Hermione e Kingsley.
- Felizmente - sussurrou Gina. Os dois se entreolharam; Harry teve vontade de abraçá-la, não largá-la mais; nem se importava que a sra. Weasley estivesse presente, mas, antes que pudesse dar vazão a esse impulso, ouviram um grande estrondo na cozinha.
- Vou provar quem sou, Kingsley, depois que vir o meu filho, agora saia da frente se sabe o que é bom para você!
Harry nunca ouvira o sr. Weasley gritar assim. O bruxo irrompeu na sala, a careca brilhando de suor, os óculos tortos, Fred em seus calcanhares, os dois pálidos e ilesos.
- Arthur! - soluçou a sra. Weasley. - Graças aos céus!
- Como é que ele está?
O sr. Weasley ajoelhou-se ao lado de Jorge. Pela primeira vez desde que Harry o conhecia, Fred parecia não saber o que dizer. De pé, atrás do sofá, olhava boquiaberto para o ferimento do irmão gêmeo como se não conseguisse acreditar no que via.
Despertado talvez pelo barulho da chegada de Fred e do pai, Jorge se mexeu.

- Como está se sentindo, Jorginho? - sussurrou a sra. Weasley.

O rapaz levou os dedos ao lado da cabeça.

- Mouco - murmurou.

- Que é que ele tem? - perguntou Fred lugubremente, com um ar aterrorizado. - A perda afetou o cérebro dele?

- Mouco - repetiu Jorge, abrindo os olhos e erguendo-os para o irmão. - Entende... Surdo e oco, Fred, sacou?

A sra. Weasley soluçou mais forte que nunca. A cor inundou o rosto pálido de Fred.

- Patético - respondeu Fred ao irmão. - Patético! Com um mundo de piadas sobre ouvidos para escolher, você me sai com "mouco"?

- Ah, bem - disse Jorge, sorrindo para a mãe debulhada em lágrimas. - Agora você vai poder distinguir quem é quem, mamãe.

Ele olhou para os lados.

- Oi Harry... você é o Harry, certo?

- Sou - respondeu Harry, aproximando-se do sofá.

- Bom, pelo menos você voltou inteiro - comentou Jorge. - Por que Rony e Gui não estão rodeando o meu leito de enfermo?

- Ainda não voltaram, Jorge - disse a sra. Weasley. O sorriso de Jorge desapareceu. Harry olhou para Gina e fez sinal para que o acompanhasse ao quintal. Ao passarem pela cozinha, a garota comentou em voz baixa:

- Rony e Tonks já deviam ter voltado. A viagem não era demorada; a casa de tia Muriel não é tão longe daqui.

Harry não respondeu. Desde que chegara À Toca tinha procurado afastar o medo, mas agora o sentimento o envolveu, pareceu deslizar por sua pele, vibrar em seu peito, obstruir sua garganta. Quando desceram os degraus para o quintal escuro, Gina segurou sua mão.

Kingsley estava dando grandes passadas para lá e para cá, olhando para o céu cada vez que completava uma volta. Harry se lembrou do tio Válte

r fazendo o mesmo na sala de estar, há
milhões de anos. Hagrid, Hermione e Lupin se achava
m parados, ombro a ombro,
contemplando o céu em silêncio. Nenhum deles se vir
ou quando Harry e Gina se uniram à sua
muda vigília.

Os minutos se prolongaram como se fossem anos. O
mais leve sopro de vento os
sobressaltava e os fazia virar para o arbusto ou ár
vore que farfalhava, na esperança de que
algum membro da Ordem, ainda ausente, saltasse iles
o da folhagem...

Então uma vassoura se materializou diretamente s
obre eles, e, como um raio, foi em direção
ao chão...

- São eles! - gritou Hermione.

Tonks fez uma longa derrapagem que levantou terr
a e pedras para todo lado.

- Remo! - gritou ela ao descer entorpecida da va
ssoura para os braços de Lupin. O rosto do
marido estava sério e pálido: parecia incapaz de fa
lar. Rony desmontou tonto e saiu aos
tropeços ao encontro de Harry e Hermione.

- Você está bem - murmurou ele, antes de Hermion
e se precipitar para ele e abraçá-lo com
força.

- Pensei... pensei...

- Tô inteiro - disse Rony, dando-lhe palmadinhas
nas costas. - Tô inteiro.

- Rony foi o máximo - comentou Tonks calorosamen
te, soltando Lupin. - Fantástico.
Estuporou um dos Comensais da Morte direto na cabeç
a, e olha que quando se está mirando
um alvo móvel montado em uma vassoura...

- Você fez isso? - perguntou Hermione, olhando p
ara Rony ainda com os braços em seu
pescoço.

- Sempre o tom de surpresa - disse o garoto se d
esvencilhando, rabugento. - Somos os
últimos a chegar?

- Não - disse Gina -, ainda estamos esperando Gu
i e Fleur e Olho-Tonto e Mundungo. Vou

avisar mamãe e papai de que você está bem, Rony...
Ela correu para dentro de casa.
- Então, qual foi a razão do atraso? Que acontec eu? - Lupin perguntou a Tonks quase zangado.
- Belatriz - respondeu ela. - Me quer tanto qua nto quer o Harry, Remo, fez tudo para me matar. Eu gostaria de tê-la acertado, fiquei deven do. Mas, definitivamente, ferimos Rodolfo... então chegamos à casa da tia de Rony, Muriel, onde perdemos a nossa Chave de Portal, e ela ficou nos paparicando...
Um músculo tremia no queixo de Lupin. Ele assen tiu, mas parecia incapaz de dizer qualquer outra coisa.
- E que aconteceu com vocês? - perguntou Tonks, virando-se para Harry, Hermione e Kingsley.
Eles contaram o que acontecera em suas jornadas , mas todo o tempo a ausência continuada de Gui, Fleur, Olho-Tonto e Mundungo parecia recobr ilos como gelo, a frialdade a cada momento mais difícil de ignorar.
- Vou ter que voltar à residência do primeiro-mi nistro. Já deveria ter chegado lá há uma hora - disse Kingsley por fim, após esquadrinhar o céu uma última vez. - Avisem quando eles chegarem.
Lupin assentiu. Com um aceno para os demais, Kin gsley se afastou no escuro em direção ao portão. Harry pensou ter ouvido um levíssimo estali do quando Kingsley desaparatou pouco além do perímetro d'A Toca.
O sr. e a sra. Weasley desceram correndo os degr aus dos fundos, seguidos por Gina, e abraçaram Rony antes de falarem com Lupin e Tonks.
- Obrigada - disse a sra. Weasley -, pelos nosso s filhos.
- Não seja boba, Molly - protestou Tonks na mesm a hora.
- Como está Jorge? - perguntou Lupin.
- Que aconteceu com ele? - esganiçou-se Rony.

- Perdeu...

O final da frase da sra. Weasley, porém, foi abafado por uma gritaria geral: um testrálio acabara de surgir no céu e aterrissar a pouca distância do grupo. Gui e Fleur desceram do animal, descabelados pelo vento, mas ilesos.

- Gui! Graças a Deus, graças a Deus...

A sra. Weasley se adiantou para o casal, mas o abraço que Gui lhe concedeu foi superficial. Olhando diretamente para o pai, comunicou:

- Olho-Tonto morreu.

Ninguém falou, ninguém se mexeu. Harry sentiu que alguma coisa dentro dele estava caindo, atravessando a terra, deixando-o para sempre.

- Vimos acontecer - continuou Gui; Fleur confirmou com a cabeça, lágrimas brilhantes escorrendo por suas faces à claridade da janela da cozinha. - Foi logo depois que rompemos o cerco: Olho-Tonto e Dunga estavam perto de nós, rumando também para o norte. Voldemort, que é capaz de voar, partiu direto para cima deles. Dunga entrou em pânico, ouvi-o gritar, Olho-Tonto tentou fazê-lo parar, mas ele desaparatou. A maldição de Voldemort atingiu Olho-Tonto em cheio no rosto, ele caiu da vassoura e... nada pudemos fazer, nada, havia meia dúzia deles nos perseguindo...

A voz de Gui quebrou.

- Claro que você não poderia ter feito nada - disse Lupin.

Todos pararam, se entreolhando. Harry não conseguia absorver. Olho-Tonto morto; não podia ser... Olho-Tonto, tão resistente, tão corajoso, um perfeito sobrevivente...

Por fim, as pessoas começaram a compreender, embora ninguém falasse, que não havia mais razão para continuar aguardando no quintal e, em silêncio, eles acompanharam o sr. e a sra. Weasley de volta à casa e à sala de visitas, onde Fred e Jorge riam juntos.

- Que aconteceu? - perguntou Fred, vendo os rostos das pessoas à medida que entravam. -

Que aconteceu? Quem...?
- Olho-Tonto - disse o sr. Weasley. - Morto.
As risadas dos gêmeos se transformaram em caret as de sobressalto. Ninguém parecia saber o que fazer. Tonks chorava silenciosamente, levando o lenço ao rosto: Harry sabia que ela fora muito chegada a Olho-Tonto, sua aluna favorita e protegida no Ministério da Magia. Hagrid, que se sentara no chão, a um canto mais esp açoso, enxugava os olhos com um lenço do tamanho de uma toalha de mesa.
Gui foi ao aparador e apanhou uma garrafa de uís que de fogo e alguns copos.
- Peguem - disse ele e, com um aceno da varinha, lançou no ar doze copos cheios, um para cada pessoa, mantendo o décimo terceiro no ar. - A Olho-Tonto.
- A Olho-Tonto - disseram todos, e beberam.
- A Olho-Tonto - secundou Hagrid, atrasado com u m soluço.
O uísque de fogo queimou a garganta de Harry: de u a impressão de instilar sentimento, dissipar a insensibilidade e a sensação de irrealid ade, despertar nele algo semelhante à coragem.
- Então Mundungo desapareceu? - disse Lupin, que bebera todo o uísque de um gole.
Houve uma mudança instantânea na atmosfera. Todo s pareceram se tensionar e observar Lupin, dando a Harry a impressão de que desejavam q ue ele continuasse a falar e, ao mesmo tempo, receavam o que poderiam ouvir.
- Sei o que está pensando - disse Gui -, e me oc orreu o mesmo pensamento quando estava voltando para cá, porque eles pareciam estar nos es perando, não é? Mas Mundungo não poderia ter nos traído. Eles não sabiam que haveri a sete Harrys, isto os confundiu no instante em que aparecemos, e, caso tenham esquecido, foi Mu ndungo que sugeriu esse pequeno ardil. Por que omitiria esse ponto essencial para os Comen sais? Acho que Dunga entrou em pânico,

foi só. Primeiro não queria ir, mas Olho-Tonto o o
brigou, e Você-Sabe-Quem investiu direto
contra os dois: isto é suficiente para fazer qualqu
er um entrar em pânico.
- Você-Sabe-Quem agiu exatamente como Olho-Tonto
previu - disse Tonks, fungando. -
Olho-Tonto disse que ele calcularia que o verdadeir
o Harry estaria com os aurores mais
fortes e capazes. Perseguiu, primeiro, Olho-Tonto,
e, quando Mundungo os denunciou, virou-
se para Kingsley...
- É, tude stá muite bem - retrucou Fleur -, mes
inde nam exxplique come sabiem qu' iamos
trransferrir Arry hoje à noite. Alguém foi descuid
ade. Alguém deixou scapar a date prra um
strranhe. É a unique explicaçon prra eles conhecerr
em a data mas nam o plane tode.
Ela olhou séria para todos, os filetes de lágrim
as ainda visíveis em seu belo rosto,
desafiando silenciosamente que alguém a contradisse
sse. Ninguém o fez. O único som a
romper o silêncio foi a tosse de Hagrid, abafada po
r seu lenço. Harry olhou para o gigante,
que acabara de arriscar a vida para salvá-lo - Hagr
id a quem ele amava, em quem confiava,
que no passado tinha caído em uma esparrela e dado
a Voldemort uma informação crítica em
troca de um ovo de dragão...
- Não - disse Harry em voz alta, e todos olharam
para ele surpresos: o uísque de fogo
aparentemente amplificara sua voz. - Quero dizer...
se alguém errou - continuou Harry - e
deixou escapar alguma coisa, sei que não errou por
mal. Não é culpa dele - repetiu outra vez,
um pouco mais alto do que teria normalmente falado
. - Temos que confiar uns nos outros. Eu
confio em todos vocês, acho que nenhum dos presente
s nesta sala me venderia a Voldemort.
Às suas palavras, seguiu-se mais silêncio. Todos
olhavam para ele; Harry sentiu-se um
pouco mais acalorado e bebeu um pouco mais de uísqu
e de fogo para se ocupar. Ao beber,

pensou em Olho-Tonto. O auror sempre ironizara a di
sposição de Dumbledore para confiar
nas pessoas.
- Muito bem falado, Harry - disse Fred, inespera
damente.
- É, apoiado, apoiado - emendou Jorge, com um me
io relance para Fred, cujo canto da
boca tremeu. Lupin tinha uma estranha expressão no
rosto quando olhou para Harry: beirava a
piedade.
- Você acha que sou tolo? - perguntou-lhe Harry.

- Não, acho que você é igual ao Tiago - responde
u Lupin -, que teria considerado a maior
desonra desconfiar dos amigos.
Harry sabia a que Lupin estava se referindo: que
seu pai fora traído pelo amigo Pedro
Pettigrew. Sentiu-se irracionalmente irritado. Que
ria discutir, mas Lupin lhe deu as costas,
descansou o copo em uma mesinha lateral e se dirigi
u a Gui.
- Temos trabalho a fazer. Posso perguntar a King
sley se...
- Não - Gui o interrompeu. - Eu farei, eu irei.
- Aonde estão indo? - perguntaram Tonks e Fleur
ao mesmo tempo.
- O corpo de Olho-Tonto - explicou Lupin. - Prec
isamos resgatá-lo.
- Não podem... - começou a sra. Weasley, lançand
o um olhar suplicante a Gui.
- Esperar? - perguntou Gui. - Não, a não ser que
a senhora prefira que os Comensais da
Morte o levem.
Todos se calaram. Lupin e Gui se despediram e sa
íram.
Os que tinham ficado agora se sentaram, todos ex
ceto Harry, que continuou de pé. A
repentinidade e completude da morte dominava a atmo
sfera da sala como uma presença.
- Eu tenho que ir também - anunciou Harry.
Dez pares de olhos assustados o olharam.
- Não seja tolo, Harry - disse a sra. Weasley. -

Que está dizendo?
- Não posso ficar aqui.
Ele esfregou a testa: voltara a formigar; não do ía assim havia mais de um ano.
- Todos vocês correm perigo enquanto eu estiver aqui. Não quero...
- Mas não seja tolo! - protestou a sra. Weasley. - A razão do que fizemos hoje à noite foi trazê-lo para cá em segurança e, graças aos céus, c onseguimos. Fleur concordou em casar aqui, em vez de na França, já providenciamos tudo para que possamos ficar juntos e cuidar de você...
Ela não compreendia; estava fazendo Harry se sen tir pior e não melhor.
- Se Voldemort descobrir que estou aqui...
- Mas por que descobriria? - perguntou a sra. We asley.
- Há outros doze lugares onde você poderia estar agora, Harry - lembrou o sr. Weasley. - Ele não tem como saber para qual das casas protegid as você foi.
- Não é comigo que estou preocupado! - contrapôs o garoto.
- Nós sabemos - replicou o sr. Weasley em voz c alma. - Mas, se você for embora, teremos a sensação de que os nossos esforços desta noite fo ram inúteis.
- Você não vai a lugar nenhum - rosnou Hagrid. - Caramba, Harry, depois de tudo que passamos para trazer você para cá?
- É, e a minha orelha sangrenta? - acrescentou J orge, erguendo-se nas almofadas.
- Sei que...
- Olho-Tonto não iria querer isso...
- EU SEI! - berrou Harry.
Ele se sentiu pressionado e chantageado: será qu e pensavam que ignorava o que tinham feito por ele, não compreendiam que essa era exata mente a razão por que queria partir, antes que sofressem mais por sua causa? Houve um longo si lêncio de constrangimento, em que sua

cicatriz continuou a formigar e a latejar, e que fo
i, por fim, rompido pela sra. Weasley.
- Onde está Edwiges, Harry? - perguntou ela, que
rendo agradá-lo. - Podemos colocá-la
com Pichitinho e lhe dar alguma coisa para comer.
As entranhas dele se contraíram como um punho. N
ão podia contar a verdade. Bebeu o resto
do uísque de fogo para evitar responder.
- Espere até espalharem que você conseguiu novam
ente, Harry - disse Hagrid. - Escapou
dele, o repeliu quando estava em cima de você!
- Não fui eu - negou Harry categoricamente. - Fo
i a minha varinha. Minha varinha agiu
sozinha.
Passados alguns momentos, Hermione argumentou ge
ntilmente:
- Mas isso é impossível, Harry. Você quer dizer
que usou a magia sem querer; reagiu
instintivamente.
- Não - respondeu Harry. - A moto estava caindo,
eu não saberia dizer onde estava
Voldemort, mas a minha varinha rodou a minha mão,
localizou-o e disparou um feitiço, e não
foi um feitiço que eu conhecesse. Nunca fiz aparece
r labaredas douradas antes.
- Muitas vezes - disse o sr. Weasley -, quando o
bruxo está em uma situação crítica, é
possível ele produzir feitiços com que nunca sonhou
. Isso acontece muitas vezes com as
crianças, antes de terem estudado...
- Não foi assim - retrucou Harry com os dentes
cerrados. Sua cicatriz estava queimando:
ele sentia raiva e frustração; odiava a ideia de qu
e o imaginassem dotado de um poder
equiparável ao de Voldemort.
Todos se calaram. Harry sabia que não estavam ac
reditando nele. Agora, porém, lhe
ocorria que nunca ouvira falar de uma varinha que
fizesse gestos de magia por conta própria.
Sua cicatriz queimava barbaramente: só havia uma
coisa que podia fazer para não gemer
alto. Murmurando que ia tomar ar fresco, pousou o c

opo na mesa e saiu da sala.
Ao atravessar o quintal escuro, o grande testrál io ossudo ergueu a cabeça, moveu as enormes asas de morcego, depois continuou a pastar . Harry parou diante do portão que abria para o jardim e se pôs a contemplar as plantas exce ssivamente crescidas, esfregando a testa latejante e pensando em Dumbledore.
Dumbledore teria acreditado, disso ele tinha cer teza. Dumbledore teria sabido como e por que sua varinha agira sem que a comandasse, porque Dumbledore sempre tinha as respostas; conhecia tudo sobre varinhas, explicara a Harry a estranha ligação que existia entre a sua varinha e a de Voldemort... mas Dumbledore, tal com o Olho-Tonto, como Sirius, como seus pais, como sua pobre coruja, todos tinham partido p ara um lugar em que Harry não poderia mais falar com eles. Sentiu, então, uma ardência na garganta que não tinha qualquer relação com o uísque de fogo.
E, sem saber como, a dor em sua cicatriz atingi u o auge. Ao apertar a testa e fechar os olhos, uma voz gritou em sua cabeça.
- Você me disse que o problema se resolveria usa ndo a varinha de outro bruxo!
E em sua mente irrompeu a visão de um velho emac iado, coberto de trapos sobre um piso de pedra, gritando, um grito longo e terrível, um g rito de insuportável agonia...
- Não! Não! Eu lhe suplico, eu lhe suplico...
- Você mentiu para Lorde Voldemort, Olivaras!
- Não menti... Juro que não...
- Você quis ajudar Potter, ajudá-lo a escapar de mim!
- Juro que não... Acreditei que uma varinha dife rente funcionaria...
- Explique então o que aconteceu. A varinha de L úcio foi destruída!
- Não consigo entender... a ligação... existe ap enas... entre as duas varinhas...
- Mentiras!

- Por favor... eu lhe suplico...

E Harry viu a mão branca erguer a varinha e sentiu a raiva maligna de Voldemort, viu o frágil velho no chão se contorcer de agonia...

- Harry?

A visão terminou tão depressa quanto surgira: Harry ficou tremendo no escuro, agarrado ao portão do jardim, o coração disparado, a cicatriz coçando. Decorreram vários segundos até ele perceber que Rony e Hermione estavam ao seu lado.

- Harry, volte para dentro de casa - sussurrou Hermione. - Você não está pensando em ir embora mesmo, está?

- É, você tem que ficar, cara - disse Rony, batendo em suas costas.

- Você está passando bem? - perguntou Hermione, agora suficientemente perto para ver o rosto de Harry. - Está com uma cara horrível!

- Bem - respondeu Harry, trêmulo -, provavelmente estou com uma cara melhor do que Olivaras...

Quando ele terminou de contar o que vira, Rony demonstrava espanto, mas Hermione estava aterrorizada.

- Isso devia ter acabado! A sua cicatriz... não devia mais fazer isso! Você não pode deixar essa ligação reabrir: Dumbledore queria que você fechasse a mente!

Ao ver que o amigo não respondia, ela o agarrou pelo braço.

- Harry, ele está dominando o Ministério, os jornais e metade do mundo bruxo! Não deixe que ele se infiltre também em sua mente!

-- CAPÍTULO SEIS --
O vampiro de pijama

O choque de perder Olho-Tonto pairou sobre a casa nos dias que se seguiram; Harry continuou na expectativa de vê-lo entrar mancando pela porta dos fundos, como os demais membros da Ordem que iam e vinham para transmitir

notícias. Ele sentiu que nada, a não ser a ação, aliviaria seus sentimentos de culpa e pesar, e que deveria partir em missão para encontrar e destruir as Horcruxes, assim que possível.

- Bem, você não pode fazer nada a respeito das... - Rony enunciou a palavra Horcruxes - até fazer dezessete anos. Ainda tem o rastreador. E podemos planejar aqui tão bem quanto em qualquer outro lugar, não? Ou - a voz dele virou um sussurro - já tem ideia de onde estão as você-sabe-o-quê?

- Não - admitiu Harry.

- Acho que a Hermione tem feito umas pesquisas. Ela me disse que estava guardando os resultados para quando você chegasse.

Os dois estavam sentados à mesa do café da manhã; o sr. Weasley e Gui tinham acabado de sair para o trabalho, a sra. Weasley subira para acordar Hermione e Gina, e Fleur fora tomar banho.

- O rastreador perderá a validade no dia trinta e um - disse Harry. - Isto significa que só preciso ficar aqui mais quatro dias. Depois eu posso...

- Cinco dias - Rony corrigiu-o com firmeza. - Temos que ficar para o casamento. Eles nos matarão se não estivermos aqui.

Harry entendeu que o "eles" se referia a Fleur e a sra. Weasley.

- É só mais um dia - disse Rony, quando Harry pareceu se rebelar.

- Será que não compreendem como é importante...?

- Claro que não - respondeu Rony. - Não fazem a menor ideia. E agora que você tocou nesse assunto, eu queria mesmo esclarecer umas coisas.

Rony olhou para a porta que abria para o corredor a ver se a sra. Weasley já estava voltando, depois se curvou para Harry.

- Mamãe esteve tentando extrair informações de H

ermione e de mim: vamos viajar para o
quê. Você será o próximo, portanto prepare-se. Papa
i e Lupin também perguntaram, mas,
quando respondemos que a recomendação de Dumbledore
 foi para você não comentar com
ninguém exceto nós dois, eles não insistiram. Mas a
 mamãe, não. Ela é decidida.
   As previsões de Rony se confirmaram algumas hora
s mais tarde. Pouco antes do almoço, a
sra. Weasley afastou Harry dos outros, pedindo-lhe
para identificar um pé de meia sem par
que talvez tivesse caído da mochila dele. Assim que
 o encurralou na despensa mínima ao lado
da cozinha, ela começou:
   - Rony e Hermione estão achando que vocês três v
ão deixar Hogwarts - começou ela em
um tom leve e informal.
   - Ah - respondeu Harry. - Ah, é. Vamos.
   O par apareceu sozinho no canto, saindo de um co
lete que parecia ser do sr. Weasley.
   - Posso perguntar por que vocês vão abandonar su
a educação?
   - Bem, Dumbledore me deixou... umas coisas para
fazer - murmurou Harry. - Rony e
Hermione sabem disso, e querem vir comigo.
   - Que tipo de "coisas"?
   - Desculpe, mas não posso...
   - Ora, francamente, acho que Arthur e eu temos
o direito de saber, e tenho certeza de que o
sr. e a sra. Granger concordariam comigo! - retruco
u a sra. Weasley. Harry receara a
estratégia dos "pais preocupados". Fez força para
encarar a senhora nos olhos, reparando, ao
fazer isso, que eles tinham exatamente o mesmo tom
de castanho dos de Gina. Isso não ajudou
nem um pouco.
   - Dumbledore não queria que mais ninguém soubess
e. Sinto muito. Rony e Hermione não
têm que viajar comigo, foi a opção que fizeram...
   - Também não vejo por que você precisa ir! - ret
orquiu ela, abandonando todo o
fingimento. - Vocês mal atingiram a maioridade, os

três! É um absurdo, se Dumbledore
precisava que fizessem algum serviço para ele, tinh
a a Ordem inteira à disposição! Harry,
você deve ter entendido mal. Provavelmente ele esta
va falando de alguma coisa que queria
que alguém fizesse, e você entendeu que se referia
a você...

- Não entendi mal - respondeu Harry resoluto. -
O alguém era eu.

Ele devolveu à sra. Weasley o pé de meia estampa
do com juncos dourados que
supostamente deveria identificar.

- Não é minha, eu não torço pelo Puddlemere Unit
ed.

- Ah, claro que não - disse a bruxa, com um reto
rno repentino e enervante ao seu tom
informal. - Eu devia ter me lembrado. Então, Harry,
enquanto estiver aqui conosco, não irá se
importar de ajudar nos preparativos para o casament
o de Gui e Fleur, não é? Ainda falta fazer
tanta coisa!

- Não... eu... claro que não - respondeu Harry,
desconcertado com a súbita mudança de
assunto.

- Você é muito gentil. - Ela o aprovou, sorrindo
, e saiu da despensa.

Daquele momento em diante, a sra. Weasley mantev
e Harry, Rony e Hermione tão ocupados
com os preparativos para o casamento que mal lhes s
obrava tempo para pensar. A explicação
mais caridosa para tal atitude seria a vontade de d
istraí-los para não pensarem em Olho-Tonto
e nos terrores da recente viagem. Depois de dois di
as limpando talheres sem parar,
combinando, por cor, presentinhos para os convidad
os, fitas e flores, desgnomizando o jardim
e ajudando a sra. Weasley a cozinhar enormes tabule
iros de petiscos, no entanto, Harry
começou a suspeitar que ela tivesse um motivo diver
so. Todos os serviços que distribuía
pareciam manter Rony, Hermione e ele afastados um d
o outro; Harry não tivera oportunidade

de falar a sós com os amigos desde a primeira noite
, quando lhes contara que Voldemort
estava torturando Olivaras.
- Acho que mamãe pensa que, se impedir vocês trê
s de se reunirem para fazer planos,
poderá adiar a sua partida - murmurou Gina para Har
ry, na terceira noite, quando punham a
mesa para o jantar.
- E que é que ela acha que vai acontecer? - perg
untou Harry no mesmo tom de voz. - Que
talvez outra pessoa liquide Voldemort enquanto ela
nos segura aqui preparando vol-au-vents?
Ele falara sem pensar e notou que o rosto de Gin
a ficara lívido.
- Então é verdade? É isso que vão tentar fazer?
- Eu... não... eu estava brincando - respondeu H
arry, fugindo à pergunta.
Os dois se encararam, e havia algo mais do que u
ma forte comoção no rosto de Gina.
Subitamente, Harry percebeu que era a primeira vez
que ficava a sós com ela, desde as horas
roubadas em lugares isolados de Hogwarts. E teve a
certeza de que Gina também estava se
lembrando daqueles momentos. Os dois se sobressalta
ram quando a porta abriu e o sr.
Weasley, Kingsley e Gui entraram.
Agora, era frequente outros membros da Ordem vir
em jantar, porque A Toca substituíra o
largo Grimmauld no 12 como quartel-general. O sr. W
easley explicara que, depois da morte de
Dumbledore, que era o fiel do segredo, cada uma das
 pessoas a quem ele confiara a
localização da casa se tornara, por sua vez, um fie
l do segredo.
- E como somos uns vinte, isso dilui muito o pod
er do Feitiço Fidelius. A possibilidade de
os Comensais da Morte extraírem o segredo de um del
es é vinte vezes maior. Não podemos
esperar que o segredo seja mantido por muito mais t
empo.
- Mas, com certeza, a essa altura, Snape já ter
á informado aos Comensais o endereço, não?

- perguntou Harry.
- Bem, Olho-Tonto preparou alguns feitiços contra Snape, caso ele voltasse a aparecer por lá. Temos esperança de que sejam suficientemente fortes para mantê-lo a distância e amarrar sua língua, se tentar falar sobre a casa, mas não podemos estar seguros. Teria sido loucura continuar a usar o local como quartel-general, agora que sua proteção se tornou tão precária.
A cozinha estava tão apinhada naquela noite que tornava difícil o uso de garfos e facas. Harry se viu espremido ao lado de Gina; as palavras não ditas que os dois haviam trocado o fez desejar que estivessem separados por mais gente. Ele fazia tanto esforço para não roçar no braço dela que mal conseguia cortar a galinha no próprio prato.
- Alguma notícia sobre Olho-Tonto? - Harry perguntou a Gui.
- Não - foi a resposta.
Não haviam realizado um funeral para Olho-Tonto porque Gui e Lupin não conseguiram resgatar o corpo. Fora difícil determinar onde poderia ter caído, por causa da escuridão e da confusão da batalha.
- O Profeta Diário não disse uma palavra sobre a morte dele nem sobre as buscas pelo corpo - continuou Gui. - Mas isso não quer dizer nada. O jornal tem omitido muita notícia ultimamente.
- E o Ministério, ainda não convocou uma audiência para averiguar a magia que usei ainda menor de idade para escapar dos Comensais da Morte? - Harry perguntou ao sr. Weasley, que, do outro lado da mesa, sacudiu a cabeça em resposta. - Porque sabe que não tive escolha ou porque não quer que eu conte ao mundo inteiro que Voldemort me atacou?
- Acho que a segunda hipótese. Scrimgeour não quer admitir que Você-Sabe-Quem tem tanto poder quanto ele, nem que houve uma fuga em massa em Azkaban.

- É, para que informar ao público a verdade? - p
rotestou Harry, agarrando a faca com tanta
força que as leves cicatrizes no dorso de sua mão
direita se destacaram, brancas, na pele: Não
devo contar mentiras.
- Será que não tem ninguém no Ministério dispost
o a enfrentá-lo? - perguntou Rony com
raiva.
- Claro que tem, Rony, mas as pessoas estão ater
rorizadas - respondeu o sr. Weasley -,
aterrorizadas com a ideia de serem as próximas a de
saparecer, e seus filhos os próximos a
serem atacados! Há muitos boatos assustadores; eu,
por exemplo, não acredito que a
professora de Estudo dos Trouxas em Hogwarts tenha
pedido demissão. Faz semanas que
ninguém a vê. Nesse meio-tempo, Scrimgeour passa o
dia trancado no escritório: só espero
que esteja preparando algum plano.
Fez-se uma pausa em que a sra. Weasley, com um g
esto da varinha, pôs os pratos usados no
aparador e serviu a torta de maçã.
- Prrecisamos rresolverr o disfarrce que você va
i usarr, Arry - disse Fleur depois da
sobremesa. - No casamente - acrescentou, quando ele
 pareceu não entender. -
Naturralmente, nam tam Comensais da Morte entrre no
sses convidades, mas nam posse
garrantirr que nam falem demais depois de tomarrem
champanhe.
Ao que Harry deduziu que ela ainda suspeitava de
 Hagrid.
- É, uma boa lembrança - disse a sra. Weasley da
 cabeceira da mesa onde estava, os
óculos encarrapitados na ponta do nariz, passando
em revista uma enorme lista de tarefas que
anotara em um longo pergaminho. - Então, Rony, já l
impou o seu quarto?
- Por quê?! - exclamou Rony, batendo a colher n
o prato e olhando feio para a mãe. - Por
que o meu quarto tem que ser limpo? Harry e eu esta
mos muito bem no quarto do jeito que

está.
- Vamos festejar o casamento do seu irmão dentro de alguns dias, jovem...
- E eles vão casar no meu quarto? - indagou Rony furioso. - Não! Então por que em nome das plicas de Merlim...
- Não responda assim a sua mãe - interpôs o sr. Weasley com firmeza. - E faça o que ela está mandando.
Rony amarrou a cara para o pai e a mãe, depois a panhou novamente a colher e atacou os últimos bocados da torta de maçã.
- Eu posso ajudar, um pouco da bagunça é minha - disse Harry a Rony, mas a sra. Weasley cortou a conversa.
- Não, Harry querido, prefiro muito mais que voc ê ajude Arthur a limpar o galinheiro, e, Hermione, eu agradeceria muito se você fosse troca r os lençóis do casal Delacour, sabe, eles estão chegando amanhã às onze horas.
Afinal, havia muito pouco a fazer pelas galinhas .
- Não há necessidade de, ah, dizer isso a Molly - começou o sr. Weasley, bloqueando o acesso de Harry ao galinheiro -, mas, ah, Ted Tonks me mandou quase tudo que restou da moto de Sirius e, ah, estou escondendo-a, ou, melho r dizendo, guardando-a aqui. É fantástica: tem uma ganacha de escape, acho que é esse o nome, uma bateria magnífica, e será uma ótima oportunidade para descobrir como os freios funcion am. Vou tentar montá-la outra vez quando Molly não... quero dizer, quando eu tiver tempo.
Quando voltou a casa, a sra. Weasley não estava à vista, então Harry subiu despercebido para o quarto de Rony, no sótão.
- Já estou arrumando, já estou arrumando...! Ah , é você! - exclamou Rony aliviado, quando Harry entrou. O amigo estava deitado na cama, e era óbvio que acabara de desocupá-la. O quarto continuava na mesma desordem da semana intei ra; a única mudança é que agora

Hermione estava sentada no canto oposto, com o seu peludo gato ruivo, Bichento, aos pés, separando livros, alguns dos quais Harry reconheceu serem dele, em duas enormes pilhas.

- Oi, Harry - cumprimentou a amiga quando ele se ntou na cama de armar.

- Como foi que você conseguiu fugir?

- Ah, a mãe de Rony esqueceu que já tinha pedido a Gina para trocar os lençóis ontem - respondeu Hermione. E jogou o Numerologia e gramáti ca em uma pilha e Ascensão e queda das Artes das Trevas na outra.

- Estávamos conversando sobre o Olho-Tonto - dis se Rony. - Acho que ele pode ter sobrevivido.

- Mas Gui viu quando ele foi atingido pela Maldi ção da Morte - argumentou Harry.

- É, mas o Gui também estava sob ataque - repli cou Rony. - Como pode ter certeza do que viu?

- Mesmo que a Maldição da Morte não o atingisse , Olho-Tonto caiu uns trezentos metros - lembrou Hermione, agora segurando o pesado Os times de quadribol da Grã-Bretanha e da Irlanda.

- Ele poderia ter usado o Feitiço Escudo...

- Fleur disse que a varinha foi arrancada da mão dele - disse Harry.

- Tudo bem, se vocês querem que ele tenha morrid o - concluiu Rony mal-humorado, dando uns socos no travesseiro para afofá-lo.

- É claro que não queremos que esteja morto! - exclamou Hermione, chocada. - É horrível que ele esteja! Mas temos que ser realistas!

Pela primeira vez, Harry imaginou o corpo de Ol ho-Tonto com os ossos partidos como o de Dumbledore, mas com aquele único olho ainda girand o na órbita. Sentiu uma reação violenta, que mesclava desgosto e uma bizarra vontade de rir.

- Os Comensais da Morte provavelmente limparam o s restos dele, é por isso que ninguém

encontrou nada - sugeriu Rony com sabedoria.
- É - acrescentou Harry. - Como o Bartô Crouch, transformado em um osso e enterrado no jardim do Hagrid. Provavelmente transfiguraram o Olho-Tonto e o empalharam...
- Para! - guinchou Hermione. Assustado, Harry ergueu a cabeça em tempo de ver a garota romper em lágrimas sobre o Silabário de Spellman.
- Ah, não! - exclamou Harry tentando se levantar da velha cama de armar. - Hermione, eu não estava querendo transtornar ninguém...
Com uma rangedeira de molas enferrujadas, Rony pulou da cama e chegou primeiro. Com um braço, envolveu Hermione, e enfiou a outra mão no bolso do jeans de onde extraiu um lenço absurdamente sujo, usado mais cedo, naquele dia, para limpar o forno. Em seguida, puxou depressa a varinha, apontou para o trapo e ordenou: "Tergeo!"
A varinha chupou a maior parte da graxa. Com um ar de vaidosa satisfação, Rony entregou o lenço ainda fumegando a Hermione.
- Ah... obrigada, Rony... desculpe... - Ela assou o nariz e soluçou. - Só que é tão ho-horrível, não é? P-pouco depois de Dumb-bledore... P-por alguma razão, eu nunc-ca imaginei Olho-Tonto morto, ele parecia tão forte!
- É, eu sei - concordou Rony, dando-lhe um breve aperto. - Mas vocês sabem o que ele nos diria se estivesse aqui?
- V-vigilância constante - respondeu Hermione enxugando os olhos.
- É isso aí - concordou Rony, reforçando com um aceno de cabeça. - Ele nos diria para aprender com o que lhe aconteceu. E o que aprendi foi a não confiar naquele lixo covarde do Mundungo.
Hermione soltou uma risada tremida e se curvou para apanhar mais dois livros. Um segundo mais tarde, Rony puxou o braço das costas dela; Hermione tinha deixado cair O livro monstruo so dos monstrosno pé dele. O cinto de cour

o que o prendia soltou-se e o livro
abocanhou com força o tornozelo do garoto.
- Desculpe, desculpe - Hermione pedia, enquanto
Harry arrancava o livro da perna de
Rony e tornava a amarrá-lo.
- Afinal, que está fazendo com todos esses livro
s? - perguntou Rony, mancando de volta à
cama.
- Tentando decidir quais deles vamos levar conos
co, quando formos procurar as
Horcruxes.
- Ah, claro - disse Rony, batendo na própria tes
ta. - Esqueci que vamos liquidar
Voldemort em uma biblioteca móvel.
- Ha-ha - replicou ela, examinando o Silabário.
- Será que... precisaremos traduzir runas?
É possível... acho que é melhor levar, só por preca
ução.
Hermione jogou o livro na maior das duas pilhas
e apanhou Hogwarts, uma história.
- Escutem aqui - disse Harry.
Ele se empertigara na cama. Rony e Hermione olha
ram o amigo com expressões iguais que
somavam resignação e desafio.
- Eu sei que vocês disseram, depois dos funerais
de Dumbledore, que queriam me
acompanhar - começou Harry.
- Lá vem ele - comentou Rony com Hermione olhand
o para o teto.
- Como sabíamos que iria fazer - suspirou a garo
ta, voltando sua atenção para os livros. -
Sabem, acho que vou levar Hogwarts, uma história.
Mesmo que a gente não volte lá, acho que
não me sentiria bem se não carregasse...
- Escutem! - repetiu Harry.
- Não, Harry, escute você - retorquiu Hermione.
- Vamos com você. Isto já ficou decidido
há meses; aliás, há anos.
- Mas...
- Cala essa boca - Rony o aconselhou.
- ... vocês têm certeza que refletiram bem? - in
sistiu Harry.

- Vejamos - retrucou Hermione, batendo com o volume de Viagens com trasgos na pilha dos descartados, com uma expressão feroz no rosto. - Estou arrumando a bagagem há dias, portanto estamos prontos para partir a qualquer momento, o que, para sua informação, exigiu feitiços extremamente complexos, para não mencionar o contrabando do estoque de Poção Polissuco de Olho-Tonto, bem debaixo do nariz da mãe de Rony.

"Além disso, alterei a memória dos meus pais para se convencerem de que, na realidade, são Wendell e Monica Wilkins, e que sua ambição na vida é mudar para a Austrália, o que eles já fizeram. Para dificultar que Voldemort os encontre e interrogue sobre mim... ou sobre vocês, porque, infelizmente, contei aos dois muita coisa sobre vocês.

"Supondo que eu sobreviva à busca das Horcruxes, procurarei mamãe e papai e desfarei o feitiço. Se não... bem, acho que lancei neles um encanto suficientemente forte para que vivam seguros e felizes como Wendell e Monica Wilkins. O casal não sabe que tem uma filha, entendem."

Os olhos de Hermione tinham se enchido novamente de lágrimas. Rony tornou a levantar da cama, a abraçá-la pelos ombros e a franzir a testa para Harry como se o repreendesse pela falta de tato. Harry não conseguiu pensar em mais nada para contrapor a isso, no mínimo porque era excepcionalmente insólito Rony ensinar alguém a ter tato.

- Eu... Hermione, peço desculpas... eu não...

- Não percebeu que Rony e eu temos perfeita noção do que poderá acontecer se formos com você? Pois temos. Rony, mostre ao Harry o que você já fez.

- Nãããh, ele acabou de comer - disse Rony.

- Mostra logo, ele precisa saber!

- Ah, tá, Harry, vem comigo.

Pela segunda vez, Rony parou de abraçar Hermione

e saiu mancando para a porta.
- Anda.
- Por quê? - quis saber Harry, saindo do quarto e acompanhando Rony ao pequeno patamar do sótão.
- Descendo! - murmurou Rony, apontando a varinha para o teto baixo. Um alçapão se abriu e uma escada desceu aos seus pés. Um barulho horrível, meio gemido meio sucção, saiu do buraco quadrado, juntamente com um horrível cheiro de esgoto.
- É o seu vampiro, não é? - perguntou Harry, que nunca chegara a conhecer a criatura que, por vezes, perturbava o silêncio noturno n'A Toca.
- É - confirmou Rony subindo a escada. - Suba para dar uma olhada nele.
Harry seguiu o amigo pela escadinha até o minúsculo sótão. Sua cabeça e seus ombros já estavam no quarto quando ele avistou a criatura enroscada ali perto no escuro, ferrada no sono com a bocarra aberta.
- Mas ele... parece... é normal vampiros usarem pijamas?
- Não - respondeu Rony. - Nem é normal terem cabelos ruivos ou tantas espinhas.
Harry contemplou a coisa, ligeiramente enojado. Na forma e no tamanho, pareceu-lhe humano e, aos seus olhos acostumados ao escuro, não havia dúvida de que usava um pijama velho de Rony. Harry também não duvidava de que os vampiros, em geral, fossem viscosos e carecas, e não visivelmente cabeludos e cobertos de feias espinhas roxas.
- Ele sou eu, entendeu? - disse Rony.
- Não. Não entendi.
- Então explico lá no meu quarto, o cheiro está me incomodando. - Os dois desceram a escada, que Rony empurrou de volta ao teto, e foram se reunir a Hermione, que continuava separando livros.
"Quando viajarmos, o vampiro vai descer para morar no meu quarto", disse Rony. "Acho

que ele está até ansioso para isso acontecer, mas é difícil saber, porque ele só sabe gemer e babar, mas acena muito com a cabeça quando se menciona a mudança. Em todo caso, ele vai ser o Rony com sarapintose. Bem bolado, hein?"

O rosto de Harry espelhava sua perplexidade.

- É, sim! - insistiu Rony, visivelmente frustrado porque Harry não alcançara a genialidade do seu plano. - Olhe, quando nós três não aparecermos em Hogwarts, todo o mundo vai pensar que Hermione e eu estamos com você, certo? O que significa que os Comensais da Morte irão direto procurar as nossas famílias para obter informações sobre o seu paradeiro.

- Mas, se o plano der certo, parecerá que fui viajar com os meus pais; muitas pessoas que nasceram trouxas estão falando em sumir de circulação por um tempo - esclareceu Hermione.

- Não podemos esconder a minha família inteira, iria parecer suspeito demais, além disso, eles não podem largar o emprego - explicou Rony. - Então, vamos divulgar a história de que estou gravemente doente com sarapintose, razão por que não pude voltar à escola. Se alguém vier investigar, meus pais podem mostrar o vampiro na minha cama, coberto de pústulas. Essa doença é realmente contagiosa, portanto eles não vão querer chegar muito perto. E também não fará diferença se o vampiro não puder falar nada, porque aparentemente ninguém pode, depois que o fungo ataca a úvula.

- E seus pais concordaram com esse plano? - perguntou Harry.

- Papai, sim. Ele ajudou Fred e Jorge a transformarem o vampiro. Mamãe... bem, você já viu como ela é. Não vai aceitar que viajemos até termos partido.

Fez-se silêncio no quarto, interrompido apenas pelas leves batidas que Hermione produzia ao jogar os livros em uma das duas pilhas. Rony parou, observando-a, e Harry olhava de um para outro incapaz de falar. As medidas que os amig

os tinham tomado para proteger as
famílias, mais do que qualquer outra coisa, o conve
nceram de que iriam acompanhá-lo e que
sabiam exatamente o perigo que corriam. Quis manife
star o quanto isto significava para ele,
mas simplesmente não encontrava palavras que fossem
 expressivas o suficiente.
   No silêncio, ouviram o ruído abafado dos gritos
da sra. Weasley quatro andares abaixo.
   - Gina provavelmente deixou uma poeirinha em uma
 droga qualquer de porta-guardanapos
- comentou Rony. - Não sei por que os Delacour inve
ntaram de chegar dois dias antes do
casamento.
   - A irmã de Fleur vai ser dama de honra, precisa
 estar aqui para o ensaio e é jovem demais
para viajar sozinha - explicou Hermione, examinando
 indecisa o Como dominar um espírito
agourento.
   - Bom, ter hóspedes não vai melhorar os níveis d
e estresse da mamãe - comentou Rony.
   - O que realmente precisamos decidir - disse Her
mione, atirando o Teoria da defesa em
magia em uma lata de lixo sem olhá-lo duas vezes e
apanhando Uma avaliação da educação
em magia na Europa - é para onde iremos ao sair da
qui. Eu sei que você disse que quer ir a
Godric's Hollow primeiro, Harry, e entendo o motivo
, mas... bem... não devíamos dar
prioridade às Horcruxes?
   - Se soubéssemos onde encontrar alguma Horcrux,
eu concordaria com você - respondeu
Harry, sem acreditar que Hermione entendesse, de f
ato, o seu desejo de retornar a Godric's
Hollow. O túmulo dos seus pais era apenas uma parte
 do atrativo: ele tinha uma forte
sensação, embora inexplicável, que o vilarejo lhe
forneceria algumas respostas. Talvez fosse
simplesmente porque ali ele sobrevivera à Maldição
da Morte lançada por Voldemort; agora
que enfrentava o desafio de repetir o feito, sentia
-se atraído ao lugar onde tudo acontecera,

buscando compreendê-lo.
- Você não acha possível que Voldemort esteja ma ntendo Godric's Hollow sob vigilância? - arriscou Hermione. - Talvez espere que você volt e para visitar o túmulo dos seus pais, uma vez que está livre para ir aonde quiser.
A ideia não ocorrera a Harry. E, enquanto se con centrava para contra-argumentar, Rony se manifestou, obviamente seguindo um fluxo independen te de pensamentos.
- Esse tal R.A.B. - disse ele. - Sabe, aquele qu e roubou o verdadeiro medalhão?
Hermione fez que sim com a cabeça.
- Ele disse no bilhete que ia destruir o medalhã o, não foi?
Harry puxou sua mochila para perto e tirou de de ntro a falsa Horcrux contendo o bilhete de R.A.B.
- "Roubei a Horcrux verdadeira e pretendo destru í-la assim que puder" - leu Harry em voz alta.
- Então, e se ele de fato a destruiu? - pergunto u Rony.
- Ou ela - interrompeu-o Hermione.
- O que seja, seria uma a menos para se procurar ! - concluiu Rony.
- Mas ainda iríamos tentar rastrear o medalhão v erdadeiro, não? - quis saber Hermione. - Para descobrir se foi ou não destruído.
- E quando o encontrarmos, como é que se destrói uma Horcrux? - perguntou Rony.
- Bem - começou Hermione -, andei pesquisando.
- Como? - admirou-se Harry. - Achei que não hav ia livros sobre Horcruxes na biblioteca.
- Não havia - esclareceu Hermione corando. - Dum bledore retirou todos, mas... mas não os destruiu.
Rony se sentou na cama de olhos arregalados.
- Pelas calças de Merlim, como foi que você cons eguiu pôr a mão nesses livros sobre Horcruxes?
- Eu... não foi roubando! - respondeu ela, olhan

do de Harry para Rony com um ar de desespero. - Eles continuaram a ser livros da biblioteca, mesmo que Dumbledore os tenha retirado das prateleiras. Enfim, se ele realmente não quisesse que ninguém os pegasse, tenho certeza de que teria dificultado muito mais...

- Não fique enrolando! - exclamou Rony.

- Bem, foi fácil - disse Hermione com uma vozinha humilde. - Lancei um Feitiço Convocatório. Sabem: Accio! E eles saíram voando pela janela do gabinete de Dumbledore para o dormitório das garotas.

- Mas quando foi que você fez isso? - perguntou Harry, olhando para a amiga ao mesmo tempo assombrado e incrédulo.

- Logo depois do... funeral - respondeu ela com uma vozinha ainda mais humilde. - Logo depois de combinarmos que iríamos deixar a escola para procurar as Horcruxes. Quando voltei para apanhar minhas coisas, me... simplesmente me ocorreu que, quanto mais soubéssemos sobre o assunto, melhor seria... e eu estava sozinha lá em cima... então tentei... e funcionou. Eles entraram voando direto pela janela aberta e eu... eu os guardei no malão.

A garota engoliu em seco e, então, justificou suplicante:

- Não acredito que Dumbledore se zangasse, não vamos usar a informação para fazer uma Horcrux, não é?

- Você está nos ouvindo reclamar? - perguntou Rony. - Afinal, onde estão esses livros?

Hermione procurou um pouco e tirou da pilha um grande livro, encadernado em couro preto já desbotado. Fez uma cara de nojo e estendeu-o cautelosamente como se fosse uma coisa recém-morta.

- Esse é o que dá instruções explícitas para se preparar uma Horcrux: Segredos das artes mais tenebrosas. É um livro horrível, realmente assustador, cheio de feitiços malignos. Fico pensando quando foi que Dumbledore o retirou da bib

lioteca... se foi só quando se tornou
diretor. Aposto como Voldemort copiou dele todas as
instruções de que precisava.
- Por que então precisou perguntar a Slughorn c
omo preparar uma Horcrux, se já tinha lido
o livro? - perguntou Rony.
- Ele só procurou o professor para saber o que a
contecia quando a pessoa subdividia a
alma em sete pedaços - disse Harry. - Dumbledore ti
nha certeza de que Riddle já sabia fazer
uma Horcrux na época em que foi à sala de Slughorn.
Acho que você tem razão, Hermione, é
muito provável que tenha sido daí que ele tirou as
informações.
- E quanto mais eu leio - continuou Hermione -,
mais terrível a ideia me parece, e menos
acredito que ele tenha realmente feito seis. O livr
o alerta para a instabilidade que a pessoa
causa ao restante da alma dividindo-a, e isso para
se fazer apenas uma Horcrux!
Harry lembrou-se de Dumbledore ter dito que Vol
demort ultrapassara a "esfera da maldade
normal".
- E não tem jeito de reintegrar todas as partes?
- perguntou Rony.
- Tem - respondeu Hermione com um sorriso inexpr
essivo -, mas causaria uma dor
lancinante.
- Por quê? Como se faz? - quis saber Harry.
- Remorso - esclareceu Hermione. - A pessoa prec
isa estar, de fato, arrependida do que
fez. Tem um pé de página. Pelo que diz, a dor do pr
ocesso pode destruí-la. Não sei por quê,
não consigo ver Voldemort fazendo isso, e vocês?
- Não - respondeu Rony antes que Harry o fizesse
. - E o livro diz como destruir
Horcruxes?
- Diz - confirmou Hermione, agora virando as frá
geis páginas como se examinasse
entranhas em decomposição -, porque avisa aos brux
os das trevas que os feitiços com que se
protegerem têm que ser excepcionalmente fortes. De

tudo que li, o que Harry fez com o diário de Riddle foi uma das poucas maneiras infalíveis de destruir uma Horcrux.

- O quê, furar com uma presa de basilisco? - perguntou Harry.

- Ah, bom, que sorte a gente ter um estoque tão grande de presas de basilisco - comentou Rony. - Eu estava mesmo me perguntando o que íamos fazer com elas.

- Não precisa ser uma presa de basilisco - explicou Hermione, pacientemente. - Tem que ser alguma coisa tão destrutiva que a Horcrux não possa se autorrestaurar. O veneno de basilisco só tem um antídoto, e é incrivelmente raro...

- ... lágrimas de fênix - disse Harry.

- Exatamente - confirmou Hermione. - O problema é que há pouquíssimas substâncias tão destrutivas quanto o veneno de basilisco, e são todas muito perigosas para se carregar por aí. Mas é um problema que precisaremos resolver, porque romper, quebrar ou moer uma Horcrux não adianta. É preciso deixá-la sem possibilidade de se restaurar por magia.

- Mas, se a gente destrói o objeto em que está guardada - perguntou Rony -, por que o fragmento de alma não pode se mudar para outro lugar?

- Porque uma Horcrux é o absoluto oposto de um ser humano.

Ao perceber que Harry e Rony pareciam confusos, Hermione se apressou a explicar:

- Vejam, se eu apanhasse uma espada neste minuto e transpassasse você, eu não danificaria sua alma.

- O que, com certeza, seria realmente um consolo para mim - disse Rony.

Harry riu.

- Devia ser mesmo! Mas o que quero demonstrar é que, seja o que for que aconteça ao seu corpo, sua alma continuará ilesa. Mas com uma Horcrux é o contrário. O fragmento de alma

depende do objeto que o contém, do seu corpo encan
tado, para sobreviver. Do contrário, não
sobreviverá.
- Aquele diário deu a impressão de morrer quando
eu o perfurei - disse Harry, lembrando-
se da tinta que jorrou como sangue de suas páginas
e os gritos do fragmento de alma de
Voldemort ao desaparecer.
- E, uma vez que o diário foi completamente dest
ruído, o fragmento nele contido não pôde
sobreviver. Gina tentou se livrar do diário antes d
e você, jogando-o no vaso e dando
descarga, mas, obviamente, ele voltou novo em folha
.
- Espere aí - disse Rony, franzindo a testa. - O
pedacinho de alma naquele diário estava
possuindo a Gina, não? Como é isso, então?
- Enquanto o objeto mágico continuar intacto, o
pedacinho de alma nele pode entrar em uma
pessoa e tornar a sair se ela chegar muito perto d
o objeto. Não precisa segurá-lo muito tempo,
não é o toque que importa - acrescentou ela, antes
que Rony pudesse falar. - É a proximidade
emocional. Gina abriu o coração para o diário, tor
nando-se, assim, incrivelmente vulnerável.
A pessoa se mete em apuros quando se apega demais o
u passa a depender de uma Horcrux.
- Fico imaginando como foi que Dumbledore destru
iu o anel - disse Harry. - Por que não
perguntei a ele? Realmente nunca...
Sua voz foi morrendo: pensou nas muitas coisas q
ue deveria ter perguntado a Dumbledore e
como, desde sua morte, lhe parecia que tinha despe
rdiçado tantas oportunidades, enquanto o
diretor era vivo, para descobrir mais... descobrir
tudo...
O silêncio foi quebrado quando a porta do quart
o se escancarou, produzindo um estrondo de
sacudir as paredes. Hermione gritou e deixou cair o
Segredos das artes mais tenebrosas;
Bichento disparou para baixo da cama, bufando indig
nado. Rony pulou da cama, escorregou

em uma embalagem velha de sapos de chocolate e bate
u a cabeça na parede oposta, e Harry,
instintivamente, se jogou para apanhar sua varinha
 antes de perceber que estava vendo a sra.
Weasley, que tinha os cabelos revoltos e o rosto co
ntorcido de raiva.
   - Lamento interromper essa reuniãozinha íntima -
 vociferou ela, com a voz trêmula. -
Tenho certeza de que vocês precisam de descanso...
mas há presentes de casamento
empilhados no meu quarto que precisam ser separados
, e tive a impressão de que vocês
concordaram em ajudar.
   - Ah, sim - respondeu Hermione aterrorizada, le
vantando-se depressa e fazendo os livros
voarem para todos os lados. - Ajudaremos... pedimos
 desculpas...
   Com um olhar aflito para Harry e Rony, a garota
saiu correndo do quarto atrás da sra.
Weasley.
   - É como se a gente fosse um elfo doméstico - qu
eixou-se Rony em voz baixa, ainda
massageando a cabeça e saindo com Harry atrás das d
uas. - Só que sem a satisfação no
trabalho. Quanto mais cedo esse casamento terminar,
 mais feliz eu vou ficar.
   - É - concordou Harry -, então não teremos mais
nada para fazer exceto procurar
Horcruxes... vai parecer até que estamos de férias,
 não é?
   Rony começou a rir, mas, ao ver a enorme pilha d
e presentes de casamento que os esperava
no quarto da sra. Weasley, parou no ato.
   Os Delacour chegaram na manhã seguinte às onze h
oras. A essa altura, Harry, Rony,
Hermione e Gina já estavam sentindo certa raiva da
 família de Fleur; foi de má vontade que
Rony subiu as escadas batendo os pés para calçar me
ias iguais e Harry tentou baixar os
cabelos. Quando foram considerados bem-arrumados, o
s garotos saíram em fila para esperar
as visitas no quintal batido de sol.

Harry nunca vira a casa tão arrumada. Os caldeir
ões enferrujados e as botas velhas que, em
geral, coalhavam a escada para a porta dos fundos t
inham desaparecido e sido substituídos
por dois grandes vasos com arbustos tremulantes a c
ada lado da porta; embora não houvesse
brisa, as folhas balançavam preguiçosamente, produz
indo um belo efeito ondulante. As
galinhas tinham sido trancadas no galinheiro, o qui
ntal varrido e o jardim anexo fora
despojado das folhas velhas, podado e, de um modo g
eral, cuidado, embora Harry, que o
preferia sem trato, achasse que o jardim parecia ab
andonado sem o seu contingente normal de
gnomos saltitantes.

O garoto perdera a noção da quantidade de feitiç
os de segurança que tinham sido lançados
sobre A Toca, tanto pela Ordem quanto pelo Ministé
rio; só sabia que tinham inviabilizado a
possibilidade de alguém viajar por magia até ali.
O sr. Weasley, portanto, fora esperar os
Delacour no alto de um morro próximo, onde a famíli
a chegaria por Chave de Portal. O
primeiro sinal de sua aproximação foi uma gargalhad
a anormalmente aguda, dada pelo sr.
Weasley, soube-se depois, que apareceu ao portão em
 seguida, carregado de malas à frente de
uma bela loura de longas vestes verde-folha, que só
 poderia ser a mãe de Fleur.

- Maman! - exclamou Fleur, correndo para abraçá-
la. - Papa!

O sr. Delacour não era nem de longe atraente co
mo sua mulher; era uma cabeça mais baixo
que ela, além de extremamente gordo, e usava uma b
arbicha pontuda e preta. Parecia, contudo,
uma pessoa bem-humorada. Sacudindo-se nas botas de
salto em direção à sra. Weasley, ele
lhe aplicou dois beijos em cada bochecha, deixando-
a perturbada.

- Vocês tiverram tante trrabalhe - disse ele com
 sua voz grave. - Fleur nos contou
qu'andarram trrabalhando muite mesme.

- Ah, não foi nada, absolutamente nada! - gorje ou a sra. Weasley. - Não foi trabalho algum!

Rony aliviou sua frustração mirando um pontapé em um gnomo que estava espiando atrás de um dos vasos com arbustos tremulantes.

- Minhe carra senhorra! - replicou o sr. Delacou r, ainda segurando a mão da sra. Weasley entre as suas, muito gorduchas, e dando-lhe um radi ante sorriso. - Nos sentimes muite honrrrades com a eminente união de nosses famílies! Deixe-me arpresentarr-lhe minhe mulherr, Apolline.

Madame Delacour adiantou-se como se deslizasse e se curvou para beijar a sra. Weasley também.

- Enchantée - disse ela. - Se marrido esteve me contanto histórrias muite diverrtidas!

O sr. Weasley soltou uma risada exagerada; a sr a. Weasley lançou-lhe um olhar que o fez calar-se imediatamente e assumir uma expressão mais apropriada a uma visita a um amigo doente no hospital.

- E, naturralmente, já conhecem minhe filhinea G abrrielle! - disse Monsieur Delacour.

Gabrielle era uma Fleur em miniatura; onze anos, c abelos louros platinados, a garota dirigiu um sorriso ofuscante à sra. Weasley, abraçou-a e, p estanejando, lançou um olhar intenso a Harry. Gina pigarreou alto.

- Então, entrem, por favor! - convidou a sra. W easley animada, levando os hóspedes para dentro, depois de muitos "Não, por favor!" e "Prime iro os senhores!" e "De maneira alguma!".

Os Delacour, eles não tardaram a perceber, eram hóspedes prestativos e agradáveis. Mostravam-se satisfeitos com tudo e desejosos de aj udar nos preparativos do casamento. Monsieur Delacour considerou tudo, desde a distribu ição de lugares até os sapatos das damas de honra, "charmant!". Madame Delacour era muito ta lentosa com feitiços domésticos e

deixou o forno limpo em segundos; Gabrielle seguia a irmã mais velha pela casa, tentando ajudar no que pudesse, tagarelando em um francês muito rápido.

Embaixo, A Toca não fora construída para acomodar tanta gente. O casal Weasley agora estava dormindo na sala de visitas depois de calar os protestos de Monsieur e Madame Delacour e insistir que os dois ocupassem seu quarto. Gabrielle ia dormir com Fleur no antigo quarto de Percy, e Gui dividiria o quarto com Carlinhos, seu padrinho de casamento, quando ele chegasse da Romênia. As oportunidades de se reunirem para fazer planos praticamente deixaram de existir, e foi por desespero que Harry, Rony e Hermione passaram a se oferecer para dar comida às galinhas só para fugir da casa demasiado cheia.

- Nem assim ela vai nos deixar em paz! - reclamou Rony quando a segunda tentativa de se encontrarem no quintal foi frustrada pelo aparecimento da sra. Weasley, carregando um grande cesto de roupa lavada nos braços.

- Ah, ótimo, vocês já alimentaram as galinhas - disse ao se aproximar. - É melhor prendê-las outra vez no galinheiro antes que os homens chegem amanhã... para armar a tenda para o casamento - explicou, parando e se apoiando à parede da casa. Ela parecia exausta. - Tendas Mágicas Millamant... eles são muito bons. Gui vai acompanhá-los... é melhor você não sair de casa enquanto estiverem aqui, Harry. Devo confessar que complica bastante organizar um casamento, com tantos feitiços de segurança pela propriedade.

- Lamento muito - respondeu Harry com humildade.

- Ah, não seja tolo, querido! - exclamou a sra. Weasley imediatamente. - Não quis me referir... bem, a sua segurança é muito mais importante! Aliás, eu estava pensando em lhe perguntar como vai querer comemorar o seu aniversá

rio, Harry. Afinal, dezessete anos é uma
data importante...
- Não quero incomodar - disse Harry depressa, im
aginando a pressão adicional que isso
traria a todos. - Realmente, sra. Weasley, um janta
r normal seria ótimo... é a véspera do
casamento...
- Ah, bem, se você tem certeza, querido. Vou con
vidar Remo e Tonks, posso? E Hagrid?
- Seria ótimo. Mas, por favor, não se incomode d
emais.
- Não, não mesmo... não será incômodo...
A bruxa lhe lançou um olhar demorado e inquisiti
vo, depois sorriu com certa tristeza e, se
aprumando, afastou-se. Harry observou-a acenar a va
rinha quando se aproximou do varal,
fazendo as roupas úmidas se erguerem no ar para se
 pendurarem, e, de repente, foi invadido
por uma onda de remorso pela inconveniência e o pes
ar que estava lhe causando.

-- CAPÍTULO SETE --

O testamento de Dumbledor
e

Ele estava caminhando por uma estrada montanhosa,
à luz fria e azulada do alvorecer. Muito
abaixo, envolta em névoa, via-se a sombra de uma a
ldeia. O homem que ele procurava estaria
lá? O homem de quem ele precisava tanto que nem con
seguia pensar em muito mais, o homem
que guardava a resposta para o seu problema...
- Ei, acorde.
Harry abriu os olhos. Estava novamente no sótão
, deitado na cama de armar, no encardido
quarto de Rony. O sol ainda não nascera e o quarto
ainda estava escuro. Pichitinho dormia
com a cabeça sob sua asinha. A cicatriz na testa de
 Harry formigava.
- Você estava falando enquanto dormia.
- Estava?
- Hum-hum. Gregorovitch. Você ficou repetindo Gr
egorovitch.
Harry estava sem óculos; o rosto de Rony lhe par

ecia meio borrado.
- Quem é Gregorovitch?
- Não sei, sei? Você é que estava falando.
Harry esfregou a testa, pensando. Tinha uma vaga ideia de que ouvira o nome antes, mas não conseguia lembrar onde.
- Acho que Voldemort está procurando por ele.
- Coitado - comentou Rony com veemência.
Harry sentou-se, ainda esfregando a cicatriz, agora completamente acordado. Tentou se lembrar exatamente do que vira no sonho, mas tudo o que lhe veio à mente foi um horizonte montanhoso e os contornos de um lugarejo aninhado em um vale profundo.
- Acho que ele está no exterior.
- Quem, Gregorovitch?
- Voldemort. Acho que está em algum lugar no exterior. Não parecia a Inglaterra.
- Você acha que estava lendo a mente dele outra vez?
Rony pareceu preocupado.
- Faz um favor, não comenta com a Hermione - pediu Harry. - Não sei como é que ela espera que eu pare de ver coisas quando estou dormindo...
Ele ergueu os olhos para a gaiola de Pichitinho, pensando... por que lhe pareceu reconhecer o nome Gregorovitch?
- Acho - disse lentamente - que tem alguma coisa com quadribol. Há uma ligação, mas não consigo... não consigo saber qual é.
- Quadribol?! - exclamou Rony. - Será que você não está pensando em Gorgovitch?
- Quem?
- Dragomir Gorgovitch, o artilheiro, teve o passe comprado pelo Chudley Cannons há dois anos por um preço recorde. É também recordista do maior número de goles perdidas em uma só temporada.
- Não, decididamente não estou pensando em Gorgovitch.
- Eu também tento não pensar. Enfim, feliz anive

rsário!
- Uau... tem razão, tinha me esquecido! Fiz deze ssete anos!
Harry apanhou a varinha ao lado da cama de armar , apontou-a para a escrivaninha cheia onde deixara seus óculos e ordenou:
- Accio óculos! - Embora eles estivessem apenas trinta centímetros de distância, havia algo extremamente prazeroso em ver os óculos voando em s ua direção, pelo menos até lhe espetarem um olho.
- Legal! - Riu Rony.
Contente com a remoção do rastreador, Harry fez os pertences de Rony voarem pelo quarto e acordou Pichitinho, que bateu as asas alvoroçado na gaiola. Harry também experimentou amarrar os cordões do tênis usando magia (o nó resu ltante precisou de vários minutos para ser desfeito manualmente) e, por puro prazer, mudou as vestes cor de laranja para azul berrante nos pôsteres de Rony dos Chudley Cannons.
- Mas eu desabotoaria a braguilha com a mão - ac onselhou Rony rindo, fazendo com que Harry imediatamente a verificasse. - Tome o seu pre sente. Abra-o aqui, não é para minha mãe ver.
- Um livro? - admirou-se Harry, ao receber o emb rulho retangular. - Foge um pouco à tradição, não?
- Não é um livro comum - comentou Rony. - É ouro puro: Doze maneiras infalíveis de encantar bruxas. Explica tudo que você precisa sab er sobre garotas. Se eu ao menos o tivesse lido no ano passado, saberia exatamente como me liv rar de Lilá e como engrenar com a... bem, Fred e Jorge me deram um exemplar, e aprendi u m bocado. Você vai ficar surpreso, não trata só de feitiços com varinhas.
Quando chegaram à cozinha, encontraram uma pilha de presentes aguardando sobre a mesa. Gui e Monsieur Delacour estavam terminando o café d a manhã, e a sra. Weasley conversava

com eles enquanto cuidava da frigideira.
- Arthur me pediu para lhe desejar felicidades p
elo seu décimo sétimo aniversário, Harry -
disse a sra. Weasley abrindo um radiante sorriso.
- Precisou sair cedo para o trabalho, voltará
para o jantar. O presente de cima é o nosso.
Harry se sentou, apanhou o embrulho quadrado que
ela apontara e abriu-o. Dentro havia um
relógio de pulso muito parecido com o que a sra. W
easley e o marido tinham dado a Rony aos
dezessete anos: era de ouro e tinha estrelas girand
o no mostrador em vez de ponteiros.
- É tradição dar a um bruxo um relógio quando el
e atinge a maioridade - explicou ela,
observando-o ansiosamente do fogão. - Não é exatame
nte novo como o de Rony, pertenceu ao
meu irmão Fabiano, e ele não era muito cuidadoso c
om os seus pertences, tem um amassado na
parte de trás, mas...
O resto do discurso se perdeu; Harry se levantou
e abraçou-a. Tentou colocar muitas coisas
não ditas naquele abraço e ela talvez tenha entendi
do, porque afagou seu rosto, sem graça, e,
quando o garoto a largou acenou com a varinha meio
a esmo e fez meio pacote de bacon saltar
da frigideira para o chão.
- Feliz aniversário, Harry! - desejou Hermione,
entrando apressada na cozinha e
acrescentando o seu presente ao topo da pilha. - Nã
o é muita coisa, mas espero que goste. Que
foi que você deu a ele? - perguntou a Rony, que par
eceu não tê-la ouvido.
- Anda logo, abre o presente da Hermione! - diss
e Rony.
A garota comprara um novo bisbilhoscópio para Ha
rry. Os outros embrulhos continham um
barbeador encantado de Gui e Fleur ("Ah, sim, isse
vai lhe darr o barrbearr mais suave qu'
você já fez", assegurou-lhe Monsieur Delacour, "mas
você prrecisa dizerr exatamente o que
querr... de outre mode vai se verr com menos pelos
do que gostarria..."), bombons do casal

Delacour e uma enorme caixa com as últimas Gemialid
ades Weasley, de Fred e Jorge.
Harry, Rony e Hermione não se demoraram à mesa,
porque a chegada de Madame
Delacour, Fleur e Gabrielle deixou a cozinha muito
cheia e desconfortável.
- Eu guardo isso para você - disse Hermione ani
mada, tirando os presentes dos braços de
Harry enquanto os três voltavam para o andar de ci
ma. - Quase terminei, só estou esperando
suas calças acabarem de lavar, Rony...
A resposta engrolada de Rony foi interrompida pe
la abertura de uma porta no primeiro
andar.
- Harry, você pode vir aqui um instante?
Era Gina. Rony parou abruptamente, mas Hermione
agarrou-o pelo cotovelo e puxou-o
escada acima. Nervoso, Harry entrou com Gina no qua
rto.
Nunca estivera ali antes. Era pequeno, mas claro
.
Em uma parede, havia um grande pôster da banda
bruxa Esquisitonas e, na outra, uma foto
de Guga Jones, capitã do time de quadribol Harpias
de Holyhead. A escrivaninha ficava de
frente para a janela aberta, por onde se via o pom
ar onde ele e Gina tinham certa vez jogado
quadribol em duplas com Rony e Hermione, e que agor
a acolhia uma tenda branco-pérola. A
bandeira dourada no alto alcançava a janela de Gina
.
A garota ergueu o rosto para Harry, tomou fôlego
e disse:
- Feliz décimo sétimo!
- Ah... obrigado.
Ela continuou encarando-o com firmeza; ele, no
entanto, achou difícil sustentar aquele olhar;
era o mesmo que tentar fixar uma luz brilhante.
- Bonita vista - disse sem graça, apontando para
a janela.
Gina não passou recibo. Ele não podia culpá-la.
- Não consegui pensar no que lhe dar - começou.

- Você não tinha que me dar nada.
A garota ignorou isso também.
- Não sabia o que poderia ser útil. Nada muito grande, porque você não poderia levar na viagem.
Ele experimentou olhá-la. Gina não estava chorosa; essa era uma das suas qualidades: raramente chorava. Por vezes ocorria a Harry que o fato de ela ter seis irmãos a tornara forte.
A garota se aproximou dele mais um passo.
- Então, pensei que gostaria de lhe dar uma coisa que fizesse você se lembrar de mim, sabe, se encontrar uma veela dessas quando estiver fora, fazendo seja lá o que vai fazer.
- Acho que as oportunidades de sair com garotas vão ser mínimas nessa viagem, para ser sincero.
- Esse é o lado bom que estive procurando - sussurrou ela e, em seguida, beijou-o como nunca o beijara antes, e Harry retribuiu o beijo, e sentiu uma felicidade que o fez esquecer todo o resto, melhor do que qualquer uísque de fogo; ela era a única realidade no mundo, Gina, a sensação do seu corpo, uma das mãos em suas costas e a outra em seus cabelos perfumados...
A porta se escancarou contra a parede e os dois se separaram sobressaltados.
- Ah - disse Rony incisivamente. - Desculpem.
- Rony! - Hermione vinha logo atrás, ligeiramente ofegante. Fez-se um silêncio constrangido, quando Gina disse inexpressivamente:
- Bem, enfim, Harry, feliz aniversário.
As orelhas de Rony ficaram vermelho-vivo; Hermione parecia nervosa. Harry teve vontade de bater a porta na cara deles, mas era como se uma corrente fria de ar tivesse invadido o quarto e seu momento de glória espoucasse no ar como uma bolha de sabão. Todas as razões para terminar o namoro com Gina, para se distanciar dela, pareciam ter entrado no quarto com Rony, e seu êxtase de felicidade se esvaíra.

Ele olhou para Gina, querendo lhe dizer alguma c
oisa, sem saber muito o quê, mas ela lhe
virou as costas. Harry pensou que desta vez ela ir
ia sucumbir às lágrimas. E ele não poderia
fazer nada para consolá-la na frente de Rony.

- A gente se vê mais tarde - disse ele, e acompa
nhou os amigos que saíam do quarto.

Rony desceu pisando firme, passou pela cozinha c
heia e saiu para o quintal, Harry seguiu-o
de perto e Hermione, quase correndo, foi atrás dos
dois com ar assustado.

Quando chegaram ao isolamento do gramado recém-a
parado, Rony se voltou para Harry.

- Você deu o fora em Gina. Que está fazendo agor
a se metendo com ela?

- Não estou me metendo com ela - retorquiu Harry
no momento em que Hermione os
alcançava.

- Rony...

O garoto, porém, ergueu a mão pedindo que a amig
a se calasse.

- Ela ficou realmente arrasada quando você termi
nou...

- Eu também fiquei. Você sabe por que terminei,
e não foi porque quisesse.

- É, mas agora fica de beijos e abraços, renovan
do as esperanças da minha irmã...

- Ela não é idiota, sabe que não pode ser, não e
stá esperando que a gente... a gente acabe
casando nem...

Ao dizer isso, formou-se em sua mente uma imagem
vívida de Gina de vestido branco,
casando com um desconhecido repelente e sem feições
. E em um instante vertiginoso ele
pareceu entender: o futuro dela era livre e sem com
promissos, enquanto o dele... tinha apenas
Voldemort no horizonte.

- Se você não para de se atracar com a Gina semp
re que tem uma chance...

- Não vai acontecer outra vez - retrucou Harry c
om rispidez. O dia estava claro, mas ele
sentiu como se o sol tivesse desaparecido. - O.k.?

Rony fez uma cara entre ressentida e sem graça; balançou-se sobre os pés para a frente e para trás por um instante, então disse:

- Certo, então, bem, é... isso.

Gina não buscou outro encontro a sós com Harry o resto do dia, nem, por olhar ou gesto, demonstrou que tivessem tido mais do que uma conversa cordial em seu quarto. A chegada de Carlinhos foi um alívio para Harry. Divertiu-o observar a sra. Weasley forçar o filho a sentar em uma cadeira, erguer a varinha ameaçadoramente e anunciar que ia lhe fazer um corte de cabelos decente.

Como o aniversário de Harry teria feito a cozinha d'A Toca explodir de tanta gente, mesmo antes da chegada de Carlinhos, Lupin, Tonks e Hagrid, foram colocadas várias mesas ao comprido, no jardim. Fred e Jorge conjuraram algumas lanternas roxas, enfeitadas com um grande número 17 para pendurar no ar sobre as mesas. Graças aos cuidados da sra. Weasley, o ferimento de Jorge estava sarando, mas Harry ainda não se acostumara com o buraco escuro na cabeça do amigo, apesar das muitas piadas dos gêmeos sobre a mutilação.

Hermione fez irromperem da sua varinha serpentinas roxas e douradas e arrumou-as artisticamente sobre árvores e arbustos.

- Bonito - comentou Rony, quando a garota, com um floreio final da varinha, dourou as folhas da macieira-brava. - Você realmente tem gosto para esse tipo de coisa.

- Muito obrigada, Rony! - disse Hermione, parecendo ao mesmo tempo contente e um pouco envergonhada. Harry deu as costas aos dois, sorrindo para si mesmo. Ocorrera-lhe a ideia cômica de que encontraria um capítulo sobre elogios quando tivesse tempo de folhear o seu exemplar de Doze maneiras infalíveis de encantar bruxas; o seu olhar encontrou o de Gina e ele sorriu para a garota, antes de se lembrar da promessa que fizera a Rony e depressa

puxar conversa com Monsieur Delacour.
- Abram caminho, abram caminho! - cantarolou a s
ra. Weasley, passando pelo portão com
algo que lembrava um pomo de ouro do tamanho de uma
bola de piscina flutuando à sua frente.
Harry levou alguns segundos para entender que era o
seu bolo de aniversário, que a sra.
Weasley trazia suspenso com a varinha, para não se
arriscar carregá-lo pelo terreno
acidentado. Quando o bolo finalmente aterrissou no
meio da mesa, Harry elogiou:
- Fantástico, sra. Weasley!
- Ah, não é nada, querido - respondeu-lhe a brux
a carinhosamente. Por cima do ombro da
mãe, Rony ergueu o polegar para Harry e murmurou: "
Beleza."
Por volta das sete horas, todos os convidados ti
nham chegado e sido levados ao interior da
casa por Fred e Jorge, que os esperavam no fim da e
stradinha. Hagrid enfatiotou-se para a
ocasião com o seu melhor, mas medonho, terno peludo
marrom. Embora Lupin sorrisse ao
apertar sua mão, Harry achou-o com um ar bastante
infeliz. Era muito esquisito; ao seu lado,
Tonks parecia simplesmente radiante.
- Feliz aniversário, Harry - ela lhe desejou, ab
raçando-o com força.
- Dezessete anos, hein! - exclamou Hagrid aceita
ndo um copo de vinho do tamanho de um
balde das mãos de Fred. - Faz seis anos que nos con
hecemos, Harry, lembra?
- Vagamente - respondeu Harry, rindo para o ami
go. - Você não derrubou a porta de casa,
botou um rabo de porco em Duda e disse que eu era b
ruxo?
- Esqueci os detalhes - comentou Hagrid com uma
gargalhada. - Tudo bem, Rony,
Hermione?
- Estamos ótimos - respondeu Hermione. - E você,
como vai?
- Hum, nada mal. Andei ocupado, temos uns unicór
nios recém-nascidos, mostro a vocês

quando voltarem... - Harry evitou os olhares dos am
igos enquanto Hagrid procurava alguma
coisa no bolso. - Tome aqui... eu não sabia o que
comprar para você, então me lembrei disso.
- Ele puxou uma bolsinha ligeiramente felpuda com u
m longo cordão, evidentemente
concebida para usar ao pescoço. - Pele de briba. E
sconda alguma coisa aí e ninguém, exceto o
dono, pode tirar. São raras, essas.
- Hagrid, obrigado!
- Não é nada - disse Hagrid, com um aceno da mão
enorme como a tampa de uma lata de
lixo. - E lá está o Carlinhos! Sempre gostei dele..
. ei! Carlinhos!
O rapaz se aproximou, passando a mão, pesaroso,
pelo novo corte de cabelos brutalmente
curto. Ele era mais baixo do que Rony, mais atarrac
ado, e tinha inúmeras queimaduras e
arranhões nos braços musculosos.
- Oi, Hagrid, como vai a vida?
- Faz tempo que ando pensando em escrever pra vo
cê. Como vai o Norberto?
- Norberto? - Riu-se Carlinhos. - O dragão norue
guês de dorso cristado? Agora ele se
chama Norberta.
- Quê... Norberto é uma fêmea?
- Sim, senhor.
- Como é possível saber? - perguntou Hermione.
- São muito mais agressivos - respondeu Carlinh
os. Ele deu uma olhada por cima do ombro
e baixou a voz. - Gostaria que papai chegasse logo.
Mamãe está ficando impaciente.
Todos olharam para a sra. Weasley. Ela estava te
ntando conversar com Madame Delacour,
mas lançava olhares constantes para o portão.
- Acho que é melhor começarmos sem o Arthur - an
unciou para os convidados no jardim,
depois de alguns momentos. - Ele deve ter sido reti
do... ah!
Todos viram ao mesmo tempo: um rastro de luz co
rtou o jardim e parou sobre a mesa, onde
se transformou em uma doninha prateada que se ergu

eu nas patas traseiras e falou com a voz
do sr. Weasley:
- O ministro da Magia está vindo comigo.
O Patrono se dissolveu no ar, deixando a família de Fleur assombrada, olhando para o lugar
em que o bicho desaparecera.
- Nós não devíamos estar aqui - disse Lupin na
mesma hora. - Harry... lamento... explicarei
outra hora...
E, agarrando Tonks pelo pulso, levou-a embora; a
o chegarem à cerca, os dois a
transpuseram e desapareceram. A sra. Weasley demons
trava espanto.
- O ministro... mas por quê... Não estou entende
ndo...
Não houve, porém, tempo para discutirem o assunt
o; um segundo depois, o sr. Weasley
apareceu ao portão acompanhado por Rufo Scrimgeour, instantaneamente reconhecível pela
juba grisalha.
Os recém-chegados atravessaram o quintal e, com passos firmes, se dirigiram ao jardim e à
mesa iluminada pelas lanternas, onde todos aguardav
am em silêncio, observando sua
aproximação. Quando Scrimgeour entrou no perímetro
iluminado pelas lanternas, Harry
constatou que o ministro parecia muito mais velho d
o que da última vez que tinham se visto,
magro e carrancudo.
- Desculpem a intrusão - disse Scrimgeour, ao pa
rar diante da mesa. - Principalmente
porque posso ver que estou penetrando em uma festa
para a qual não fui convidado.
O seu olhar se demorou por um momento no gigante
sco pomo de ouro.
- Muitos anos de vida.
- Obrigado - disse Harry.
- Preciso dar uma palavrinha com você em particu
lar - continuou Scrimgeour. - E também
com o sr. Ronald Weasley e a srta. Hermione Granger
.
- Nós?! - exclamou Rony em tom surpreso. - Por q

ue nós?
- Explicarei quando estivermos em lugar mais re
servado. Há na casa um lugar assim? -
perguntou ao sr. Weasley.
- Naturalmente - disse o sr. Weasley, parecend
o nervoso. - A... a sala de visitas, pode usá-
la.
- Mostre-me onde é - disse Scrimgeour a Rony. -
Não haverá necessidade de nos
acompanhar, Arthur.
Harry viu o sr. Weasley trocar um olhar preocup
ado com a mulher, quando ele, Rony e
Hermione se levantaram. Enquanto se dirigiam à cas
a em silêncio, Harry sabia que os outros
dois estavam pensando o mesmo que ele: Scrimgeour d
evia, de algum modo, ter descoberto
que estavam planejando abandonar Hogwarts.
O ministro não falou quando passaram pela cozin
ha desarrumada e entraram na sala de
visitas d'A Toca. Embora o jardim estivesse ilumin
ado por uma luz noturna suave e dourada,
já estava escuro ali dentro: Harry apontou a varin
ha para os lampiões, ao entrar, e fez-se luz
na sala gasta mas aconchegante. Scrimgeour sentou-s
e na poltrona de molas frouxas que o sr.
Weasley normalmente ocupava, deixando que Harry, Ro
ny e Hermione se apertassem lado a
lado no sofá. Uma vez acomodados, o ministro falou:

- Tenho algumas perguntas a fazer aos três, mas
acho que será melhor fazê-las
separadamente. Se vocês dois - ele apontou para Har
ry e Hermione - puderem esperar lá em
cima, começarei pelo Ronald.
- Não vamos a lugar algum - disse Harry, secund
ado por um vigoroso aceno de cabeça de
Hermione. - O senhor pode falar com todos juntos ou
não falar com nenhum.
Scrimgeour lançou a Harry um frio olhar de ava
liação. O garoto teve a impressão de que o
ministro estava refletindo se valeria a pena inicia
r as hostilidades tão cedo.

- Muito bem, então, juntos - disse ele, sacudin
do os ombros. E pigarreou. - Estou aqui,
como bem sabem, por causa do testamento de Alvo Dum
bledore.
Harry, Rony e Hermione se entreolharam.
- Pelo visto é surpresa! Vocês não sabiam que D
umbledore tinha lhes deixado alguma
coisa?
- A... aos três? - perguntou Rony. - A mim e He
rmione também?
- A todos...
Harry, no entanto, interrompeu-o.
- Já faz mais de um mês que Dumbledore faleceu.
Por que demoraram tanto para nos
entregar o que ele nos deixou?
- Não é óbvio?! - exclamou Hermione, antes que
Scrimgeour pudesse responder. -
Queriam examinar seja lá o que ele tenha nos deixad
o. O senhor não tinha o direito de fazer
isso! - Sua voz tremia levemente.
- Tinha todo o direito - disse Scrimgeour sumar
iamente. - O Decreto sobre Confisco
Justificável dá ao ministro o poder de confiscar os
bens de um testamento...
- A lei foi criada para impedir os bruxos das
trevas de legarem seus objetos - retorquiu
Hermione -, e o Ministério precisa ter fortes prova
s de que os bens do falecido são ilegais
antes de apreendê-los! O senhor está nos dizendo qu
e julgou que Dumbledore estivesse
tentando nos passar objetos malditos?
- Srta. Granger, está pretendendo fazer carreir
a em Direito da Magia?
- Não, não estou - retrucou Hermione. - Tenho e
sperança de fazer algum bem no mundo!
Rony riu. Os olhos de Scrimgeour piscaram em su
a direção e tornaram a se desviar quando
Harry falou.
- Então, por que resolveu nos entregar o que nos
pertence agora? Não conseguiu pensar em
um pretexto para manter os objetos em seu poder?
- Não, deve ser porque os trinta e um dias venc

eram - respondeu Hermione imediatamente.
- O Ministério não pode reter objetos por prazo superior, a não ser que sejam comprovadamente perigosos. Certo?
- Você diria que era íntimo de Dumbledore, Ronald? - perguntou Scrimgeour, ignorando Hermione. Rony pareceu surpreso.
- Eu? Não... muito... era sempre Harry quem...
Rony olhou para os amigos e viu Hermione lhe dando aquele olhar "cale-já-a-boca!", mas o estrago já fora feito: Scrimgeour fez cara de quem acabara de ouvir exatamente o que tinha esperado e queria ouvir. Avançou na deixa de Rony como uma ave de rapina.
- Se você não era muito íntimo de Dumbledore, como explica que tenha se lembrado de você no testamento? Ele deixou excepcionalmente pouco a indivíduos. A maior parte dos seus bens... sua biblioteca particular, seus instrumentos mágicos e outros pertences... foram legados a Hogwarts. Por que acha que mereceu destaque?
- Eu... não sei - respondeu Rony. - Quando digo que não éramos íntimos... Quero dizer, acho que ele gostava de mim...
- Você está sendo modesto, Rony - interveio Hermione. - Dumbledore gostava muito de você.
Isto era exagerar a verdade quase ao ponto de ruptura; pelo que Harry sabia, Rony e Dumbledore nunca tinham estado a sós, e o contato direto entre diretor e aluno fora mínimo. Contudo, Scrimgeour não parecia estar escutando. Meteu a mão sob a capa e puxou uma bolsa de cordões muito maior do que a que Hagrid dera a Harry. Da bolsa, tirou um rolo de pergaminho, que abriu e leu em voz alta.
- "Últimas vontades de Alvo Percival Wulfrico Brian Dumbledore...", sim, aqui está, "a Ronald Weasley, deixo o meu desiluminador, na esperança de que se lembre de mim quando usá-lo."
Scrimgeour tirou da bolsa um objeto que Harry já

vira: parecia um isqueiro de prata, mas
tinha, sabia ele, o poder de extinguir toda a luz
de um lugar e restaurá-la com um simples
clique. Scrimgeour se inclinou para a frente e pass
ou o desiluminador a Rony, que o recebeu e
examinou entre os dedos com ar de perplexidade.

- Isto é um objeto valioso - comentou Scrimgeour
, observando Rony. - Talvez seja único
no mundo. Com certeza foi projetado pelo próprio Du
mbledore. Por que ele teria lhe legado
algo tão raro?

Rony sacudiu a cabeça, aturdido.

- Dumbledore deve ter tido milhares de alunos -
insistiu Scrimgeour. - Contudo, os únicos
de que se lembrou em seu testamento foram vocês tr
ês. Por que será? Que uso ele terá pensado
que o senhor daria a esse desiluminador, sr. Weasle
y?

- Apagar luzes, suponho - murmurou Rony. - Que m
ais eu poderia fazer com ele?

Evidentemente Scrimgeour não teve outras sugestõ
es a dar. Depois de observar Rony com
os olhos semicerrados por um momento, voltou sua at
ção para o testamento de Dumbledore.

- "Para a sra. Hermione Granger, deixo o meu exe
mplar de Os contos de Beedle, o bardo,
na esperança de que ela o ache divertido e instruti
vo."

Scrimgeour apanhou, então, na bolsa um livrinho
que parecia tão antigo quanto o Segredos
das artes mais tenebrosas. A encadernação estava ma
nchada e descascando em alguns pontos.
Hermione recebeu-o do ministro em silêncio. Segurou
o livro no colo e contemplou-o. Harry
viu que o título estava escrito em runas; nunca tin
ha aprendido a lê-las. Enquanto ele
observava, uma lágrima caiu sobre os símbolos grava
dos em relevo.

- Por que acha que Dumbledore lhe deixou esse li
vro, srta. Granger? - perguntou
Scrimgeour.

- Ele... ele sabia que eu gostava de ler - respo

ndeu a garota com a voz empastada,
enxugando os olhos nas mangas da roupa.
- Mas por que esse livro em especial?
- Não sei. Deve ter pensado que eu gostaria de l ê-lo.
- Alguma vez discutiu códigos ou outros meios de transmitir mensagens secretas com
Dumbledore?
- Não, nunca - disse Hermione, ainda enxugando a s lágrimas na manga. - E se o Ministério
não encontrou nenhum código secreto nesse livro em trinta e um dias, duvido que eu vá
encontrar.
A garota engoliu um soluço. Os três estavam sent ados tão espremidos que Rony teve
dificuldade em puxar o braço e passá-lo pelos ombro s de Hermione. Scrimgeour tornou a
consultar o testamento.
- "A Harry Potter" - leu ele, e as entranhas do garoto se contraíram com repentina
excitação - "deixo o pomo de ouro que ele capturou em seu primeiro jogo de quadribol em
Hogwarts, para lembrar-lhe as recompensas da persev erança e da competência."
Quando Scrimgeour tirou a bolinha de ouro do tam anho de uma noz, suas asas de prata
esvoaçaram levemente e Harry não pôde deixar de sen tir um definitivo anticlímax.
- Por que Dumbledore lhe deixou este pomo? - per guntou Scrimgeour.
- Não faço a menor ideia - respondeu Harry. - Pe las razões que o senhor acabou de ler,
suponho... para me lembrar o que se pode obter quan do se... persevera e o que mais seja.
- Então você acha que é apenas uma lembrança sim bólica?
- Suponho que sim. Que mais poderia ser?
- Sou eu quem faz as perguntas - disse Scrimgeo ur, puxando sua cadeira para mais perto do
sofá. A noite caía lá fora; a tenda vista da janela se elevava fantasmagoricamente branca
acima da cerca.

- Reparei que o seu bolo de aniversário tem a forma de um pomo de ouro - disse o ministro. - Por quê?

Hermione riu ironicamente.

- Ah, não pode ser uma alusão ao fato de Harry ser um grande apanhador, isso seria óbvio demais. Deve haver uma mensagem secreta de Dumbledore escondida no glacê!

- Não acho que haja nada escondido no glacê - retrucou Scrimgeour -, mas um pomo seria um esconderijo muito bom para um pequeno objeto. A senhorita certamente sabe por quê.

Harry sacudiu os ombros. Hermione, no entanto, respondeu ao ministro: ocorreu-lhe que responder às perguntas com acerto era um hábito tão arraigado que a amiga não conseguia controlar o impulso.

- Porque os pomos guardam na memória o toque humano.

- Quê?! - exclamaram Harry e Rony juntos; os dois consideravam os conhecimentos de Hermione em quadribol insignificantes.

- Correto - disse o ministro. - Um pomo não é tocado pela pele humana nua antes de ser liberado, nem mesmo por seu fabricante, que usa luvas. Ele carrega um encantamento mediante o qual é capaz de identificar o primeiro ser humano que o segurou, no caso de uma captura disputada, por exemplo. Este pomo - acrescentou ele erguendo a minúscula bola - se lembrará do seu toque, Potter. Ocorre-me que Dumbledore, que possuía uma prodigiosa competência em magia, apesar dos defeitos que porventura tivesse, talvez tenha enfeitiçado o pomo para que só se abra ao seu toque.

O coração de Harry batia com mais força. Tinha certeza de que Scrimgeour acertara. Como poderia evitar receber o pomo com as mãos nuas diante do ministro?

- Você não responde. Talvez já saiba o que o pomo contém, não?

- Não - respondeu Harry, ainda pensando como pod

eria fingir que tocava o pomo sem
realmente fazer isso. Se ele ao menos soubesse Leg
ilimência, soubesse de fato, e pudesse ler a
mente de Hermione: praticamente dava para ouvir as
 engrenagens do cérebro dela trabalhando
ao seu lado.

- Pegue - disse Scrimgeour calmamente.

Harry encarou os olhos amarelos do ministro e en
tendeu que não lhe restava opção senão
obedecer. Estendeu a mão e Scrimgeour tornou a se i
nclinar para a frente e depositou o pomo
na palma de sua mão lenta e deliberadamente.

Nada aconteceu. Quando os dedos de Harry se fech
aram em torno do pomo, suas asinhas
cansadas esvoaçaram e se imobilizaram. Scrimgeour,
Rony e Hermione continuaram a olhar
ansiosos para a bola, agora parcialmente oculta, co
mo se esperassem que pudesse sofrer
alguma transformação.

- Essa foi dramática - comentou Harry descontraí
do. Rony e Hermione riram juntos.

- Então terminamos, não? - perguntou Hermione, t
entando se erguer do sofá apertado.

- Ainda não - respondeu Scrimgeour, que agora pa
recia mal-humorado. - Dumbledore lhe
deixou outra herança, Potter.

- Qual? - perguntou ele, sua agitação se renovan
do. Desta vez Scrimgeour não se deu ao
trabalho de ler o testamento.

- A espada de Godric Gryffindor.

Hermione e Rony enrijeceram. Harry olhou para os
 lados, procurando um sinal da bainha
incrustada de rubis, mas Scrimgeour não a tirou da
 bolsa de couro que, de todo modo, parecia
pequena demais para contê-la.

- Então, onde está? - tornou Harry desconfiado.

- Infelizmente - disse Scrimgeour -, aquela espa
da não pertencia a Dumbledore para que
dispusesse dela. A espada de Godric Gryffindor é u
ma importante peça histórica, e como tal
pertence...

- Pertence a Harry! - completou Hermione exaltad

a. - A espada o escolheu, foi ele quem a encontrou, saiu do Chapéu Seletor para as mãos dele ...

- De acordo com fontes históricas confiáveis, a espada pode se apresentar a qualquer aluno da Grifinória que a mereça - retrucou Scrimgeour. - Isto não a torna propriedade exclusiva do sr. Potter, seja o que for que Dumbledore tenha decidido. - O ministro coçou o queixo mal barbeado, estudando Harry. - Por que acha...?

- Que Dumbledore quis me dar a espada? - respondeu Harry se esforçando para não explodir. - Talvez tenha achado que ficaria bonita na minha parede.

- Isto não é brincadeira, Potter! - vociferou Scrimgeour. - Teria sido porque Dumbledore acreditava que somente a espada de Godric Gryffindor poderia derrotar o herdeiro de Slytherin? Quis lhe dar aquela espada, Potter, porque acreditava, como tantos, que você está destinado a destruir Ele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado?

- Uma teoria interessante. Alguém já tentou transpassar Voldemort com uma espada? O Ministério talvez devesse encarregar alguém disso, em vez de perder tempo desmontando desiluminadores ou abafando fugas em massa de Azkaban. Então, é isso que o senhor está fazendo, ministro, se trancando em seu gabinete para tentar abrir um pomo? As pessoas estão morrendo, eu quase fui uma delas, Voldemort atravessou três condados me perseguindo, matou Olho-Tonto, mas o Ministério não disse uma palavra sobre a perda, disse? E ainda espera que cooperemos com o senhor!

- Você está indo longe demais! - gritou Scrimgeour, levantando-se; Harry pôs-se de pé também. O ministro se encaminhou para Harry, mancando, e lhe deu uma forte estocada no peito com a varinha: o golpe abriu um buraco como o de uma brasa de cigarro na camiseta do garoto.

- Ei! - exclamou Rony, erguendo-se de um salto

e empunhando a varinha, mas Harry disse:
- Não! Você quer dar a ele uma desculpa para nos prender?
- Lembrou-se de que não está na escola, não é? - perguntou Scrimgeour, bufando no rosto de Harry. - Lembrou-se de que não sou Dumbledore, que perdoava a sua insolência e insubordinação? Você pode usar essa cicatriz como uma coroa, mas não cabe a um garoto de dezessete anos me dizer como dirigir o Ministério! Já é hora de você aprender a ter respeito.
- E do senhor aprender a merecê-lo.
Ouviu-se um tropel de passos, em seguida a porta da sala de visitas se abriu de repente e o sr. e a sra. Weasley entraram correndo.
- Nós... nós pensamos ter ouvido... - começou o sr. Weasley, absolutamente assustado ao ver Harry e o ministro virtualmente se enfrentando.

- ... vozes alteradas - ofegou a sra. Weasley.
Scrimgeour se afastou uns dois passos de Harry, olhando para o buraco que abrira na camiseta do garoto. Pareceu se arrepender de ter perdido a cabeça.
- Não... não foi nada - rosnou o ministro. - Lamento... sua atitude - disse, encarando Harry mais uma vez. - Pelo visto, você pensa que o Ministério não deseja o mesmo que você, o que Dumbledore desejava. Devíamos estar trabalhando juntos.
- Não gosto dos seus métodos, ministro. Está lembrado?
Pela segunda vez, ele ergueu o pulso direito e mostrou a Scrimgeour as cicatrizes lívidas no dorso de sua mão, em que se liam Não devo contar mentiras. A expressão de Scrimgeour endureceu. Virou-se sem dizer mais nada e saiu mancando da sala. A sra. Weasley apressou-se em acompanhá-lo; Harry ouviu-a parar à porta dos fundos. Passado pouco mais de um minuto, ela falou da cozinha:
- Ele foi embora!

- E o que ele queria? - perguntou o sr. Weasley, olhando para Harry, Rony e Hermione, no momento em que a sra. Weasley voltava a se reunir a eles.

- Entregar o que Dumbledore nos deixou - disse Harry. - Acabaram de liberar o conteúdo do testamento.

Lá no jardim, os três objetos que Scrimgeour dera aos garotos passaram pelas mesas de mão em mão. Todos admiraram o desiluminador e Os contos de Beedle, o bardo, e lamentaram que Scrimgeour tivesse se recusado a entregar a espada, mas ninguém foi capaz de sugerir o motivo por que Dumbledore teria legado a Harry um velho pomo. Quando o sr. Weasley examinava o desiluminador pela terceira ou quarta vez, sua mulher arriscou um palpite:

- Harry, querido, estamos mortos de fome, não quisemos começar sem você... posso servir o jantar agora?

Todos comeram rapidamente e, ao terminarem de cantar um "parabéns para você" igualmente rápido e devorar o bolo, a festa foi encerrada. Hagrid, que tinha sido convidado para o casamento no dia seguinte, mas era grande demais para dormir n'A Toca superlotada, saiu para armar sua barraca em um campo vizinho.

- Encontre a gente lá em cima - sussurrou Harry para Hermione, enquanto ajudava a sra. Weasley a devolver o jardim à normalidade. - Depois que o pessoal for se deitar.

No quarto do sótão, Rony examinou seu desiluminador e Harry encheu a bolsa de briba que Hagrid lhe dera, não com ouro mas com os seus objetos mais preciosos, embora alguns aparentemente não valessem nada: o Mapa do Maroto, o caco do espelho de Sirius e o medalhão de R.A.B. Ele fechou bem os cordões e pendeu a bolsa ao pescoço, depois sentou, segurando o velho pomo e observando suas asinhas esvoaçarem debilmente. Finalmente,

Hermione bateu à porta e entrou nas pontas dos pés.

- Abaffiato - sussurrou, acenando a varinha em d ireção à escada.
- Pensei que você não aprovasse esse feitiço - i mplicou Rony.
- Os tempos mudam - respondeu Hermione. - Agora mostre-nos aquele desiluminador.
Rony atendeu o seu pedido na mesma hora. Erguend o-o à frente, clicou o objeto. A única luz que brilhava no quarto se apagou imediatamente.
- A questão é - cochichou Hermione no escuro -, poderíamos ter obtido o mesmo efeito com aquele Pó Escurecedor Instantâneo do Peru.
Ouviu-se um leve estalo, e a chama da luz do ca ndeeiro voou de volta ao teto e iluminou-os.
- Mesmo assim é legal - disse Rony na defensiva. - E, pelo que dizem, foi o próprio Dumbledore que o inventou!
- Eu sei, mas com certeza ele não teria menciona do você no testamento só para nos ajudar a apagar as luzes!
- Você acha que ele sabia que o Ministério conf iscaria o testamento e examinaria tudo que nos deixou? - perguntou Harry.
- Sem a menor dúvida - respondeu Hermione. - Não podia nos dizer no testamento por que estava nos deixando essas coisas, ainda assim isso não explica...
- ... por que não poderia ter nos dado uma dica quando estava vivo? - indagou Rony.
- Exatamente - concordou Hermione, agora folhean do Os contos de Beedle, o bardo. - Se esses objetos são suficientemente importantes para legá-los a nós bem debaixo do nariz do Ministério, seria de esperar que desse um jeito de nos informar o porquê... a não ser que achasse que era óbvio.
- Ele enganou-se, então, não foi? - disse Rony. - Eu sempre disse que ele era doido. Um gênio e tudo o mais, mas pirado. Deixar ao Harry u m pomo velho... afinal o que é que é isso?

- Não faço ideia - disse Hermione. - Quando Scrimgeour fez você segurá-lo, Harry, estava certa de que alguma coisa ia acontecer!

- É, bem - disse Harry, seus batimentos se acelerando ao erguer o pomo entre os dedos. - Eu não ia me esforçar muito na frente de Scrimgeour, não é?

- Como assim? - perguntou Hermione.

- O pomo que eu capturei na primeira partida que joguei na vida? - disse Harry. - Você não lembra?

Hermione pareceu simplesmente aturdida. Rony, no entanto, soltou uma exclamação, apontando freneticamente de Harry para o pomo e de volta até recuperar a voz.

- Foi esse que você quase engoliu!

- Exatamente - disse Harry, e, com o coração disparado, encostou a boca no pomo.

O pequeno globo alado não se abriu. A frustração e o desapontamento o invadiram: ele baixou o pomo de ouro. Então, foi a vez de Hermione gritar:

- Letras! Tem uma coisa escrita nele, depressa, olhe!

Harry quase deixou cair o pomo, de surpresa e agitação. A amiga tinha razão. Gravadas na lisa superfície dourada, onde, apenas segundos antes, não existia nada, agora se viam três palavras, na caligrafia fina e inclinada que o garoto reconheceu ser a de Dumbledore:

Abro no fecho.

Mal acabara de ler, as palavras tornaram a desaparecer.

- Abro no fecho... Que será que isso significa?

Hermione e Rony balançaram a cabeça, perplexos.

- Abro no fecho... no fecho... Abro no fecho...

Contudo, por mais que repetissem as palavras, com diferentes inflexões, não foram capazes de extrair delas qualquer outro significado.

- E a espada - disse Rony, por fim, quando já tinham abandonado as tentativas de adivinhar o significado da inscrição no pomo. - Por que ele q

uis dar a espada ao Harry?
- E por que não pôde simplesmente me dizer? - c
omentou Harry, baixinho. - Estava lá, na
parede do gabinete, bem à vista durante todas as no
ssas conversas no ano passado! Se queria
deixá-la para mim, por que não me entregou a espada
pessoalmente?
Ele teve a sensação de estar sentado, fazendo u
ma prova, diante de uma pergunta que seu
cérebro lerdo e insensível devia ser capaz de respo
nder. Havia alguma coisa que não
entendera nas longas conversas com Dumbledore no an
o anterior? Será que devia saber o que
tudo aquilo significava? Dumbledore tinha esperado
que ele entendesse?
- E quanto ao livro - disse Hermione - Os contos
de Beedle, o bardo... eu nunca ouvi falar
deles!
- Você nunca ouviu falar de Os contos de Beedle
, o bardo? - perguntou Rony incrédulo. -
Você está brincando, certo?
- Não, não estou! - respondeu Hermione surpresa.
- Então, você os conhece?
- Claro que sim!
Harry ergueu os olhos se divertindo. Rony ter l
ido um livro que Hermione não conhecia era
um fato sem precedentes. Rony, no entanto, parecia
espantado com a surpresa dos amigos.
- Ah, gente, que é isso! Todas as histórias trad
icionais para crianças são supostamente de
Beedle, não? A fonte da sorte... O bruxo e o calde
irão saltitante... Babbitty, a coelha, e o
toco que cacarejava...
- Perdão! - disse Hermione rindo. - Como é mesmo
essa última?
- Ah, qual é! - exclamou Rony, olhando para os d
ois sem acreditar. - Vocês devem ter
ouvido falar em Babbitty, a coelha...
- Rony, você sabe muito bem que Harry e eu fomos
criados por trouxas! - lembrou
Hermione. - Não ouvimos essas histórias quando éram
os pequenos, ouvimos Branca de neve

e os sete anões e Cinderela...
- Que é isso, uma doença? - perguntou Rony.
- Então são histórias para crianças? - perguntou Hermione, reexaminando as runas.
- É - respondeu Rony, inseguro -, quero dizer, é o que contavam para a gente, entende, e todas essas histórias antigas são do Beedle. Não sei como são na versão original.
- Mas por que Dumbledore achou que eu deveria lê-las?
Alguma coisa rangeu abaixo do sótão.
- Provavelmente é o Carlinhos. Agora que mamãe foi dormir, deve estar saindo escondido para fazer os cabelos crescerem - disse Rony nervoso.
- Mesmo que seja, devíamos voltar para a cama - sussurrou Hermione. - Não vai pegar bem a gente perder a hora amanhã.
- Não mesmo - concordou Rony. - A mãe do noivo cometer um homicídio triplo e brutal pode estragar o casamento. Vou acender as luzes.
E ele clicou o desiluminador mais uma vez enquanto Hermione ia saindo do quarto.

-- CAPÍTULO OITO --
O casamento

Às três horas da tarde do dia seguinte, Harry, Rony, Fred e Jorge estavam parados diante da grande tenda branca no pomar, aguardando a chegada dos convidados para o casamento. Harry tomara uma boa dose de Poção Polissuco e virara o duplo de um trouxa ruivo, morador da aldeia local, Ottery St. Catchpole, de quem Fred roubara alguns fios de cabelo usando um Feitiço Convocatório. O plano era apresentar Harry como o "primo Barny" e confiar que o grande número de parentes dos Weasley o camuflasse.

Os quatro estavam segurando mapas da disposição das cadeiras para poder levar os convidados aos seus lugares. Uma legião de garçons vestidos de branco chegara uma hora antes, ao mesmo tempo que uma banda de paletós dour

ados. No momento, todos esses bruxos
estavam sentados a uma pequena distância sob uma ár
vore; Harry viu uma nuvem azulada de
fumaça de cachimbos se elevando do local.

Atrás do garoto, a entrada da tenda revelava fi
las e mais filas de frágeis cadeiras douradas
dispostas nas laterais de um longo tapete roxo. Os
postes de sustentação estavam enfeitados
com guirlandas de flores brancas e douradas. Fred e
 Jorge tinham prendido um enorme buquê
de balões dourados sobre o ponto exato em que Gui e
 Fleur em breve se tornariam marido e
mulher. Fora da tenda, abelhas e borboletas pairava
m preguiçosamente sobre a grama e a
sebe. Harry se sentia bastante desconfortável. O g
aroto trouxa cuja aparência ele assumira era
ligeiramente mais gordo, e suas próprias vestes a r
igor estavam quentes e apertadas à
claridade ofuscante do dia de verão.

- Quando eu me casar - disse Fred, repuxando a g
ola de suas vestes -, não vou me
preocupar com nenhuma dessas bobagens. Vocês todos
podem vestir o que quiserem, e
lançarei um Feitiço do Corpo Preso na mamãe até ter
minar a cerimônia.

- Ela não esteve tão ruim assim hoje de manhã -
comentou Jorge. - Chorou um pouco
porque Percy não veio, mas quem queria a presença
dele? Ah, caramba, se preparem... aí vêm
eles, olhem.

Vultos muito coloridos vinham surgindo do ar, um
 a um, na distante divisa do quintal. Em
minutos formou-se uma procissão, que começou a serp
ear pelo jardim em direção à tenda.
Flores exóticas e pássaros enfeitiçados esvoaçavam
nos chapéus das bruxas, e pedras
preciosas cintilavam nas gravatas de muitos bruxos;
 o murmúrio das conversas animadas foi
crescendo cada vez mais, abafando o zumbido das abe
lhas à medida que a multidão se
aproximava da tenda.

- Excelente, acho que estou avistando algumas p

rimas veelas - disse Jorge, espichando o
pescoço para ver melhor. - Elas vão precisar de aju
da para entender os nossos costumes
ingleses, podem deixar que eu cuido delas.
- Calma aí, seu mal-amado - disse Fred, passando
como uma flecha pelo bando de bruxas
de meia-idade que vinham à frente da procissão. -
Por aqui, permettez-moi de assister vous -
ofereceu-se ele a duas belas francesinhas, que acei
taram entre risadinhas, que ele as
conduzisse à tenda. A Jorge, couberam as bruxas de
meia-idade, Rony se encarregou de um
velho colega do sr. Weasley no Ministério, Perkins,
e, para Harry, sobrou um casal um tanto
surdo.
- E aí, beleza? - disse uma voz conhecida quando
Harry tornou a emergir da tenda e
deparou com Tonks e Lupin à frente da fila. Ela vir
ara loura para a ocasião. - Arthur disse
que você era o de cabelos crespos. Desculpe pela n
oite passada - acrescentou a bruxa em um
sussurro, enquanto o garoto os conduzia pelo corred
or central da tenda. - No momento, o
Ministério está se mostrando muito antilobisomem, e
achamos que a nossa presença poderia
prejudicar você.
- Tudo bem, eu entendo - respondeu Harry mais pa
ra Lupin do que para Tonks. O bruxo
sorriu brevemente, mas, assim que os dois viraram a
s costas, o garoto percebeu que o rosto do
ex-professor retomou as rugas de infelicidade. Ele
não estava entendendo, mas não tinha
tempo para aprofundar o assunto. Hagrid estava caus
ando um certo tumulto. Tendo entendido
mal a orientação que Fred lhe dera, acomodou-se, nã
o na cadeira magicamente aumentada e
reforçada que lhe prepararam na última fila, mas em
cinco cadeiras que agora pareciam uma
montanha de palitos dourados.
Enquanto o sr. Weasley reparava o dano e Hagrid
gritava suas desculpas para quantos
quisessem ouvi-lo, Harry voltou rapidamente à entra

da e encontrou Rony diante de um bruxo excepcionalmente excêntrico. Um tanto vesgo, cabelos brancos que lembravam a textura do algodão-doce e lhe desciam pelos ombros, ele usava um barrete cuja borla balançava diante do seu nariz e era cor de gema de ovo tão berrante que fazia doer os olhos. Um símbolo estranho, em forma de um olho triangular, brilhava em uma corrente de ouro pendurada ao seu pescoço.

- Xenofílio Lovegood - apresentou-se, estendendo a mão a Harry. - Minha filha e eu moramos ali atrás do morro, foi muita gentileza dos Weasley nos convidarem. Mas acho que conhece a minha Luna, não? - acrescentou para Rony.

- Conheço. Ela não veio com o senhor?

- Luna parou um instante naquele jardinzinho encantador para dizer alô aos gnomos, que gloriosa infestação! São muito poucos os bruxos que entendem o quanto podemos aprender com esses pequenos gnomos sábios, ou, para chamá-los pelo seu nome correto, os Gernumbli gardensi.

- Os nossos sabem realmente um tesouro de palavrões - acrescentou Rony -, mas acho que aprenderam com Fred e Jorge.

Dito isso, saiu para levar um grupo de bruxos à tenda no momento em que Luna os alcançava.

- Alô, Harry! - cumprimentou-o a garota.

- Ãh... meu nome é Barny - respondeu ele, surpreso.

- Ah, você trocou o nome também? - replicou Luna animada.

- Como soube...?

- Ah, a sua expressão.

Tal como o pai, a garota estava usando vestes amarelas berrantes, que complementara com um grande girassol nos cabelos. Uma vez que os olhos se acostumassem com o excesso de cor, o efeito geral era bem agradável. Pelo menos desta

vez não trazia rabanetes pendurados nas orelhas.

Xenofílio, que estava absorto a conversar com um conhecido, perdera o diálogo entre Luna e Harry. Despedindo-se do bruxo, virou-se para a filha, que, erguendo o dedo, disse:

- Papai, olhe... um dos gnomos me mordeu!

- Que maravilha! A saliva de gnomo é extremamente benéfica! - comentou o sr. Lovegood, segurando o dedo que a filha lhe estendia e examinando os furinhos ensanguentados. - Luna, meu amor, se hoje você sentir um novo talento despontar, talvez uma inesperada vontade de cantar ópera ou de declamar em serêiaco, não se reprima! Talvez tenha recebido uma dádiva dos Gernumblies!

Rony que cruzava por eles, desdenhou com uma risadinha.

- Rony, pode rir - comentou Luna serenamente, enquanto Harry conduzia ela e o sr. Lovegood aos seus lugares -, mas meu pai fez muitas pesquisas sobre a magia Gernumbli.

- Sério?! - exclamou Harry, que há muito tempo resolvera parar de questionar as excêntricas opiniões de Luna e seu pai. - Mas tem certeza que não quer pôr alguma coisa nessa mordida?

- Ah, não se preocupe - disse Luna, chupando o dedo, distraidamente, e medindo Harry de alto a baixo. - Você está elegante. Eu disse a papai que a maioria das pessoas provavelmente usaria vestes a rigor, mas ele acredita que se deve usar cores solares em um casamento, para dar sorte, entende.

Quando ela se afastou para acompanhar o pai, Rony reapareceu com uma bruxa idosa agarrada ao seu braço. Seu nariz curvo, os olhos de contornos vermelhos, e o chapéu rosa enfeitado com penas lhe davam a aparência de um flamingo mal-humorado.

- ... e os seus cabelos estão compridos demais, por um momento cheguei a pensar que você

era a Ginevra. Pelas barbas de Merlim, que é que o Xenofílio está vestindo? Parece uma omelete. E quem é você? - perguntou rispidamente a Harry.

- Ah, sim, tia Muriel, esse é o nosso primo Barny.

- Mais um Weasley? Vocês se reproduzem como gnomos. E Harry Potter não está aqui? Eu tinha esperança de conhecê-lo. Pensei que fosse seu amigo, Ronald, ou você andou apenas se gabando?

- Não... ele não pôde vir...

- Humm. Deu uma desculpa, foi? Então, não é tão retardado quanto aparenta ser nas fotos da imprensa. Estive ensinando a noiva como é melhor usar a minha tiara - gritou para Harry. - Artesanato dos duendes, sabe, está na minha família há séculos. Ela é uma moça bonita, mas... francesa. Bem, bem, me arranje um bom lugar, Ronald, tenho cento e sete anos e não devo ficar em pé muito tempo.

Ao passar por Harry, Rony lançou-lhe um olhar significativo e não reapareceu por algum tempo; quando tornaram a se encontrar na entrada, Harry tinha levado mais de dez pessoas aos seus lugares. A tenda estava quase cheia agora e, pela primeira vez, não havia fila do lado de fora.

- Um pesadelo, essa Muriel! - exclamou Rony, enxugando a testa com a manga da roupa. - Costumava vir todo ano passar o Natal conosco, então, graças a Deus, se ofendeu porque Fred e Jorge estouraram uma bomba de bosta embaixo da cadeira dela na hora da ceia. Papai sempre comenta que ela deve ter riscado os dois do testamento, como se eles se importassem; nesse ritmo, eles vão acabar sendo os mais ricos da família... uau - acrescentou, pestanejando rapidamente quando viu Hermione vindo apressada ao encontro dos dois. - Que máximo!

- Sempre o tom de surpresa - respondeu Hermione, embora sorrisse. Usava um esvoaçante

vestido lilás com sapatos altos da mesma cor; seus cabelos estavam lisos e sedosos. - Sua tia-avó Muriel não concorda, acabei de encontrá-la lá em cima entregando a tiara a Fleur: "Ai, não, essa é a menina que nasceu trouxa?", e em seguida "má postura e tornozelos finos demais".

- Não se ofenda, ela é grosseira com todo o mundo - disse Rony.

- Falando de Muriel? - perguntou Jorge, emergindo da tenda com Fred. - É, ela acabou de dizer que as minhas orelhas estão desiguais. Morcega velha. Mas eu gostaria que o tio Abílio ainda fosse vivo; ele era gargalhada certa em casamentos.

- Não foi ele que viu um Sinistro e morreu vinte e quatro horas depois? - perguntou Hermione.

- Bem, foi, ele ficou meio esquisito mais para o fim da vida - admitiu Jorge.

- Mas, antes de ficar caduco, ele era a alma das festas - comentou Fred. - Costumava beber uma garrafa inteira de uísque de fogo, depois ia para o meio do salão de dança, levantava as vestes e começava a tirar buquês de flores do...

- É, era realmente encantador - interrompeu-o Hermione, enquanto Harry se acabava de rir.

- Jamais casou, não sei por quê - disse Rony.

- Você me espanta - replicou Hermione.

Estavam rindo tanto que nenhum deles notou um convidado atrasado, um rapaz de cabelos escuros com um narigão curvo e grossas sobrancelhas negras, até ele apresentar o convite a Rony e dizer, com os olhos em Hermione:

- Você está marravilhosa!

- Vítor! - exclamou ela, deixando cair a bolsinha de contas, que produziu um baque desproporcional ao tamanho. Ao se abaixar, corando, para recuperá-la, disse: - Eu não sabia que você foi... nossa... que prazer ver... como vai?

As orelhas de Rony tinham mais uma vez ficado mu

ito vermelhas. Examinando o convite de
Krum como se não acreditasse em uma palavra do que
via escrito, falou, um pouco alto
demais:

- Por que está aqui?

- Fleur me convidou - respondeu Krum, erguendo a
s sobrancelhas.

Harry, que não tinha nada contra o búlgaro, aper
tou a mão do rapaz; depois, sentindo que
seria prudente retirá-lo das imediações de Rony, o
fereceu-se para lhe mostrar onde sentar.

- O seu amigo não ficou satisfeito em me verr -
comentou Krum, entrando na tenda agora
inteiramente lotada. - Ou ele é seu parrente? - acr
escentou, reparando nos cabelos ruivos e
crespos de Harry.

- Primo - murmurou, mas Krum parara de escutar.
Sua aparição estava causando certo
rebuliço, particularmente entre as primas veelas: a
final, era um famoso jogador de quadribol.
Enquanto as pessoas ainda se esticavam para dar uma
 boa olhada nele, Rony, Hermione, Fred
e Jorge vieram, apressados, pelo corredor central.

- Hora de sentar - disse Fred a Harry - ou vamos
 ser atropelados pela noiva.

Harry, Rony e Hermione sentaram-se na segunda fi
la atrás de Fred e Jorge. A garota ainda
estava muito rosada, e as orelhas de Rony continua
vam escarlates. Passados alguns instantes,
ele resmungou para Harry:

- Você viu a barbicha idiota que ele deixou cres
cer?

Harry respondeu com um grunhido indefinido.

Uma sensação de ansiedade perpassava a tenda que
nte, os murmúrios eram pontuados por
ocasionais risadas de excitação. O sr. e a sra. Wea
sley entraram no corredor sorrindo e
acenando para os parentes; ela trajando um conjunto
 novo de vestes ametistas e um chapéu da
mesma cor.

No momento seguinte, Gui e Carlinhos se postara
m à frente da tenda, os dois de vestes a

rigor com grandes rosas brancas nas botoeiras; Fred deu um assovio de aprovação, que foi acompanhado por nova erupção de risinhos das primas veelas.

Então a multidão fez silêncio e o volume da música foi aumentando, aparentemente vinda dos balões dourados.

- Aaaah! - exclamou Hermione virando-se na cadeira para olhar a entrada.

Um suspiro coletivo se ergueu dos bruxos e bruxas reunidos quando Monsieur Delacour e Fleur entraram pelo corredor, ela deslizando, ele balançando o corpo com um largo sorriso no rosto. A noiva usava um vestido branco simples e parecia desprender uma forte aura prateada. Embora, por comparação, sua radiância normalmente empanasse a de qualquer pessoa, hoje embelezava todos sobre quem incidia. Gina e Gabrielle, ambas usando trajes dourados, pareciam ainda mais bonitas do que de costume, e quando Fleur chegou aonde estava Gui, ele pareceu jamais ter enfrentado Lobo Greyback.

- Senhoras e senhores - anunciou uma voz ligeiramente cantada, e, com um leve choque, Harry reconheceu o mesmo bruxo franzino com cabelos em tufos que presidira o funeral de Dumbledore, agora diante de Gui e Fleur. - Estamos aqui reunidos para celebrar a união de dois fiéis...

- Decididamente, a minha tiara valoriza toda a cerimônia - comentou tia Muriel, com um poderoso sussurro. - Mas é preciso que se diga, o vestido de Ginevra está decotado demais.

Gina olhou para o lado, sorrindo, piscou para Harry e em seguida virou-se de novo para a frente. O pensamento de Harry transportou-se a grande distância da tenda, para as tardes em que passaram a sós em lugares isolados dos jardins da escola. Pareciam ter sido há tanto tempo; sempre bons demais para serem reais, como se ele tivesse furtado horas ensolaradas da vida de alguém normal, alguém sem cicatriz em fo

rma de raio no meio da testa...
- Guilherme Arthur, você aceita Fleur Isabelle...?
Na primeira fila, a sra. Weasley e Madame Delacour choravam baixinho em lencinhos de renda. Sons de trombeta ao fundo da tenda anunciaram que Hagrid puxara do bolso um dos seus lenços tamanho-toalha. Hermione virou-se sorridente para Harry; seus olhos também estavam marejados de lágrimas.
- ... então eu os declaro unidos para toda a vida.
O bruxo de cabelos em tufos ergueu a varinha sobre as cabeças de Gui e Fleur e uma chuva de estrelas caiu sobre os noivos, envolvendo em espirais os seus corpos agora entrelaçados. Enquanto Fred e Jorge puxavam uma salva de palmas, os balões dourados no alto estouraram: flutuaram no ar aves do paraíso e minúsculos sinos de prata que somaram seus cantos e tinidos à zoada geral.
- Senhoras e senhores! - falou o bruxo de cabelos em tufos. - Por favor, queiram se levantar!
Todos obedeceram, tia Muriel resmungando audivelmente; ele acenou a varinha. As cadeiras em que as pessoas tinham estado sentadas se ergueram graciosamente no ar, ao mesmo tempo que as paredes da tenda desapareciam, deixando agora os convidados apenas sob o toldo sustentado pelos postes dourados, com uma vista gloriosa do pomar ensolarado e do campo ao redor. Em seguida, uma poça de ouro líquido se espalhou do centro para a periferia da tenda formando uma pista de dança reluzente; as cadeiras suspensas se agruparam em torno das mesinhas, cobertas com toalhas brancas, o conjunto flutuou suavemente de volta ao jardim, e a banda de paletós dourados marchou em direção a um pódio.
- Legal - aprovou Rony, enquanto os garçons surgiam de todos os lados, alguns trazendo

bandejas de prata com suco de abóbora, cerveja aman
teigada e uísque de fogo, outros
equilibrando montanhas de tortinhas e sanduíches.
- Temos que ir cumprimentá-los! - disse Hermione
, ficando nas pontas dos pés para
localizar onde Gui e Fleur tinham desaparecido cer
cados por uma multidão que lhes desejava
felicidades.
- Bem, teremos tempo depois - disse Rony dando d
e ombros, e, tirando três cervejas
amanteigadas de uma bandeja que passava, entregou u
ma a Harry. - Hermione, é agora, vamos
pegar uma mesa... ali não! O mais longe da Muriel..
.
Rony atravessou a pista de dança vazia, olhando
para os lados: Harry teve certeza de que
ele estava atento a Krum. Quando finalmente alcanç
aram o lado oposto do toldo, a maior parte
das mesas já estava tomada: a mais vazia era a que
Luna ocupava sozinha.
- Tudo bem se a gente sentar com você? - pergunt
ou Rony.
- Ah, claro - respondeu ela contente. - Papai fo
i entregar a Gui e Fleur o nosso presente.
- Que é... um estoque de raízes-de-cuia para a v
ida toda? - perguntou Rony.
Hermione deu-lhe um pontapé por baixo da mesa, m
as acertou em Harry. Com os olhos
lacrimejando de dor, o garoto perdeu o fio da conve
rsa por alguns momentos.
A banda começara a tocar. Gui e Fleur foram os p
rimeiros na pista de dança, sob os
aplausos gerais; passado um momento, o sr. Weasley
chegou com Madame Delacour, no que
foi seguido pela sra. Weasley com o pai de Fleur.
- Gosto dessa música - disse Luna, balançando-se
 no ritmo de uma valsa, e segundos
depois ela se levantou e deslizou para a pista, ond
e dançou sem sair do lugar, sozinha,
agitando os braços de olhos fechados.
- Ela é ótima, não é? - comentou Rony com admira
ção. - Sempre vale a pena olhar.

O sorriso, porém, apagou-se imediatamente do seu rosto: Vítor Krum havia sentado na cadeira desocupada por Luna. Hermione pareceu agradavelmente perturbada, mas desta vez Krum não viera cumprimentá-la. Com o rosto contraído, ele perguntou:

- Quem é aquele homem de amarrelo?

- É o Xenofílio Lovegood, pai de uma amiga nossa - respondeu Rony. Seu tom agressivo indicava que eles não iriam rir de Xenofílio, apesar da clara provocação. - Vamos dançar - acrescentou ele, bruscamente, para Hermione.

Ela pareceu surpresa, mas também feliz, e se levantou: eles desapareceram na pista de dança que agora ia enchendo de dançarinos.

- Ah, eles estão juntos agora? - perguntou Krum, momentaneamente distraído.

- Ah... mais ou menos - respondeu Harry.

- E você quem é? - tornou Krum.

- Barny Weasley.

Eles se apertaram as mãos.

- Você, Barny... conhece bem esse tal Lovegood?

- Não, eu o conheci hoje. Por quê?

Krum franziu o cenho por cima da borda do copo de bebida, observando Xenofílio, que conversava com vários bruxos do lado oposto da pista de dança.

- Porrque - disse Krum - se ele não fosse convidado da Fleur, eu o desafiarria parra um duelo aqui e agorra, porr usarr aquele símbolo nojento no peito.

- Símbolo? - admirou-se Harry, olhando também para Xenofílio. O estranho olho triangular brilhava em seu peito. - Por quê? Qual é o problema?

- Grrindelvald. Aquele é o símbolo de Grrindelvald.

- Grindelwald... o bruxo das trevas que Dumbledore derrotou?

- Exatamente. - Os músculos do queixo de Krum se moveram como se estivesse mascando, e ele continuou: - Grrindelvald matou muitas pesso

as, meu avô, porr exemplo. Naturralmente
ele nunca foi muito poderroso em seu país, diziam q
ue temia Dumbledorre: e com razão,
sabendo como foi derrotado. Mas isto... - Ele apon
tou para Xenofílio. - Isto é o símbolo dele,
reconheci na hora: Grrindelvald grravou-o em uma pa
rrede de Durrmstrrang quando estudou
lá. Alguns idiotas o copiarram nos livros e nas rou
pas, querrendo chocarr, se fazerr de
imporrtantes, até que aqueles, como nós, que tínham
os perrdido familiarres porr culpa de
Grrindelvald demos uma lição neles.
Krum estalou as juntas dos dedos ameaçadoramente
, amarrando a cara para Xenofílio.
Harry ficou perplexo. Parecia-lhe extremamente impr
ovável que o pai de Luna fosse um
seguidor das Artes das Trevas, e ninguém mais na te
nda parecia ter reconhecido o triângulo,
cujo formato lembrava uma runa.
- Você tem, ah, certeza que é de Grindelwald...?

- Não estou enganado - replicou Krum com frieza.
- Passei porr aquele símbolo durrante
anos, conheço-o bem.
- Bem, tem uma probabilidade de que Xenofílio nã
o saiba o que o símbolo realmente
significa. Os Lovegood são muito... incomuns. Ele p
ode muito bem tê-lo comprado por aí,
achando que é o corte transversal de uma cabeça de
Bufadores de Chifre Enrugado ou outra
coisa qualquer.
- Um corrte trransverrsal do quê?
- Bom, não sei muito bem o que são, mas aparente
mente ele e a filha viajam nas férias para
procurá-los...
Harry sentiu que não estava sendo muito convince
nte ao explicar Luna e o pai.
- É ela ali - disse apontando a garota, que aind
a dançava sozinha, agitando os braços em
torno da cabeça como quem tenta espantar maruins.
- Porr que ela está fazendo aquilo? - perguntou
Krum.

- Provavelmente está tentando se livrar de um zo
nzóbulo - arriscou Harry, que reconheceu
os sintomas.
Krum não soube dizer se Harry estava ou não goz
ando com a cara dele. Puxou a varinha de
dentro das vestes e bateu-a ameaçadoramente na coxa
; da ponta saltaram faíscas.
- Gregorovitch! - exclamou Harry em voz alta, e
Krum se sobressaltou, mas o garoto estava
excitado demais para ligar: lembrara-se, afinal, ao
ver a varinha de Krum: Olivaras a
apanhara e examinara cuidadosamente antes do Tornei
o Tribruxo.
- Que tem ele? - perguntou Krum, desconfiado.
- É fabricante de varinhas!
- Eu sei.
- Fabricou sua varinha! Foi por isso que pensei.
.. quadribol...
Krum parecia mais e mais desconfiado.
- Como sabe que foi Gregorovitch que fabrricou a
minha varrinha?
- Li... li em algum lugar, acho. Em um... um fan
zine - improvisou sem pensar, e Krum
pareceu mais tranquilo.
- Eu não me lembrrava de ter jamais discutido mi
nha varrinha com os fãs.
- Então... ah... onde anda Gregorovitch ultimame
nte?
Krum pareceu intrigado.
- Ele se aposentou faz anos. Fui um dos últimos
a comprarr uma varrinha fabrricada porr
ele. São as melhorres, embora eu saiba, é clarro, q
ue os brritânicos dão grrande valorr a
Olivarras.
Harry não respondeu. Fingiu observar, tal como K
rum, os pares que dançavam, mas estava
pensando com grande concentração. Então Voldemort e
stava procurando um célebre fabricante
de varinhas, e o garoto não precisava ir muito long
e para saber a razão: certamente era por
causa da reação da varinha de Harry na noite em que
ele o perseguira pelo céu. A varinha de

azevinho e pena de fênix tinha vencido a que Voldemort tomara emprestada, algo que Olivaras não tinha previsto nem compreendia. Gregorovitch saberia explicar? Seria, de fato, mais qualificado que Olivaras? Conheceria segredos sobre varinhas que Olivaras ignorava?

- Essa garota é muito bonita - comentou Krum, fazendo Harry voltar ao presente. Krum estava apontando para Gina, que acabara de se juntar a Luna. - Também é sua parenta?

- É - informou Harry, repentinamente irritado -, e está namorando alguém. Um cara ciumento. Grandalhão. Você não iria querer atravessar o caminho dele.

Krum resmungou:

- Qual é - disse, esvaziando o copo e se pondo de pé - a vantagem de ser jogador internacional de quadribol se todas as moças bonitas já estão comprometidas?

E se afastou, deixando Harry, que, depois de apanhar um sanduíche com um garçom que ia passando, contornou a pista de dança apinhada. Queria achar Rony e lhe falar sobre Gregorovitch, mas o amigo estava dançando com Hermione no meio da multidão. Harry se encostou em um dos postes dourados e ficou observando Gina, que dançava com o amigo de Fred e Jorge, Lino Jordan, tentando não sentir raiva da promessa que fizera a Rony.

Ele nunca fora a um casamento antes, portanto não era capaz de avaliar as diferenças entre as celebrações dos bruxos e as dos trouxas, embora tivesse certeza de que essas últimas não teriam um bolo de casamento coroado por duas fênix falsas que levantaram voo quando os noivos cortaram a primeira fatia, nem garrafas de champanhe que flutuavam entre os convidados. A noite foi chegando e as mariposas começaram a mergulhar sob o toldo, agora iluminado por lanternas douradas suspensas no ar, e a festa foi se tornando mais descontraída. Fred e Jorge tinham desaparecido na escuridão, havi

a muito tempo, com duas primas de Fleur;
Carlinhos, Hagrid e um bruxo atarracado com um chap
éu de abas reviradas entoavam, a um
canto, "Odo, o herói".
Andando entre os convidados para fugir de um tio
bêbado de Rony que parecia não ter
certeza se Harry era ou não seu filho, o garoto lo
calizou um velho bruxo sentado sozinho a
uma mesa. A nuvem de cabelos brancos que envolvia s
ua cabeça lhe dava a aparência de um
diáfano dente-de-leão, encimado por um fez roído de
traças. Achou-o vagamente familiar:
vasculhando a memória, Harry de repente lembrou que
era Elifas Doge, membro da Ordem da
Fênix e autor do obituário de Dumbledore.
Harry se aproximou.
- Posso me sentar?
- Claro, claro - respondeu Doge. Tinha uma voz a
guda e chiada.
Harry se inclinou para ele.
- Sr. Doge, sou Harry Potter.
Doge ofegou.
- Meu caro rapaz! Arthur me disse que você esta
va aqui disfarçado... É uma grande alegria
e uma grande honra!
Em um arroubo de prazer e agitação, Doge serviu-
lhe uma taça de champanhe.
- Pensei em lhe escrever - sussurrou o bruxo - d
epois que Dumbledore... o choque... e para
você, tenho certeza...
Os olhinhos de Doge se encheram de repentinas lá
grimas.
- Li o obituário que o senhor escreveu no Profe
ta Diário. Não sabia que o senhor conhecia
o prof. Dumbledore tão bem.
- Tão bem quanto qualquer outro - replicou ele,
secando as lágrimas com um guardanapo. -
Com certeza conheci-o por mais tempo, se não contar
mos o irmão Aberforth que, por alguma
razão, as pessoas parecem jamais levar em conta.
- Voltando ao Profeta Diário... Não sei se viu,
sr. Doge...

- Ah, por favor me chame de Elifas, caro rapaz.
- Elifas, não sei se viu a entrevista que Rita S keeter deu sobre Dumbledore.
Uma vermelhidão de cólera afluiu ao rosto de Dog e.
- Ah, sim, Harry, vi. Aquela mulher, ou urubu se ria um termo mais apropriado, decididamente me importunou para conversar com ela. Envergonho-me de dizer que fui grosseiro, chamei-a de metida, e o resultado, como você pôde ver, foram insinuações sobre a minha sanidade.
- Bem, naquela entrevista - continuou Harry -, R ita Skeeter sugeriu que, na juventude, o prof. Dumbledore se envolveu com as Artes das Treva s.
- Não acredite em uma palavra do que leu! - retr ucou Doge na mesma hora. - Em nenhuma, Harry! Não deixe nada macular as lembranças que tem de Alvo Dumbledore!
Harry olhou para o rosto sério e atormentado de Doge e não se sentiu confiante, mas sim frustrado. Será que Doge realmente pensava que era fácil, que ele simplesmente poderia decidir não acreditar? Será que Doge não compreendi a que Harry precisava ter certeza, saber de tudo?
Talvez Doge suspeitasse dos sentimentos de Harry , porque pareceu preocupado e se apressou a enfatizar:
- Harry, Rita Skeeter é uma horrenda...
Mas o bruxo foi interrompido por uma gargalhada aguda.
- Rita Skeeter? Ah, eu adoro aquela mulher, eu s empre leio o que ela escreve!
Harry e Doge ergueram os olhos e deram com a ti a Muriel parada ali, as penas balançando no chapéu, uma taça de champanhe na mão.
- Ela escreveu um livro sobre Dumbledore, sabem!

- Olá, Muriel - cumprimentou-a Doge. - Sim, está vamos mesmo discutindo...

- Você aí! Me ceda a sua cadeira, tenho cento e sete anos!

Outro primo ruivo dos Weasley saltou de uma cadeira, assustado, e tia Muriel virou-a com surpreendente força e sentou-se entre Doge e Harry.

- Olá de novo, Barry, ou que nome tenha - disse ela para Harry. - Então, que estava dizendo sobre Rita Skeeter, Elifas? Já sabe que ela escreveu uma biografia de Dumbledore? Mal posso esperar para ler, preciso me lembrar de encomendá-la na Floreios e Borrões!

Doge se tornou frio e grave ao ouvir isso, mas tia Muriel esvaziou a taça que trazia e estalou os dedos ossudos para um garçom que ia passando. Tomou mais um grande gole, arrotou e acrescentou:

- Não precisam fazer cara de sapos empalhados! Antes de se tornar respeitado e respeitável e toda essa baboseira, correram boatos bem esquisitos sobre o Alvo!

- Calúnias sem fundamento - replicou Doge, ficando outra vez cor de rabanete.

- É bem o que você diria, Elifas - cacarejou tia Muriel. - Notei como você pulou os pontos controvertidos naquele seu obituário!

- Lamento que pense assim - disse Doge, com a maior frieza. - Posso lhe assegurar que escrevi com o coração.

- Ah, todo o mundo sabe que você venerava Dumbledore; ouso dizer que continuará a achá-lo um santo, mesmo se revelarem que ele matou aquela bruxa abortada que era a irmã dele.

- Muriel! - exclamou Doge.

Uma frialdade que não se devia ao champanhe gelado começou a invadir o peito de Harry.

- Como assim? - perguntou ele a Muriel. - Quem disse que a irmã dele era uma bruxa abortada? Pensei que fosse doente, não?

- Pois pensou errado, não foi, Barry?! - exclamou tia Muriel, parecendo satisfeita com o efeito que causara. - Enfim, como você poderia sab

er alguma coisa sobre isso? Aconteceu há
muitos anos, antes mesmo que você fosse cogitado, m
eu caro, e a verdade é que nós que
estávamos vivos à época nunca soubemos o que realme
nte aconteceu. É por isso que mal
posso esperar para ler o que Skeeter desenterrou!
Dumbledore guardou silêncio sobre aquela
irmã por tempo demais!
- Não é verdade - chiou Doge. - Absolutamente nã
o é verdade.
- Ele nunca me disse que teve uma irmã que era u
m aborto - disse Harry sem pensar, ainda
frio por dentro.
- E por que lhe diria isso? - esganiçou-se Murie
l, oscilando um pouco na cadeira, tentando
focalizar Harry.
- A razão por que Alvo nunca falava em Ariana -
começou Elifas, com a voz emocionada -
é, imagino, muito clara. Ficou arrasado com a morte
da irmã...
- Por que ninguém nunca a via, Elifas? - grasno
u Muriel. - Por que metade de nós sequer
soube que ela existia, até o caixão sair da casa pa
ra os funerais? Onde estava o santo
Dumbledore, enquanto Ariana viveu trancada no porão
? Estava brilhando em Hogwarts sem se
importar com o que acontecia em sua própria casa!
- Como assim "trancada no porão"? - perguntou Ha
rry. - Que quer dizer com isso?
Doge era a imagem da infelicidade. Tia Muriel to
rnou a responder a Harry com sua voz
aguda.
- A mãe de Dumbledore era uma mulher apavorante,
simplesmente apavorante. Nasceu
trouxa, embora tenham me dito que ela fingia não se
r...
- Ela nunca fingiu nada! Kendra era uma excelent
e mulher! - sussurrou Doge angustiado,
mas tia Muriel não lhe deu atenção.
- ... orgulhosa e muito dominadora, o tipo de b
ruxa que se sentiria mortificada de produzir
um aborto da natureza...

- Ariana não era um aborto da natureza! - chiou Doge.
- É o que você diz, Elifas, mas me explique, ent ão, por que ela nunca frequentou Hogwarts!
- E, voltando-se para Harry. - No nosso tempo, era comum as famílias esconderem os bruxos abortados. Embora chegar ao extremo de trancafiar u ma menininha em casa e fingir que ela não existia...
- Estou lhe afirmando que não foi o que acontece u! - retorquiu Doge, mas tia Muriel passou de rolo compressor e continuou a se dirigir a Harry .
- Os bruxos abortados normalmente iam para escol as de trouxas e eram incentivados a se integrarem na comunidade trouxa... muito mais cari doso do que tentar encontrar um lugar para eles no mundo bruxo, onde seriam sempre considerado s inferiores; mas naturalmente Kendra Dumbledore não sonharia em deixar a filha frequenta r uma escola trouxa.
- Ariana era delicada! - argumentou Doge desespe rado. - A saúde dela sempre foi precária demais para lhe permitir...
- Permitir sair de casa? - cacarejou Muriel. - No entanto, ela jamais foi levada ao St. Mungus e nenhum curandeiro jamais foi chamado para atendê-la!
- Francamente, Muriel, como é possível você sabe r se...
- Para sua informação, Elifas, meu primo Lancel ote era curandeiro no St. Mungus naquela época e contou à minha família, em confiança, que Ariana nunca fora vista por lá. Tudo muito suspeito, era o que o Lancelote pensava!
Doge parecia à beira das lágrimas. Tia Muriel, q ue parecia estar se divertindo imensamente, estalou os dedos para que lhe trouxess em mais champanhe. Sem sentir, Harry pensou nos Dursley e como, no passado, o tinham cal ado, trancado e mantido fora de vista, tudo pelo crime de ser bruxo. A irmã de Dumbledore

teria sofrido o reverso do mesmo
destino? Presa por lhe faltar magia? E Dumbledore t
eria realmente deixado a irmã entregue à
própria sorte enquanto partia para Hogwarts, para p
rovar sua genialidade e talento?
- Agora, se Kendra não tivesse morrido primeiro
- retomou Muriel -, eu diria que foi ela
quem liquidou Ariana...
- Como pode dizer isso, Muriel? - gemeu Doge. -
Uma mãe matar a própria filha? Pense no
que está dizendo!
- Se a mãe em questão fosse capaz de manter a fi
lha presa durante anos, por que não? -
retrucou Muriel sacudindo os ombros. - Mas, como di
go, a história não se encaixa, porque
Kendra morreu antes de Ariana, portanto, ninguém ja
mais soube direito...
- Ah, com certeza Ariana assassinou a mãe - repl
icou Doge, tentando corajosamente
desdenhar. - Por que não?
- É, Ariana talvez tenha feito uma desesperada t
entativa para se libertar e, no esforço,
matou Kendra - concluiu tia Muriel, pensativa. - Po
de balançar a cabeça o quanto quiser,
Elifas! Você esteve nos funerais de Ariana, não est
eve?
- Estive - confirmou Doge, com os lábios trêmulo
s. - E não me lembro de ocasião mais
desesperadamente triste. Alvo estava com o coração
despedaçado...
- E não era só o coração. Aberforth não quebrou
o nariz de Dumbledore durante a
encomendação do corpo?
Se Doge parecera horrorizado antes, não se compa
rava ao que demonstrava agora. Era
como se Muriel o tivesse esfaqueado. A bruxa riu al
to e tomou mais um gole de champanhe,
que escorreu pelo seu queixo.
- Como você...?! - exclamou Doge rouco.
- Minha mãe era amiga da velha Batilda Bagshot
- disse ela, alegre. - Batilda contou tudo a
minha mãe, e eu ouvi atrás da porta. Uma briga ao l

ado do caixão. Pelo que Batilda descreveu, Aberforth gritou que era culpa de Alvo que Ariana t ivesse morrido e, em seguida, deu-lhe um murro na cara. Ela contou ainda que Alvo nem sequer se defendeu, o que é estranho, porque poderia ter acabado com o irmão em um duelo com as mãos amarradas nas costas.

Muriel continuou bebendo champanhe. A enumeração desses velhos escândalos parecia animá-la tanto quanto horrorizava Doge. Harry não s abia o que pensar, em que acreditar: queria a verdade, contudo, Doge não reagia, apenas balia debilmente que Ariana adoecera. Harry não conseguia acreditar que Dumbledore não t ivesse intervindo se estivesse ocorrendo uma crueldade daquelas em sua própria casa, mas, se m dúvida, havia alguma coisa estranha na história toda.

- E vou lhe dizer mais - continuou Muriel, com u m leve soluço, baixando sua taça. - Acho que Batilda deu com a língua nos dentes para Rita S keeter. Aquelas insinuações que ela fez na entrevista sobre uma importante fonte chegada aos D umbledore... todos sabem que Batilda presenciou o que aconteceu com Ariana, e se encaixa ria perfeitamente!

- Batilda jamais falaria com Rita Skeeter! - mur murou Doge.

- Batilda Bagshot? - indagou Harry. - A autora d e História da magia?

O nome estava impresso na capa de um de seus liv ros de escola, embora o garoto reconhecesse que não era um dos que ele tivesse lid o com muita atenção.

- É - confirmou Doge, agarrando-se à pergunta de Harry como um afogado se agarra a uma boia. - Uma talentosa historiadora da magia e uma v elha amiga de Alvo.

- E ultimamente bem gagá, segundo ouvi dizer - a crescentou tia Muriel animada.

- Se isso é verdade, foi ainda mais desonroso Sk eeter ter se aproveitado dela - disse Doge

-, e ninguém pode confiar em nada que Batilda possa ter dito!

- Há maneiras de se recuperar lembranças, e tenho certeza de que Rita Skeeter conhece todas. Mas, mesmo que Batilda esteja completamente lelé, tenho certeza de que ainda guarda velhas fotos e talvez até cartas. Conheceu os Dumbledore durante anos... o que valeria uma viagem a Godric's Hollow, na minha opinião.

Harry, que estivera bebericando sua cerveja amanteigada, se engasgou. Doge deu-lhe palmadas nas costas enquanto o garoto tossia, olhando para tia Muriel com os olhos cheios de lágrimas. Quando recuperou a voz, perguntou:

- Batilda Bagshot mora em Godric's Hollow?

- Ah, sim, há uma eternidade! Os Dumbledore se mudaram para lá depois que Percival foi preso, e ela foi vizinha da família.

- Os Dumbledore moraram em Godric's Hollow?

- Sim, Barry, foi o que acabei de dizer - respondeu tia Muriel irritada.

Harry se sentiu esgotado, vazio. Nem uma vez, naqueles seis anos, Dumbledore lhe contara que os dois tinham morado e perdido familiares queridos em Godric's Hollow. Por quê? Seus pais teriam sido enterrados perto da mãe e da irmã de Dumbledore? Dumbledore teria visitado seus túmulos e, talvez, passado pelos de Lílian e Tiago a caminho? E jamais contara a Harry... jamais se preocupara em dizer...

E por que era tão importante, Harry não sabia explicar nem para si mesmo, contudo sentia que equivalia a uma mentira não ter mencionado que tinham aquele lugar e aquelas experiências em comum. O garoto ficou olhando duro em frente, mal notando o que estava acontecendo ao seu redor, e não percebeu que Hermione se destacara da multidão de convidados, até ela puxar uma cadeira e sentar ao seu lado.

- Simplesmente não consigo dançar mais - ofegou, tirando um dos sapatos e esfregando a

sola de um pé. - Rony foi buscar mais cerveja aman
teigada. Que coisa estranha, acabei de ver
Vítor se afastando enfurecido do pai de Luna, pare
cia que estiveram discutindo... - Ela baixou
a voz, olhando-o. - Harry, você está bem?

O garoto não sabia por onde começar, mas não fez
diferença. Naquele momento, algo
volumoso e prateado atravessou o toldo sobre a pis
ta de dança. Gracioso e reluzente, o lince
aterrissou com leveza entre os espantados convidad
os. Cabeças se viraram, e as pessoas que
estavam mais próximas congelaram absurdamente em me
io a passos de dança. Então a boca do
Patrono se abriu desmesuradamente e ele anunciou na
voz alta, grave e lenta de Kingsley
Shacklebolt:

- O Ministério caiu. Scrimgeour está morto. Eles
estão vindo.

-- CAPÍTULO NOVE --
Um esconderijo

A cena pareceu imprecisa e lenta. Harry e Hermione
saltaram das cadeiras e empunharam
suas varinhas. Muita gente começava apenas a entend
er que algo estranho acontecera; as
cabeças se mantinham voltadas para o lince prateado
enquanto ele sumia no ar. O silêncio se
propagou em ondas frias desde o ponto em que o Patr
ono aterrissara. Então alguém gritou.

Harry e Hermione se precipitaram para a multidão
em pânico. Os convidados disparavam
em todas as direções; muitos estavam desaparatando;
os feitiços que protegiam A Toca e seus
arredores tinham sido anulados.

- Rony! - gritou Hermione. - Cadê você?

À medida que avançavam pela pista de dança, Har
ry viu vultos de capa e máscara surgirem
na multidão; viu também Lupin e Tonks de varinhas e
rguidas, e ouviu ambos gritarem:
"Protego!", um grito que ecoou por todos os lados..
.

- Rony! Rony! - chamava Hermione, quase soluçand
o, enquanto ela e Harry eram

empurrados pelos convidados aterrorizados; o garoto agarrou a mão dela para garantir que não se separassem, ao mesmo tempo que um raio de luz passou por cima de suas cabeças; se era um feitiço de proteção ou algo mais sinistro eles não sabiam dizer...

Então Rony apareceu. Segurou o braço livre de Hermione, e Harry sentiu-a girar no mesmo lugar; visão e audição se extinguiram quando ele foi engolido pela escuridão; sua única sensação era a mão de Hermione ao ser comprimido no espaço e no tempo, distanciando-se d'A Toca, distanciando-se dos Comensais da Morte que desciam, talvez do próprio Voldemort...

- Onde estamos? - perguntou a voz de Rony.

Harry abriu os olhos. Por um momento pensou nem ter deixado o local do casamento: continuavam cercados de pessoas.

- Rua Tottenham Court - ofegou Hermione. - Ande, apenas ande, precisamos encontrar um lugar para você se trocar.

Harry obedeceu. Eles meio que andavam, meio que corriam pela larga rua escura, apinhada de gente que se divertia na noite, ladeada por lojas fechadas, as estrelas brilhando lá no alto. Um ônibus de dois andares passou, barulhento, e um alegre grupo de boêmios ficou olhando das janelas para eles; Harry e Rony ainda usavam vestes a rigor.

- Hermione, não temos roupas para trocar - comentou Rony, quando uma jovem caiu na risada ao vê-los.

- Por que não verifiquei se tinha trazido comigo a Capa da Invisibilidade? - perguntou Harry, xingando mentalmente a própria burrice. - Carreguei-a durante todo o ano passado e...

- Tudo bem, eu trouxe a capa, trouxe roupas para vocês dois - disse Hermione. - Tentem apenas agir com naturalidade até... aqui vai dar.

Ela os levou a uma rua lateral, e dali ao refúgio de uma travessa escura.

- Quando você diz que trouxe a capa e as roupas ... - Harry começou a dizer, franzindo a testa para a amiga, que não levava nada nas mãos, e xceto a bolsinha de contas, em cujo interior ela agora remexia.

- Isso mesmo, estão aqui - respondeu ela e, par a espanto dos dois garotos, tirou da bolsa um jeans, uma camiseta, meias marrons e, finalmente , a Capa da Invisibilidade prateada.

- Caraca, como foi...?

- Feitiço Indetectável de Extensão - respondeu H ermione. - Complicado, mas acho que o executei corretamente; enfim, consegui enfiar aqui dentro tudo que precisamos. - Ela deu uma sacudidela na bolsinha frágil que ressoou como um p orão de carga, quando dentro rolaram vários objetos pesados. - Ah, droga, devem ser os l ivros - disse Hermione dando uma espiada -, eu tinha empilhado todos por assunto... ah, bom... Harry, é melhor ficar com a Capa da Invisibilidade. Rony, depressa, se troca logo...

- Quando foi que você fez tudo isso? - pergunto u Harry, enquanto Rony despia as vestes.

- Eu lhe falei n'A Toca que tinha empacotado o essencial, lembra, caso a gente precisasse sair correndo. Arrumei a sua mochila hoje de manhã, Harry, depois que você se trocou, e guardei tudo aqui... tive um pressentimento...

- Você é um assombro, só é! - exclamou Rony, lhe entregando as vestes enroladas.

- Obrigada - disse Hermione, se esforçando para sorrir ao guardar as vestes na bolsinha. - Por favor, Harry, cubra-se com a capa!

Harry atirou a capa sobre os ombros e puxou-a pa ra a cabeça, desaparecendo de vista. Começava, enfim, a avaliar o que acontecera.

- Os outros... todo o mundo no casamento...

- Não podemos nos preocupar com isso agora - sus surrou Hermione. - É atrás de você que eles estão, Harry, e deixaremos todos em maior peri go se voltarmos.

- Ela tem razão - confirmou Rony, que pareceu perceber que Harry ia contra-argumentar, ainda que não pudesse ver o rosto do amigo. - A maior parte dos membros da Ordem estava presente, eles cuidarão de todos.

Harry assentiu, mas lembrou que os outros não podiam vê-lo e acrescentou:

- É. - Pensou, porém, em Gina, e o medo borbulhou como um ácido em seu estômago.

- Vamos, acho que temos de continuar andando - disse Hermione.

Os três tornaram a sair da rua lateral e entrar na principal, onde um grupo de homens cantava e acenava da calçada oposta.

- Só por curiosidade, por que a rua Tottenham Court? - perguntou Rony a Hermione.

- Não faço ideia, o nome simplesmente me ocorreu, mas tenho certeza de que estaremos mais seguros no mundo dos trouxas, não é onde eles esperam que estejamos.

- Verdade - concordou Rony, olhando para os lados -, mas você não se sente um pouco... exposta?

- Que outra opção nos resta? - perguntou Hermione, se encolhendo quando os homens do outro lado da rua começaram a assoviar para ela. - Não daria para reservar quartos no Caldeirão Furado, não é? E o largo Grimmauld está fora, se o Snape ainda pode entrar lá... suponho que poderíamos tentar a casa dos meus pais, embora seja provável que eles a revistem... ah, eu gostaria que eles calassem a boca!

- Tudo bem, querida? - gritou o mais bêbado dos homens na outra calçada. - Quer tomar um drinque? Larga esse ruivo pra lá e vem tomar uma cerveja!

- Vamos nos sentar em algum lugar - disse Hermione depressa, quando Rony abriu a boca para responder. - Olhe, esse serve, aí dentro!

Era um café pequeno e encardido aberto a noite toda. Uma leve camada de gordura cobria

as mesas com tampo de fórmica, mas pelo menos estav
a vazio. Harry foi o primeiro a entrar
no reservado, e Rony sentou ao seu lado, defronte a
 Hermione, que ficou de costas para a
entrada e não gostou: espiava por cima do ombro com
 tanta frequência que parecia ter um
tique nervoso. Harry também não gostou de ficar par
ado; andar lhe dera a ilusão de que tinham
um objetivo. Sob a capa, ele sentia os últimos vest
ígios da Poção Polissuco se dispersarem,
permitindo que suas mãos retomassem o comprimento e
 a forma normais. Ele tirou os óculos
do bolso e colocou-os no rosto.

Passados uns dois minutos, Rony falou:

- Sabem, não estamos muito longe do Caldeirão Fu
rado, é logo ali em Charing Cross...

- Rony, não podemos! - protestou Hermione imedia
tamente.

- Não para se hospedar lá, mas para descobrir o
que está acontecendo!

- Você sabe o que está acontecendo! Voldemort t
omou o Ministério, que mais você precisa
saber?

- Tá, tá, foi só uma ideia.

Os garotos recaíram em um silêncio incômodo. A g
arçonete que mascava chiclete se
arrastou até a mesa deles e Hermione pediu dois cap
puccinos: como Harry estava invisível,
teria parecido estranho encomendar um para ele. Doi
s operários corpulentos entraram no café
e se espremeram no reservado contíguo. Hermione fal
ou quase sussurrando:

- Sugiro que procuremos um lugar sem movimento p
ara desaparatar e sair da cidade. Uma
vez lá, poderíamos mandar uma mensagem para a Ordem
.

- Então, você sabe fazer um Patrono que fala? -
perguntou Rony.

- Andei praticando e acho que sei - respondeu a
garota.

- Bem, desde que não cause problemas para eles,
 embora, a essa altura, quem sabe já foram

presos. Deus, isso é repugnante - acrescentou Rony
, depois de tomar um gole do café cinzento
que fumegava. A garçonete ouviu; lançou a Rony um o
lhar feio e se arrastou para anotar o
pedido dos novos fregueses. O maior dos dois operár
ios, louro e avantajado, agora que Harry
reparava nele, dispensou a garçonete. Ela o encarou
 indignada.
   - Vamos andando, então, não quero beber essa águ
a suja - disse Rony. - Hermione, você
tem dinheiro trouxa para pagar a conta?
   - Tenho, tirei tudo que tinha na poupança antes
 de ir para A Toca. Aposto como todos os
trocados estão lá no fundo - suspirou a garota, apa
nhando a bolsinha de contas.
   Os dois operários fizeram movimentos idênticos,
 e Harry inconscientemente os imitou: os
três sacaram as varinhas. Rony, percebendo, com alg
uns segundos de atraso, o que estava
acontecendo, atirou-se sobre a mesa, empurrando Her
mione de lado sobre o banco. A força
dos feitiços dos Comensais da Morte estilhaçou os a
zulejos da parede no ponto em que
momentos antes estivera a cabeça de Rony, enquanto
Harry, ainda invisível, ordenava:
"Estupefaça!"
   O louro grandalhão foi atingido no rosto pelo j
ato de luz vermelha, e desmontou para um
lado, inconsciente. Seu companheiro, incapaz de ve
r quem lançara o feitiço, disparou outro
contra Rony: reluzentes cordas negras saíram da po
nta de sua varinha e amarraram o garoto da
cabeça aos pés - a garçonete saiu correndo aos berr
os em direção à porta -, Harry lançou
outro Feitiço Estuporante no Comensal de cara torta
 que amarrara Rony, mas errou a pontaria
e o feitiço, ricocheteando na janela, atingiu a gar
çonete que caiu junto à porta.
   - Expulso! - berrou o Comensal da Morte, e a mes
a em frente a Harry se desintegrou: a
força da explosão atirou o garoto contra a parede
e ele sentiu a varinha lhe escapar da mão e a

capa escorregar do seu corpo.
- Petrificus Totalus! - berrou Hermione, escondida, e o Comensal tombou para a frente como uma estátua aterrissando com um baque sobre os destroços de louça, mesa e café. A garota engatinhou de baixo do banco, sacudindo os cacos de um cinzeiro de vidro dos cabelos, o corpo trêmulo.
- D... Diffindo - ordenou ela, apontando a varinha para Rony, que urrou de dor quando ela rasgou seu jeans no joelho, fazendo-lhe um corte fundo na perna. - Ah, me desculpe, Rony, minha mão está tremendo! Diffindo!
As cordas cortadas caíram. Rony levantou-se, sacudindo os braços para recuperar a sensibilidade. Harry apanhou sua varinha e passou por cima do entulho até o banco em que estava esparramado o Comensal da Morte louro.
- Eu devia ter reconhecido esse, estava lá quando o Dumbledore morreu - disse. Ele virou o corpo do Comensal mais moreno com o pé; os olhos do homem correram de Harry para Rony e Hermione.
- É o Dolohov - disse Rony. - Eu o reconheci pelos cartazes dos criminosos procurados. Acho que o grandalhão é Thor Rowle.
- Não interessa qual é o nome deles! - exclamou Hermione, ligeiramente histérica. - Como foi que nos encontraram? Que vamos fazer?
De algum modo, o pânico da amiga clareou a cabeça de Harry.
- Tranque a porta - disse a Hermione -, e, Rony, apague as luzes.
Ele contemplou o paralisado Dolohov, pensando rápido enquanto a fechadura girava e Rony usava o desiluminador para mergulhar o bar na escuridão. Harry ouvia ao longe os homens que tinham mexido com Hermione mais cedo, gritando para outra moça.
- Que vamos fazer com eles? - sussurrou Rony para Harry no escuro; e em tom ainda mais baixo: - Matá-los? Eles nos matariam. E quase conse

guiram agora há pouco.
Hermione estremeceu e recuou um passo. Harry sac udiu a cabeça.
- Só precisamos apagar a memória deles. É melhor assim, despistaremos os dois. Se os matarmos, ficaria óbvio que estivemos aqui.
- Você é quem manda - disse Rony, parecendo prof undamente aliviado. - Mas nunca lancei um Feitiço de Memória.
- Nem eu - falou Hermione -, mas conheço a teori a.
Ela inspirou profundamente para se acalmar, apo ntou a varinha para a testa de Dolohov e ordenou: - Obliviate!
Na mesma hora, os olhos do bruxo se tornaram des focados e vagos.
- Genial - aplaudiu Harry, dando-lhe palmadinhas nas costas. - Cuide do outro e da garçonete, enquanto Rony e eu limpamos a bagunça.
- Limpar a bagunça?! - exclamou Rony correndo o s olhos pelo bar parcialmente destruído. - Por quê?
- Você não acha que podem ficar imaginando o que aconteceu quando recuperarem a consciência e se virem em um lugar que parece que f oi bombardeado?
- Ah, certo, é...
Rony teve um pouco de dificuldade para sacar a v arinha do bolso.
- Não admira que eu não consiga puxar a varinha, Hermione, você trouxe o meu jeans velho, está pequeno.
- Ah, sinto muito - sibilou Hermione, enquanto arrastava a garçonete para um lugar em que não a vissem das janelas. Harry a ouviu resmungar o nde Rony podia enfiar a varinha para ficar mais à mão.
Quando o bar voltou à condição anterior, eles le vantaram os Comensais da Morte para recolocá-los no reservado e escoraram um de frente para o outro.
- Mas como foi que eles nos encontraram? - pergu

ntou Hermione, olhando de um homem
inerte para outro. - Como souberam onde estávamos?
Ela se virou para Harry.
- Será... será que você ainda está carregando o rastreador, Harry?
- Não pode estar - ponderou Rony. - O rastreador caduca quando se completa dezessete
anos, é a lei bruxa, não se pode colocá-lo em um adulto.
- Até onde sabemos - respondeu Hermione. - Mas e se os Comensais da Morte
encontraram um jeito de colocá-lo em um adulto?
- Mas Harry não esteve perto de um Comensal nas últimas vinte e quatro horas. Quem
poderia ter recolocado um rastreador nele?
Hermione não respondeu. Harry sentiu-se contaminado, maculado: teria sido realmente
assim que os Comensais encontraram os três?
- Se eu não posso usar magia e vocês não podem usar magia perto de mim, sem revelarmos
a nossa posição... - começou ele.
- Não vamos nos separar! - retrucou Hermione com firmeza.
- Precisamos de um lugar seguro para nos esconder - lembrou Rony. - Nos dê um tempo
para pensar.
- Largo Grimmauld - disse Harry.
Os outros dois ficaram pasmos.
- Não seja tolo, Harry, o Snape pode entrar lá.
- O pai de Rony disse que puseram na casa feitiços contra ele, e, mesmo que não tenham
funcionado - continuou, vendo que Hermione começava a protestar -, e daí? Juro que não há
nada que eu gostasse mais do que topar com o Snape!

- Mas...
- Hermione, que outro lugar nós temos? É a nossa melhor possibilidade. Snape é apenas um
Comensal. Se ainda estou carregando o rastreador, teremos hordas deles atrás de nós aonde
quer que formos.
A garota não teve argumentos, embora seu rosto d

issesse que gostaria de ter tido. Enquanto
destrancavam a porta do bar, Rony acionou o desilum
inador para reacender as luzes do local.
Então, quando Harry contou três, eles reverteram o
s feitiços nas três vítimas e, antes que a
garçonete e os Comensais da Morte acabassem de desp
ertar sonolentos, os garotos tinham
mais uma vez girado e desaparecido na escuridão com
pressora.

Segundos mais tarde, os pulmões de Harry se expa
ndiram agradecidos e ele abriu os olhos:
estavam parados no meio do pequeno largo malcuidado
 que já conheciam. Casas altas e
dilapidadas os cercavam de todos os lados. O número
 doze era visível aos garotos, porque
tinham sabido de sua existência pela boca de Dumble
dore, o fiel do segredo, e os três
correram para a casa verificando, a intervalos, se
 não estavam sendo seguidos ou observados.
Rapidamente galgaram os degraus de pedra e Harry to
cou a porta uma vez com a varinha.
Ouviram uma série de cliques metálicos e o barulho
de uma corrente, por fim a porta se abriu,
rangendo, e eles entraram depressa.

Quando Harry fechou a porta às suas costas, as v
elhas luminárias a gás se acenderam,
lançando uma luz bruxuleante no corredor. O lugar t
inha a aparência que ele lembrava:
lúgubre, cheio de teias, os contornos das cabeças d
os elfos penduradas na parede lançando
sombras misteriosas sobre a escada. Compridas corti
nas escuras ocultavam o retrato da mãe
de Sirius. A única coisa fora do lugar era o porta-
guarda-chuvas feito com perna de trasgo,
que estava tombado de lado, como se Tonks tivesse a
cabado de derrubá-lo.

- Acho que alguém esteve aqui - sussurrou Hermio
ne, apontando para o objeto.

- Isso pode ter acontecido quando a Ordem deixou
 a casa - murmurou Rony em resposta.

- Então, onde estão os feitiços que lançaram con
tra Snape? - perguntou Harry.

- Talvez só sejam ativados se ele aparecer, não? - arriscou Rony.

Eles permaneceram juntos ainda no capacho da entrada, com as costas voltadas para a porta, receando entrar no resto da casa.

- Bem, não podemos ficar aqui para sempre - disse Harry, dando um passo à frente.

- Severo Snape?

A voz de Olho-Tonto sussurrou no escuro, fazendo os três se sobressaltarem.

- Não somos Snape! - Harry ainda pôde responder com a voz rouca, mas uma espécie de jato de ar frio foi lançada contra ele e sua língua enrolou para trás, impedindo-o de continuar. Antes que tivesse tempo de sentir a boca por dentro, no entanto, a língua tornou a desenrolar.

Os outros dois pareciam ter experimentado a mesma sensação desagradável. Rony engulhava; Hermione gaguejou:

- Deve t-ter s-sido o F-feitiço da Língua Presa que Olho-Tonto armou contra o Snape!

Cauteloso, Harry deu mais um passo à frente. Alguma coisa se mexeu nas sombras do fim do corredor, e, sem lhes dar tempo de falar, um vulto se ergueu do tapete, alto, cor de poeira e ameaçador. Hermione gritou e foi acompanhada pela sra. Black, pois as cortinas negras do retrato repentinamente se abriram; o vulto cinzento deslizou para eles, cada vez mais rápido, seus cabelos até a cintura e a barba esvoaçando às costas, o rosto fundo, descarnado, as órbitas vazias; horrivelmente familiar, pavorosamente mudado, ele ergueu um braço murcho e apontou-o para Harry.

- Não! - gritou o garoto, e, embora tivesse erguido a varinha, não lhe ocorreu nenhum feitiço. - Não, não fomos nós! Não o matamos...

À menção da palavra "matamos", o vulto explodiu formando uma grande nuvem de poeira: tossindo, os olhos lacrimejando, Harry olhou para os lados e viu Hermione agachada junto à porta, cobrindo a cabeça com os braços, e Rony, trê

mulo da cabeça aos pés, lhe dando
palmadinhas desajeitadas no ombro e dizendo:
- Está tudo b-bem... já p-passou...
A poeira rodopiava em torno de Harry como uma né
voa, refletindo a luz azulada do gás,
enquanto a sra. Black continuava a berrar.
- Sangues ruins, lixo, estigmas de desonra, manc
has de vergonha sobre a casa dos meus
pais...
- CALA A BOCA! - berrou Harry, apontando a varin
ha para ela, e, com um estampido e
um clarão de faíscas vermelhas, a cortina tornou a
se fechar silenciando a mulher.
- Aquele... aquele era... - choramingou Hermione
, enquanto Rony a ajudava a se levantar.
- Era - confirmou Harry -, mas não era realment
e ele, era? Só uma coisa para apavorar o
Snape.
Teria dado resultado, perguntou-se Harry, ou Sn
ape teria explodido a aparição horripilante,
displicentemente, como fizera com o verdadeiro Dumb
ledore? Os nervos ainda vibrando, ele
saiu à frente dos amigos pelo corredor, à espera de
que um novo terror se revelasse, mas nada
se mexeu exceto um camundongo correndo pelo rodapé.

- Antes de prosseguir, acho melhor fazer uma ver
ificação - cochichou Hermione e,
erguendo a varinha, ordenou: - Homenum revelio!
Nada aconteceu.
- Bem, você acabou de levar um grande susto - d
isse Rony gentilmente. - Para que serviu
esse feitiço?
- Serviu para o que eu queria que servisse! - r
espondeu Hermione, bastante zangada. - Era
um feitiço para revelar presença humana, e não tem
ninguém aqui exceto nós!
- E o velho Poeirão - acrescentou Rony, olhando
para o lugar no tapete de onde saíra o
espectro.
- Vamos subir - disse Hermione assustada, e, lan
çando um olhar para o mesmo ponto, subiu

à frente a escada rangedeira para a sala de visitas no primeiro andar.

Ao chegar, acenou com a varinha para acender as velhas luminárias a gás. Então, estremecendo na sala ventosa, empoleirou-se no sofá com os braços apertados em volta do corpo. Rony foi à janela e afastou uns dois centímetros a pesada cortina de veludo.

- Não vejo ninguém lá fora - informou. - E eu diria que, se Harry ainda tivesse o rastreador, eles teriam nos seguido até aqui. Eu sei que não podem entrar na casa, mas... que foi, Harry?

O garoto soltara um grito de dor: sua cicatriz recomeçara a queimar ao mesmo tempo que algo lampejou por sua mente como uma luz forte incidindo sobre a água. Ele viu uma grande sombra e sentiu uma fúria que não era sua percorrer seu corpo, violenta e breve como um choque elétrico.

- Que foi que você viu? - perguntou Rony, avançando para o amigo. - Você o viu na minha casa?

- Não, eu só senti raiva, ele está realmente enraivecido...

- Mas isso poderia ser n'A Toca! - exclamou Rony em voz alta. - Que mais? Não viu mais nada? Ele estava amaldiçoando alguém?

- Não, eu só senti raiva... e não saberia dizer...

Harry se sentiu atormentado, confuso, e Hermione não ajudou muito ao perguntar amedrontada:

- A sua cicatriz novamente? Afinal, que está acontecendo? Pensei que essa ligação tivesse sido fechada!

- Fechou, por algum tempo - murmurou Harry; sua cicatriz ainda doía dificultando a concentração. - Acho que recomeçou a abrir, sempre que ele se descontrola, é como costumava...

- Então, você tem que fechar sua mente! - disse

Hermione esganiçada. - Harry,
Dumbledore não queria que você usasse essa ligação, queria que você a fechasse, é para isso
que devia usar a Oclumência! Do contrário, Voldemort pode plantar falsas imagens em sua
mente, lembra...

- Lembro, sim, obrigado - respondeu o garoto entre os dentes; não precisava que Hermione
lhe dissesse que Voldemort já usara essa mesma ligação entre eles para atraí-lo a uma
armadilha, nem que isso causara a morte de Sirius. Desejou que não tivesse contado aos
amigos o que sentira e vira; isso tornara Voldemort mais ameaçador, como se ele estivesse
forçando a janela da sala. A dor em sua cicatriz estava aumentando e ele a repelia: era como
se resistisse ao impulso de enjoar.

Ele deu as costas a Rony e Hermione, fingindo examinar a velha tapeçaria com a árvore
genealógica da família Black pendurada na parede. Então Hermione deu um grito agudo: Harry
sacou a varinha e se virou, um Patrono prateado entrou pela janela da sala de visitas e
aterrissou no chão diante deles, onde assumiu a forma de uma doninha e a voz do pai de Rony.

- Família a salvo, não responda, estamos sendo vigiados.

O Patrono se dissolveu no ar. Rony deixou escapar um som entre um choro e um gemido e
se largou no sofá: Hermione sentou-se com ele, apertando seu braço.

- Eles estão bem, eles estão bem! - sussurrou ela, e Rony ao mesmo tempo ria e a abraçava.

- Harry - disse ele por cima do ombro de Hermione -, eu...

- Não tem problema - respondeu Harry nauseado de dor na cabeça. - É sua família, claro
que está preocupado. Eu sentiria o mesmo. - Lembrou-se de Gina. - Eu sinto o mesmo.

A dor em sua cicatriz foi atingindo o auge, queimando como no jardim d'A Toca. Ao longe,
ele ouviu Hermione dizer:

- Eu não quero ficar sozinha. Podemos usar os sacos de dormir que trouxemos e acampar aqui hoje à noite?

Ele ouviu Rony concordar. Não conseguiria resistir à dor por mais tempo: tinha que se entregar.

- Banheiro - murmurou e saiu da sala o mais depressa que pôde, sem correr.

Quase não chegou lá. Trancando a porta com as mãos trêmulas, ele agarrou a cabeça latejante e se largou no chão. Então, em uma explosão de agonia, sentiu a raiva que não lhe pertencia se apoderar de sua alma, viu uma sala comprida, iluminada apenas pela lareira, e o Comensal grandalhão e louro no chão, berrando e se contorcendo, e um vulto mais leve em pé ao lado dele, empunhando a varinha, e Harry falando com uma voz fria e cruel.

- Mais, Rowle, ou vamos encerrar logo e dar você para Nagini comer? Lorde Voldemort não tem certeza se desta vez irá lhe perdoar... Foi para isso que me chamou, para me dizer que Harry Potter tornou a escapar? Draco, dê a Rowle mais uma amostra do nosso desagrado... faça isso ou sinta pessoalmente a minha ira!

Uma tora de madeira caiu na lareira: as chamas se avivaram, sua claridade bateu no rosto pálido, aterrorizado e fino... com a sensação de emergir de águas profundas, Harry arquejou várias vezes e abriu os olhos.

Estava estatelado no frio piso de mármore negro, seu nariz a centímetros de um dos rabos de serpente prateados que sustentavam a grande banheira. Sentou-se. O rosto magro e petrificado de Malfoy parecia gravado em sua retina. Harry se sentiu nauseado com a cena que vira, com o uso que Voldemort estava fazendo de Draco.

Houve uma forte batida na porta e Harry se sobressaltou ao ouvir a voz de Hermione.

- Harry, você quer a sua escova de dentes? Eu a trouxe.

- Quero, beleza, obrigado - disse ele, procurando manter a voz descontraída ao se levantar para deixar a amiga entrar.

==========
Conteúdo disponíbilizado gratuitamente por Le Livros
==========

-- CAPÍTULO DEZ --
A história de Monstro

Harry acordou na manhã seguinte, dentro de um saco de dormir no chão da sala de visitas. Viu uma lasca de céu entre as pesadas cortinas: era um azul frio e claro de tinta aguada, entre a noite e a alvorada, e tudo estava silencioso, exceto pela respiração lenta e profunda de Hermione e Rony. Harry olhou para as sombras escuras que eles projetavam no chão ao seu lado. Rony teve um acesso de galanteria e insistiu que Hermione dormisse sobre as almofadas do sofá, por isso a silhueta dela estava acima da dele. O braço da garota formava um arco até o chão, seus dedos a centímetros dos de Rony. Harry ficou imaginando se teriam adormecido de mãos dadas. A ideia fez com que se sentisse estranhamente solitário.

Ele ergueu os olhos para o teto sombreado, o lustre coberto de teias de aranha. A menos de vinte e quatro horas, estivera parado à entrada ensolarada de uma tenda, aguardando para conduzir os convidados do casamento aos seus lugares. Parecia que tinha sido em outra vida. Que iria acontecer agora? Deitado ali no chão, ele pensou nas Horcruxes, na missão assustadora e complexa que Dumbledore lhe deixara... Dumbledore...

O pesar que o possuíra desde a morte do diretor agora era diferente. As acusações que ouvira de Muriel na festa pareciam ter se aninhado em seu cérebro, como coisas doentias que

infectavam suas lembranças do bruxo que idolatrava. Teria Dumbledore deixado aquelas coisas acontecerem? Teria agido como Duda, contente em observar o abandono e o abuso desde que não o afetassem? Poderia ter dado as costas a uma irmã que estava presa e escondida?

Harry pensou em Godric's Hollow, nos túmulos que Dumbledore jamais mencionara; pensou nos objetos misteriosos deixados, sem explicação, no testamento do diretor, e o seu ressentimento cresceu na obscuridade. Por que Dumbledore não lhe contara? Por que não lhe explicara? Teria tido real afeição por ele? Ou Harry tinha sido apenas um instrumento a ser polido e afinado, sem, no entanto, merecer confiança ou confidências?

O garoto não suportou ficar deitado ali, tendo por companhia apenas seus pensamentos amargurados. Desesperado para arranjar o que fazer e se distrair, deslizou para fora do saco de dormir, apanhou a varinha e saiu furtivamente da sala. No corredor, sussurrou: "Lumus", e começou a subir a escada à luz da varinha.

No segundo patamar ficava o quarto em que ele e Rony tinham dormido na última vez que estiveram na casa; ele espiou para dentro. As portas dos guarda-roupas estavam abertas e as roupas de cama tinham sido arrancadas. Harry se lembrou da perna de trasgo caída no chão da entrada. Alguém revistara a casa desde que a Ordem a deixara. Snape? Ou talvez Mundungo, que afanara muita coisa antes e depois da morte de Sirius? O olhar de Harry vagueou até o porta-retratos onde por vezes aparecia Fineus Nigellus Black, o tetravô de Sirius, mas estava vazio, exibia apenas um pedaço de forro encardido. Era evidente que Fineus Nigellus estava passando a noite no gabinete do diretor de Hogwarts.

Harry continuou a subir a escada até o último patamar onde havia apenas duas portas. A que

estava à sua frente tinha uma plaquinha em que se lia Sirius. O garoto jamais entrara no quarto do padrinho. Ele empurrou a porta, erguendo a varinha no alto para poder iluminar a maior área possível.

O quarto era espaçoso e, antigamente, devia ter sido bonito. Havia uma larga cama com a cabeceira de madeira entalhada, uma janela alta sombreada por compridas cortinas de veludo e um lustre coberto por uma espessa camada de pó, com tocos de velas ainda nos suportes, a cera grossa pendendo como pingos de gelo. Uma fina película de poeira cobria os quadros nas paredes e a cabeceira da cama; uma teia de aranha se estendia do lustre ao topo do grande guarda-roupa, e, quando Harry entrou no quarto, ouviu o tropel de camundongos assustados.

O adolescente Sirius tinha colado nas paredes tantos pôsteres e fotos que deixara visível muito pouco da seda cinza-prateado que a forrava. Harry só pôde supor que os pais de Sirius não tinham conseguido remover o Feitiço Adesivo Permanente que os mantinha colados à parede, porque dificilmente eles teriam apreciado o gosto do filho mais velho em matéria de decoração. Sirius parecia ter saído do caminho para aborrecer os pais. Havia uma coleção de grandes flâmulas da Grifinória, vermelho desbotado e ouro, somente para enfatizar como ele era diferente do resto da família Sonserina. Havia muitas fotos de motos trouxas e também (Harry tinha que admirar a coragem de Sirius) vários pôsteres de garotas trouxas de biquíni; Harry sabia que eram trouxas porque não se mexiam nas fotos, seus sorrisos eram desbotados e os olhos vidrados pareciam congelados no papel. Faziam um contraste com a única foto bruxa que havia nas paredes, a de quatro alunos de Hogwarts em pé, de braços dados, rindo para o fotógrafo.

Com um assomo de prazer, Harry reconheceu seu pai; com cabelos rebeldes no alto da

cabeça como os dele, também usava óculos como ele. Ao lado, estava Sirius displicentemente bonito, seu rosto, ligeiramente arrogante, muito mais jovem e feliz do que Harry jamais o vira em vida. À direita de Sirius, estava Pettigrew, mais de uma cabeça mais baixo, gorducho, os olhos aguados, radiante de prazer por ser incluído em uma turma tão legal, com os rebeldes muito admirados que tinham sido Tiago e Sirius. À esquerda de Tiago estava Lupin, mesmo então malvestido, mas com o mesmo ar de prazerosa surpresa por se ver apreciado e incluído... ou seria simplesmente porque Harry sabia o que acontecera, que ele via tudo isso na foto? Tentou destacá-la da parede; afinal, agora lhe pertencia - Sirius lhe deixara tudo -, mas a foto não soltou. Seu padrinho não correra riscos para impedir que os pais redecorassem o seu quarto.

Harry olhou para o chão. O céu lá fora estava clareando: um raio de luz revelou pedacinhos de papel, livros e pequenos objetos espalhados pelo tapete. Era evidente que o quarto de Sirius também fora revistado, embora desse a impressão de que seu conteúdo fora considerado quase todo, se não todo, imprestável. Alguns dos livros tinham sido sacudidos o suficiente para soltarem as capas, e o chão estava juncado de páginas soltas.

Harry se abaixou, apanhou uns pedaços de papel e examinou-os. Reconheceu um deles como parte de uma velha edição de História da magia, de Batilda Bagshot, e outro como uma página de um manual de manutenção de motos. O terceiro estava escrito a mão e amassado: alisou-o.

Caro Almofadinhas,

Muito, muito obrigada pelo presente de aniversário que mandou para Harry! Foi o que ele mais gostou até agora. Um aninho de idade e já dispara pela casa montado em uma vassoura de brinquedo, tão vaidoso

que estou enviando uma foto
para você ver. Sabe, a vassoura só levanta uns se ssenta centímetros do chão,
mas ele quase matou o gato e quebrou um vaso horr ível que Petúnia me mandou
no Natal (nada contra). É claro que Tiago achou m uito engraçado, diz que ele vai
ser um grande jogador de quadribol, mas tivemos q ue guardar todos os enfeites
da casa e dar um jeito de ficar sempre de olho ne le quando brinca.

Tivemos um chá de aniversário muito tranquilo, só nós e a velha Batilda que
sempre nos tratou com carinho e vive mimando o Ha rry. Ficamos com pena que
você não tenha podido vir, mas a Ordem vem em pri meiro lugar e Harry não tem
idade para saber que está fazendo anos! Tiago est á se sentindo um pouco
frustrado trancado em casa, ele procura não demon strar, mas eu percebo - além
disso, Dumbledore ficou com a Capa da Invisibilid ade dele, então não há
possibilidade de pequenos passeios. Se você pudes se lhe fazer uma visita, isso o
animaria muito. Rabicho esteve aqui no fim de sem ana passado, achei-o meio
deprimido, mas provavelmente foram as notícias so bre os McKinnon; chorei a
noite inteira quando soube.

Batilda passa por aqui quase todo dia, é uma v elhota fascinante que conta as
histórias mais surpreendentes sobre Dumbledore, n ão tenho muita certeza se ele
gostaria disso caso soubesse! Fico em dúvida se d evo realmente acreditar,
porque me parece inacreditável que Dumbledore

As extremidades de Harry pareceram ter adormecid o. Ele ficou muito quieto, segurando o
milagroso papel em seus dedos desenervados enquanto , por dentro, uma espécie de erupção
silenciosa fazia a felicidade e a dor irromperem em

igual medida em suas veias. Atirando-se na cama, ele se sentou.

Releu a carta, mas não conseguiu assimilar mais significados do que da primeira vez, e foi reduzido a contemplar a caligrafia em si. Sua mãe fazia os gês iguais aos dele; ele os procurou um a um na carta, e cada um lhe pareceu uma marola amiga vislumbrada por trás de um véu. A carta era um incrível tesouro, prova de que Lílian Potter vivera, realmente vivera, que sua mão quente um dia percorrera aquele pergaminho, tr açando aquelas letras, aquelas palavras, palavras a respeito dele, Harry, seu filho.

Afastando as lágrimas dos olhos, impaciente, el e releu a carta, desta vez concentrando-se mais no conteúdo. Era como ouvir uma voz parcialmen te lembrada.

Eles tinham um gato... talvez ele tivesse morri do, como seus pais, em Godric's Hollow... ou talvez tivesse fugido quando não houve mais quem o alimentasse... Sirius comprara para ele a primeira vassoura... seus pais conheceram Batilda Bagshot; Dumbledore teria apresentado os três? Dumbledore ficou com a Capa da Invisibilidade dele... havia alguma coisa estranha ali...

Harry parou, refletindo sobre as palavras da mã e. Por que Dumbledore guardara a Capa da Invisibilidade de Tiago? Harry se lembrava nitidam ente do diretor lhe dizendo, anos atrás: "Não preciso de uma capa para ficar invisível." Tal vez algum membro da Ordem menos talentoso tivesse precisado desse auxílio e Dumbled ore servira de intermediário? Harry prosseguiu...

Rabicho esteve aqui... Pettigrew, o traidor, par ecera "deprimido", é? Teria consciência de que estava vendo Tiago e Lílian vivos pela última v ez?

E, por fim, retornamos a Batilda, que contava hi stórias inacreditáveis sobre Dumbledore: pare ce inacreditável que Dumbledore...

Que Dumbledore o quê? Havia, porém, uma quantidade de coisas que pareciam incríveis sobre Dumbledore; que um dia ele tivesse recebido as notas mais baixas em uma prova de Transfiguração, por exemplo, ou que tivesse enfeitiçado bodes como fazia Aberforth...

Harry levantou-se e esquadrinhou o chão: talvez o restante da carta estivesse por ali. Ele agarrou papéis, tratando-os, em sua ansiedade, com tão pouca consideração quanto a pessoa que os encontrara primeiro; abriu gavetas, sacudiu livros, subiu em uma cadeira para passar a mão em cima do guarda-roupa e entrou embaixo da cama e da poltrona.

Por fim, de cara no chão, localizou o que lhe pareceu um pedaço de papel rasgado embaixo da cômoda. Quando o resgatou, era a maior parte da foto que Lílian descrevera na carta. Um bebê de cabelos escuros voando para dentro e para fora do papel, montado em uma minúscula vassoura, às gargalhadas, e um par de pernas que deviam pertencer a Tiago correndo atrás dele. Harry guardou a foto e a carta da mãe no bolso, e continuou a procurar a segunda folha.

Passados mais uns quinze minutos, no entanto, foi forçado a concluir que o resto da carta já não existia. Teria simplesmente se perdido nos dezesseis anos transcorridos desde que fora escrita, ou fora levada pela pessoa que revistara o quarto? Harry tornou a ler a primeira folha, desta vez procurando pistas para o que poderia ter tornado a segunda folha valiosa. A vassoura de brinquedo não teria interesse algum para os Comensais... a única coisa potencialmente útil que via ali era a possível informação sobre Dumbledore. Parece inacreditável que Dumbledore... o quê?

- Harry! Harry! Harry!

- Estou aqui! - gritou ele. - Que aconteceu?

Ele ouviu uma zoada de passos do lado de fora, e Hermione irrompeu pelo quarto.

- Nós acordamos e não sabíamos onde você estava

- disse ofegante. Virando-se, gritou por
cima do ombro: - Rony! Encontrei ele!
A voz aborrecida de Rony ressoou a distância de v
ários andares abaixo.
- Ótimo! Então diga por mim que ele é um bobalhão
!
- Harry, não desapareça assim, por favor, ficamo
s aterrorizados! Afinal, por que veio aqui
em cima? - Ela percorreu com o olhar o quarto saque
ado. - Que andou fazendo?
- Olhe o que acabei de encontrar.
E estendeu-lhe a carta de sua mãe. Hermione apanh
ou-a e leu-a observada pelo garoto.
Quando chegou ao fim da folha, olhou para ele.
- Ah, Harry...
- E tem mais isso.
Entregou a foto rasgada, e Hermione sorriu para o
bebê que entrava e saía montado na
vassoura de brinquedo.
- Estive procurando o resto da carta - disse Harr
y -, mas não está aqui.
A amiga correu o olhar pelo quarto.
- Você fez essa bagunça toda, ou uma parte dela j
á estava feita quando você entrou?
- Alguém revistou o quarto antes de mim.
- Foi o que pensei. Todos os cômodos em que olhe
i a caminho daqui foram revirados. Que
acha que estavam procurando?
- Informações sobre a Ordem, se foi o Snape.
- Mas seria de pensar que ele já tivesse tudo q
ue precisava, quero dizer, ele fazia parte da
Ordem, não é?
- Bem, então - disse Harry, ansioso para discuti
r sua teoria -, informações sobre
Dumbledore? A segunda folha desta carta, por exempl
o. Sabe essa Batilda que minha mãe
menciona, sabe quem ela é?
- Quem?
- Batilda Bagshot, a autora de...
- História da magia - completou Hermione, mostra
ndo interesse. - Então os seus pais a
conheciam? Ela foi uma incrível historiadora da mag

ia.
- E ainda está viva, e mora em Godric's Hollow, a tia Muriel, do Rony, esteve falando sobre ela no casamento. Ela conheceu a família de Dumbledore também. Seria bem interessante conversar com ela, não?
Para o gosto de Harry, houve um excesso de compreensão no sorriso de Hermione. Ele tirou a carta e a foto de suas mãos e guardou-as na bolsa pendurada ao pescoço, para não precisar olhar para a amiga e se trair.
- Eu entendo por que você gostaria de conversar com ela sobre sua mãe e seu pai, e Dumbledore também - disse Hermione. - Mas isto não iria realmente nos ajudar a achar as Horcruxes, não é? - Harry não respondeu e ela prosseguiu: - Harry, eu sei que você realmente quer ir a Godric's Hollow, mas estou com medo... estou com medo da facilidade com que aqueles Comensais da Morte nos encontraram ontem. Mais que nunca, isso me faz sentir que devemos evitar o lugar onde seus pais estão enterrados. Tenho certeza que estarão esperando a sua visita.
- Não é só isso - respondeu Harry, ainda evitando olhar para a amiga. - Muriel disse umas coisas sobre Dumbledore no casamento. E quero saber a verdade...
Ele contou, então, a Hermione tudo que Muriel dissera. Quando terminou, a garota comentou:
- É claro que entendo por que isso o perturbou, Harry...
- Não estou perturbado - mentiu. - Eu só gostaria de saber se é ou não verdade ou...
- Harry, você acha mesmo que vai chegar à verdade ouvindo fofocas maliciosas de uma velhota como a Muriel, ou de Rita Skeeter? Como pode acreditar nelas? Você conheceu Dumbledore!
- Pensei que conhecia - murmurou o garoto.
- Mas você sabe o quanto havia de verdade em tud

o que a Rita escreveu sobre você! Doge
está certo, como pode deixar essa gente macular as
lembranças que você tem de Dumbledore?

Harry desviou o olhar, tentando não revelar o r
ancor que sentia. Ali estava outra vez o
impasse: escolher no que acreditar. Ele queria a ve
rdade. Por que estavam todos tão
decididos a convencê-lo de que não devia procurá-la
?

- Vamos descer para a cozinha? - sugeriu Hermion
e após uma breve pausa. - Arranjar
alguma coisa para comer?

Ele concordou, mas de má vontade, e seguiu-a ao
corredor onde passaram em frente a uma
segunda porta. Harry notou que havia fundos arranhõ
es na tinta sob um pequeno aviso que
tinha passado despercebido no escuro. Parou, então,
 no alto da escada para lê-lo. Era um
aviso breve e pomposo, caprichosamente escrito à mã
o, o tipo de coisa que Percy Weasley
poderia ter colado na porta do próprio quarto.

Não entre
sem a expressa perm
issão de
Régulo Arturo B
lack

A agitação foi se infiltrando em Harry, mas ele
 não teve imediatamente certeza do porquê.
Tornou a ler o aviso. Hermione já estava um lance d
e escada abaixo.

- Hermione - disse ele, surpreso que sua voz es
tivesse tão calma. - Volta aqui em cima.

- Que foi?

- R.A.B. Acho que o encontrei.

Ouviu-se uma exclamação, e Hermione correu escad
a acima.

- Na carta de sua mãe? Mas não vi...

Harry balançou a cabeça, apontando para o aviso
na porta de Régulo. A garota leu-o e
apertou o braço de Harry com tanta força que ele fe
z uma careta de dor.

- O irmão de Sirius? - sussurrou.

- Ele foi um Comensal da Morte, Sirius me contou a história dele, Régulo se alistou quando ainda era muito moço e depois se acovardou e tentou sair; então, eles o mataram.

- Isso faz sentido! - exclamou Hermione. - Se ele foi um Comensal da Morte, teve acesso a Voldemort, e quando se desencantou deve ter querido derrubar Voldemort!

Ela largou Harry, debruçou-se no corrimão da escada e berrou:

- Rony! RONY! Vem aqui em cima, depressa!

O garoto apareceu, ofegante, um minuto depois, empunhando a varinha.

- Que aconteceu? Se é outro ataque maciço de aranhas, eu quero o meu café da manhã antes de...

Ele franziu a testa ao ver o aviso na porta do quarto, para o qual Hermione apontava silenciosamente.

- Quê? Esse era o irmão de Sirius, não era? Régulo Arturo... Régulo... R.A.B.! O medalhão... você acha...?

- Vamos descobrir - disse Harry. Ele empurrou a porta; estava trancada à chave. Hermione apontou a varinha para a maçaneta e disse: - Alohomora! - Ouviu-se um clique e a porta abriu.

Eles cruzaram o portal juntos, olhando para os lados. O quarto de Régulo era ligeiramente menor que o de Sirius, embora transmitisse a mesma sensação de antigo esplendor. Enquanto o irmão tinha procurado anunciar sua dessemelhança com o resto da família, Régulo tinha se esforçado para ressaltar o oposto. As cores da Sonserina, verde e prata estavam por toda parte, guarnecendo a cama, as paredes e janelas. O brasão da família Black fora laboriosamente pintado por cima da cama com a divisa Toujours Pur. Abaixo uma coleção de recortes de jornal, presos uns aos outros formando uma colagem irregular. Hermione atravessou o quarto para examiná-los.

- São todos sobre Voldemort - disse ela. - Pelo visto, Régulo já era fã dele anos antes de se reunir aos Comensais da Morte...

Uma nuvenzinha de pó se ergueu da colcha da cama quando Hermione se sentou para ler os recortes. Nesse intervalo, Harry tinha reparado em uma foto: um time de quadribol de Hogwarts sorria e acenava do espaço emoldurado. Ele se aproximou mais um pouco e viu as serpentes nos brasões no peito dos garotos: Sonserinos. Régulo era instantaneamente reconhecível como o garoto que estava sentado no centro da primeira fileira: tinha os mesmos cabelos escuros e o ar ligeiramente arrogante do irmão, embora fosse menor, mais franzino e menos bonito do que Sirius.

- Ele jogava na posição de apanhador - comentou Harry.

- Quê?! - exclamou Hermione distraída; ela continuava absorta nos recortes sobre Voldemort.

- Ele está sentado no centro da primeira fila, é onde o apanhador... ah, esquece - falou Harry ao perceber que ninguém lhe prestava atenção; Rony estava de quatro procurando alguma coisa embaixo do armário. Harry olhou ao seu redor, procurando esconderijos prováveis, e se aproximou da escrivaninha. Mais uma vez, alguém já a revistara. O conteúdo das gavetas tinha sido revirado recentemente, a poeira deslocada, mas não havia nada de valor ali: penas velhas, livros de escola antiquados que exibiam os vestígios dos maus-tratos, um tinteiro recentemente quebrado, seu resíduo pegajoso derramado sobre os objetos na gaveta.

- Há um jeito mais fácil - disse Hermione, enquanto Harry limpava os dedos sujos de tinta no jeans. Ela ergueu a varinha e ordenou: - Accio medalhão!

Nada aconteceu. Rony, que estivera procurando nas dobras das cortinas desbotadas, pareceu desapontado.

- Então é isso? Não está aqui?
- Ah, poderia até estar aqui, mas protegido por contrafeitiços - respondeu a garota. - Feitiços para impedir que se possa convocá-lo por magia, entende.
- Como o que Voldemort lançou na bacia de pedra na caverna - afirmou Harry, lembrando que não conseguira convocar o falso medalhão.
- Como vamos encontrá-lo, então? - perguntou Rony.
- Procurando com as mãos - respondeu Hermione.
- É uma boa ideia - disse Rony, virando os olhos para o teto e retomando o exame das cortinas. Eles verificaram cada centímetro do quarto durante mais de uma hora, mas foram forçados a concluir que o medalhão não estava ali.
Agora o sol já nascera; a luz os ofuscava mesmo através das cortinas sujas dos corredores.
- Mas poderia estar em qualquer outro lugar da casa - sugeriu Hermione, em um tom de convocação, ao descerem as escadas. Enquanto os dois garotos tinham ficado mais desanimados, ela ficara mais decidida. - Quer ele tenha conseguido ou não destruir o medalhão, iria querer escondê-lo de Voldemort, não acham? Lembram aquelas lixarias todas de que precisamos nos livrar quando estivemos aqui na última vez? Aquele relógio que lançava raios e aquelas vestes velhas que tentaram estrangular Rony; Régulo talvez as tivesse posto lá para proteger o esconderijo do medalhão, ainda que a gente não tenha entendido à... à...
Harry e Rony olharam para Hermione. Ela estava parada com um pé no ar e a expressão abobada de alguém que acabou de ser obliviado; seus olhos tinham até saído de foco.
- ... à época - terminou ela em um sussurro.
- Algum problema? - perguntou Rony.
- Havia um medalhão.
- Quê?! - exclamaram os dois garotos ao mesmo tempo.

- No armário da sala de visitas. Ninguém consegu
iu abri-lo. E nós... nós...
Harry teve a sensação de que um tijolo tinha esc
orregado do seu peito para o estômago.
Lembrou-se: tinha até manuseado o objeto quando pas
sou de mão em mão, todos
experimentando abri-lo. Por fim, fora atirado em u
m saco de lixo, junto com a caixa de pó de
verrugueira e a caixa de música que deixou todo mun
do com sono...
- Monstro pegou montes dessas coisas escondido d
e nós - disse Harry. Era a única chance,
a única e tênue esperança que lhes restava, e o ga
roto ia se apegar a ela até que fosse forçado
a abandoná-la. - Ele tinha um verdadeiro tesouro es
condido no armário da cozinha. Vamos.
Harry desceu correndo a escada de dois em dois d
egraus, com os amigos em sua cola
fazendo a escada reboar. O barulho foi tamanho que
acordaram o retrato da mãe de Sirius ao
atravessarem o corredor da entrada.
- Lixo! Sangues ruins! Ralé! - gritou a bruxa pa
ra os garotos quando desceram
desembestados para a cozinha do porão e bateram a p
orta ao entrar.
Harry continuou sua corrida pelo aposento, parou
derrapando à porta do armário de
Monstro e abriu-o com violência. Lá estava o ninho
de sujeira, as mantas velhas em que o elfo
costumava dormir, mas o armário já não brilhava co
m as quinquilharias que Monstro salvara.
Havia apenas um velho exemplar de A nobreza natural
: uma genealogia dos bruxos.
Recusando-se a crer no que via, Harry puxou as cobe
rtas e sacudiu-as. Delas caiu um
camundongo morto que rolou lugubremente pelo chão.
Rony gemeu ao se atirar em uma
cadeira da cozinha; Hermione fechou os olhos.
- Ainda não terminou - disse Harry, e erguendo a
voz berrou: - Monstro!
Ouviram um forte estalo e o elfo doméstico, que
relutantemente Harry herdara de Sirius,

apareceu de repente diante da lareira vazia e fria
: minúsculo, metade da altura de um homem,
a pele pálida em pelancas, os cabelos brancos brota
ndo em tufos das orelhas de morcego.
Ainda usava os trapos imundos em que o tinham conhe
cido, e o olhar de desprezo que lançou a
Harry demonstrou que sua atitude, com a transferênc
ia de dono, tal como os seus trajes, não
havia mudado.
- Meu senhor - coaxou Monstro com a sua voz de r
ã-touro, e ele fez uma profunda
reverência, resmungando para os próprios joelhos -
, de volta à velha casa da minha senhora
com o traidor do sangue Weasley e a sangue ruim...
- Proíbo você de chamar quem quer que seja de "
traidor do sangue" ou de "sangue ruim" -
rosnou Harry. Teria achado Monstro, com seu nariz t
rombudo e seus olhos injetados, um
objeto decididamente repulsivo mesmo se o elfo não
tivesse entregado Sirius a Voldemort.
- Tenho uma pergunta a lhe fazer - continuou Har
ry, o coração acelerando ao olhar para o
elfo -, e ordeno que me responda a verdade. Entende
u?
- Sim, meu senhor - respondeu Monstro fazendo n
ova reverência: Harry viu seus lábios se
moverem em silêncio, sem dúvida mastigando os insul
tos que fora proibido de proferir.
- Dois anos atrás - disse Harry, seu coração ago
ra reboando nas costelas -, havia um
medalhão de ouro na sala de visitas lá em cima. Nó
s o jogamos fora. Você o pegou de volta?
Houve um momento de silêncio em que Monstro se a
prumou para encarar Harry. Em
seguida respondeu:
- Peguei.
- Onde está o medalhão agora? - tornou o garoto
exultando, sob o olhar animado de Rony e
Hermione.
Monstro fechou os olhos como se não pudesse supo
rtar ver aquelas reações à sua resposta.
- Foi-se.

- Foi-se? - repetiu Harry, a euforia se dissipa
ndo. - Que quer dizer com esse "foi-se"?
O elfo estremeceu. Cambaleou.
- Monstro - disse Harry ameaçador -, ordeno que
você...
- Mundungo Fletcher roubou tudo: os retratos da
srta. Bela e da srta. Ciça, as luvas da
minha senhora, a Ordem de Merlim, Primeira Classe,
as taças de vinho com o brasão da
família e, e...
Monstro tentava recuperar o fôlego: seu peito ca
vado subia e descia rapidamente, então
seus olhos se arregalaram e ele soltou um grito de
congelar o sangue.
- ... e o medalhão, o medalhão do meu senhor Rég
ulo, Monstro agiu mal, Monstro
desobedeceu às ordens dele!
Harry reagiu instintivamente: quando Monstro mer
gulhou para apanhar o atiçador na grelha
da lareira, ele se atirou sobre o elfo e achatou-o
no chão. O grito de Hermione se misturou ao
de Monstro, mas Harry berrou mais alto que os dois:

- Monstro, ordeno que você fique parado!
Ele sentiu o elfo se imobilizar e soltou-o. Mon
stro ficou estatelado no piso frio, as lágrimas
saltando dos seus olhos empapuçados.
- Harry, deixe ele levantar! - sussurrou Hermion
e.
- Para ele poder se espancar com o atiçador? - b
ufou Harry, se ajoelhando ao lado do elfo.
- Acho que não. Certo, Monstro, quero a verdade: co
mo sabe que Mundungo Fletcher roubou
o medalhão?
- Monstro viu! - exclamou ele, as lágrimas escor
rendo do nariz para a boca cheia de dentes
cinzentos. - Monstro viu ele saindo do armário, as
mãos cheias com os tesouros de Monstro.
Monstro mandou o larápio parar, mas Mundungo Fletch
er riu e c-correu...
- Você disse que o medalhão era do seu senhor Ré
gulo. Por quê? De onde veio o

medalhão? Qual era a ligação de Régulo com ele? Mo
nstro, sente-se e me conte tudo que sabe
sobre aquele medalhão, tudo que o ligava a Régulo!
O elfo sentou, enroscado como uma bola, apoiou o
rosto molhado entre os joelhos e
começou a se balançar para a frente e para trás. Qu
ando falou, sua voz saiu abafada, mas
bastante clara no silêncio da cozinha vazia.
- Meu senhor Sirius fugiu, ainda bem, porque ele
era um garoto ruim e despedaçou o
coração da minha senhora com a sua rebeldia. Mas me
u senhor Régulo tinha orgulho; sabia
reverenciar o nome Black e a dignidade do seu sang
ue puro. Durante anos ele falou do Lorde
das Trevas, que ia tirar os bruxos da clandestinida
de e dominar os trouxas e os nascidos
trouxas... e quando fez dezesseis anos, meu senhor
Régulo se reuniu ao Lorde das Trevas. Tão
orgulhoso, tão orgulhoso, tão feliz de servir...
"E um dia, um ano depois que se alistou, meu sen
hor Régulo veio à cozinha ver Monstro.
Meu senhor Régulo sempre gostou de Monstro. E meu s
enhor Régulo disse... disse..."
O velho elfo balançou-se mais rápido que nunca.
- ... disse que o Lorde das Trevas precisava de
um elfo.
- Voldemort precisava de um elfo? - repetiu Harr
y, olhando para Rony e Hermione, que
pareceram tão intrigados quanto ele.
- Ah, foi - gemeu Monstro. - E meu senhor Régulo
tinha oferecido Monstro. Era uma honra,
disse meu senhor Régulo, uma honra para ele e para
Monstro; que tinha de fazer tudo que o
Lorde das Trevas mandasse... e depois v-voltar para
casa.
Monstro balançou-se ainda mais rápido, expirando
em soluços.
- Então Monstro foi procurar o Lorde das Trevas
. O Lorde das Trevas não disse a Monstro
o que iam fazer, mas levou Monstro com ele para uma
caverna junto ao mar. E para além da
caverna havia outra caverna, e na caverna havia um

enorme lago preto...

Os pelinhos da nuca de Harry se eriçaram. A voz rouca de Monstro parecia chegar a ele vinda da outra margem daquela água escura. Ele viu o que acontecera tão claramente quanto se tivesse estado presente.

- ... havia um barco...

É claro que houvera um barco; Harry conhecia o barco, minúsculo e verde espectral, enfeitiçado para transportar um bruxo e uma vítima até a ilha no meio do lago. Então fora assim que Voldemort testara as defesas que cercavam a Horcrux; pedindo emprestada uma criatura dispensável, um elfo doméstico...

- Havia uma b-bacia cheia de poção na ilha. O Lorde das T-trevas fez Monstro beber...

O elfo tremeu da cabeça aos pés.

- Monstro bebeu, e enquanto bebia, viu coisas terríveis... As entranhas de Monstro queimaram... Monstro gritou para o senhor Régulo ir salvar ele, gritou por sua senhora Black, mas o Lorde das Trevas ria... ele fez Monstro beber a poção toda... ele pôs um medalhão na bacia vazia... tornou a encher a bacia com mais poção.

"Então o Lorde das Trevas foi embora e deixou Monstro na ilha..."

Harry via a cena se desenrolando. O rosto branco e serpentino de Voldemort desaparecendo na escuridão, aqueles olhos vermelhos cruelmente fixos no elfo que se debatia e cuja morte ocorreria dentro de minutos, quando ele sucumbisse à sede desesperada que a poção causticante causava na vítima... mas daí em diante a imaginação de Harry não pôde prosseguir, porque não conseguiu visualizar como Monstro escapara.

- Monstro precisava de água, arrastou-se até a orla da ilha e bebeu a água do lago preto... e mãos, mãos mortas saíram da água e arrastaram Monstro para baixo...

- Como foi que você escapou? - perguntou Harry,

e não se surpreendeu ao perceber que
estava sussurrando.
Monstro ergueu a cabeça feia e encarou Harry com seus grandes olhos vermelhos.
- Meu senhor Régulo disse a Monstro para voltar.

- Eu sei... mas como você fugiu dos Inferi?
Monstro pareceu não entender.
- Meu senhor Régulo disse a Monstro para voltar - repetiu ele.
- Eu sei, mas...
- Ora é óbvio, não é, Harry? - interveio Rony. - Ele desaparatou!
- Mas... não se podia aparatar e desaparatar na caverna - disse Harry -, do contrário, Dumbledore...
- A magia dos elfos não é como a magia dos bruxos, é? - perguntou Rony. - Quero dizer,
eles podem aparatar e desaparatar em Hogwarts e nós não.
Fez-se silêncio enquanto Harry digeria a informação. Como Voldemort poderia ter
cometido um erro desse? Enquanto pensava, porém, Hermione falou, e sua voz estava gélida.
- É óbvio, Voldemort teria considerado os costumes dos elfos domésticos indignos de sua
atenção, exatamente como os sangues puros que os tratam como animais. Nunca teria lhe
ocorrido que eles pudessem ser capazes de uma magia que ele não dominasse.
- A lei máxima para um elfo doméstico é a ordem do seu senhor - entoou Monstro. -
Mandaram Monstro voltar para casa, então Monstro voltou para casa.
- Bem, então você fazia o que lhe mandavam, não é? - disse Hermione bondosamente. -
Não desobedecia a ordem alguma!
Monstro fez que não com a cabeça, se balançando furiosamente.
- Então que aconteceu quando você voltou? - perguntou Harry. - Que disse Régulo quando
você contou o que tinha acontecido?

- Meu senhor Régulo ficou muito preocupado, muit
o preocupado - crocitou Monstro. - Meu
senhor Régulo mandou Monstro ficar escondido e não
sair de casa. E então... foi um pouco
depois disso... meu senhor Régulo veio procurar Mo
nstro no armário uma noite, e meu senhor
Régulo estava esquisito, fora do normal, perturbado
, Monstro percebeu... e ele pediu a
Monstro para levá-lo até a caverna, a caverna onde
Monstro tinha ido com o Lorde das
Trevas...

E então tinham partido. Harry pôde visualizá-los
muito claramente, o velho elfo
amedrontado e o apanhador magro e moreno que tanto
se parecera com Sirius... Monstro sabia
como abrir a entrada oculta para a caverna subterr
ânea, sabia como erguer o barquinho; desta
vez foi o seu amado Régulo quem o acompanhou à ilha
com a bacia de veneno...

- E ele fez você beber a poção? - perguntou Harr
y enojado.

Monstro, porém, sacudiu a cabeça e chorou. Hermi
one levou as mãos à boca: parecia ter
compreendido alguma coisa.

- M-meu senhor Régulo tirou do bolso um medalhão
igual ao que o Lorde das Trevas tinha
- disse Monstro, as lágrimas escorrendo pelos lado
s do seu nariz trombudo. - E ele disse a
Monstro para pegar e, quando a bacia estivesse vazi
a, trocar os medalhões...

Os soluços de Monstro agora saíam em grandes gui
nchos; Harry precisou se concentrar para
entendê-lo.

- E ele deu ordem... para Monstro ir embora...
sem ele. E ele disse a Monstro... para ir para
casa... e nunca contar à minha senhora... o que el
e tinha feito... mas para destruir... o primeiro
medalhão. E ele bebeu... a poção toda... e Monstro
trocou os medalhões... e ficou olhando...
meu senhor Régulo... ele foi arrastado para baixo d
'água... e...

- Ah, Monstro! - gemeu Hermione, que estava chor

ando. Ela caiu de joelhos ao lado do
elfo e tentou abraçá-lo. Na mesma hora, ele ficou d
e pé, fugiu dela, deixando óbvia a sua
repulsa.

- A sangue ruim encostou em Monstro, ele não va
i permitir, que iria dizer a senhora dele?

- Eu lhe disse para não chamá-la de "sangue ruim
"! - vociferou Harry, mas o elfo já estava
se castigando: atirou-se ao chão e bateu com a cabe
ça repetidamente.

- Faça ele parar, faça ele parar! - exclamou He
rmione. - Ah, está vendo agora como isso é
doentio, a obrigação que eles têm de obedecer?

- Monstro: para, para! - gritou Harry.

O elfo ficou deitado no chão, ofegando e tremend
o, uma secreção verde brilhando em torno
do nariz, um hematoma já se formando na testa pálid
a no ponto em que a batera, seus olhos
inchados e injetados transbordando lágrimas. Harry
nunca vira nada tão digno de pena.

- Então você trouxe o medalhão para casa - disse
 ele inflexível, porque estava resolvido a
conhecer a história completa. - E tentou destruí-lo
?

- Nada que Monstro tentou fez mossa no medalhão
- lamentou-se o elfo. - Monstro tentou
tudo, tudo que sabia, mas nada, nada adiantou... d
e tão poderosos os feitiços que estavam nele.
Monstro tinha certeza que, para destruir o medalhã
o, precisava chegar dentro dele, mas ele
não abria... Monstro se castigou, tentou outra vez
, se castigou, tentou outra vez. Monstro não
conseguiu obedecer à ordem, Monstro não conseguiu d
estruir o medalhão! E sua senhora
enlouqueceu de tristeza, porque meu senhor Régulo
desapareceu, e Monstro não pôde contar a
ela o que tinha acontecido, não, porque meu senhor
 Régulo tinha p-proibido Monstro de contar
para a f-família o que tinha acontecido na c-cavern
a...

Monstro começou a soluçar tanto que suas palavra
s deixaram de fazer sentido. As lágrimas

escorriam pelo rosto de Hermione, que observava Mon
stro, mas ela não se atreveu a tocá-lo
novamente. Até Rony, que não era fã do elfo, parec
ia perturbado. Harry se recostou e sacudiu
a cabeça, tentando clarear os pensamentos.
- Não estou entendendo você, Monstro - disse ele
finalmente. - Voldemort tentou matar
você, Régulo morreu para derrubar Voldemort, ainda
assim você ficou feliz em entregar Sirius
a Voldemort? Ficou feliz em procurar Narcisa e Bela
triz e por meio delas passar informações
a Voldemort...
- Harry, não é assim que Monstro raciocina - di
sse Hermione enxugando as lágrimas com o
dorso da mão. - Ele é um escravo; elfos domésticos
estão acostumados a ser maltratados e até
brutalizados; o que Voldemort fez a Monstro não fo
i muito diferente disso. Que significam as
guerras bruxas para um elfo como Monstro? Ele é le
al àqueles que são bons para ele, e a sra.
Black deve ter sido boa, e Régulo certamente o foi,
portanto ele os servia de boa vontade e
repetia as crenças deles. Sei o que você vai me diz
er - continuou ela, quando Harry começou
a protestar -, que Régulo mudou de ideia... mas, pe
lo visto, ele não explicou isso a Monstro,
não é? E acho que sei a razão. Monstro e a família
de Régulo estariam mais seguros se
continuassem fiéis ao velho conceito do sangue puro
. Régulo estava tentando proteger a todos.
- Sirius...
- Sirius era muito mau com Monstro, Harry, e não
adianta me olhar assim, você sabe que é
verdade. Monstro tinha passado muito tempo sozinho
quando Sirius veio morar aqui, e
provavelmente estava faminto por alguma afeição. T
enho certeza que a "srta. Ciça" e a "srta.
Bela" eram absolutamente simpáticas com Monstro qu
ando ele aparecia por lá, então ele lhes
fazia um favor e contava tudo que queriam saber. Se
mpre disse que os bruxos um dia iriam
pagar pelo modo com que tratam os elfos domésticos.

Bem, Voldemort pagou... e Sirius também.

Harry não teve o que retorquir. Enquanto observava Monstro aos soluços no chão, ele se lembrou do que Dumbledore lhe dissera, poucas horas antes de Sirius morrer: "Acho que Sirius nunca encarou Monstro como um ser com sentimentos tão sutis quanto os de um ser humano..."

- Monstro - disse Harry, algum tempo depois -, quando tiver vontade, ãh... por favor, se sente.

Passaram-se vários minutos até Monstro calar seus soluços. Sentou então, esfregando os olhos com os nós dos dedos, como uma criancinha.

- Monstro, vou lhe pedir para fazer uma coisa - disse-lhe Harry. E olhou para Hermione pedindo ajuda: queria dar uma ordem gentilmente, mas ao mesmo tempo não poderia fingir que não era uma ordem. Contudo, a mudança no seu tom de voz parecia ter recebido a aprovação da amiga: ela sorriu encorajando-o.

"Monstro, eu quero que você, por favor, encontre Mundungo Fletcher. Precisamos descobrir onde o medalhão, o medalhão do seu senhor Régulo, está. É realmente importante. Queremos terminar a tarefa que o seu senhor Régulo começou, queremos... ãh... garantir que ele não tenha morrido em vão."

Monstro baixou os punhos e ergueu os olhos para Harry Potter.

- Encontrar Mundungo Fletcher? - repetiu rouco.

- E trazê-lo aqui, ao largo Grimmauld - acrescentou Harry. - Você acha que poderia fazer isso para nós?

Ao ver Monstro assentir e ficar em pé, o garoto teve uma súbita inspiração. Apanhou a bolsa que Hagrid lhe dera e tirou a falsa Horcrux, o medalhão substituto em que Régulo colocara o bilhete para Voldemort.

- Monstro, eu... ãh... gostaria que você ficasse com isso - disse, colocando o medalhão nas

mãos do elfo. - Isto pertenceu a Régulo, e tenho certeza que ele gostaria de lhe dar como prova de gratidão pelo que você...

- Destruiu, colega - disse Rony, quando o elfo, dando uma olhada no medalhão, deixou escapar um uivo de choque e desespero e tornou a se atirar ao chão.

Levaram quase meia hora para acalmar Monstro, que ficou tão comovido em receber de presente uma herança da família Black que sentiu os joelhos fracos demais para se manter em pé. Quando finalmente pôde dar alguns passos, os garotos o acompanharam ao seu armário, viram-no guardar o medalhão nas cobertas sujas, e tranquilizaram o elfo de que a proteção do objeto seria sua maior prioridade enquanto ele estivesse ausente. Então Monstro fez duas reverências profundas para Rony e Harry, e até uma leve contração gaiata em direção a Hermione que talvez fosse uma tentativa de saudá-la respeitosamente, antes de desaparatar com o costumeiro estalo.

-- CAPÍTULO ONZE --
O Suborno

Se Monstro podia escapar de um lago cheio de Inferi, Harry confiava que a captura de Mundungo levaria no máximo algumas horas, e ele andou pela casa a manhã inteira em estado de grande expectativa. Contudo, Monstro não voltou aquela manhã nem à tarde. Quando anoiteceu, Harry se sentiu desanimado e ansioso, e o jantar composto principalmente de pão bolorento, no qual Hermione tentara uma variedade de malsucedidas transfigurações, não ajudou em nada.

Monstro não retornou no dia seguinte, nem no próximo. Apareceram, no entanto, dois homens de capa no largo em frente ao número doze, e ali permaneceram noite adentro, olhando em direção a casa que não podiam ver.

- Na certa, Comensais da Morte - disse Rony, enquanto ele, Harry e Hermione observavam

das janelas da sala de visitas. - Acham que eles sa
bem que estamos aqui?
- Acho que não - respondeu Hermione, embora pare
cesse amedrontada -, ou teriam
mandado Snape atrás de nós, não?
- Vocês acham que ele esteve aqui e o feitiço d
e Moody prendeu a língua dele? - sugeriu
Rony.
- Acho - respondeu Hermione -, do contrário, ter
ia podido contar àquele bando como
entrar, não? Mas eles provavelmente estão vigiando
para ver se aparecemos. Sabem que a
casa é do Harry.
- Como puderam...? - começou Harry.
- Os testamentos bruxos são examinados pelo Mini
stério, lembram? Saberão que Sirius
deixou a casa para você.
A presença de Comensais da Morte ali fora intens
ificou a atmosfera agourenta no número
doze. Os garotos não tinham ouvido nada de pessoa a
lguma fora do largo Grimmauld desde o
Patrono do sr. Weasley, e a tensão estava começand
o a se manifestar. Inquieto e irritável,
Rony tinha desenvolvido o incômodo hábito de brinca
r com o desiluminador dentro do bolso:
isto enfurecia particularmente Hermione, que passav
a o tempo em que aguardavam Monstro
estudando Os contos de Beedle, o bardo e não estava
 gostando que as luzes piscassem.
- Quer parar com isso! - exclamou, na terceira
noite da ausência de Monstro, quando a luz
da sala de visitas foi apagada mais uma vez.
- Desculpe, desculpe! - disse Rony, acionando o
desiluminador e acendendo as luzes. -
Não estou fazendo isso conscientemente!
- Bem, não pode procurar alguma coisa útil para
se ocupar?
- O quê, ler histórias escritas para criancinhas
?
- Dumbledore me deixou o livro, Rony...
- ... e me deixou o desiluminador, quem sabe esp
erava que eu o usasse!

Incapaz de suportar essas briguinhas, Harry saiu da sala sem os dois perceberem. Desceu à cozinha, que ele não parava de visitar, porque tinha a certeza de que era ali que Monstro provavelmente reapareceria. No meio da escada para a entrada, no entanto, ele ouviu uma batida na porta da frente, e em seguida cliques metálicos e a corrente.

Sentiu cada nervo do seu corpo se retesar: sacou a varinha e se ocultou nas sombras ao lado das cabeças dos elfos decapitados, onde ficou aguardando. A porta abriu: ele entreviu o largo iluminado e um vulto de capa entrou sorrateiro na casa e fechou a porta. O intruso deu um passo à frente e a voz de Moody perguntou:

- Severo Snape?

Então, o vulto de pó se ergueu no final do corredor e avançou para ele, a mão cadavérica erguida.

- Não fui eu que o matei, Alvo - respondeu a voz baixa.

O feitiço se desfez, o vulto de pó explodiu e foi impossível ver o recém-chegado através da densa nuvem cinzenta que o espectro deixou ao desaparecer.

Harry apontou a varinha para o meio da nuvem.

- Não se mexa!

Ele esquecera, porém, o retrato da sra. Black: ao som de sua ordem, as cortinas que a ocultavam se abriram repentinamente e a bruxa começou a gritar:

- Sangues ruins e escória desonrando minha casa...

Rony e Hermione desceram atrás de Harry reboando pela escada, as varinhas apontadas para o estranho no corredor, as mãos para o alto.

- Guardem as varinhas, sou eu, Remo!

- Ah, graças aos céus! - exclamou Hermione em voz baixa, dirigindo a varinha para a sra. Black; com um estampido, as cortinas tornaram a fechar e fez-se silêncio. Rony também baixou a varinha, mas Harry não.

- Apareça! - falou.

Lupin deu um passo para a luz, as mãos ainda no alto em um gesto de rendição.

- Sou Remo João Lupin, lobisomem, também conhecido como Aluado, um dos quatro criadores do mapa do maroto, casado com Ninfadora, mais conhecida como Tonks, e o ensinei a produzir um Patrono, Harry, que assume a forma de um veado.

- Ah, tudo bem - disse Harry, baixando a varinha -, mas eu tinha que verificar, não?

- Na qualidade de seu antigo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, concordo plenamente que precisasse verificar. Rony, Hermione, vocês não deviam ter baixado a guarda tão rapidamente.

Os garotos desceram o resto da escada e correram para o recém-chegado. Protegido por uma grossa capa de viagem preta, ele parecia exausto, mas satisfeito em revê-los.

- Então, nem sinal de Severo? - perguntou.

- Não - respondeu Harry. - Que está acontecendo? Estão todos bem?

- Estão - confirmou Lupin -, mas vigiados. Há uns dois Comensais da Morte no largo aí em frente...

- ... sabemos...

- ... precisei aparatar exatamente no último degrau à frente da porta para garantir que não me vissem. Não sabem que vocês estão aqui, ou tenho certeza que postariam mais gente lá fora; estão tocaiando todos os lugares que têm alguma ligação com você, Harry. Vamos descer, tenho muito que lhes contar e quero saber o que aconteceu depois que saíram d'A Toca.

Eles desceram à cozinha, onde Hermione apontou a varinha para a lareira. As chamas subiram instantaneamente: deram a ilusão de aconchego às frias paredes de pedra e se refletiram na superfície da mesa de madeira. Lupin tirou algumas cervejas amanteigadas

debaixo da capa de viagem, e todos se sentaram.
- Eu teria chegado aqui há três dias, mas precis ei me livrar do Comensal que estava me seguindo - comentou Lupin. - Então, vocês vieram di reto para cá depois do casamento?
- Não - respondeu Harry -, só depois de toparmos com dois Comensais em um bar na Tottenham Court.
Lupin derramou quase toda a cerveja no peito.
- Quê?
Os garotos explicaram o que havia acontecido; qu ando terminaram, Lupin estava horrorizado.
- Mas como encontraram vocês tão depressa? É imp ossível rastrear uma pessoa que aparata, a não ser que a agarrem antes de desaparec er!
- E é pouco provável que estivessem apenas passe ando pela Tottenham Court na hora, concorda? - comentou Harry.
- Pensamos - arriscou Hermione - que talvez Har ry ainda tivesse o rastreador, que acha?
- Impossível - respondeu Lupin. Rony fez cara de quem acertou, e Harry se sentiu imensamente aliviado. - Sem me aprofundar, se Harry ainda carregasse o rastreador, eles teriam certeza absoluta de sua presença aqui, não é mesmo? Mas não vejo como poderiam ter seguido vocês a Tottenham Court, e isso me preocupa , realmente me preocupa.
Ele pareceu perturbado, mas, se dependesse de Ha rry, a pergunta poderia esperar.
- Conte o que aconteceu depois que saímos, não soubemos de nada desde que o pai de Rony nos avisou que a família estava bem.
- Bem, Kingsley nos salvou - disse Lupin. - Graç as ao seu aviso, a maior parte dos convidados pôde desaparatar antes da invasão.
- Eram Comensais da Morte ou gente do Ministério ? - interrompeu-o Hermione.
- Os dois; para todos os efeitos, agora os dois são a mesma coisa - disse Lupin. - Eram uns

doze, mas não sabiam que você estava lá, Harry. Art
hur ouviu um boato que procuraram
descobrir o seu paradeiro, torturando Scrimgeour a
ntes de matá-lo; se for verdade, ele não o
traiu.

Harry olhou para Rony e Hermione; seus rostos r
efletiam a mescla de choque e gratidão que
ele sentia. Jamais gostara muito de Scrimgeour, ma
s, se o que Lupin dizia fosse verdade, o
último gesto do homem fora protegê-lo.

- Os Comensais revistaram A Toca de cima a baixo
 - continuou Lupin. - Encontraram o
vampiro, mas não quiseram chegar muito perto; depoi
s interrogaram horas seguidas os que
permaneceram na casa. Estavam querendo obter inform
ações sobre você, Harry, mas,
naturalmente, ninguém mais além dos membros da Orde
m sabia que você tinha estado lá.

"Ao mesmo tempo que acabavam com o casamento, ou
tros Comensais estavam invadindo as
casas no campo que tinham ligação com a Ordem. Não
mataram ninguém", acrescentou,
depressa, prevendo a pergunta, "mas foram violentos
. Queimaram a casa de Dédalo Diggle,
mas, como você sabe, ele não estava, e usaram a Mal
dição Cruciatus na família de Tonks,
tentando descobrir aonde você tinha ido depois de
visitá-los. Eles estão bem... obviamente
abalados... mas, sob outros aspectos, bem."

- Os Comensais da Morte romperam todos os feitiç
os de proteção? - perguntou Harry,
lembrando-se de sua eficácia na noite em que ele se
 acidentara no jardim dos Tonks.

- O que você precisa compreender, Harry, é que os
 Comensais agora têm o Ministério todo
na mão - disse Lupin. - Têm o poder de usar feitiço
s cruéis sem medo de serem identificados
ou presos. Conseguiram penetrar cada feitiço defen
sivo que lançamos contra eles e, uma vez
dentro, agiram abertamente.

- E por que estão se dando o trabalho de inventar
 desculpas para descobrir o paradeiro de

Harry por meio de tortura? - perguntou Hermione, co
m um fio de irritação na voz.
- Bem... - começou Lupin. Hesitou um momento, ent
ão tirou da capa um exemplar dobrado
do Profeta Diário. - Leia - disse, empurrando o jo
rnal para Harry do outro lado da mesa -,
você irá saber mais cedo ou mais tarde. É o pretext
o que estão usando para procurar você.
Harry abriu o jornal. Uma enorme fotografia sua o
cupava a primeira página. Leu a
manchete.

PROCURADO PARA DEPOR SOBRE A MORTE DE ALVO
DUMBLEDORE

Rony e Hermione gritaram indignados, mas Harry f
icou calado. Empurrou o jornal para
longe; não queria ler mais nada: sabia o que dizia.
Ninguém, exceto os que estavam no alto da
torre quando Dumbledore morreu, sabia quem realment
e o matara, e, como Rita Skeeter já
divulgara para o mundo bruxo, Harry fora visto fugi
ndo do local momentos depois da queda
de Dumbledore.

- Lamento, Harry - disse Lupin.

- Então os Comensais da Morte tomaram o Profeta
Diário também? - perguntou Hermione,
furiosa.

Lupin assentiu.

- Mas com certeza as pessoas percebem o que está
acontecendo, não?

- O golpe foi hábil e virtualmente silencioso -
respondeu Lupin. - A versão oficial para o
assassinato de Scrimgeour é que ele renunciou; foi
substituído por Pio Thicknesse, que está
sob a influência da Maldição Imperius.

- Por que Voldemort não se declarou ministro da
Magia? - perguntou Rony.

Lupin riu.

- Não precisa, Rony. Ele é de fato o ministro d
a Magia, então, para que iria se sentar atrás
de uma mesa no Ministério? Seu fantoche, Thicknesse
, está cuidando da burocracia diária,
deixando Voldemort livre para estender sua influênc

ia para além do Ministério.
"Naturalmente muitas pessoas deduziram o que aconteceu: nos últimos dias houve uma acentuada mudança na diretriz ministerial, e muitos estão murmurando que Voldemort deve estar por trás disso. Contudo, aí reside o problema: murmuram apenas. Não ousam trocar confidências, não sabem em quem confiar; têm medo de se manifestar, porque suas suspeitas podem se confirmar e suas famílias serem atingidas. Sim, Voldemort está fazendo um jogo inteligente. Expor-se poderia ter provocado uma rebelião aberta: nos bastidores, criou confusão, incerteza e medo."
- E essa mudança acentuada na diretriz ministerial - indagou Harry - inclui alertar o mundo bruxo contra mim e não contra Voldemort?
- Com certeza, e é um golpe de mestre. Agora que Dumbledore morreu, você, O-Menino-Que-Sobreviveu, certamente seria o símbolo e o núcleo de qualquer resistência contra Voldemort. Mas, ao sugerir que você participou na morte do velho herói, ele não só pôs a sua cabeça a prêmio como também semeou a dúvida e o medo entre aqueles que o teriam defendido.
"Nesse meio-tempo, o Ministério saiu em campo contra os nascidos trouxas."
Lupin apontou para o Profeta Diário.
- Vejam a página dois.
Hermione virou as páginas do jornal com a mesma expressão de nojo com que segurara os Segredos das artes mais tenebrosas. E leu em voz alta:
- Registro para os Nascidos Trouxas
"O Ministério da Magia está procedendo a um censo dos chamados `nascidos trouxas' para melhor compreender como se tornaram detentores de segredos da magia.
"Pesquisas recentes feitas pelo Departamento de Mistérios revelam que a magia só pode ser transmitida de uma pessoa a outra quando os bru

xos procriam. Portanto, nos casos em
que não há comprovação de ancestralidade bruxa, os chamados nascidos trouxas
provavelmente obtiveram seus poderes por meio do roubo ou uso de força.
"O Ministério tomou a decisão de extirpar esses usurpadores da magia e, com essa
finalidade, enviou um convite para que se apresentem a uma entrevista com a recém-
nomeada Comissão de Registro dos Nascidos Trouxas."

- As pessoas não vão deixar isso acontecer - disse Rony.
- Já está acontecendo - informou Lupin. - Os nascidos trouxas estão sendo arrebanhados,
por assim dizer.
- Mas como supõem que eles possam ter "roubado" a magia? Isso é pura debilidade, se
fosse possível roubar magia não haveria bruxos abortados, não acham?
- Concordo - disse Lupin. - Contudo, a não ser que você possa provar que tem, no mínimo,
um parente próximo que seja bruxo, concluirão que obteve o seu poder ilegalmente e será
passível de punição.
Rony olhou para Hermione e disse:
- E se os sangues-puros e os mestiços jurarem que um nascido trouxa faz parte da família?
Eu direi a todo mundo que Hermione é minha prima...

Hermione pôs a mão sobre a mão de Rony e apertou-a.
- Obrigada Rony, mas eu não poderia deixar...
- Você não terá escolha - disse Rony impetuosamente, segurando a mão dela. - Eu a ensino
a reconhecer a minha árvore genealógica e você poderá responder às perguntas deles.
Hermione deu uma risada gostosa.
- Rony, como estamos fugindo com Harry, a pessoa mais procurada deste país, acho que
isso não tem importância. Se eu fosse voltar para
a escola seria diferente. E quais são os

planos de Voldemort para Hogwarts? - perguntou ela a Lupin.

- A frequência agora é obrigatória para todas as crianças bruxas. Anunciaram ontem. É uma mudança, porque antes nunca foi obrigatória. Naturalmente quase todos os bruxos da Grã-Bretanha foram educados em Hogwarts, mas os pais tinham o direito de ensinar-lhes em casa ou mandá-los estudar no exterior, se preferissem. Com isso, Voldemort terá toda a população bruxa sob vigilância desde muito jovem. E é outra maneira de extirpar os nascidos trouxas, porque os alunos devem receber um registro sanguíneo, indicando que provaram ao Ministério sua ascendência bruxa, antes de poderem se matricular.

Harry sentiu repugnância e raiva: naquele momento crianças de onze anos excitadas estariam examinando pilhas de livros de feitiços recém-comprados, sem saber que jamais veriam Hogwarts ou talvez nem as próprias famílias.

- É... é... - murmurou, tentando encontrar palavras que fizessem justiça aos pensamentos horripilantes que lhe passavam pela cabeça, mas Lupin disse-lhe brandamente:

- Eu sei.

O ex-professor hesitou.

- Eu compreenderei se você não puder confirmar, Harry, mas a Ordem está desconfiada de que Dumbledore lhe confiou uma missão.

- Confiou, e Rony e Hermione a conhecem e vão me acompanhar.

- Você pode me contar qual é a missão?

Harry encarou aquele rosto prematuramente enrugado, com a sua moldura de cabelos bastos, mas grisalhos, e desejou que pudesse lhe dar uma resposta diferente.

- Não posso, Remo, lamento. Se Dumbledore não lhe revelou, acho que também não posso.

- Supus que essa seria a sua resposta - disse Lupin, desapontado. - Ainda assim, eu

poderia lhe ser útil. Você me conhece e sabe o que sou capaz de fazer. Eu poderia acompanhá-lo para lhe fornecer proteção. Não haveria necessidade de me dizer exatamente o que pretendem.

Harry hesitou. Era uma oferta tentadora, embora ele não conseguisse imaginar como iriam poder guardar segredo se Lupin estivesse com eles todo o tempo.

Hermione, no entanto, pareceu intrigada.

- E Tonks? - perguntou.

- Que tem ela?

- Bem - tornou Hermione, enrugando a testa -, vocês são casados! O que ela está achando dessa sua viagem conosco?

- Tonks estará perfeitamente segura. Na casa dos pais dela.

O tom de Lupin foi estranho; quase frio. Havia algo esquisito na ideia de Tonks ficar escondida na casa dos pais; afinal, ela era membro da Ordem e, pelo que Harry conhecia, a auror provavelmente iria querer participar da ação.

- Remo - perguntou Hermione hesitante -, está tudo bem... entende... entre você e...

- Tudo está ótimo, obrigado - respondeu ele, enfaticamente. Hermione corou.

Houve uma segunda pausa, inoportuna e constrangedora, então Lupin acrescentou com ar de quem era forçado a admitir algo desagradável:

- Tonks vai ter um bebê.

- Ah, que maravilhoso! - guinchou Hermione.

- Excelente! - disse Rony, entusiasmado.

- Parabéns - acrescentou Harry.

Lupin lançou aos garotos um sorriso forçado, mais parecia uma careta, antes de perguntar:

- Então... aceitam a minha oferta? Os três poderão ser quatro? Não acredito que Dumbledore desaprovasse, afinal foi ele que me nomeou professor de Defesa Contra as Artes das Trevas. E, confesso, creio que estamos enfrentando uma magia que muitos de nós jamais

encontraram ou imaginaram existir.
Rony e Hermione olharam para Harry.
- Só... só para deixar bem claro - disse o garo
to. - Você quer deixar Tonks na casa dos
pais e nos acompanhar?
- Tonks estará perfeitamente segura, eles cuidar
ão dela - respondeu Lupin, com uma
firmeza que beirava a indiferença. - Harry, tenho c
erteza que Tiago iria querer que eu
estivesse ao seu lado.
- Bem - disse Harry, lentamente -, eu não. Tenho
certeza que o meu pai iria querer saber
por que você não vai ficar ao lado do seu próprio f
ilho.
A cor sumiu do rosto de Lupin. A temperatura da
cozinha parecia ter caído dez graus. Rony
correu o olhar pelo aposento como se o tivessem man
dado memorizar cada detalhe, enquanto
os olhos de Hermione iam e vinham de Harry para Lup
in.
- Você não entende - disse Lupin, finalmente.
- Explique, então.
Lupin engoliu em seco.
- Cometi um grave erro me casando com Tonks. Agi
contrariando o meu bom-senso, e tenho
me arrependido muito desde então.
- Entendo, então você vai simplesmente abandonar
a moça e o filho e fugir conosco?
Lupin se pôs repentinamente de pé: a cadeira tom
bou para trás e ele encarou os garotos com
tanta ferocidade que Harry viu, pela primeira vez n
a vida, a sombra do lobo em seu rosto
humano.
- Você não entende o que fiz à minha mulher e ao
meu filho que vai nascer? Eu jamais devia
ter casado com Tonks, eu a transformei em uma pária
! - Lupin chutou para o lado a cadeira
que derrubara.
"Você até hoje só me viu na Ordem, ou sob a prot
eção de Dumbledore, em Hogwarts! Você
não sabe como a maioria do mundo bruxo encara as cr
iaturas como eu! Quando descobrem a

minha desgraça, nem conseguem mais falar comigo! Você não percebe o que eu fiz? Até a família dela se desgostou com o nosso casamento, que pais querem ver a única filha casada com um lobisomem? E o filho... o filho..."

Lupin chegou a arrancar tufos dos próprios cabelos; parecia muito descontrolado.

- A minha espécie normalmente não procria! Ele será como eu, estou convencido. Como poderei me perdoar, quando conscientemente corri o risco de transmitir a minha deficiência a uma criança inocente? E se, por milagre, ela não for como eu, então estará melhor, mil vezes melhor sem um pai do qual sempre se envergonhará!

- Remo! - sussurrou Hermione, os olhos marejados de lágrimas. - Não diga isso, como uma criança poderia ter vergonha de você?

- Ah, não sei, Hermione - disse Harry. - Eu teria muita vergonha dele.

Ele não sabia de onde vinha a sua raiva, mas o sentimento o fizera se levantar também. A expressão de Lupin era a de quem tinha sido esbofeteado por Harry.

- Se o novo regime acha que os que nasceram trouxas são criminosos, que fará com um mestiço de lobisomem cujo pai pertence à Ordem? Meu pai morreu tentando proteger a mim e minha mãe, e você acha que ele lhe diria para abandonar seu filho e nos acompanhar em uma aventura?

- Como... como se atreve? - disse Lupin. - Não se trata de um desejo de... correr riscos ou obter glória pessoal... como se atreve a insinuar uma...

- Acho que você está sendo audacioso - disse Harry. - Querendo ocupar o lugar de Sirius...

- Harry, não! - suplicou Hermione, mas ele continuou a encarar o rosto lívido de Lupin.

- Eu nunca teria acreditado - continuou Harry. - O homem que me ensinou a combater dementadores... um covarde.

Lupin sacou a varinha tão rápido que Harry mal

teve tempo de apanhar a própria; seguiu-se
um forte estampido e ele se sentiu arremessado par
a trás como se tivesse levado um murro; ao
bater contra a parede da cozinha e escorregar para
o chão, viu a ponta da capa de Lupin
desaparecer pela porta.

- Remo, Remo, volte! - gritou Hermione, mas Lupi
n não respondeu. Instantes depois
ouviram a porta da frente bater. - Harry! - gritou,
 chorosa. - Como pôde fazer isso?

- Foi fácil - respondeu Harry.

Ele se levantou; sentiu um galo crescendo no lug
ar em que sua cabeça batera na parede. Sua
raiva era tanta que o fazia tremer.

- Não olhe para mim desse jeito! - disse rispida
mente a Hermione.

- Não se vire contra ela! - rosnou Rony.

- Não... não... não devemos brigar! - disse Herm
ione atirando-se entre os dois.

- Você não devia ter dito aquilo a Lupin - disse
 Rony a Harry.

- Ele estava pedindo - respondeu Harry. Imagens
fragmentadas sobrepunham-se
celeremente em sua mente: Sirius atravessando o véu
; Dumbledore suspenso, desconjuntado,
no ar; um lampejo de luz verde e a voz de sua mãe p
edindo misericórdia...

- Os pais - disse Harry - não devem abandonar o
s filhos, a não ser... a não ser que não
possam evitar.

- Harry... - disse Hermione, esticando a mão par
a consolá-lo, mas ele repeliu-a e se
afastou, fixando as chamas que a garota tinha conj
urado. Uma vez falara com Lupin por aquela
lareira, buscando consolo por causa do pai, e o pr
ofessor o ajudara. Agora o rosto torturado e
pálido de Lupin parecia flutuar diante de seus olho
s. Ele sentiu uma onda nauseante de
remorso. Nem Rony nem Hermione falaram, mas ele tin
ha certeza de que estavam se
entreolhando às suas costas, comunicando-se em silê
ncio.

Harry se virou e surpreendeu-os voltando rapidam
ente as costas um para o outro.
- Sei que não devia tê-lo chamado de covarde.
- Não, não devia - concordou Rony, imediatamente
.
- Mas é como ele está agindo.
- Mesmo assim... - disse Hermione.
- Eu sei. Mas se isto o fizer voltar para Tonks,
terá valido a pena, não?
Ele não pôde evitar o tom de súplica em sua voz.
Hermione pareceu receptiva, Rony,
inseguro. Harry olhou para os próprios pés pensando
no pai. Tiago teria apoiado o que ele
dissera a Lupin ou teria se zangado com o filho pe
lo modo com que tratara seu velho amigo?
A cozinha silenciosa pareceu vibrar com o impact
o da cena recente e a reprovação muda de
Rony e Hermione. O Profeta Diário que Lupin trouxer
a continuava sobre a mesa, a foto de
Harry na primeira página virada para o teto. Ele se
aproximou e se sentou, abriu o jornal a
esmo e fingiu ler. Não conseguia entender as palavr
as, sua mente ainda arrebatada pelo
confronto com Lupin. Sabia que Rony e Hermione tinh
am retomado sua comunicação
silenciosa por trás do Profeta. Ele virou a página
com violência, e o nome de Dumbledore
saltou aos seus olhos. Harry levou alguns instante
s para entender o significado da foto em que
havia uma família. Sob a foto a legenda: A família
Dumbledore: da esquerda para a direita,
Alvo, Percival, segurando Ariana recém-nascida, Ken
dra e Aberforth.
Atento, Harry parou para examinar a foto. O pai
de Dumbledore, Percival, era um homem
bonito, com olhos que pareciam cintilar mesmo na v
elha foto desbotada. O bebê, Ariana, era
pouco maior que uma fôrma de pão e igualmente despr
ovido de traços marcantes. A mãe,
Kendra, tinha cabelos muito negros presos em um co
que. Seu rosto parecia esculpido. Apesar
do vestido de seda de gola alta que usava, Harry le

mbrou-se de índios americanos ao estudar
seus olhos escuros, malares altos e nariz reto. Al
vo e Aberforth usavam paletós iguais com
gola de renda e cortes idênticos nos cabelos até os
ombros. Alvo parecia vários anos mais
velho, mas sob outros aspectos, os dois meninos er
am muito semelhantes, porque a foto fora
tirada antes de Alvo ter o nariz fraturado ou começ
ar a usar óculos.

A família parecia bem feliz e normal e sorria s
erenamente. O bebê acenava, sem direção,
com o braço fora da manta. Harry olhou para o alto
da foto e leu a manchete:

TRECHO EXCLUSIVO DA BIOGRAFIA DE ALVO DUMBLEDORE A
SER LANÇADA EM
BREVE por Rita Skeeter

Pensando que não poderia se sentir pior do que já
se sentia, Harry começou a ler:

Orgulhosa e arrogante, Kendra Dumbledore não p
oderia suportar permanecer
em Mould-on-the-Wold depois da comentada detenção
do marido Percival e sua
prisão em Azkaban. Ela decidiu, portanto, cortar
esses laços e se mudar para
Godric's Hollow, a aldeia que anos mais tarde se
tornaria famosa como cenário do
ataque de Você-Sabe-Quem a Harry Potter e a inexp
licável sobrevivência do
menino.

Godric's Hollow, tal como Mould-on-the-Wold, e
ra o refúgio de muitas famílias
bruxas, mas, não as conhecendo, Kendra estaria a
salvo da curiosidade que o
crime de Percival despertara em sua antiga aldeia
. Repelindo as tentativas de
aproximação dos vizinhos bruxos, em pouco tempo e
la garantiu que sua família
fosse deixada em paz.

"Kendra bateu a porta na minha cara quando pas
sei para lhe dar as boas-vindas
levando um tabuleiro de bolos de caldeirão", cont
a Batilda Bagshot. "No primeiro

ano em que moraram lá, só vi os dois meninos. Não saberia que havia uma filha se não estivesse colhendo plangentinas ao luar no inverno depois da mudança e visse Kendra saindo com Ariana para o jardim dos fundos. Deu uma volta com a criança segurando-a com firmeza, depois tornou a entrar. Eu nem soube o que pensar daquilo."

Aparentemente, Kendra achou que mudar para Godric's Hollow seria a oportunidade perfeita de esconder Ariana para sempre, coisa que provavelmente vinha planejando havia anos. O momento era oportuno. Ariana ainda não completara sete anos quando deixou de ser vista, e sete anos é a idade em que, se existir, a magia se revelará, segundo a maioria dos estudiosos. Nenhuma das pessoas ainda vivas se lembra de Ariana demonstrar o menor pendor para a magia. Parece evidente, portanto, que Kendra tenha decidido esconder a existência da filha para não sofrer a vergonha de admitir que dera à luz uma bruxa abortada. Afastar-se dos amigos e vizinhos que conheciam Ariana, naturalmente, tornaria a sua prisão em casa tanto mais fácil. O pequeno número de pessoas que a partir daí conheceram sua existência guardaria o segredo, inclusive seus dois irmãos, que contornavam as perguntas embaraçosas com a resposta que a mãe lhes ensinara: "Minha irmã é muito doentinha para frequentar a escola."

Na próxima semana: Alvo Dumbledore em Hogwarts - os prêmios e o fingimento.

Harry tinha se enganado: o que acabara de ler fez com que se sentisse pior. Ele tornou a contemplar a foto da família aparentemente feliz. Seria verdade? Como poderia descobrir? Queria ir a Godric's Hollow, ainda que Batilda não

estivesse em condições de conversar com ele; queria visitar o lugar em que ele e Dumbledor e tinham perdido entes queridos. Já estava baixando o jornal, para perguntar a opinião de Rony e Hermione, quando um estalo ensurdecedor ecoou pela cozinha.

Pela primeira vez em três dias, Harry tinha esquecido Monstro completamente. No primeiro momento, pensou que Lupin estivesse irrompendo de volta ao aposento e, por uma fração de segundo, não percebeu o número de pernas que apareceram se debatendo na cozinha ao lado de sua cadeira. Ergueu-se de um salto enquanto Monstro, que se desvencilhava e lhe fazia uma profunda reverência, crocitou:

- Monstro retornou com o ladrão Mundungo Fletcher, meu senhor.

Mundungo levantou-se com dificuldade e sacou a varinha; Hermione, no entanto, foi mais rápida que ele.

- Expelliarmus!

A varinha de Mundungo saiu voando pelo ar e a garota a recolheu. De olhos arregalados, o bruxo se atirou em direção à escada: Rony derrubou-o e Mundungo bateu no piso de pedra com um ruído abafado.

- Quê? - berrou, contorcendo-se em tentativas para se livrar das garras de Rony. - Que foi que eu fiz? Mandando um desgraçado de um elfo doméstico atrás de mim, que brincadeira é essa, que foi que eu fiz, me solte, me solte, ou...

- Você não está em posição de fazer ameaças - disse Harry. E, atirando o jornal para o lado, atravessou a cozinha em poucos passos e se ajoelhou ao lado de Mundungo, que parou de lutar aterrorizado. Rony se levantou, ofegando, e ficou observando Harry apontar deliberadamente a varinha para o nariz do bruxo. Mundungo fedia a suor velho e fumaça de tabaco: seus cabelos estavam embaraçados e as vestes manchadas.

- Monstro pede desculpas pela demora em trazer o ladrão, meu senhor - crocitou o elfo. - Fletcher sabe como evitar ser capturado, tem muitos esconderijos e cúmplices. Mesmo assim, Monstro acabou encurralando o ladrão.

- Você fez um ótimo serviço, Monstro - disse Harry, e o elfo fez nova reverência.

"Certo, temos algumas perguntas a lhe fazer", disse Harry a Mundungo, que imediatamente gritou:

- Entrei em pânico, o.k.? Nunca quis ir, sem querer ofender, colega, nunca me ofereci para morrer por você, e o infeliz do Você-Sabe-Quem veio voando direto para mim, qualquer pessoa teria se mandado, eu disse o tempo todo que não queria fazer...

- Para sua informação, nenhum dos outros desapareceu - interrompeu-o Hermione.

- Ora, vocês são metidos a heróis, é o que são, mas eu nunca fingi que pretendia me matar...

- Não estamos interessados em suas razões para abandonar Olho-Tonto - disse Harry, chegando a varinha mais perto dos olhos empapuçados e vermelhos do bruxo. - Nós já sabíamos que você não prestava.

- Então, por que diabos estou sendo caçado por elfos domésticos? Ou é aquela história das taças novamente? Não tenho mais nenhuma comigo, senão você poderia ficar com elas...

- Também não queremos falar de taças, embora você esteja esquentando. Cale a boca e ouça - disse Harry.

Era uma sensação maravilhosa ter o que fazer, ter alguém de quem exigir uma pequena parcela de verdade. A varinha de Harry agora estava tão próxima da ponte do nariz de Mundungo que o bruxo ficara vesgo tentando não perdê-la de vista.

- Quando você limpou esta casa de tudo que tinha valor... - começou Harry, mas Mundungo interrompeu-o outra vez.

- Sirius nunca ligou para aquela lixaria...

Ouviram um som de pezinhos apressados, um lampej
o de cobre reluzente, uma batida
metálica e ressonante e um grito de dor: Monstro ti
nha corrido até Mundungo, acertando-o na
cabeça com uma caçarola.
- Tira ele daí, tira ele daí, ele devia ser pre
so! - berrou o bruxo, se encolhendo quando
Monstro tornou a erguer a caçarola de fundo pesado.

- Monstro, não! - gritou Harry.
Os braços finos de Monstro estremeceram sob o pe
so da caçarola que segurava no alto.
- Só mais uma vez, meu senhor Harry, para dar so
rte.
Rony riu.
- Precisamos dele consciente, Monstro, mas, se h
ouver necessidade de persuadi-lo, você
fará as honras da casa - disse Harry.
- Muito, muito obrigado, meu senhor - disse Mon
stro com uma reverência, e recuou alguns
passos, seus grandes olhos claros ainda pregados em
 Mundungo, com repugnância.
- Quando você limpou esta casa de todos os valor
es que conseguiu encontrar - começou
Harry novamente -, levou um monte de coisas do armá
rio da cozinha. Havia ali um medalhão.
- A boca de Harry ficou repentinamente seca: ele se
ntiu a tensão e a excitação em Rony e
Hermione. - Que foi que você fez com ele?
- Por quê? - perguntou Mundungo. - Tinha valor?
- Você o guardou! - gritou Hermione.
- Não, não guardou - disse Rony com perspicácia.
 - Ele está imaginando se poderia ter
pedido mais dinheiro por ele.
- Mais? - respondeu o bruxo. - Pô, teria sido d
ifícil... entreguei aquele troço de graça. Não
tive escolha.
- Como assim?
- Estava vendendo coisas no Beco Diagonal e a mu
lher chega pra mim e pergunta se eu
tenho licença para negociar artefatos mágicos. Uma
desgraçada metida. Ia me multar, mas

gostou do medalhão e disse que ia levar e deixar ba
rato daquela vez e que eu me desse por
feliz.

- Quem era a mulher? - perguntou Harry.

- Não sei, uma megera do Ministério.

Mundungo parou para pensar um instante, enrugand
o a testa.

- Mulher pequena. Laço de fita na cabeça.

Ele franziu mais um pouco a testa e acrescentou:

- Cara de sapa.

Harry deixou cair a varinha: o objeto bateu no n
ariz de Mundungo e soltou faíscas
vermelhas nas sobrancelhas dele, que pegaram fogo.

- Aguamenti! - gritou Hermione, e um jato de ág
ua saiu de sua varinha e cobriu o bruxo,
que cuspia água e se engasgava. Harry ergueu os ol
hos e viu o seu próprio choque refletido
nos rostos de Rony e Hermione. As cicatrizes no dor
so de sua mão direita pareciam estar
formigando outra vez.

-- CAPÍTULO DOZE --

Magia é poder

À medida que agosto foi passando, o quadrado de cap
im alto no meio do largo Grimmauld foi
secando ao sol até se tornar marrom e quebradiço. O
s habitantes do número doze nunca eram
vistos por ninguém das casas vizinhas, nem o número
 doze em si. Os trouxas que moravam no
largo havia muito tempo tinham aceitado o divertid
o erro de numeração que deixara o número
onze ao lado do número treze.

E, no entanto, o largo, aos poucos, vinha atrai
ndo visitantes que pareciam achar a anomalia
muito curiosa. Não se passava um dia sem que uma ou
 duas pessoas chegassem ao lugar sem
outro objetivo, ou assim parecia, que não o de se d
ebruçar nas grades diante dos números onze
e treze, para observar a emenda das duas casas. Não
 eram sempre os mesmos, dois dias
seguidos, embora se parecessem na aversão por roupa
s comuns. A maioria dos londrinos que

passavam pelos visitantes estavam acostumados a tra
jes excêntricos e nem reparavam, ainda
que, ocasionalmente, um deles pudesse olhar para tr
ás imaginando por que alguém usaria
capas tão compridas naquele calor.

Os curiosos não pareciam extrair grande satisfaç
ão de sua vigília. Por vezes, um deles
partia em direção a casa, agitado, como se, enfim,
 tivesse visto algo interessante, apenas para
acabar recuando, desapontado.

No primeiro dia de setembro, havia mais pessoas
 rondando o largo do que jamais houvera.
Meia dúzia de homens com longas capas pararam atent
os e silenciosos, observando, como
sempre, as casas onze e treze, mas a coisa que espe
ravam ver continuava a lhes escapar. À
medida que a noite foi caindo e trazendo, pela prim
eira vez em semanas, inesperadas rajadas
de chuva fria, ocorreu um desses momentos inexplic
áveis em que eles tiveram a impressão de
ter visto algo interessante. O homem de cara torta
apontou-o para o companheiro mais
próximo, um homem pálido e gorducho, e ambos avança
ram, mas, momentos depois,
retomaram a descontraída inatividade anterior, com
um ar de contrariedade e decepção.

Entrementes, no interior do número doze, Harry a
cabara de entrar no corredor. Quase
perdera o equilíbrio quando aparatou no degrau à f
rente da porta, e achou que os Comensais
da Morte pudessem ter percebido o seu cotovelo mome
ntaneamente à mostra. Fechando com
cuidado a porta ao passar, tirou a Capa da Invisib
ilidade, pendurou-a no braço e correu pelo
corredor lúgubre em direção ao porão, apertando na
mão o exemplar do Profeta Diário que
roubara.

O sussurro habitual de "Severo Snape?" saudou-o,
 o vento gelado passou por ele e sua
língua enrolou por um instante.

- Eu não o matei - respondeu, quando pôde, e pre
ndeu a respiração enquanto o espectro

poeirento explodia. Aguardou até alcançar a metade da escada da cozinha, fora do alcance da sra. Black e da nuvem de poeira, para gritar: - Trouxe notícias, e vocês não vão gostar.

A cozinha estava quase irreconhecível. Todas as superfícies agora brilhavam: as panelas e tachos de cobre tinham sido polidos até adquirirem um brilho rosado, o tampo da mesa de madeira luzia, as taças e pratos, já postos para o jantar, cintilavam à luz das chamas vivas que dançavam na lareira, onde fumegava um caldeirão. Nada no aposento, porém, apresentava uma mudança mais dramática do que o elfo doméstico, que agora veio correndo receber Harry, vestido com uma alvíssima toalha, os pelos de sua orelha limpos e fofos como algodão, o medalhão de Régulo balançando no peito magro.

- Tire os sapatos, por favor, meu senhor Harry, e lave as mãos antes do jantar - crocitou Monstro, apanhando a Capa da Invisibilidade e sacudindo-a para pendurar em um gancho na parede, ao lado de várias vestes antiquadas recém-lavadas.

- Que aconteceu? - perguntou Rony, apreensivo. Ele e Hermione estiveram estudando um maço de anotações e mapas feitos à mão, e que cobriam uma das extremidades da longa mesa da cozinha. Agora, no entanto, pararam para observar a aproximação de Harry, que atirou o jornal em cima dos pergaminhos espalhados.

Uma grande foto de um homem de cabelos negros, nariz curvo, muito conhecido dos três, encarou-os sob a manchete: SEVERO SNAPE CONFIRMADO DIRETOR DE HOGWARTS.

- Não! - exclamaram Rony e Hermione.

A garota foi mais rápida; agarrou o jornal e começou a ler a notícia em voz alta.

- Severo Snape, há anos professor de Poções na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, foi hoje nomeado diretor na mudança mais importante entre as que foram realizadas no corpo docente da tradicional escola.

Aleto Carrow assumirá a função de
professora de Estudo dos Trouxas face ao pedido de demissão da titular, enquanto seu
irmão, Amico, ocupará o posto de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas.

"Agradeço a oportunidade de defender os melhores valores e tradições bruxos..."

- Suponho que sejam matar e cortar orelhas! Snape, diretor! Snape no gabinete de
Dumbledore: pelas calças de Merlim! - guinchou Hermione, sobressaltando Harry e Rony. Ela
se levantou da mesa de um salto e se precipitou para fora da cozinha, gritando: - Volto em um
minuto!

- Pelas calças de Merlim? - repetiu Rony, achando graça. - Ela deve estar bem perturbada.

Ele puxou o jornal para perto e correu os olhos pelo artigo sobre Snape.

- Os outros professores não vão aceitar isso. McGonagall, Flitwick e Sprout sabem a
verdade, sabem como Dumbledore morreu. Não vão aceitar Snape como diretor. E quem são
esses Carrow?

- Comensais da Morte - respondeu Harry. - Tem fotos deles aí dentro. Estavam no alto da
torre quando Snape matou Dumbledore, é a reunião dos amigos. E - continuou Harry,
amargurado, puxando uma cadeira - não vejo opção para os outros professores senão
permanecerem nos cargos. Se o Ministério e Voldemort estão apoiando Snape, terão de
escolher entre ficar e ensinar ou passar uns aninhos em Azkaban, isto é, se tiverem sorte.
Calculo que ficarão, para tentar proteger os alunos.

Monstro veio apressado em direção à mesa, trazendo uma grande terrina nas mãos, e serviu
a sopa nos pratos imaculados, assoviando entre os dentes.

- Obrigado, Monstro - disse Harry, fechando o Profeta para não precisar olhar para a cara
de Snape. - Bem, pelo menos sabemos exatamente onde

ele está agora.
Harry começou a levar a colher de sopa à boca. A qualidade da culinária de Monstro tinha melhorado drasticamente desde que ganhara o medalhão de Régulo: a sopa de cebola de hoje era a melhor que Harry já provara.
- Ainda tem uma pá de Comensais da Morte vigiando a casa - disse ele a Rony enquanto comia -, mais do que de costume. É como se estivessem esperando que a gente saísse carregando os malões da escola para tomar o Expresso de Hogwarts.
Rony consultou o relógio.
- Estive pensando nisso o dia todo. O expresso partiu faz umas seis horas. É esquisito não estar a bordo, não é?
Harry pareceu rever em imaginação a maria-fumaça, quando ele e Rony a seguiram pelo ar, tremeluzindo por campos e montanhas, uma lagarta vermelha ondulando sobre trilhos. Tinha certeza de que Gina, Neville e Luna estavam sentados juntos neste momento, talvez se perguntando onde ele, Rony e Hermione estariam, ou discutindo a melhor maneira de sabotar o novo regime de Snape.
- Eles quase me viram voltando para casa, agora há pouco - disse Harry. - Aterrissei de mau jeito no degrau da porta, e a capa escorregou um pouco.
- Faço isso todas as vezes. Ah, aí vem ela - acrescentou Rony, esticando-se na cadeira para ver Hermione entrando na cozinha. - E em nome dos cuecões folgados de Merlim, que aconteceu?
- Me lembrei disto aqui. - Hermione ofegava.
Trazia na mãos um enorme retrato emoldurado, que apoiou no chão antes de apanhar a bolsinha de contas no aparador da cozinha. Abrindo-a, tentou forçar o quadro para dentro, e, embora ele fosse visivelmente grande demais para caber naquela bolsinha minúscula, em segundos desapareceu, como tantas outras coisas, em

suas amplas profundezas.
- Fineus Nigellus - explicou Hermione, atirando a bolsa na mesa da cozinha, com o estrondo metálico habitual.
- Desculpe? - perguntou Rony, mas Harry entendeu. A imagem de Fineus Nigellus era capaz de sair do retrato no largo Grimmauld e visitar o outro que havia pendurado no gabinete do diretor de Hogwarts: a sala circular no alto da torre onde, sem dúvida, Snape estava sentado neste momento, na posse triunfal da coleção de delicados objetos mágicos de prata que pertencera a Dumbledore: a Penseira, o Chapéu Seletor e, a não ser que a tivessem levado para outro lugar, a espada de Gryffindor.
- Snape poderia mandar Fineus Nigellus dar uma olhada aqui em casa para ele - explicou Hermione a Rony, tornando a ocupar o seu lugar à mesa. - Que experimente fazer isso agora, só o que Fineus vai ver é o interior da minha bolsa.
- Bem pensado! - exclamou Rony, impressionado.
- Obrigada. - Sorriu Hermione, puxando o prato de sopa para perto. - Então, Harry, que mais aconteceu hoje?
- Nada. Vigiei a entrada do Ministério durante sete horas. Nem sinal dela. Mas vi seu pai, Rony. Está com ótima aparência.
Rony agradeceu, com a cabeça, a notícia. Eles tinham concordado que era perigoso demais tentar se comunicar com o sr. Weasley entrando ou saindo do Ministério, porque estava sempre cercado por outros funcionários. Tranquilizava, porém, vê-lo nesses rápidos relances, mesmo que parecesse muito ansioso e esgotado.
- Papai nos contou que a maioria dos funcionários do Ministério usa a Rede de Flu para ir trabalhar - disse Rony. - É por isso que não temos visto a Umbridge, que jamais andaria a pé. Ela se acha muito importante.
- E aquela velha bruxa engraçada e o bruxo miúdo de vestes azul-marinho? - perguntou

Hermione.
- Ah, é, o cara da Manutenção Mágica - respondeu Rony.
- Como sabe que ele trabalha na Manutenção Mágica? - tornou Hermione, com a colher de sopa suspensa no ar.
- Papai falou que todo o mundo que trabalha no departamento usa vestes azul-marinho.
- Mas você nunca nos disse isso!
Hermione largou a colher e puxou para perto o maço de anotações e mapas que ela e Rony estavam examinando quando Harry entrou na cozinha.
- Não há nada aqui que fale em vestes azul-marinho, nada! - disse ela, folheando os papéis febrilmente.
- Ora, faz mesmo diferença?
- Rony, tudo faz diferença! Se vamos entrar no Ministério sem nos trair, sabendo que eles estão superatentos aos intrusos, cada detalhezinho faz diferença! Já repassamos isso mil vezes, quero dizer, de que adiantam todas essas viagens de reconhecimento se você nem se dá o trabalho de nos dizer...
- Caramba, Hermione, esqueci uma coisinha...
- Você entende, não, que no momento é provável que não exista lugar mais perigoso para nós no mundo do que o Ministério da...
- Acho que devíamos agir amanhã - disse Harry.
Hermione parou de falar, o queixo caído; Rony engasgou-se um pouco com a sopa.
- Amanhã? - respondeu Hermione. - Você não está falando sério, Harry!
- Estou. Acho que não estaremos melhor preparados do que estamos, mesmo se continuarmos a rondar a entrada do Ministério mais um mês. Quanto mais adiarmos, mais distante o medalhão ficará. E sempre há uma boa chance de que a Umbridge o tenha jogado fora; a coisa não abre.
- A não ser - lembrou Rony - que ela tenha arranjado um jeito de abrir e esteja possuída.
- Não faria a menor diferença, ela já era malig

na desde o começo - disse Harry, sacudindo os ombros.

Hermione mordia os lábios, absorta em seus pensamentos.

- Já sabemos tudo que é importante - continuou Harry, dirigindo-se à amiga. - Sabemos que pararam de aparatar e desaparatar no Ministério. Sabemos que só os funcionários mais graduados podem ter suas casas ligadas à Rede de Flu, porque Rony ouviu aqueles dois inomináveis reclamando. E sabemos, mais ou menos, onde fica a sala da Umbridge, por aquela conversa que você ouviu do cara com o colega...

- "Estarei no Nível um, a Dolores quer me ver" - repetiu-a Hermione imediatamente.

- Exato - disse Harry. - E sabemos que eles entram usando umas moedas engraçadas, ou fichas, ou o que sejam, porque vi aquela bruxa pedindo uma emprestada à amiga...

- Mas não temos nenhuma!

- Se o plano funcionar, arranjaremos - continuou Harry, calmamente.

- Não sei não, Harry... tem um montão de coisas que podem dar errado, são tantas as que dependem da sorte...

- Isso não vai mudar, mesmo que a gente gaste mais três meses se preparando - replicou Harry. - A hora é essa.

Ele percebeu pelas caras de Rony e Hermione que os amigos estavam amedrontados; e ele próprio não se sentia tão confiante assim, mas tinha a certeza de que chegara a hora de pôr o plano em ação.

Tinham gastado as quatro semanas anteriores se revezando sob a Capa da Invisibilidade para espionar a entrada oficial do Ministério, que Rony, graças ao sr. Weasley, conhecia desde a infância. Os garotos tinham seguido funcionários a caminho do Ministério, ouvido suas conversas e descoberto, através de cuidadosa observação, quais deles apareciam infalivelmente sozinhos, à mesma hora todos os dias

. De vez em quando, tinham tido
oportunidade de furtar um Profeta Diário da pasta d
e alguém. Aos poucos, foram preparando
os diagramas e anotações agora empilhados diante de
 Hermione.
   - Tudo bem - disse Rony, lentamente -, digamos q
ue a gente tente amanhã... acho que
devíamos ir só o Harry e eu.
   - Ah, não comece com isso outra vez! - suspirou
Hermione. - Pensei que isso já estava
decidido.
   - Uma coisa é ficar parado nas entradas protegid
o pela capa, mas desta vez a coisa é
diferente, Hermione. - Rony apontou para um exempla
r do Profeta Diário de dez dias antes. -
Você está na lista dos nascidos trouxas que não se
apresentaram para o interrogatório!
   - E você supostamente está morrendo de sarapinto
se n'A Toca! Se alguém deve ficar, é o
Harry, anunciaram um prêmio de dez mil galeões pela
 cabeça dele...
   - Ótimo, ficarei aqui. Não se esqueçam de me avi
sar se conseguirem derrotar Voldemort,
tá?
   Enquanto Rony e Hermione riam, a dor atravessou
a cicatriz em sua testa. Harry ergueu
subitamente a mão: viu a amiga apertar os olhos, e
tentou disfarçar o movimento, afastando os
cabelos da testa.
   - Bem, se nós três formos, teremos que desaparat
ar separados - Rony foi dizendo. - Não
cabemos mais embaixo da capa juntos.
   A dor na cicatriz de Harry foi se intensificand
o. Ele se levantou. Na mesma hora, Monstro
correu para ele.
   - O meu senhor não terminou a sopa, o meu senhor
 prefere um ensopado gostoso, ou então a
torta de caramelo que o meu senhor gosta tanto?
   - Obrigado, Monstro, mas voltarei em um minuto..
. ãh... banheiro.
   Consciente de que Hermione o observava desconfi
ada, Harry subiu correndo a escada até o

corredor de entrada e dali ao primeiro andar, onde embarafustou pelo banheiro e trancou a porta. Gemendo de dor, debruçou-se na pia preta com torneiras em forma de serpentes de bocas escancaradas e fechou os olhos...

Ele estava deslizando por uma rua ao crepúsculo. De cada lado, os prédios tinham telhados altos de duas águas; pareciam casas de biscoitos.

Ao se aproximar de um deles viu a brancura da própria mão de dedos longos encostar na porta. Bateu. Sentiu uma crescente agitação...

A porta abriu: à entrada, surgiu uma mulher sorridente. Seu rosto aparentou desapontamento ao ver Harry, o bom humor sumiu substituído pelo terror...

- Gregorovitch? - disse a voz aguda e fria.

A mulher sacudiu a cabeça: estava tentando fechar a porta. A mão branca segurou-a com firmeza, impedindo que a mulher o deixasse de fora...

- Procuro Gregorovitch.

- Er wohnt hier nicht mehr! - exclamou ela, balançando a cabeça. - Ele não morar aqui! Ele não morar aqui! Não conhecer ele!

Abandonando a tentativa de fechar a porta, ela começou a recuar para o hall escuro, e Harry entrou, deslizando ao seu encontro; as mãos de longos dedos sacaram a varinha.

- Onde está ele?

- Das weiss ich nicht! Ele mudar! Não saber, não saber!

Ele ergueu a varinha. Ela gritou. Duas crianças entraram correndo no hall. Ela tentou protegê-las com os braços. Houve um lampejo de luz verde...

- Harry! HARRY!

Ele abriu os olhos; desfalecera no chão. Hermione batia com força na porta.

- Harry, abra!

Tinha berrado, sabia que sim. Levantou-se e destrancou a porta; Hermione entrou aos tropeços, recuperou o equilíbrio e olhou para os la

dos, desconfiada. Rony vinha logo atrás, parecendo nervoso ao apontar a varinha para os cantos do banheiro gelado.

- Que estava fazendo? - perguntou Hermione com severidade.

- Que acha que eu estava fazendo? - respondeu Harry em uma débil tentativa de desafio.

- Você estava aos berros! - explicou Rony.

- Ah sim... devo ter cochilado ou...

- Harry, por favor não insulte a nossa inteligência - tornou Hermione, inspirando profundamente várias vezes. - Sabemos que a sua cicatriz doeu lá embaixo, e você está branco feito cal.

Harry se sentou na borda da banheira.

- Ótimo. Acabei de ver Voldemort matando uma mulher. A essa altura, ele provavelmente já matou a família toda. E não precisava. Foi a morte de Cedrico revivida, as pessoas estavam ali...

- Harry, você não devia deixar isso acontecer mais! - exclamou Hermione, sua voz ecoando pelo banheiro. - Dumbledore queria que você usasse a Oclumência! Ele achou que a ligação era perigosa: Voldemort pode usá-la, Harry! Que pode haver de bom em vê-lo matar e torturar, de que lhe adianta isso?

- Mostra o que ele anda fazendo - respondeu Harry.

- Então, você não vai nem ao menos tentar fechar a ligação?

- Hermione, não consigo. Você sabe que sou péssimo em Oclumência, nunca aprendi direito.

- Você nunca tentou de verdade! - retrucou a menina exaltada. - Eu não entendo, Harry, você gosta de ter essa ligação, ou relação especial, ou seja lá o que for...

Ela vacilou sob o olhar que o amigo lhe lançou ao se levantar do chão.

- Gosto? - disse em voz baixa. - Você gostaria?

- Eu... não... desculpe, Harry, não quis...

- Odeio, odeio que ele seja capaz de penetrar mi
nha mente, que eu tenha de observá-lo
quando é mais perigoso. Mas vou usar isso.
- Dumbledore...
- Esqueça Dumbledore. A escolha é minha, de mais
ninguém. Quero saber por que está
atrás de Gregorovitch.
- Quem?
- Um fabricante estrangeiro de varinhas. Foi que
m fabricou a varinha de Krum, e Krum o
considera genial.
- Mas, segundo você - lembrou Rony -, Voldemort
mantém Olivaras preso em algum lugar.
E, se já tem um fabricante de varinhas, para que el
e quer outro?
- Talvez ele concorde com Krum, talvez pense qu
e Gregorovitch é melhor... ou talvez pense
que Gregorovitch seja capaz de explicar o que a mi
nha varinha fez quando ele me perseguiu,
uma vez que Olivaras não foi.
Harry olhou para o espelho partido e empoeirado
e viu Rony e Hermione trocando olhares
céticos às suas costas.
- Harry, você fala o tempo todo do que a sua va
rinha fez - disse Hermione -, mas foi você
que fez aquilo acontecer! Por que teima tanto em r
ejeitar a responsabilidade por seu próprio
poder?
- Porque sei que não fui eu! E Voldemort também
sabe, Hermione! Nós dois sabemos o que
realmente aconteceu!
Os dois se encararam. Harry sabia que não conven
cera Hermione e que ela se preparava
para contra-argumentar suas teorias: sobre a própr
ia varinha e a insistência em ver a mente de
Voldemort. Para seu alívio, Rony interveio.
- Deixa pra lá - aconselhou-a. - Ele é quem dec
ide. E, se vamos ao Ministério amanhã, não
acha bom repassarmos o plano?
Com uma relutância visível, Hermione parou de di
scutir, embora Harry estivesse seguro de
que ela voltaria a atacar na primeira oportunidade.

Nesse meio-tempo, eles voltaram à cozinha, onde Monstro serviu a todos o ensopado e a torta de caramelo.

Os três só foram dormir tarde da noite, depois de passarem horas revendo e tornando a rever o plano, até serem capazes de repeti-lo, uns para os outros, sem erros. Harry, que agora ocupava o quarto de Sirius, deitou-se e ficou apontando a luz da varinha para a velha foto de seu pai, Sirius, Lupin e Pettigrew, e gastou mais dez minutos murmurando o plano para si mesmo. Ao apagar a varinha, no entanto, não estava pensando na Poção Polissuco, nem nas Vomitilhas, nem nas vestes azul-marinho da Manutenção Mágica; pensava em Gregorovitch, o fabricante de varinhas, e por quanto tempo ele teria a esperança de se esconder de Voldemort, que o procurava com tanta determinação.

O amanhecer se seguiu à meia-noite com indecente rapidez.

- Você está com uma cara horrível. - Foi o cumprimento de Rony quando entrou no quarto para acordar Harry.

- Não será por muito tempo - respondeu ele, bocejando.

Os dois encontraram Hermione na cozinha. Monstro lhe servia café com pães frescos, e a garota tinha no rosto aquela expressão maníaca que Harry associava às revisões para as provas.

- Vestes... - disse ela baixinho, registrando a presença dos dois com um aceno de cabeça nervoso e continuando a mexer na bolsinha de contas - Poção Polissuco... Capa da Invisibilidade... Detonadores-Chamariz... levem uns dois por precaução... Vomitilhas, Nugá Sangra-Nariz, Orelhas Extensíveis...

Os garotos engoliram o café da manhã e tornaram a subir, Monstro lhes fazendo reverências e prometendo esperá-los com um empadão de carne e rins.

- Abençoado seja - disse Rony, carinhosamente -,

e pensar que já imaginei decepar a
cabeça dele e pendurá-la na parede!

Eles se dirigiram ao degrau da porta com imenso cuidado: dali viram uns dois Comensais da Morte de olhos inchados vigiando a casa do outro lado do largo enevoado. Hermione desaparatou com Rony primeiro, em seguida, voltou para apanhar Harry.

Passada a momentânea escuridão e quase sufocação de sempre, Harry se viu em uma minúscula travessa onde deviam executar a primeira parte do plano. Ainda estava vazia, exceto por dois latões de lixo; os primeiros funcionários do Ministério, em geral, não apareciam ali antes das oito da manhã.

- Certo, então - disse Hermione, consultando o relógio. - Ela deve chegar dentro de cinco minutos. Depois que eu a estuporar...

- Hermione, já sabemos - disse Rony com rispidez. - E pensei que íamos abrir a porta antes de a bruxa chegar, não?

Hermione deu um gritinho agudo.

- Quase me esqueci! Para trás...

Ela apontou a varinha para a porta de incêndio a um lado, fechada a cadeado e totalmente rabiscada, e ela se abriu com estrondo. O corredor escuro à mostra conduzia, como haviam registrado em suas cuidadosas viagens de reconhecimento, a um teatro vazio. Hermione tornou a puxar a porta para fazer parecer que continuava fechada.

- Agora - continuou, virando-se para encarar os amigos na travessa -, nos cobrimos novamente com a capa...

- ... e esperamos - completou Rony, atirando-a sobre a cabeça de Hermione, como se fosse uma capa para gaiola de periquito-australiano, e revirando os olhos.

Um minuto depois ou pouco mais, ouviram um estalido mínimo e uma bruxa miúda do Ministério, com os cabelos grisalhos revoltos, desaparatou a meio metro, piscando um pouco

na claridade repentina; o sol acabara de sair de tr
ás de uma nuvem. Ela, no entanto, não teve
tempo de aproveitar o inesperado calor, porque logo
 o silencioso Feitiço Estuporante de
Hermione a atingiu no peito, e ela desabou.

- Perfeito, Hermione - disse Rony, emergindo de
trás de um latão à porta do teatro,
enquanto Harry despia a Capa da Invisibilidade. Jun
tos, eles carregaram a bruxa para o
corredor escuro que levava aos bastidores do palco.
 Hermione arrancou-lhe uns fios de
cabelo da cabeça e adicionou-os a um frasco com a p
arda Poção Polissuco que tirara da
bolsinha de contas. Rony procurou alguma coisa na b
olsa da bruxa.

- É Mafalda Hopkirk - informou ele, lendo um peq
ueno crachá que identificava a vítima
como assistente da Seção de Controle do Uso Indevi
do da Magia. - É melhor você levar isso,
Hermione, e tome as fichas.

Ele lhe entregou umas pequenas fichas douradas
que retirara da bolsa da bruxa, onde havia
gravadas as letras M.O.M.

Hermione bebeu a Poção Polissuco, agora em um be
lo tom de heliotrópio, e em segundos
surgiu diante dos garotos um duplo de Mafalda Hopki
rk. Quando ela retirou os óculos da
bruxa e colocou-os no rosto, Harry verificou o reló
gio.

- Está ficando tarde, o sr. Manutenção Mágica va
i chegar a qualquer segundo.

Eles se apressaram em fechar a porta para escond
er a verdadeira Mafalda; Harry e Rony se
cobriram com a Capa da Invisibilidade, mas Hermione
 ficou à vista, aguardando. Segundos
depois, ouviram um novo pop, e um bruxo franzino co
m cara de furão apareceu diante deles.

- Ah, olá, Mafalda.

- Alô! - respondeu Hermione com uma voz tremida.
 - Como estamos hoje?

- Nada bem, para ser franco - replicou o bruxo,
que parecia extremamente deprimido.

Hermione e o bruxo rumaram para a rua principal, Harry e Rony em sua cola.

- Lamento saber que não está bem - falou Hermione com firmeza por cima da cabeça do bruxo, quando ele começou a explicar os seus problemas; era essencial detê-lo antes de chegarem à rua. - Tome, coma uma bala.

- Eh? Ah, não, obrigado...

- Eu insisto! - tornou Hermione agressivamente, sacudindo o saco de pastilhas em seu rosto. Com um ar assustado, o bruxo franzino se serviu de uma.

O efeito foi instantâneo. Assim que a colocou sobre a língua, ele começou a vomitar tanto que nem reparou quando Hermione lhe arrancou um punhado de cabelos do alto da cabeça.

- Ah, coitado! - exclamou ela, enquanto o bruxo sujava a travessa de vômito. - Talvez seja melhor tirar o dia de folga!

- Não... não! - O homem tinha engasgos e ânsias, tentando prosseguir embora estivesse incapaz de andar direito. - Tenho que... hoje... tenho que ir...

- Mas isso é uma tolice! - disse Hermione alarmada. - Você não pode trabalhar nesse estado: acho que devia ir ao St. Mungus e pedir para darem um jeito em você!

O bruxo caíra de quatro, arquejante, ainda tentando chegar à rua principal.

- Você simplesmente não pode ir trabalhar assim! - exclamou Hermione.

Por fim, ele pareceu aceitar que a colega tinha razão. Agarrando-se a uma Hermione enojada para se pôr de pé, ele rodopiou e desapareceu sem deixar nada exceto a pasta que Rony tirara de sua mão enquanto ele andava com alguns pedaços de vômito no ar.

- Arrrre! - exclamou Hermione, levantando a saia das vestes para evitar as poças de vômito. - A sujeira teria sido bem menor se eu tivesse estuporado ele também.

- É - falou Rony, saindo debaixo da capa com a p

asta do bruxo -, mas ainda acho que um
monte de gente desacordada teria chamado mais atenç
ão. Ele gosta muito de trabalhar, não?
Então, joga logo essa poção com o cabelo.

Em dois minutos, Rony estava diante deles, franz
ino e com cara de furão como o bruxo,
trajando as vestes azul-marinho que estavam dobrada
s dentro da pasta dele.

- Esquisito que ele não estivesse usando as vest
es hoje, não, pela ansiedade que
demonstrava em chegar ao trabalho. Enfim, sou Reg C
attermole, segundo a etiqueta nas minhas
costas.

- Agora, espere aqui - disse Hermione a Harry, q
ue continuava sob a Capa da
Invisibilidade -, voltaremos com alguns cabelos par
a você.

O garoto teve que esperar dez minutos, que lhe p
areceram bem mais longos, rondando
sozinho a travessa suja de vômito, ao lado da porta
 que ocultava a Mafalda estuporada.
Finalmente, Rony e Hermione reapareceram.

- Não sabemos quem ele é - disse Hermione, entre
gando a Harry vários fios de cabelos
crespos e negros -, mas foi para casa com um horrí
vel sangramento no nariz! Tome aqui, ele é
bem alto, você vai precisar de vestes maiores...

Ela tirou da bolsa um conjunto de vestes antiga
s que Monstro lavara para eles, e Harry se
retirou para tomar a poção e se trocar.

Uma vez completada a dolorosa transformação, Har
ry passou a medir mais de um metro e
oitenta e, pelo que pôde sentir pelos seus braços m
usculosos, tinha um físico avantajado.
Tinha também uma barba. Guardando a Capa da Invisib
ilidade e os óculos sob as novas
vestes, ele se reuniu aos outros dois.

- Caramba, isso é assustador! - exclamou Rony,
erguendo a cabeça para Harry, agora mais
alto que ele.

- Apanhe uma das fichas da Mafalda - disse Hermi
one a Harry -, e vamos logo, são quase

nove horas.

Eles saíram da travessa juntos. A uns cinquenta metros na calçada apinhada, havia grades pontiagudas e pretas ladeando duas escadas, uma destinada a Cavalheiros e outra a Damas.

- Então, vejo vocês daqui a pouco - disse Hermione nervosa, e desceu hesitante a escada para o banheiro feminino. Harry e Rony se juntaram a vários homens com roupas estranhas que desciam para o que parecia ser um simples banheiro público de metrô, azulejado em preto e branco encardido.

- Dia, Reg! - cumprimentou outro bruxo de vestes azul-marinho ao inserir a ficha dourada na ranhura da porta de um cubículo onde entrou. - Um pé no saco, hein? Obrigar a gente a entrar no Ministério dessa maneira! Quem estão esperando que apareça, Harry Potter?

O bruxo deu gargalhadas com a própria piada. Rony forçou uma risada.

- É, é muita imbecilidade, não?

E ele e Harry entraram em cubículos contíguos. À esquerda e à direita, Harry ouviu barulho de descargas. Agachou-se e espiou pelo vão inferior do cubículo em tempo de ver as botas de alguém entrando no vaso ao lado. Olhou para a esquerda e viu Rony piscando para ele.

- Temos que dar descarga para entrar? - sussurrou.

- É o que parece - sussurrou Harry em resposta; sua voz saiu grave e solene.

Os dois se levantaram. Sentindo-se excepcionalmente tolo, Harry entrou no vaso.

Percebeu imediatamente que fizera a coisa certa; embora parecesse estar dentro da água, seus sapatos, pés e vestes continuaram secos. Ele esticou o braço, puxou a corrente e, no momento seguinte, desceu veloz por um cano curto e emergiu em uma lareira no Ministério da Magia.

Levantou-se desajeitado; agora tinha muito mais corpo do que estava acostumado. O grande

átrio pareceu mais sombrio do que Harry se lembrav
a. Antigamente, uma grande fonte dourada
ocupava o centro do saguão, projetando focos tremel
uzentes no soalho e nas paredes de
madeira lustrosa. Agora, uma gigantesca estátua de
 pedra negra dominava o ambiente. Era um
tanto apavorante essa enorme escultura de uma bruxa
 e um bruxo sentados em tronos
entalhados, contemplando os funcionários ejetados d
as lareiras abaixo.

Gravadas em letras de trinta centímetros de alt
ura na base da estátua, havia as palavras:
MAGIA É PODER.

Harry recebeu uma forte pancada atrás das pernas
: outro bruxo acabara de voar para fora da
lareira às suas costas.

- Sai do caminho, não... ah, desculpe, Runcorn!

Visivelmente assustado, o bruxo careca afastou-s
e depressa. Aparentemente o homem de
quem Harry usurpara a identidade, Runcorn, intimida
va os outros.

- Psiu! - ouviu ele e, ao olhar para os lados,
avistou uma bruxa miudinha e um bruxo da
Manutenção Mágica com cara de furão gesticulando pa
ra ele do outro lado da estátua. Rápido,
Harry foi se reunir aos dois.

- Você entendeu tudo, então? - cochichou Hermion
e para ele.

- Não, Harry ainda está preso na bosta - disse R
ony.

- Ah, muito engraçado... é horrível não é? - com
entou ela para Harry, que estudava a
estátua. - Você viu no que eles estão sentados?

Harry olhou com mais atenção e percebeu que aqui
lo que imaginou serem tronos
ornamentados eram, na realidade, esculturas humanas
: centenas de corpos nus, homens,
mulheres e crianças, todos com feições idiotas e fe
ias, torcidos e comprimidos para sustentar
os bruxos com belos trajes.

- Trouxas - sussurrou Hermione. - No lugar que r
ealmente lhes cabe. Andem, vamos indo.

Eles se juntaram ao fluxo de bruxos e bruxas que se dirigiam para as grades douradas no fim do saguão, espiando a toda volta o mais discretamente possível, mas não viram sinal do vulto característico de Dolores Umbridge. Passaram pelos portões e entraram em um hall, onde se formavam filas diante das vinte grades douradas que encerravam igual número de elevadores. Tinham acabado de entrar na mais próxima, quando uma voz chamou:

- Cattermole!

Olharam: o estômago de Harry revirou. Um dos Comensais da Morte que presenciara a morte de Dumbledore vinha a largos passos em sua direção. Os funcionários do Ministério, próximos aos garotos, ficaram em silêncio, de olhos baixos; Harry sentiu o medo que perpassava por eles, em ondas. O rosto carrancudo e ligeiramente abrutalhado do homem destoava de suas vestes magníficas e amplas, bordadas com fios de ouro. Alguém na multidão à volta dos elevadores cumprimentou-o, bajulador:

- Dia, Yaxley! - O homem ignorou todos.

- Pedi alguém da Manutenção Mágica para dar um jeito na minha sala, Cattermole. Ainda está chovendo lá dentro.

Rony olhou para os lados como se esperasse que mais alguém interviesse, mas ninguém falou.

- Chovendo... na sua sala? Isso... é mau, não?

Rony deu uma risada nervosa. Os olhos de Yaxley se arregalaram.

- Você está achando graça, Cattermole, é?

Umas duas bruxas saíram da fila do elevador e se afastaram afobadas.

- Não - respondeu Rony -, é claro que não...

- Você se dá conta de que estou descendo para interrogar sua mulher, Cattermole? Na verdade, estou muito surpreso que você não esteja lá embaixo segurando a mão dela enquanto espera. Já desistiu de ajudá-la porque se convenceu de que não vale a pena? Provavelmente

tem razão. Da próxima vez, certifique-se de que est
á casando com alguém de sangue puro.
Hermione deixou escapar um gritinho de horror. Y
axley virou-se. Ela tossiu baixinho e se
afastou.
- Eu... eu... - gaguejou Rony.
- Mas se minha mulher fosse acusada de ter sang
ue ruim - disse Yaxley -, não que alguma
mulher com quem eu tenha casado pudesse ser confund
ida com essa ralé, e o chefe do
Departamento de Execução das Leis da Magia precisa
sse de um serviço, eu daria prioridade a
esse serviço, Cattermole. Você está me entendendo?
- Estou.
- Então vá cuidar disso, Cattermole, e se minha
sala não estiver completamente seca dentro
de uma hora, o Registro Sanguíneo de sua mulher est
ará sob uma dúvida maior do que já está.
A grade dourada diante deles abriu estrepitosame
nte. Com um aceno de cabeça e um sorriso
desagradável a Harry, que ele evidentemente esperav
a que apreciasse o tratamento dispensado
a Cattermole, Yaxley saiu majestosamente em direção
 a outro elevador. Harry, Rony e
Hermione entraram no outro, que aguardavam, mas nin
guém os acompanhou: parecia que
tinham uma doença contagiosa. As grades se fecharam
 com um ruído metálico e o elevador
começou a subir.
- Que vou fazer? - perguntou Rony, na mesma hora
, aos outros dois; ele parecia
incapacitado. - Se apareço, minha mulher, quero diz
er, a mulher de Cattermole...
- Iremos com você, devemos ficar juntos... - com
eçou Harry, mas Rony sacudiu a cabeça
febrilmente.
- Isso é loucura, não temos tanto tempo assim.
Vocês dois vão procurar a Umbridge, e eu
vou resolver o problema na sala de Yaxley... mas co
mo vou fazer parar de chover?
- Experimente Finite Incantatem - respondeu Herm
ione, imediatamente. - Isso deve fazer

parar a chuva, se ela for um feitiço; se não parar, é porque deu defeito em algum Feitiço Atmosférico, o que será mais difícil de consertar. Então, experimente Impervius, para proteger os pertences dele provisoriamente...

- Repete isso, devagar - disse Rony procurando, desesperado, uma pena nos bolsos, mas naquele momento o elevador parou com um tranco. Uma voz feminina incorpórea anunciou: "Nível quatro, Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas, que inclui as Divisões de Feras, Seres e Espíritos, Seção de Ligação com os Duendes, Escritório de Orientação sobre Pragas"; as grades tornaram a se abrir e entraram dois bruxos e vários aviões de papel lilás-claro que esvoaçaram em torno da luz no teto do elevador.

- Dia, Alberto - cumprimentou um homem de costeletas peludas, sorrindo para Harry. Ele deu uma olhada em Hermione e Rony quando o elevador recomeçou a subir rangendo; Hermione agora cochichava, freneticamente, instruções para Rony. O bruxo se curvou para Harry, malicioso, e murmurou: - Dirk Cresswell, hein? Da Ligação com os Duendes? Uma boa divisão, Alberto. Agora estou seguro de que vou conseguir o emprego dele!

O bruxo deu uma piscadela. Harry retribuiu o sorriso, esperando que fosse suficiente. O elevador parou; as grades se abriram. "Nível dois, Departamento de Execução das Leis da Magia, que inclui a Seção de Controle do Uso Indevido da Magia, o Quartel-General dos Aurores e Serviços Administrativos da Suprema Corte dos Bruxos", anunciou a voz incorpórea.

Harry viu Hermione dar um discreto empurrão em Rony e o amigo saiu logo do elevador seguido por outros bruxos, deixando os dois a sós. No momento em que a porta dourada fechou, Hermione disse depressa:

- Harry, acho que é melhor eu ir atrás dele, ac
ho que Rony não sabe o que está fazendo e, se
for apanhado, o plano todo...
"Nível um, ministro da Magia e Serviços Auxiliar
es."
As grades douradas tornaram a se abrir e Hermion
e ofegou. Viram quatro bruxos à sua
frente, dois absortos em conversa; um bruxo de cabe
los longos trajando magníficas vestes
pretas e douradas e uma bruxa atarracada, com cara
de sapo e um laço de veludo nos cabelos
curtos, segurando uma prancheta ao peito.

-- CAPÍTULO TREZE --

A Comissão de Registro dos Nascidos Tr
ouxas

-Ah, Mafalda! - exclamou Umbridge, olhando para Her
mione. - Travers mandou-a?
- F-foi - chiou Hermione.
- Que bom, você servirá perfeitamente. - Umbridg
e se dirigiu ao bruxo em ouro e preto. -
Aquele problema está resolvido, Ministro, se Mafal
da puder ser dispensada para secretariar a
sessão, poderemos começar imediatamente. - Ela cons
ultou a prancheta. - Dez pessoas hoje, e
uma delas mulher de um funcionário do Ministério! T
sc, tsc... até aqui, no coração do
Ministério! - Umbridge entrou no elevador com Hermi
one, e o mesmo fizeram os dois bruxos
que tinham estado atentos à conversa dela com o min
istro. - Vamos descer direto, Mafalda,
você encontrará tudo que precisa no tribunal. Bom-d
ia, Alberto, você não vai sair?
- Vou, é claro - respondeu Harry, na voz grave d
e Runcorn.
O garoto saiu do elevador. As grades douradas fe
charam ruidosamente às suas costas.
Olhando por cima do ombro, ele viu o rosto ansioso
de Hermione desaparecer de vista, um
bruxo alto de cada lado dela, o laço de veludo na c
abeça de Umbridge à altura do seu ombro.
- O que o traz aqui em cima, Runcorn? - pergunt
ou o novo ministro da Magia. Seus longos

cabelos e barba negros eram raiados de fios pratead os e a grande testa proeminente
sombreava seus olhos brilhantes, lembrando a Harry um caranguejo espiando debaixo de uma
pedra.

- Precisava dar uma palavrinha com - Harry hesit ou por uma fração de segundo - Arthur
Weasley. Alguém me informou que ele estaria aqui no Nível um.

- Ah - disse Pio Thicknesse. - Apanharam-no cont atando um Indesejável?

- Não - respondeu Harry, com a garganta seca. - Não, nada disso.

- Ah. É só uma questão de tempo - comentou Thick nesse. - Se quer a minha opinião, os
traidores do sangue são tão nocivos quanto os sangu es ruins. Bom-dia, Runcorn.

- Bom-dia, Ministro.

Harry observou o bruxo se afastar pelo espesso c arpete do corredor. No momento em que
ele desapareceu, o garoto puxou a Capa da Invisibil idade de sob a pesada capa preta, atirou-a
sobre o corpo e saiu em direção oposta a do ministr o. Runcorn era tão alto que Harry foi
forçado a se curvar para garantir que seus enormes pés ficassem cobertos.

O pânico vibrava na boca do seu estômago. Ao pa ssar pela sequência de portas de madeira
envernizadas, cada uma com uma plaquinha indicando o nome do ocupante e a respectiva
função, o poder do Ministério, sua complexidade, su a impenetrabilidade, pareceram esmagá-
lo, fazendo com que o plano que estivera cuidadosam ente preparando com Rony e Hermione,
nas últimas quatro semanas, parecesse risivelmente infantil. Tinham concentrado todos os seus
esforços na tática para entrar sem serem pegos: não tinham dedicado um instante sequer a
pensar no que fariam se fossem obrigados a se separ ar. Agora Hermione estava presa em uma
sessão do tribunal, que, sem dúvida, demoraria hor as; Rony estava se esfalfando para fazer

uma mágica, que, Harry tinha certeza, estava acima de sua capacidade - e, possivelmente, a liberdade de uma mulher dependia do resultado que obtivesse -; e ele, Harry, estava vagueando pelo último andar, sabendo perfeitamente que sua presa acabara de descer no elevador.

Ele parou de caminhar, encostou-se na parede e tentou resolver o que fazer. O silêncio oprimiu: ali não havia movimento, nem conversas, nem passos apressados; os corredores acarpetados de roxo eram silenciosos como se um Abaffiato tivesse sido lançado sobre o local.

A sala dela deve ser aqui em cima, pensou Harry.

Era muito improvável que Umbridge guardasse as joias em sua sala; por outro lado, parecia tolice não dar uma busca para se certificar. O garoto, portanto, recomeçou a andar pelo corredor, sem encontrar ninguém, exceto um bruxo de testa franzida, murmurando instruções para uma pena que flutuava à sua frente, escrevendo em um longo pergaminho.

Agora, prestando atenção aos nomes nas portas, Harry virou um canto. Na metade do corredor seguinte, desembocou em um espaço aberto, onde uma dúzia de bruxos e bruxas estavam sentados a pequenas escrivaninhas enfileiradas que lembravam as da escola, embora muito mais lustrosas e sem rabiscos. Harry parou para observá-los, porque o efeito era hipnotizante. Em sincronia, eles gesticulavam com as varinhas fazendo quadrados de papel colorido voarem em todas as direções como pequenas pipas cor-de-rosa. Após alguns segundos, Harry percebeu que havia ritmo nessa coreografia, que os papéis formavam o mesmo desenho, e, em seguida, percebeu que a cena que observava era a produção de panfletos, que os quadrados de papel eram folhas que, quando reunidas, dobradas e baixadas

magicamente, caíam em pilhas ordenadas ao lado de c
ada funcionário.
Harry se aproximou, embora os funcionários estiv
essem tão concentrados naquele serviço
que ele duvidava que notassem passos abafados pelo
tapete, e fez deslizar um panfleto pronto
da pilha de uma jovem bruxa. Examinou-o por baixo d
a Capa da Invisibilidade. A capa cor-
de-rosa do panfleto estava adornada com um título d
ourado:

SANGUES RUINS

e os perigos que oferecem a uma sociedad
e pacífica de sangues puros

Sob o título, havia a foto de uma rosa vermelha
, e, entre suas pétalas, um rosto afetando um
sorriso estrangulado por uma erva verde com presas
e aspecto feroz. Não havia nome de autor
no panfleto, mas as cicatrizes no dorso de sua mão
direita pareceram novamente formigar
quando ele o examinou. Então, a jovem bruxa ao seu
lado confirmou suas suspeitas ao
perguntar, ainda acenando e girando a varinha:

- Alguém sabe dizer se a bruxa velha vai passar
o dia inteiro interrogando sangues ruins?

- Cuidado - disse o bruxo mais próximo, olhando
nervoso para os lados; uma de suas
folhas escorregou e caiu no chão.

- Será que agora, além do olho, ela tem orelhas
mágicas também?

A bruxa olhou para a lustrosa porta de mogno def
ronte ao espaço que ocupavam; Harry
acompanhou seu olhar, e a raiva se ergueu em seu pe
ito como uma serpente armando o bote.
No lugar em que haveria um olho mágico na porta de
uma casa trouxa, fora embutido, na
madeira, um grande olho redondo com uma brilhante í
ris azul; um olho escandalosamente
familiar a quem tivesse conhecido Alastor Moody.

Por uma fração de segundo, Harry esqueceu quem
era e o que estava fazendo ali: esqueceu
até que estava invisível. Dirigiu-se à porta para e
xaminar o olho. Estava imóvel: virado para

o alto, congelado. Na placa, sob o olho, lia-se:

Dolores Umbrid
ge

Subsecretária Sênior
do Ministro

Abaixo, uma plaqueta nova um pouco mais reluzente i
nformava:

Chefe da Comissão de Registro do
s Nascidos Trouxas

Harry se virou para olhar o grupo de produtores de panfletos: embora concentrados no que faziam, eles dificilmente deixariam de notar se a porta de um escritório vazio se abrisse à sua frente. Por isso, apanhou em um bolso interno um es tranho objeto com perninhas que sacudiam e um chifre bulboso de borracha à guisa de corpo. A gachando-se sob a capa, colocou o Detonador-Chamariz no chão.

No mesmo instante, o objeto saiu correndo entre as pernas dos bruxos na sala. Depois, enquanto Harry aguardava com a mão na maçaneta, ouv iu-se um forte estampido e elevou-se uma nuvem de fumaça acre e escura a um canto. A jov em bruxa na primeira fila soltou um grito: folhas cor-de-rosa voaram para os lados quan do todos, sobressaltados, procuravam à volta a origem do tumulto. Harry girou a maçaneta, entrou na sala de Umbridge e fechou a porta.

Teve a sensação de regredir no tempo. A sala era exatamente igual ao escritório da bruxa em Hogwarts: cortinas de renda, paninhos bordados e flores secas cobriam todas as superfícies disponíveis. As paredes exibiam os mesm os pratos ornamentais, cada um deles com um gato muito colorido e laçarote de fita, aos saltos e cambalhotas, enjoativamente bonitinho. Sobre a escrivaninha, havia uma toalha florida arrematada com babados. Por trás do olho de Olho-Tonto, um acessório telescópico per mitia a Umbridge espionar os funcionários do outro lado da porta. Harry deu uma

olhada e viu que ainda rodeavam o
Detonador-Chamariz. Ele arrancou o telescópio da po
rta, deixando um buraco, soltou o olho e
guardou-o no bolso. Tornou, então, a se virar para
a sala, ergueu a varinha e murmurou:

- Accio medalhão.

Nada aconteceu, mas ele não esperara que acontec
esse; sem dúvida, Umbridge conhecia
todos os feitiços de proteção que havia. Portanto,
correu à escrivaninha e começou a abrir as
gavetas. Viu penas, cadernos e magidesivo; clipes e
ncantados que serpeavam para fora da
gaveta feito cobras e só voltavam a tapa; uma caix
inha de renda contendo laçarotes e presilhas
para os cabelos; mas nem sinal de medalhão.

Havia um arquivo atrás da escrivaninha: Harry co
meçou a revistá-lo. Tal como o arquivo
de Filch, em Hogwarts, estava cheio de pastas, cada
 uma com um nome na etiqueta. Somente
quando Harry chegou à última gaveta, viu algo que o
 distraiu de sua busca: a pasta do sr.
Weasley.

Puxou-a para fora e abriu-a.

ARTHUR WEASLEY

Registro Sanguíneo:
Sangue puro, mas com inaceitáveis inclinações pró-t
rouxas.
Membro notório da Ordem da Fênix.
Família:
Mulher (sangue puro), sete filhos, os dois menores
em Hogwarts.
NB: O filho mais jovem no momento em casa acamado c
om grave doença,
confirmada por inspetores do Ministério.
Segurança:
RASTREADO. Todos os seus movimentos estão sendo mon
itorados. Forte
probabilidade que Indesejável no 1 o contate (hospe
dou-se com a família Weasley
anteriormente).

- Indesejável Número Um - murmurou Harry com seu

s botões, ao repor a pasta do sr.
Weasley e fechar a gaveta. Tinha ideia de que sabi
a quem seria e, com efeito, ao se erguer e
correr o olhar pela sala à procura de outros escon
derijos, viu na parede um pôster com sua
imagem e as palavras INDESEJÁVEL No 1 gravadas no p
eito. Nele havia preso um bilhetinho
rosa com um gatinho no canto. Harry aproximou-se p
ara lê-lo e viu que Umbridge tinha escrito
"A ser punido".

Mais enraivecido que nunca, começou a apalpar os fundos dos vasos e das cestas de flores
secas, mas não se surpreendeu que o medalhão não es
tivesse ali. Deu uma última olhada na
sala, e seu coração parou de bater por um segundo.
Dumbledore o fitava de um pequeno
espelho retangular, apoiado em uma estante de livro
s ao lado da escrivaninha.

Harry atravessou a sala correndo e agarrou-o, ma
s percebeu, no momento em que seus
dedos o tocaram, que não era um espelho. Dumbledore sorria melancolicamente da capa
acetinada de um livro. Harry não notara imediatamen
te o rebuscado título em verde sobre seu
chapéu: A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore, ne
m nos dizeres ligeiramente menores
sobre o seu peito: de Rita Skeeter, autora do bests
eller Armando Dippet: prócer ou palerma?

Harry abriu o livro a esmo e viu uma foto de pá
gina inteira de dois adolescentes abraçados,
às gargalhadas. Dumbledore, então com os cabelos na altura dos cotovelos, tinha deixado
crescer uma barba rala que lembrava a de Krum, que
tanto irritara Rony. O garoto que
gargalhava em silêncio ao lado de Dumbledore tinha
um ar alegre e rebelde. Seus cabelos
louros caíam em cachos sobre os ombros. Harry ficou imaginando se seria o jovem Doge,
mas, antes que pudesse ler a legenda, a porta do es
critório se abriu.

Se Thicknesse não estivesse espiando por cima do ombro ao entrar, Harry não teria tido

tempo de se cobrir com a Capa da Invisibilidade. Nas circunstâncias, pareceu-lhe que o ministro talvez tivesse percebido algum movimento, porque por um momento o bruxo parou muito quieto, observando, curioso, o lugar onde Harry acabara de sumir. Concluindo, talvez, que tivesse visto apenas Dumbledore coçando o nariz na capa do livro que Harry repusera rapidamente na prateleira, o bruxo finalmente foi até a escrivaninha e apontou a varinha para a pena mergulhada no tinteiro. A pena saltou e começou a escrever um bilhete para Umbridge.

Muito devagar, mal se atrevendo a respirar, Harry foi recuando para fora da sala, de volta ao espaço aberto em frente.

Os produtores de panfletos continuavam agrupados em torno dos restos do Detonador-Chamariz, ainda apitando fracamente e soltando fumaça. Harry correu pelo corredor e ouviu a bruxa jovem comentar:

- Aposto que veio, sem ninguém saber, dos Feitiços Experimentais, eles são tão descuidados, lembram aquele pato venenoso?

Na corrida para os elevadores, Harry reviu suas opções. Sempre fora improvável que o medalhão estivesse no Ministério, e não havia esperança de descobrir, por magia, o seu paradeiro, enquanto Umbridge estivesse sentada em um tribunal lotado. A prioridade deles agora era sair do Ministério antes que os descobrissem e tentar novamente em outro dia. O primeiro passo era encontrar Rony, então poderiam combinar um modo de tirar Hermione do tribunal.

O elevador estava vazio quando chegou. Harry entrou rápido e tirou a Capa da Invisibilidade quando o veículo começou a descer. Para seu imenso alívio, quando o elevador parou aos trancos no Nível dois, entrou um Rony enchacado e de olhos arregalados.

- Dia - gaguejou para Harry, quando o elevador tornou a se pôr em movimento.

- Rony, sou eu, Harry!
- Harry! Caramba, esqueci a sua cara... por que Hermione não está com você?
- Teve que ir ao tribunal com a Umbridge, não pô de recusar e...
Antes que Harry pudesse terminar a frase, o ele vador tornara a parar: as portas se abriram e o sr. Weasley entrou, conversando com uma velha bru xa, cujos cabelos louros estavam tão eriçados para o alto que lembravam um formigueiro.
- ... entendo bem o que está dizendo, Wakanda, m as acho que não poderei me envolver com...
O sr. Weasley parou de falar; reparara em Harry. Era muito esquisito ver o sr. Weasley olhar para ele com tanta antipatia. As portas do el evador se fecharam e os quatro recomeçaram a descer.
- Ah, olá, Reg - disse o sr. Weasley, virando-s e ao ouvir a água escorrendo sem parar das vestes de Rony. - Sua mulher não veio ao Ministério hoje para o interrogatório? Ah... que aconteceu com você? Por que está tão molhado?
- Está chovendo na sala de Yaxley - respondeu e le em direção ao ombro do sr. Weasley, e Harry entendeu que o amigo receava que o pai pudess e reconhecê-lo se os seus olhos se encontrassem. - Não consegui estancar, então me ma ndaram buscar Bernie... Pillsworth, acho que foi esse o nome...
- Ultimamente tem chovido em muitos escritórios - disse o sr. Weasley. - Você experimentou o meteolojinx recanto? Funcionou na sa la do Bletchley.
- Meteolojinx recanto? - sussurrou Rony. - Não, não experimentei. Obrigado, p..., quero dizer, Arthur.
As portas do elevador abriram; a velha bruxa co m o penteado de formigueiro saiu, e Rony disparou atrás dela e desapareceu de vista. Harry f ez menção de segui-lo, mas viu seu caminho bloqueado pela entrada de Percy Weasley, de

nariz enterrado em uns papéis que
estava lendo.

Só depois que as portas fecharam foi que Percy percebeu que estava no elevador com o pai. Ergueu os olhos, viu o sr. Weasley, ficou vermelho como um pimentão e desembarcou no instante em que as portas reabriram. Pela segunda vez, Harry tentou sair, mas, agora, sua saída foi bloqueada pelo braço do sr. Weasley.

- Um momento, Runcorn.

Quando as portas do elevador fecharam e eles desceram, sacudindo, mais um andar, o sr. Weasley falou:

- Ouvi dizer que você denunciou Dirk Cresswell.

Harry teve a impressão de que o breve encontro com Percy não diminuíra a ira do sr. Weasley. Concluiu que sua melhor chance era se fazer de desentendido.

- Desculpe?

- Não finja, Runcorn - retorquiu o sr. Weasley, com ferocidade. - Você capturou o bruxo que falsificou a árvore genealógica dele, não foi?

- Eu... e se capturei? - desafiou Harry.

- Dirk Cresswell é dez vezes mais bruxo que você - disse o sr. Weasley em voz baixa, enquanto o elevador continuava a descer. - E, se sobreviver a Azkaban, você terá contas a prestar a ele, isso sem falar à mulher, aos filhos e aos amigos...

- Arthur - Harry interrompeu-o -, você sabe que está sendo monitorado, não sabe?

- Isso é uma ameaça, Runcorn? - interpelou-o o sr. Weasley.

- Não - disse Harry -, é um fato! Estão vigiando todos os seus movimentos...

As portas do elevador abriram. Tinham chegado ao átrio. O sr. Weasley lançou a Harry um olhar fulminante e saiu rápido do elevador. Harry ficou ali, tremendo. Gostaria de ter assumido o papel de outro bruxo que não Runcorn... as portas do elevador fecharam com o fragor habitual.

Harry apanhou a Capa da Invisibilidade e vestiu-a. Tentaria livrar Hermione sozinho, enquanto Rony resolvia o problema da sala em que chovia. Quando as portas reabriram, ele desembarcou em um corredor com piso de pedra, iluminado por archotes, muito diferente dos corredores com painéis de madeira e carpetes, nos níveis acima. Quando o elevador partiu chocalhando, Harry sentiu um leve arrepio ao avistar, ao longe, a porta preta que assinalava a entrada para o Departamento de Mistérios.

Ele foi andando, seu destino não era a porta preta, mas o portal à esquerda, que, segundo lembrava, levava à escada e às câmaras dos tribunais. Ao descer, debateu mentalmente suas possibilidades: ainda tinha uns dois Detonadores-Chamariz, mas talvez fosse melhor bater na porta do tribunal, entrar como Runcorn e pedir para dar uma palavrinha rápida com Mafalda. Naturalmente, ele ignorava se o bruxo seria suficientemente importante para agir assim, e mesmo que ele, Harry, fosse bem-sucedido, a prolongada ausência de Hermione poderia desencadear uma busca, antes que pudessem deixar o Ministério...

Absorto em seus pensamentos, ele não registrou imediatamente o frio anormal que começou a envolvê-lo como se penetrasse um nevoeiro. E foi se tornando mais forte a cada passo que dava: um frio que entrava por sua garganta e forçava seus pulmões. Então sobreveio aquela sensação sub-reptícia de desespero, uma desesperança que foi se expandindo dentro dele...

Dementadores, pensou.

Quando alcançou o pé da escada e virou à direita, deparou com uma cena pavorosa. O corredor escuro ao longo das câmaras judiciais estava repleto de vultos altos e encapuzados, seus rostos completamente ocultos, sua respiração entrecortada o único som que se ouvia. Paralisados de terror, os nascidos trouxas trazidos para interrogatório tremiam apertados nos

bancos duros de madeira. A maioria escondia os ros
tos nas mãos, num gesto instintivo para se
proteger das bocas vorazes dos dementadores. Alguns
 estavam em companhia da família,
outros sentavam-se sozinhos. Os dementadores desliz
avam de um lado para outro diante deles,
e o frio e a desesperança que impregnavam o local a
tingiram Harry como uma maldição...

Resista, disse a si mesmo, mas sabia que não pod
eria conjurar um Patrono, ali, sem revelar
instantaneamente sua identidade. Então, continuou a
vançando, o mais silenciosamente que
pôde, e, a cada passo, a dormência parecia se apode
rar furtivamente do seu cérebro. Ele fazia
um esforço para pensar em Hermione e Rony, que prec
isavam dele.

Caminhar entre os altos vultos negros era aterra
dor: os rostos sem olhos, ocultos sob os
capuzes, se viraram quando ele passou, dando-lhe a
certeza de que o sentiam, sentiam talvez
uma presença humana que ainda possuía esperança, re
siliência...

Então, de modo abrupto e chocante, no silêncio g
elado, uma das portas da masmorra, à
esquerda, abriu-se violentamente, deixando ecoar os
 gritos em seu interior.

- Não, não, sou mestiço, sou mestiço, estou lhes
 dizendo! Meu pai era bruxo, era,
verifiquem, Arkie Alderton, um conhecido projetista
 de vassouras, verifiquem, estou lhes
dizendo, tirem as mãos de mim, tirem as mãos de...

- Este é o seu último aviso. - Ouviu-se a voz su
ave de Umbridge, magicamente amplificada
de modo a se sobrepor com clareza aos gritos desesp
erados do homem. - Se resistir, será
submetido ao beijo do dementador.

Os gritos do homem cessaram, mas seus soluços se
cos continuaram a ecoar pelo corredor.

- Levem-no - ordenou Umbridge.

Dois dementadores apareceram à porta da câmara,
suas mãos podres e encrostadas
apertando os braços do bruxo que parecia desfalecer

. Deslizaram pelo corredor com o
prisioneiro, e a escuridão que deixaram em seu rast
ro engoliu o homem fazendo-o
desaparecer.

- Próximo: Maria Cattermole - chamou Umbridge.

Uma mulher miúda se ergueu; tremia da cabeça aos
pés. Seus cabelos negros estavam
puxados para trás em um coque e ela usava vestes lo
ngas e simples. Seu rosto estava
completamente exangue. Ao passar pelos dementadores
, Harry a viu estremecer.

Ele agiu instintivamente, sem plano formado, por
que detestou vê-la entrar sozinha na
masmorra: quando a porta começou a se fechar, escor
regou para dentro do recinto.

Não era a mesma sala em que ele fora interrogado
por uso impróprio da magia. Era bem
menor; embora o teto tivesse igual altura, deu-lhe
a sensação claustrofóbica de estar preso no
fundo de um comprido poço.

Havia outros dementadores ali, cobrindo o local
com sua aura congelante; estavam postados
como sentinelas sem rosto nos cantos mais afastado
s da imponente plataforma. Ali, atrás de
uma balaustrada, sentava-se Umbridge com Yaxley, de
um lado, e Hermione, com o rosto
quase tão lívido quanto o da sra. Cattermole, do ou
tro. Ao pé da plataforma, um gato de pelos
longos e prateados andava de um lado para outro, e
Harry percebeu que sua função era
proteger os promotores do desespero que emanava dos
dementadores: aquilo era para afetar
os acusados e não os acusadores.

- Sente-se - disse Umbridge, com sua voz suave e
sedosa.

A sra. Cattermole encaminhou-se aos tropeços par
a o único assento no centro da sala
abaixo da plataforma. No momento em que se sentou,
as correntes tilintaram nos braços da
cadeira e a prenderam.

- Você é Maria Elizabeth Cattermole? - indagou U
mbridge.

A mulher acenou uma única vez com a cabeça trêmu la.
- É casada com Reginald Cattermole, do Departame nto de Manutenção Mágica?
A sra. Cattermole caiu no choro.
- Não sei onde ele está, devia ter vindo se enco ntrar comigo aqui!
Umbridge ignorou-a.
- É mãe de Maisie, Élia e Alfredo Cattermole?
A mulher soluçou ainda mais.
- Eles estão apavorados, acham que eu talvez não volte para casa...
- Poupe-nos - disse Yaxley, com rispidez. - Os p irralhos dos sangues ruins não nos inspiram simpatia.
Os soluços da sra. Cattermole mascararam os pass os de Harry, que se dirigia cautelosamente aos degraus da plataforma. No moment o em que ele passou pelo lugar que o gato Patrono patrulhava, sentiu a mudança de temper atura: ali era cálido e confortável. O Patrono certamente era de Umbridge, e brilhava inte nsamente, porque a bruxa estava muito feliz, em seu elemento, aplicando leis deturpadas que ela própria ajudara a redigir. Lenta, mas cuidadosamente, Harry contornou a plataforma por t rás de Umbridge, Yaxley e Hermione, e se sentou às costas da amiga. Estava preocupado em não sobressaltá-la. Pensou em lançar um Abaffiato em Umbridge e Yaxley, mas até mesmo o mur múrio do encantamento poderia fazer Hermione se assustar. Então Umbridge alteou a voz para se dirigir à sra. Cattermole, e Harry aproveitou a oportunidade.
- Estou atrás de você - sussurrou ao ouvido de H ermione.
Conforme previra, ela levou um susto tão violen to que quase derrubou o tinteiro que devia usar para registrar o interrogatório, mas os dois b ruxos estavam concentrados na sra. Cattermole e o movimento brusco lhes passou desperc ebido.

- A varinha que tinha em seu poder quando chego u hoje ao Ministério, sra. Cattermole, foi confiscada - ia dizendo Umbridge. - Vinte e dois ce ntímetros e dois décimos, cerejeira, núcleo de pelo de unicórnio. Reconhece a descrição?

A sra. Cattermole assentiu, enxugando os olhos n a manga.

- Pode, por favor, nos dizer de que bruxa ou bru xo tirou essa varinha?

- T-tirei? - soluçou a sra. Cattermole. - Não t -tirei de ninguém. Comprei-a aos onze anos de idade. Ela... ela... ela me escolheu.

E chorou ainda mais.

Umbridge deu uma risadinha suave e infantil que fez Harry ter vontade de atacá-la. Inclinou-se para o balaústre, para melhor observar sua vítim a, e um objeto dourado balançou para a frente e ficou flutuando no espaço: o medalhão.

Hermione o viu e deixou escapar um gritinho, ma s Umbridge e Yaxley, ainda atentos à sua presa, estavam surdos a todo o resto.

- Não - replicou Umbridge -, não, acho que não, sra. Cattermole. Varinhas só escolhem bruxos. A senhora não é bruxa. Tenho aqui as respos tas ao questionário que lhe foi enviado; Mafalda, passe-as para mim.

Umbridge estendeu a mão pequena: ela parecia tã o batráquia naquele momento que Harry se surpreendeu com a ausência de membranas entre seus dedos curtos. As mãos de Hermione tremiam de espanto. Ela procurou em uma pilha de do cumentos equilibrados em uma cadeira ao seu lado, e, por fim, retirou um rolo de pergami nho com o nome da sra. Cattermole.

- Que... que bonito, Dolores - comentou Hermione , apontando para o medalhão que brilhava entre os babados da blusa de Umbridge.

- Quê?! - exclamou Umbridge abruptamente, baixan do os olhos. - Ah, sim: uma velha herança de família - disse, levando a mão ao medalh ão sobre o busto avantajado. - O "S" é

de Selwyn... sou parenta dos Selwyn... na verdade, há poucas famílias de sangue puro com quem eu não seja aparentada... uma pena - continuou ela em voz mais alta, folheando o questionário da sra. Cattermole - que não se possa dizer o mesmo sobre a senhora. Profissão dos pais: verdureiros.

Yaxley deu uma risada de desdém. Embaixo, o pelu do gato prateado patrulhava de lá para cá, e os dementadores aguardavam postados nos canto s.

Foi a mentira de Umbridge que fez o sangue subi r à cabeça de Harry e obliterar toda a sua cautela; que ela estivesse usando o medalhão que a chacara de um marginalzinho para legitimar suas credenciais de sangue puro. Ele ergueu a varin ha, sem se dar o trabalho de ocultá-la sob a Capa da Invisibilidade, e ordenou:

- Estupefaça!

Houve um clarão vermelho: Umbridge desmontou e bateu com a testa na borda do balaústre; os papéis da sra. Cattermole escorregaram do seu co lo no chão e, embaixo, o gato prateado desapareceu. Um ar gélido atingiu-os como se fosse uma ventania. Yaxley, aturdido, olhou para os lados, à procura da origem do problema e vi u a mão incorpórea de Harry apontando uma varinha em sua direção. Tentou sacar a própria varinha, mas tarde demais.

- Estupefaça!

Yaxley escorregou da cadeira e caiu dobrado no c hão.

- Harry!

- Hermione, se você acha que eu ia ficar parado aqui vendo ela fingir...

- Harry, a sra. Cattermole!

O garoto se virou, arrancando a Capa da Invisibi lidade; embaixo os dementadores saíram dos seus cantos; deslizavam para a mulher acorrenta da: fosse porque o Patrono desaparecera, fosse porque seus senhores não estavam mais no coma ndo, pareciam ter abandonado o

comedimento. A sra. Cattermole deixou escapar um te
rrível grito de medo quando a mão
pegajosa e encrostada agarrou seu queixo e empurrou
 sua cabeça para trás.
   - EXPECTO PATRONUM!
   O veado prateado voou da ponta da varinha de Har
ry e avançou contra os dementadores,
que recuaram e tornaram a se fundir com as sombras
. A luz do veado, mais forte e mais quente
do que a proteção do gato, encheu toda a masmorra a
o correr repetidamente pelo seu
perímetro.
   - Apanhe a Horcrux - disse Harry a Hermione.
   Desceu, então, os degraus, correndo, enquanto gu
ardava a Capa da Invisibilidade em sua
pasta, e se aproximou da sra. Cattermole.
   - Você? - sussurrou ela, fitando-o no rosto. - M
as... Reg disse que foi você que me
denunciou para ser interrogada!
   - Fiz isso? - murmurou Harry, puxando as corrent
es que prendiam os braços da mulher. -
Bem, mudei de opinião. Diffindo! - Nada aconteceu.
- Hermione, como me livro dessas
correntes?
   - Espere, estou tentando uma coisa aqui em cima.
..
   - Hermione, estamos cercados por dementadores!
   - Eu sei, Harry, mas se Umbridge acordar e o me
dalhão tiver desaparecido... preciso fazer
uma duplicata... Geminio! Pronto... isto deve engan
á-la...
   Hermione desceu da plataforma correndo.
   - Vejamos... Relaxo!
   As correntes retiniram e soltaram os braços da c
adeira. A sra. Cattermole parecia tão
amedrontada quanto estivera antes.
   - Não estou entendendo - sussurrou.
   - A senhora vai sair daqui conosco - disse Harry
, erguendo-a da cadeira. - Volte para
casa, apanhe seus filhos e vá embora, saia do país,
 se for preciso. Disfarcem-se e fujam. A
senhora já viu como é, aqui não terá nem meia audiê

ncia imparcial.
- Harry - perguntou Hermione -, como vamos sair daqui com todos esses dementadores no corredor?
- Patronos - respondeu o garoto, apontando a varinha para o seu próprio: o veado parou de correr e se encaminhou, ainda brilhando intensamente, para a porta. - Todos que pudermos reunir; conjure o seu, Hermione.
- Expec-expecto patronum - disse a garota. Nada aconteceu.
- É o único feitiço com que ela sempre teve problema - disse Harry à sra. Cattermole completamente bestificada. - É realmente uma pena... anda logo Hermione...
- Expecto patronum!
Uma lontra prateada irrompeu da ponta da varinha da garota e flutuou graciosamente no ar para se juntar ao veado.
- Vamos - chamou ele, e conduziu Hermione e a sra. Cattermole para a porta.
Quando os Patronos deslizaram para o corredor, ouviram-se gritos assustados das pessoas que aguardavam ali. Harry olhou: os dementadores começavam a recuar de ambos os lados, fundindo-se com a escuridão, dispersando-se ante o avanço das criaturas prateadas.
- Ficou decidido que vocês devem voltar para casa e entrar na clandestinidade com suas famílias - disse Harry aos nascidos trouxas ofuscados pelo brilho dos Patronos e ainda levemente encolhidos de medo. - Vão para o exterior, se puderem. Fiquem bem longe do Ministério. Essa é... ah... a nova posição oficial. Agora, se acompanharem os Patronos, poderão sair pelo átrio.
O grupo conseguiu subir a escada de pedra sem ser interceptado, mas, ao se aproximar dos elevadores, Harry começou a ficar apreensivo. Percebeu que, se chegassem ao átrio com um veado de prata, uma lontra voando a seu lado e vinte e tantas pessoas, metade delas acusadas

de terem nascido trouxas, eles atrairiam uma indes
ejável atenção. Acabara de chegar a essa
desagradável conclusão quando o elevador parou com
um tranco diante deles.

- Reg! - gritou a sra. Cattermole se atirando n
os braços de Rony. - Runcorn me tirou daqui,
ele atacou Umbridge e Yaxley e nos disse para fugi
rmos do país, acho que é o melhor a fazer,
Reg, acho mesmo. Vamos depressa para casa apanhar a
s crianças e... por que está tão
molhado?

- Água - resmungou Rony, desvencilhando-se. - Ha
rry, eles sabem que há intrusos no
Ministério, estão falando alguma coisa sobre um bur
aco na porta da Umbridge, calculo que
temos cinco minutos, se tanto...

O Patrono de Hermione desapareceu com um estalo
quando ela virou o rosto horrorizado
para Harry.

- Harry, estamos presos aqui...!

- Não estaremos se nos mexermos depressa. - Ele
se dirigiu às pessoas silenciosas que os
acompanhavam boquiabertas. - Quem tem varinha?

Metade delas levantou as mãos.

- O.k., cada um de vocês que não tem varinha pre
cisa acompanhar alguém que tenha.
Precisamos ser rápidos: antes que nos detenham. Vam
os.

Eles conseguiram se apertar em dois elevadores.
O Patrono de Harry montou guarda diante
das grades douradas enquanto elas se fechavam, e os
elevadores começavam a subir.

"Nível oito", disse a voz tranquila da bruxa. "Á
trio."

Harry percebeu imediatamente que estavam encrenc
ados. O átrio estava cheio de gente
correndo de uma lareira à outra para lacrá-las.

- Harry! - guinchou Hermione. - Que vamos...?

- PAREM! - trovejou Harry, e a voz potente de Ru
ncorn ecoou pelo átrio: os bruxos que
estavam lacrando as lareiras se imobilizaram. - Ven
ham comigo - sussurrou ele para os

nascidos trouxas aterrorizados que se adiantaram ju
ntos, pastoreados por Rony e Hermione.
- Que aconteceu, Alberto? - perguntou o mesmo br
uxo careca que saíra com Harry da
lareira mais cedo. Parecia nervoso.
- Esse pessoal precisa sair antes de vocês lacr
arem as saídas - disse Harry, com toda a
autoridade que conseguiu reunir.
O grupo de bruxos do Ministério se entreolhou.
- Mandaram lacrar todas as saídas e não deixar n
inguém...
- Você está me contradizendo? - vociferou Harry.
- Quer que eu mande examinar a árvore
genealógica de sua família, como fiz com a de Dirk
Cresswell?
- Desculpe! - ofegou o bruxo careca, recuando.
- Não quis ofender, Alberto, mas pensei...
pensei que eles estavam aqui para ser interrogados
e...
- O sangue deles é puro - disse Harry, e sua voz
grave ecoou impressionantemente pelo
átrio. - Diria que mais puro do que o de muitos de
vocês. Agora vão saindo - trovejou ele
para os nascidos trouxas, que correram para as lare
iras e começaram a sumir aos pares. Os
bruxos do Ministério se mantiveram afastados, algun
s parecendo confusos, outros expressando
medo ou raiva. Então...
- Maria!
A sra. Cattermole olhou por cima do ombro. O ver
dadeiro Reg Cattermole, que parara de
vomitar, mas continuava pálido e fraco, acabara de
sair correndo de um elevador.
- R-Reg? - Ela olhou do marido para Rony, que so
ltou um sonoro palavrão.
O bruxo careca ficou de boca aberta, sua cabeça
girando absurdamente de um Reg
Cattermole para outro.
- Ei... que está acontecendo? Que é isso?
- Lacrem as saídas! LACREM!
Yaxley irrompera de outro elevador e agora vinha
correndo para o grupo junto às lareiras

pelas quais os nascidos trouxas, exceto a sra. Catt
ermole, haviam desaparecido. Quando o
bruxo careca empunhou a varinha, Harry ergueu seu p
unho enorme e arremessou-o longe com
um murro.

- Ele esteve ajudando os nascidos trouxas a fugi
r, Yaxley! - gritou Harry.

Os colegas do bruxo careca protestaram aos grito
s, mas, aproveitando a confusão, Rony
agarrou a sra. Cattermole, puxou-a para dentro da l
areira ainda aberta e sumiu. Aturdido,
Yaxley olhava de Harry para o bruxo esmurrado, enqu
anto o verdadeiro Reg Cattermole
berrava:

- Minha mulher! Quem era aquele com a minha mulh
er? Que está acontecendo?

Harry viu Yaxley girar a cabeça, e a percepção
da verdade começar a se espalhar naquele
rosto brutal.

- Vamos! - berrou Harry para Hermione; agarrou a
 mão dela e juntos pularam dentro da
lareira no momento em que a maldição de Yaxley pass
ava por cima de sua cabeça. Os dois
rodopiaram por alguns segundos antes de emergir no
vaso do cubículo. Harry escancarou a
porta; encontrou Rony diante das pias, ainda se deb
atendo com a sra. Cattermole.

- Reg, não estou entendendo...

- Me largue, não sou o seu marido, a senhora tem
 que ir para casa!

Ouviu-se um barulho no cubículo às costas deles
; Harry olhou; Yaxley acabara de aparecer.

- VAMOS! - berrou. Ele agarrou Hermione pela mão
 e Rony pelo braço e rodopiou.

A escuridão engolfou-os ao mesmo tempo que a sen
sação de compressão, mas alguma coisa
estava errada... a mão de Hermione parecia estar es
corregando da sua...

Harry pensou que ia sufocar, não conseguia respi
rar nem enxergar e as únicas coisas
sólidas no mundo eram o braço de Rony e os dedos de
 Hermione, que lentamente iam lhe

fugindo...

Então ele viu a porta de número doze, no largo Grimmauld, com a aldraba em forma de serpente, mas, antes que pudesse tomar fôlego, ouviu um grito seguido de um clarão roxo; a mão de Hermione prendeu-o com firmeza e tudo escureceu.

-- CAPÍTULO CATORZE --

O ladrão

Harry abriu os olhos e se sentiu ofuscado por uma claridade ouro e verde; não tinha ideia do que acontecera, só sabia que estava deitado no que lhe pareciam folhas e gravetos. Lutando para insuflar ar nos pulmões que sentia achatados, ele piscou os olhos e compreendeu que a luminosidade excessiva vinha do sol se infiltrando por um dossel de folhas. Então, um objeto se mexeu próximo ao seu rosto. Ele se apoiou nas mãos e nos joelhos, pronto para enfrentar um animal pequeno e feroz, mas viu que era apenas o pé de Rony. Olhando ao redor, percebeu que os três estavam deitados no chão de uma floresta, aparentemente sozinhos.

O primeiro pensamento de Harry foi a Floresta Proibida e, por um momento, mesmo sabendo como seria tolo e perigoso aparecerem nos terrenos de Hogwarts, seu coração pulou de alegria à ideia de atravessá-la furtivamente até a cabana de Hagrid. Contudo, nos poucos instantes que Rony levou para gemer baixinho e Harry começar a rastejar até o amigo, ele notou que não era a Floresta Proibida: as árvores pareciam mais jovens, mais espaçadas e o chão mais limpo.

Deparou com Hermione, também de quatro, junto à cabeça de Rony. Quando seu olhar recaiu sobre o amigo, todas as outras preocupações fugiram de sua mente, porque o sangue encharcava todo o lado esquerdo de Rony e seu rosto se destacava, branco-acinzentado, na terra forrada de folhas. A Poção Polissuco ia se dissipando agora: na aparência, Rony era um

meiotermo entre Cattermole e ele próprio, seus cabe los cada vez mais ruivos e o rosto
perdendo a pouca cor que lhe restava.

- Que aconteceu com ele?

- Estrunchou - respondeu Hermione, os dedos ocup ados com a manga do amigo, onde o
sangue estava mais profuso e escuro.

Harry observou-a, horrorizado, rasgar a camisa d e Rony. Sempre pensara no
estrunchamento como algo cômico, mas isso... suas e ntranhas se contorceram
desagradavelmente ao ver Hermione expor parte do br aço de Rony onde faltava um naco de
carne, removido por inteiro como se o tivessem cort ado a faca.

- Harry, depressa, na minha bolsa, tem um frasqu inho com a etiqueta Essência de
Ditamno...

- Bolsa... certo...

Harry correu para o lugar onde Hermione aterriss ara, apanhou a bolsinha de contas e enfiou
a mão nela. Na mesma hora, objetos após objetos com eçaram a se apresentar ao seu toque: ele
sentiu as lombadas de couro dos livros, as mangas de lã dos suéteres, saltos de sapatos...

- Depressa!

Ele apanhou sua varinha no chão e, apontando par a o fundo da bolsa mágica, ordenou:

- Accio ditamno!

Um frasquinho marrom voou da bolsa; ele o aparou e voltou correndo para Hermione e
Rony, cujos olhos agora estavam semicerrados: traço s de córneas brancas era tudo o que se
via entre suas pálpebras.

- Ele desmaiou - disse Hermione, que também esta va muito pálida; já não se parecia com
Mafalda, embora seus cabelos ainda conservassem alg umas mechas grisalhas. - Destampe-o
para mim, Harry, minhas mãos estão tremendo.

O garoto arrancou a tampa do frasquinho e entreg ou-o a Hermione, que aplicou três gotas da
poção na ferida ensanguentada. Ergueu-se uma nuvem

de fumaça esverdeada e, quando se
dissipou, Harry viu que o sangramento cessara. O fe
rimento agora parecia ter ocorrido há
vários dias; uma pele nova se estendia sobre a carn
e antes exposta.

- Uau! - exclamou Harry.

- É só o que consigo fazer sem correr riscos -
disse Hermione, trêmula. - Há feitiços que o
deixariam novo em folha, mas não me atrevo a usá-lo
s por medo de errar e causar mais
estrago... ele já perdeu muito sangue...

- Como foi que ele se machucou? Quero dizer - H
arry sacudiu a cabeça, tentando clarear as
ideias e compreender seja lá o que tivesse aconteci
do -, por que estamos aqui? Pensei que
estávamos voltando para o largo Grimmauld, não?

Hermione inspirou profundamente. Parecia à beira
das lágrimas.

- Harry, acho que não podemos voltar para lá.

- Que foi que você...?

- Quando desaparatamos, Yaxley me agarrou e não
pude me livrar dele, foi mais forte e
continuava me segurando quando chegamos ao largo Gr
immauld, aí... bem, acho que ele deve
ter visto a porta, e pensou que fôssemos entrar, en
tão afrouxou a mão e consegui me
desvencilhar, e trouxe todos para cá!

- Mas cadê ele? Espere aí... você não quer dizer
que Yaxley está no largo Grimmauld? Ele
não pode entrar lá, pode?

Os olhos da garota cintilaram com as lágrimas ac
umuladas quando assentiu.

- Harry, acho que ele pode. Eu... eu o forcei a
me largar com um Feitiço Repelente, mas já
o deixara penetrar a proteção do Feitiço Fidelius.
Desde que Dumbledore faleceu, somos fiéis
do segredo, portanto entreguei a ele o segredo, não
?

Era impossível fingir. Harry sabia que a amiga
tinha razão. O golpe era acachapante. Se
Yaxley agora podia entrar na casa, não havia como r
egressarem. Naquele exato momento, ele

poderia estar levando outros Comensais da Morte por aparatação. Embora a casa fosse sombria e deprimente, fora seu único refúgio: e, agora que Monstro estava mais feliz e amigo, uma espécie de lar. Com uma pontada de pesar que não estava ligada propriamente à comida, Harry imaginou o elfo doméstico ocupado em preparar o empadão de carne e rins que Harry, Rony e Hermione jamais provariam.

- Harry, sinto muito, sinto muito!

- Não seja idiota, não foi sua culpa! Se foi de alguém, foi minha...

Harry levou a mão ao bolso e tirou o olho mágico de Olho-Tonto. Hermione se encolheu, horrorizada.

- Umbridge tinha cravado o olho na porta da sala para espionar as pessoas. Eu não podia deixá-lo lá... mas foi assim que eles souberam que havia intrusos.

Antes que Hermione pudesse responder, Rony gemeu e abriu os olhos. Continuava cinzento, e o suor brilhava em seu rosto.

- Como está se sentindo? - sussurrou Hermione.

- Péssimo - respondeu Rony rouco, fazendo uma careta ao tocar o braço ferido. - Onde estamos?

- Na floresta onde foi realizada a Copa Mundial de Quadribol - informou Hermione. - Eu queria um lugar fechado, escondido e esse foi...

- ... o primeiro em que pensou. - Harry terminou a frase por ela, correndo os olhos pela clareira aparentemente deserta. Não pôde deixar de lembrar o que acontecera na última vez que tinham aparatado no primeiro lugar que ocorrera a Hermione; como tinham sido encontrados pelos Comensais da Morte em poucos minutos. Teria sido Legilimência? Voldemort ou os seus capangas já saberiam onde Hermione os levara?

- Você acha que devemos ir para outro lugar? - perguntou Rony a Harry, que percebeu no rosto do amigo que lhe ocorrera o mesmo pensamento.

- Não sei.

Rony ainda estava pálido e suado. Não tinha feito a menor tentativa de sentar e, pelo seu aspecto, parecia fraco demais para tentar. A perspectiva de removê-lo era assustadora.

- Por enquanto, vamos ficar aqui - respondeu Harry.

Com uma expressão de alívio, Hermione se pôs de pé.

- Aonde está indo? - perguntou Rony.

- Se vamos ficar aqui, devíamos lançar alguns feitiços de proteção ao nosso redor - replicou ela e, erguendo a varinha, começou a caminhar em um amplo círculo em torno de Harry e Rony, murmurando encantamentos. O garoto observou pequenas turbulências no ar em torno; era como se Hermione tivesse lançado uma névoa de calor sobre a clareira.

- Salvio hexia... Protego totalum... Repello tro uxatum... Abaffiato... Você podia ir apanhando a barraca, Harry...

- Barraca?

- Na bolsa!

- Na... é claro - disse ele.

Desta vez, ele não se deu o trabalho de meter a mão na bolsa, mas usou outro Feitiço Convocatório. A barraca saiu em um disforme bolo de lona, corda e paus. Harry reconheceu, em parte pelo cheiro de gatos, que era a mesma barraca em que tinham dormido na noite da Taça Mundial de Quadribol.

- Pensei que pertencesse àquele cara do Ministério, o Perkins.

- Aparentemente ele não a quis mais, seu lumbago está doendo demais - respondeu Hermione, executando com a varinha uma figura complicada em oito movimentos -, então o pai de Rony disse que eu podia pegar emprestada. Erecto! - acrescentou ela, apontando a varinha para o amontoado de lona, que, em um movimento fluido, se ergueu no ar e se

acomodou, inteiramente montado, no chão diante do s
urpreso Harry, de cuja mão voou um
espeque que aterrissou com um baque final na ponta
de uma corda.
"Cave inimicum", termi nou Hermione, com um flor
eio para o alto. "Isso é o máximo que
sei fazer. No mínimo, nos avisarão da chegada deles
; não posso garantir que impedirão a
entrada de Vol..."
- Não diga o nome! - interrompeu-a Rony, rispida
mente.
Harry e Hermione se entreolharam.
- Desculpem - tornou ele, gemendo um pouco ao se
erguer para encarar os amigos -, mas
dá uma sensação de... azaração ou coisa parecida. S
erá que não podemos chamá-lo de Você-
Sabe-Quem... por favor?
- Dumbledore dizia que o temor de um nome... - c
omeçou Harry.
- Caso você não tenha reparado, colega, chamar V
ocê-Sabe-Quem pelo nome, afinal, não
deu muito certo para Dumbledore - retrucou Rony. -
Quer... quer... pelo menos demonstrar
algum respeito por Você-Sabe-Quem?
- Respeito? - repetiu Harry, mas Hermione lhe la
nçou um olhar avisando-o para não
discutir com Rony enquanto o amigo estivesse tão fr
aco.
Harry e Hermione carregaram e, ao mesmo tempo,
arrastaram Rony pela entrada da barraca.
O interior era exatamente o que Harry lembrava: um
pequeno apartamento, completo, com
banheiro e uma minicozinha. Ele empurrou uma velha
poltrona para o lado e depositou o
amigo com cuidado na cama de baixo de um beliche. M
esmo esse percurso tão pequeno
deixara Rony ainda mais pálido, e, quando terminara
m de acomodá-lo no colchão, ele tornou a
fechar os olhos e ficou algum tempo calado.
- Vou preparar um pouco de chá - disse Hermione,
sem fôlego, tirando uma chaleira e
canecas do fundo da bolsa e se dirigindo à cozinha.

Harry achou a bebida quente tão providencial quanto o uísque de fogo na noite em que Olho-Tonto tinha morrido; pareceu queimar um pouco o medo que se agitava em seu peito.

Minutos depois, Rony quebrou o silêncio.

- Que acham que aconteceu com os Cattermole?

- Com um pouco de sorte, terão conseguido fugir - disse Hermione, apertando a caneca para se tranquilizar. - Desde que tenha mantido a presença de espírito por algum tempo, o sr. Cattermole terá transportado a mulher por Aparatação Acompanhada e estarão fugindo do país com as crianças neste exato momento. Foi esse o conselho de Harry à mulher.

- Caramba, espero que tenham escapado - disse Rony, tornando a baixar a cabeça nos travesseiros. O chá parecia estar lhe fazendo bem; recuperara um arzinho de cor. - Mas tive a impressão de que Reg Cattermole não era muito inteligente, pela maneira com que as pessoas se dirigiam a mim enquanto fui ele. Deus, espero que tenham conseguido... se eles acabarem em Azkaban por nossa causa...

Harry olhou para Hermione e a pergunta que tinha na ponta da língua - se a falta de varinha impediria a sra. Cattermole de aparatar com o marido - morreu em sua boca. Hermione estava vendo Rony se preocupar com o destino dos Cattermole, e havia tanta ternura em seu rosto que Harry teve a sensação de quase surpreendê-la beijando o amigo.

- Então, pegou? - perguntou Harry, em parte para lembrar Hermione de sua presença.

- Pegou... pegou o quê? - perguntou ela, um pouquinho assustada.

- Para que foi que passamos por tudo isso? O medalhão! Onde está o medalhão?

- Você pegou? - gritou Rony, erguendo-se um pouco mais nos travesseiros. - Ninguém me conta nada! Caramba, podiam ter falado!

- Ora, estivemos correndo dos dementadores para

não morrer, não foi? - justificou-se Hermione. - Tome aqui.

E, tirando o medalhão do bolso das vestes, entregou-o a Rony.

Era grande como um ovo de galinha. Uma letra "S" floreada, engastada com pedrinhas verdes, lampejou sombriamente à luz difusa que se infiltrava pelo teto de lona da barraca.

- Há alguma chance de alguém tê-la destruído desde que esteve na posse de Monstro? - perguntou Rony esperançoso. - Quero dizer, temos certeza de que continua a ser uma Horcrux?

- Acho que sim - respondeu Hermione, retomando o medalhão das mãos dele e examinando-o atentamente. - Haveria algum sinal de dano se o conteúdo tivesse sido magicamente destruído.

Ela passou-o a Harry, que virou e revirou o medalhão nos dedos. O objeto parecia perfeito, intacto. Lembrou-se dos restos estraçalhados do diário e da pedra no anel-Horcrux que fendera ao ser destruída por Dumbledore.

- Acho que Monstro tinha razão. Temos que descobrir como abrir essa coisa para podermos destruí-la.

A súbita consciência do que segurava, do que estava vivo por trás das portinhas de ouro, atingiu Harry enquanto falava. Mesmo depois de todos os esforços para encontrá-lo, ele sentiu um violento impulso de arremessar longe o medalhão. Controlando-se, tentou abri-lo com os dedos, depois experimentou o feitiço que Hermione usara para abrir a porta do quarto de Régulo. Nenhum dos dois deu resultado. Devolveu, então, o medalhão a Rony e Hermione, cada um fez o que pôde, mas não tiveram maior sucesso.

- Mas você consegue sentir? - perguntou Rony com a voz abafada, ao apertar o objeto na mão.

- Como assim?

Rony passou-lhe a Horcrux. Instantes depois, Har

ry pensou ter entendido o que ele queria
dizer. Estaria sentindo o sangue pulsar em suas vei
as, ou havia alguma coisa no medalhão
batendo como um minúsculo coração metálico?
- Que vai fazer com isso? - perguntou Hermione.
- Guardá-lo em segurança até descobrirmos como d
estruí-lo - respondeu Harry e, por
menos que isso lhe agradasse, prendeu a corrente ao
 pescoço, deixando o medalhão pender,
oculto, sob suas vestes, onde repousou sobre seu pe
ito, ao lado da bolsa que Hagrid lhe dera.
- Acho que devíamos nos revezar para vigiar a ba
rraca por fora - acrescentou Hermione,
se pondo de pé e se espreguiçando. - E também terem
os que pensar em alguma coisa para
comer. Você fica aqui - acrescentou, rapidamente,
quando Rony tentou se levantar e seu rosto
adquiriu um feio tom verdoso.
Equilibrando com cuidado sobre a barraca o bisb
ilhoscópio que Hermione dera de presente
a Harry em seu aniversário, os dois passaram o rest
o do dia dividindo os turnos de vigia. O
bisbilhoscópio, no entanto, permaneceu silencioso e
 parado o tempo todo, e, fosse por causa
dos feitiços de proteção e Feitiços Antitrouxas que
 Hermione lançara ao redor, ou porque as
pessoas raramente se aventuravam naquelas paragens,
 a clareira permaneceu deserta exceto
por raros pássaros e esquilos. A noite não trouxe a
lteração alguma; Harry acendeu a varinha
ao substituir Hermione às dez horas e contemplou um
a paisagem deserta, registrando os
morcegos que voavam muito alto no retalho de céu es
trelado que se avistava da clareira
protegida.
Sentia fome, agora, e um pouco de tontura. Hermi
one não estocara alimentos na bolsinha
mágica, pois supusera que eles fossem retornar ao l
argo Grimmauld naquela noite. Não havia,
portanto, comida, exceto alguns cogumelos silvestr
es que a garota colhera entre as árvores
mais próximas e cozinhara em uma vasilha. Depois de

comer dois bocados, Rony afastara sua
porção, parecendo enjoado; Harry só persistira para
não magoar Hermione.

O silêncio circundante era quebrado por sons in
distintos ocasionais e, talvez, gravetos
estalando. Harry achou que fossem produzidos por an
imais e não por gente, contudo,
empunhou com firmeza a varinha, pronta para uso. Su
as entranhas, já avariadas pela porção
insuficiente de cogumelos borrachudos, tremiam, cau
sando-lhe mal-estar.

Pensara que sentiria euforia se conseguissem rea
ver a Horcrux, mas por alguma razão isso
não acontecera; tudo que sentia, sentado naquela es
curidão, da qual sua varinha iluminava uma
ínfima parte, era apreensão pelo que aconteceria a
seguir. Parecia que estivera se precipitando
velozmente até aquele lugar durante semanas, meses,
talvez anos, mas agora estacara
abruptamente, era o fim da estrada.

Havia outras Horcruxes lá fora em algum lugar, m
as ele não fazia a menor ideia de onde
poderiam estar. Nem mesmo sabia o que eram. Nesse m
eio-tempo, não lhe ocorria como
destruir a única que encontrara: a Horcrux que, no
momento, jazia sobre seu peito nu.
Curiosamente, o objeto não roubara calor do seu co
rpo, estava tão frio ali, sobre sua pele, que
poderia ter saído da água gelada. De vez em quando
, Harry pensava, ou talvez imaginasse, que
podia sentir um batimento de coração mínimo, no mes
mo compasso que o seu.

Pressentimentos inomináveis o assaltavam, ali n
o escuro: tentava resistir-lhes, afastá-los,
contudo eles recorriam sem descanso. Nenhum poderá
viver enquanto o outro sobreviver.
Rony e Hermione, agora conversando baixinho na barr
aca às suas costas, poderiam ir embora
se quisessem: ele não poderia. E parecia-lhe, naqu
ela imobilidade em que tentava dominar o
medo e a exaustão, que a Horcrux sobre seu peito ma
rcava o tempo que lhe restava... Que

ideia idiota, disse a si mesmo, não pense isso...

Sua cicatriz estava recomeçando a formigar. Rece ava que estivesse provocando aquilo ao entreter tais pensamentos, e tentou redirecioná-los . Pensou no pobre Monstro, esperando a chegada deles em casa e, em vez disso, recebendo Ya xley. O elfo guardaria silêncio ou contaria ao Comensal da Morte tudo que sabia? Harry queria acreditar que Monstro mudara sua relação com ele durante o mês que passara, que se manteria leal, mas quem sabia o que iria acontecer? E se os Comensais da Morte torturas sem o elfo? Imagens tétricas fervilharam em sua mente e ele tentou afastá-las também, porque não havia nada que pudesse fazer por Monstro: ele e Hermione já tinham decidido não conv ocá-lo; e se alguém do Ministério viesse junto? Eles não podiam contar que a aparatação de e lfos fosse isenta da falha que levara Yaxley ao largo Grimmauld agarrado à manga de Hermi one.

A cicatriz de Harry agora queimava. Lembrou que havia tanta coisa que ignoravam: Lupin estava certo quando falara em magia que jamais tinh am enfrentado ou imaginado. Por que Dumbledore não lhe explicara mais? Teria pensado qu e haveria tempo; que viveria anos, séculos talvez, como seu amigo Nicolau Flamel? Se a ssim fosse, enganara-se... Snape se encarregara disso... Snape, a serpente adormecida, que atacara no alto da Torre...

E Dumbledore caíra... caíra...

- Entregue-me, Gregorovitch.

A voz de Harry saiu aguda, clara e fria: sua var inha estendida à frente por uma mão branca de dedos longos. O homem para quem apontava estava suspenso no ar de cabeça para baixo, embora não houvesse cordas segurando-o; ele balanç ava, invisível e sinistramente preso, os membros enrolados no corpo, seu rosto aterrorizado, no mesmo nível que o de Harry, vermelho por causa do sangue que lhe afluíra à cab

eça. Tinha cabelos absolutamente brancos
e uma barba cerrada de pelos espessos: um Papai Noe
l no espeto.
- Não a tenho, não a tenho mais! Roubaram-me há
muitos anos!
- Não minta para Lorde Voldemort, Gregorovitch.
Ele sabe... ele sempre sabe.
As pupilas do homem pendurado estavam grandes, d
ilatadas de medo, e pareciam inchar,
cada vez mais, até que seu negrume engoliu Harry in
teiro...
E agora ele se via correndo por um corredor escur
o atrás do atarracado Gregorovitch,
que segurava uma lanterna no alto: o bruxo adentrou
um aposento no final do corredor e
sua lanterna iluminou o que lhe pareceu uma oficina
; aparas de madeira e ouro reluziam
no foco trêmulo de luz, e ali, no peitoril da janel
a, achava-se, empoleirado, como uma
grande ave, um jovem de cabelos dourados. Na fração
de segundo que a luz da lanterna
incidiu nele, Harry viu prazer em seu belo rosto, e
ntão o intruso lançou um Feitiço
Estuporante de sua varinha e saltou, de costas, do
peitoril com um grito de triunfo.
E Harry se viu recuando velozmente daquelas pupil
as enormes como túneis, o rosto de
Gregorovitch aterrorizado.
- Quem foi o ladrão, Gregorovitch? - perguntou a
voz aguda e fria.
- Não sei, nunca soube, um jovem... não... por fa
vor... POR FAVOR!
Um grito interminável seguido de um lampejo verde
...
- Harry!
Ele abriu os olhos, ofegante, a testa latejando.
Tinha desmaiado contra a parede da barraca:
escorregara de lado pela lona e se estatelara no ch
ão. Ergueu os olhos para Hermione, cujos
cabelos cheios obscureciam o retalhinho de céu visí
vel através da escura ramagem acima.
- Sonho - disse ele, sentando-se depressa e tenta

ndo enfrentar a carranca de Hermione com
um ar de inocência. - Devo ter cochilado, desculpe.

- Sei que foi a sua cicatriz! Percebo no seu ros
to! Você estava espiando a mente de Vol...
- Não diga esse nome! - Ouviram a voz irritada d
e Rony vinda das profundezas da barraca.
- Ótimo - retorquiu Hermione. - Então, a mente de
 Você-Sabe-Quem!
- Não quis que acontecesse! - defendeu-se Harry.
- Foi um sonho! Você conse gue
controlar o que sonha, Hermione?
- Se você ao menos tivesse aprendido a usar a Ocl
umência...
Harry, porém, não estava interessado em levar uma
 descompostura de Hermione; queria
discutir o que acabara de ver.
- Ele encontrou Gregorovitch, Hermione, e acho qu
e o matou, mas, antes de matar, leu a
mente do homem e vi...
- Acho que é melhor eu assumir a vigia, se o seu
cansaço é tanto que você está cochilando -
disse Hermione friamente.
- Eu posso terminar a vigia!
- Não, obviamente você está exausto. Vá se deitar
.
Ela se largou na entrada da barraca, decidida. Ab
orrecido, mas querendo evitar uma briga,
Harry entrou.
O rosto ainda pálido de Rony se ergueu, curioso,
do beliche; Harry subiu na cama de cima,
deitou-se e ficou olhando para o teto escuro de lon
a. Passados vários minutos, Rony falou
muito baixinho para Hermione não ouvir, encolhida n
a entrada.
- Que é que Você-Sabe-Quem está fazendo?
Harry apertou os olhos se esforçando para recorda
r cada detalhe, então sussurrou no
escuro:
- Encontrou Gregorovitch. Amarrou-o e estava tort
urando o homem.
- Como é que Gregorovitch vai fazer uma nova vari

nha para ele se está amarrado?
- Não sei... é esquisito, não é?
Harry fechou os olhos, pensando em tudo que vira e ouvira. Quanto mais lembrava, menos sentido fazia... Voldemort não tinha dito nada sobre a varinha de Harry, nada sobre os núcleos gêmeos, nada sobre a ideia de mandar Gregorovitch fazer uma varinha nova e mais poderosa para derrotar a de Harry...
- Queria alguma coisa de Gregorovitch - disse Harry, ainda com os olhos bem fechados. - Pediu que lhe entregasse, mas Gregorovitch disse que tinham lhe roubado... e então... então...
Harry lembrou como ele, no corpo de Voldemort, parecera invadir os olhos de Gregorovitch até sua memória...
- Leu a mente de Gregorovitch e viu um rapaz louro, empoleirado no peitoril da janela, que lançou um feitiço em Gregorovitch e, dando um salto para trás, desapareceu. Ele roubou, roubou seja o que for que Você-Sabe-Quem procura. E eu... eu acho que já vi o rapaz em algum lugar...
Harry desejou poder dar mais uma olhada naquele rosto risonho. O roubo acontecera havia muitos anos, segundo Gregorovitch. Por que o jovem ladrão lhe parecia familiar?
Os ruídos da mata soavam abafados no interior da barraca; só o que Harry escutava era a respiração do amigo. Passado algum tempo, Rony sussurrou:
- Você não viu o que o ladrão estava segurando?
- Não... devia ser alguma coisa pequena.
- Harry?
As ripas de madeira da cama de Rony rangeram quando ele mudou de posição.
- Harry, você não acha que Você-Sabe-Quem estava atrás de outro objeto para transformar em Horcrux?
- Não sei - respondeu ele, lentamente. - Talvez. Mas não seria perigoso criar mais uma? Hermione não disse que ele já tinha forçado a alma

ao máximo?

- É, mas ele talvez não saiba disso.

- É... talvez - disse Harry.

Tivera certeza de que Voldemort andava procurando uma maneira de contornar o problema dos núcleos gêmeos, certeza de que buscava uma solução com o velho fabricante de varinhas... contudo, matara-o, aparentemente sem lhe fazer uma única pergunta sobre varinhas.

Que é que Voldemort estava tentando encontrar? Por que, com o Ministério da Magia e o mundo bruxo a seus pés, ele foi para longe, decidido a encontrar um objeto que no passado pertenceu a Gregorovitch e lhe foi roubado por um ladrão desconhecido?

Harry ainda via o rosto do rapaz louro, era alegre e rebelde; havia nele um ar à la Fred e Jorge e seus bem-sucedidos logros. Ele voara do peitoril da janela como um pássaro, e Harry já o vira antes, mas não conseguia lembrar onde...

Com Gregorovitch morto, era um ladrão de rosto alegre que agora corria perigo, e foi nele que se detiveram os pensamentos de Harry quando os roncos de Rony começaram a ecoar da cama de baixo e ele próprio recomeçou lentamente a adormecer.

-- CAPÍTULO QUINZE --
A vingança do Duende

Cedo na manhã seguinte, antes que os outros acordassem, Harry deixou a barraca em busca da árvore mais antiga e de aparência mais nodosa e elástica que pudesse encontrar. Ali, à sua sombra, ele enterrou o olho de Olho-Tonto Moody e marcou o local gravando, com a sua varinha, uma pequena cruz na casca. Não era muita coisa, mas Harry sentiu que Olho-Tonto teria preferido isso a ficar engastado na porta de Dolores Umbridge. Voltou, então, à barraca e esperou os outros acordarem para discutir o que fariam a seguir.

Harry e Hermione acharam que era melhor não para rem em lugar algum muito tempo, e

Rony concordou, com a única ressalva de que o próximo deslocamento os deixasse próximos a um sanduíche de bacon. Hermione desfez, portanto, os feitiços que lançara sobre a clareira, enquanto os dois amigos apagavam todas as marcas e impressões no solo que pudessem indicar que haviam acampado ali. Em seguida, desapparataram para a periferia de uma pequena cidade comercial.

Depois de armarem a barraca ao abrigo de um pequeno arvoredo que cercaram com feitiços defensivos, Harry arriscou uma surtida sob a Capa da Invisibilidade para procurar alimentos. Sua tentativa, porém, não saiu conforme planejara. Mal acabara de entrar na cidade quando um frio anormal, uma névoa baixa e um repentino escurecimento do céu o fizeram estacar, congelado.

- Mas você sabe conjurar um Patrono genial! - protestou Rony, quando Harry voltou à barraca de mãos vazias, sem fôlego, dizendo uma única palavra: "dementadores".

- Não consegui... produzir um. - Arquejou, comprimindo uma pontada no lado do corpo. - Não quis... aparecer.

As expressões de pesar e desapontamento dos amigos deixaram-no envergonhado. Fora uma experiência aterrorizante ver ao longe os dementadores deslizando da névoa, e compreender, quando o frio paralisante obstruiu os seus pulmões e gritos distantes encheram seus ouvidos, que ele não ia conseguir se proteger. Harry precisou de toda a sua força de vontade para se despregar do chão e correr, deixando os dementadores sem olhos se deslocarem entre os trouxas que talvez não os vissem, mas que, certamente, sentiriam o desespero que eles lançavam por onde quer que passassem.

- Continuamos, então, sem comida.

- Cala a boca, Rony - cortou-o Hermione. - Harry, que aconteceu? Por que acha que não conseguiu conjurar o seu Patrono? Ontem você fez is

so perfeitamente!
- Não sei.
Harry afundou-se em uma das velhas poltronas de Perkins, sentindo-se, a cada momento, mais humilhado. Receava que alguma coisa tivesse de sabilitado dentro dele. O dia de ontem parecia ter sido muitos séculos atrás: hoje, senti a-se novamente com treze anos, o único garoto que desmaiara no Expresso de Hogwarts.
Rony chutou o pé de uma cadeira.
- Quê? - rosnou para Hermione. - Estou morrendo de fome! Depois que quase morri de tanto sangrar, só comi uns dois cogumelos!
- Então vá e abra caminho à força entre os demen tadores - retrucou Harry, mordido.
- Eu iria, mas estou com um braço na tipoia, cas o você não tenha reparado!
- Muito conveniente.
- E que quer dizer...
- É claro! - exclamou Hermione, dando um tapinh a na testa e fazendo os dois se calarem de susto. - Harry, me dá o medalhão! - pediu impacient e, estalando os dedos para o garoto ao ver que não reagira. - Você ainda está usando a Hor crux!
Ela estendeu as mãos e Harry tirou a corrente de ouro pela cabeça. No momento em que o objeto desencostou de sua pele, o garoto se sentiu livre e estranhamente leve. Não tinha percebido que estava suado e que havia um peso comp rimindo seu estômago até as duas sensações desapareceram.
- Melhor? - perguntou Hermione.
- Nossa, muito melhor!
- Harry - tornou ela, agachando-se à sua frente e usando um tom de voz que o garoto associava a visitas a gente muito doente -, você nã o acha que foi possuído, acha?
- Quê? Não! - exclamou ele, na defensiva. - Lemb ro-me de tudo que fizemos enquanto estive usando o medalhão. Eu não saberia o que fiz se estivesse possuído, não é? Gina me

contou que, às vezes, ela não conseguia se lembrar de nada.

- Hum - disse Hermione, contemplando o pesado medalhão. - Bem, talvez seja melhor não o usarmos. Podemos simplesmente guardá-lo aqui na barraca.

- Não vamos deixar essa Horcrux por aí - disse Harry, com firmeza. - Se a perdermos, se a roubarem...

- Ah, tá bem, tá bem - respondeu ela, colocando o medalhão no próprio pescoço e escondendo-o por baixo da blusa. - Mas vamos nos revezar, assim ninguém irá usá-la por muito tempo.

- Ótimo - disse Rony, irritado -, e agora que já acertamos isso, será que podemos comer alguma coisa?

- Tudo bem, mas vamos procurar em outro lugar - propôs Hermione, lançando um olhar rápido para Harry. - Não tem sentido ficar aqui, sabendo que os dementadores estão atacando.

Eles acabaram pernoitando em um extenso campo de uma propriedade rural isolada, na qual obtiveram ovos e pão.

- Não estamos roubando, não é? - perguntou Hermione, em tom preocupado, enquanto devoravam ovos mexidos com torrada. - Não se eu deixei um dinheiro no galinheiro, concordam?

Rony virou os olhos para o alto e disse com a boca estufada:

- Er-mi-ne, cê precupa demais. Elaxa!

E, de fato, ficou muito mais fácil relaxar depois de estarem bem alimentados: a discussão sobre os dementadores foi esquecida entre risos, e Harry se sentiu animado, e até esperançoso, quando assumiu a primeira das três vigias da noite.

Esta foi a primeira vez que constataram que uma barriga cheia gera bom humor; e, uma vazia, desentendimento e tristeza. A Harry, isso não surpreendeu muito, porque chegara várias

vezes à beira da inanição na casa dos Dursley. Herm
ione suportou razoavelmente bem as
noites em que só conseguiam arranjar frutinhas e b
iscoitos velhos, sua paciência talvez um
pouco mais curta do que o normal e seus silêncios m
elancólicos. Rony, no entanto, fora
acostumado a três deliciosas refeições por dia, cor
tesia de sua mãe ou dos elfos domésticos
de Hogwarts, e a fome o tornava irracional e irascí
vel. Sempre que a falta de comida
coincidia com sua vez de usar a Horcrux, ele se tor
nava decididamente desagradável.

- E agora? - Era o seu constante refrão. Não par
ecia ter ideias a contribuir, mas esperava
que Harry e Hermione sugerissem planos, enquanto e
le ficava parado, remoendo a escassez de
comida. Assim, Harry e Hermione passavam horas infr
utíferas, tentando decidir onde procurar
as outras Horcruxes e como destruir a que tinham em
 seu poder, suas conversas se tornando
cada vez mais repetitivas, pois não tinham novas in
formações.

Uma vez que Dumbledore dissera a Harry que acred
itava que Voldemort tivesse escondido
as Horcruxes em lugares que julgava importantes, os
 dois não paravam de desfiar, em uma
espécie de ladainha enfadonha, os lugares onde sabi
am que o lorde vivera ou visitara. O
orfanato onde nascera e crescera, Hogwarts onde for
a educado, Borgin & Burkes, onde
trabalhara ao terminar a escola, depois a Albânia,
onde passara os anos de exílio: essa era a
base de suas especulações.

- É, vamos à Albânia. Não vamos gastar mais do q
ue uma tarde para vasculhar o país
inteiro - disse Rony, sarcasticamente.

- Não pode haver nada lá. Ele já tinha criado c
inco das Horcruxes quando foi para o exílio,
e Dumbledore tinha certeza de que a cobra era a sex
ta - contrapôs Hermione. - Sabemos que a
cobra não está na Albânia, normalmente acompanha Vo
l...

- Eu não pedi para você parar de dizer isso?
- Ótimo! A cobra normalmente está com Você-Sabe-Quem... feliz agora?
- Nem tanto.
- Não consigo vê-lo escondendo nada na Borgin & Burkes - disse Harry, que já defendera esse ponto de vista muitas vezes, mas repetiu-o apenas para quebrar o incômodo silêncio. - Borgin e Burke eram especialistas em objetos das Trevas, teriam reconhecido uma Horcrux imediatamente.
Rony bocejou acintosamente. Reprimindo um forte impulso de atirar alguma coisa no amigo, Harry continuou:
- Ainda acho que ele poderia ter escondido alguma coisa em Hogwarts.
Hermione suspirou.
- Mas Dumbledore a teria encontrado, Harry!
O garoto repetiu o argumento que sempre trazia à baila em favor de sua teoria.
- Dumbledore confessou a mim que nunca presumiu conhecer todos os segredos de Hogwarts. E estou lhe dizendo que se havia um lugar que Vol...
- Oi!
- VOCÊ-SABE-QUEM, então! - gritou Harry, irritado além da conta. - Se havia um lugar que Você-Sabe-Quem considerava realmente importante era Hogwarts!
- Ah, corta essa - caçoou Rony. - A escola dele?

- É, a escola dele! Foi o primeiro lar verdadeiro que ele teve, o lugar que o tornava especial, que significava tudo para ele, e mesmo depois que saiu...
- É de Você-Sabe-Quem que estamos falando, certo? Não é de você, é? - indagou Rony.
Puxava a corrente da Horcrux em seu pescoço: Harry foi assaltado pelo desejo de agarrar a corrente e usá-la para estrangular o amigo.
- Você nos contou que Você-Sabe-Quem pediu a Dumbledore para lhe dar emprego depois

que saiu da escola - disse Hermione.
- Isso.
- E Dumbledore achou que ele só queria voltar p
ara procurar alguma coisa, provavelmente
um objeto de outro dos fundadores para transformá-l
o em uma Horcrux?
- É.
- Mas ele não conseguiu o emprego, certo? - conf
eriu Hermione. - Então, ele nunca teve
oportunidade de procurar lá o objeto de um fundador
 e escondê-lo na escola!
- O.k., então - concordou Harry, vencido. - Esqu
eça Hogwarts.
Sem outras pistas, eles viajaram a Londres e, pr
otegidos pela Capa da Invisibilidade,
procuraram o orfanato onde Voldemort fora criado. H
ermione entrou escondida em uma
biblioteca e descobriu, pelos registros, que o esta
belecimento fora demolido havia anos.
Visitaram o local e depararam com uma torre de escr
itórios.
- Poderíamos tentar cavar nas fundações? - suger
iu Hermione sem muita convicção.
- Ele não teria escondido uma Horcrux aqui - di
sse Harry, que, na verdade, sempre soubera
disso: o orfanato fora o lugar de que Voldemort est
ava decido a fugir; ele jamais teria
escondido uma parte da alma lá. Dumbledore mostrara
 a Harry que o lorde buscava
grandiosidade ou misticismo na escolha de seus esco
nderijos; esse canto desolado e cinzento
de Londres nem de longe poderia lembrar Hogwarts ou
 o Ministério ou um edifício como
Gringotes, o banco dos bruxos, com suas portas de o
uro e seus pisos de mármore.
Mesmo sem novas ideias, eles continuaram a viaja
r pelo campo, a cada noite armando a
barraca em um lugar diferente, por medida de segura
nça. Toda manhã, eles se certificavam de
ter removido as pistas de sua presença, então parti
am em busca de outro lugar isolado e
protegido, deslocando-se por aparatação a outras ma

tas, a fendas sombrias em rochedos junto
ao mar, a charnecas arroxeadas, a encostas de monta
nhas cobertas de tojos e, uma vez, a uma
enseada pedregosa. A cada doze horas, mais ou menos
, eles passavam a Horcrux de um para
outro, como se estivessem jogando em câmara lenta u
ma partida perversa de passar o anel,
temendo a hora em que, se errassem, a prenda seriam
 doze horas de mais ansiedade e medo.

A cicatriz de Harry não parava de formigar. Acon
tecia com maior frequência, segundo
observou, quando estava usando a Horcrux. Por veze
s, ele não conseguia evitar demonstrar a
dor.

- Quê? Que foi que você viu? - indagava Rony, se
mpre que via Harry fazer caretas.

- Um rosto - murmurava Harry, todas as vezes. -
O mesmo rosto. O ladrão que roubou
Gregorovitch.

E Rony lhe dava as costas sem fazer esforço algu
m para esconder o seu desapontamento.
Harry sabia que o amigo estava esperando notícias d
e sua família ou dos membros restantes
da Ordem da Fênix, mas, afinal, ele, Harry, não era
 uma antena de televisão; só podia ver o
que Voldemort estava pensando no momento, e não sin
tonizar o que lhe agradasse. E, pelo que
via, o lorde estava refletindo demoradamente sobre
 o jovem desconhecido de rosto sorridente,
cujo nome e paradeiro Harry tinha certeza de que V
oldemort sabia tanto quanto ele. Uma vez
que sua cicatriz continuava a arder e o rapaz sorr
idente de cabelos dourados tantalizava sua
memória, ele aprendeu a reprimir qualquer sinal de
 dor ou mal-estar, porque os outros dois
manifestavam impaciência à simples menção do ladrão
. Não podia culpá-los inteiramente,
vendo-os tão desesperados para encontrar uma pista
que os levasse às Horcruxes.

À medida que os dias se alongavam em semanas, Ha
rry começou a suspeitar que Rony e
Hermione estivessem conversando sem ele e sobre ele

. Várias vezes tinham parado
abruptamente de falar quando ele entrara na barraca
, e, em outras duas, Harry os encontrara
por acaso, conversando em segredo a uma pequena dis
tância, as cabeças juntas, falando
rapidamente; em ambas, os amigos tinham se calado a
o perceber sua aproximação e se
apressado a fingir que estavam ocupados em apanhar
lenha ou água.

Harry não podia deixar de se perguntar se teriam
concordado em acompanhá-lo nessa
viagem, que agora julgavam sem objetivo e errática,
apenas porque pensaram que tinha um
plano secreto de que eles tomariam conhecimento no
devido tempo. Rony não estava fazendo o
menor esforço para esconder o seu mau humor, e Harr
y começava a recear que Hermione
também estivesse desapontada com a sua falta de lid
erança. Desesperado, ele tentou pensar
em outros locais para Horcruxes, mas o único que c
ontinuava a lhe ocorrer era Hogwarts, e,
como os amigos não achavam que fosse provável, ele
parou de sugeri-lo.

O outono foi desdobrando-se sobre os campos à me
dida que eles se deslocavam: agora,
estavam montando a barraca sobre palhas secas e fol
has caídas. Névoas naturais se
misturavam àquelas lançadas pelos dementadores; o v
ento e a chuva aumentavam seus
problemas. O fato de que Hermione estivesse identif
icando melhor os cogumelos comestíveis
não chegava a compensar inteiramente o seu isolamen
to contínuo, a falta da companhia de
outras pessoas, ou sua total ignorância sobre o que
estava acontecendo na guerra contra
Voldemort.

- Minha mãe - disse Rony certa noite, quando se
achavam na barraca, à margem de um rio
em Gales - é capaz de conjurar do nada uma comida g
ostosa.

Ele cutucava, rabugento, os pedaços de peixe car
bonizado em seu prato. Harry olhou

automaticamente para o pescoço de Rony e viu, confo
rme esperava, o brilho da corrente de
ouro da Horcrux. Conseguiu refrear o impulso de xi
ngar o amigo, cuja atitude melhoraria um
pouco no momento em que tirasse o medalhão.
- Sua mãe não conjura comida do nada - disse Her
mione. - Ninguém pode fazer isso.
Comida é a primeira das cinco principais exceções à
 Lei de Gamp sobre a Transfiguração
Elemen...
- Ah, vê se fala em língua de gente, tá! - reto
rquiu Rony, extraindo uma espinha de peixe
presa entre os dentes
- É impossível preparar comida boa do nada! Você
 pode convocá-la se souber onde achar,
você pode transformá-la, você pode aumentar a quant
idade se já tem alguma...
- ... pois não se dê o trabalho de aumentar esta
 aqui, tá uma porcaria - retrucou ele.
- Harry apanhou o peixe e eu fiz o melhor que p
ude! Estou notando que sempre sou eu que
acabo resolvendo o problema da comida; porque sou u
ma menina, suponho!
- Não, porque a gente supõe que você seja melhor
 em magia! - disparou Rony.
Hermione se levantou de repente e os pedaços de
peixe assado escorregaram do seu prato
de estanho para o chão.
- Você pode cozinhar amanhã, Rony, você pode pro
curar os ingredientes e tentar
transformá-los em alguma coisa que valha a pena com
er, e eu vou me sentar aqui e fazer cara
feia e reclamar e você vai poder ver...
- Calem a boca! - exclamou Harry, levantando-se
 de um salto e erguendo as mãos. - Calem
já a boca!
Hermione fez cara de indignação.
- Como você pode apoiar o Rony? Ele quase nunca
cozinha...
- Hermione, fica quieta, estou ouvindo alguém!
Harry ficou muito atento, as mãos ainda erguida
s, alertando-os para não falarem. Então,

sobrepondo-se à correnteza do rio escuro ao lado, e le tornou a ouvir vozes. Virou-se para o bisbilhoscópio. Não se mexera.

- Você lançou o Abaffiato sobre nós, certo? - su ssurrou ele para Hermione.

- Lancei tudo - sussurrou ela em resposta -, o Abaffiato, o Antitrouxas e o da Desilusão, todos. Sejam quem for, não devem poder nos ver nem ouvir.

Passos arrastando e atritando no solo, somados a o ruído de gravetos e pedras deslocados, indicavam que várias pessoas desciam a encosta íng reme e arborizada em direção ao estreito barranco do rio, onde os garotos tinham armado a ba rraca. Eles apanharam as varinhas e aguardaram. Os feitiços que tinham lançado ao redo r deviam bastar na escuridão quase total para protegê-los da curiosidade dos trouxas e dos b ruxos normais. Se esses fossem Comensais da Morte, então, pela primeira vez, suas defesas ir iam ser testadas pelas Artes das Trevas.

As vozes foram alteando, mas continuaram inintel igíveis à medida que os homens alcançavam a margem. Harry estimava que seus donos estivessem a menos de seis metros de distância, mas o rio encachoeirado os impedia de te r certeza. Hermione passou a mão na bolsinha de contas e começou a remexer nela; um mom ento depois, puxou três Orelhas Extensíveis e jogou uma para cada garoto, que imedi atamente inseriu as pontas dos fios cor da pele nos ouvidos e pôs as outras pontas fora da ent rada da barraca.

Em segundos, Harry ouviu uma preocupada voz masc ulina.

- Devia haver salmão aqui ou acham que ainda est á muito no início da temporada? Accio salmon!

Ouviram-se claramente os peixes espadanando e, e m seguida, batendo contra corpos. Alguém resmungou apreciativamente. Harry empurrou a Orelha Extensível mais fundo no

ouvido: acima do murmúrio do rio, distinguiu outras vozes, mas não estavam falando inglês nem outro idioma que ele já tivesse ouvido. Era uma língua dura e pouco melodiosa, uma sequência de ruídos rascantes e guturais, e, aparentemente, havia dois homens, um com a voz ligeiramente mais grave e lenta que a do outro.

Uma fogueira foi acendida do outro lado da lona; grandes sombras passaram entre a barraca e as chamas. O aroma delicioso de salmão assado flutuou torturante em sua direção. Em seguida, ouviram o tinido de talheres sobre pratos, e o primeiro homem tornou a falar.

- Tome aqui, Grampo, Gornope.

- Duendes! - articulou Hermione, silenciosamente, para Harry, que apenas assentiu.

- Obrigado - agradeceram os duendes, ao mesmo tempo, em inglês.

- Então, há quanto tempo vocês três estão fugindo? - ouviram uma nova voz melodiosa e agradável; era vagamente familiar a Harry, que imaginou um homem barrigudo de rosto jovial.

- Seis semanas... sete... não lembro - disse o homem cansado. - Topei com Grampo nos primeiros dois dias e unimos forças com Gornope logo depois. É bom ter alguma companhia.

- Houve uma pausa, enquanto os talheres raspavam os pratos e canecas eram erguidas e repostas no chão. - O que o fez fugir, Ted? - continuou o homem.

- Sabia que vinham me prender - respondeu Ted, o homem de voz melodiosa, e Harry repentinamente identificou-o: era o pai de Tonks. - Tinha ouvido falar que os Comensais da Morte estavam na área a semana passada, e concluí que era melhor sumir. Recusei-me a fazer o registro para nascidos trouxas por princípio, entende, portanto sabia que era uma questão de tempo, sabia que, no final, teria que partir. Minha mulher deve estar bem, ela tem sangue puro. Encontrei, então, o Dino há, o quê, alguns dias, filho?

- É - confirmou outra voz, e Harry, Rony e Hermione se entreolharam em silêncio, mas transbordando de contentamento ao reconhecerem, sem sombra de dúvida, a voz de Dino Thomas, seu colega na Grifinória.

- Nascido trouxa, hein? - perguntou o primeiro homem.

- Não tenho certeza - respondeu Dino. - Meu pai abandonou minha mãe quando eu era pequeno. Não tenho prova de que ele fosse bruxo.

O grupo ficou em silêncio por um tempo, exceto pelos ruídos de mastigação; então Ted tornou a falar.

- Devo confessar, Dirk, estou surpreso de encontrar você. Satisfeito, mas surpreso. Correu a notícia de que você tinha sido preso.

- Fui. Estava a caminho de Azkaban quando tentei fugir, estuporei Dawlish e roubei a vassoura dele. Foi mais fácil do que se poderia esperar. Acho que ele não está muito normal no momento. Talvez tenha sido confundido. Se foi, eu gostaria de apertar a mão do bruxo que fez isso, porque provavelmente salvou a minha vida.

Houve mais uma pausa em que a fogueira estalejou e o rio correu em cachoeira. Então, Ted perguntou:

- E vocês dois como se encaixam? Eu, ah, tive a impressão de que a maioria dos duendes apoiava Você-Sabe-Quem.

- Teve uma impressão falsa - disse o duende de voz mais aguda. - Não tomamos partido. É uma guerra de bruxos.

- Por que estão na clandestinidade, então?

- Por prudência - respondeu o duende de voz mais grave. - Recusei um pedido que considerei impertinente, e percebi que tinha posto em risco a minha segurança pessoal.

- Qual foi o pedido que lhe fizeram? - retornou Ted.

- Tarefas que não são condizentes com a dignidade da minha raça - informou o duende, sua

voz mais áspera e menos humana quando acrescentou:
- Não sou um elfo doméstico.
- E você, Grampo?
- Razões semelhantes - disse o duende de voz mais aguda. - O Gringotes não está mais sob o controle total da minha raça. Não reconheço senhores bruxos.
E acrescentou alguma coisa entre dentes, em grugulês, que fez Gornope rir.
- Qual foi a piada? - perguntou Dino.
- Ele disse - respondeu Dirk - que há coisas que os bruxos também não reconhecem.
Fez-se um breve silêncio.
- Não entendi - tornou Dino.
- Fui à forra antes de partir - disse Grampo, em inglês.
- Grande homem... grande duende, melhor dizendo - emendou Ted, rapidamente. - Conseguiu prender um Comensal da Morte em uma das caixas-fortes, imagino.
- Se tivesse conseguido, a espada não o teria ajudado a sair - replicou Grampo. Gornope tornou a rir e até Dirk deu uma risada seca.
- Dino e eu não estamos entendendo muito bem - disse Ted.
- Severo Snape também não, embora ele não saiba disso - afirmou Grampo, e os dois duendes soltaram gargalhadas maliciosas.
Na barraca, a respiração de Harry saía ofegante de excitação: ele e Hermione se entreolhavam, prestando a maior atenção possível.
- Você não ouviu essa história, Ted? - admirou-se Dirk. - Dos garotos que tentaram roubar a espada de Gryffindor do gabinete de Snape em Hogwarts?
Uma corrente elétrica pareceu atravessar Harry, fazendo vibrar cada nervo do seu corpo pregado no chão.
- Nunca ouvi uma palavra. Não saiu no Profeta, saiu?
- Dificilmente sairia - comentou Dirk, entre risadinhas. - O Grampo aqui me contou, soube

pelo Gui Weasley, que trabalha no banco. Um dos jo
vens que tentou se apossar da espada foi
a irmã mais nova dele.

Harry olhou para Hermione e Rony, que estavam ag
arrados às Orelhas Extensíveis como se
fossem cordas salva-vidas.

- Ela e uns dois amigos entraram no gabinete de
Snape e quebraram a redoma de vidro em
que ele, aparentemente, guardava a espada. Snape ag
arrou-os quando desciam a escada
tentando levá-la.

- Ah, que Deus os abençoe! - exclamou Ted. - Que
 pensavam fazer, usar a espada contra
Você-Sabe-Quem? Ou contra o próprio Snape?

- Bem, seja o que for que pensaram, Snape decidi
u que a espada não estava segura em
Hogwarts - contou Dirk. - Uns dois dias mais tarde,
 quando recebeu permissão de Você-
Sabe-Quem, imagino, enviou-a a Londres, para ser gu
ardada no Gringotes.

Os duendes recomeçaram a rir.

- Ainda não estou entendendo a graça - disse Ted
.

- É uma imitação - explicou Grampo, rouco.

- A espada de Gryffindor!

- Sim, senhor. É uma cópia: uma excelente cópia
, é verdade, mas fabricada por bruxos. A
original foi forjada séculos atrás pelos duendes e
tem certas propriedades que somente as
armas fabricadas por nós possuem. Seja onde for que
 esteja, a espada verdadeira de
Gryffindor não está na caixa-forte do Banco de Grin
gotes.

- Entendi - disse Ted. - E acho que não se deram
 o trabalho de informar isso aos
Comensais da Morte.

- Não vi nenhuma razão para incomodá-los com ess
a informação - comentou Grampo,
presunçoso, e agora Ted e Dino fizeram coro às risa
das de Gornope e Dirk.

No interior da barraca, Harry fechou os olhos, d
esejando que alguém fizesse a pergunta que

precisava ser respondida, e, decorrido mais um minu
to que lhe pareceram dez, Dino lhe fez
esse favor: o garoto também tinha sido (lembrou-se
Harry, assustado) namorado de Gina.
- Que aconteceu com Gina e os outros? Os que ten
taram roubar a espada?
- Ah, foram castigados, e cruelmente - respondeu
Grampo com indiferença.
- Mas eles estão o.k., não? - perguntou Ted, em
seguida. - Quero dizer, os Weasley não
precisam de mais um filho aleijado, não é?
- Eles não sofreram nenhum ferimento grave, pelo
que sei - tornou Grampo.
- Sorte a deles. Com o histórico de Snape, supon
ho que devemos nos alegrar que ainda
estejam vivos.
- Você acredita nessa história, então, Ted? - p
erguntou Dirk. - Você acredita que Snape
matou Dumbledore?
- Claro que sim. Você não vai ficar aí me dizend
o que Potter teve alguma participação
nisso, vai?
- É difícil hoje em dia saber no que acreditar -
resmungou Dirk.
- Conheço Harry Potter - disse Dino. - E consid
ero que ele é autêntico, o Eleito, ou o nome
que quiserem lhe dar.
- É, tem muita gente que gostaria de acreditar
que é, filho - replicou Dirk. - Eu, inclusive.
Mas cadê ele? Fugiu para se salvar, pelo que parece
. Eu diria que, se ele soubesse alguma
coisa que ignoramos, ou tivesse algum dom especial,
estaria aí lutando, convocando a
resistência, em vez de se esconder.\\\\ E, como voc
ê sabe, o Profeta fez acusações bem
plausíveis contra ele...
- O Profeta? - caçoou Ted. - Você merece que lh
e mintam, se ainda lê aquele lixo, Dirk.
Se quer saber dos fatos, experimente ler O Pasquim.

Houve uma súbita explosão de engasgos e engulhos
, e muitas batidas de pés; pelo barulho,

Dirk engolira uma espinha de peixe. Por fim, engrol
ou:
- O Pasquim?, aquela revistinha delirante do Xen
o Lovegood?
- Não está tão delirante, ultimamente. Você está
precisando dar uma lida. Xeno está
publicando tudo que o Profeta tem omitido, e não fe
z uma única menção a Bufadores de Chifre
Enrugado na última edição. Mas, entenda, quanto tem
po vão deixá-lo livre para fazer isso, não
sei. Xeno diz, na primeira página de toda edição, q
ue a prioridade número um de qualquer
bruxo contrário a Você-Sabe-Quem deveria ser ajudar
Harry Potter.
- É difícil ajudar um garoto que desapareceu da
face da Terra - disse Dirk.
- Escutem, o fato de não o terem apanhado ainda
, caramba, é um feito e tanto - defendeu-o
Ted. - Eu teria prazer em receber umas dicas. É iss
o que estamos tentando fazer, não é,
continuar livres?
- É, bem, você tem razão - concedeu Dirk. - Com
o Ministério em peso e todos os
informantes procurando por ele, era de esperar que
já o tivessem capturado. Mas, veja bem,
quem pode afirmar que já não o tenham prendido e ma
tado na surdina?
- Ah, não diga isso, Dirk - murmurou Ted.
Houve outra longa pausa preenchida pelo ruído do
s talheres. Quando alguém recomeçou a
falar foi para discutir se deviam dormir no barran
co ou recuar para uma área arborizada na
encosta. Decidindo que as árvores lhes ofereceriam
maior proteção, eles apagaram a fogueira
e tornaram a subir o morro, suas vozes morrendo ao
longe.
Harry, Rony e Hermione enrolaram as Orelhas Exte
nsíveis. Harry, que achara a
necessidade de ficar calado mais difícil quanto mai
s escutava, agora só foi capaz de dizer:
- Gina... a espada...
- Eu sei! - disse Hermione.

E se precipitou para a bolsinha de contas, desta vez enfiando nela o braço inteiro até a axila.

- Pronto... pronto... aqui... - disse ela com os dentes cerrados, e tirou um objeto que evidentemente estava no fundo da bolsa. Lentamente, surgiu a borda de uma moldura ornamentada. Harry correu a ajudá-la. Ao desenredar em da bolsa a moldura vazia do retrato de Fineus Nigellus, Hermione apontou a varinha para o quadro, pronta para entrar em ação a qualquer momento.

"Se alguém trocou a espada verdadeira por uma falsa quando estava no escritório de Dumbledore", ofegou ela, enquanto o quadro era aprumado na parede da barraca, "Fineus Nigellus teria visto, porque está pendurado bem ao lado da redoma!"

- A não ser que estivesse dormindo - lembrou Harry, mas ainda prendendo a respiração; Hermione se ajoelhou diante da tela vazia, para cujo centro apontava a varinha, pigarreou e disse:

- Ah... Fineus? Fineus Nigellus?

Nada aconteceu.

- Fineus Nigellus! - repetiu ela. - Professor Black? Por favor, poderíamos falar com o senhor? Por favor?

- "Por favor" sempre ajuda - disse uma voz fria e depreciativa, e Fineus Nigellus deslizou para a tela. No mesmo instante, Hermione exclamou:

- Obscuro!

Uma venda preta apareceu sobre os olhos escuros e inteligentes do bruxo, fazendo-o bater contra a moldura e gritar de dor.

- Quê... como se atreve... que é que você...?

- Sinto muito, prof. Black - disse Hermione -, mas é uma precaução necessária!

- Remova esse acréscimo nojento imediatamente! Remova-o, estou dizendo! Você está estragando uma grande obra de arte! Onde estou! Que está acontecendo?

- Não faz diferença onde estamos - respondeu Harry, e Fineus congelou, abandonando suas tentativas de remover a venda pintada.

- Será possível que seja a voz do intangível sr. Potter?

- Talvez - respondeu Harry, sabendo que isto manteria seu interesse. - Temos umas perguntas para lhe fazer sobre a espada de Gryffindor.

- Ah - disse Fineus Nigellus, agora virando a cabeça para cá e para lá, esforçando-se para vislumbrar Harry -, sim. Aquela tolinha foi muito imprudente...

- Não fale da minha irmã - disse Rony, rispidamente. Fineus Nigellus ergueu as sobrancelhas com superioridade.

- Quem mais está aí? - perguntou, virando a cabeça para os lados. - O seu tom de voz me desagrada. Aquela menina e seus amigos foram extremamente temerários. Roubar um diretor!

- Não estavam roubando - argumentou Harry. - Aquela espada não pertence ao Snape.

- Pertence à escola do prof. Snape - corrigiu o bruxo. - Exatamente qual era o direito da menina Weasley sobre a espada? Ela mereceu o castigo que recebeu, bem como o idiota Longbottom e a esquisita Lovegood!

- Neville não é idiota e Luna não é esquisita! - protestou Hermione.

- Afinal, onde estou? - repetiu Fineus Nigellus, recomeçando a se debater com a venda. - Onde me trouxeram? Por que me tiraram da casa dos meus antepassados?

- Isso não faz diferença! Que castigo Snape deu a Gina, Neville e Luna? - perguntou Harry, ansioso.

- O professor Snape mandou-os para a Floresta Proibida, para fazer um serviço com o imbecil do Hagrid.

- Hagrid não é imbecil! - esganiçou-se Hermione.

- E Snape talvez tenha pensado que isso fosse ca

stigo - disse Harry -, mas Gina, Neville e
Luna provavelmente deram boas gargalhadas com Hagri
d. A Floresta Proibida... eles já
enfrentaram coisa muito pior do que a Floresta Proi
bida, grande coisa!

O garoto se sentiu aliviado; estivera imaginando
horrores, no mínimo a Maldição Cruciatus.

- O que realmente queríamos saber, prof. Black,
é se mais alguém, hum, algum dia retirou a
espada do gabinete? Talvez a tenham levado para se
r limpa ou... outra coisa assim? - disse
Hermione.

Fineus Nigellus fez nova pausa em seus esforços
para ver e deu uma risadinha.

- Gente nascida trouxa - desdenhou. - As armas f
abricadas por duendes não precisam de
limpeza, menina simplória. A prata dos duendes repe
le a sujeira mundana, absorve apenas o
que a fortalece.

- Não chame Hermione de simplória - protestou Ha
rry.

- As contradições me cansam - reclamou Fineus. -
Talvez seja hora de eu voltar ao
gabinete do diretor, não?

Ainda de olhos vendados, ele começou a tatear pe
la moldura, procurando sair desse quadro
e retornar ao de Hogwarts. Harry teve uma súbita in
spiração.

- Dumbledore! O senhor pode nos trazer Dumbledor
e?

- Perdão?! - exclamou Fineus Nigellus.

- O retrato do prof. Dumbledore... não poderia t
razê-lo consigo para a mesma moldura?

Fineus Nigellus virou o rosto na direção da voz
de Harry.

- Evidentemente não são apenas os nascidos troux
as que são ignorantes, Potter. Os retratos
de Hogwarts podem se comunicar uns com os outros, m
as não podem viajar para fora do
castelo, exceto para visitar o próprio retrato pen
durado em outro lugar. Dumbledore não pode
vir comigo, e, depois do tratamento que recebi em s

uas mãos, posso lhe assegurar que não
farei uma nova visita!

Ligeiramente desconcertado, Harry observou Fineu s Nigellus redobrar seus esforços para
abandonar a moldura.

- Prof. Black - disse Hermione -, o senhor poder ia nos dizer, por favor, qual foi a última
vez que a espada foi retirada da redoma? Antes de G ina tê-la apanhado, quero dizer?

Fineus bufou impaciente.

- Creio que a última vez que vi a espada de Gryf findor sair da redoma foi quando o prof.
Dumbledore a usou para rachar um anel.

Hermione virou-se para olhar Harry. Nenhum dos d ois ousou dizer mais nada diante de
Fineus Nigellus, que, finalmente, conseguira locali zar a saída.

- Bem, boa noite para vocês - disse o bruxo, um tanto irascível, e começou a desaparecer
mais uma vez. Somente um pedacinho da aba do seu ch apéu ainda era visível quando Harry
soltou subitamente um grito.

- Espere! O senhor disse a Snape que viu isso?

O bruxo tornou a enfiar a cabeça com a venda na moldura.

- O prof. Snape tem coisas mais importantes em q ue pensar do que as muitas
excentricidades de Alvo Dumbledore. Adeus, Potter!

E dizendo isso, sumiu inteiramente, deixando at rás apenas o fundo encardido do retrato.

- Harry! - exclamou Hermione.

- Eu sei! - gritou Harry, em resposta. Incapaz de se conter, ele deu um soco no ar: era mais
do que se atrevera a esperar. Andou de um lado par a o outro na barraca, sentindo que poderia
ter corrido dois quilômetros; já nem sentia fome. H ermione estava comprimindo o quadro de
Fineus Nigellus outra vez na bolsinha de contas; d epois de fechá-la, atirou a bolsa para o lado
e ergueu um rosto radiante para Harry.

- A espada pode destruir Horcruxes! Lâminas fab ricadas por duendes só absorvem o que as

fortalece: Harry, aquela espada está impregnada de veneno de basilisco!

- E Dumbledore não a entregou a mim porque ainda precisava dela, queria usá-la no medalhão...

- ... e deve ter percebido que não deixariam você ficar com ela se a incluísse no testamento...

- ... então fez uma cópia...

- ... e colocou a falsa na redoma...

- ... e deixou a verdadeira... onde?

Eles se entreolharam; Harry sentiu que a resposta pairava, invisível, sobre suas cabeças, terrivelmente próxima. Por que Dumbledore não lhe dissera? Ou, na realidade, dissera, mas Harry, na hora, não tinha entendido?

- Pense! - sussurrou Hermione. - Pense! Onde a teria deixado?

- Não em Hogwarts - afirmou Harry, recomeçando a andar.

- Algum lugar em Hogsmeade? - sugeriu Hermione.

- Na Casa dos Gritos? - arriscou Harry. - Ninguém nunca vai lá.

- Mas Snape sabe como entrar, não seria um pouco arriscado?

- Dumbledore confiava em Snape - lembrou Harry.

- Não o suficiente para lhe contar que tinha trocado as espadas.

- É, você tem razão! - disse Harry, sentindo-se ainda mais animado em pensar que Dumbledore fizera ressalvas, ainda que mínimas, à confiabilidade de Snape. - Teria, então, escondido a espada bem longe de Hogsmeade? Que acha, Rony? Rony?

Harry olhou em volta. Desnorteado por um instante, pensou que o amigo tivesse saído da barraca, então viu que estava deitado no beliche, à sombra da cama de cima, parecendo chapado.

- Ah, se lembraram de mim, foi? - respondeu ele.

- Quê?

Rony bufou, com os olhos fixos no fundo da cama do alto.

- Você dois podem continuar. Não quero estragar o seu prazer.

Perplexo, Harry olhou para Hermione pedindo ajuda, mas ela abanou a cabeça, aparentemente tão pasma quanto ele.

- Qual é o problema? - perguntou Harry.

- Problema? Não tem problema - replicou Rony, recusando-se a olhar para o amigo. - Pelo menos você não acha que tenha.

Ouviram vários ploques no teto de lona da barraca. Começara a chover.

- Bem, obviamente você tem - disse Harry. - Quer desembuchar de uma vez?

Rony girou as longas pernas para fora da cama e sentou. Parecia hostil, diferente do normal.

- Muito bem, vou desembuchar. Não esperem que eu fique dando saltinhos na barraca porque tem mais uma droga que a gente precisa procurar. É só juntar mais essa à lista do que você ignora.

- Eu ignoro? - respondeu Harry. - Eu é que ignoro?

Ploque, ploque, ploque: a chuva caía mais forte e pesada; chapinhava no rio e na margem coberta de folhas a toda volta, matraqueando pela escuridão. O medo arrefeceu o grande contentamento de Harry: Rony estava dizendo exatamente o que Harry suspeitara e receara que estivesse pensando.

- Não é que eu não esteja me divertindo a valer aqui - replicou Rony. - Sabem, com esse braço aleijado e nada para comer, e o rabo congelando toda noite. Eu só esperava, entende, depois de ficar andando em círculos algumas semanas, que a gente tivesse conseguido alguma coisa.

- Rony - disse Hermione, mas em voz tão baixa que o garoto poderia fingir que não tinha ouvido por causa da forte percussão da chuva na lona da barraca.

- Pensei que você soubesse no que estava se enga
jando - disse Harry.
- É, eu também pensei.
- Então, qual é a parte que não está corresponde
ndo às suas expectativas? - perguntou
Harry. A raiva sobreveio agora em sua defesa. - Voc
ê achou que íamos nos hospedar em
hotéis cinco estrelas? Encontrar uma Horcrux por d
ia? Achou que voltaria para passar o Natal
com mamãe e papai?
- Pensamos que você soubesse o que estava fazend
o! - berrou Rony, se pondo de pé; e suas
palavras atingiram Harry como facas em brasa. - Pe
nsamos que Dumbledore tivesse lhe dito o
que fazer, pensamos que você tivesse um plano de ve
rdade!
- Rony! - chamou Hermione, desta vez claramente
audível, apesar da chuva retumbando no
teto da barraca, mas novamente ele a ignorou.
- Bem, lamento desapontar você - disse Harry, a
voz calma, embora ele se sentisse vazio e
inepto. - Fui franco com você desde o início, lhe c
ontei tudo que Dumbledore me disse. E,
caso você não tenha reparado, achamos uma Horcrux..
.
- É, e estamos tão próximos de nos livrar dela c
omo estamos de encontrar as outras: em
outras palavras, não estamos próximos de nenhuma!
- Tire o medalhão, Rony - disse Hermione, sua v
oz anormalmente alta. - Por favor, tire.
Você não estaria falando assim se não o estivesse u
sando o dia todo.
- Estaria, sim - retorquiu Harry, que não queria
que ela arranjasse desculpas para Rony. -
Vocês acham que não notei os dois cochichando às mi
nhas costas? Acham que eu não percebi
que era isso que pensavam?
- Harry, não estávamos...
- Não minta! - Rony jogou na cara de Hermione. -
Você também disse, disse que estava
desapontada, disse que pensou que ele tivesse mais
em que se basear do que...

- Não disse isso assim... Harry, não disse! - gritou ela.
A chuva martelava a barraca, as lágrimas escorriam pelo rosto de Hermione, e a excitação de minutos antes desaparecera como se nunca tivesse existido, um fogo de artifício de curta duração que espoucara e morrera, deixando tudo escuro, molhado e frio. A espada de Gryffindor estava escondida e desconheciam onde, eram três adolescentes, em uma barraca, cujo único feito, até o momento, era não terem morrido.
- Então, por que ainda está aqui? - Harry interpelou Rony.
- Não tenho a mínima ideia.
- Então, volte para casa.
- É, eu talvez volte! - gritou Rony, e deu vários passos em direção a Harry, que não recuou. - Você não ouviu o que disseram sobre minha irmã? Mas você não está nem aí, não é, é só a Floresta Proibida, Harry Já-Enfrentou-Pior Potter não se importa com o que acontecer a Gina lá, pois eu me importo, tá, aranhas gigantes e piração...
- Eu só quis dizer que... ela estava com os outros, e estavam com Hagrid...
- ... é, entendo, você não se importa! E com o resto da minha família, "os Weasley não precisam de outro filho aleijado", você ouviu?
- Ouvi, eu...
- Mas não se preocupou com o significado disso, não é?
- Rony! - disse Hermione, se interpondo aos dois à força. - Acho que não significa que tenha acontecido nada de novo, nada que a gente não saiba; pense, Rony, Gui já está cheio de cicatrizes, a essa altura muita gente deve ter visto que Jorge perdeu uma orelha, e você, supostamente, está morrendo de sarapintose, tenho certeza de que foi a isso que ele se referiu...
- Ah, você tem certeza, não é? Então, está bem,

não vou me preocupar com eles. Tudo bem
para vocês dois, não é, com os seus pais em seguran
ça e fora do caminho...
- Meus pais estão mortos! - berrou Harry.
- E os meus podem estar indo pelo mesmo caminho!
- berrou Rony.
- Então VAI! - urrou Harry. - Volte para eles, f
inja que se curou da sua sarapintose e
mamãe poderá enchê-lo de comida e...
Rony fez um movimento repentino: Harry reagiu,
mas, antes que eles sacassem as varinhas
dos bolsos, Hermione já erguera a dela.
- Protego! - ordenou, e um escudo invisível se e
xpandiu entre ela e Harry, de um lado, e
Rony do outro; todos foram forçados a recuar algun
s passos, por força do feitiço, e os garotos
se encararam cada um de um lado da barreira como se
estivessem se vendo claramente pela
primeira vez. Harry sentiu um ódio corrosivo de Ron
y: alguma coisa se rompera entre eles.
- Deixe a Horcrux - lembrou Harry.
Rony arrancou a corrente pela cabeça e atirou o
medalhão sobre uma cadeira próxima.
Virou-se para Hermione.
- Que vai fazer?
- Como assim?
- Você vai ficar, ou o quê?
- Eu... - Ela pareceu angustiada. - Vou... vou
sim. Rony, nós dissemos que viríamos com
Harry, dissemos que ajudaríamos...
- Entendi. Você escolhe ficar com ele.
- Rony, não... por favor... volte aqui, volte aq
ui!
Ela foi impedida pelo próprio Feitiço Escudo; a
té removê-lo, o garoto já saíra furioso noite
adentro. Harry ficou muito quieto e silencioso, esc
utando Hermione soluçar e chamar por
Rony entre as árvores.
Decorrido algum tempo, ela voltou, os cabelos es
correndo, colados no rosto.
- Ele f-f-foi embora! Desaparatou!
Ela se atirou em uma poltrona, se enroscou e cai

u no choro.

Harry se sentiu aturdido. Abaixou-se, recolheu a Horcrux e colocou-a em torno do próprio pescoço. Puxou os cobertores da cama de Rony e cobriu Hermione. Depois subiu no beliche de cima e ficou olhando para a lona escura do teto, escutando a chuva bater.

-- CAPÍTULO DEZESSEIS --

Godric's Hollow

Quando Harry acordou no dia seguinte, levou vários segundos até lembrar o que acontecera. Depois desejou, infantilmente, que tivesse sonhado, que Rony continuasse ali e jamais tivesse partido. Contudo, ao virar a cabeça no travesseiro, viu a cama do amigo vazia. Ela parecia atrair o seu olhar como um cadáver o faria. Harry pulou de sua cama, evitando olhar a de Rony. Hermione, já ocupada na cozinha, não desejou a Harry um bom dia, mas virou depressa o rosto quando ele passou.

Ele partiu, disse Harry de si para si. Ele partiu. Sentiu necessidade de repetir a frase mentalmente, enquanto se lavava e se vestia, como se com isso pudesse embotar o abalo que sofrera. Ele partiu e não vai voltar. E essa era a verdade pura e simples. Harry sabia que os feitiços de proteção impossibilitariam que Rony os reencontrasse, quando saíssem desse lugar.

Ele e Hermione tomaram café em silêncio. Os olhos dela estavam inchados e vermelhos; parecia não ter dormido. Depois, eles guardaram seus pertences, Hermione demorando-se. Harry sabia por que a amiga queria prolongar o tempo à margem do rio; viu-a várias vezes erguer a cabeça, esperançosa, e teve certeza de que se iludia, pensando que ouvira passos apesar da chuva pesada, mas ninguém de cabelos ruivos aparecera entre as árvores. Toda vez que Harry a imitava, olhando para os lados (pois não podia deixar de alimentar esperanças), e nada via exceto a mata lavada pela chuva, outra peq

uena parcela de fúria explodia em seu
peito. Ouvia Rony dizendo: "Pensamos que você soube
sse o que estava fazendo!", e
retomava a arrumação das coisas sentindo um bolo na
 boca do estômago.
   O rio barrento ao lado estava subindo rapidament
e, e logo transbordaria pelo barranco.
Demoraram-se uma boa hora além do horário em que no
rmalmente deixariam o acampamento.
Por fim, tendo rearrumado a bolsinha de contas três
 vezes, Hermione pareceu incapaz de
encontrar outras razões para retardar a partida: e
la e Harry se deram as mãos e desaparataram,
reaparecendo em um urzal, na encosta de um morro as
solado pelo vento.
   No instante em que chegaram, Hermione largou a m
ão dele e se afastou, sentando-se, por
fim, em um pedregulho, o rosto nos joelhos, o corpo
 sacudindo, Harry sabia, por soluços.
Parou para observá-la, imaginando que deveria cons
olar a amiga, mas alguma coisa o manteve
pregado no chão. Por dentro, sentia-se frio e tens
o: revia a expressão de desprezo no rosto de
Rony. Saiu, então, caminhando pelo urzal, descreven
do um largo círculo em torno da aflita
Hermione, lançando os feitiços de que ela normalmen
te se encarregava para garantir a
proteção de todos.
   Nos dias que se seguiram, eles não falaram em R
ony. Harry estava decidido a jamais voltar
a mencionar o nome dele, e Hermione parecia entende
r que não adiantava forçar o assunto,
embora, por vezes, à noite, quando achava que Harr
y estava dormindo, ele a ouvisse chorar.
Nesse meio-tempo, ele se habituou a tirar da mochil
a o mapa do maroto e examiná-lo à luz da
varinha. Esperava o momento em que o pontinho com o
 nome de Rony reapareceria nos
corredores de Hogwarts, comprovando que retornara a
o confortável castelo, protegido por sua
condição de sangue puro. Contudo, Rony não aparecia
 e, passado algum tempo, Harry viu-se

examinando o mapa simplesmente para ver o nome de G
ina no dormitório feminino, se
perguntando se a intensidade com que o fitava poder
ia penetrar o sono da garota, se de alguma
forma ela poderia saber que estava pensando nela, d
esejando que estivesse bem.

Durante o dia, eles se ocupavam com tentativas p
ara determinar os possíveis esconderijos
da espada de Gryffindor, mas quanto mais discutiam
onde Dumbledore poderia tê-la guardado,
tanto mais desesperadas e improváveis se tornavam a
s suas especulações. Por mais que
vasculhasse o cérebro, Harry não conseguia se lembr
ar de Dumbledore mencionando algum
lugar onde pudesse esconder alguma coisa. Havia mom
entos em que ele não sabia se estava
mais zangado com Rony ou com Dumbledore. Pensamos q
ue você soubesse o que estava
fazendo... pensa mos que Dumbledore tivesse lhe dit
o o que fazer... pensamos que você
tivesse um plano de verdade!

Harry não podia esconder de si mesmo: Rony tinha
razão. Dumbledore não lhe deixara
virtualmente nada. Tinham descoberto uma Horcrux, m
as não os meios para destruí-la; as
outras continuavam tão inatingíveis como sempre tin
ham estado. A desesperança ameaçava
engolfá-lo. Espantava-se, agora, ao pensar em sua p
resunção quando aceitou o oferecimento
dos amigos para acompanhá-lo nessa viagem tortuosa
e inútil. Nada sabia, nada lhe ocorria, e
estava constante e dolorosamente alerta ao menor si
nal de que Hermione também estivesse
prestes a lhe dizer que estava farta, que ia embora
.

Passavam muitas noites praticamente em silêncio,
e Hermione adquiriu o hábito de tirar o
retrato de Fineus Nigellus e aprumá-lo em uma cadei
ra, como se ele pudesse preencher uma
parte do enorme vazio que a partida de Rony deixara
. Apesar da afirmação anterior de que
jamais tornaria a visitá-los, Fineus Nigellus parec

ia incapaz de resistir à oportunidade de descobrir mais sobre as atividades de Harry, e consentia em reaparecer, de olhos vendados, a intervalos irregulares. O garoto sentia-se até satisfeito de vê-lo, porque era uma companhia, ainda que do tipo depreciativo e sarcástico. Tinham prazer em saber o que estava acontecendo em Hogwarts, embora Fineus não fosse o informante ideal. Venerava Snape, o primeiro diretor da Sonserina, depois dele próprio, a assumir a escola, e os garotos precisavam se cuidar para não criticar nem fazer perguntas impertinentes sobre Snape, ou Fineus abandonaria imediatamente o retrato.

Contudo, ele deixava fragmentos de notícias. Pelo visto, Snape estava enfrentando uma insubordinação menor, mas constante, de um núcleo de alunos irredutíveis. Gina fora proibida de ir a Hogsmeade. Snape restabelecera o velho decreto de Umbridge de proibir reuniões de três ou mais alunos ou quaisquer associações estudantis informais.

De tudo isso, Harry deduzia que Gina e, provavelmente, Neville e Luna estavam fazendo o possível para dar continuidade à Armada de Dumbledore. Essas mínimas notícias faziam Harry desejar rever Gina com tanta intensidade que chegava a lhe doer o estômago; mas o faziam também pensar em Rony, e em Dumbledore, e na própria Hogwarts, da qual sentia tanta falta quanto da ex-namorada. De fato, quando Fineus Nigellus falava das medidas radicais do diretor, Harry sentia uma loucura, que durava uma fração de segundo, em que simplesmente imaginava voltar à escola para se engajar na desestabilização do regime de Snape: ser alimentado, ter uma cama macia e outros no comando parecia-lhe, no momento, a perspectiva mais maravilhosa do mundo. Lembrava-se, então, de que era o Indesejável Número Um, que havia um prêmio de dez mil galeões por sua captura, e que entrar em Hogwarts esses dias era

tão perigoso quanto entrar no Ministério da Magia. Na verdade, Fineus Nigellus enfatizava esse fato involuntariamente quando inseria perguntas importantes sobre o paradeiro de Harry e Hermione. Sempre que fazia isso, a garota enfiava-o na bolsinha de contas. Fineus Nigellus, invariavelmente, se recusava a reaparecer por vários dias depois dessas despedidas pouco cerimoniosas.

O clima foi esfriando gradativamente. Por não ousarem permanecer em área alguma por muito tempo, em vez de acamparem no sul da Inglaterra, onde o congelamento do solo seria a pior de suas preocupações, eles continuaram a viajar em zigue-zague pelo país, enfrentando uma encosta montanhosa, onde o granizo açoitava a barraca, um brejo plano, onde a barraca foi inundada por água gelada, e uma minúscula ilha no meio de um lago escocês, onde a neve soterrou metade da barraca durante a noite.

Eles já haviam encontrado árvores de Natal piscando nas janelas de salas das visitas, antes da noite em que Harry resolveu sugerir, mais uma vez, a única avenida inexplorada que lhes restava. Tinham acabado de comer uma refeição excepcionalmente boa: Hermione fora a um supermercado com a Capa da Invisibilidade (e, ao sair, escrupulosamente deixara o pagamento em uma caixa aberta) e Harry achou que ela poderia ser mais persuasível com a barriga cheia de espaguete à bolonhesa e peras enlatadas. Tomara também a precaução de sugerir que, durante algumas horas, não usassem a Horcrux, que penduraram no beliche ao lado dele.

- Hermione?

- Hum? - Ela estava enroscada em uma das poltronas fundas lendo Os contos de Beedle, o bardo. Harry não conseguia imaginar o quanto mais a amiga poderia extrair daquele livro, que, afinal, nem era tão longo; mas era evidente que estava decifrando alguma coisa, porque

tinha o Silabário de Spellman aber to sobre o braço da poltrona.

Harry pigarreou. Sentiu-se repetindo exatamente o que fizera quando, vários anos antes, perguntara à profa McGonagall se poderia ir a Hogsmeade, apesar de não ter conseguido persuadir os Dursley a assinarem a permissão.

- Hermione, estive pensando e...

- Harry, você poderia me ajudar aqui?

Aparentemente, ela não o escutara. Curvou-se para a frente e estendeu-lhe o livro.

- Olhe esse símbolo - disse, apontando para o alto da página. Acima do que Harry supôs ser o título do conto (não podia afirmar, pois não sabia ler runas), havia um símbolo que lembrava um olho triangular, a pupila cortada por uma linha.

- Eu nunca estudei Runas Antigas, Hermione.

- Sei disso, mas não é uma runa e não consta no silabário, tampouco. Todo esse tempo pensei que fosse um olho, mas acho que não é! Foi feito à tinta, olhe, alguém o desenhou aqui, não faz realmente parte do livro. Pense, você já viu isso antes?

- Não... não, espere aí. - Harry olhou mais atentamente. - Não é o mesmo símbolo que o pai de Luna estava usando pendurado ao pescoço?

- Bem, foi isso que pensei também!

- Então é a marca de Grindelwald.

Ela encarou-o, boquiaberta.

- Quê?

- Krum me contou que...

Harry repetiu a história que Vítor Krum lhe contara no casamento. Ela pareceu perplexa.

- A marca de Grindelwald?

Hermione olhou de Harry para o estranho símbolo e novamente para ele.

- Nunca soube que Grindelwald tivesse uma marca. Não vi isso mencionado em nada que tenha lido a respeito dele.

- Bem, como eu disse, Krum falou que esse símbolo foi gravado em uma parede de

Durmstrang e que achava que Grindelwald o teria pos
to lá.
- É muito esquisito. Se for um símbolo das Artes
das Trevas, que estará fazendo em um
livro de histórias para crianças?
- É, é bizarro - concordou Harry. - E seria de
esperar que Scrimgeour o reconhecesse. Era
ministro, tinha que ser especialista em magia das T
revas.
- Eu sei... talvez ele achasse que era apenas um
olho, exatamente como eu. Todos os outros
contos têm pequenos desenhos sobre os títulos. - El
a se calou e continuou a examinar a
estranha marca. Harry fez nova tentativa.
- Hermione?
- Hum?
- Estive pensando. Quero... quero ir a Godric's
Hollow.
Ela ergueu a cabeça, mas tinha os olhos desfocad
os e isso deu a Harry a certeza de que
ainda estava pensando na misteriosa marca.
- Sim. Sim, estive pensando nisso também. Acho r
ealmente que teremos de ir.
- Você me ouviu direito?
- Claro que ouvi. Você quer ir a Godric's Hollow
. Concordo. Acho que devíamos. Isto é,
também não consigo pensar em mais nenhum lugar onde
possa estar. Será perigoso, mas,
quanto mais penso, mais provável me parece que este
ja lá.
- Ah... o quê está lá? - perguntou Harry.
Ao ouvir isso, Hermione pareceu tão confusa quan
to ele.
- Bem, a espada, Harry! Dumbledore certamente s
abia que você iria querer voltar lá, quero
dizer, Godric's Hollow foi onde Godrico Gryffindor
nasceu...
- Sério? Gryffindor era de Godric's Hollow?
- Harry, algum dia você ao menos abriu História
da magia?
- Ah - disse ele, sentindo que sorria pela prime
ira vez em meses: os músculos do seu rosto

lhe pareceram estranhamente rígidos. - Eu talvez te
nha aberto, sabe, quando o comprei... só
uma vez...
- Bem, como a aldeia tem o nome dele, imaginei q
ue você talvez tivesse feito a ligação -
retrucou Hermione. Seu tom de voz agora estava muit
o mais parecido com o da velha
Hermione do que ultimamente; Harry quase esperou q
ue ela anunciasse que ia à biblioteca. -
No livro, tem um trechinho sobre a aldeia, espere a
í...
Ela abriu a bolsinha de contas e procurou um mom
ento, por fim, tirou o seu exemplar do
livro-texto de Batilda Bagshot, pelo qual correu o
polegar até encontrar a página que queria.
- Com a assinatura do Estatuto Internacional de
Sigilo em Magia em 1689, os
bruxos entraram para sempre na clandestinidade. T
alvez fosse natural que
formassem pequenas comunidades dentro de uma comu
nidade. Muitas aldeias e
pequenos povoados atraíram várias famílias bruxas
que se uniram para mútuo
apoio e proteção. As aldeias de Tinworth na Cornu
alha, Upper Flagley em
Yorkshire e Ottery St. Catchpole na costa sul da
Inglaterra destacaram-se como
lar para grupos de famílias bruxas que conviviam
com trouxas tolerantes e por
vezes confundidos. O mais famoso desses lugares s
emibruxos talvez seja Godric's
Hollow, uma aldeia no oeste da Inglaterra onde na
sceu o grande mago Godrico
Gryffindor e onde Bowman Wright, um ferreiro brux
o, fabricou o primeiro pomo de
ouro. O cemitério local está repleto de nomes de
antigas famílias bruxas, e isto,
sem dúvida, explica as histórias de assombrações
que há séculos assolam sua
pequena igreja.
- Você e seus pais não são mencionados - disse H
ermione, fechando o livro -, porque a

professora Bagshot aborda apenas os eventos até o fim do século XIX. Mas você está entendendo? Godric's Hollow, Godrico Gryffindor, a espada de Gryffindor; você não acha que Dumbledore teria esperado que você fizesse a ligação?

- Ah, é...

Harry não quis admitir que nem sequer pensara na espada quando sugeriu que fossem a Godric's Hollow. Para ele, a atração da aldeia residia nos túmulos de seus pais, a casa onde, por um triz, ele escapara da morte, e na pessoa de Batilda Bagshot.

- Lembra-se do que a Muriel disse? - perguntou ele, após algum tempo.

- Quem?

- Você sabe. - Harry hesitou: não queria mencionar o nome de Rony. - A tia-avó de Gina. No casamento. A que falou que você tinha tornozelos finos demais.

- Ah - disse Hermione.

Foi um momento difícil: Harry sabia que ela pressentira a menção do nome de Rony. Continuou depressa:

- Muriel disse que Batilda Bagshot ainda vive em Godric's Hollow.

- Batilda Bagshot - murmurou Hermione, passando o dedo indicador pelo nome da escritora em relevo na capa do livro de história da magia. - Bem, suponhamos...

Ela ofegou tão fortemente que as entranhas de Harry deram uma cambalhota; ele sacou a varinha, olhando para a entrada, quase esperando ver uma mão forçando a aba de lona da barraca, mas não havia nada ali.

- Quê?! - exclamou ele, entre zangado e aliviado. - Por que fez isso? Pensei que, no mínimo, tivesse visto um Comensal da Morte abrindo o zíper da barraca...

- Harry, e se Batilda tiver a espada? E se Dumbledore a confiou a ela?

Harry considerou a possibilidade. A essa altura,

ela estaria extremamente idosa e, segundo
Muriel, gagá. Seria provável que Dumbledore esconde
sse a espada de Gryffindor com ela?
Nesse caso, ele achava que Dumbledore relegara muit
a coisa ao acaso: jamais revelara que
tivesse substituído a espada por uma falsificação,
e tampouco mencionara sua amizade com
Batilda. Agora, porém, não era o momento de lançar
dúvidas sobre a teoria de Hermione, não
quando estava disposta, de modo surpreendente, a co
ncordar com o seu maior desejo.

- É possível. Então vamos a Godric's Hollow?

- Vamos, mas teremos que planejar a viagem com m
uito cuidado. - Hermione empertigou-
se na poltrona, e Harry percebeu que a perspectiva
de ter novamente um objetivo definido
melhorara o ânimo dela tanto quanto o dele. - Para
começar, precisamos praticar
desaparatação a dois sob a Capa da Invisibilidade e
, por prudência, uns Feitiços da Desilusão
também, a não ser que você ache que devemos botar p
ara quebrar e usar a Poção Polissuco.
Nesse caso precisaríamos recolher fios de cabelos d
e alguém. Na verdade, acho que isso
seria melhor, Harry, quanto mais impenetráveis os n
ossos disfarces, melhor...

Harry deixou-a falar, assentindo e concordando s
empre que havia uma pausa, mas sua mente
se alheara da conversa. Pela primeira vez desde qu
e descobrira que a espada no Gringotes era
falsa, sentia-se estimulado.

Estava em vias de ir à sua terra, em vias de ret
ornar ao lugar onde tivera uma família. Se
não fosse por Voldemort, em Godric's Hollow ele ter
ia crescido e passado todas as férias
escolares. Poderia ter convidado amigos a sua casa
... poderia até ter tido irmãos e irmãs... sua
mãe é que teria feito o seu bolo de dezessete anos.
A vida que ele perdera nunca lhe parecera
tão real como neste momento, em que sabia estar pre
stes a conhecer o lugar em que tudo
aquilo lhe fora roubado. Aquela noite, depois que H

ermione foi se deitar, silenciosamente
Harry tirou a mochila da bolsinha de contas e apanh
ou o álbum de fotografias que Hagrid lhe
dera tantos anos atrás. Pela primeira vez em meses,
 examinou em detalhe as velhas fotos dos
seus pais, sorrindo e acenando para ele em imagem,
que era só o que lhe restava deles.

Harry teria, de bom grado, partido para Godric's
 Hollow no dia seguinte, mas Hermione
tinha outras ideias. Convencida de que Voldemort es
peraria que Harry voltasse à cena da
morte dos pais, ela decidira que só viajariam depo
is de assegurar que tivessem os melhores
disfarces possíveis. Portanto, só uma semana mais t
arde - após obterem fios de cabelos de
trouxas inocentes que faziam compras de Natal, e p
raticar aparatação e desaparatação sob a
Capa da Invisibilidade -, Hermione concordou em via
jar.

Deviam aparatar até a aldeia protegidos pela esc
uridão da noite, portanto, a tarde ia
adiantada quando finalmente beberam a Poção Poliss
uco, e Harry se transformou em um trouxa
de meia-idade, com os cabelos rareando, e Hermione
em uma esposa pequena e apagada. A
bolsinha de contas com todos os seus pertences (afo
ra a Horcrux que Harry usava ao pescoço)
estava guardada no bolso interno do casaco de Hermi
one, abotoado até em cima. Harry
cobriu-os com a Capa da Invisibilidade, e eles pene
traram mais uma vez na sufocante
escuridão.

Sentindo o coração bater na garganta, Harry abri
u os olhos. Achavam-se parados de mãos
dadas em uma estradinha coberta de neve, sob um céu
 azul-escuro em que as primeiras
estrelas da noite começavam a piscar palidamente. H
avia chalés de ambos os lados da via
estreita, e decorações de Natal cintilavam às janel
as. Um pouco adiante, um clarão dourado de
lampiões de rua indicava o centro da aldeia.

- Quanta neve! - sussurrou Hermione sob a capa.

- Por que não pensamos na neve? Depois de todas as precauções que tomamos, vamos deixar pegadas! Temos que nos livrar delas: você vai na frente e eu cuido disso...

Harry não queria entrar na aldeia como um cavalo de pantomima, tentando mantê-los invisíveis ao mesmo tempo em que ocultavam magicamente os vestígios de sua passagem.

- Vamos tirar a capa - sugeriu Harry e, ao ver o rosto amedrontado de Hermione, completou: - Ah, vamos, não parecemos nós mesmos e não há ninguém por aqui.

Ele guardou a capa sob o paletó e prosseguiram desembaraçados, o ar gélido beliscando seu rosto ao passarem por outros chalés: qualquer um deles poderia ser aquele em que Tiago e Lílian tinham vivido ou o que Batilda vivia agora. Harry observou as portas, os tetos carregados de neve, os pórticos, imaginando se ainda se lembraria de algum deles, sabendo, intimamente, que era impossível, tinha pouco mais de um ano quando deixara a aldeia para sempre. Não sabia ao certo se conseguiria ver o chalé; nem o que acontecia quando os portadores do Feitiço Fidelius morriam. Então, a estradinha em que iam fez uma curva para a esquerda, e o coração da aldeia, uma pracinha, surgiu aos seus olhos.

A todo redor havia lâmpadas coloridas penduradas, e, no centro, o que lhe pareceu um memorial de guerra, parcialmente sombreado por uma árvore de Natal sacudida pelo vento. Havia diversas lojas, um correio, um bar e uma igrejinha cujos vitrais brilhavam como joias do lado oposto da praça. A neve ali se compactara: estava dura e escorregadia por onde as pessoas tinham passado o dia todo. Aldeões cruzavam a sua frente em todas as direções, seus vultos brevemente iluminados pelos lampiões de rua. Eles ouviram fragmentos de risos e música pop quando a porta do bar se abriu e fechou; depois ouviram um coral natalino

começando a cantar na igreja.
- Harry, acho que é noite de Natal! - exclamou H
ermione.
- É?
Perdera a noção da data; havia semanas que não v
iam um jornal.
- Tenho certeza de que é - tornou Hermione, com
os olhos na igreja. - Eles... eles estarão
lá, não? Sua mãe e seu pai? Estou vendo o cemitério
 paroquial.
Harry sentiu uma emoção indefinida que transcend
ia a excitação, assemelhava-se mais ao
medo. Agora, tão perto, estava em dúvida se queria
mesmo ver. Talvez Hermione soubesse o
que ele estava sentindo, porque pegou-o pela mão e
assumiu a liderança pela primeira vez,
puxando-o para prosseguir. No meio da praça, no ent
anto, ela parou subitamente.
- Harry, olha!
Ela apontava para o memorial de guerra. Ao passa
rem pelo monumento, ele se
transformara. Em vez de um obelisco coberto de nome
s, havia uma estátua de três pessoas: um
homem de cabelos rebeldes e óculos, uma mulher de
cabelos longos e rosto bonito e bondoso,
e um menininho aninhado nos braços dela. A neve se
 depositara em suas cabeças, como gorros
brancos e fofos.
Harry aproximou-se fitando os rostos dos pais.
Nunca imaginara que haveria uma estátua...
como era estranho ver-se representado em pedra, um
menininho feliz sem cicatriz na testa...
- Vamos - disse Harry, ao se dar por satisfeito,
 e os dois retomaram o caminho para a
igreja. Ao atravessarem a rua, ele espiou por cima
do ombro: a estátua se transformara mais
uma vez em um memorial de guerra.
A cantoria foi se elevando à medida que se aprox
imavam. Harry sentiu a garganta apertar,
lembrou-se com tanta intensidade de Hogwarts, de Pi
rraça berrando paródias grosseiras das
canções de dentro das armaduras, das doze árvores d

e Natal no Salão Principal, de
Dumbledore usando a touca que ganhara em uma bala d
e estalo, de Rony com o suéter
tricotado à mão...

Havia um portão que dava passagem a uma pessoa p
or vez, na entrada do cemitério.
Hermione o abriu, o mais silenciosamente possível,
e os dois entraram de lado. Nas laterais
do caminho escorregadio que levava às portas da igr
eja, a neve estava alta e intocada. Eles
atravessaram a neve, deixando profundas valas ao co
ntornarem o prédio, mantendo-se à
sombra das janelas iluminadas.

No adro da igreja, fileiras e mais fileiras de t
úmulos nevados emergiam de um manto azul
muito claro com ofuscantes malhas vermelhas, amare
las e verdes, que eram a luz dos vitrais
incidindo sobre a neve. Apertando a varinha no bol
so do paletó, Harry se dirigiu ao túmulo
mais próximo.

- Olhe esse, é de um Abbott, talvez seja um pare
nte da Ana falecido há muito tempo!

- Fale baixo - pediu Hermione.

Eles foram se embrenhando no cemitério, cavando,
 ao passar, pegadas escuras na neve,
inclinando-se para espiar as inscrições nas velhas
lápides, apertando de vez em quando os
olhos para enxergar na escuridão circundante e se c
ertificar plenamente de que estavam
sozinhos.

- Harry, aqui!

Hermione estava a duas fileiras de distância; el
e precisou voltar até a amiga, seu coração
decididamente ribombando no peito.

- É...?

- Não, mas venha ver!

Ela apontou para uma pedra escura. Harry se abai
xou e viu, no granito congelado e
manchado de liquens, as palavras Kendra Dumbledore,
 e abaixo das datas de seu nascimento
e morte, e sua filha Ariana. Havia também uma citaç
ão:

Porque onde estiver o vosso tesouro, aí e stará também o vosso coração.

Então Rita Skeeter e Muriel tinham entendido alg uns fatos corretamente. A família Dumbledore vivera realmente ali, e parte dela morre ra ali.

Ver o túmulo era pior do que ouvir falar nele. H arry não pôde deixar de pensar que Dumbledore e ele tinham profundas raízes neste cem itério, e que o diretor devia ter lhe dito isso; entretanto, jamais pensara em partilhar tal conexão. Poderiam ter visitado o lugar juntos; por um momento, Harry se imaginou vindo ali com o diretor, o vínculo que teriam formado, o quanto isto teria significado para ele. Parecia, p orém, que, para Dumbledore, o fato de suas famílias jazerem lado a lado no mesmo cemitério fos se uma coincidência insignificante, irrelevante, talvez, para o trabalho que desejava v er Harry realizar.

Hermione observava-o, e Harry ficou contente que as sombras ocultassem seu rosto. Ele tornou a ler as palavras na lápide. Porque onde est iver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. Não compreendia o que significavam. Com certeza tinham sido escolhidas por Dumbledore, por ser o membro mais velho da família após a morte da mãe.

- Você tem certeza de que ele nunca mencionou... ? - começou Hermione.

- Não - respondeu Harry, secamente, e em seguida : - Vamos continuar olhando. - E lhe deu as costas, desejando não ter visto a lápide; não qu eria que a sua intensa vibração fosse contaminada pelo rancor.

- Aqui! - tornou a exclamar Hermione, da escurid ão, instantes depois. - Ah, não, desculpe! Pensei ter lido Potter.

Ela estava esfregando uma lápide esfarelada, cob erta de musgo, e a estudava com uma pequena ruga no rosto.

- Harry, volte aqui um momento.

Ele não queria ser novamente desviado de sua bus
ca e foi resmungando que retornou pela
neve até Hermione.
- Quê?
- Olhe só isso!
O túmulo era extraordinariamente velho, desinte
grado pelas intempéries, e ele quase não
conseguia enxergar o nome. Hermione mostrou-lhe o s
ímbolo logo abaixo.
- Harry, é a marca que estava no livro!
Ele olhou para o ponto que a amiga indicava: a
pedra estava tão gasta que era difícil ver a
gravação, embora parecesse haver uma marca triangul
ar sob o nome quase ilegível.
- É... poderia ser...
Hermione acendeu a varinha e iluminou o nome na
lápide.
- Diz aqui Ig-Ignoto, acho...
- Vou continuar procurando os meus pais, tá? - r
espondeu Harry, com certa rispidez na voz,
e tornou a se afastar, deixando-a agachada ao lado
do velho túmulo.
De vez em quando, ele reconhecia um sobrenome qu
e, como Abbott, encontrara em
Hogwarts. Às vezes havia várias gerações da mesma f
amília bruxa representadas no
cemitério; Harry percebia pelas datas que a família
ou se extinguira ou seus membros atuais
tinham se mudado de Godric's Hollow. E prosseguia a
vançando entre os túmulos e, cada vez
que encontrava uma lápide nova, sentia um aperto de
apreensão ou de expectativa.
A escuridão e o silêncio pareceram se tornar, de
repente, muito mais profundos. Harry
olhou ao redor preocupado, pensando nos dementadore
s, e se deu conta de que o coral havia
terminado, que a conversa e o alvoroço dos fiéis ia
m morrendo à medida que se dirigiam à
praça. Alguém na igreja acabara de apagar as luzes.

Então, das trevas, veio a voz de Hermione pela t
erceira vez, alta e clara, a poucos metros

de distância.
- Harry, eles estão aqui... bem aqui.
E ele soube pelo seu tom de voz que desta vez er am os seus pais: aproximou-se sentindo que um peso comprimia-lhe o peito, a mesma sensação que tivera logo depois da morte de Dumbledore, uma dor que chegava a pesar em seu cora ção e seus pulmões.
A lápide estava apenas duas fileiras atrás da de Kendra e Ariana. Era de mármore, tal como a de Dumbledore, e isso facilitava a leitura, pois parecia brilhar no escuro. Harry não precisou se ajoelhar nem chegar muito perto para le r as palavras ali gravadas.
Tiago Potter, nascido 27 de março 1960, f alecido 31 de outubro 1981
Lílian Potter, nascida 30 de janeiro 1960 , falecida 31 de outubro 1981
Ora, o último inimigo que há de se r aniquilado é a morte.
Harry leu as palavras devagar, como se fosse ter uma única chance de entender seu significado, e leu as últimas em voz alta.
- "Ora, o último inimigo que há de ser aniquilad o é a morte"... - Ocorreu-lhe um pensamento horrível, acompanhado de uma espécie de pânico. - Essa não é a ideia dos dementadores? Por que está ali?
- Não significa aniquilar a morte como querem os dementadores, Harry - disse Hermione, em tom meigo. - Significa... entende... viver além da morte. Viver após a morte.
Eles, entretanto, não estavam vivos, pensou Har ry: estavam mortos. As palavras vazias não podiam disfarçar que os restos dos seus pais jaziam sob a neve e o mármore, indiferentes, inconscientes. E as lágrimas vieram antes que ele p udesse contê-las, escaldantes e instantaneamente congeladas em seu rosto, de que a diantava enxugá-las ou fingir? Deixou-as cair, seus lábios contraídos, os olhos fixos na nev e espessa que ocultava o lugar em que

jaziam os despojos dos seus pais, agora, certament
e apenas ossos ou pó, sem saberem nem se
importarem que seu filho sobrevivente se achasse tã
o perto, seu coração ainda palpitando,
vivo por causa do seu sacrifício e quase desejando,
 neste momento, que estivesse dormindo
com eles sob a neve.

Hermione pegara sua mão e a apertava com força.
Ele não conseguia fitá-la, mas retribuiu o
aperto, e agora inspirava haustos profundos e corta
ntes do ar noturno, tentando suportar,
tentando se controlar. Ele deveria ter trazido alg
uma coisa para lhes oferecer e não pensara
nisso, e todas as plantas no cemitério estavam desf
olhadas e congeladas. Hermione, porém,
ergueu a varinha, fez um círculo no ar e, diante do
s seus olhos, fez brotar uma coroa de
heléboros. Harry apanhou-a e depositou-a no túmulo
dos pais.

Assim que se levantou, quis ir embora: achava qu
e não aguentaria ficar ali nem mais um
minuto. Harry passou o braço pelos ombros de Hermio
ne, e ela passou o dela por sua cintura,
viraram-se em silêncio, se afastaram pela neve, de
ixando para trás o túmulo da mãe e da irmã
de Dumbledore, e voltaram em direção à igreja e ao
portão estreito e pouco visível.

==========
Conteúdo disponíbilizado gratuit
amente por Le Livros
==========

-- CAPÍTULO DEZESSETE --
O segredo de Batilda

- HARRY, PARE.

- Que foi?

Tinham acabado de alcançar o túmulo do Abbott de
sconhecido.

- Tem alguém ali. Alguém nos observando. Sinto.
Ali, perto dos arbustos.

Eles ficaram muito quietos, abraçados, olhando

a densa sebe escura em torno do cemitério.
Harry não conseguia enxergar nada.

- Tem certeza?

- Vi uma coisa se mexer. Poderia jurar que vi...

Ela o largou para deixar livre a mão da varinha.

- Estamos parecendo trouxas - lembrou Harry.

- Trouxas que acabaram de depositar flores no tú mulo dos pais! Harry, tenho certeza de que há alguém ali!

Harry pensou no História da magia; diziam que o cemitério era mal-assombrado: e se...?
Então, ele ouviu um ruído abafado e viu um montinho de neve deslocada no arbusto para o qual Hermione apontara. Fantasmas não deslocam neve.

- É um gato - disse Harry, após alguns segundos - ou um pássaro. Se fosse um Comensal da Morte já estaríamos mortos. Mas vamos sair daqui e poderemos tornar a vestir a capa.

Eles olharam para trás várias vezes enquanto se dirigiam à saída do cemitério. Harry, que não se sentia tão corajoso quanto fingia estar quan do tranquilizou Hermione, ficou feliz de alcançar o portão e a calçada escorregadia. Tornara m, então, a se cobrir com a Capa da Invisibilidade. O bar estava mais cheio do que ant es: vozes em seu interior agora cantavam a canção natalina que tinham ouvido ao se aproximar d a igreja. Por um momento, Harry pensou em sugerir que se refugiassem ali, mas, antes que p udesse falar, Hermione murmurou:

- Vamos por aqui. - E puxou-o pela rua escura, q ue saía da aldeia, na direção oposta àquela da qual tinham vindo. Harry divisou ao longe o ponto em que os chalés terminavam e a estradinha entrava em campo aberto. Eles caminharam o mais rápido que ousaram, passaram por outras tantas janelas em que cintilavam luzes multicoloridas, os contornos de árvores de Natal erguendo sombras através das cortinas.

- Como vamos encontrar a casa da Batilda? - perg
untou Hermione, que tremia um pouco e
não parava de espiar por cima do ombro. - Harry? Qu
e acha? Harry?

Ela puxou-o pelo braço, mas Harry não a escutara
. Estava olhando para uma massa escura
onde acabavam as casas. No momento seguinte, ele ac
elerou o passo, arrastando Hermione;
ela escorregou um pouco no gelo.

- Harry...

- Olhe... olhe aquilo, Hermione...

- Não estou... ah!

Ele estava vendo; o Feitiço Fidelius devia ter
se extinguido com Tiago e Lílian. A sebe
crescera livremente nos dezesseis anos desde que H
agrid retirara Harry dos escombros ainda
espalhados pelo capim, que chegava à cintura. A mai
or parte do chalé permanecia de pé,
embora inteiramente coberta de hera escura e neve,
mas o lado direito do andar superior
explodira; por ali, Harry estava seguro, o feitiço
se voltara contra quem o lançara. Ele e
Hermione pararam ao portão, contemplando as ruínas
do que tinha sido, no passado, uma casa
exatamente como as vizinhas.

- Por que será que ninguém a reconstruiu? - suss
urrou Hermione.

- Talvez não se possa reconstruí-la? Talvez seja
como os ferimentos produzidos pelas
Artes das Trevas que não são curáveis?

Ele passou a mão para fora da capa e segurou o p
ortão muito enferrujado e coberto de neve,
sem querer abri-lo, mas tentando, simplesmente, toc
ar alguma parte da casa.

- Você não vai entrar, vai? Parece perigoso, pod
e... ah, Harry, olhe!

Seu toque no portão parecia ter bastado. Erguera
-se uma placa diante deles, através do
emaranhado de urtigas e ervas daninhas, como uma fl
or bizarra que crescesse
instantaneamente e, na inscrição dourada na madeira
, ele leu:

Neste local, na noite de 31 de outubro de 1981, L
ílian e Tiago Potter perderam a vida.
Seu filho, Harry, é o único bruxo a ter so
brevivido à Maldição da Morte.
Esta casa, invisível aos trouxas, foi mantida em r
uínas como um monumento aos Potter e
uma lembrança da violência que d
estruiu sua família.
A toda volta desse texto conciso, havia rabiscos
feitos por outros bruxos que tinham
visitado o local em que O-Menino-Que-Sobreviveu re
alizara tal feito. Alguns assinaram seus
nomes em tinta perpétua; outros gravaram as iniciai
s na madeira, outros, ainda, deixaram
mensagens. As mais recentes, que se destacavam, rel
uzentes, sobre os dezesseis anos de
grafitos mágicos, diziam mais ou menos o mesmo:
"Boa sorte, Harry, onde quer que esteja." "Se ler
esta mensagem, Harry, saiba que estamos
com você!" "Viva Harry Potter."
- Eles não deviam ter rabiscado a placa! - comen
tou Hermione, indignada.
Harry, porém, sorriu para ela.
- É genial. Fico feliz que tenham escrito. Eu...

E se calou. Um vulto muito agasalhado capengava
pela estradinha em sua direção, recortado
pela iluminação clara, na praça ao longe. Harry ach
ou, embora fosse difícil julgar, que era o
vulto de uma mulher. Ela se movia com lentidão, pos
sivelmente receosa de escorregar no chão
nevado. Suas costas curvadas, sua corpulência, seu
andar arrastado, tudo indicava uma idade
muito avançada. Eles observaram sua aproximação em
silêncio. Harry estava aguardando para
ver se ela entraria em um dos chalés pelo caminho,
mas sabia, instintivamente, que não faria
isso. Por fim, ela parou a uns poucos metros dos do
is e, simplesmente, ficou ali no meio da
rua congelada, encarando-os.
Ele não precisou que Hermione beliscasse seu bra
ço. Praticamente não havia chance de que

a mulher fosse trouxa: estava parada de olhos prega
dos em uma casa que lhe seria
inteiramente invisível se não fosse bruxa. Mesmo su
pondo que fosse uma bruxa, no entanto,
era um comportamento estranho sair em uma noite tã
o fria, simplesmente para contemplar uma
velha ruína. Pelas regras da magia normal, ela não
deveria poder vê-los. Contudo, Harry tinha
a estranha impressão de que sabia da presença deles
 ali, e também sabia quem eram. No
momento em que ele chegou a essa inquietante conclu
são, a mulher ergueu a mão enluvada e
fez sinal para que se aproximassem.

Hermione se achegou a Harry sob a capa, seu braç
o comprimindo o dele.

- Como é que ela sabe?

Ele sacudiu a cabeça. A mulher tornou a chamá-lo
s, mais energicamente. Harry poderia
pensar em muitas razões para não obedecer, contudo,
 suas suspeitas a respeito da identidade
dela tornavam-se mais fortes a cada segundo em que
continuavam parados, se encarando na
rua deserta.

Seria possível que estivesse esperando por eles
todos esses longos meses? Que
Dumbledore lhe tivesse dito para esperar porque Har
ry acabaria aparecendo? Não seria
provável que fosse a coisa que se mexera nas sombra
s do cemitério e os seguira até ali? Até a
sua capacidade de senti-los sugeria um poder à la D
umbledore, que ele jamais encontrara.
Harry, por fim, falou, fazendo Hermione ofegar sobr
essaltada.

- A senhora é Batilda?

O vulto agasalhado assentiu e tornou a lhes faze
r sinal para se aproximarem.

Sob a capa, Harry e Hermione se entreolharam. El
e ergueu as sobrancelhas; Hermione fez
um aceno breve e nervoso com a cabeça.

Os dois foram ao encontro da mulher e, na mesma
hora, ela deu meia-volta e saiu
manquejando pelo caminho que viera. Conduzindo-os p

ela fileira de casas, entrou por um
portão. Os garotos a seguiram por um caminho ladead
o por um jardim quase tão crescido
quanto o que tinham acabado de deixar. Ela se atrap
alhou um instante com a chave à porta,
abriu-a e se afastou para deixá-los entrar.

A bruxa cheirava mal, ou talvez fosse a casa: H
arry torceu o nariz ao passarem por ela, e
tirou a capa. Agora ao seu lado, o garoto percebeu
como era miúda; curvada pela idade, mal
alcançava o seu peito. A bruxa fechou a porta, as j
untas dos dedos azuis e manchados contra a
tinta descascada, então se virou e espiou o rosto d
e Harry. Seus olhos tinham cataratas e
pregas fundas de pele transparente, e todo o seu ro
sto era riscado de pequenas veias rompidas
e manchas marrons. Ele ficou em dúvida se a mulher
realmente poderia vê-lo; e, mesmo que
pudesse, o que veria se não o trouxa careca cuja id
entidade ele roubara?

O odor de velhice, de poeira, de roupas sujas e
de comida rançosa piorou quando ela
retirou o xale preto roído de traças, revelando um
a cabeleira branca e rala que deixava visível
o couro cabeludo.

- Batilda? - repetiu Harry.

Ela tornou a assentir. Harry percebeu a presenç
a do medalhão contra sua pele; a coisa ali
dentro, que por vezes batia, acabara de despertar;
ele a sentia pulsar através do ouro frio. Será
que entendia que a coisa que a destruiria estava tã
o perto?

Batilda passou por eles arrastando os pés, empur
rando Hermione para o lado como se não a
tivesse visto e desapareceu, provavelmente em uma s
ala de visitas.

- Harry, não me sinto muito segura - sussurrou H
ermione.

- Olhe o tamanho dela; acho que poderíamos domin
á-la, se fosse preciso - comentou Harry.
- Escute, devia ter lhe dito, eu já sabia que não
está batendo bem da bola. Muriel chamou-a de

gagá.
- Entre! - convidou Batilda da sala vizinha.
Hermione se assustou e agarrou o braço de Harry.

- Tudo bem - disse ele, tranquilizando-a, e entr
ou à sua frente.
Batilda andava vacilante pela sala, acendendo v
elas, mas o lugar continuava muito escuro,
para não falar de sua extrema sujeira. Os pés de Ha
rry esmagavam uma grossa camada de
poeira e seu nariz sentia, sob o odor de mofo e umi
dade, algo pior, talvez carne estragada.
Perguntou-se quando teria sido a última vez que alg
uém viera à casa de Batilda para verificar
se estava tudo bem. Ela parecia ter esquecido seus
dotes de magia, porque se atrapalhava
acendendo as velas, seus punhos de renda em constan
te risco de pegar fogo.
- Deixe-me ajudá-la - ofereceu-se Harry, tirand
o os fósforos de sua mão. Ela o observou
terminar de acender os tocos de vela sobre pires p
or toda a sala, precariamente equilibrados
sobre pilhas de livros e mesinhas laterais cheias d
e copos rachados e bolorentos.
A última superfície em que Harry localizou uma v
ela foi uma cômoda bom bée, em que
havia um grande número de fotografias. Ao acender
a vela, a chama se refletiu nos vidros e
porta-retratos de prata empoeirados. Ele viu as fot
os se mexerem brevemente. Enquanto
Batilda apanhava umas achas de lenha para a lareira
, Harry murmurou "Tergeo". A poeira
desapareceu das fotos e ele viu imediatamente que f
altava uma meia dúzia delas nos porta-
retratos mais trabalhados. Ficou em dúvida se Batil
da ou outra pessoa as teria removido.
Então, a visão de uma foto mais ao fundo da coleção
 atraiu sua atenção, e ele a apanhou.
Era o ladrão de cabelos dourados e rosto risonh
o, o rapaz que se empoleirara no peitoril da
janela de Gregorovitch, sorrindo indolentemente pa
ra Harry, em seu porta-retrato de prata. E

ocorreu-lhe instantaneamente onde o vira antes: em

de braço dado com Dumbledore, e devia ser lá que es
tavam as fotos desaparecidas: no livro
de Rita.

- Sra... srta. Bagshot? - disse ele, e sua voz t
remeu um pouco. - Quem é ele?

Batilda estava parada no meio da sala observando
Hermione acender o fogo para ela.

- Srta. Bagshot? - repetiu Harry, e adiantou-se
com a foto nas mãos, no instante em que as
achas pegavam fogo na lareira. Batilda ergueu os ol
hos ao ouvi-lo, e a Horcrux bateu mais
rápido em seu peito.

"Quem é esse rapaz?", perguntou Harry, estendend
o a foto.

Batilda olhou solenemente para a foto e em segui
da para Harry.

- A senhorita sabe quem é? - insistiu em um tom
mais lento e alto do que o normal. - Esse
rapaz? A senhorita o conhece? Como é o nome dele?

Batilda tinha um ar hesitante. Harry sentiu uma
horrível frustração. Como Rita fizera aflorar
as lembranças da bruxa?

- Quem é esse rapaz? - perguntou, mais uma vez,
em voz alta.

- Harry, que está fazendo? - indagou Hermione.

- A foto, Hermione, é do ladrão, o ladrão que r
oubou Gregorovitch! Por favor! - pediu ele
a Batilda. - Quem é?

Ela, porém, continuou olhando calada.

- Por que a senhora nos pediu para acompanhá-la,
sra... srta... Bagshot? - perguntou
Hermione, também alteando a voz. - A senhora queria
nos dizer alguma coisa?

Sem dar sinal de ter ouvido Hermione, Batilda ag
ora se adiantou para Harry. Com um
pequeno movimento de cabeça, ela espiou para o hall
de entrada.

- Quer que a gente vá embora? - perguntou ele.

Ela repetiu o gesto, desta vez apontando primeir
o para ele, depois para si mesma e, em

seguida, para o teto.
- Ah, certo... Hermione, acho que ela quer que e u suba com ela.
- Está bem, vamos.
Quando, porém, Hermione começou a andar, Batilda sacudiu a cabeça com surpreendente energia, e mais uma vez apontou para Harry, depois para si mesma.
- Quer que eu vá com ela, sozinho.
- Por quê? - perguntou Hermione, e sua voz soou alta e ríspida na sala iluminada a velas; a velha sacudiu levemente a cabeça de leve ao ouvir o barulho.
- Talvez Dumbledore tenha dito para entregar a e spada a mim e somente a mim?
- Você realmente acha que ela sabe quem você é?
- Acho - respondeu Harry, olhando para os olhos esbranquiçados fixos nos dele. - Acho que sabe.
- Bem, então o.k., mas seja rápido, Harry.
- Vá na frente - disse Harry a Batilda.
Ela pareceu entender, porque passou por ele e se encaminhou para a porta. Harry olhou para trás e sorriu querendo tranquilizar Hermione, mas não sabia se a amiga teria visto o seu gesto; ela parou apertando o corpo com os braços em meio à sujeira iluminada a velas, o olhar na estante. Quando Harry foi saindo da sala, sem qu e Hermione ou Batilda vissem, ele guardou, no paletó, o porta-retrato de prata com a foto do ladrão desconhecido.
Os degraus eram altos e estreitos: Harry se sen tiu tentado a colocar as mãos nas nádegas da corpulenta Batilda para garantir que não caísse de costas por cima dele, o que parecia extremamente provável. Devagar, arquejando um pouco , ela subiu ao primeiro andar, virou à direita e levou-o para um quarto de teto baixo.
Estava muito escuro e fedia horrivelmente: Harry acabara de divisar a borda de um penico embaixo da cama quando Batilda fechou a porta e até isso foi engolido pela escuridão.

- Lumos - disse Harry, e sua varinha acendeu. Levou um susto: Batilda se aproximara dele naqueles segundos de escuridão, e ele nem a ouvira.

- Você é Potter? - sussurrou ela.
- Sim, sou.
Ela assentiu lenta e solenemente. Harry sentiu a Horcrux batendo depressa, mais depressa do que o seu próprio coração: foi uma sensação desagradável e enervante.
- A senhora tem alguma coisa para mim? - perguntou Harry, mas a bruxa pareceu se distrair com a ponta acesa de sua varinha.
"A senhora tem alguma coisa para mim?", repetiu ele.
Então, ela fechou os olhos e várias coisas aconteceram ao mesmo tempo: a cicatriz de Harry ardeu dolorosamente; a Horcrux vibrou tanto que o peito do suéter do garoto chegou a mexer; o quarto escuro e fétido se dissolveu momentaneamente. Ele sentiu uma súbita sensação de alegria e falou com uma voz aguda e fria: segure-o!
Harry oscilou sem sair do lugar: o quarto escuro e malcheiroso pareceu tornar a se fechar ao seu redor; ele não sabia o que acabara de acontecer.
- A senhora tem alguma coisa para mim? - perguntou, pela terceira vez, bem mais alto.
- Aqui - sussurrou ela, apontando para um canto. Harry ergueu a varinha e viu os contornos de uma penteadeira muito cheia sob uma janela com cortinas.
Desta vez, Batilda não foi à frente. Harry passou entre ela e a cama desfeita, a varinha erguida. Não queria tirar os olhos dela.
- Que é? - indagou ao chegar à penteadeira em que havia uma pilha de alguma coisa que, pelo cheiro e aspecto, parecia roupa de cama suja.
- Ali - disse ela apontando para a massa informe.
E, no instante em que ele virou a cabeça e varre

u com o olhar o amontoado confuso à
procura de um punho de espada, um rubi, ela fez um
movimento estranho: Harry percebeu-o
pelo canto do olho; o pânico fez com que se voltas
se e o horror o paralisou ao ver o velho
corpo se despojar e uma grande cobra sair do lugar
onde fora o pescoço da bruxa.

A cobra atacou-o quando ele ergueu a varinha: a
força da mordida em seu braço fez a
varinha girar para o alto em direção ao teto, sua l
uz rodopiou sem direção pelo quarto e se
apagou: então, um poderoso golpe de cauda em seu di
afragma deixou-o completamente sem ar:
ele tombou de costas sobre a penteadeira, no meio d
o monte de roupa imunda...

Harry rolou para o lado, evitando, por um triz,
o rabo da cobra, que golpeava a penteadeira
onde ele estivera um segundo antes; cacos da super
fície de vidro choveram sobre ele quando
bateu no chão. Lá de baixo, ele ouviu Hermione cham
ar:

- Harry?

Não conseguiu, porém, repor ar suficiente nos pu
lmões para responder: então uma massa
lisa e pesada esmagou-o contra o chão e ele a sent
iu deslizar por cima dele, forte, musculosa...

- Não! - ofegou, preso ao chão.

- Sim - sussurrou a voz. - Sssim... seguro você.
.. seguro você...

- Accio... Accio varinha...

Nada aconteceu, porém, e ele precisava das mãos
para tentar empurrar para longe a cobra
que se enrolava em torno do seu tronco, tirando-lh
e o ar, comprimindo a Horcrux contra seu
peito, um círculo de gelo que pulsava de vida, a ce
ntímetros do seu próprio coração
disparado, e seu cérebro se inundava de luz branca
e fria, obliterando todo pensamento, sua
respiração sufocada, passos distantes, tudo indo...

Um coração de metal batia fora do seu peito, e
agora ele estava voando, voando sentindo o

triunfo em seu coração, sem precisar de vassoura ne
m de testrálio...

Harry foi bruscamente acordado na escuridão fedo
renta; Nagini o soltara. Ele se levantou
com ajuda dos braços e viu a cobra recortada contra
a luz do corredor: ela atacou, e Hermione
atirou-se para o lado com um grito. Seu feitiço se
desviou e bateu na janela cortinada,
despedaçando-a. O ar gelado encheu o quarto no mome
nto em que Harry mergulhou para
evitar mais uma chuva de cacos de vidro e seu pé es
corregou em um objeto cilíndrico - sua
varinha...

Ele se abaixou e apanhou-a, mas agora o quarto
estava dominado pela cobra, que golpeava
com o rabo; Hermione não estava à vista e, por um
momento, Harry pensou o pior, mas ouviu,
então, um estampido alto e um clarão vermelho, e a
cobra voou pelo ar atingindo com força o
rosto do garoto; ao subir, volta a volta, o animal
foi desenrolando, em direção ao teto. Harry
ergueu a varinha, mas, ao fazê-lo, sua cicatriz que
imou mais dolorosamente, mais intensamente
do que fizera em anos.

- Ele está vindo! Hermione, ele está vindo!

Enquanto Harry berrava, a cobra caiu, sibilando
ferozmente. Instaurouse o caos: a cobra
destruiu as prateleiras na parede e cacos de porce
lana voaram para todo lado no momento em
que Harry saltava por cima da cama e agarrava a fo
rma escura que ele sabia ser Hermione...

Ela gritou de dor ao ser puxada por cima da cama
: a cobra tornou a armar um bote, mas
Harry sabia que algo pior do que o animal estava a
caminho, talvez já estivesse no portão, sua
cabeça ia rachar de dor na cicatriz...

A cobra avançou quando ele deu um salto veloz,
arrastando Hermione junto; quando Nagini
atacou, Hermione gritou: "Confringo!", e o feitiço
voou pelo quarto, explodindo o espelho do
guarda-roupa e ricocheteando contra eles, quicando
do chão ao teto; Harry sentiu o calor do

feitiço queimar o dorso de sua mão. Cacos do espelho cortaram-lhe a face no momento em que, puxando Hermione, saltou da cama para a penteadeira desmantelada e, dali, direto para a janela estilhaçada e o vácuo, o grito dela ecoando pela noite enquanto rodopiavam pelo ar...

Então, sua cicatriz se rompeu e ele era Voldemort e estava correndo pelo quarto fétido, as mãos longas e brancas agarrando o peitoril da janela ao vislumbrar o homem careca e a mulher miúda girarem e desaparecerem, e ele gritou enfurecido, um grito que se fundiu ao da garota e ecoou pelos jardins escuros e se sobrepôs ao repique dos sinos da igreja no dia de Natal.

E seu grito foi o grito de Harry, sua dor, a dor de Harry... que pudesse acontecer ali, onde acontecera antes... ali, à vista da casa onde ele chegara tão perto de saber o que era morrer... morrer... a dor era tão terrível... irrompia do seu corpo... mas, se não tinha corpo, por que sua cabeça doía tanto, se estava morto, como poderia senti-la de forma tão insuportável, a dor não cessava com a morte, não ia...

A noite úmida de ventania, duas crianças vestidas de abóboras atravessavam a praça bamboleando, e as vitrines das lojas cobertas de aranhas de papel, todos os adornos baratos e kitsch dos trouxas simbolizando um mundo em que eles não acreditavam... e ele seguia deslizando, aquele senso de propósito e poder e correção que sempre experimentava nessas ocasiões... não raiva... isso era para almas mais fracas que ele... mas triunfo, sim... esperara por isso, desejara isso...

- Bonita fantasia, moço!

Ele viu o sorriso do menino vacilar quando se aproximou o suficiente para espiar sob o capuz da capa, viu o medo anuviar o rostinho pintado: então a criança deu meia-volta e fugiu correndo... por baixo da veste, ele acariciou o punho da varinha... um simples

movimento e a criança jamais chegaria à mãe... mas desnecessário, muito desnecessário...

E, ao longo de uma rua mais escura, ele caminhou, e agora seu destino estava finalmente à vista, o Feitiço Fidelius desfeito, embora os moradores ainda não soubessem... e ele fez menos ruído do que as folhas mortas que esvoaçavam pela calçada quando se emparelhou com a sebe escura e espiou por cima...

Eles não tinham fechado as cortinas, viu-os claramente na pequena sala de visitas, o homem alto de cabelos negros e óculos, fazendo baforadas de fumaça colorida saírem de sua varinha para divertir o menininho de cabelos negros e pijama azul. A criança ria e tentava pegar a fumaça, segurá-la em sua mãozinha fechada...

Uma porta abriu e a mãe entrou, dizendo palavras que ele não pôde ouvir, seus longos cabelos acaju caindo pelo rosto. O pai ergueu o filho do chão e entregou-o à mãe. Atirou a varinha sobre o sofá e se espreguiçou, bocejando...

O portão rangeu um pouco quando ele o abriu, mas Tiago Potter não ouviu. Sua mão branca tirou a varinha de sob a capa e apontou-a para a porta que se abriu com violência.

Já cruzara a porta quando Tiago chegou correndo ao hall. Foi fácil, fácil demais, ele nem chegara a apanhar a varinha...

- Lílian, pegue Harry e vá! É ele! Vá! Corra! Eu o atraso...

Detê-lo, sem uma varinha na mão!... Ele riu antes de lançar a maldição...

- Avada Kedavra!

O clarão verde inundou o hall apertado, iluminou o carrinho de bebê encostado à parede, fez os balaústres da escada lampejarem como raios e Tiago Potter caiu como uma marionete cujos cordões tivessem sido cortados...

Ele ouviu a mulher gritar no primeiro andar, encurralada, mas, enquanto tivesse bom

senso, ela, pelo menos, nada teria a temer... ele subiu a escada, achando graça nos esforços que ela fazia para se entrincheirar no... ela também não tinha varinha... como eram idiotas e confiantes em julgar que sua segurança eram os amigos, que as armas poderiam ser postas de lado mesmo por instantes...

Ele arrombou a porta, atirou para o lado a cadeira e as caixas apressadamente empilhadas para defendê-la com um displicente aceno da varinha... e ali estava ela, a criança nos braços. Ao vê-lo, Lílian largou o filho no berço às suas costas e abriu bem os braços, como se isso pudesse adiantar, como se ocultando-o esperasse ser escolhida como alvo...

- O Harry não, o Harry não, por favor, o Harry não!

- Afaste-se, sua tola... afaste-se, agora...

- Harry não, por favor, não, me leve, me mate no lugar dele...

- Este é o meu último aviso...

- Harry não! Por favor... tenha piedade... tenha piedade... Harry não! Harry não! Por favor... farei qualquer coisa...

- Afaste-se... afaste-se, garota...

Ele poderia tê-la afastado do berço à força, mas lhe pareceu mais prudente liquidar todos...

O clarão verde lampejou pelo quarto e ela tombou como o marido. Todo esse tempo, a criança não gritara: sabia ficar em pé segurando as grades do berço, e ergueu os olhos para o rosto do intruso com uma espécie de vivo interesse, talvez achando que fosse seu pai escondido sob a capa, e que ele produziria mais luzes bonitas, e sua mãe reapareceria a qualquer momento, rindo...

Ele apontou a varinha certeiramente para o rosto do menino: queria ver acontecer, a destruição desse perigo inexplicável. A criança começou a chorar: notara que ele não era

Tiago. Não gostava de bebê chorando, nunca fora cap
az de suportar as criancinhas
choramingando no orfanato...
- Avada Kedavra!
Então ele sucumbiu: não era mais nada exceto dor
e terror e precisava se esconder, não
aqui nos destroços da casa em ruínas, onde a crianç
a estava presa, aos berros, mas longe...
longe...
- Não - gemeu ele.
A cobra se arrastou pelo chão imundo e atravanca
do, e ele matara o garoto, contudo ele
era o garoto...
- Não...
Agora estava parado à janela estilhaçada da casa
de Batilda, absorto nas lembranças de
sua maior perda, e a seus pés a enorme cobra raste
java pelos cacos de porcelana e vidro...
ele baixou os olhos e viu algo... algo inacreditáve
l...
- Não...
- Harry, está tudo bem, você está bem!
Ele se abaixou e apanhou a foto amassada. Ali es
tava ele, o ladrão desconhecido, o
ladrão que ele estava procurando...
- Não... eu a deixei cair... eu a deixei cair...

- Harry, tudo bem, acorde, acorde!
Ele era Harry... Harry, e não Voldemort... e a c
oisa que fazia o ruído abafado não era uma
cobra.
Abriu os olhos.
- Harry - sussurrou Hermione. - Você está se sen
tindo... bem?
- Estou - mentiu ele.
Estava na barraca, deitado em uma das camas baix
as do beliche, sob uma montanha de
cobertores. Percebia que era quase manhã pela quiet
ude e friagem, a luz pálida além do teto
da barraca. Ele estava encharcado de suor; sentia o
suor nos lençóis e cobertores.
- Escapamos.

- Sim - disse Hermione. - Precisei usar o Feitiço de Levitação para deitar você no beliche, não consegui levantá-lo. Você esteve... bem, você não esteve muito...

Havia olheiras arroxeadas sob seus olhos castanhos e ele viu uma pequena esponja em sua mão: Hermione estivera enxugando o rosto dele.

- Você esteve doente - ela terminou a frase. - Muito doente.

- Quanto tempo faz que partimos?

- Horas. Está quase amanhecendo.

- E eu estive... o quê, inconsciente?

- Não, exatamente - respondeu Hermione constrangida. - Esteve gritando e gemendo e... coisas - acrescentou em um tom que deixou Harry inquieto. Que teria feito? Berrara maldições como Voldemort; chorara como o bebê no berço?

"Não consegui retirar a Horcrux de você", disse Hermione, e ele percebeu que a amiga queria mudar de assunto. "Ficou presa, presa no seu peito. Deixou uma marca; lamento. Tive de usar o Feitiço de Corte para soltá-la. A cobra também o mordeu, mas limpei o ferimento e apliquei um pouco de ditamno..."

Ele arrancou do corpo a camiseta suada que usava e olhou para baixo. Havia uma oval escarlate sobre seu coração, onde o medalhão o queimara. Viu também as marcas de furos quase cicatrizadas em seu braço.

- Onde guardou a Horcrux?

- Na minha bolsa. Acho que não devíamos usá-la por um tempo.

Ele se recostou nos travesseiros e fitou o rosto atormentado e cinzento de Hermione.

- Não devíamos ter ido a Godric's Hollow. Foi minha culpa, minha inteira culpa, sinto muito.

- Não foi sua culpa. Eu quis ir também; realmente pensei que Dumbledore tivesse deixado a espada lá para você.

- É, bem... entendemos mal, não foi?

- Que aconteceu, Harry? Que aconteceu quando ela

o levou pra cima? A cobra estava escondida em algum lugar? E simplesmente saiu e a matou e atacou você?

- Não. Ela era a cobra... ou a cobra era ela... todo o tempo.

- Q-quê?

Ele fechou os olhos. Ainda podia sentir o cheiro da casa de Batilda em seu corpo: isso tornava o episódio pavorosamente vívido.

- Batilda devia estar morta havia algum tempo. A cobra estava... estava dentro dela. Você-Sabe-Quem levou-a para Godric's Hollow para esperar. Você tinha razão. Ele sabia que eu voltaria.

- A cobra estava dentro dela?

Ele reabriu os olhos: Hermione parecia revoltada, nauseada.

- Lupin disse que haveria magia que jamais imagináramos existir - respondeu Harry. - Ela não quis falar na sua frente porque era a linguagem das cobras, pura ofidioglossia, e não percebi, mas é claro que a entendi. Uma vez no quarto, a cobra mandou uma mensagem a Você-Sabe-Quem, ouvi a transmissão em minha cabeça, senti-o excitado, disse para me segurar lá... então...

Lembrou-se da cobra saindo do pescoço de Batilda: Hermione não precisava conhecer os detalhes.

- ... ela se transformou, se transformou em uma cobra e me atacou.

Harry baixou os olhos para as marcas dos furos.

- Não era para me matar, só para me segurar ali até Você-Sabe-Quem chegar.

Se ele ao menos tivesse conseguido matar a cobra, teria valido a pena tudo... Desgostoso, sentou-se e atirou as cobertas para o lado.

- Harry, não, tenho certeza que precisa descansar!

- Você é que precisa dormir. Sem querer ofender, você está com uma cara horrível. Estou ótimo. Vou fazer a vigia por um tempo. Onde está mi

nha varinha?
Ela não respondeu, olhou-o apenas.
- Onde está minha varinha?
Ela mordeu os lábios e as lágrimas encheram seus olhos.
- Harry...
- Onde está minha varinha?
Hermione se abaixou para apanhá-la ao lado da cama e entregou-a.
A varinha de azevinho e fênix estava quase partida ao meio. Um frágil fio de pena de fênix mantinha as metades penduradas. A madeira rachara inteiramente. Harry apanhou o objeto como se fosse um organismo vivo que tivesse sofrido um grave ferimento. Não conseguiu pensar direito: tudo pareceu uma fusão de pânico e medo. Estendeu, então, a varinha para Hermione.
- Conserte-a. Por favor.
- Harry, acho que quando se parte assim...
- Por favor, Hermione, tente!
- R-reparo.
A parte pendurada da varinha tornou a emendar. Harry empunhou-a.
- Lumus!
A varinha soltou uma faisquinha e se apagou. Harry apontou-a para Hermione.
- Expelliarmus!
A varinha de Hermione sacudiu, mas não se soltou de sua mão. A fraca tentativa de magia foi demais para a varinha, que tornou a se partir em dois. Harry contemplou-a, consternado, incapaz de absorver o que estava vendo... a varinha que sobrevivera a tanto...
- Harry - Hermione sussurrou tão baixinho que ele quase não pôde ouvi-la. - Sinto muito mesmo. Acho que fui eu. Quando estávamos indo embora, entende, a cobra avançou para nós, então lancei um Feitiço Detonador e ele ricocheteou para todo lado e deve ter... deve ter atingido...
- Foi um acidente - disse Harry, maquinalmente.

Sentia-se vazio, atordoado. -
Encontraremos... encontraremos um jeito de consertá
-la.
- Harry, acho que não conseguiremos - disse Herm
ione, as lágrimas escorrendo pelo rosto.
- Lembra... lembra o Rony? Quando partiu a varinha
no acidente com o carro? Nunca mais foi
a mesma, ele teve que comprar uma nova.
Harry pensou em Olivaras, sequestrado e refém d
e Voldemort, em Gregorovitch, que estava
morto. Como iria encontrar uma varinha nova?
- Bem - replicou Harry, em um tom falsamente ob
jetivo -, bem, acho que por ora precisarei
pedir a sua emprestada. Enquanto vigio.
O rosto brilhando de lágrimas, Hermione entregou
a varinha e Harry saiu, deixando-a
sentada junto à cama dele, nada mais desejando senã
o ficar longe da amiga.

-- CAPÍTULO DEZOITO --

A vida e as mentiras de Alvo Dumbl
edore

O sol estava nascendo: a imensidão descolorida do
céu se estendia sobre Harry, indiferente a
ele e ao seu sofrimento. Sentou-se à entrada da ba
rraca e inspirou profundamente o ar limpo.
O simples fato de estar vivo para ver o sol subir
a encosta coberta de neve cintilante deveria
ser o maior tesouro da terra, contudo não conseguia
apreciá-lo: seus sentidos tinham sido
bloqueados pela calamidade que era a perda de sua v
arinha. Contemplou o vale coberto de
neve, os sinos de igreja ecoando distantes no esple
ndoroso silêncio.
Sem perceber, Harry estava enterrando os dedos
nos braços como se tentasse resistir à dor
física. Derramara seu sangue mais vezes do que pode
ria contar; perdera todos os ossos do
braço direito uma vez; essa viagem já lhe rendera
cicatrizes no peito e nos braços para se
somar às da mão e da testa, mas nunca, até aquele m
omento, sentira-se tão letalmente
enfraquecido, vulnerável e nu, como se lhe tivessem

arrancado a melhor parte do seu poder
em magia. Sabia exatamente o que Hermione diria se
ele expressasse qualquer desses
pensamentos: a varinha é tão boa quanto o bruxo. El
a, no entanto, estava enganada; em seu
caso, era diferente. Ela não sentira a varinha gir
ar como a agulha de uma bússola e disparar
labaredas douradas contra o inimigo. Harry perdera
a proteção dos núcleos gêmeos, e só
agora, que já não existia, ele entendia o quanto se
fiara nela.

Tirou do bolso os pedaços da varinha partida e,
sem olhar, guardou-os na bolsa de Hagrid,
que levava pendurada ao seu pescoço. Estava, agora
, demasiado cheia de objetos quebrados e
inúteis para receber mais um. Através do couro de b
riba, sua mão roçou pelo velho pomo e,
por um momento, precisou resistir à tentação de apa
nhar o objeto e atirá-lo longe.
Impenetrável, adverso, inútil como todo o resto que
Dumbledore deixara...

A fúria contra o diretor irrompeu nele como lava
, queimando-o por dentro, eliminando
qualquer outro sentimento. Por absoluto desespero,
eles tinham acreditado que Godric's
Hollow guardava as respostas e se convencido de qu
e deviam retornar, que tudo fazia parte de
um caminho secreto traçado por Dumbledore; mas não
havia mapa nem plano. Dumbledore os
deixara às cegas no escuro, para enfrentar terrore
s desconhecidos e não sonhados, sozinhos e
desamparados: nada lhes foi explicado, nada oferec
ido voluntariamente, não tinham espada e
Harry não tinha mais varinha. Deixara cair a foto d
o ladrão, e, sem dúvida, agora seria fácil
Voldemort descobrir quem ele era... agora tinha tod
as as informações.

- Harry?

Hermione parecia receosa de que ele pudesse enf
eitiçá-la com sua própria varinha. O rosto
riscado de lágrimas, ela se agachou do lado dele, d
uas xícaras de chá tremendo em suas mãos

e alguma coisa volumosa sob o braço.
- Obrigado - disse ele, apanhando uma das xícara s.
- Posso falar com você?
- Pode - respondeu ele, porque não queria magoá-la.
- Harry, você queria saber quem era o homem na f oto. Bem... lhe trouxe o livro.
Timidamente, empurrou-o para o colo dele, um exe mplar intacto de A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore.
- Onde... como...
- Estava na sala de visitas de Batilda, à vista ... esse bilhete saindo entre as folhas, na parte de cima do livro.
Hermione leu em voz alta as poucas linhas em tin ta verde-ácido e letra garranchosa.
- Querida Batty, obrigada por sua ajuda. Envio-l he um exemplar do livro, espero que goste. Você me contou tudo, mesmo que não se lembre . Rita. Acho que deve ter chegado quando a verdadeira Batilda ainda estava viva, mas talvez ela não estivesse em condições de lê-lo.
- Não, provavelmente não estava.
Harry contemplou com desprezo o rosto de Dumbled ore e experimentou uma onda de selvagem prazer: agora iria conhecer tudo que o di retor nunca pensara que valeria a pena lhe contar, quer ele quisesse ou não.
- Você continua realmente aborrecido comigo, nã o? - perguntou Hermione; Harry ergueu os olhos e viu novas lágrimas escorrendo dos olhos da garota, e percebeu que a ira devia estar evidente em seu rosto.
- Não - respondeu, baixinho. - Não, Hermione, se i que foi um acidente. Estava tentando nos tirar de lá, vivos, e você foi incrível. Eu es taria morto se você não tivesse estado lá para me ajudar.
Ele tentou retribuir o sorriso lacrimoso de Her mione e voltou sua atenção para o livro. A

lombada estava rígida; era óbvio que nunca fora aberto antes. Harry virou rapidamente as
páginas, procurando as fotografias. Encontrou a que procurava quase instantaneamente, o
jovem Dumbledore e seu belo companheiro, às gargalhadas por causa de uma piada havia
muito esquecida. Harry baixou os olhos para a legenda. Dumbledore pouco depois da morte
da mãe com seu amigo Gerardo Grindelwald.

Harry boquiabriu-se com a última palavra da frase durante longos momentos. Grindelwald.
Seu amigo, Grindelwald. Olhou de esguelha para Hermione, que continuava a fixar o nome
como se não conseguisse acreditar no que via. Lentamente, virou-se para Harry.

- Grindelwald?

Desconsiderando as fotografias restantes, Harry procurou nas páginas próximas uma
recorrência do nome fatídico. Logo descobriu-a e leu vorazmente, mas se perdeu: precisaria
ler os parágrafos anteriores para a informação fazer algum sentido e, finalmente, se viu no
início de um capítulo intitulado "O Bem Maior". Juntos, ele e Hermione começaram a ler...

Próximo ao seu aniversário de dezoito anos, Dumbledore deixou Hogwarts
cercado de glórias - monitor-chefe, monitor, detentor do prêmio Barnabus Finkley
por excepcional proficiência em feitiços, representante da juventude britânica na
Suprema Corte dos Bruxos, medalha de ouro por contribuição pioneira à
Conferência Internacional de Alquimia no Cairo. Dumbledore pretendia, então,
fazer uma grande viagem com Elifas "Bafo de Cão" Doge, o dedicado mas pouco
inteligente colega com quem se associara na escola.

Os dois jovens estavam hospedados no Caldeirão Furado, em Londres,
preparando-se para partir para a Grécia na manhã seguinte, quando chegou uma

coruja trazendo a notícia do falecimento da mãe de Dumbledore. "Bafo de Cão" Doge, que se recusou a dar depoimento para este livro, publicou sua versão sentimental do que aconteceu a seguir. Descreveu a morte de Kendra como um golpe trágico, e a decisão tomada por Dumbledore de cancelar sua viagem como um ato de nobre abnegação.

Sem dúvida, Dumbledore retornou imediatamente a Godric's Hollow, presume-se que para "cuidar" do irmão e da irmã mais jovens. Entretanto, qual foi o cuidado que realmente dispensou aos dois?

"Ele não batia bem, aquele Aberforth", diz Enid Smeek, cuja família vivia nos arredores de Godric's Hollow, à época. "Vivia solto. Claro que, sem mãe nem pai, eu teria me condoído dele, mas o garoto não parava de atirar excremento de bode na minha cabeça. Não creio que Alvo se preocupasse com ele, enfim, nunca os vi juntos."

Então, que fazia Alvo, se não estava consolando seu selvagem irmão mais moço? A resposta, pelo visto, é: continuava a manter a irmã presa. Embora seu primeiro carcereiro tivesse morrido, não houve alteração na lamentável situação de Ariana Dumbledore. Sua existência continuava a ser conhecida apenas por estranhos confiáveis como "Bafo de Cão" Doge, capazes de acreditar na história da "saúde precária".

Outro amigo da família facilmente persuasível foi Batilda Bagshot, a famosa historiadora da magia que há muitos anos vive em Godric's Hollow. Kendra, naturalmente, repelira suas primeiras tentativas de dar as boas-vindas à família. Entretanto, anos mais tarde, a autora enviou uma coruja a Alvo em Hogwarts,

favoravelmente impressionada por seu ensaio sobre a transformação de
transespécies na Transfiguração Hoje. Este contato inicial levou-a a conhecer toda
a família Dumbledore. Quando Kendra faleceu, Batilda era a única pessoa em
Godric's Hollow que falava com a mãe de Dumbledore.

Infelizmente, o brilho intelectual demonstrado por Batilda em épocas anteriores
hoje está morrendo. "O fogão está aceso, mas o caldeirão está vazio", me disse
Ivor Dillonsby, ou na frase um pouco mais literal de Enid Smeek: "Ela está
completamente caduca." Ainda assim, a combinação de técnicas de reportagem
comprovadamente eficazes me permitiu obter suficientes pérolas para montar um
colar de escândalos.

Tal como a maioria do mundo bruxo, Batilda atribui a morte prematura de
Kendra a um "feitiço que ricocheteou", uma história repetida por Alvo e Aberforth
anos mais tarde. Batilda também repete a história familiar sobre Ariana, dizendo-a
"frágil" e "delicada". Sobre um assunto, porém, Batilda compensou os meus
esforços para obter um pouco de soro da verdade, porque ela, e somente ela,
conhece integralmente a história do segredo mais bem guardado da vida de Alvo
Dumbledore. Revelado pela primeira vez, ele põe em dúvida tudo que os
admiradores acreditaram a respeito de Dumbledore: seu suposto ódio às Artes
das Trevas, sua oposição à opressão dos trouxas e até sua devoção à própria
família.

No mesmo verão em que Dumbledore voltou para casa em Godric's Hollow, já
então órfão e chefe de família, Batilda Bagshot concordou em aceitar em sua casa

o sobrinho-neto Gerardo Grindelwald.

O nome de Grindelwald é merecidamente famoso: em uma lista dos Bruxos das Trevas Mais Famosos de Todos os Tempos, ele só perde o primeiro lugar porque, uma geração mais tarde, surgiu Você-Sabe-Quem para roubar-lhe a coroa. Na medida em que Grindelwald jamais estendeu sua campanha de terror à Grã-Bretanha, os detalhes de sua ascensão ao poder não são muito divulgados em nosso país.

Educado em Durmstrang, uma escola famosa por sua lamentável tolerância com as Artes das Trevas, Grindelwald mostrou-se precocemente tão genial quanto Dumbledore. Em vez de canalizar suas habilidades para a conquista de prêmios e medalhas, no entanto, Gerardo Grindelwald dedicou-se a outras atividades. Aos dezesseis anos, mesmo Durmstrang concluiu que não poderia continuar a fazer vista grossa às suas experiências viciosas, e expulsou-o.

Dali em diante, o que se soube dos movimentos seguintes de Grindelwald é que passou alguns meses no exterior. Sabemos agora que ele decidiu visitar a tia-avó em Godric's Hollow, e que ali, embora possa parecer extremamente chocante a muita gente, Grindelwald fez uma grande amizade com Alvo Dumbledore.

"Ele me pareceu um rapaz encantador", tartamudeou Batilda, "a despeito do que tenha se tornado mais tarde. Naturalmente apresentei-o ao pobre Alvo, que sentia falta da companhia de rapazes de sua idade. Os dois imediatamente tornaram-se amigos."

Sem a menor dúvida. Batilda me mostra uma carta que guardou, enviada por Alvo Dumbledore a Gerardo Grindelwald altas horas d

a noite.

"Sim, mesmo depois de passarem o dia todo discutindo - os dois rapazes muito brilhantes davam-se tão bem quanto um caldeirão em fogo -, às vezes eu ouvia uma coruja bater na janela do quarto de Gerardo para entregar uma carta de Alvo! Ocorrera-lhe uma ideia e precisava contá-la a Gerardo sem demora!"

E que ideias! Por mais chocantes que possam parecer aos fãs de Alvo Dumbledore, vejam os pensamentos do seu herói aos dezessete anos, tal como foram relatados ao seu novo e melhor amigo (veja o fac-símile da carta original na página 463):

Gerardo,

O seu argumento de que a dominação dos bruxos visa ao PRÓPRIO BEM DOS TROUXAS é, a meu ver, crítico. Sim, fomos dotados de poder e, sim, esse poder nos dá o direito de governar, mas isto também nos dá responsabilidades sobre os governados. Devemos enfatizar este ponto, pois será a pedra angular da nossa construção. Onde discordarmos, como certamente ocorrerá, ela deverá ser a base dos nossos contra-argumentos. Assumimos o poder PELO BEM MAIOR. E segue-se daí que, onde encontrarmos resistência, devemos usar apenas a força necessária. (Este foi o seu erro em Durmstrang! Não me queixo, porém, porque se você não fosse expulso, jamais teríamos nos conhecido.)

Alvo

Apesar do espanto e consternação que venha a causar aos seus numerosos admiradores, essa carta é uma prova de que, no passado, Alvo Dumbledore sonhou derrubar o Estatuto de Sigilo e estabelecer o domínio bruxo sobre os

trouxas. Que choque para aqueles que sempre viram em Dumbledore o maior
campeão dos nascidos trouxas! Como parecem vazios aqueles discursos sobre a
promoção dos direitos dos trouxas à luz dessa nova evidência que o condena!
Como Alvo Dumbledore parece desprezível conspirando para assumir o poder
quando deveria estar pranteando a mãe e cuidando da irmã!

Sem dúvida, os que estão decididos a manter Dumbledore em seu pedestal
desmoronadiço gaguejarão que ele não chegou a executar esses planos, que deve
ter mudado de opinião, que caiu em si. Contudo, a verdade parece ainda mais
chocante.

Quase dois meses depois de iniciarem sua nova grande amizade, Dumbledore e
Grindelwald se separaram e nunca mais se veriam até o seu lendário duelo (veja
detalhes no capítulo 22). Que terá causado esse abrupto rompimento?
Dumbledore recobrara o juízo? Dissera a Grindelwald que não participaria dos
seus planos? Infelizmente, não.

"Acho que foi a morte da pobrezinha da Ariana que provocou a separação", diz
Batilda. "Foi um terrível choque. Gerardo estava na casa de Dumbledore quando
aconteceu, e voltou à minha casa muito perturbado e me disse que queria
regressar à sua terra no dia seguinte. Extremamente angustiado, entende.
Providenciei, então, uma Chave de Portal e foi a última vez que o vi.

"Alvo ficou transtornado com a morte de Ariana. Foi terrível para os dois irmãos.
Tinham perdido toda a família, exceto um ao outro. Não admira que tenham se
descontrolado. Aberforth culpou Alvo, entende, como costumam fazer as pessoas

em circunstâncias aflitivas. Mas Aberforth sempre f
oi um pouco desconexo,
coitado. Ainda assim, fraturar o nariz de Alvo no e
nterro não foi uma atitude
decente. Ver os filhos brigando daquele jeito diant
e do corpo da filha teria
destruído Kendra. Uma pena que Gerardo não pudesse
ficar para o funeral... pelo
menos teria sido um consolo para Alvo..."

Essa espantosa briga ao lado do caixão, de que s
ó têm conhecimento os que
compareceram ao enterro de Ariana Dumbledore, levan
ta várias questões.
Exatamente por que Aberforth culpou Dumbledore pela
 morte da irmã? Teria sido,
como supõe Batilda, apenas um extravasamento de pes
ar? Ou haveria razões
mais concretas para sua fúria? Grindelwald, expulso
 de Durmstrang por ataques
quase fatais a colegas estudantes, fugiu do país ho
ras depois da morte da moça,
e Alvo (por vergonha ou medo?) nunca mais o viu, at
é ser forçado pelo clamor do
mundo bruxo.

Nem Dumbledore nem Grindelwald jamais se referir
am a essa breve amizade de
adolescente mais tarde na vida. Contudo, não se pod
e duvidar de que Dumbledore
adiou, durante uns cinco anos de tumultos, fatali
dades e desaparecimentos, o seu
ataque a Gerardo Grindelwald. Teria sido um resqu
ício de afeição pelo homem ou
o temor da revelação dessa grande amizade do pass
ado que levou Dumbledore a
hesitar? E teria sido com relutância que Dumbledo
re se dispôs a capturar o
homem que no passado sentira tanto prazer em conh
ecer?

E como morreu a misteriosa Ariana? Teria sido
a vítima involuntária de algum
rito das Trevas? Teria casualmente surpreendido o
 que não deveria, enquanto os

dois rapazes treinavam para a sua futura tentativ
a de glória e dominação? É
possível que Ariana Dumbledore tenha sido a prime
ira pessoa a morrer "pelo bem
maior"?
O capítulo terminava ali, e Harry ergueu os olh
os. Hermione chegara antes dele à última
linha. Tirou o livro de suas mãos, parecendo um pou
co assustada com a expressão no rosto do
amigo, e fechou-o sem olhar, como se escondesse uma
coisa indecente.
- Harry...
Ele, porém, balançou a cabeça. Alguma certeza re
côndita ruíra em seu íntimo; a mesma
sensação que experimentara após a partida de Rony.
Confiara em Dumbledore, acreditara que
era a personificação da bondade e da sabedoria. Tud
o eram cinzas: quanto mais poderia
perder? Rony, Dumbledore, a varinha de fênix...
- Harry. - Hermione parecia ter ouvido seus pens
amentos. - Me escute. Não... não é uma
leitura muito agradável...
- ... é, pode-se dizer que não...
- ... mas, não esqueça, Harry, é uma história da
Rita Skeeter.
- Você leu aquela carta para o Grindelwald, não?

- Li... li. - Ela hesitou, parecendo perturbada
, aninhando a caneca de chá nas mãos frias. -
Acho que foi o pior. Sei que Batilda achou que foss
e apenas conversa fiada, mas "Pelo Bem
Maior" tornou-se o lema de Grindelwald, sua justifi
cativa para todas as atrocidades que
cometeu mais tarde. E... pela carta... parece que f
oi Dumbledore que lhe deu a ideia. Dizem
que "Pelo Bem Maior" foi gravado na entrada de Nurm
engard.
- Que é Nurmengard?
- A prisão que Grindelwald mandou construir para
seus oponentes. Foi onde ele próprio
terminou, quando Dumbledore o capturou. Enfim, é...
horrível pensar que as ideias de

Dumbledore possam ter ajudado a ascensão de Grindel
wald ao poder. Por outro lado, nem
mesmo a Rita pode fingir que eles tenham convivido
mais do que uns poucos meses no verão,
quando eram realmente muito jovens e...

- Achei que você diria isso - interrompeu-a Harr
y. Não queria extravasar sua raiva na
amiga, mas foi difícil manter a voz firme. - Achei
que você diria que "eles eram muito
jovens". Tinham a mesma idade que nós, agora. E est
amos aqui arriscando nossas vidas para
combater as Artes das Trevas, e ele estava lá, de
segredinhos com o seu novo melhor amigo,
conspirando para assumir o poder e dominar os troux
as.

Harry não conseguiria refrear por mais tempo a
sua fúria; levantou-se e andou um pouco,
tentando descarregá-la.

- Não estou defendendo o que Dumbledore escreveu
- disse Hermione. - Toda aquela
besteira sobre o "direito de governar" se repete e
m "Magia é Poder". Mas, Harry, ele tinha
acabado de perder a mãe, estava confinado em casa s
ozinho...

- Sozinho? Ele não estava sozinho! Tinha a compa
nhia do irmão e da irmã, da bruxa
abortada que ele estava mantendo presa...

- Não acredito - replicou Hermione. Ela se pôs
de pé também. - Seja qual for o problema
daquela garota, não acho que fosse uma bruxa aborta
da. O Dumbledore que conhecemos
jamais, jamais, teria permitido...

- O Dumbledore que pensamos conhecer não queria
conquistar os trouxas à força! - berrou
Harry, sua voz ecoando pelo ermo topo do morro, faz
endo vários melros negros levantarem
voo, gritando em círculos pelo céu perolado.

- Ele mudou, Harry, ele mudou! É muito simples!
Talvez acreditasse naquelas coisas
quando tinha dezessete anos, mas dedicou todo o res
to da vida a combater as Artes das
Trevas! Foi Dumbledore quem deteve Grindelwald, foi

ele que sempre votou pela proteção
dos trouxas e pelos direitos dos nascidos trouxas,
foi ele que combateu Você-Sabe-Quem
desde o princípio e que morreu tentando derrubá-lo!

O livro de Rita Skeeter jazia no chão entre os d
ois, de modo que o rosto de Alvo
Dumbledore sorria melancolicamente para ambos.

- Harry, me desculpe, mas acho que a verdadeira
razão por que está tão furioso é que
Dumbledore nunca lhe contou nada disso.

- Vai ver é! - berrou Harry, e atirou os braços
para o alto, sem saber se estava tentando
reprimir a raiva ou se proteger do peso da própria
desilusão. - Veja o que ele me pediu,
Hermione! Arrisque sua vida, Harry! Outra vez! Mais
uma! E não espere que eu lhe explique
tudo, confie cegamente em mim, confie que sei o qu
e estou fazendo, confie em mim ainda que
eu não confie em você! Nunca a verdade por inteiro!
Nunca!

Sua voz quebrou com o esforço e os dois ficaram
parados se fitando na claridade e na
solidão, e Harry sentiu que eram insignificantes co
mo insetos sob aquele vasto céu.

- Ele o amava - sussurrou Hermione. - Eu sei que
amava.

Harry deixou cair os braços.

- Não sei quem ele amava, Hermione, mas nunca a
mim. Isto não é amor, a confusão em que
me deixou. Ele dividiu muito mais o que realmente p
ensava com Gerardo Grindelwald, pô, do
que jamais dividiu comigo.

Harry apanhou a varinha de Hermione, que deixara
cair na neve, e tornou a se sentar na
entrada da barraca.

- Obrigado pelo chá. Terminarei a vigia. Volte p
ara o calor aí dentro.

Ela hesitou, mas reconheceu que fora dispensada
. Apanhou o livro e voltou para a barraca,
mas, ao fazê-lo, passou levemente a mão pela cabeça
dele. Àquele toque, Harry fechou os

olhos e odiou-se por desejar que o que a amiga tinh
a dito fosse verdade: que Dumbledore
realmente gostava dele.

-- CAPÍTULO DEZENOVE --

A corça prateada

Estava nevando quando Hermione assumiu a vigia à me
ia-noite. Os sonhos de Harry foram
confusos e perturbadores: Nagini entrava e saía, pr
imeiro, de um gigantesco anel rachado,
depois, de uma coroa de heléboros. Ele acordou vári
as vezes, em pânico, convencido de que
alguém o chamara ao longe, imaginando que o vento a
 açoitar a barraca fossem passos ou
vozes.

Por fim, levantou-se no escuro e foi se juntar a
 Hermione, que estava encolhida na entrada
da barraca lendo História da magia à luz da varinha
. A neve continuava a cair profusamente,
e ela recebeu com alívio a sugestão de guardarem tu
do cedo e continuar viagem.

- Vamos para algum lugar mais abrigado - concord
ou ela, trêmula, vestindo um suéter de
atletismo por cima do pijama. - Passei o tempo tod
o achando que ouvia gente andar aqui fora.
E tive até a impressão de ter visto alguém uma ou d
uas vezes.

Harry parou no ato de vestir um suéter e deu uma
 olhada no silencioso e imóvel
bisbilhoscópio sobre a mesa.

- Tenho certeza de que foi imaginação - disse H
ermione, parecendo nervosa. - No escuro,
a neve prega peças aos nossos olhos... mas talvez s
eja bom desaparatarmos com a Capa da
Invisibilidade, só por precaução.

Meia hora depois, a barraca já guardada, Harry u
sando a Horcrux e Hermione segurando a
bolsinha de contas, desaparataram. Foram engolidos
pela habitual compressão; os pés do
garoto deixaram o chão fofo de neve e bateram com f
orça em terra congelada e coberta de
folhas, ou essa foi sua impressão.

- Onde estamos? - perguntou ele, correndo os olh

os por um arvoredo diferente enquanto
Hermione abria a bolsinha e começava a puxar lá de
dentro os paus da barraca.
- Na Floresta do Deão. Acampei aqui uma vez com
os meus pais.
Ali, também, a neve cobria as árvores em torno
e fazia um frio cortante, mas, pelo menos,
estavam abrigados do vento. Eles passaram a maior p
arte do dia na barraca, buscando calor
junto às fortes chamas azuis que Hermione era perit
a em produzir, e que podiam ser recolhidas
e transportadas em um jarro. Harry tinha a sensaçã
o - que era reforçada pela solicitude de
Hermione - de estar convalescendo de uma doença bre
ve, mas aguda. Naquela tarde, a neve
tornou a cair, e, em consequência, até a clareira a
brigada recebeu nova camada da neve fina
como pó.
Após duas noites de pouco sono, os sentidos de H
arry pareciam mais aguçados do que o
normal. Sua fuga de Godric's Hollow, por um fio, f
izera Voldemort parecer mais próximo que
antes, mais ameaçador. Quando a noite desceu, Harry
recusou a oferta de Hermione de fazer a
vigia e lhe disse para ir se deitar.
O garoto levou uma almofada velha para a entrada
da barraca e se sentou, usando todos os
suéteres que possuía e, ainda assim, sentiu frio. C
om a passagem das horas, a escuridão foi
adensando até se tornar virtualmente impenetrável.
Ele já ia tirar o mapa do maroto para
espiar o pontinho que representasse Gina quando lem
brou que eram as férias de Natal e que
ela teria regressado À Toca.
O mínimo movimento parecia se amplificar na vast
idão da mata. Harry sabia que o lugar
devia estar pululando de seres vivos, mas desejou q
ue todos se mantivessem imóveis e
silenciosos para ele poder diferenciar suas corrida
s e passos furtivos dos ruídos que
pudessem anunciar outros movimentos sinistros. Lemb
rou-se do som de uma capa deslizando

sobre folhas mortas havia muitos anos, e imediatame
nte pensou tê-lo ouvido antes de se
sacudir mentalmente. Os feitiços de proteção tinham
 funcionado durante semanas; por que
iriam se romper agora? Contudo, ele não conseguiu s
e livrar da sensação de que havia alguma
coisa diferente essa noite.

Várias vezes ele se levantou bruscamente, o pes
coço doendo porque adormecera e relaxara
o corpo em um ângulo torto contra a parede da barra
ca. A noite atingiu tal densidade de
aveludado negror que ele poderia estar flutuando no
 limbo entre a desaparatação e a
aparatação. Tinha acabado de erguer a mão diante do
 rosto para verificar se conseguiria ver
os dedos quando aconteceu.

Uma luz prateada apareceu logo à frente, movendo
-se entre as árvores. Qualquer que fosse
sua origem, ela se deslocava silenciosamente. A luz
 parecia simplesmente estar vindo em sua
direção.

Ele se pôs de pé com um salto, a voz congelada n
a garganta, e ergueu a varinha de
Hermione. Apertou os olhos quando a luz ameaçou ce
gá-lo, as árvores à sua frente silhuetas
negras, e ela sempre a se aproximar...

Então a fonte da luz saiu de trás de um carvalho
. Era uma corça branco-prateada, um luar
que brilhava e ofuscava, pisando com cautela, em s
ilêncio, sem deixar rastros na fina poeira
de neve. Ela veio ao seu encontro, a bela cabeça a
ltiva, com olhos rasgados e longas pestanas,
no alto.

Harry fitou o animal, assombrado, não por sua es
tranheza, mas por sua inexplicável
familiaridade. Sentiu que estivera à sua espera, ma
s que esquecera, até aquele momento, que
tinham combinado se encontrar. Seu impulso de grita
r por Hermione, tão forte instantes antes,
desaparecera. Ele sabia, teria apostado a vida, que
 ela viera buscá-lo, e a mais ninguém.

Eles se contemplaram por longos momentos e, entã

o, a corça lhe deu as costas e se afastou.

- Não! - exclamou ele, e sua voz quebrou por fal ta de uso. - Volte aqui!

A corça continuou a avançar deliberadamente entr e as árvores, e seu fulgor não tardou a se listrar com as sombras dos troncos grossos e escur os. Por um instante, ele hesitou, trêmulo. A cautela lhe sussurrou: poderia ser um truque, um e ngodo, uma armadilha. O instinto, porém, o instinto soberano lhe disse que aquilo não era magi a das Trevas. Ele partiu em seu encalço.

A neve rangia sob seus pés, mas a corça não fazi a ruído ao passar entre as árvores, porque era apenas luz. Sempre mais fundo pela mata, ela o conduzia, e Harry andava depressa, certo de que, quando parasse, ela o deixaria se aproxima r. E Harry lhe falaria, e a voz diria a ele o que precisava saber.

Finalmente, ela parou. Tornou a virar a bela cab eça para ele, e Harry correu ao seu encontro, uma pergunta ardendo em seu íntimo, mas, ao abrir a boca para fazê-la, a corça desapareceu.

Embora a escuridão a tivesse engolido inteira, sua imagem reluzente continuava gravada na retina do garoto; obscurecia sua visão, mais inten samente quando ele baixava as pálpebras, desorientando-o. Sobreveio, então, o medo: a presen ça da corça significara segurança.

- Lumos! - sussurrou ele, e a ponta da varinha s e acendeu.

A imagem da corça foi desaparecendo a cada vez q ue piscava ali parado, escutando os sons da floresta, os distantes estalidos de gravetos, o farfalhar suave da neve. Estaria em vias de ser atacado? A corça o teria atraído a uma armadilh a? Ele estaria imaginando que havia alguém parado, à espreita, além do alcance da varin ha?

Ergueu-a mais alto. Ninguém avançou para ele, nã o houve clarão de luz verde detrás de árvore alguma. Por que, então, ela o conduzira àque

le lugar?
Alguma coisa lampejou à luz da varinha, e Harry se virou para examiná-la, mas viu apenas um pequeno poço congelado, a superfície negra rachada, cintilando à claridade da varinha no alto.
Ele se aproximou com certa cautela e espiou. O gelo refletiu sua sombra distorcida e o feixe de luz da varinha, mas, no fundo, sobre a carapaça cinzenta e difusa, outra coisa brilhou. Uma grande cruz prateada...
Seu coração saltou à boca; ele caiu de joelhos à beira do poço e virou a varinha em ângulo para inundar o fundo com o máximo de luz. Um brilho vermelho-escuro... uma espada com rubis brilhantes no punho... a espada de Gryffindor estava no fundo do poço.
Mal respirando, olhou-a espantado. Como era possível? Como viera parar em um poço na mata, tão perto do lugar em que estavam acampados? Teria uma magia desconhecida atraído Hermione a esse lugar, ou a corça, que ele tomara por um Patrono, seria uma espécie de guardiã do poço? Ou teria a espada sido colocada ali depois de sua chegada, precisamente porque estavam ali? Nesse caso, onde estaria a pessoa que tinha querido passá-la a Harry? Mais uma vez, ele dirigiu a varinha para as árvores e arbustos circundantes, procurando uma silhueta humana, o brilho de um olho, mas não viu ninguém. Sentiu, contudo, um pouco mais de medo fermentar sua euforia ao voltar a atenção para a espada que repousava no fundo do poço congelado.
Apontou a varinha para a forma prateada e murmurou:
- Accio espada!
A arma não se mexeu. Não esperara que o fizesse. Se fosse tão fácil, a espada estaria caída no chão, aguardando que ele a recolhesse, e não no fundo de um poço congelado. Ele contornou o círculo de gelo, fazendo esforço para

lembrar a última vez que a espada viera às
suas mãos. Ele corria, então, extremo perigo e pedi
ra ajuda.
- Socorro - murmurou, mas a espada continuou no
fundo do poço, indiferente, imóvel.
Que era mesmo, Harry perguntou a si mesmo (volta
ndo a andar), que Dumbledore lhe
dissera da última vez que ele tivera a espada? Some
nte um verdadeiro membro da Grifinória
poderia ter tirado isto do chapéu. E quais eram as
qualidades que definiam um grifinório?
Uma vozinha na cabeça de Harry respondeu: a audácia
, a coragem e o cavalheirismo
distinguem os grifinórios.
Harry parou de andar e deixou escapar um longo s
uspiro, seu hálito esfumaçado
dispersando-se rapidamente no ar gélido. Sabia o qu
e tinha de fazer. Para ser sincero,
imaginara que chegaria a esse ponto no momento em q
ue localizara a espada no gelo.
Ele correu o olhar pelas árvores ao redor, mas e
stava convencido, agora, de que ninguém ia
atacá-lo. Tinham tido oportunidade quando ele cami
nhara sozinho pela mata, tinham tido muito
tempo enquanto examinava o poço. A essa altura, a ú
nica razão para sua demora era a
perspectiva imediata ser profundamente desconvidati
va.
Com os dedos pouco ágeis, Harry começou a tirar
suas várias camadas de roupa. Onde
entrava o "cavalheirismo" nisso, lamentou-se, não e
stava muito seguro, a não ser que
cavalheirismo fosse não chamar Hermione para fazer
isso por ele.
Uma coruja piou em algum lugar enquanto se despi
a, e ele pensou em Edwiges com um
aperto no coração. Tremia de frio agora, seus dente
s batiam sem parar, mas ele continuou a se
despir até ficar apenas de cueca e pés descalços na
neve. Colocou a bolsa contendo as
metades de sua varinha, a carta de sua mãe, o caco
do espelho de Sirius e o velho pomo por

cima das roupas, então apontou a varinha de Hermione e para o gelo.

- Diffindo!

O feitiço estalou no silêncio como o estampido de uma arma: a superfície do poço rachou e pedaços de gelo escuro flutuaram na água agitada. Pelo que Harry pôde calcular, não era fundo, mas, para recuperar a espada, teria que submergir de corpo inteiro.

Refletir sobre a tarefa à frente não a tornaria mais fácil, nem a água mais quente. Ele se acercou do poço e depositou a varinha de Hermione no chão, ainda acesa. Depois, tentando não imaginar a temperatura extrema a que chegaria nem a violência com que logo estaria se sacudindo, pulou.

Cada poro do seu corpo gritou em protesto: o próprio ar em seus pulmões pareceu congelar quando submergiu, até a altura dos ombros, na água gelada. Mal conseguia respirar; tremendo com tanta força que chegava a provocar marolas na borda do poço; ele procurou sentir a espada com os pés dormentes. Só queria mergulhar uma vez.

Harry adiou o momento da total imersão de segundo a segundo, ofegando e se sacudindo, até se convencer de que aquilo precisava ser feito. Então, reuniu toda a sua coragem e mergulhou.

O frio extremo foi angustiante: queimou-o como fogo. Seu próprio cérebro pareceu congelar quando ele cortou a água escura até o fundo e esticou as mãos ao encontro da espada. Seus dedos se fecharam em torno do punho: ele a puxou para cima.

Então alguma coisa se fechou em torno do seu pescoço. Pensou que fossem plantas aquáticas, embora nada tivesse roçado nele quando mergulhara, e ele ergueu a mão livre para se desvencilhar. Não era planta: a corrente da Horcrux apertava e lentamente comprimia sua traqueia.

Harry bateu os pés com força, tentando voltar à superfície, mas conseguiu apenas se impelir contra o lado rochoso do poço. Debatendo-se, sufocando, ele esgravatou o pescoço, seus dedos congelados incapazes de soltar a corrente, e agora surgiam pontinhos luminosos em seu cérebro, e ele ia se afogar, não havia mais nada, nada que pudesse fazer, e os braços que se fecharam em torno do seu peito certamente eram os da Morte...

Engasgando e engulhando, encharcado e mais gelado do que já estivera na vida, ele recobrou os sentidos, de cara na neve. Perto, outra pessoa ofegava e tossia e cambaleava. Hermione viera em seu socorro, como viera quando a cobra atacara... contudo, não parecia ser ela, não com aquelas tossidas compridas, não a julgar pelo peso dos passos...

Harry não teve forças para levantar a cabeça e conhecer a identidade do seu salvador. Só conseguiu levar a mão trêmula à garganta e sentir o lugar em que o medalhão cortara fundo sua carne. Não estava ali: alguém o retirara. Então, uma voz ofegante falou do alto:

- Você... é... maluco?

Nada além do choque de ouvir aquela voz poderia ter dado a Harry energia para se levantar. Tremendo violentamente, ele se pôs de pé, vacilante. Diante dele, viu Rony, completamente vestido, mas encharcado até os ossos, os cabelos colados no rosto, a espada de Gryffindor em uma das mãos e a Horcrux pendurada na corrente partida na outra.

- Por que não tirou essa coisa antes de mergulhar, pô? - ofegou Rony, segurando a Horcrux, que balançava para frente e para trás na corrente curta em uma paródia de hipnose.

Harry não conseguiu responder. A corça prateada não era nada, nada comparada ao reaparecimento de Rony, nem conseguia acreditar. Tremendo de frio, apanhou o monte de roupas ainda na beira do poço e começou a se vestir

. Enfiando suéter após suéter pela cabeça,
Harry fitava Rony, como se esperasse vê-lo desapare
cer cada vez que o perdia de vista.
Entretanto, ele tinha que ser real: acabara de mer
gulhar no poço, salvara a vida de Harry.

- Foi v-você? - perguntou ele por fim, os dente
s castanholando, a voz mais fraca do que o
normal por causa do quase estrangulamento.

- Bem, foi - respondeu Rony, parecendo ligeirame
nte atordoado.

- V-você conjurou aquela corça?

- Quê? Não, claro que não! Pensei que você é que
 estivesse conjurando!

- Meu Patrono é um veado.

- Ah, é. Achei que estava diferente. Sem galhada
.

Harry pendurou a bolsa de Hagrid no pescoço, ves
tiu o último suéter, abaixou-se para
recolher a varinha de Hermione e encarou Rony.

- Como veio parar aqui?

Aparentemente, Rony tivera esperança de que ess
a questão fosse levantada mais tarde, ou
nunca.

- Bem, eu... você entende... voltei. Se... - Ele
 pigarreou. - Entende. Vocês ainda me
quiserem.

Houve um silêncio em que o assunto da partida de
 Rony pareceu se levantar como uma
muralha entre os dois. Contudo, ele estava ali. Vol
tara. Acabara de salvar a vida de Harry.

Rony baixou os olhos para as mãos. Pareceu momen
taneamente surpreso ao ver os objetos
que carregava.

- Ah, sim; tirei-a do poço - disse desnecessaria
mente, estendendo a espada para Harry
examiná-la. - Foi por isso que você pulou aí dentro
, certo?

- Foi - respondeu Harry. - Mas não estou entende
ndo. Como foi que você chegou aqui?
Como nos encontrou?

- É uma longa história. Passei horas procurando
vocês, a mata é bem grande, não é? E

estava pensando que teria de me entocar embaixo de uma árvore e esperar amanhecer, quando vi aquela corça vindo e você atrás.

- Você não viu mais ninguém?

- Não. Eu...

Ele hesitou olhando para duas árvores que cresciam juntas a alguns metros de onde estavam.

- Achei que tinha visto alguma coisa se mexendo lá adiante, mas na hora estava correndo para o poço, porque você tinha mergulhado e não tinha voltado à tona, então eu não ia me desviar para... ei!

Harry já estava correndo para o lugar que Rony indicara. Os dois carvalhos cresciam muito juntos; havia apenas um vão de uns poucos centímetros, à altura dos olhos, entre seus troncos, um lugar ideal para ver sem ser visto. O solo em torno das raízes, porém, não tinha neve, e Harry não viu marcas de pés. Ele voltou para onde Rony ficara esperando ainda segurando a espada e a Horcrux.

- Viu alguma coisa lá? - perguntou Rony.

- Não.

- Então, como foi que a espada apareceu no poço?

- A pessoa que conjurou o Patrono deve tê-la colocado lá.

Os dois olharam para a bainha lavrada da espada, o punho cravejado de rubis refulgia fracamente à luz da varinha de Hermione.

- Você acha que esta é a verdadeira? - perguntou Rony.

- Só há um jeito de descobrir, não é?

A Horcrux ainda balançava na mão de Rony. O medalhão vibrava ligeiramente. Harry sabia que a coisa ali dentro se agitava outra vez. Sentira a presença da espada e tentara matar Harry para não deixar que ele a possuísse. Agora não era o momento para longas discussões; agora era o momento de destruir o medalhão de uma vez por todas. Harry olhou para os lados,

segurando a varinha no alto e viu onde: uma pedra a
chatada sob a copa de um sicômoro.
- Vem comigo - disse ele, e saiu andando, limpo
u a neve da superfície da pedra e estendeu
a mão para a Horcrux. Quando Rony lhe ofereceu a es
pada, no entanto, Harry balançou a
cabeça.
- Não, você é que tem de fazer isso.
- Eu? - espantou-se Rony. - Por quê?
- Porque você tirou a espada do poço. Acho que e
la escolheu você.
Não estava sendo bom nem generoso. Com a mesma c
erteza com que soube que a corça era
benévola, sabia que Rony é quem tinha de brandir a
espada. Dumbledore ensinara a Harry
pelo menos alguma coisa sobre certos tipos de magi
a, do poder incalculável de determinados
atos.
- Vou abri-lo - disse Harry - e você o transpass
a. Imediatamente, o.k.? Porque o que
estiver aí dentro oferecerá resistência. O pedacinh
o de Riddle no diário tentou me matar.
- Como você vai abrir? - indagou Rony. Ele parec
ia aterrorizado.
- Vou pedir que se abra, usando a ofidioglossia.
- A resposta veio tão facilmente aos seus
lábios que ele pensou que, no íntimo, sempre a sou
bera; talvez precisasse do recente confronto
com Nagini para tomar consciência disso. Ele olhou
para o "S" serpentino, cravejado de
cintilantes pedrinhas verdes: era fácil visualizá-l
o como uma minúscula cobra, enroscada
sobre a rocha fria.
- Não! - disse Rony -, não, não abre isso! Estou
falando sério!
- Por que não? - perguntou Harry. - Vamos nos li
vrar dessa droga, já faz meses...
- Não posso, Harry, estou falando sério... faz v
ocê...
- Mas por quê?
- Porque essa coisa me faz mal! - alegou Rony, s
e afastando do medalhão sobre a rocha. -

Não consigo enfrentá-la! Não estou dando uma descul
pa, Harry, pelo meu comportamento, mas
ela me afetou mais do que a você ou Hermione, me f
ez pensar coisas, coisas que de qualquer
jeito eu já estava pensando, mas ficaram piores, nã
o sei explicar, então eu tirava esse
medalhão e minha cabeça voltava ao normal, e quand
o eu tornava a pôr essa bosta... não posso
fazer isso, Harry!

Ele recuara, a espada caída de um lado, balançan
do a cabeça.

- Você pode - retrucou Harry -, sei que pode! Vo
cê acabou de pegar a espada, sei que é
você quem tem de usá-la. Por favor, destrua o medal
hão, Rony.

O som do seu nome pareceu ter agido como um esti
mulante. Engoliu em seco, respirou com
força pelo seu comprido nariz e tornou a se aproxim
ar da pedra.

- Me diga quando - pediu Rony, rouco.

- Quando eu disser "três" - respondeu Harry, vol
tando sua atenção para o medalhão e
estreitando os olhos, concentrando-se na letra "S",
 imaginando uma cobra, enquanto o
conteúdo do objeto debatia-se como uma barata presa
. Teria sido fácil sentir pena, exceto que
o corte no pescoço de Harry ainda ardia.

- Um... dois... três... abra.

A última palavra saiu como um silvo e um rosnad
o e as portinhas douradas do medalhão se
abriram, par a par, com um estalido.

Sob cada janelinha de vidro em seu interior pis
cava um olho vivo, escuro e bonito como os
de Tom Riddle tinham sido antes de se tornarem ver
melhos e terem fendas em vez de pupilas.

- Fure ele com a espada - disse Harry, mantendo
o medalhão parado sobre a rocha.

Rony ergueu a espada nas mãos trêmulas: a ponta
oscilou sobre os olhos que giravam
freneticamente, e Harry segurou o medalhão com forç
a, se preparando, já imaginando o sangue
escorrendo das janelinhas vazias.

Então a voz sibilou da Horcrux.
- Vi o seu coração, e ele é meu.
- Não dê ouvidos a ele! - falou Harry, com rispi
dez. - Perfure-o!
- Vi os seus sonhos, Rony Weasley, e vi os seus
temores. Tudo que você deseja é possível,
mas tudo que você teme também é possível...
- Perfure-o! - berrou Harry; sua voz ecoou pela
árvores ao redor, a ponta da espada
oscilou, e Rony contemplou os olhos de Riddle.
- Sempre o menos amado pela mãe que desejava uma
filha... menos amado agora pela
garota que prefere o seu amigo... sempre segundo, s
empre, eternamente na sombra...
- Rony, perfure-o agora! - urrou Harry; sentia o
medalhão estremecendo em suas mãos e
sentia medo do que sobreviria. Rony ergueu a espad
a ainda mais alto e, ao fazer isso, os olhos
de Riddle rutilaram.
Das janelinhas do medalhão, dos olhos, brotaram
, como duas bolhas grotescas, as cabeças
de Harry e Hermione, estranhamente deformadas.
Rony berrou chocado e recuou ao ver as figuras d
esabrochando para fora do medalhão,
primeiro os troncos, depois as cinturas, por fim as
pernas, que se ergueram do medalhão, lado
a lado como árvores de uma única raiz, balançando s
obre o Rony e o Harry real, que retirara
rápido os dedos do medalhão inesperadamente incande
scente.
- Rony! - gritou Harry, mas o Riddle-Harry agor
a estava falando com a voz de Voldemort,
e Rony olhou hipnotizado para o rosto do amigo.
- Por que voltou? Estávamos muito bem sem você,
mais felizes sem você, contentes com a
sua ausência... rimos de sua burrice, sua covardia,
sua presunção...
- Presunção! - ecoou Riddle-Hermione, agora mais
bonita e mais terrível do que a
Hermione real: ela balançou gargalhando, diante de
Rony, que expressava horror, mas estava
petrificado, a espada pendendo inutilmente ao lado

do corpo. - Quem poderia olhar para
você, quem jamais olharia para você ao lado de Harr
y Potter? Que foi que você já fez,
comparado a O Eleito? Quem é você comparado ao Meni
no-Que-Sobreviveu?

- Rony, perfure-o, PERFURE-O! - berrou Harry, ma
s o amigo não se mexeu: seus olhos
estavam arregalados, e neles se refletiam o Riddle-
Harry e o Riddle-Hermione, os cabelos
dos dois rodopiando como labaredas, seus olhos verm
elhos e brilhantes, suas vozes ressoando
em um dueto maligno.

- Sua mãe confessou - desdenhou Riddle-Harry, en
quanto Riddle-Hermione debochava -
que preferia que eu fosse filho dela, que faria a t
roca satisfeita...

- Quem não iria preferir ele, que mulher aceitar
ia você? Você não é nada, nada, nada
perto dele - cantarolava Riddle-Hermione, esticando
-se como uma cobra e se enrolando em
Riddle-Harry, envolvendo-o em um abraço: seus lábio
s se tocaram.

No chão à frente, Rony ergueu o rosto angustiado
: brandiu a espada no alto, os braços
trêmulos.

- Vamos, Rony! - berrou Harry.

Rony olhou para ele e Harry pensou ter visto um
laivo vermelho nos olhos do amigo.

- Rony...?

A espada lampejou, mergulhou: Harry atirou-se pa
ra longe, houve um clangor de metal e um
grito que pareceu interminável. Harry se virou, esc
orregando na neve, a varinha empunhada
para se defender: mas não havia contra o que lutar.

As monstruosas versões dele e Hermione tinham de
saparecido: havia apenas Rony, parado,
a espada frouxa na mão, contemplando os fragmentos
do medalhão destruído sobre a pedra
achatada.

Lentamente, Harry se encaminhou para ele, sem s
aber o que dizer ou fazer. Rony arquejava.

Seus olhos não estavam mais vermelhos, mas no tom n
ormal de azul; e estavam também
úmidos.

Harry se abaixou, fingindo não ter visto, e apa
nhou os pedaços da Horcrux. Rony perfurara
os vidros das duas janelinhas: os olhos de Riddle t
inham desaparecido e a seda manchada que
forrava o medalhão desprendia uma leve fumaça. A co
isa que vivia na Horcrux tinha sumido;
torturar Rony fora o seu último ato.

A espada bateu com estrépito quando Rony a larg
ou no chão. Ele caíra de joelhos, a cabeça
nos braços. Seu corpo sacudia, mas não de frio, per
cebeu seu amigo. Harry enfiou o medalhão
partido no bolso, ajoelhou-se ao lado de Rony e co
locou a mão cautelosamente em seu ombro.
Entendeu como um bom sinal que Rony não a tivesse e
mpurrado.

- Depois que você foi embora - disse Harry baix
inho, feliz que o rosto do amigo estivesse
escondido -, ela chorou uma semana. Provavelmente m
ais, só que não queria que eu visse.
Teve muitas noites em que nem nos falamos. Com a su
a partida...

Não pôde terminar; somente agora com a volta de
Rony é que compreendia inteiramente o
quanto lhes custara a ausência do amigo.

- Ela é como uma irmã - continuou ele. - Eu a am
o como uma irmã e acho que ela sente o
mesmo com relação a mim. Sempre foi assim. Pensei q
ue você soubesse.

Rony não respondeu, olhou para o outro lado e en
xugou audivelmente o nariz na manga.
Harry tornou a se levantar e se dirigiu ao lugar e
m que estava a enorme mochila de Rony, a
metros de distância, largada pelo amigo ao correr p
ara o poço e impedir Harry de se afogar.
Levou-a às costas e voltou para Rony, que, à sua ap
roximação, se levantou com os olhos
injetados, mas recomposto.

- Me desculpe - disse com a voz grave. - Me desc
ulpe por ter ido embora. Sei que fui um...

um... - Ele correu os olhos pela escuridão que o ro
deava, como se esperasse que uma palavra
suficientemente pejorativa caísse do céu e o defini
sse.
- Você compensou isso hoje à noite - respondeu H
arry. - Apanhou a espada. Destruiu a
Horcrux. Salvou minha vida.
- Isso me faz parecer bem melhor do que fui - mu
rmurou Rony.
- Coisas desse tipo sempre parecem mais legais
faladas do que realmente foram - afirmou
Harry. - É o que venho tentando lhe dizer há anos.
Simultaneamente, os dois se adiantaram e se abra
çaram. Harry apertou as costas
encharcadas de Rony.
- E agora - disse Harry, ao se separarem - só p
recisamos encontrar outra vez a barraca.
Não foi difícil, porém. Embora a caminhada pela
mata, acompanhando a corça, tivesse
parecido longa, com Rony ao seu lado a viagem de vo
lta pareceu surpreendentemente curta.
Harry mal pôde esperar para acordar Hermione, e foi
 com crescente agitação que entrou na
barraca seguido por Rony mais atrás.
Estava gloriosamente quente depois do poço e da
mata. A única iluminação vinha das
chamas azuis que ainda tremeluziam em uma tigela n
o chão. Hermione estava ferrada no sono,
enroscada por baixo das cobertas, e não se mexeu at
é que Harry a chamou várias vezes.
- Hermione!
Ela acordou e sentou-se depressa, afastando os c
abelos do rosto.
- Que aconteceu? Harry? Você está bem?
- Calma, tudo está bem. Mais do que bem. Estou ó
timo. Tem alguém aqui.
- Como assim? Quem...?
Ela viu Rony parado ali, segurando a espada, esc
orrendo água no tapete puído. Harry
recuou para um canto menos iluminado, tirou a mochi
la de Rony e tentou se fundir com a lona
da barraca.

Hermione deslizou do beliche e foi ao encontro de Rony como uma sonâmbula, os olhos pregados no rosto pálido do garoto. Parou bem diante dele, seus lábios entreabertos, seus olhos arregalados. Rony deu um sorriso débil e esperançoso, e começou a erguer os braços.

Hermione atirou-se para a frente e começou a socar cada centímetro do corpo dele ao seu alcance.

- Ai... ui... me larga! Que...? Hermione... AI!

- Você... absoluto... palhaço... Ronald... Weasley!

Ela pontuava cada palavra com um soco: Rony recuou, protegendo a cabeça contra o assalto de Hermione.

- Você... se arrasta... aqui... depois de... semanas... e... mais... semanas... ah, cadê a minha varinha?

Parecia disposta a arrancar a varinha das mãos de Harry, e ele reagiu instintivamente.

- Protego!

Um escudo invisível irrompeu entre Rony e Hermione: a violência foi tal que a jogou de costas no chão. Cuspindo os cabelos na boca, ela tornou a se levantar.

- Hermione! - disse Harry. - Calm...

- Não vou me acalmar! - berrou ela. Nunca antes ele a vira se descontrolar daquele jeito; parecia enlouquecida. - Devolva a minha varinha! Devolva já!

- Hermione, por favor...

- Não me diga o que fazer, Harry Potter - guinchou ela. - Não ouse! Devolva-me agora mesmo! E VOCÊ!

Ela apontava para Rony em funesta acusação: parecia uma maldição, e Harry não pôde culpar Rony por recuar vários passos.

- Corri atrás de você! Chamei você! Pedi para você voltar!

- Eu sei - respondeu Rony. - Hermione, eu lamento, eu realmente...

- Ah, você lamenta!

Ela deu uma gargalhada, aguda, descontrolada; Rony olhou para Harry pedindo ajuda, mas o amigo apenas fez uma careta indicando sua incapacidade.

- Você volta aqui depois de semanas... semanas... e acha que tudo vai ficar bem se você disser que lamenta?

- E que mais eu posso dizer? - gritou Rony, e Harry ficou contente de vê-lo reagir.

- Ah, não sei! - berrou Hermione, sarcástica. - Vasculhe o seu cérebro, Rony, só vai precisar de uns segundinhos...

- Hermione - interrompeu-a Harry, considerando aquilo um golpe baixo -, ele acabou de salvar a minha...

- E eu com isso! - gritou ela. - Não quero saber o que foi que ele fez! Semanas e mais semanas, por ele poderíamos estar mortos...

- Eu sabia que não estavam mortos! - urrou Rony, abafando a voz de Hermione pela primeira vez, praticamente encostando no escudo entre eles. - O Profeta só fala no Harry, o rádio só fala no Harry, estão procurando por vocês em toda parte, um monte de boatos e histórias malucas, eu sabia que na mesma hora teria notícias, se vocês morressem, você não sabe o que eu passei...

- O que você passou?

A voz da garota estava tão aguda que mais um pouco só os morcegos conseguiriam ouvi-la, mas atingira um tal nível de indignação que ficou temporariamente muda, e Rony aproveitou a oportunidade.

- Eu quis voltar no minuto em que desaparatei, mas topei direto com uma quadrilha de sequestradores, Hermione, e não pude ir a lugar algum!

- Uma quadrilha de quê? - perguntou Harry, enquanto Hermione se atirava em uma poltrona com os braços e as pernas cruzados com tanta força que lhe pareceu que fosse levar anos para descruzá-los.

- Sequestradores - disse Rony. - Estão por toda parte, quadrilhas tentando ganhar dinheiro prendendo nascidos trouxas e traidores do sangue, o Ministério está oferecendo uma recompensa pelos capturados. Eu estava sozinho e me acharam com cara de estudante, então ficaram realmente animados, pensando que eu fosse um nascido trouxa se escondendo. Tive que falar rápido para não me arrastarem até o Ministério.

- Que foi que disse a eles?

- Que era o Lalau Shunpike. Foi o primeiro nome que me ocorreu.

- E eles acreditaram?

- Não eram muito brilhantes. Um deles, decididamente, era meio trasgo, o cheiro dele...

Rony olhou para Hermione, visivelmente esperançoso de que ela pudesse se enternecer com essa pitada de humor, mas sua fisionomia continuava inflexível acima dos joelhos cruzados.

- Enfim, tiveram a maior discussão pra decidir se eu era ou não o Lalau. Para ser franco, foi meio patético, mas eram cinco e eu apenas um, e tinham tirado a minha varinha. Então, dois deles se atracaram e, enquanto os outros estavam distraídos, consegui dar um soco no estômago do que estava me segurando, agarrei a varinha dele, desarmei o outro cara que estava segurando a minha e desaparatei. Não fiz isso muito bem e tornei a me estrunchar... - Rony levantou a mão direita para mostrar que estavam lhe faltando duas unhas; Hermione ergueu as sobrancelhas com frieza - e fui parar a quilômetros do lugar em que vocês estavam. Quando finalmente cheguei à margem do rio onde acampamos... vocês tinham partido.

- Que história arrebatadora! - exclamou Hermione, naquele tom superior que adotava quando queria magoar. - Você deve ter ficado simplesmente aterrorizado. Nesse meio-tempo, fomos a Godric's Hollow e, vejamos, que foi que aconteceu, Harry? Ah, sim, a cobra de

Você-Sabe-Quem apareceu por lá e quase nos liquidou, e então chegou Você-Sabe-Quem em pessoa e por uma fração de segundo não nos agarrou.

- Quê?! - exclamou Rony, olhando boquiaberto de Hermione para Harry, mas ela o ignorou.

- Imagine perder as unhas, Harry! Isto realmente põe os nossos sofrimentos em perspectiva, não?

- Hermione - disse Harry, em voz baixa -, Rony acabou de salvar a minha vida.

Ela pareceu não ouvi-lo.

- Mas tem uma coisa que eu gostaria de saber - disse ela, fixando o olhar uns trinta centímetros acima da cabeça de Rony. - Exatamente, como foi que nos encontrou hoje à noite? Isto é importante. Quando soubermos, poderemos nos certificar de que não estamos recebendo a visita de alguém que não queremos ver.

Rony amarrou a cara para ela e puxou um pequeno objeto de prata do bolso do jeans.

- Com isto.

Hermione precisou encarar Rony para ver o que estava mostrando aos dois.

- O desiluminador? - perguntou, tão admirada que se esqueceu de demonstrar frieza e ferocidade.

- Não serve só para acender e apagar luzes. Não sei como funciona ou por que aconteceu dessa vez e nenhuma outra, porque estou querendo voltar desde que fui. Mas eu estava escutando o rádio, muito cedo na manhã de Natal, e ouvi... ouvi você.

Rony estava olhando para Hermione.

- Você me ouviu pelo rádio? - perguntou ela, incrédula.

- Não, ouvi você saindo do meu bolso. A sua voz - ele tornou a erguer o desiluminador - saiu daqui.

- E exatamente o que foi que eu disse? - perguntou Hermione, seu tom uma mescla de ceticismo e curiosidade.

- Meu nome. "Rony." E disse... alguma coisa sobr
e uma varinha...
O rosto de Hermione assumiu um afogueado escarla
te. Harry lembrou-se: tinha sido a
primeira vez que qualquer dos dois tinha pronunciad
o o nome de Rony em voz alta desde que
ele partira; Hermione falara quando discutiam o con
serto da varinha de Harry.
- Então, tirei-o do bolso - continuou Rony, olha
ndo para o desiluminador - e não me
pareceu diferente nem nada, mas eu tinha certeza q
ue tinha ouvido sua voz. Então o liguei. E a
luz se apagou no meu quarto, mas outra luz apareceu
 fora da janela.
Rony ergueu a mão vazia e apontou para a frente
, seus olhos focalizados em alguma coisa
que nem Harry nem Hermione estavam vendo.
- Era uma bola luminosa, meio pulsante e azulada
, como a luz que aparece ao redor de uma
Chave de Portal, entendem?
- Sim - disseram Harry e Hermione juntos, automa
ticamente.
- Senti que o momento era aquele. Apanhei as mi
nhas coisas, arrumei-as na mochila e saí
com ela para o jardim.
"A bolinha luminosa estava pairando lá, esperand
o por mim, e, quando eu saí, ela oscilou
um pouco e eu a acompanhei atrás do barraco então..
. bem, ela entrou em mim."
- Desculpe? - estranhou Harry, certo de que não
ouvira direito.
- Foi como se ela flutuasse ao meu encontro - di
sse Rony, ilustrando o movimento com o
dedo indicador livre -, direto para o meu peito e
então... entrou. Foi aqui - ele indicou um
ponto junto ao coração -, eu a senti, era quente.
E, uma vez dentro de mim, eu soube o que
devia fazer, soube que ela ia me levar aonde eu pr
ecisava ir. Então desaparatei e me vi na
encosta de um morro. Havia neve para todo lado...
- Estivemos lá - disse Harry. - Acampamos duas
noites lá, e, na segunda, passei o tempo

todo pensando que ouvia alguém andar no escuro e ch
amar!
- É, bem, deve ter sido eu - disse Rony. - Pelo
visto, os seus feitiços de proteção
funcionam, porque não vi nem ouvi vocês. Mas tinha
certeza de que estavam por perto, então
acabei me enfiando no meu saco de dormir e esperei
que um de vocês aparecesse. Pensei que
teriam de se tornar visíveis quando guardassem a ba
rraca.
- Na verdade, não - disse Hermione. - Temos desa
paratado com a Capa da Invisibilidade,
por precaução. E partimos realmente cedo, porque, c
omo disse Harry, tínhamos ouvido
alguém andando às tontas por lá.
- Bem, passei o dia inteiro naquele morro - cont
inuou Rony. - Na esperança que vocês
aparecessem. Mas, quando começou a escurecer, eu pe
rcebi que devíamos ter nos
desencontrado, então tornei a clicar o desiluminado
r, a luz azul saiu e entrou em mim,
desaparatei e acabei chegando a esta mata. Mas não
os vi, então só me restou a esperança de
que um ou outro acabasse aparecendo: e o Harry apar
eceu. Bem, vi primeiro a corça,
obviamente.
- Você viu o quê? - perguntou Hermione, ríspida.

Os dois garotos explicaram o que acontecera e, à
medida que iam contando a história da
corça prateada e da espada no poço, Hermione franzi
a a testa ora para um, ora para outro, tão
concentrada que se esqueceu de manter as pernas tra
vadas.
- Mas deve ter sido um Patrono! - exclamou. - Vo
cês não conseguiram ver quem o
conjurou? Não viram ninguém? Não acredito! E a corç
a levou vocês à espada! É
inacreditável! E o que aconteceu depois?
Rony explicou que observara Harry pular no poço
e aguardara que o amigo voltasse à tona;
e, percebendo que havia alguma coisa errada, mergul

hara e salvara o amigo, depois voltara
para pegar a espada. Ele contou até a abertura do
medalhão, então hesitou e Harry interveio.

- ... e Rony perfurou-o com a espada.

- E... e a Horcrux sumiu? Assim? - sussurrou ela
.

- Bem, ela... gritou - respondeu Harry, olhando
de soslaio para Rony. - Veja.

Harry atirou o medalhão no colo dela; cautelosam
ente, Hermione o apanhou e examinou as
janelinhas furadas.

Decidindo que finalmente era seguro, Harry remov
eu o Feitiço Escudo com um aceno da
varinha de Hermione e virou-se para Rony.

- Agora há pouco você falou que fugiu dos seques
tradores com uma varinha a mais?

- Quê? - disse Rony, que observava Hermione exam
inar o medalhão. - Ah... falei sim.

Ele desafivelou a mochila e tirou uma varinha cu
rta e escura de um dos bolsos.

- Tome. Calculei que é sempre bom a gente ter um
a sobressalente.

- E calculou bem - disse Harry, estendendo a mão
. - A minha quebrou.

- Você está brincando? - perguntou Rony, mas naq
uele momento Hermione se levantou e
ele pareceu mais uma vez apreensivo.

Hermione guardou a Horcrux destruída na bolsinha
 de contas, voltou para a cama e se
acomodou sem dizer mais nada.

Rony passou a nova varinha a Harry.

- Foi o melhor que se poderia esperar, imagino -
 murmurou Harry.

- É. Poderia ter sido pior. Lembra aqueles passa
rinhos que ela lançou contra mim?

- Ainda não eliminei essa possibilidade - respon
deu a voz abafada de Hermione debaixo
das cobertas, mas Harry viu Rony sorrindo quando ti
rou os pijamas marrons da mochila.

-- CAPÍTULO VINTE --
Xenofílio Lovegood

Harry não esperava que a ira de Hermione se abranda

sse da noite para o dia, portanto não se
surpreendeu que ela se comunicasse principalmente p
or olhares indignados e silêncios
contundentes na manhã seguinte. Rony reagiu mantend
o um comportamento anormalmente sério
na presença dela, como um sinal externo de seu con
tinuado remorso. De fato, quando os três
estavam juntos, Harry se sentia como o único não en
lutado em um enterro com poucos
acompanhantes. Nos raros momentos que passava sozin
ho com Harry (apanhando água e
procurando cogumelos no mato rasteiro), no entanto,
 Rony se mostrava descaradamente alegre.

- Alguém nos ajudou - ele não parava de dizer. -
 Alguém mandou aquela corça. Alguém
está do nosso lado. Uma Horcrux a menos, colega!

Estimulados pela destruição do medalhão, eles co
meçaram a debater a possível localização
das demais Horcruxes, e, embora tivessem discutido
o assunto tantas vezes anteriormente,
Harry se sentia otimista, certo de que outros avanç
os se seguiriam ao primeiro. O mau humor
de Hermione não conseguia estragar o seu alto- ast
ral: a súbita virada em sua sorte, a aparição
da misteriosa corça, a recuperação da espada de Gr
yffindor e, principalmente, o retorno de
Rony faziam Harry tão feliz que era até difícil fic
ar de cara séria.

No final da tarde, ele e Rony fugiram mais uma v
ez da presença negativa de Hermione e, a
pretexto de procurar amoras silvestres nos espinhei
ros desfolhados, continuaram a
interminável troca de notícias. Harry conseguira fi
nalmente contar ao amigo as várias viagens
que ele e Hermione tinham feito até a história comp
leta do que acontecera em Godric's
Hollow; agora Rony estava pondo Harry ao corrente d
e tudo que descobrira sobre um mundo
bruxo mais amplo nas semanas que estivera fora.

- ... e como foi que você descobriu a respeito d
o Tabu? - perguntou a Harry, depois de
explicar as numerosas e desesperadas tentativas de

nascidos trouxas para fugir do Ministério.
- O quê?
- Você e Hermione pararam de dizer o nome de Voc
ê-Sabe-Quem!
- Ah, sim. Foi um mau hábito que adquirimos - re
spondeu Harry. - Mas não tenho
problema em chamá-lo de V...
- NÃO! - berrou Rony, fazendo Harry pular para d
entro das amoreiras e Hermione (de
nariz enterrado em um livro à entrada da barraca) o
lhar feio para os dois. - Desculpe - disse
Rony, puxando Harry para fora dos galhos espinhosos
-, mas o nome foi azarado, Harry, é
assim que eles rastreiam as pessoas! Usar o nome d
ele rompe os feitiços de proteção, provoca
uma espécie de perturbação mágica... foi como nos e
ncontraram na Tottenham Court!
- Porque usamos o nome dele?
- Exatamente! Você tem que dar a eles o merecid
o crédito, faz sentido. Somente as pessoas
que se opunham seriamente a ele, como Dumbledore, é
que se atreviam a usar o nome de
Você-Sabe-Quem. Agora que impuseram um Tabu ao nome
, qualquer pessoa que o diga é
rastreável: um modo rápido e fácil de encontrar mem
bros da Ordem. Quase apanharam o
Kingsley...
- Você está brincando!
- Foi, Gui me contou que um grupo de Comensais d
a Morte o encurralou, mas ele deu
combate e escapou. Agora está fugindo como nós. - R
ony coçou o queixo com a ponta da
varinha, pensativo. - Você não acha que Kingsley po
deria ter mandado aquela corça?
- O Patrono dele é um lince, nós o vimos no casa
mento, lembra?
- Ah, é...
Os dois foram acompanhando as amoreiras e se dis
tanciando da barraca e de Hermione.
- Harry... você acha que poderia ter sido o Dumb
ledore?
- Dumbledore o quê?

Rony ficou um pouco sem graça, mas disse em voz baixa:

- Dumbledore... a corça. Quero dizer - Rony observava Harry pelo canto do olho -, foi ele quem teve a espada verdadeira por último, não foi?

Harry não riu de Rony, porque entendeu bem demais o desejo implícito na pergunta. A ideia de que Dumbledore conseguira voltar, que os estava protegendo, seria indizivelmente confortadora. Harry balançou a cabeça.

- Dumbledore está morto. Vi acontecer, vi o corpo. Ele partiu para sempre. Mas, seja como for, o Patrono dele era uma fênix e não uma corça.

- Mas os Patronos podem mudar, não? - perguntou Rony. - O da Tonks mudou, não foi?

- É, mas se Dumbledore estivesse vivo, por que não se mostraria? Por que simplesmente não nos entregaria a espada?

- Aí você me pegou. Pela mesma razão por que não lhe entregou quando estava vivo? A mesma razão por que lhe deixou um velho pomo de ouro e à Hermione um livro de histórias para crianças?

- E qual é a razão? - perguntou Harry, se virando para encarar Rony de frente, desesperado por uma resposta.

- Não sei. Às vezes, quando estava meio aborrecido, pensava que ele estava se divertindo ou... ou queria dificultar as coisas. Mas acho que não, não mais. Ele sabia o que estava fazendo quando me deixou o desiluminador, concorda? Ele... bem - as orelhas de Rony ficaram vermelhíssimas, e o garoto fingiu estar absorto em um tufo de capim a seus pés, que cutucou com a ponta do calçado -, ele devia saber que eu abandonaria vocês.

- Não - corrigiu-o Harry. - Ele devia saber que você sempre iria querer voltar.

Rony olhou-o agradecido, mas ainda desconcertado. Em parte para mudar de assunto, Harry disse:

- Por falar em Dumbledore, você ouviu falar da b

iografia dele, que a Skeeter escreveu?
- Ah, claro - respondeu ele, imediatamente -, é só o que as pessoas estão comentando. Lógico, se as coisas fossem diferentes, seria um grande furo a amizade de Dumbledore e Grindelwald, mas, no momento, é só uma piada para quem não gostava de Dumbledore e um tapa na cara de todos que achavam que ele era um cara legal. Mas não creio que seja nada de mais. Ele era realmente jovem quando...
- Da nossa idade - interpôs Harry, da mesma forma com que retorquira a Hermione, e alguma coisa em seu rosto pareceu fazer Rony encerrar o assunto.
Havia uma grande aranha parada no meio de uma teia congelada no espinheiro. Harry fez pontaria com a varinha que Rony lhe dera na noite anterior e que Hermione tinha condescendido em examinar e concluir que era feita de ameixeira-brava.
- Engorgio!
A aranha estremeceu, balançando de leve a teia. Harry tentou novamente. Desta vez, a aranha cresceu mais um pouco.
- Pare com isso - disse Rony, com aspereza. - Desculpe ter dito que Dumbledore era jovem, o.k.?
Harry esquecera o horror de Rony a aranhas.
- Desculpe... Reducio!
A aranha não encolheu. Harry olhou para a varinha de ameixeira-brava. Cada pequeno feitiço que lançara até o momento lhe parecera menos eficaz do que os que produzia com a varinha de fênix. A nova varinha lhe dava a sensação de ser um apêndice estranho, como se tivessem costurado a mão de alguém ao seu braço.
- Você só precisa praticar - disse Hermione, que se aproximara silenciosamente por trás e ficara observando Harry tentar aumentar e reduzir a aranha. - É só uma questão de confiança, Harry.
Ele sabia por que a amiga queria que desse certo

: ainda se sentia culpada por ter quebrado
sua varinha. Ele reprimiu a resposta que lhe subira
 aos lábios: que ela poderia ficar com a
varinha de ameixeira se achava que não fazia difere
nça, e ele aceitaria a dela em troca.
Desejoso de que voltassem a ser amigos, no entanto,
 ele concordou; quando Rony ensaiou um
sorriso para Hermione, porém, ela se afastou e des
apareceu por trás do livro mais uma vez.
   Os três voltaram à barraca ao cair da noite, e H
arry cumpriu a primeira vigia. Sentado à
entrada, experimentou fazer com que a varinha levi
tasse as pedrinhas aos seus pés: mas sua
magia continuava a parecer mais inepta e menos pote
nte do que fora antes. Hermione estava
deitada na cama lendo, enquanto Rony, depois de lhe
 lançar muitos olhares ansiosos, apanhou
um pequeno rádio de madeira na mochila e tentou sin
tonizá-lo.
   - Tem um programa - disse a Harry, em voz baixa
- que irradia as notícias como realmente
são. Todos os outros estão do lado de Você-Sabe-Que
m e seguem a diretriz do Ministério,
mas este... espere até ouvir, é o máximo. Só que n
ão pode ir ao ar toda noite, o pessoal tem
que mudar constantemente de lugar para não ser pego
, e a gente precisa de uma senha para
sintonizar... o problema é que perdi o último...
   Ele deu leves batidas no rádio com a varinha, mu
rmurando, baixinho, palavras soltas. Deu
olhadelas furtivas para Hermione, visivelmente teme
ndo nova explosão de fúria, mas, pela
atenção que a garota lhe dava, era como se ele nem
estivesse presente. Durante uns dez
minutos, mais ou menos, Rony bateu e murmurou, Herm
ione virava página a página o seu
livro, e Harry continuava a praticar com a varinha
de ameixeira-brava.
   Finalmente Hermione desceu da cama. Rony parou d
e batucar na mesma hora.
   - Se estiver incomodando você, eu paro! - disse
nervoso a Hermione.

Ela nem se dignou a responder, e se dirigiu a Harry.
- Precisamos conversar - falou.
O garoto olhou para o livro que ela ainda segurava: A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore.
- Quê?! - exclamou, apreensivo. Ocorreu-lhe por um instante que havia um capítulo sobre ele; certamente não estava com disposição para ouvir a versão de Rita sobre sua amizade com Dumbledore. A resposta de Hermione foi completamente inesperada.
- Quero visitar Xenofílio Lovegood.
Harry arregalou os olhos.
- Desculpe?
- Xenofílio Lovegood. O pai de Luna. Quero falar com ele!
- Ah... por quê?
Ela inspirou profundamente, como se tomasse coragem e disse:
- Aquela marca, a marca no Beedle, o bardo. Olhe para isto!
Ela empurrou A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore sob os olhos relutantes de Harry, e ele viu a foto do original da carta que Dumbledore escrevera a Grindelwald, na caligrafia fina e inclinada do diretor. Harry detestou ver a prova indiscutível de que Dumbledore escrevera aquelas palavras, que não tinham sido invenção de Rita Skeeter.
- A assinatura - disse Hermione. - Veja a assinatura, Harry!
Ele obedeceu. Por um momento, não entendeu o que a amiga queria dizer, mas, examinando a foto mais atentamente com auxílio da varinha, viu que Dumbledore substituíra o "A" de Alvo por uma minúscula versão da mesma marca triangular inscrita em Os contos de Beedle, o bardo.
- Ah... que é que vocês...? - ensaiou Rony, mas Hermione o fez calar com um olhar, e voltou-se para Harry.

- Não para de aparecer, não é? Sei que Vítor di
sse que era a marca de Grindelwald, mas,
sem a menor dúvida, estava naquele velho túmulo em
Godric's Hollow, e as datas na lápide
eram muito anteriores ao nascimento de Grindelwald!
E agora isto! Bem, não podemos
perguntar a Dumbledore nem a Grindelwald o que sign
ifica, nem sei se ele ainda está vivo,
mas posso perguntar ao sr. Lovegood. Ele estava usa
ndo o símbolo no casamento. Tenho
certeza de que isto é importante, Harry!

Harry não respondeu logo. Olhou para o rosto vee
mente e ansioso de Hermione e, em
seguida, para a escuridão ao redor, refletindo. Dep
ois de uma longa pausa, disse:

- Hermione, não precisamos de outra Godric's Hol
low. Nos convencemos de ir lá e...

- Mas isso não para de aparecer, Harry! Dumbledo
re me deixou Os contos de Beedle, o
bardo, como saber se não queria que descobríssemos
mais a respeito do símbolo?

- Lá vamos nós outra vez! - Harry se sentiu lige
iramente exasperado. - Ficamos todo o
tempo tentando nos convencer de que Dumbledore nos
deixou sinais e pistas secretos...

- O desiluminador acabou sendo muito útil - falo
u Rony. - Acho que Hermione tem razão,
acho que devemos procurar Lovegood.

Harry lançou-lhe um olhar mal-humorado. Perceber
a com absoluta segurança que o apoio
de Rony a Hermione não tinha muito a ver com o sign
ificado da runa triangular.

- Não será como Godric's Hollow - acrescentou Ro
ny. - Lovegood está do seu lado,
Harry, O Pasquim tem apoiado você desde o começo, v
ive apregoando que todo mundo tem
de ajudá-lo!

- Tenho certeza de que isso é importante! - insi
stiu Hermione.

- Mas você não acha que se fosse, Dumbledore ter
ia me dito alguma coisa antes de morrer?

- Talvez... talvez seja alguma coisa que você pr

ecisa descobrir sozinho - respondeu
Hermione, com um leve ar de quem se agarra a uma pa
lha.
- É - concordou Rony, bajulando-a -, isso faz se
ntido.
- Não, não faz - retorquiu Hermione -, mas conti
nuo achando que devíamos conversar com
o sr. Lovegood. Um símbolo que liga Dumbledore, Gri
ndelwald e Godric's Hollow? Harry,
tenho certeza de que a gente precisa saber o que é!

- Acho que devíamos votar - sugeriu Rony. - Os q
ue são a favor de procurar Lovegood...
A mão dele se ergueu antes da de Hermione. Os lá
bios dela tremeram de forma suspeita
quando levantou a mão.
- Perdeu a votação, Harry, lamento - disse Rony,
dando-lhe palmadinhas nas costas.
- Ótimo - respondeu Harry, entre irritado e div
ertido. - Mas depois de vermos Lovegood,
que tal tentarmos encontrar mais algumas Horcruxes?
Afinal, onde moram os Lovegood?
Algum de vocês sabe?
- Sei, não é muito longe da minha casa - disse
Rony. - Não sei o lugar exato, mas minha
mãe e meu pai sempre apontam para os morros quando
falam neles. Não deve ser difícil
descobrir.
Quando Hermione voltou para a cama, Harry baixou
a voz:
- Você só concordou para tentar sair da lista ne
gra da Hermione.
- Vale tudo no amor e na guerra - respondeu Rony
, animado -, e isto é um pouco dos dois.
Anime-se, são as férias de Natal, Luna estará em ca
sa!
Tiveram uma excelente vista da aldeia de Ottery
St. Catchpole da encosta exposta ao vento
na qual desaparataram na manhã seguinte. Do alto,
a aldeia parecia uma coleção de casas de
brinquedo, raios de sol se alongavam até a terra no
s intervalos das nuvens. Pararam uns

minutinhos para olhar A Toca, as mãos sombreando os olhos, mas conseguiram divisar apenas as sebes altas e as árvores do pomar, que protegiam a casinha torta dos olhares dos trouxas.

- É esquisito estar tão perto, mas não fazer uma visita - disse Rony.

- Bem, até parece que você não acabou de vê-los. Passou lá o Natal - comentou Hermione com frieza.

- Não estive n'A Toca! - protestou ele com uma risada de incredulidade. - Acham que eu ia voltar lá e contar que abandonei vocês? É, Fred e Jorge teriam ficado muito entusiasmados. E Gina teria sido realmente compreensiva.

- Então onde esteve? - perguntou Hermione, surpresa.

- Na nova casa de Gui e Fleur. Chalé das Conchas. Gui sempre foi correto comigo. Ele... ele não ficou bem impressionado quando soube o que eu fiz, mas não ficou falando. Entendeu que eu estava realmente arrependido. O resto da família não soube que estive lá. Gui disse a mamãe que eles não iam passar o Natal em casa porque queriam passá-lo sozinhos. A primeira festa depois de casados, entende-se. Acho que Fleur não se importou. Vocês sabem como ela detesta Celestina Warbeck.

Rony deu as costas À Toca.

- Vamos tentar ali em cima - disse ele, subindo à frente para o alto da montanha.

Caminharam algumas horas, Harry, por insistência de Hermione, oculto pela Capa da Invisibilidade. O grupo de morrotes parecia desabitado exceto por um pequeno chalé, em que não se viam moradores.

- Acham que é o dos Lovegood e eles foram viajar no Natal? - perguntou Hermione, espiando pela janela de uma cozinha pequena e arrumada com gerânios no parapeito. Rony bufou.

- Escute, tenho a impressão de que você saberia quem são os donos da casa se espiasse

pela janela dos Lovegood. Vamos tentar o outro grup
o de morros.
Eles desaparataram, então, para alguns quilômetr
os mais ao norte.
- Ah-ah! - gritou Rony, quando o vento açoitou
cabelos e roupas. Ele apontava para o topo
do morro no qual tinham aparatado, onde havia uma c
asa estranhíssima que se erguia
verticalmente contra o céu da tarde, um cilindro ne
gro com uma lua fantasmagórica por trás. -
Tem que ser a casa da Luna, quem mais moraria em um
 lugar desse? Parece um roque
colossal!
- Não estou ouvindo rock nenhum - comentou Hermi
one, franzindo a testa, intrigada.
- Estou falando de um roque de xadrez - responde
u Rony. - Para você, uma torre.
As pernas de Rony eram as mais compridas, e ele
chegou ao topo do morro primeiro.
Quando Harry e Hermione o alcançaram, sem fôlego, c
omprimindo as pontadas nos músculos
do abdome, encontraram-no rindo de orelha a orelha.

- É deles - disse Rony. - Olhem.
Três letreiros pintados à mão estavam presos a
um portão desmantelado. O primeiro dizia
"O Pasquim. Editor: X. Lovegood", o segundo "Traga
o seu próprio visgo", e o terceiro
"Não se aproxime das ameixas dirigíveis".
O portão rangeu quando o abriram. O caminho em z
igue-zague que levava à porta da casa
tinha um emaranhado de plantas estranhas, inclusive
 um arbusto coberto com os frutos cor de
laranja, semelhantes ao rabanete que, por vezes, Lu
na usava como brinco. Harry pensou ter
reconhecido um Arapucoso, e passou ao largo do toco
 seco. Duas velhas macieiras-bravas,
vergadas pelo vento, desfolhadas, mas ainda carrega
das de frutinhas vermelhas, e densas
coroas de visgo com bolinhas brancas montavam guard
a dos lados da porta de entrada. Uma
coruja com a cabeça ligeiramente achatada, lembrand

o um gavião, espiou-os de um galho.
- É melhor você tirar a Capa da Invisibilidade, Harry - disse Hermione -, é você que o sr. Lovegood quer ajudar, e não a nós.
Harry aceitou a sugestão e lhe entregou a capa para guardar na bolsinha de contas. Ela, então, bateu três vezes na grossa porta preta crave jada de pregos de ferro com uma aldraba em forma de águia.
Não demorou nem dez segundos, a porta se escanca rou e viram Xenofílio Lovegood, descalço, com uma roupa que parecia um camisão de d ormir todo manchado. Seus longos cabelos de algodão-doce estavam sujos e malcuidados . Decididamente, Xenofílio estivera mais elegante no casamento de Gui e Fleur.
- Quê? Que é isso? Quem são vocês? Que querem? - indagou com uma voz aguda e rabugenta, olhando primeiro para Hermione, depois p ara Rony e finalmente para Harry, ao que sua boca se abriu em um perfeito e cômico "o".
- Olá, sr. Lovegood - disse Harry, estendendo a mão. - Sou Harry, Harry Potter.
Xenofílio não apertou a mão de Harry, embora o o lho que não apontava vesgamente para o nariz corresse direto para a cicatriz na testa de H arry.
- O senhor nos deixaria entrar? - perguntou Har ry. - Tem uma coisa que gostaríamos de lhe perguntar.
- Não... não tenho certeza de que isto seja aco nselhável - sussurrou Xenofílio. Ele engoliu em seco e deu uma rápida olhada pelo jardim. - É u m choque... palavra... eu... eu receio que não devia realmente...
- Não vamos demorar - respondeu Harry, ligeirame nte desapontado com a recepção pouco calorosa.
- Eu... ah, está bem, então. Entrem rápido. Rápi do!
Mal tinham cruzado o portal e Xenofílio batia a porta às suas costas. Estavam na cozinha

mais esquisita que Harry já vira na vida. O cômodo era perfeitamente circular, dando a impressão de que se estava dentro de um gigantesco pimenteiro. Tudo era curvo para se encaixar nas paredes: o fogão, a pia e os armários, e tudo tinha sido pintado com flores, insetos e pássaros em fortes cores primárias. Harry pensou ter reconhecido o estilo de Luna: o efeito em espaço tão pequeno era ligeiramente avassalador.

No meio do piso, uma escada de ferro em caracol levava aos andares superiores. Ouviam-se muitas batidas e atritos vindos de cima: Harry ficou imaginando o que Luna poderia estar fazendo.

- É melhor subirem - disse Xenofílio, ainda muito constrangido, mostrando o caminho. O cômodo superior parecia uma combinação de sala de estar e oficina e, como tal, era mais atravancado do que a cozinha. Embora muito menor e inteiramente circular, a sala lembrava um pouco a Sala Precisa na ocasião inesquecível em que se transformara em um gigantesco labirinto formado por séculos de objetos escondidos. Havia pilhas e mais pilhas de livros e papéis sobre todas as superfícies. Modelos delicados de criaturas que Harry não reconheceu pendiam do teto, todas batendo as asas e abrindo e fechando os maxilares.

Luna não estava ali: a origem do estardalhaço era um objeto de madeira com rodas dentadas que giravam magicamente. Parecia uma cria bizarra de uma bancada de oficina com uma velha estante, mas, passado um instante, Harry deduziu que devia ser uma antiquada prensa tipográfica, uma vez que estava produzindo exemplares d'O Pasquim.

- Com licença - disse Xenofílio e, dirigindo-se à máquina, puxou uma toalha de mesa suja debaixo de uma imensa quantidade de livros e papéis que rolaram no chão e atirou-a sobre a prensa, abafando um pouco as batidas e atritos. Vir

ou-se, então, para Harry.
"Por que veio aqui?"
Antes que Harry pudesse responder, porém, Hermio
ne deixou escapar um gritinho
assustado.
- Sr. Lovegood... que é aquilo?
Ela estava apontando para um enorme chifre espir
al e cinzento, não muito diferente do
chifre de um unicórnio, que fora montado na parede
e se projetava mais de um metro sala
adentro.
- É o chifre de um Bufador de Chifre Enrugado.
- Não, não é! - contestou Hermione.
- Hermione - murmurou Harry, constrangido -, ago
ra não é o momento...
- Mas, Harry, é um chifre de erumpente! É materi
al comerciável classe B, e é um objeto
extraordinariamente perigoso para se ter em casa!
- Como sabe que é um chifre de erumpente? - perg
untou Rony afastando-se do chifre o mais
rápido que pôde, dado o extremo atravancamento da s
ala.
- Tem uma descrição dele em Animais fantásticos
& onde habitam!, sr. Lovegood, o
senhor precisa se livrar disso imediatamente, o se
nhor não sabe que pode explodir ao menor
toque?
- O Bufador de Chifre Enrugado - retrucou Xenofí
lio claramente, com uma expressão de
teimosia no rosto - é um animal tímido e excepciona
lmente mágico, e seu chifre...
- Sr. Lovegood, estou reconhecendo os sulcos em
torno da base, é um chifre de erumpente e
é incrivelmente perigoso; não sei onde o senhor o c
onseguiu...
- Comprei-o - disse Xenofílio, dogmático - há du
as semanas, de um jovem bruxo
encantador que soube do meu interesse pelo raro Buf
ador. Uma surpresa de Natal para a
minha Luna. Então - perguntou, virando-se para Harr
y -, por que exatamente o senhor veio
aqui, sr. Potter?

- Precisamos de ajuda - respondeu Harry, antes q
ue Hermione pudesse recomeçar.
- Ah - disse Xenofílio. - Ajuda. Hum. - Seu olho
perfeito girou mais uma vez para a
cicatriz de Harry. O bruxo pareceu, ao mesmo tempo,
aterrorizado e hipnotizado. - Sei. O
problema é... ajudar Harry Potter... muito perigoso
...
- Não é o senhor que vive dizendo a todos que se
u primeiro dever é ajudar Harry? -
perguntou Rony. - Naquela sua revista?
Xenofílio olhou para trás onde se achava a prens
a coberta, ainda batendo e produzindo
atritos sob a toalha.
- Ãh... sim, expressei esse ponto de vista. Entr
etanto...
- ... estava se referindo aos demais e não à sua
pessoa? - comentou Rony.
Xenofílio não respondeu. Não parava de engolir e
m seco, seu olhar ia e vinha entre os
meninos. Harry teve a impressão de que ele estava s
e debatendo em um doloroso conflito
interior.
- Onde está Luna? - perguntou Hermione. - Vejamo
s o que ela acha.
Xenofílio engoliu ruidosamente. Parecia estar to
mando coragem. Por fim, disse com uma
voz quase inaudível por causa do barulho da prensa.

- Luna está lá embaixo no rio, pescando dilátex
de água doce. Ela... ela gostará de ver
vocês. Vou chamá-la e então... sim, muito bem. Vou
tentar ajudá-los.
O bruxo desapareceu pela escada em caracol e el
es ouviram a porta da frente abrir e fechar.
Entreolharam-se.
- Muquirana covarde - disse Rony. - Luna tem dez
vezes mais peito que ele.
- Ele provavelmente está preocupado com o que po
de acontecer se os Comensais da Morte
descobrirem que estive aqui - lembrou Harry.
- Concordo com o Rony - disse Hermione. - Um vel

ho hipócrita nojento, dizendo a todo o
mundo para ajudar você e tentando fugir da raia. E, pelo amor de Deus, fiquem longe desse
chifre.

Harry foi até a janela do lado oposto da sala. Viu o rio, uma fita estreita e luminosa lá
embaixo no sopé do morro. Estavam muito alto; uma a ve passou adejando pela janela, quando
ele olhava na direção d'A Toca, agora invisível atr ás de outras elevações. Gina se achava ali
em algum lugar. Hoje estavam mais próximos um do ou tro do que tinham estado desde o
casamento de Gui e Fleur, mas ela não poderia fazer ideia de que estava olhando para ela,
pensando nela. Supunha que devesse se alegrar com i sso; qualquer um com quem entrasse em
contato corria perigo, e a atitude de Xenofílio con firmava isso.

Harry deu as costas à janela e seu olhar recaiu sobre outro objeto extravagante, em cima de
um aparador curvo e entulhado: um busto de pedra de uma bruxa bonita, mas austera, com um
toucado de aspecto bizarro. Dos lados do busto, sub iam em curva objetos que pareciam
trompas de ouro para surdos. Havia um par de cintil antes asas azuis na tira de couro que
passava pelo alto da cabeça, e um daqueles rabanet es cor de laranja em uma segunda tira em
torno da testa.

- Olhem isso aqui - falou Harry.

- Encantador - comentou Rony. - Fico surpreso qu e ele não tenha usado isso no casamento.

Ouviram, então, a porta da entrada fechar e inst antes depois Xenofílio tornava a subir a
escada circular para a sala, suas pernas finas ago ra metidas em botas de pescaria, trazendo na
mão uma bandeja com xícaras sem par e um fumegante bule de chá.

- Ah, você descobriu a minha invenção preferida! - exclamou ele, empurrando a bandeja
para os braços de Hermione e se juntando a Harry, a o lado da estátua. - Modelado, muito

condizente com a bela cabeça de Rowena Ravenclaw. O espírito sem limites é o maior tesouro do homem!

Xenofílio indicou os objetos que pareciam trompas.

- Esses são sifões zonzóbulos para afastar todas as fontes de distração na área em torno do pensador. Aqui - ele apontou para as asinhas -, uma hélice de gira-gira para induzir a elevação da mente. E por fim - ele apontou para o rabanete cor de laranja - a ameixa dirigível, para intensificar a capacidade de aceitar o extraordinário.

Xenofílio voltou à bandeja de chá, que Hermione conseguira equilibrar precariamente em uma das mesinhas cheias de objetos.

- Aceitam uma infusão de raiz-de-cuia? - oferceu Xenofílio. - Nós mesmos a cultivamos. - Quando começou a servir a bebida, que era carmim como suco de beterraba, acrescentou: - Luna está do outro lado da Ponte Baixa, ficou muito animada com a presença de vocês. Não deve demorar, já pescou dilátex suficientes para preparar uma sopa para todos nós. Por favor, sentem-se e se sirvam de açúcar.

"Então", ele tirou uma pilha mal equilibrada de papéis de uma poltrona e se sentou, cruzou as pernas com as botas de pescaria, "como posso ajudá-lo, sr. Potter?"

- Bem - começou Harry, olhando para Hermione, que acenou encorajando-o -, é aquele símbolo que o senhor estava usando no pescoço no casamento de Gui e Fleur, sr. Lovegood. Queríamos saber o que significa.

Xenofílio ergueu as sobrancelhas.

- Você está se referindo ao símbolo das Relíquias da Morte?

-- CAPÍTULO VINTE E UM --

O conto dos três irmãos

Harry olhou para Rony e Hermione. Os dois tampouco pareciam ter entendido o que Xenofílio dissera.

- As Relíquias da Morte?
- Isso mesmo - respondeu o bruxo. - Nunca ouvira m falar? Não é surpresa. Pouquíssimos bruxos acreditam nelas. Veja aquele rapaz cabeçudo no casamento do seu irmão - disse ele, indicando Rony -, que me atacou por usar o símbolo de um conhecido bruxo das Trevas! Quanta ignorância! Não há nada ligado às Trevas nas Relíquias, pelo menos não em um sentido rudimentar. A pessoa usa o símbolo para se dar a conhecer a outros crentes, na esperança de que possam ajudá-lo na busca.
Ele pôs vários torrões de açúcar na infusão de r aiz-de-cuia e tomou um gole.
- Desculpe - disse Harry. - Continuo sem entende r.
Por educação, tomou um golinho de sua xícara e q uase engasgou: a bebida era nojenta, como se alguém tivesse liquefeito feijõezinhos de todos os sabores com sabor de bicho-papão.
- Bem, como veem, os crentes procuram as Relíqui as da Morte - explicou Xenofílio, estalando os lábios, visivelmente aprovando a infus ão de raiz-de-cuia.
- Mas que são as Relíquias da Morte? - perguntou Hermione.
Xenofílio pôs de lado a xícara vazia.
- Suponho que estejam familiarizados com "O cont o dos três irmãos"?
Harry respondeu que não, mas tanto Rony quanto H ermione responderam afirmativamente.
Xenofílio assentiu, sério.
- Ora, muito bem, sr. Potter, tudo começa com "O conto dos três irmãos"... tenho um exemplar aqui em algum lugar...
Ele correu os olhos pela sala, procurando-o nas pilhas de pergaminhos e livros, mas Hermione interrompeu-o:
- Tenho o conto, sr. Lovegood, trouxe-o comigo. - E ela tirou Os contos de Beedle, o bardo da bolsinha de contas.
- O original? - perguntou Xenofílio vivamente,

e, quando a garota confirmou, ele disse: -
Então por que não o lê em voz alta? É o melhor meio de assegurar que todos entendemos.
- Ah... está bem - disse Hermione, nervosa. Abriu o livro e Harry viu que o símbolo que
estavam pesquisando encimava a página; ela pigarreou e começou a ler:
- Era uma vez três irmãos que estavam viajando por uma estrada deserta e
tortuosa ao anoitecer...
- À meia-noite foi como nossa mãe contou - disse Rony, que esticara os braços para trás da
cabeça, para ouvir. Harry lançou-lhe um olhar aborrecido. - Desculpe, acho que dá mais
medo se for meia-noite! - Rony replicou.
- É, estamos realmente precisando de um pouco mais de medo em nossas vidas - disse
Harry, sem conseguir se conter. Xenofílio não parecia estar prestando muita atenção e olhava
o céu pela janela. - Continue, Hermione.
- Depois de algum tempo, os irmãos chegaram a um rio fundo demais para vadear
e perigoso demais para atravessar a nado. Os irmãos, porém, eram versados em
magia, então simplesmente agitaram as mãos e fizeram aparecer uma ponte sobre
as águas traiçoeiras. Já estavam na metade da travessia quando viram o caminho
bloqueado por um vulto encapuzado.
"E a Morte falou..."
- Desculpe - interrompeu-a Harry -, mas "a Morte falou"?
- É um conto de fadas, Harry!
- Certo, desculpe. Continue.
- E a Morte falou. Estava zangada por terem lhe roubado três vítimas, porque o
normal era os viajantes se afogarem no rio. Mas a Morte foi astuta. Fingiu
cumprimentar os três irmãos por sua magia, e disse que cada um ganhara um
prêmio por ter sido inteligente o bastante para lhe escapar.

"Então, o irmão mais velho, que era um homem com
bativo, pediu a varinha mais
poderosa que existisse: uma varinha que sempre venc
esse os duelos para seu dono,
uma varinha digna de um bruxo que derrotara a Morte
! Ela atravessou a ponte e se
dirigiu a um vetusto sabugueiro na margem do rio, f
abricou uma varinha de um galho
da árvore e entregou-a ao irmão mais velho.
"Então, o segundo irmão, que era um homem arroga
nte, resolveu humilhar ainda
mais a Morte e pediu o poder de restituir a vida ao
s que ela levara. Então a Morte
apanhou uma pedra da margem do rio e entregou-a ao
segundo irmão, dizendo-lhe
que a pedra tinha o poder de ressuscitar os mortos.

"Então, a Morte perguntou ao terceiro e mais moç
o dos irmãos o que queria. O
mais moço era o mais humilde e também o mais sábio
dos irmãos, e não confiou na
Morte. Pediu, então, algo que lhe permitisse sair d
aquele lugar sem ser seguido por
ela. E a Morte, de má vontade, lhe entregou a própr
ia Capa da Invisibilidade."
- A Morte tem uma Capa da Invisibilidade? - Harry
tornou a interrompê-la.
- Para poder se aproximar sorrateiramente das pes
soas - disse Rony. - Às vezes ela se
cansa de atacá-las agitando os braços e gritando...
desculpe, Hermione.
- Então, a Morte se afastou para um lado e deixo
u os três irmãos continuarem
viagem e foi o que eles fizeram, comentando, assomb
rados, a aventura que tinham
vivido e admirando os presentes da Morte.
"No devido tempo, os irmãos se separaram, cada u
m tomou um destino diferente.
"O primeiro irmão viajou uma semana ou mais e, a
o chegar a uma aldeia distante,
procurou um colega bruxo com quem tivera uma briga.
Armado com a varinha de

sabugueiro, a Varinha das Varinhas, ele não poderia deixar de vencer o duelo que se seguiu. Deixando o inimigo morto no chão, o irmão mais velho dirigiu-se a uma estalagem, onde se gabou, em altas vozes, da poderosa varinha que arrebatara da própria Morte, e de que a arma o tornava invencível.

"Na mesma noite, outro bruxo aproximou-se sorrateiramente do irmão mais velho enquanto dormia em sua cama, embriagado pelo vinho. O ladrão levou a varinha e, para se garantir, cortou a garganta do irmão mais velho.

"Assim, a Morte levou o primeiro irmão.

"Entrementes, o segundo irmão viajou para a própria casa, onde vivia sozinho. Ali, tomou a pedra que tinha o poder de ressuscitar os mortos e virou-a três vezes na mão. Para sua surpresa e alegria, a figura de uma moça que tivera esperança de desposar antes de sua morte precoce surgiu instantaneamente diante dele.

"Contudo, ela estava triste e fria, como que separada dele por um véu. Embora tivesse retornado ao mundo dos mortais, seu lugar não era ali, e ela sofria. Diante disso, o segundo irmão, enlouquecido pelo desespero do desejo, matou-se para poder verdadeiramente se unir a ela.

"Então, a Morte levou o segundo irmão.

"Embora a Morte procurasse o terceiro irmão durante muitos anos, jamais conseguiu encontrá-lo. Somente quando atingiu uma idade avançada foi que o irmão mais moço despiu a Capa da Invisibilidade e deu-a de presente ao filho. Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado, e, iguais, partiram desta vida."

Hermione fechou o livro. Passou-se um momento até Xenofílio perceber que a garota

terminara a leitura, então desviou o olhar da janel
a e disse:
- Eis a explicação.
- Desculpe? - disse Hermione, parecendo confusa.

- Essas são as Relíquias da Morte - confirmou Xe
nofílio.
Ele apanhou uma pena na mesa atulhada de objetos
, ao lado do seu cotovelo, e puxou um
pedaço rasgado de pergaminho entre mais livros.
- A Varinha das Varinhas - disse ele, desenhando
uma linha vertical no pergaminho. - A
Pedra da Ressurreição. - E acrescentou um círculo n
o alto da linha. - A Capa da
Invisibilidade - terminou, circunscrevendo a linha
e o círculo em um triângulo, completando o
símbolo que tanto intrigara Hermione. - Juntas - di
sse ele -, as Relíquias da Morte.
- Mas não há menção das palavras "Relíquias da M
orte" na história - disse Hermione.
- Bem, é claro que não - respondeu Xenofílio, ir
ritantemente presunçoso. - Isso é uma
história para crianças, contada para divertir e nã
o para instruir. Aqueles de nós versados
nessas questões, porém, reconhecem que a história a
ntiga se refere a três objetos, ou
Relíquias, que, se unidas, tornarão o seu dono senh
or da Morte.
Fez-se um breve silêncio em que Xenofílio olhou
para fora. O sol já ia baixo no céu.
- Logo Luna terá dilátex suficientes - disse ele
, baixinho.
- Quando o senhor diz "senhor da Morte"... - com
eçou Rony.
- Senhor - explicou ele, acenando levemente com
a mão. - Conquistador. Vencedor. O
termo que você preferir.
- Mas então... o senhor quer dizer... - tornou
Hermione, lentamente, e Harry percebeu que
estava tentando eliminar qualquer vestígio de ceti
cismo de sua voz - que o senhor acredita que
esses objetos, essas Relíquias, realmente existem?

Xenofílio ergueu as sobrancelhas.
- Claro que sim.
- Mas - replicou Hermione, e Harry pôde ouvir a sua prudência começar a ruir -, sr. Lovegood, como é possível o senhor acreditar...?
- Luna me contou tudo sobre você, minha jovem - disse Xenofílio -, você é, pelo que entendi, inteligente, mas penosamente limitada. A mente estreita. Fechada.
- Talvez você devesse experimentar o chapéu, Hermione - sugeriu Rony, indicando com a cabeça o toucado ridículo. Sua voz tremia com o esforço para não rir.
- Sr. Lovegood - recomeçou Hermione. - Todos sabemos que Capas da Invisibilidade existem. São raras, mas existem. Mas...
- Ah, mas a terceira Relíquia é a verdadeira Capa da Invisibilidade, srta. Granger! Estou querendo dizer que não é uma capa de viagem impregnada com um Feitiço da Desilusão, ou dotada com uma Azaração de Ofuscamento, ou, ainda, tecida com pelo de seminviso, que, de início, ocultarão a pessoa, mas, com o tempo, se dissiparão até a capa se tornar opaca. Estamos falando de uma capa que real e verdadeiramente torna o seu usuário invisível, e dura para todo o sempre, ocultando-o de forma constante e impenetrável, seja quais forem os feitiços que se lancem sobre ela. Quantas capas assim já viu em sua vida, srta. Granger?
Hermione abriu a boca para responder e tornou a fechá-la, parecendo mais confusa que nunca. Ela, Harry e Rony se entreolharam, e Harry percebeu que estavam todos pensando a mesma coisa. Acontece que uma capa exatamente como a que Xenofílio acabara de descrever estava com eles ali na sala, naquele exato momento.

- Precisamente - concluiu Xenofílio, como se os tivesse vencido em uma discussão racional. - Nenhum de vocês jamais viu coisa igual. Seu dono seria desmesuradamente rico,

não é mesmo?
Ele tornou a olhar para a janela. O céu agora se tingia com levíssimos tons de rosa.
- Certo - disse Hermione desconcertada. - Digamos que a capa existisse... e a pedra, sr. Lovegood? Essa que o senhor chama de Pedra da Ressurreição?
- Que tem ela?
- Bem, como pode ser real?
- Prove que não é.
Hermione mostrou-se indignada.
- Mas isso... me desculpe, mas é completamente ridículo! Como é possível eu provar que não existe? O senhor espera que eu recolha... recolha todas as pedras do mundo e faça um teste com elas? Quero dizer, a pessoa poderia afirmar que qualquer coisa é real se a única base para se crer nela fosse ninguém ter provado a sua inexistência!
- Sim, poderia - disse Xenofílio. - Fico satisfeito de ver que a sua mente está um pouquinho mais receptiva.
- Então, a Varinha das Varinhas - perguntou Harry depressa, antes que Hermione pudesse objetar -, o senhor acha que também existe?
- Ah, bem, neste caso há inumeráveis vestígios. A Varinha das Varinhas é a Relíquia mais facilmente encontrável, pelo modo com que passa de mão em mão.
- E qual é? - perguntou Harry.
- O dono da varinha deve capturá-la do dono anterior, se quiser ser o seu verdadeiro senhor. Certamente, você já ouviu falar de como a varinha passou para Egberto, o Egrégio, depois que matou Emerico, o Mal, não? Como Godelot morreu em sua própria adega de vinhos depois que o filho, Hereward, lhe tomou a varinha? Do terrível Loxias, que se apossou da varinha de Barnabás Deverill, a quem matou? O rastro sangrento da Varinha das Varinhas mancha as páginas da história da magia.
Harry olhou para Hermione. Ela franzia a testa p

ara Xenofílio, mas não o contradisse.
- Então, onde o senhor acha que essa varinha est
á agora? - perguntou Rony.
- Ai de mim, quem sabe? - respondeu Xenofílio, e
spiando pela janela. - Quem sabe onde
se esconde a Varinha das Varinhas? O rastro se esfr
ia com Arco e Lívio. Quem sabe dizer
qual dos dois realmente derrotou Loxias e qual levo
u a varinha? E quem sabe dizer quem pode
tê-los derrotado? A história infelizmente não nos d
iz.
Houve uma pausa. Finalmente, Hermione perguntou
muito formalmente:
- Sr. Lovegood, a família Peverell tem alguma li
gação com as Relíquias da Morte?
Xenofílio pareceu surpreso, e alguma coisa se ag
itou na memória de Harry, mas ele não
conseguiu localizá-la. Peverell... ouvira aquele no
me antes...
- Mas você esteve me iludindo, minha jovem! - e
xclamou Xenofílio, agora se empertigando
na cadeira e arregalando os olhos para Hermione. -
Pensei que você fosse uma novata na
busca das Relíquias! Muitos de nós acreditam que o
s Peverell têm tudo, tudo!, a ver com as
Relíquias!
- Quem são os Peverell? - perguntou Rony.
- Esse era o nome no túmulo com a marca, em Godr
ic's Hollow - respondeu Hermione,
ainda observando Xenofílio. - Ignoto Peverell.
- Exatamente! - exclamou Xenofílio erguendo peda
ntemente o dedo indicador. - O símbolo
das Relíquias da Morte no túmulo de Ignoto é uma pr
ova conclusiva.
- De quê? - perguntou Rony.
- Ora, de que os três irmãos da história eram, n
a realidade, os três irmãos Peverell,
Antíoco, Cadmo e Ignoto! De que eles foram os prime
iros donos das Relíquias!
Com outra espiada para a janela, ele se levanto
u, apanhou a bandeja e se dirigiu à escada
em caracol.

- Vocês ficarão para jantar? - perguntou, ao des
aparecer mais uma vez no andar de baixo. -
Todo o mundo sempre pede a nossa receita de sopa de
 dilátex de água doce.
- Provavelmente para levar à enfermaria de Venen
os no St. Mungus - disse Rony, baixinho.
Harry esperou até ouvirem Xenofílio se movimenta
ndo na cozinha embaixo antes de falar.
- Que acha? - perguntou a Hermione.
- Ah, Harry - disse, preocupada -, isso é um mo
nte de besteiras. Não pode ser realmente o
significado do símbolo. Deve ser a versão excêntric
a dele. Que perda de tempo.
- Suponho que esse seja o homem que descobriu os
 Bufadores de Chifre Enrugado -
comentou Rony.
- Você também não acredita nele? - perguntou Har
ry ao amigo.
- Bah, essa história é uma dessas coisas que se
conta às crianças para ensinar lições de
vida, não é? Não saia procurando encrenca, não comp
re brigas, não mexa com coisas que é
melhor deixar em paz! Mantenha a cabeça abaixada, c
uide de sua vida e você viverá bem.
Pensando bem - acrescentou Rony -, talvez essa hist
ória seja para explicar por que varinhas
de sabugueiro dão azar.
- Do que você está falando?
- É uma dessas superstições, não? "Bruxa nascida
 em maio com trouxa irá casar." "Feitiço
ao anoitecer desfaz ao amanhecer." "Varinha de sab
ugueiro, azar o ano inteiro." Você já deve
ter ouvido. Minha mãe sabe uma porção.
- Harry e eu fomos criados por trouxas - lembrou
-lhe Hermione -, aprendemos outras
superstições. - Ela deu um profundo suspiro ao mesm
o tempo que um aroma penetrante subia
da cozinha. A única coisa boa em sua exasperação co
m Xenofílio foi que a fizera esquecer
que estava aborrecida com Rony. - Acho que você tem
 razão - disse-lhe. - É só um conto
moral, é óbvio qual é o melhor presente, qual a pes

soa escolheria...
Os três falaram ao mesmo tempo; Hermione disse "a capa", Rony, "a varinha", e Harry, "a pedra".
Eles se entreolharam com um ar de surpresa e divertimento.
- Eu sabia que você ia dizer capa - disse Rony a Hermione -, mas você não precisaria ser invisível, se tivesse a varinha. Uma varinha invencível, ah, Hermione, qual é!
- Já temos uma Capa da Invisibilidade - disse Harry.
- E tem nos ajudado um bocado, caso você não tenha reparado! - protestou Hermione. - Enquanto que a varinha só serviria para atrair encrencas...
- ... só se você ficasse anunciando - argumentou Rony. - Só se você fosse retardado e saísse dançando por aí, agitando a varinha no alto e cantando: "Tenho uma varinha invencível, venha enfrentá-la se acha que é fera." Desde que o cara ficasse de boca fechada...
- Sei, mas e o cara conseguiria ficar de boca fechada? - disse Hermione, com o ar cético. - Sabem, a única coisa verdadeira que ele nos disse foi que há centenas de anos contam-se histórias de varinhas extraordinariamente poderosas.
- Contam-se? - perguntou Harry.
Hermione demonstrou irritação: a expressão era tão carinhosamente conhecida de Harry e Rony que eles riram um para o outro.
- A Varinha da Morte e a Varinha do Destino surgem sob diferentes nomes através dos séculos, em geral, nas mãos de algum bruxo das Trevas que está se gabando de possuí-las. O professor Binns mencionou algumas, mas... ah, é tudo besteira. As varinhas são tão poderosas quanto o bruxo que as usa. Alguns só querem se gabar que a deles é maior e melhor que a dos outros.
- Mas como é que você sabe - indagou Harry - que

essas varinhas, a da Morte e a do
Destino, não são a mesma que reaparece através dos
séculos com nomes diferentes?

- E se todas forem realmente a Varinha das Varin
has fabricada pela Morte? - perguntou
Rony.

Harry riu: a ideia estranha que acabara de lhe o
correr era, afinal, ridícula. Sua varinha,
lembrou-se, tinha sido de azevinho e não de sabugue
iro, e fabricada por Olivaras, apesar do
que fizera naquela noite em que Voldemort o perseg
uira pelo céu. E se fosse invencível, como
poderia ter se partido?

- Então, por que você preferiu a pedra? - pergun
tou-lhe Rony.

- Bem, se fosse possível trazer as pessoas de v
olta, poderíamos ter Sirius... Olho-Tonto...
Dumbledore... meus pais...

Nem Rony nem Hermione sorriram.

- Mas, segundo Beedle, o bardo, eles não iriam
querer voltar, não é? - continuou Harry,
pensando no conto que tinham acabado de ouvir. - Su
ponho que não tenha havido muitas
histórias sobre uma pedra que é capaz de ressuscita
r os mortos, houve? - perguntou ele a
Hermione.

- Não - respondeu ela, triste. - Acho que ningué
m, exceto o sr. Lovegood, se iludiria
achando isso possível. Beedle, provavelmente, tiro
u a ideia da Pedra Filosofal; sabe, em vez
de uma pedra que o torna imortal, uma pedra que rev
erte a morte.

O aroma da cozinha se intensificava: lembrava cu
ecas queimadas. Harry se perguntou se
seria possível comer o suficiente da sopa que Xeno
fílio estava preparando para evitar magoá-
lo.

- Mas e a capa? - perguntou Rony, devagar. - Voc
ês não percebem que ele tem razão? Me
acostumei tanto a usar a capa do Harry e a achá-la
útil que nunca parei para pensar. Nunca
ouvi falar em outra igual a do Harry. É infalível.

Nunca nos detectaram embaixo dela...
- Claro que não: somos invisíveis embaixo dela, Rony!
- Mas todo o resto que ele disse sobre outras capas, e elas não custam exatamente dez por um nuque, você sabe que é verdade! Nunca me ocorreu antes, mas já ouvi falar de capas cujos feitiços desgastam com o tempo, ou são rompidas por feitiços que deixam buracos. A de Harry pertenceu ao pai dele, portanto, não é exatamente nova, não é, mas está... perfeita!
- Sei, tudo bem, mas, Rony, a pedra...
Enquanto discutiam aos cochichos, Harry andou pela sala prestando apenas meia atenção à conversa. Ao chegar à escada circular, ergueu os olhos distraidamente para o andar acima e se perturbou. O seu próprio rosto se refletia no teto do aposento.
Passado um momento de perplexidade, ele percebeu que não era um espelho, mas uma pintura. Curioso, começou a subir a escada.
- Harry, que é que está fazendo? Acho que você não devia ficar olhando a casa quando ele não está presente!
Harry, porém, já alcançara o andar de cima.
Luna decorara o teto do quarto dela com cinco rostos belamente pintados: Harry, Rony, Hermione, Gina e Neville. Eles não se moviam como os quadros de Hogwarts, mas, ainda assim, possuíam certa magia: Harry achou que respiravam. O que pareciam ser apenas finas correntes de ouro passadas em volta das imagens, entrecruzando-as, após um exame mais atento, Harry percebeu que formavam uma palavra, mil vezes repetida em tinta dourada: amigos... amigos... amigos...
Harry sentiu uma grande onda de afeição por Luna. Correu os olhos pelo quarto. Havia, ao lado da cama, uma grande foto de Luna criança, com uma mulher muito parecida com ela. Estavam abraçadas. A garota, muito mais bem cuidada nessa foto do que Harry jamais a vira

na vida. A foto estava empoeirada. Ele achou isso e
stranho. Olhou melhor o quarto.
Havia alguma coisa esquisita. O tapete azul-clar
o também estava coberto de poeira. Não
havia roupas no guarda-roupa, cujas portas estavam
entreabertas. A cama dava a impressão de
frieza e hostilidade, como se ninguém dormisse nela
havia semanas. Uma única teia de aranha
se estendia sobre a janela mais próxima, cortando o
céu tinto de sangue.
- Que aconteceu? - perguntou Hermione, quando Ha
rry desceu. Mas, antes que ele pudesse
responder, Xenofílio, vindo da cozinha, chegou ao ú
ltimo degrau, agora trazendo uma bandeja
carregada de tigelas.
- Sr. Lovegood - perguntou Harry. - Onde está Lu
na?
- Desculpe?
- Onde está Luna?
Xenofílio parou no patamar.
- Já... já lhe disse. Foi à Ponte de Baixo, pesc
ar dilátex.
- Então, por que preparou a bandeja apenas para
quatro?
Xenofílio tentou falar, mas não emitiu som algum
. O único ruído era o que vinha da máquina
impressora e uma leve vibração da bandeja quando as
mãos de Xenofílio tremeram.
- Acho que Luna não está em casa há semanas. As
roupas dela não estão aqui, a cama não
tem sido usada. Onde está? E por que o senhor fica
todo o tempo olhando para a janela?
Xenofílio deixou cair a bandeja: as tigelas bala
nçaram e quebraram. Harry, Rony e
Hermione sacaram as varinhas: o bruxo congelou, a m
ão quase alcançando o bolso. Naquele
momento, a prensa produziu um enorme estrépito e vá
rios exemplares d'O Pasquim
começaram a descer da máquina para o chão por baixo
da toalha; a prensa finalmente
silenciou. Hermione se abaixou e apanhou uma revis
ta, a varinha ainda apontando para o sr.

Lovegood.
- Harry, veja isso.
Ele se aproximou o mais rápido que pôde desviando dos numerosos objetos. A capa d'O Pasquim tinha a sua foto, cortada pelas palavras Indesejável Número Um e, na legenda, o prêmio por sua captura.
- O Pasquim vai mudar de diretriz, então? - perguntou Harry, com frieza, seu cérebro funcionando agilmente. - Era isso que o senhor estava fazendo quando foi ao jardim, sr. Lovegood? Enviando uma coruja ao Ministério?
Xenofílio umedeceu os lábios.
- Eles levaram a minha Luna - sussurrou. - Por causa do que andei escrevendo. Levaram minha Luna e não sei onde está, o que fizeram com ela. Mas talvez me devolvam minha filha se eu... se eu...
- Entregar Harry Potter? - Hermione terminou a frase por ele.
- Nada feito - disse Rony, taxativo. - Saia da frente, estamos indo embora.
Xenofílio ficou lívido, um século mais velho, seus lábios se repuxaram em um pavoroso esgar.
- Estarão aqui a qualquer momento. Preciso salvar Luna. Não posso perder Luna. Vocês não devem ir.
Ele abriu os braços diante da escada, e Harry teve uma súbita visão de sua mãe fazendo o mesmo diante do seu berço.
- Não nos obrigue a feri-lo - disse Harry. - Saia do caminho, sr. Lovegood.
- HARRY! - gritou Hermione.
Vultos montados em vassouras passaram voando pelas janelas. No momento em que a atenção dos três se desviou, Xenofílio sacou a varinha. Harry percebeu o erro ainda em tempo: atirou-se de lado, empurrando Rony e Hermione para longe quando o Feitiço Estuporante voou pela sala e atingiu o chifre de erumpente.

Houve uma explosão descomunal. O som produzido p
areceu destruir a sala: pedaços de
madeira e papel e entulho voaram em todas as direçõ
es, erguendo uma nuvem impenetrável de
densa poeira branca. Harry foi arremessado no ar e
, em seguida, se estatelou no chão, cego
pelos destroços que choviam sobre ele, os braços pr
otegendo a cabeça. Ele ouviu Hermione
gritar, o berro de Rony e uma série de nauseantes b
aques metálicos, que indicavam que a
explosão arrebatara Xenofílio do chão e o atirara d
e costas escada abaixo.

Meio soterrado pelo entulho, Harry tentou se le
vantar: mal conseguia respirar ou enxergar
por causa da poeira. Metade do teto cedera e uma pa
rte da cama de Luna pendia pelo rombo.
O busto de Rowena Ravenclaw jazia ao seu lado com m
etade do rosto destruído, fragmentos
de pergaminho flutuavam no ar e a maior parte da pr
ensa tombara de lado, bloqueando a
escada para a cozinha. Então, outra forma branca se
 aproximou e Hermione, coberta de poeira
como uma segunda estátua, levou o dedo aos lábios.

A porta no térreo foi posta abaixo.

- Não lhe disse que não precisávamos ter pressa
, Travers? - disse uma voz áspera. - Não
lhe disse que esse matusquela estava delirando como
 sempre?

Houve um estampido e o grito de dor de Xenofílio
.

- Não... não... lá em cima... Potter.

- Eu lhe disse na semana passada, Lovegood, que
 não viríamos a não ser que você tivesse
alguma informação concreta! Lembra-se da semana pas
sada? Quando você quis trocar a sua
filha por aquela bosta daquele toucado idiota? E n
a semana anterior (outro estampido, mais
um guincho), quando você achou que nós a devolvería
mos se você oferecesse prova de que
existem Bufadores (estampido) de Chifre (estampido)
 Enrugado?

- Não... não... eu suplico! - soluçou Xenofílio.

- É realmente Potter! Verdade!
- E agora vemos que só nos chamou aqui para tentar nos explodir! - rugiu o Comensal da Morte, e ouviu-se uma rajada de estampidos entremeados por guinchos agônicos de Xenofílio.
- A casa parece que vai desabar, Selwyn - disse outra voz calma, que ecoou pela escada desconjuntada. - A escada está totalmente bloqueada. Posso tentar desobstruí-la? Talvez a casa desabe de vez.
- Seu mentiroso nojento - gritou o bruxo chamado Selwyn. - Você nunca viu Potter na vida, viu? Pensou em nos atrair aqui para nos matar, foi? E acha que vamos lhe devolver sua filha assim?
- Juro... juro... Potter está lá em cima!
- Homenum revelio! - disse a voz ao pé da escada.
Harry ouviu Hermione ofegar e teve a estranha sensação de que alguma coisa estava mergulhando sobre ele, absorvendo seu corpo na própria sombra.
- Tem alguém lá em cima, sim, Selwyn - disse o segundo homem, bruscamente.
- É Potter, estou lhes dizendo, é Potter! - soluçou Xenofílio. - Por favor... por favor... me tragam Luna, me devolvam Luna...
- Você terá a sua filhinha, Lovegood - disse Selwyn -, se subir essa escada e me trouxer Harry Potter. Mas, se isto for uma conspiração, se for um truque, se tiver um cúmplice esperando lá em cima para nos atacar, tentaremos guardar um pedacinho de sua filha para você enterrar.
Xenofílio soltou um grito de medo e desespero. Ouviram-se passos apressados e coisas sendo arrastadas: Xenofílio estava tentando passar pelos destroços na escada.
- Vamos - sussurrou Harry -, temos que dar o fora daqui.
Ele começou a se desenterrar acobertado pelo barulho que Xenofílio fazia na escada. Rony

era quem estava enterrado mais fundo: Harry e Herm
ione subiram, o mais silenciosamente que
puderam, nos destroços em que ele jazia e tentaram
retirar uma pesada cômoda de cima de
suas pernas. Quando as batidas e arrastos de Xenofí
lio foram se tornando mais próximos,
Hermione conseguiu soltar Rony com o auxílio de um
Feitiço de Levitação.

- Tudo bem - sussurrou Hermione, quando a prensa
quebrada que bloqueava o alto da
escada começou a estremecer; Xenofílio estava apena
s a alguns passos. A garota continuava
branca de poeira. - Você confia em mim, Harry?

Harry assentiu.

- O.k., então - murmurou Hermione -, me dê a Cap
a da Invisibilidade. Rony, você vai
vesti-la.

- Eu? Mas Harry...

- Por favor, Rony! Harry, aperte a minha mão, Ro
ny, segure o meu ombro.

Harry estendeu a mão esquerda. Rony desapareceu
sob a capa. A prensa que bloqueava a
escada sacudia: Xenofílio tentava removê-la usando
o Feitiço de Levitação. Harry não sabia o
que Hermione estava aguardando.

- Segurem firme - sussurrou ela. - Segurem firme
... a qualquer segundo agora...

O rosto de Xenofílio, branco como um papel, apar
eceu por cima da superfície do aparador.

- Obliviate! - ordenou Hermione, apontando a var
inha, primeiro para o rosto dele e, em
seguida, para o andar de baixo: - Deprimo!

Ela acabara de explodir uma abertura no soalho d
a sala de visitas. Eles caíram como
pedras, Harry ainda segurando a mão da amiga, como
se disso dependesse sua vida, ouviram
um grito embaixo e o garoto vislumbrou dois homens
tentando escapar da vasta quantidade de
entulho e móveis quebrados, que choveram sobre eles
do teto despedaçado. Hermione
rodopiou no ar e o ribombar da casa desabando ecoou
em seus ouvidos enquanto a amiga

arrastava-o mais uma vez para a escuridão.

-- CAPÍTULO VINTE E DOIS --
As Relíquias da Morte

Harry caiu, arquejando no capim, e se levantou depressa. Pareciam ter aparatado no canto de um campo ao anoitecer; Hermione já estava correndo em círculo à volta deles, gesticulando com a varinha.

- Protego totalum... Salvio hexia...

- Aquele parasita traiçoeiro! - arfou Rony, saindo debaixo da Capa da Invisibilidade e atirando-a para Harry. - Hermione, você é um gênio, um gênio completo, nem acredito que nos safamos!

- Cave inimicum... eu não disse que era chifre de erumpente? Não disse? Agora a casa dele explodiu!

- Bem feito - comentou Rony, examinando o jeans rasgado e os cortes nas pernas. - Que acha que farão com ele?

- Ah, espero que não o matem! - gemeu Hermione. - Foi por isso que eu quis que os Comensais da Morte vissem o Harry antes de sairmos, para saberem que o Xenofílio não estava mentindo!

- Mas por que me esconder? - perguntou Rony.

- Porque acham que você está de cama com sarapintose, Rony! Eles sequestraram Luna porque o pai apoiava Harry! Que aconteceria com a sua família se soubessem que você está com ele?

- Mas e os seus pais?

- Estão na Austrália - respondeu Hermione. - Devem estar bem. Não sabem de nada.

- Você é um gênio - repetiu Rony, assombrado.

- E é mesmo, Hermione - concordou Harry, com fervor. - Não sei o que faríamos sem você.

Seu rosto se iluminou sorridente, mas imediatamente ficou sério.

- E a Luna?

- Bem, se eles estiverem dizendo a verdade e ela

ainda estiver viva... - começou Rony.
- Não diga isso, não diga isso! - guinchou Herm
ione. - Ela precisa estar viva, precisa!
- Então estará em Azkaban, suponho - disse Rony.
- Mas, se vai sobreviver à prisão...
muita gente não...
- Vai sobreviver - afirmou Harry. Ele não supor
taria pensar na alternativa. - Ela é durona,
a Luna, muito mais do que se imaginaria. Provavelme
nte está ensinando aos companheiros de
prisão tudo a respeito de zonzóbulos e narguilés.
- Espero que você tenha razão - disse Hermione.
E passou as mãos pelos olhos. - Eu teria
tanta pena de Xenofílio se...
- ... se não tivesse acabado de tentar nos vende
r para os Comensais da Morte, sim -
completou Rony.
Os garotos armaram a barraca e se retiraram par
a o seu interior, onde Rony preparou o chá
para todos. Depois de se salvarem por um triz, a ba
rraca fria e bolorenta parecia um lar,
seguro, familiar e amigo.
- Ah, por que fomos lá? - gemeu Hermione, depoi
s de alguns minutos de silêncio. - Harry
estava certo, foi uma repetição de Godric's Hollow,
uma completa perda de tempo! As
Relíquias da Morte... quanta besteira... embora - u
m pensamento repentino parecia ter lhe
ocorrido - aquilo possa ser tudo invenção dele, não
? Provavelmente não acredita nem um
pouco nessas Relíquias, só queria nos dar corda até
os Comensais da Morte chegarem!
- Acho que não - disse Rony. - É muito mais dif
ícil inventar histórias quando se está sob
pressão do que vocês imaginam. Descobri isso quando
os sequestradores me pegaram. Foi
muito mais fácil fingir que era o Lalau, porque eu
conhecia alguma coisa sobre ele, do que
inventar alguém inteiramente novo. O velho Lovegoo
d estava sob uma baita pressão, tentando
garantir que não fôssemos embora. Acho que nos cont
ou a verdade, ou o que ele pensa que

seja a verdade, só para sustentar a conversa.
- Bem, suponho que não faça diferença - suspirou Hermione. - Mesmo que estivesse sendo sincero, nunca ouvi tanto absurdo na minha vida.
- Mas calma aí - replicou Rony. - Também dissera m que a Câmara Secreta era um mito, não foi?
- Mas as Relíquias da Morte não podem existir, R ony!
- Você não para de dizer isso, mas uma delas po de. A Capa da Invisibilidade do Harry...
- "O conto dos três irmãos" é uma história - dis se Hermione, com firmeza. - Uma história sobre o medo que os seres humanos têm da morte. Se sobreviver fosse tão simples quanto se esconder sob a Capa da Invisibilidade, já teríamos tudo de que precisamos!
- Não sei. Uma varinha invencível seria de bom t amanho - disse Harry, girando entre os dedos a varinha de ameixeira-brava que tanto detest ava.
- Isso não existe, Harry!
- Você disse que tem havido uma quantidade de va rinhas: a Varinha da Morte ou que nome tenham...
- Tudo bem, mesmo que você queira se iludir, a V arinha das Varinhas é real, e a Pedra da Ressurreição? - Ela desenhou com os dedos pontos de interrogação em torno do nome, e seu tom escorria sarcasmo. - Não hámagia que possa ress uscitar os mortos, e pronto!
- Quando a minha varinha entrou em contato com a de Você-Sabe-Quem, minha mãe e meu pai apareceram... e Cedrico...
- Mas não voltaram realmente do além, não é? - d isse Hermione. - Essas pálidas imitações não são pessoas de fato ressuscitadas.
- Mas ela, a garota da história, não voltou de v erdade, voltou? A história diz que uma vez que a pessoa morre, seu lugar é junto aos mortos. Mas o segundo irmão ainda chegou a vê-la e a falar com ela, não foi? Até conviveu com ela por

algum tempo...
Harry viu preocupação e outra coisa menos facilmente definível na expressão de Hermione. Então, quando a garota olhou para Rony, ele percebeu que era medo: Harry a deixara apavorada com essa conversa de viver com gente morta.
- Então, aquele tal Peverell que está enterrado em Godric's Hollow - acrescentou, depressa, tentando parecer irredutivelmente são -, você não sabe nada dele?
- Não - respondeu Hermione, parecendo aliviada com a mudança de assunto. - Procurei o nome dele depois que vi a marca no túmulo; se tivesse sido alguém famoso ou feito alguma coisa importante, estaria em um dos nossos livros. O único lugar em que consegui encontrar o nome "Peverell" foi em A nobreza natural: uma genealogia dos bruxos. Pedi o livro emprestado a Monstro - explicou quando Rony ergueu as sobrancelhas. - Lista as famílias de sangue puro que agora estão extintas pela linhagem masculina. Aparentemente, a família Peverell foi uma das primeiras.
- Extintas pela linhagem masculina? - repetiu Rony.
- Quero dizer que o nome morreu - explicou Hermione -, há séculos, no caso dos Peverell. Mas eles talvez ainda tenham descendentes, sob um nome diferente.
Então ocorreu a Harry, com absoluta clareza, a lembrança que fora despertada com a menção do nome Peverell: um velho imundo brandindo um feio anel na cara do funcionário do Ministério, e ele exclamou em voz alta:
- Servolo Gaunt!
- Desculpe? - disseram Rony e Hermione ao mesmo tempo.
- Servolo Gaunt! O avô de Você-Sabe-Quem! Na Penseira! Com Dumbledore! Servolo Gaunt disse que descendia dos Peverell!
Rony e Hermione pareciam perplexos.

- O anel, o anel que virou uma Horcrux, Servolo Gaunt disse que tinha o brasão dos Peverell nele! Eu o vi sacudindo o anel na cara do funcionário do Ministério, quase o enfiou no nariz do homem!

- O brasão dos Peverell? - perguntou Hermione, vivamente. - Você viu como era?

- Na verdade, não - respondeu Harry, tentando lembrar. - Pelo que pude ver, não tinha nenhum ornato; talvez alguns riscos. Eu só o vi realmente de perto depois de rachado.

Harry percebeu a compreensão nos olhos subitamente arregalados de Hermione. Rony olhava de um para outro, abismado.

- Caramba... vocês acham que foi o mesmo símbolo outra vez? O símbolo das Relíquias?

- Por que não? - perguntou Harry agitado. - Servolo Gaunt era um babaca velho e ignorante que vivia como um porco, e só se importava com a sua ancestralidade. Se aquele anel tivesse sido legado através dos séculos, ele talvez nem conhecesse realmente o seu valor. Não havia livros naquela casa e, pode crer, ele não era do tipo que lê contos de fadas para os filhos. Teria gostado de pensar que os riscos na pedra eram um brasão porque, na cabeça dele, ter sangue puro transformava a pessoa praticamente em realeza.

- Sei... e isso é tudo muito interessante - disse Hermione, cautelosa -, mas, Harry, se você estiver pensando o que eu acho que está pensando...

- E por que não? Por que não? - perguntou Harry, abandonando a cautela. - Era uma pedra, não era? - Ele olhou para Rony em busca de apoio. - E se fosse a Pedra da Ressurreição?

O queixo de Rony despencou.

- Caramba... mas será que ainda funcionaria, se Dumbledore o rachou...

- Funcionaria? Funcionaria? Rony, nunca funcionou! Não existe Pedra da Ressurreição! -

Hermione se erguera de um pulo, parecendo impacient
e e zangada. - Harry, você está tentando
encaixar tudo na história das Relíquias...
- Encaixar tudo? Hermione, tudo se encaixa sozin
ho! Sei que o símbolo das Relíquias da
Morte estava naquela pedra! Gaunt disse que descend
ia dos Peverell!
- Um minuto atrás você disse que nunca viu direi
to o símbolo que havia na pedra!
- Onde acha que o anel está agora? - perguntou R
ony a Harry. - Que foi que Dumbledore
fez com ele depois que o rachou?
Mas a imaginação de Harry já voava adiante, muit
o além da de Rony e Hermione...
Três objetos, ou Relíquias, que, se unidas, torn
arão o seu dono senhor da Morte...
senhor... conquistador... vencedor... Ora, o último
 inimigo que há de ser aniquilado é a
morte...
E ele se viu possuidor das Relíquias, enfrentand
o Voldemort, cujas Horcruxes não eram
páreo... nenhum poderá viver enquanto o outro sobr
eviver... seria essa a resposta? Relíquias
contra Horcruxes? Haveria afinal uma forma de gara
ntir que ele é quem triunfaria? Se fosse o
senhor das Relíquias da Morte, seria salvo?
- Harry?
Ele, porém, nem ouvia Hermione: tinha apanhado a
 Capa da Invisibilidade e corria os
dedos por ela, o tecido maleável como água, leve co
mo o ar. Ele nunca vira nada igual em
seus quase sete anos no mundo bruxo. A capa era ex
atamente o que Xenofílio descrevera: uma
capa que real e verdadeiramente torna o seu usuário
 invisível, e dura para todo o sempre,
ocultando-o de forma constante e impenetrável, seja
 quais forem os feitiços que se lancem
sobre ela.
Então, com uma exclamação, ele se lembrou...
- Dumbledore estava com a minha capa, na noite e
m que meus pais morreram!
Sua voz tremeu e ele sentiu o sangue afluir ao s

eu rosto, mas não ligou.
- Minha mãe disse a Sirius que Dumbledore tinha pedido a capa emprestada! Foi para isso! Queria examiná-la, porque achava que fosse a terceira Relíquia! Ignoto Peverell está enterrado em Godric's Hollow... - Harry andava às cegas pela barraca, sentindo que se abriam novos horizontes de verdade para todos os lados. - Ele é meu antepassado! Descendo do terceiro irmão! Tudo faz sentido!
Sentiu-se armado de certeza em sua crença nas Relíquias, como se a simples ideia de possuí-las o protegesse, e se sentia exultante quando se voltou para os outros dois.
- Harry - tornou a chamar Hermione, mas ele estava ocupado, desamarrando a bolsa ao seu pescoço, seus dedos muito trêmulos.
- Leia isso - disse à amiga, empurrando a carta da mãe nas mãos dela. - Leia! Dumbledore estava com a capa, Hermione! Para que mais ele iria querêla? Ele não precisava de uma capa, era capaz de lançar um Feitiço da Desilusão tão poderoso que se tornava completamente invisível sem vestir nada!
Alguma coisa caiu no chão e rolou, reluzindo, para baixo de uma poltrona: deslocara o pomo de ouro junto com a carta. Harry se abaixou para apanhá-lo. Então, a recém-aberta fonte de fabulosas descobertas lhe atirou mais uma dádiva, e o choque e o assombro irromperam nele, fazendo-o gritar:
- ESTÁ AQUI DENTRO! Ele me deixou o anel... está no pomo de ouro!
- Você... você acha?
Ele não conseguiu entender por que Rony parecia tão surpreso. Era tão óbvio, tão claro para Harry: tudo se encaixava, tudo... sua capa era a terceira Relíquia e, quando ele descobrisse como abrir o pomo, teria a segunda, e depois só precisaria encontrar a primeira Relíquia, a Varinha das Varinhas, e então...
Foi como se a cortina descesse sobre um palco i

luminado: toda a sua excitação, toda a sua esperança e felicidade se extinguiram de um golpe, e ele ficou parado no escuro, e o glorioso encantamento se rompeu.

- É isso que ele está procurando!

A mudança no seu tom de voz fez Rony e Hermione parecerem ainda mais apavorados.

- Você-Sabe-Quem está procurando a Varinha das Varinhas.

Harry deu as costas para os rostos incrédulos e tensos dos amigos. Sabia que era verdade. Tudo fazia sentido. Voldemort não estava procurando uma nova varinha; estava procurando uma velha varinha, de fato muito velha. Harry se encaminhou para a entrada da barraca, esquecido de Rony e Hermione, e contemplou a noite, refletindo...

Voldemort fora criado em um orfanato trouxa. Ninguém teria lhe falado sobre Os contos de Beedle, o bardo quando era criança, da mesma forma que Harry nunca ouvira falar deles. Poucos bruxos acreditavam nas Relíquias da Morte. Seria provável que Voldemort soubesse de sua existência?

Harry perscrutou a escuridão... se Voldemort tivesse sabido das Relíquias da Morte, certamente as teria procurado, e feito qualquer coisa para possuí-las: três objetos que tornavam o seu dono senhor da Morte? Se tivesse ouvido falar das Relíquias, talvez nem tivesse precisado das Horcruxes para começar. Será que o simples fato de ter pego uma Relíquia para transformá-la em uma Horcrux não demonstrava que ele não conhecia esse grande segredo do mundo bruxo?

Isto significava que Voldemort estava procurando a Varinha das Varinhas sem compreender o seu total poder, sem saber que era uma das três... pois a varinha era uma Relíquia que não poderia ser escondida, cuja existência era a que se conhecia melhor... o rastro sangrento da Varinha das Varinhas mancha as páginas da história

da magia.
Harry fitou o céu nublado, curvas de prata e cinza-enfumaçado deslizando pela face branca da lua. Sentiu-se delirante de assombro com as suas descobertas.
Tornou a entrar na barraca. Foi um choque ver Rony e Hermione parados exatamente onde os deixara, Hermione ainda segurando a carta de Lílian, Rony a seu lado, ligeiramente ansioso. Será que não percebiam o quanto tinham avançado nos últimos minutos?
- É isso aí - anunciou Harry, tentando atraí-los para o fulgor de sua espantosa certeza. - Isto explica tudo. As Relíquias da Morte são reais, e tenho uma... talvez duas...
Ele mostrou o pomo de ouro.
- ... e Você-Sabe-Quem está procurando a terceira, mas ele não sabe... acha que é apenas uma varinha poderosa...
- Harry - disse Hermione, aproximando-se dele e devolvendo a carta de Lílian -, lamento, mas acho que você entendeu errado, tudo errado.
- Mas você não está vendo? Tudo se encaixa...
- Não, não se encaixa. Não se encaixa, Harry, você está se deixando levar por seu entusiasmo. Por favor - disse Hermione, quando ele começou a falar -, por favor, me responda apenas uma coisa. Se as Relíquias da Morte realmente existissem e Dumbledore soubesse disso, soubesse que a pessoa que possuísse as três seria o senhor da Morte... Harry, por que não lhe teria dito isso? Por quê?
Ele tinha a resposta.
- Foi você quem disse, Hermione! Tenho que encontrar as Relíquias sozinho! É uma busca!
- Mas eu só disse isso para convencer você a procurar os Lovegood! - exclamou Hermione, exasperada. - Não acreditava realmente em Relíquias!
Harry não lhe deu atenção.
- Dumbledore normalmente me deixava descobrir as coisas sozinho. Ele me deixava

experimentar a minha força, correr riscos. Isso me parece o tipo de coisa que ele faria.

- Harry, isso não é um jogo, não é um treino! É para valer, e Dumbledore lhe deixou instruções claras: encontre e destrua as Horcruxes ! O símbolo não significa nada, esqueça as Relíquias da Morte, não podemos nos desviar...

Harry mal a escutava. Virava e revirava o pomo de ouro nas mãos, em uma semiexpectativa de que o objeto se abrisse, revelasse a Pedra da R essurreição, provasse à Hermione que ele tinha razão, que as Relíquias da Morte eram reais.

Ela apelou para Rony.

- Você não acredita nisso, acredita?

Harry ergueu a cabeça. Rony hesitou.

- Não sei... quero dizer... tem umas coisinhas q ue se encaixam - respondeu ele, sem graça. - Mas quando examinamos o conjunto... - Ele inspiro u profundamente. - Acho que temos que nos livrar das Horcruxes, Harry. Foi o que Dumbled ore nos disse para fazer. Talvez... talvez a gente deva esquecer essa história de Relíquias.

- Obrigada, Rony - disse Hermione. - Farei a pri meira vigia.

E ela passou por Harry a passo firme e se sento u à entrada da barraca, transformando esse ato em um veemente ponto final.

Harry, no entanto, mal dormiu aquela noite. A id eia das Relíquias da Morte tinha se apoderado dele, e não o deixou descansar porque so nhos agitados espiralavam por sua mente: a varinha, a pedra e a capa, se ao menos pudesse po ssuir as três...

Abro no fecho... mas o que era esse "fecho"? Po r que não poderia ter a pedra agora? Se ao menos tivesse a pedra, poderia fazer essas pergunta s a Dumbledore pessoalmente... e, no escuro, Harry murmurou palavras para o pomo, tenta ndo tudo, até ofidioglossia, mas a bolinha de ouro não se abriu...

E a varinha, a Varinha das Varinhas, onde se esc ondia? Onde Voldemort a estaria

procurando agora? Harry desejou que sua cicatriz a
rdesse e lhe mostrasse os pensamentos de
Voldemort, porque, pela primeira vez na vida, os do
is estavam unidos no mesmo desejo...
Hermione, é claro, não gostaria dessa ideia... mas,
 por outro lado, ela não acreditava...
Xenofílio de certa forma tivera razão... Limitada.
A mente estreita. Fechada. A verdade é que
ela estava apavorada com a ideia das Relíquias da M
orte, principalmente com a Pedra da
Ressurreição... e Harry tornou a comprimir a boca c
ontra o pomo, beijando-o, quase
engolindo-o, mas o frio metal não cedeu...

Já estava quase amanhecendo quando se lembrou de
 Luna, sozinha em uma cela em
Azkaban, cercada por dementadores, e de repente sen
tiu-se envergonhado. Esquecera-se da
amiga em sua febril contemplação das Relíquias. Se
ao menos pudessem salvá-la, mas
dementadores tão numerosos seriam virtualmente ina
tacáveis. Agora que pensava nisso, ainda
não experimentara conjurar um Patrono com a varinha
 de ameixeira-brava... precisava fazê-lo
pela manhã...

Se ao menos houvesse um jeito de obter uma varin
ha melhor...

E o desejo pela Varinha das Varinhas, a Varinha
 da Morte, imbatível, invencível, devorou-
o mais uma vez...

Eles levantaram acampamento na manhã seguinte e
continuaram viagem em meio a um
monótono aguaceiro. A chuva os acompanhou até o lit
oral, onde acamparam aquela noite, e
continuaram a semana inteira atravessando paisagen
s encharcadas, que Harry achou desoladas
e deprimentes. Seu único pensamento eram as Relíqui
as da Morte. Era como se tivessem
acendido uma chama dentro dele que nada, nem a cate
górica descrença de Hermione nem as
persistentes dúvidas de Rony, conseguiria extinguir
. Contudo, quanto maior a intensidade do
desejo pelas Relíquias, menos alegre ele se tornava

. Harry culpava Rony e Hermione: sua
decidida indiferença era tão ruim quanto a chuva i
ncessante para aguar o seu ânimo. Nenhum
deles, no entanto, conseguia corroer sua certeza, q
ue continuava absoluta. A crença do garoto
nas Relíquias e o seu desejo de possuí-las o consu
miam de tal modo que ele se sentia isolado
dos amigos e sua obsessão pelas Horcruxes.

- Obsessão?! - exclamou Hermione, em um tom baix
o e furioso, quando Harry se descuidou
e usou essa palavra certa noite, depois que a amig
a o censurara pela falta de interesse em
localizar outras Horcruxes. - Não somos nós que tem
os uma obsessão, Harry! Somos nós que
estamos tentando fazer o que Dumbledore queria que
fizéssemos!

O garoto, porém, ficou insensível à crítica vela
da. Dumbledore deixara o símbolo das
Relíquias para Hermione decifrar e, em sua persiste
nte convicção, deixara a Pedra da
Ressurreição escondida no pomo de ouro. Nenhum pode
rá viver enquanto o outro
sobreviver... senhor da Morte... por que Rony e Her
mione não entendiam?

- Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado
é a morte - citou Harry, calmamente.

- Pensei que fosse Você-Sabe-Quem que devíamos e
star combatendo - retorquiu Hermione,
e Harry desistiu de convencê-la.

Mesmo o mistério da corça prateada, que os outro
s dois insistiam em discutir, parecia
menos importante a Harry agora, uma atração secundá
ria vagamente interessante. A única
outra coisa que lhe importava era que sua cicatriz
recomeçara a formigar, embora ele fizesse o
possível para esconder o fato dos amigos. Procurav
a a solidão sempre que aquilo acontecia,
mas ficava desapontado com o que via. A qualidade d
as visões que Voldemort partilhava com
ele tinha se alterado; elas haviam se tornado borra
das, oscilantes, como se entrassem e
saíssem de foco. Harry conseguia apenas divisar as

formas indistintas de um objeto que
parecia um crânio, e algo como uma montanha, mais s
ombra do que substância. Acostumado a
imagens nítidas como a realidade, ficou desapontado
 com a mudança. Preocupava-se que a
ligação entre ele e Voldemort tivesse se danificado
, uma ligação que ambos temiam e ele
valorizava, a despeito do que dissera a Hermione. P
or alguma razão, Harry vinculava essas
imagens vagas e pouco satisfatórias à destruição de
 sua varinha, como se fosse culpa da
varinha de ameixeira-brava ele não poder mais pene
trar a mente de Voldemort tão bem quanto
antes.

À medida que as semanas passavam imperceptíveis,
 Harry não pôde deixar de notar,
mesmo através de sua abstração, que Rony parecia es
tar assumindo as responsabilidades.
Talvez porque estivesse resolvido a compensar o fa
to de tê-los abandonado; talvez porque a
apatia de Harry galvanizasse suas qualidades latent
es de liderança, Rony era quem estava
encorajando e exortando os amigos à ação.

- Faltam três Horcruxes - não cansava de repetir
. - Precisamos de um plano de ação,
vamos! Onde ainda não procuramos? Vamos repassar. O
 orfanato...

O Beco Diagonal, Hogwarts, a Casa dos Riddle, Bo
rgin & Burkes, Albânia, todo lugar,
onde sabiam que Tom Riddle morara ou trabalhara, e
stivera de visita ou matara alguém, Rony
e Hermione escarafunchavam, e Harry participava ape
nas para Hermione não aborrecê-lo.
Teria se contentado em se sentar sozinho em silênci
o, tentando ler os pensamentos de
Voldemort, procurando descobrir mais alguma coisa s
obre a Varinha das Varinhas, mas Rony
simplesmente insistia em se deslocar para lugares c
ada vez mais improváveis, e Harry
percebia que era para mantê-los em movimento.

- Nunca se sabe - era o constante refrão de Ron
y. - Upper Flaguey é uma aldeia bruxa, ele

pode ter querido morar lá. Vamos dar uma olhada.

Essas frequentes surtidas em território bruxo os levavam ocasionalmente a avistar sequestradores.

- Dizem que alguns são tão maus quanto Comensais da Morte - comentou Rony. - Os que me pegaram eram meio patéticos, mas Gui acha que alguns são realmente perigosos. Disseram no Observatório Potter...

- No quê? - perguntou Harry.

- Observatório Potter, não disse a vocês que esse era o nome? Do programa que estou sempre tentando sintonizar no rádio, o único que diz a verdade sobre o que está acontecendo! Quase todos os programas estão seguindo a diretriz de Você-Sabe-Quem, todos exceto o Observatório Potter. Eu realmente queria que vocês ouvissem, mas é difícil sintonizar...

Rony passou a noite usando a varinha para batucar vários ritmos na caixa do rádio, fazendo os botões girar. Ocasionalmente, pegava trechos de conselhos para tratar varíola de dragão, e uma vez, alguns compassos de "Um caldeirão de amor quente e forte". Enquanto batucava, Rony tentava acertar a senha, murmurando sequências aleatórias de palavras.

- Normalmente, a senha é uma referência a alguma coisa da Ordem. Gui tinha realmente o dom de adivinhá-las. Vou acabar encontrando...

Somente em março, a sorte, finalmente, favoreceu Rony. Harry estava sentado à entrada da barraca, de vigia, olhando distraidamente para uma moita de muscaris que tinham rompido o solo gelado, quando Rony gritou animadamente do interior da barraca.

- Achei, achei! A senha era "Alvo"! Entra aqui, Harry!

Despertado pela primeira vez, em dias, de sua contemplação das Relíquias da Morte, Harry entrou rápido na barraca e encontrou Rony e Hermione ajoelhados no chão ao lado do pequeno rádio. Hermione, que dava brilho na espada

de Gryffindor só para se ocupar, estava
sentada boquiaberta, olhando para o minúsculo objet
o, que irradiava uma voz muito
conhecida.
- ... pedimos desculpas por nossa temporária aus
ência do éter, por força de várias
visitas dos encantadores Comensais da Morte em noss
a área.
- Nossa é o Lino Jordan! - exclamou Hermione.
- Eu sei! - confirmou Rony com um grande sorriso
. - Legal, não?
- ... agora encontramos um novo local seguro - i
a dizendo Lino - e tenho o prazer de
informar que dois dos nossos colaboradores regulare
s estão hoje aqui conosco. Noite,
rapazes!
- Oi.
- Noite, River.
- River, é o Lino - explicou Rony. - Todos têm
codinomes, mas em geral dá para sacar...
- Psiu! - fez Hermione.
- Mas antes de ouvir as novidades de Royal e Rom
ulus - continuou Lino - vamos tirar um
minuto para noticiar as mortes que a Rede de Rádio
Bruxa e o Profeta Diário não acham
importante mencionar. É com grande pesar que inform
amos aos nossos ouvintes os
assassinatos de Ted Tonks e Dirk Cresswell.
Harry sentiu uma náusea despencar em suas entran
has. Ele, Rony e Hermione se
entreolharam horrorizados.
- Um duende de nome Gornope também foi morto. Ac
redita-se que o nascido trouxa Dino
Thomas e um segundo duende, que estariam viajando c
om Ted Tonks, Cresswell e Gornope,
possam ter escapado. Se Dino estiver nos ouvindo, o
u se alguém tiver conhecimento do seu
paradeiro, seus pais e irmãs estão desesperados por
notícias.
"Enquanto isso, em Gaddley, uma família de troux
as de cinco pessoas foi encontrada
morta em sua residência. As autoridades trouxas est

ão atribuindo suas mortes a um
escapamento de gás, mas membros da Ordem da Fênix m
e informam que a causa foi uma
Maldição da Morte - mais uma prova, como se precisá
ssemos de alguma, de que a matança
de trouxas está se tornando apenas um esporte amado
r sob o novo regime.

"E, finalmente, lamentamos informar que os resto
s mortais de Batilda Bagshot foram
descobertos em Godric's Hollow. Aparentemente, ela
morreu há vários meses. A Ordem da
Fênix informa que seu corpo apresentava sinais inc
onfundíveis de ferimentos infligidos por
magia das Trevas.

"Eu gostaria de convidar os nossos ouvintes a fa
zer conosco um minuto de silêncio em
memória de Ted Tonks, Dirk Cresswell, Batilda Bagsh
ot, Gornope e dos trouxas anônimos,
mas não menos dignos do nosso pesar, assassinados p
elos Comensais da Morte."

O locutor silenciou e Harry, Rony e Hermione o a
companharam. Uma parte de Harry
desejava ouvir mais, a outra temia o que poderia o
uvir a seguir. Era a primeira vez em muito
tempo que ele se sentia totalmente ligado ao mundo
exterior.

- Obrigado - ouviram a voz de Lino. - E agora o
nosso colaborador habitual, Royal, nos
trará novas informações sobre o efeito que a nova o
rdem bruxa está causando no mundo
trouxa.

- Obrigado, River - disse uma voz inconfundível,
grave, comedida, reconfortante.

- Kingsley! - exclamou Rony.

- Nós sabemos! - disse Hermione, pedindo silênci
o.

- Os trouxas ainda ignoram a origem de seus prob
lemas embora continuem sofrendo
pesadas baixas - disse Kingsley. - Entretanto, a to
do momento, ouvimos histórias
verdadeiramente inspiradoras de bruxos e bruxas que
arriscam a própria segurança para

proteger amigos e vizinhos trouxas, muitas vezes s
em que eles o saibam. Gostaria de apelar
a todos os nossos ouvintes que se mirem nesses exem
plos, talvez lançando feitiços
protetores em residências trouxas de sua rua. Muita
s vidas poderiam ser salvas se
tomassem essa simples providência.

- E, Royal, o que você responderia aos ouvintes
que afirmam que em tempos perigosos
como os que vivemos "os bruxos vêm em primeiro luga
r"? - perguntou Lino.

- Eu diria que o passo seguinte a "os bruxos vêm
 em primeiro lugar" é "os de sangue
puro vêm em primeiro lugar" - respondeu Kingsley. -
 Somos todos humanos, não? Toda
vida humana tem o mesmo valor e merece ser salva.

- Muito bem colocado, Royal, e você tem o meu vo
to para ministro da Magia, se
conseguirmos sair dessa confusão - disse Lino. - E
agora passamos a palavra a Rômulo,
que vai apresentar o nosso popular "Amigos de Potte
r".

- Obrigado, River - agradeceu outra voz muito co
nhecida; Rony começou a falar, mas
Hermione o impediu com um sussurro.

- Sabemos que é Lupin!

- Rômulo, você continua a sustentar, como tem fe
ito nas vezes em que compareceu ao
nosso programa, que Harry Potter continua vivo?

- Sustento - respondeu ele, com firmeza. - Não m
e resta a menor dúvida de que os
Comensais da Morte anunciariam amplamente a morte d
ele se tivesse ocorrido, porque
vibrariam um golpe mortal no moral dos que resistem
 ao novo regime. O Menino-Que-
Sobreviveu continua a ser um símbolo de tudo por qu
e estamos lutando: o triunfo do bem, o
poder da inocência, a necessidade de continuar resi
stindo.

Uma onda de gratidão e vergonha perpassou Harry.
 Lupin o perdoara, então, pelas coisas
terríveis que dissera em seu último encontro?

- E que diria a Harry, se soubesse que ele o est
á ouvindo, Rômulo?
- Diria que estamos todos com ele em espírito -
respondeu Lupin e após uma leve
hesitação. - E diria para seguir os seus instintos,
que são bons e quase sempre corretos.
Harry olhou para Hermione, cujos olhos estavam c
heios de lágrimas.
- Quase sempre corretos - repetiu ela.
- Ah, eu não contei a vocês? - disse Rony, surpr
eso. - Gui me disse que Lupin voltou a
viver com Tonks! E que ela está ficando enorme.
- ... e as novas notícias sobre os amigos de Har
ry Potter que estão sofrendo por sua
lealdade? - perguntava Lino a Lupin.
- Bem, como os nossos fiéis ouvintes sabem, vári
os partidários de Harry Potter foram
presos, inclusive Xenofílio Lovegood, outrora edito
r de O Pasquim.
- Pelo menos ele ainda está vivo! - murmurou Ron
y.
- Soubemos também nas últimas horas que Rúbeo Ha
grid - os três prenderam a
respiração e quase perderam o fim da frase -, o con
hecido guarda-caça de Hogwarts,
escapou por um triz de ser capturado nos terrenos d
a Escola, onde correm boatos de que
ele teria dado uma festa em sua casa com o tema "Ap
oie Harry Potter". Hagrid, entretanto,
não foi levado preso, e acredita-se que esteja fora
gido.
- Suponho que ter um meio-irmão de quase cinco m
etros de altura ajude a pessoa a
escapar dos Comensais da Morte, não? - comentou Lin
o.
- Isso lhe daria uma certa vantagem - concordou
Lupin, solenemente. - Posso
acrescentar que, embora aqui no Observatório Potter
aplaudamos a iniciativa dele,
gostaríamos de insistir com os partidários mais dev
otados de Harry que não sigam o
exemplo de Hagrid. Festas do tipo "Apoie Harry Pott

er" são absolutamente insensatas no
clima atual.
- Sem a menor dúvida, Rômulo - concordou Lino -, portanto, sugerimos que continuem a
demonstrar sua devoção ao homem com a cicatriz em forma de raio ouvindo o Observatório
Potter! Agora vamos às notícias do bruxo que está se mostrando tão esquivo quanto Harry
Potter. Gostaríamos de nos referir a ele como o Chefão dos Comensais da Morte e, para
comentar alguns boatos delirantes que circulam a seu respeito, eu gostaria de apresentar
um novo colaborador: Rodent.
- Rodent? - admirou-se outra voz conhecida, e Harry, Rony e Hermione exclamaram
juntos:
- Fred!
- Não... será o Jorge?
- Acho que é o Fred - tornou Rony, aproximando o ouvido do rádio, quando o gêmeo,
qualquer que fosse, protestou:
- Não sou o Rodent, nem pensar, já disse que queria ser o Rapier!
- Ah, está bem então. Rapier, pode nos dar a sua interpretação das várias histórias que
temos ouvido sobre o Chefão dos Comensais da Morte?

- Pois não, River. Os nossos ouvintes conhecem, a não ser que tenham se refugiado no
fundo de um laguinho no jardim ou lugar semelhante, a estratégia usada por Você-Sabe-
Quem em que ele permanece nas sombras para criar certo clima de pânico. Vejam bem, se
todas as notícias de gente que o avistou forem genuínas, deve ter bem uns dezenove Você-
Sabe-Quem andando por aí.
- O que naturalmente convém a ele - comentou Kingsley. - O mistério está criando mais
terror do que sua real aparição.
- Concordo - disse Fred. - Então, pessoal, vamos tentar nos acalmar um pouco. As
coisas já estão bem ruins sem precisarmos inventar

nada. Por exemplo, essa nova ideia de
Você-Sabe-Quem ser capaz de matar com um olhar. Ist
o quem faz é o basilisco. Um teste
simples é verificar se aquilo que está olhando par
a vocês tem pernas. Se tiver, pode fixá-la
nos olhos sem medo, embora haja a probabilidade de
ser a última coisa que você fará na
vida, se for realmente Você-Sabe-Quem.

Pela primeira vez em muitas semanas, Harry estav
a rindo: sentia o peso da tensão deixá-lo.

- E os boatos de que não param de avistálo no ex
terior? - perguntou Lino.

- Bem, quem não iria querer umas férias agradáve
is depois de todo o trabalho pesado
que tem feito? - respondeu Fred. - Pessoal, a quest
ão é: não se deixem embalar pela falsa
sensação de segurança achando que ele está fora do
país. Talvez esteja, talvez não, e é
inegável que, quando ele quer, consegue se deslocar
 mais rápido do que Severo Snape
ameaçado com um xampu, portanto, não confiem que el
e esteja muito distante se estiverem
planejando se arriscar. Nunca pensei que me ouviria
 dizer isso, mas a segurança vem em
primeiro lugar!

- Obrigado por suas palavras sensatas, Rapier -
disse Lino. - Caros ouvintes, chegamos
ao final de mais um Observatório Potter. Não sabemo
s quando será possível voltarmos ao
ar, mas podem ter certeza de que voltaremos. Não pa
rem de girar os botões dos rádios: a
próxima senha será "Olho-Tonto". Mantenham-se mutua
mente protegidos, mantenham a fé.
Boa-noite.

O botão do rádio girou e as luzes do painel de s
intonia se apagaram. Harry, Rony e
Hermione continuavam a sorrir. Ouvir vozes conhecid
as e amigas fora um tônico
extraordinário; Harry se acostumara de tal modo ao
seu isolamento que quase esquecera que
havia outras pessoas resistindo a Você-Sabe-Quem. E
ra como acordar de um longo sono.

- Bom, hein? - comentou Rony, feliz.
- Genial - disse Harry.
- Que coragem a deles - suspirou Hermione, com a dmiração. - Se forem apanhados...
- Bem, eles não param em lugar algum, não é? Com o nós - disse Rony.
- Mas você escutou o que Fred disse? - pergunto u Harry, animado; agora que a irradiação terminara, seus pensamentos retornaram à sua devora dora obsessão. - Ele está no exterior! Continua procurando a varinha, eu sabia!
- Harry...
- Qual é, Hermione, por que você está tão determ inada a não admitir isso? Vol...
- HARRY, NÃO!
- ... demort está procurando a Varinha das Varin has!
- Esse nome é Tabu! - berrou Rony, levantando-se de um pulo ao som de um forte estalo no exterior da barraca. - Eu o avisei, Harry, eu o avi sei, não podemos mais dizer esse nome... temos que refazer a proteção ao nosso redor... depr essa... foi assim que nos encontraram...
Mas Rony parou de falar e Harry entendeu por quê . O bisbilhoscópio sobre a mesa acendera e começara a rodopiar; ouviram vozes cada vez mais próximas, ásperas e excitadas. Rony puxou o desiluminador do bolso e clicou-o: as luzes se apagaram.
- Saiam daí com as mãos para o alto! - disse uma voz rascante na escuridão. - Sabemos que vocês estão aí dentro! Temos meia dúzia de var inhas apontadas para vocês e não estamos ligando para quem vamos amaldiçoar!

-- CAPÍTULO VINTE E TRÊS --

A Mansão dos Malfoy

Harry olhou para os outros dois, agora meros contor nos no escuro. Viu Hermione apontar a varinha, não para fora, mas para o rosto dele; ouvi u-se um estampido, uma explosão de luz branca e ele se dobrou de dor, incapaz de enxergar. Com as mãos, sentiu seu rosto inchar

rapidamente, enquanto passos pesados o cercavam.
- Levante-se, verme.
Mãos desconhecidas ergueram Harry do chão com violência. Antes que pudesse impedir, alguém revistou os seus bolsos e tirou a varinha de ameixeira-brava. Harry segurou o rosto que doía cruciantemente, e seus dedos não o reconheceram, tenso, inflamado, balofo como se tivesse sofrido uma violenta reação alérgica. Seus olhos estavam reduzidos a fendas, pelas quais mal conseguia enxergar; seus óculos caíram quando ele foi carregado para fora da barraca; conseguia apenas divisar as formas de quatro ou cinco pessoas lutando com Rony e Hermione, também no exterior.
- Larga... ela! - berrou Rony. Ouviu-se o som inconfundível de punhos socando carne: Rony grunhiu de dor, e Hermione gritou:
- Não! Deixe ele em paz, deixe ele em paz!
- O seu namorado vai receber tratamento pior que isso, se estiver na minha lista - disse a voz rascante, horrivelmente familiar. - Garota deliciosa... um petisco... adoro pele macia...
O estômago de Harry revirou. Sabia quem era aquele: Lobo Greyback, o lobisomem que tinha permissão de usar trajes de Comensal da Morte em troca de sua selvageria de aluguel.
- Revistem a barraca! - ordenou outra voz.
Harry foi atirado no chão, de cara para baixo. Um baque lhe informou que Rony fora jogado ao seu lado. Eles ouviam passos e trancos; os homens empurravam poltronas, revistando a barraca.
- Agora, vejamos quem temos aqui - disse Greyback, do alto, em tom de triunfo, e Harry foi virado sobre as costas. A luz da varinha incidiu sobre o seu rosto, e Greyback riu.
- Vou precisar de uma cerveja amanteigada para engolir esse. Que aconteceu com você, feioso?
Harry não respondeu imediatamente
- Eu perguntei - repetiu Greyback, e Harry receb

eu um soco no diafragma que o fez dobrar
de dor - que aconteceu com você?
- Mordido - murmurou Harry. - Fui mordido.
- É, parece que foi - disse uma segunda voz.
- Qual é o seu nome? - rosnou Greyback.
- Dudley.
- E o seu primeiro nome?
- Eu... Válter. Válter Dudley.
- Verifique na lista, Scabior - ordenou Greybac
k, e Harry o ouviu dar uns passos para o
lado para olhar Rony. - E você, Ruço?
- Lalau Shunpike - disse Rony.
- Uma ova! - exclamou o homem chamado Scabior. -
Conhecemos Lalau Shunpike, ele nos
deu uma ajudinha.
Ouviu-se outra pancada surda.
- Fo Bardy - respondeu Rony, e Harry percebeu qu
e sua boca estava ensanguentada. -
Bardy Weadley.
- Um Weasley? - perguntou Greyback, em tom ásper
o. - Então, é parente daqueles
traidores do sangue, mesmo que não seja um sangue r
uim. E agora a sua amiguinha bonita... -
O prazer em sua voz fez Harry se arrepiar.
- Calma, Greyback - disse Scabior, abafando a ca
çoada dos outros.
- Ah, ainda não vou morder. Veremos se ela se le
mbra do nome mais depressa do que o
Barny. Quem é você, garotinha?
- Penélope Clearwater - respondeu Hermione. Pare
cia aterrorizada, mas convincente.
- Qual é o seu Registro Sanguíneo?
- Mestiça - respondeu Hermione.
- É fácil verificar - disse Scabior. - Mas todo
s eles parecem que ainda estão na idade de
frequentar Hogwarts.
- Faímu - explicou Rony.
- Saiu foi, Ruço? - debochou Scabior. - E resolv
eu acampar? E achou que, só para se
divertir, ia usar o nome do Lorde das Trevas?
- Nan dierrrão. Arrirdente.
- Acidente? - Ouviram-se mais gargalhadas.

- Sabe quem gostava de usar o nome do Lorde das Trevas, Weasley? - rosnou Greyback. - A Ordem da Fênix. O nome lhe diz alguma coisa?

- Doh.

- Bem, eles não demonstram o respeito devido ao Lorde das Trevas, por isso o nome foi declarado Tabu. Alguns membros da Ordem foram apanhados assim. Veremos. Amarre-os com os outros dois prisioneiros!

Alguém puxou Harry pelos cabelos, arrastou-o por uma pequena distância, empurrou-o para obrigá-lo a sentar e começou a amarrá-lo de costas para outra pessoa. Harry continuava meio cego, incapaz de enxergar muita coisa entre as pálpebras inchadas. Quando, por fim, o homem que estivera amarrando-os se afastou, Harry cochichou para os outros prisioneiros.

- Alguém ainda tem uma varinha?

- Não - responderam Rony e Hermione a seu lado.

- Foi minha culpa. Eu disse o nome, me desculpem...

- Harry?

Era uma nova voz, mas sua conhecida, e veio diretamente de suas costas, de alguém amarrado à esquerda de Hermione.

- Dino?

- É você! Se eles descobrirem quem prenderam...! São sequestradores, só estão procurando gazeteiros para trocar por ouro...

- Nada mal para uma noite de arrastão - Greyback ia dizendo, ao mesmo tempo que um par de botas ferradas se aproximava de Harry, e eles ouviam mais estrépito no interior da barraca. - Uma sangue ruim, um duende fujão e três gazeteiros. Já verificou os nomes na lista, Scabior? - rugiu ele.

- Já. Não tem nenhum Válter Dudley aqui, Greyback.

- Interessante. Que interessante.

Ele se agachou ao lado de Harry, que viu, pela fenda infinitesimal entre as pálpebras inchadas, um rosto coberto de pelos grisalhos embar

açados, com dentes marrons pontiagudos
e feridas nos cantos da boca. Greyback desprendia
o mesmo fedor que ele sentira no alto da
torre, quando Dumbledore morrera: sujeira, suor e s
angue.
- Então, você não está sendo procurado, Válter?
Ou está naquela lista com outro nome?
Qual era a sua Casa em Hogwarts?
- Sonserina - respondeu Harry, automaticamente.
- Engraçado, eles sempre pensam que queremos ouv
ir isso - caçoou Scabior, das sombras.
- Mas nenhum deles sabe dizer onde fica a Sala Comu
nal.
- Nas masmorras - disse Harry, com clareza. - En
tra-se pela parede. É cheia de crânios e
outras coisas, e fica por baixo do lago, por isso a
s luzes são verdes.
Fez-se um breve silêncio.
- Ora, vejam só, parece que realmente apanhamos
um sonserinozinho - disse Scabior. -
Que bom para você, Válter, porque não temos muitos
sangues ruins em Sonserina. Quem é o
seu pai?
- Trabalha no Ministério - mentiu Harry. Ele sab
ia que a história toda ruiria à menor
investigação, mas, por outro lado, só teria tempo
até o seu rosto retomar a aparência normal e,
então, o jogo estaria mesmo encerrado. - Departamen
to de Acidentes e Catástrofes Mágicas.
- Sabe de uma coisa, Greyback? - disse Scabior.
- Acho que tem um Dudley lá.
Harry mal respirava: será que a sorte, a pura so
rte poderia livrá-los dessa encrenca?
- Ora, ora - replicou Greyback, e Harry ouviu um
a leve perturbação naquela voz
insensível, e percebeu que Greyback estava avaliand
o se teria, de fato, acabado de atacar e
amarrar o filho de um funcionário do Ministério. O
coração de Harry batia contra as cordas
que amarravam suas costelas; não teria se surpreend
ido se Greyback pudesse ver. - Se você
estiver dizendo a verdade, feioso, não precisará r

ecear uma viagem ao Ministério. Espero que
seu pai nos recompense por recolher você.
- Mas - protestou Harry, a boca extremamente sec
a -, se você nos deixasse...
- Ei! - veio um grito do interior da barraca. -
Olhe só isso, Greyback! Um vulto escuro
veio correndo em sua direção, e Harry viu um brilho
prateado. Tinham encontrado a espada de
Gryffindor.
- Muuito bonita - elogiou Greyback. - Ah, realme
nte bonita. Parece coisa fabricada por
duendes. Onde foi que você conseguiu uma arma dessa
s?
- É do meu pai - mentiu Harry, esperando, por tu
do no mundo, que estivesse escuro demais
para Greyback ver o nome gravado abaixo do punho. -
Pedimos emprestada para cortar lenha.
- `Guenta aí um instante, Greyback! Veja o que s
aiu no Profeta!
No momento em que Scabior disse isso, a cicatriz
de Harry, que estava distendida sobre a
testa inchada, queimou barbaramente. Com maior niti
dez do que conseguia enxergar qualquer
coisa ao seu redor, ele viu uma construção muito el
evada e ameaçadora, uma fortaleza
sinistra, preto-carvão; os pensamentos de Voldemort
, de súbito, tinham se tornado
extremamente nítidos; ele estava planando em direçã
o ao edifício gigantesco, calma e
euforicamente decidido.
"Tão próxima... tão próxima..."
Com enorme força de vontade, Harry fechou a ment
e aos pensamentos de Voldemort e
retornou ao lugar em que estava amarrado, no escuro
, a Rony, Hermione, Dino e Grampo,
escutando Greyback e Scabior.
- Ermione Granger - leu Scabior -, a sangue ruim
que se sabe estar viajando com Arry
Potter.
A cicatriz de Harry queimou no silêncio, mas ele
fez um esforço supremo para continuar
presente, e não entrar na mente de Voldemort. Ouviu

, então, o rangido das botas de Greyback
ao se ajoelhar diante de Hermione.
- Sabe de uma coisa, garotinha? Esta foto parece demais com você.
- Não sou eu! Não sou eu!
O guincho aterrorizado de Hermione equivaleu a uma confissão.
- ... que se sabe estar viajando com Harry Potter - repetiu Greyback, em voz baixa.
Uma calmaria se abatera sobre a cena. A cicatriz de Harry estava agudamente dolorosa,
mas ele resistiu com firmeza à atração dos pensamentos de Voldemort: nunca fora tão
importante manter a sanidade mental.
- Bem, isso muda tudo, não? - sussurrou Greyback. Ninguém falou: Harry percebeu que a
gangue de sequestradores observava, paralisada, e sentiu o braço de Hermione tremer contra o
dele. Greyback se levantou e deu alguns passos em direção a Harry, agachando-se, outra vez,
para examinar atentamente suas feições deformadas.
- Que é isso na sua testa, Válter? - perguntou suavemente, seu bafo fétido nas narinas do
garoto quando comprimiu, com o dedo imundo, a cicatriz distendida.
- Não toque aí! - berrou Harry; não conseguiu se refrear; pensou que fosse vomitar de tanta
dor.
- Pensei que você usasse óculos, Potter, não? - sussurrou Greyback.
- Encontrei uns óculos! - ganiu um dos sequestradores, rondando em segundo plano. -
Tinha uns óculos na barraca, Greyback, espere...
E, segundos depois, os óculos de Harry foram repostos, com violência, em seu rosto. Os
sequestradores foram se aproximando para espiá-lo.
- É ele! - ouviu-se a voz rascante de Greyback. - Capturamos Potter!
Todos recuaram vários passos, estupefatos com o próprio feito. Harry, ainda lutando para
manter a consciência, apesar da cabeça que rachava de dor, não conseguia pensar em nada

para dizer: visões fragmentárias afloravam em sua m
ente...
"... ele estava planando em torno das altas mura
lhas da fortaleza negra..."
Não, ele era Harry, amarrado e desarmado, corren
do grave perigo...
"... olhando para cima, para a janela mais alta,
na torre mais elevada..."
Ele era Harry, e eles estavam discutindo o seu d
estino em voz baixa...
"... hora de voar..."
- ... para o Ministério?
- Ao diabo com o Ministério - rosnou Greyback. -
Eles receberão o crédito e não nos
deixarão nem entrar. Acho que devemos levar o garot
o direto a Você-Sabe-Quem.
- Você vai chamar ele? Aqui? - disse Scabior, em
tom assombrado, aterrorizado.
- Não - rosnou Greyback -, não tenho a... dizem
que ele está usando a casa dos Malfoy
como base de operações. Vamos levar o garoto para l
á.
Harry achou que sabia por que Greyback não ia ch
amar Voldemort. O lobisomem podia ter
permissão para se trajar como um Comensal da Morte
quando queriam usá-lo, mas somente o
círculo íntimo de Voldemort recebia a Marca Negra:
Greyback não recebera essa elevada
honra.
A cicatriz de Harry tornou a queimar...
"... e ele ganhou altitude na noite, voando dire
tamente para a janela no topo da torre..."
- ... certeza absoluta de que é ele? Que se não
for, Greyback, estamos mortos.
- Quem é que manda aqui? - rugiu Greyback, disfa
rçando a sua momentânea insuficiência. -
Digo que é Potter, e ele e mais sua varinha são duz
entos mil galeões batidos! Mas, se vocês
forem covardes demais para me acompanhar, qualquer
um de vocês, o dinheiro será todo meu,
e, com alguma sorte, ainda ganho a garota de lambuj
a!

"... a janela era uma mera fenda na rocha negra, insuficiente para dar passagem a um homem... havia uma figura esquelética apenas visível, enrolada em um cobertor... morto ou adormecido...?"

- Está bem! - exclamou Scabior. - Está bem, estamos contigo! E o resto dos prisioneiros, Greyback, que faremos com eles?

- É melhor levarmos o bando todo. Temos dois sangues ruins, são mais dez galeões. Me dê a espada, também. Se forem rubis, tem mais uma pequena fortuna aí.

Os prisioneiros foram postos de pé. Harry ouvia a respiração de Hermione, rápida e aterrorizada.

- Agarrem bem firme. Levarei Potter! - disse Greyback, segurando Harry pelos cabelos; o garoto sentiu aquelas unhas compridas e amareladas arranhando-lhe o couro cabeludo. - Quando eu contar três! Um... dois... três...

Eles desaparataram, arrastando os prisioneiros com eles. Harry se debateu, tentando se livrar da mão de Greyback, mas inutilmente: Rony e Hermione o imprensavam, ele não poderia se separar do grupo, e, quando o aperto esvaziou o ar dos seus pulmões, sua cicatriz queimou ainda mais dolorosamente...

"... ele se espremeu pela fenda-janela como uma cobra e aterrissou, leve como fumaça na cela..."

Os prisioneiros se bateram uns contra os outros ao aparatar em uma estradinha rural. Os olhos de Harry, ainda inchados, levaram uns instantes para se ajustar, então, ele viu portões com grades de ferro forjado à frente do que lhe pareceu uma longa aleia. Sentiu um fiozinho de alívio. O pior ainda não acontecera: Voldemort não estava ali. Estava, e Harry sabia porque continuava a se esforçar para resistir à visão, numa estranha fortaleza, no alto de uma torre. Quanto tempo o lorde levaria para chegar, quando soubesse que Harry estava ali, era outra

história...
Um dos sequestradores andou até os portões e sac udiu-os.
- Como entramos? Estão trancados, Greyback, não consigo... caramba!
Ele puxou depressa as mãos, assustado. O ferro estava se torcendo, desenrolando as curvas e caracóis e formando uma cara apavorante, que falo u com uma voz metálica e sonora:
- Informe o seu objetivo!
- Prendemos Potter! - rugiu Greyback, triunfante . - Capturamos Harry Potter!
Os portões se abriram.
- Vamos! - disse Greyback aos homens, e os prisi oneiros foram empurrados pelos portões e a aleia, entre altas sebes que abafavam seus pass os. Harry viu uma forma branca e fantasmagórica no alto, e percebeu que era um pavão albino. Ele tropeçou e foi posto de pé, com violência, por Greyback; agora avançava, cambal eando de lado, amarrado, costas contra costas, com os outros quatro prisioneiros. Fechand o os olhos inchados, ele deixou a dor da cicatriz dominá-lo por um momento, querendo ver o q ue Voldemort estava fazendo, se já sabia que Harry fora capturado...
"... a figura emaciada se mexeu sob o fino cobe rtor e se virou para ele, os olhos se abrindo no rosto esquelético... o frágil homem se sentou, g randes olhos fundos se fixaram em Voldemort, então, ele sorriu. Perdera a maior parte s dos dentes.
- Então você veio. Achei que viria... um dia. M as a sua viagem foi inútil. Eu nunca a tive.
- Você mente!"
Quando a fúria de Voldemort latejou dentro de Ha rry, a cicatriz ameaçou estourar de dor, e ele arrebatou sua mente de volta ao próprio corpo, lutando para se manter presente enquanto os prisioneiros eram empurrados pelo saibro.
Uma luz forte iluminou-os.
- Que é isso? - perguntou uma fria voz feminina.

- Estamos aqui para ver Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado! - respondeu a voz áspera de Greyback.

- Quem é você?

- Você me conhece! - Havia rancor na voz do lobisomem. - Lobo Greyback! Capturamos Harry Potter!

Greyback agarrou Harry e virou-o de frente para a luz, forçando os outros prisioneiros a se virarem também.

- Sei que ele está inchado, senhora, mas é ele! - soou a voz aguda de Scabior. - Se olhar mais de perto, verá a cicatriz. E essa aqui, está vendo a garota? É a sangue ruim que está viajando com ele. Não há dúvida que é ele, e trouxemos a varinha dele também! Aqui, senhora...

Harry viu Narcisa Malfoy examinando seu rosto inchado. Scabior estendeu a varinha para ela. A mulher ergueu as sobrancelhas.

- Traga-os para dentro.

Harry e os outros foram empurrados e chutados na subida dos largos degraus de pedra, e entraram em um hall com as paredes cobertas de retratos.

- Sigam-me - disse Narcisa, atravessando o hall. - Meu filho, Draco, está em casa passando as férias da Páscoa. Se for o Harry Potter, ele saberá.

A sala de visitas ofuscou-o depois da escuridão externa; mesmo com os olhos quase fechados, Harry percebeu as enormes dimensões do cômodo. Havia um lustre de cristal no teto, mais retratos nas escuras paredes roxas. Duas figuras se ergueram das poltronas junto à ornamentada lareira de mármore, quando os prisioneiros foram empurrados, sala adentro, pelos sequestradores.

- Que é isso?

A voz horrivelmente familiar e arrastada de Lúcio Malfoy bateu nos ouvidos de Harry. Ele

começou a entrar em pânico: não via saída, e se tor
nou mais fácil, à medida que o medo
crescia, bloquear os pensamentos de Voldemort, embo
ra sua cicatriz continuasse a queimar.

- Eles dizem que capturaram Potter - informou a
voz fria de Narcisa. - Draco, venha aqui.

Harry não ousou olhar diretamente para Draco, ma
s viu-o de esguelha: uma figura um pouco
mais alta que ele ergueu-se de uma poltrona, o ros
to um borrão pálido e fino sob a cabeleira
louro-branco.

Greyback forçou os prisioneiros a se virarem mai
s uma vez, para deixar Harry diretamente
sob o lustre.

- Então, moleque? - perguntou a áspera voz do lo
bisomem.

Harry ficou de frente para um espelho sobre a l
areira, um enorme objeto dourado com uma
rica moldura em volutas. Através das fendas dos olh
os, ele viu a própria imagem, pela
primeira vez desde que deixara o largo Grimmauld.

Seu rosto estava enorme, brilhante e avermelhad
o, todos os traços deformados pelo feitiço
de Hermione. Seus cabelos pretos chegavam-lhe aos o
mbros e havia uma mancha escura em
torno do seu queixo. Se não soubesse que estava par
ado ali, teria se perguntado quem estava
usando seus óculos. Resolveu ficar calado, porque
sua voz certamente o trairia; ainda assim,
evitou encarar os olhos de Draco, quando o colega s
e aproximou.

- Então, Draco? - perguntou Lúcio Malfoy. Seu to
m era pressuroso. - É ele? É o Harry
Potter?

- Não tenho... não tenho muita certeza - respon
deu Draco. Mantinha distância de Greyback,
e parecia tão atemorizado de olhar para Harry quant
o Harry para ele.

- Mas olhe-o com atenção, olhe! Chegue mais pert
o!

Harry nunca ouvira Lúcio Malfoy tão excitado.

- Draco, se formos nós que entregarmos Potter ao

Lorde das Trevas, tudo será perdo...
- Ora, não vamos esquecer quem, de fato, o captu rou, espero, sr. Malfoy? - disse Greyback, em tom de ameaça.
- Claro que não, claro que não! - replicou o bru xo, impaciente. Ele próprio se aproximou de Harry; chegou tão perto que o garoto pôde ver em detalhe, apesar das pálpebras inchadas, suas feições normalmente lânguidas e pálidas. Com o rosto transformado em uma máscara disforme, Harry teve a sensação de estar espiando a través das grades de uma jaula.
- Que foi que você fez com ele? - perguntou Lúci o a Greyback. - Como foi que ele ficou nesse estado?
- Não fomos nós.
- Está me parecendo mais uma Azaração Ferreteant e - disse Lúcio.
Seus olhos cinzentos esquadrinharam a testa de H arry.
- Tem alguma coisa ali - sussurrou -, poderia se r a cicatriz, distendida... Draco, venha aqui, olhe direito! Que acha?
Harry viu o rosto de Draco agora muito perto, j unto ao do pai. Eram extraordinariamente parecidos, exceto que, enquanto Lúcio não cabia em si de excitação, a expressão de Draco espelhava relutância e até medo.
- Não sei - respondeu, e voltou para junto da la reira onde sua mãe o observava.
- É melhor termos certeza, Lúcio - disse Narcisa para o marido, em sua voz clara e fria. - Absoluta certeza de que é Potter, antes de chamarmo s o Lorde das Trevas... Dizem que isto é dele - comentou ela, olhando bem a varinha de ameix eira-brava -, mas não parece a que Olivaras descreveu... Se nos enganarmos, se chamarm os o Lorde das Trevas inutilmente... lembra o que ele fez com Rowle e Dolohov?
- E a sangue ruim aqui? - rosnou Greyback. Harry quase foi arrancado do chão quando os sequestradores tornaram a forçar os prisioneiros a

se virar, para que a luz recaísse sobre Hermione.

- Esperem - disse Narcisa, incisivamente. - Sim ... sim, ela esteve na Madame Malkin com Potter! Vi a foto dela no Profeta! Olhe, Draco, não é a garota Granger?

- Eu... talvez... é.

- Então, esse é o garoto Weasley! - gritou Lúcio, dando a volta aos prisioneiros para encarar Rony. - São eles, os amigos de Potter... Draco, olhe para ele, não é o filho do Arthur Weasley, como é mesmo o nome dele...?

- É - tornou Draco, de costas para os prisioneiros. - Poderia ser.

A porta da sala de visitas se abriu às costas de Harry. Uma mulher falou, o som de sua voz fez o medo de Harry atingir um nível ainda mais agudo.

- Que é isso? Que aconteceu, Ciça?

Belatriz Lestrange se encaminhou lentamente para os prisioneiros e parou à direita de Harry, estudando Hermione através de suas pálpebras caídas.

- Mas, com certeza - disse, calmamente -, essa é a garota sangue ruim, não é? É a Granger?

- É, sim, é a Granger! - exclamou Lúcio. - E, ao lado dela, pensamos que seja o Potter! Potter e seus amigos, enfim, capturados!

- Potter? - guinchou Belatriz, e recuou para ver Harry melhor. - Você tem certeza? Bem, então o Lorde das Trevas precisa ser imediatamente informado!

Ela puxou para cima sua manga esquerda: Harry viu a Marca Negra gravada a fogo em seu braço, e percebeu que a bruxa ia tocá-la para convocar seu amado senhor...

- Eu já ia chamá-lo! - disse Lúcio, e sua mão se fechou sobre o pulso de Belatriz, para impedi-la de tocar a Marca. - Eu o convocarei, Bela; Potter foi trazido à minha casa e, portanto, está sob a minha autoridade...

- Sua autoridade! - desdenhou ela, tentando sol

tar a mão do seu aperto. - Você perdeu a
autoridade quando perdeu a varinha, Lúcio! Como se
atreve! Tire as mãos de mim!
- Você não tem nada a ver com isso, não capturou
o garoto...
- Me desculpe, sr. Malfoy - interpôs Greyback -,
mas fomos nós que pegamos Potter, e nós
é que vamos cobrar o prêmio em ouro...
- Ouro! - Riu-se Belatriz, ainda tentando desven
cilhar-se do cunhado, a mão livre
apalpando o bolso em busca da varinha. - Fique com
o seu ouro, seu abutre imundo, para que
quero ouro? Pretendo apenas a honra de... de...
Ela parou de lutar, seus olhos escuros fixos em
alguma coisa que Harry não conseguia ver.
Exultante com a sua capitulação, Lúcio afastou a mã
o dela com violência, e rasgou a própria
manga...
- PARE! - guinchou Belatriz. - Não toque nela, t
odos pereceremos se o Lorde das Trevas
vier agora!
Lúcio ficou imóvel, seu indicador pairando sobr
e a Marca. Belatriz saiu do limitado campo
de visão de Harry.
- Que é isso? - ele a ouviu perguntar.
- Espada - grunhiu um sequestrador invisível.
- Entregue-a.
- Não é sua, senhorita, é minha, fui eu que a en
contrei.
Ouviu-se um estampido e, em seguida, um clarão v
ermelho: Harry entendeu que o
sequestrador fora estuporado. Ergueu-se um clamor d
e raiva dos seus companheiros: Scabior
sacou a varinha.
- Com quem acha que está brincando, mulher?
- Estupefaça! - berrou ela. - Estupefaça!
Os sequestradores não eram páreo para ela, embo
ra fossem quatro contra uma: Harry sabia
que era uma bruxa com prodigiosa habilidade e sem e
scrúpulos. Os homens tombaram onde
estavam, todos exceto Greyback, que foi forçado a s
e ajoelhar, com os braços estendidos.

Pelo canto do olho, Harry viu Belatriz curvar-se so
bre o lobisomem, segurando a espada de
Gryffindor firmemente na mão, o rosto lívido.
- Onde foi que você obteve essa espada? - sussu
rrou para Greyback, tirando a varinha da
mão incapaz de resistir-lhe.
- Como ousa? - rosnou ele, sua boca a única coi
sa que se movia ao ser forçado a encarar a
bruxa. Arreganhou os dentes pontiagudos. - Solte-me
, mulher!
- Onde foi que você obteve essa espada? - repeti
u ela, brandindo-a em seu rosto. - Snape
mandou-a para o meu cofre em Gringotes!
- Estava na barraca deles - respondeu a voz áspe
ra de Greyback. - Solte-me, estou
dizendo!
Ela fez um gesto com a varinha e o lobisomem se
pôs de pé, mas cauteloso demais para se
aproximar dela. Ficou à espreita, atrás de uma polt
rona, suas unhas curvas e imundas
agarradas ao encosto.
- Draco, leve esse lixo para fora - disse Belatr
iz, indicando os homens desacordados. - Se
não tiver peito para acabar com eles, deixe-os no p
átio para mim.
- Não se atreva a falar com Draco assim - disse
Narcisa, furiosa, mas Belatriz berrou:
- Cale-se! A situação é mais grave do que você s
eria capaz de imaginar, Ciça! Temos um
problema muito sério!
Ela parou, levemente ofegante, contemplando a es
pada, examinando seu punho. Virou-se,
então, para olhar os prisioneiros silenciosos.
- Se, de fato, for Potter, ele não deve ser feri
do - murmurou, mais para si mesma do que
para os demais. - O Lorde das Trevas quer liquidar
Potter pessoalmente... mas se ele
descobrir... preciso... preciso saber...
Ela tornou a se dirigir à irmã:
- Os prisioneiros devem ser levados para o porão
, enquanto reflito sobre o que fazer!
- A casa é minha, Bela, você não dá ordens na mi

nha...
- Obedeça! Você não faz ideia do perigo que esta mos correndo! - guinchou Belatriz. Tinha um ar assustador, demente; um raio de fogo saiu de sua varinha e fez um furo no tapete.
Narcisa hesitou um momento e, então, falou ao lo bisomem:
- Leve os prisioneiros para o porão, Greyback.
- Espere - disse Belatriz, rispidamente. - Todos , menos a sangue ruim.
Greyback soltou um rosnado de prazer.
- Não! - gritou Rony. - Pode ficar comigo no lug ar dela!
Belatriz deu-lhe uma bofetada no rosto; a pancad a ecoou pela sala.
- Se ela morrer durante o interrogatório, você será o próximo. No meu caderninho, traidor do sangue vem logo abaixo de sangue ruim. Leve-os p ara baixo, Greyback, e verifique se estão bem presos, mas não faça mais nada com eles.. . por enquanto.
Ela devolveu a varinha a Greyback e tirou uma p equena faca de prata de dentro das vestes. Cortou as cordas que prendiam Hermione aos outros p risioneiros, então arrastou-a pelos cabelos para o meio da sala, enquanto Greyback emp urrava os demais para outra porta que se abria para um corredor escuro, a varinha erguida à frente, projetando uma força invisível e irresistível.
- Acho que ela me dará uma sobrinha da garota qu ando terminar, não? - cantarolou Greyback, enquanto os forçava a avançar pelo corre dor. - Eu diria que será suficiente para umas dentadas, não acha, Ruço?
Harry podia sentir Rony tremendo. Eles foram obr igados a descer uma escada muito inclinada, ainda amarrados costas contra costas co rrendo o risco de escorregar e quebrar o pescoço a qualquer momento. Ao pé da escada, havia uma pesada porta. Greyback destrancou-a com uma batida de varinha, então, empurrou-os par

a uma sala úmida e mofada e os deixou
em total escuridão. O eco da batida da porta do por
ão ainda não morrera quando ouviram um
grito terrível e prolongado vindo diretamente do pi
so superior.
- HERMIONE! - urrou Rony, e começou a se contorc
er e a forçar as cordas que os
prendiam juntos, fazendo Harry cambalear. - HERMION
E!
- Fica quieto! - disse Harry. - Cala a boca, Ron
y, precisamos descobrir um jeito...
- HERMIONE! HERMIONE!
- Precisamos de um plano, pare de berrar... prec
isamos soltar essas cordas....
- Harry? - ouviu-se um sussurro na escuridão. -
Rony? São vocês?
Rony parou de gritar. Ouviram um movimento perto
deles, então, Harry viu uma sombra se
aproximar.
- Harry? Rony?
- Luna?
- É, sou eu! Ah, não, eu não queria que vocês fo
ssem apanhados!
- Luna, você pode nos ajudar a soltar essas cord
as? - perguntou Harry.
- Ah, sim, espero que sim... tem um prego velho
que usamos quando precisamos partir
alguma coisa... espere um instante...
Hermione tornou a gritar lá de cima, e eles ouvi
ram Belatriz gritando também, mas suas
palavras foram inaudíveis, porque Rony tornou a ber
rar:
- HERMIONE! HERMIONE!
- Sr. Olivaras? - Harry ouviu Luna chamar. - Sr.
Olivaras, o prego está com o senhor? Se o
senhor se afastar um pouquinho, acho que estava ao
lado do jarro de água...
A garota voltou segundos depois.
- Vocês precisam ficar parados - recomendou ela.

Harry sentiu-a enfiar o prego nas fibras resiste
ntes da corda para soltar os nós. Do alto,

chegava a voz de Belatriz.
- Vou lhe perguntar mais uma vez! Onde conseguir am esta espada? Onde?
- Achamos... achamos... POR FAVOR! - berrou Herm ione. Rony esticava as cordas com
mais força, e o prego enferrujado escorregou sobre o pulso de Harry.
- Rony, por favor, fique parado! - sussurrou Lu na. - Não consigo ver o que estou fazendo...
- Meu bolso! - disse Rony. - No meu bolso tem um desiluminador, e cheio de luz!
Segundos depois, ouviu-se um clique e as esferas luminosas que o desiluminador absorvera
das luzes na barraca voaram pelo porão: impossibil itadas de se reunir à fonte luminosa, elas
ficaram suspensas no ar, como minúsculos sóis, inun dando de claridade a sala subterrânea.
Harry viu Luna, apenas olhos no rosto pálido, e o v ulto imóvel de Olivaras, o fabricante de
varinhas, enroscado no chão a um canto. Espichando o pescoço, avistou os companheiros de
prisão: Dino e Grampo, o duende, que parecia quase inconsciente e mantido em pé pelas
cordas que o prendiam aos humanos.
- Ah, assim é muito mais fácil, obrigada, Rony - disse Luna, e recomeçou a puir as cordas
que os prendiam. - Olá, Dino!
Do alto, a voz de Belatriz:
- Você está mentindo, sua sangue-ruim imunda, s ei que está! Você esteve no meu cofre em
Gringotes! Diga a verdade, diga a verdade!
Outro grito lancinante...
- HERMIONE!
- O que mais você tirou? O que mais tem com voc ê? Me diga a verdade ou, juro, vou furar
você com esta faca!
- Pronto!
Harry sentiu as cordas caírem e, ao se virar, es fregando os pulsos, deparou com Rony
correndo pelo porão, olhando para o teto baixo, pro curando um alçapão. Dino, com o rosto
roxo e sangrento, agradeceu a Luna e ficou parado,

tremendo, mas Grampo tombou no chão,
parecendo tonto e desorientado, seu rosto escuro co berto de vergões.

Rony tentava, agora, desaparatar sem varinha.

- Não temos saída, Rony - comentou Luna, observa ndo seus esforços infrutíferos. - O
porão é completamente à prova de fugas. A princípio , eu tentei, o sr. Olivaras está aqui há
muito tempo, ele tentou tudo.

Hermione recomeçava a gritar: o som atravessava Harry como uma dor física. Sem tomar
consciência do forte formigamento de sua cicatriz, ele também começou a correr à volta do
porão, apalpando as paredes sem saber para quê, con vencido, em seu íntimo, de que era inútil.

- Que mais você tirou? Que mais? RESPONDA! CRUCI O!

Os berros de Hermione ecoavam pela sala de visit as. Rony quase soluçava socando as
paredes com os punhos, e Harry, em absoluto desespe ro, agarrou a bolsa de Hagrid ao
pescoço e tateou-a por dentro; puxou o pomo de Dumb ledore e sacudiu-o, esperando nem
sabia o quê. Nada aconteceu. Ele acenou com as meta des partidas da varinha de fênix, mas
não tinham vida; o caco de espelho caiu brilhando n o chão, e ele viu uma cintilação muito
azul...

O olho de Dumbledore mirava-o do espelho.

- Nos ajude! - ele berrou, louco de desespero.
- Estamos no porão da Mansão dos Malfoy,
nos ajude!

O olho piscou e desapareceu.

Harry nem tinha certeza se estivera realmente a li. Inclinou o caco de espelho para um lado e
para o outro, e não viu nada refletido exceto as pa redes e o teto de sua prisão e, no alto,
Hermione gritava mais terrivelmente que antes e, ao seu lado, Rony urrava: "HERMIONE,
HERMIONE!"

- Como foi que você entrou no meu cofre? - ouvir am Belatriz berrar. - Aquele duende

nojento, no porão, a ajudou?
- Só o conhecemos esta noite! - soluçou Hermione. - Nunca estivemos em seu cofre... essa não é a espada verdadeira! É uma cópia, é só uma cópia!
- Uma cópia? - guinchou Belatriz. - Ah, com certeza!
- Mas é muito fácil descobrir! - ouviu-se a voz de Lúcio. - Draco, vá buscar o duende, ele poderá nos dizer se a espada é ou não verdadeira!
Harry correu ao lado oposto do porão onde Grampo estava encolhido no chão.
- Grampo - cochichou ele, na orelha pontuda do duende -, você precisa dizer a eles que a espada é falsa, não podem saber que é a verdadeira, Grampo, por favor...
Ele ouviu alguém descer correndo a escada para o porão; no momento seguinte, a voz trêmula de Draco falou do outro lado da porta.
- Afastem-se. Se enfileirem na parede do fundo. Não tentem nada, ou mato vocês!
Eles obedeceram; quando a chave girou na fechadura, Rony clicou o desiluminador e as luzes voltaram instantaneamente para o seu bolso, restaurando as trevas no porão. A porta se abriu de chofre; Malfoy entrou, a varinha à frente, pálido e decidido. Agarrou o pequeno duende pelo braço e recuou, arrastando Grampo com ele. A porta bateu e, no mesmo momento, um forte estalo ecoou no porão.
Rony clicou o desiluminador. Três bolas de luz em seu bolso voltaram ao ar, revelando Dobby, o elfo doméstico, que acabara de aparatar entre eles.
- DOB...!
Harry deu um tapa no braço de Rony para impedi-lo de gritar, e o amigo pareceu horrorizado com o seu erro. Passos cruzaram o teto no andar de cima: Draco levava Grampo a Belatriz.
Os enormes olhos de Dobby, do tamanho de bolas de tênis, se arregalaram; ele tremia dos

pés às pontas das orelhas. Voltara à casa dos seus antigos senhores e, logicamente, estava petrificado.

- Harry Potter - chiou ele, num fiapinho trêmulo de voz -, Dobby veio salvá-lo.

- Mas como foi que você...?

Um grito terrível abafou as palavras de Harry: Hermione estava sendo novamente torturada. Ele se limitou ao essencial.

- Você pode desaparatar deste porão? - perguntou ele a Dobby, que assentiu, abanando as orelhas.

- E pode levar humanos com você?

Dobby tornou a assentir.

- Certo. Dobby, quero que você segure Luna, Dino e o sr. Olivaras e leve-os... leve-os para...

- A casa de Gui e Fleur - sugeriu Rony. - O Chalé das Conchas nos arredores de Tinworth!

O elfo assentiu pela terceira vez.

- E depois volte. Você pode fazer isso, Dobby?

- Claro, Harry Potter - sussurrou o elfo. E correu para o sr. Olivaras, que pareceu estar quase inconsciente. Segurou, então, uma das mãos do fabricante de varinhas, depois estendeu a outra a Luna e Dino, que não se moveram.

- Harry, queremos ajudar vocês! - sussurrou Luna.

- Não podemos deixar vocês aqui - disse Dino.

- Vão, os dois! Nos veremos na casa de Gui e Fleur.

Quando Harry falou, sua cicatriz ardeu como nunca, e, por alguns segundos, ele baixou os olhos, não para o fabricante de varinhas, mas para outro homem que era quase tão velho, quase tão magro, mas se ria com desdém.

"Mate-me, então, Voldemort, a morte será bem-vinda! Mas a minha morte não lhe trará o que busca... há tanta coisa que você não compreende..."

Ele sentiu a fúria de Voldemort, mas, como Hermione tornou a gritar, Harry bloqueou a

visão e voltou ao porão e ao horror do seu próprio presente.

- Vão! - Harry suplicou a Luna e Dino. - Vão! Nós os seguiremos, vão!

Eles seguraram os dedos estendidos do elfo. Ouviu-se um novo estalo, e Dobby, Luna, Dino e Olivaras sumiram.

- Que foi isso? - gritou Lúcio Malfoy no andar de cima. - Vocês ouviram? Que barulho foi esse no porão?

Harry e Rony se entreolharam assustados.

- Draco... não, chame o Rabicho! Mande-o descer e verificar!

Passos atravessaram o cômodo sobre suas cabeças e, em seguida, fez-se silêncio. Harry percebeu que as pessoas na sala de visitas estavam atentas a novos ruídos no porão.

- Temos que tentar imobilizá-lo - sussurrou Harry para Rony. Não havia escolha; no momento em que qualquer um entrasse no cômodo e desse por falta dos três prisioneiros, eles estariam perdidos. - Deixe as luzes acesas - acrescentou Harry, e, quando ouviram alguém descendo a escada, recuaram contra a parede, dos lados da porta.

- Para trás - ouviram a voz de Rabicho. - Afastem-se da porta. Vou entrar.

A porta foi escancarada. Por uma fração de segundo, Rabicho olhou para o porão aparentemente vazio, iluminado pelos três sóis em miniatura que flutuavam no ar. Então, Harry e Rony se atiraram sobre ele. Rony agarrou o braço de Rabicho que empunhava a varinha e forçou-o para o alto; Harry tapou a boca do bruxo com a mão, abafando-lhe a voz. Silenciosamente, os três lutaram: a varinha de Rabicho emitia faíscas; sua mão prateada fechouse em torno do pescoço de Harry.

- Que foi, Rabicho? - perguntou Lúcio Malfoy, do alto.

- Nada! - respondeu Rony, em uma imitação razoável da voz chiada de Rabicho. - Tudo

bem!

Harry mal conseguia respirar.

- Você vai me matar? - perguntou Harry, sufocado, tentando soltar as garras de metal. - Depois de eu ter salvado sua vida? Você me deve alguma coisa, Rabicho!

As garras de metal afrouxaram. Harry não esperara isso: desvencilhou-se, pasmo, continuando a comprimir a boca do bruxo. Ele viu os olhos de rato pequenos e úmidos se arregalarem de medo e surpresa: parecia quase tão chocado quanto Harry com o que sua mão fizera, com o impulso mínimo de piedade que demonstrara, e continuou a lutar com mais empenho, como se quisesse desfazer aquele momento de fraqueza.

- E vamos ficar com isso - cochichou Rony, puxando a varinha da outra mão do bruxo.

Sem varinha, desamparado, os olhos de Pettigrew se dilataram de terror. Seu olhar deslizara do rosto de Harry para outra coisa. Seus dedos prateados moviam-se inexoravelmente para sua própria garganta.

- Não...

Sem parar para pensar, Harry tentou deter a mão dele, mas não havia como fazê-la parar. A ferramenta prateada que Voldemort dera ao seu servo mais covarde voltara-se contra o dono imprestável e desarmado; Pettigrew recebia a recompensa por sua hesitação, por seu momento de piedade; estava sendo estrangulado diante dos olhos dos prisioneiros.

- Não!

Rony largara Rabicho também e, juntos, ele e Harry tentavam arrancar os dedos de metal que esmagavam a garganta do bruxo, mas inutilmente. Pettigrew estava ficando roxo.

- Relaxo! - ordenou Rony, apontando a varinha para a mão prateada, mas nada aconteceu; Pettigrew caiu de joelhos e, no mesmo instante, Hermione soltou um urro pavoroso na sala em cima. Os olhos de Rabicho giraram no rosto arroxea

do, ele deu um último estremeção e ficou imóvel.

Harry e Rony se entreolharam e, deixando o corpo de Rabicho no chão, saíram correndo escada acima, de volta ao corredor sombrio que levava à sala de visitas. Cautelosamente, avançaram até a porta da sala, que estava entreaberta. Tiveram, então, uma visão clara de Belatriz olhando do alto para Grampo, que segurava a espada de Gryffindor nas mãos de dedos longos. Hermione se achava caída aos pés de Belatriz. Mal se movia.

- Então - perguntou a bruxa a Grampo. - É a espada verdadeira?

Harry aguardou, prendendo a respiração, resistindo ao formigamento em sua cicatriz.

- Não - respondeu Grampo. - É falsa.

- Você tem certeza? - ofegou Belatriz. - Certeza absoluta?

- Tenho.

O alívio se espalhou em seu rosto, toda a tensão se dissipou.

- Ótimo - disse ela, e, com um gesto displicente da varinha, fez mais um corte profundo no rosto do duende, fazendo-o cair, com um berro, aos seus pés. Ela chutou-o para longe. - E agora - acrescentou com uma voz transbordante de triunfo -, vamos chamar o Lorde das Trevas.

Puxou a manga para cima e encostou o dedo indicador na Marca Negra.

Na mesma hora, Harry teve a sensação de que a cicatriz se rompia mais uma vez. O local em que realmente estava desapareceu: ele era Voldemort, e o bruxo esquelético à sua frente escarnecia dele com um sorriso desdentado; enfureceu-se com o chamado que sentia - tinha alertado a todos, disseralhes para não convocá-lo para nada menos importante que Harry Potter. Se estivessem enganados...

"Mate-me então!", exigia o velho. "Você não vencerá, você não pode vencer! Aquela

varinha, jamais, em tempo algum, será sua..."

E a fúria de Voldemort extravasou: um clarão verde encheu a cela e o frágil corpo velho foi erguido do catre duro e largado, sem vida, e Voldemort voltou à janela, sua cólera quase incontrolável... eles sofreriam a sua vingança, se não tivessem uma boa razão para convocá-lo.

- E acho - ouviu-se a voz de Belatriz - que podemos dar um fim na sangue ruim. Greyback, leve-a se quiser.

- NÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃO!

Rony irrompera pela sala de visitas; Belatriz olhou para os lados e virou a varinha para enfrentar o garoto...

- Expelliarmus! - urrou ele, apontando a varinha de Rabicho para Belatriz, e a da bruxa foi arremessada no ar e agarrada por Harry, que correra atrás de Rony. Lúcio, Narcisa, Draco e Greyback se viraram; Harry berrou:

- Estupefaça!

E Lúcio Malfoy caiu contra a lareira. Jorros de luz voaram das varinhas de Draco, Narcisa e Greyback; Harry atirou-se ao chão, rolando para trás de um sofá para evitá-los.

- PARE OU ELA MORRE!

Ofegante, Harry espiou pela borda do sofá. Belatriz sustentava Hermione, que parecia inconsciente, e segurava a faca de prata contra a garganta da garota.

- Larguem suas varinhas - sussurrou a bruxa. - Larguem ou verão como o sangue dela é imundo!

Rony ficou rígido, empunhando a varinha de Rabicho. Harry se ergueu, a varinha de Belatriz ainda na mão.

- Eu disse, larguem as varinhas! - guinchou ela, enfiando a faca contra a garganta de Hermione; Harry viu gotas de sangue brotarem.

- Está bem! - gritou, e deixou cair a varinha de Belatriz aos próprios pés. Rony fez o mesmo com a varinha de Rabicho. Os dois ergueram as

mãos à altura dos ombros.
- Ótimo. - A bruxa olhou de esguelha. - Draco, a
panhe-as! O Lorde das Trevas está vindo,
Harry Potter! A sua morte está próxima!
Harry sabia disso; sua cicatriz estava arrebenta
ndo de dor, e ele pressentia Voldemort
voando de muito longe pelos céus, sobre um mar negr
o e tempestuoso, e logo estaria
suficientemente próximo para aparatar até a sala, e
Harry não via saída.
- Agora - disse Belatriz, com suavidade, quando
Draco voltou correndo com as varinhas -,
Ciça, acho que devemos amarrar esses heroizinhos ou
tra vez, enquanto Greyback cuida da
senhorita sangue ruim. Tenho certeza de que o Lord
e das Trevas não vai lhe negar a garota,
Greyback, depois do que você fez esta noite.
Quando ela disse a última palavra, ouviram um ra
ngido peculiar vindo do alto. Todos
ergueram os olhos em tempo de ver o lustre de crist
al estremecer; e, com um forte estalo e um
tinido agourento, começar a despencar. Belatriz est
ava diretamente embaixo do lustre;
largando Hermione, atirou-se para um lado, berrando
. O lustre se espatifou no chão,
produzindo uma explosão de cristais e correntes, de
sabando sobre Hermione e o duende, que
ainda segurava a espada de Gryffindor. Estilhaços
de cristal cintilante voaram em todas as
direções; Draco se dobrou, as mãos cobrindo o rosto
ensanguentado.
Quando Rony correu para retirar Hermione dos des
troços, Harry aproveitou a
oportunidade: saltou por cima da poltrona, arrancou
as três varinhas das mãos de Draco,
apontou todas para Greyback e berrou:
- Estupefaça!
O lobisomem foi levantado pelo feitiço triplo, v
oou contra o teto e se arrebentou no chão.
Enquanto Narcisa arrastava Draco para longe, ten
tando poupá-lo de outros ferimentos,
Belatriz se levantou de um pulo, os cabelos desgre

nhados, brandindo a faca de prata; mas sua irmã apontara a varinha para a porta.

- Dobby! - berrou ela, e até Belatriz parou. - Você! Você fez o lustre cair...

O pequeno elfo entrou na sala, o dedo trêmulo apontando para sua antiga senhora.

- Não deve ferir Harry Potter - guinchou.

- Mate-o, Ciça! - guinchou Belatriz, mas houve outro forte estalo, e a varinha de Narcisa também voou pelo ar e caiu do lado oposto da sala.

- Seu macaquinho imundo! - vociferou Belatriz. - Como ousa tirar a varinha de uma bruxa, como ousa desafiar os seus senhores?

- Dobby não tem senhores! - guinchou o elfo. - Dobby é um elfo livre, e Dobby veio salvar Harry Potter e seus amigos!

A cicatriz de Harry estava cegando-o de dor. Vagamente, ele sabia que tinha momentos, segundos apenas, até Voldemort chegar.

- Rony, pegue... e VÁ! - berrou, atirando uma das varinhas para o amigo; abaixou-se para puxar Grampo debaixo do lustre. Levando ao ombro o duende, que ainda gemia, agarrado à espada, Harry segurou a mão de Dobby e rodopiou para desaparatar.

Ao mergulhar na escuridão, teve um último vislumbre da sala: as figuras pálidas e imóveis de Narcisa e Draco, um risco vermelho que eram os cabelos de Rony, e um borrão de prata que voava, a faca de Belatriz arremessada pela sala contra o lugar em que ele estava desaparecendo...

A casa de Gui e Fleur... O Chalé das Conchas... a casa de Gui e Fleur...

Ele desaparatara para o desconhecido; só lhe restava repetir o nome do seu destino, na esperança de que isso fosse suficiente para levá-lo até lá. A dor em sua testa transpassava-o, e o peso do duende o sobrecarregava. Sentia a espada de Gryffindor bater contra suas costas; a mão de Dobby puxou a dele. Harry imaginou que o elfo talvez estivesse querendo assumir a

desaparatação, levá-los na direção certa, e tentou, apertando seus dedos, indicar que concordava...

Eles, então, pisaram em terra firme e sentiram um cheiro de salinidade no ar. Harry ajoelhou-se, largando a mão de Dobby e tentando baixar Grampo gentilmente no chão.

- Você está bem? - perguntou, quando o duende se mexeu, mas Grampo apenas gemeu.

Harry apertou os olhos para enxergar na escuridão. Parecia haver um chalé a uma curta distância, sob um vasto céu estrelado, e ele achou que via um movimento do lado de fora.

- Dobby, aquele é o Chalé das Conchas? - sussurrou, segurando as duas varinhas que trouxera da casa dos Malfoy, pronto para lutar, se fosse necessário. - Viemos para o lugar certo? Dobby?

Ele olhou para os lados. O pequeno elfo estava a alguns passos apenas.

- DOBBY!

O elfo oscilou levemente, as estrelas se refletiram em seus grandes olhos brilhantes. Juntos, ele e Harry olharam para o cabo de prata da faca espetada no peito arfante do elfo.

- Dobby... não... SOCORRO! - berrou Harry em direção ao chalé, às pessoas que se moviam lá. - SOCORRO!

Ele não sabia nem se importava se eram bruxos ou trouxas, amigos ou inimigos; só se importava com a mancha escura que se espalhava pelo peito de Dobby, e que o elfo estendera os braços finos para Harry com um olhar súplice. Harry segurou-o e deitou-o de lado no capim fresco.

- Dobby, não, não morra, não morra...

Os olhos do elfo encontraram os seus e seus lábios se mexeram em um esforço para formar palavras.

- Harry... Potter...

E, então, com um tremor, o elfo ficou muito quieto e seu olhos eram apenas grandes globos

vítreos salpicados com a luz das estrelas que eles já não podiam ver.

-- CAPÍTULO VINTE E QUATRO --

O fabricante de varinhas

Foi como mergulhar em um velho pesadelo; por um instante, ele se viu mais uma vez ajoelhado ao lado do corpo de Dumbledore, ao pé da torre mais elevada de Hogwarts, mas, na realidade, estava contemplando um corpo minúsculo encolhido sobre o capim, trespassado pela faca de prata de Belatriz. A voz de Harry continuou a dizer: "Dobby... Dobby...", mesmo sabendo que o elfo se fora para um lugar onde já não o poderia atender o seu chamado.

Passados um minuto ou pouco mais, ele percebeu que, afinal, tinha vindo parar no lugar certo, porque ali estavam Gui, Fleur, Dino e Luna, rodeando-o junto ao elfo.

- Hermione? - perguntou ele, repentinamente. - Onde ela está?

- Rony levou-a para dentro - disse Gui. - Vai ficar bem.

Harry tornou a olhar para Dobby. Esticou a mão e puxou a faca afiada do corpo do elfo, então despiu o próprio blusão e, como se fosse um cobertor, estendeu-o sobre Dobby.

O mar batia contra rochas em algum lugar ali perto; Harry ficou escutando, enquanto os outros discutiam assuntos pelos quais ele não conseguiu se interessar, e tomavam decisões. Dino carregou Grampo, o duende ferido, para dentro de casa, Fleur se apressou em acompanhá-los; agora Gui dava sugestões para o enterro do elfo. Harry concordou, sem realmente saber o que estava dizendo. Ao fazer isso, olhou para o corpinho de Dobby e sua cicatriz formigou e ardeu, e uma parte de sua mente avistou, como se olhasse pelo lado contrário de um telescópio, Voldemort punindo aqueles que tinham ficado na Mansão dos Malfoy. Sua fúria era medonha e, no entanto, a dor de Harry pela perda de Dobby pareceu

atenuá-la, transformando-a em uma tempestade distan
te que lhe chegava da outra margem de
um vasto oceano silencioso.

- Quero enterrá-lo como deve ser. - Foram as pri
meiras palavras que Harry teve plena
consciência de pronunciar. - Não por magia. Vocês t
êm uma pá?

E pouco depois, ele começou a trabalhar, sozinh
o, abrindo uma cova no lugar que Gui lhe
apontara no extremo do jardim, entre moitas e arbus
tos. Cavou com uma espécie de fúria,
sentindo prazer no trabalho manual, envaidecendo-se
 com essa antimagia, porque cada gota de
suor e cada bolha que se formava eram para ele uma
oferenda ao elfo que salvara suas vidas.

Sua cicatriz ardeu, mas ele dominou a dor; senti
u-a, sem dela participar. Aprendera
finalmente a se controlar, aprendera a bloquear sua
 mente a Voldemort, exatamente o que
Dumbledore tinha querido que aprendesse com Snape.
Da mesma forma que Voldemort não
conseguira possuir Harry quando o garoto se consumi
ra de pesar por Sirius, tampouco agora
seus pensamentos conseguiam penetrar Harry, enquant
o chorava por Dobby. O pesar,
aparentemente, repelia Voldemort... embora Dumbledo
re, é claro, tivesse dito que era o
amor...

Harry continuou a cavar cada vez mais fundo a te
rra dura e gelada, subordinando sua dor ao
suor, negando a dor na cicatriz. No escuro, tendo p
or companhia apenas o som da própria
respiração e das ondas quebrando, reviu o que acont
ecera na casa dos Malfoy, o que ouvira
voltou à sua lembrança e a compreensão floresceu na
 treva...

O movimento compassado dos seus braços acompanha
va o ritmo dos seus pensamentos.
Relíquias... Horcruxes... Relíquias... Horcruxes...
 entretanto, ele já não ardia com aquele
desejo obsessivo e estranho. A perda e o medo tinh
amno extinguido: sentia-se como se tivesse

levado um tapa para despertar.

Cada vez mais fundo, Harry penetrava na cova e sabia onde Voldemort tinha estado aquela noite, e quem ele matara na cela mais alta de Nurmengard, e por quê...

E ele pensou em Rabicho, morto por um mínimo impulso inconsciente de piedade... Dumbledore previra aquilo... que mais teria sabido?

Harry perdeu a noção do tempo. Sabia apenas que a noite clareara quando Rony e Dino vieram se juntar a ele.

- Como está Hermione?

- Melhor - disse Rony. - Fleur está cuidando dela.

Harry tinha a resposta pronta se lhe perguntassem por que simplesmente não cavara uma cova perfeita com a sua varinha, mas não precisou usá-la. Os amigos pularam para dentro do buraco, que ele já fizera, trazendo pás e, juntos, trabalharam em silêncio até a profundidade parecer suficiente.

Harry aconchegou melhor o elfo em seu blusão. Rony sentou-se na beira da cova, tirou os sapatos e as meias e colocou-os sobre os pés descalços do elfo. Dino conjurou um chapéu de lã, que Harry pousou com cuidado na cabeça de Dobby, abafando suas orelhas de morcego.

- Devíamos fechar os olhos dele.

Harry não ouvira os outros se aproximarem no escuro. Gui estava trajando uma capa de viagem; Fleur, um grande avental branco, com um bolso do qual saía uma garrafa em que Harry reconheceu a Esquelesce. Hermione veio embrulhada em um robe emprestado, pálida e vacilante; Rony abraçou-a pela cintura, quando ela se achegou. Luna, que se agasalhara com um dos casacos de Fleur, agachou-se e colocou carinhosamente os dedos sobre as pálpebras do elfo, fechando-as sobre o seu olhar vidrado.

- Pronto - disse baixinho. - Agora ele poderia estar dormindo.

Harry colocou o elfo na cova, ajeitou suas perni
nhas, para parecer que estava descansando,
então saiu e contemplou, uma última vez, o pequeno
corpo. Esforçou-se para não cair no choro
ao se lembrar dos funerais de Dumbledore, das muita
s fileiras de cadeiras douradas com o
ministro da Magia sentado à frente e a enumeração d
os feitos de Dumbledore, a magnificência
do túmulo de mármore branco. Sentiu que Dobby merec
ia um funeral igualmente pomposo,
contudo, o elfo jazia entre moitas e arbustos, em u
m buraco toscamente cavado.

- Acho que deveríamos dizer algumas palavras -
sugeriu Luna. - Eu falo primeiro, posso?

E, como todos olharam para ela, Luna se dirigiu
ao elfo morto no fundo da cova.

- Muito obrigada, Dobby, por me tirar daquele p
orão. É tão injusto que você tivesse que
morrer, quando foi tão bom e corajoso. Eu sempre me
lembrarei do que fez por nós. Espero
que você agora esteja feliz.

Ela olhou para Rony na expectativa, e ele, pigar
reando, disse com a voz rouca:

- É... obrigado, Dobby.

- Obrigado - murmurou Dino.

Harry engoliu em seco.

- Adeus, Dobby - foi só o que pôde dizer, mas Lu
na já dissera tudo por ele. Gui ergueu a
varinha e o monte de terra ao lado da cova se elevo
u no ar e caiu sem se espalhar sobre a
cova, um montículo avermelhado.

- Vocês se importam se eu ficar aqui mais um pouc
o? - Harry perguntou aos outros.

Os amigos murmuraram coisas que ele não entendeu;
sentiu palmadinhas carinhosas em suas
costas, e, em seguida, todos voltaram ao chalé, dei
xando-o sozinho ao lado do elfo.

Ele olhou a toda volta: havia muitas pedras grand
es e brancas, polidas pelo mar,
delimitando os canteiros. Harry apanhou uma das mai
ores e depositou-a, como um travesseiro,
no lugar onde, agora, descansava a cabeça de Dobby.

Apalpou, então, o bolso à procura de uma varinha.

Havia duas ali. Ele esquecera, perdera a noção; não conseguiu se lembrar de quem eram as varinhas; tinha a impressão de que as tirara à força da mão de alguém. Escolheu a mais curta, que se ajustou melhor à sua mão, e apontou-a para a rocha.

Lentamente, às instruções que murmurava, foram aparecendo cortes fundos na superfície da pedra. Ele sabia que Hermione poderia ter feito melhor e provavelmente mais rápido, mas queria marcar o lugar como quisera cavar a sepultura. Quando Harry tornou a se levantar, a pedra exibia os dizeres:

Aqui jaz Dobby, um Elfo Livre.

Ele contemplou o seu trabalho por mais alguns segundos, então se afastou, sua cicatriz ainda formigando um pouco e sua mente repleta de pensamentos que tinham lhe ocorrido na cova, ideias que haviam se formado no escuro, ideias ao mesmo tempo fascinantes e terríveis.

Encontrou todos sentados na sala de estar quando entrou no pequeno hall, as atenções concentradas em Gui, que estava falando. A sala era bonita, tinha cores claras, e, na lareira, um fogo esperto com lenha recolhida na praia. Harry não quis deixar cair lama no tapete, por isso parou à porta para escutar.

- ... por sorte, Gina está de férias. Se estivesse em Hogwarts, poderiam tê-la levado antes de chegarmos a ela. Agora sabemos que também está a salvo.

Gui virou a cabeça e viu Harry parado.

- Estou tirando todos d'A Toca - explicou. - Levei-os para a casa de Muriel. Os Comensais da Morte já sabem que Rony está com você, fatalmente irão perseguir nossa família; não se desculpe - acrescentou, ao ver a expressão de Harry. - Sempre foi uma questão de tempo, papai vem dizendo isso há meses.

Somos os maiores traidores do sangue
que existem.
- Como estão protegidos? - perguntou Harry.
- Feitiço Fidelius. Papai é o fiel do segredo.
E fizemos o mesmo com este chalé; aqui sou o
fiel do segredo. Nenhum de nós pode ir trabalhar, m
as isso não é o mais importante no
momento. Quando Olivaras e Grampo melhorarem, vamos
transferi-los para a casa de Muriel
também. Não temos muito espaço, mas ela tem. As per
nas de Grampo estão se refazendo,
Fleur lhe deu Esquelesce: provavelmente, poderemos
fazer a transferência dentro de uma hora
ou...
- Não - disse Harry, e Gui pareceu espantado. -
Preciso dos dois aqui. Preciso falar com
eles. É importante.
Ele sentiu autoridade na própria voz, a convicçã
o, a determinação que lhe sobreviera
enquanto cavava a sepultura de Dobby. Todos os rost
os se voltaram para ele, intrigados.
- Vou me lavar - disse Harry a Gui, olhando para
as mãos sujas de lama e sangue de
Dobby. - Em seguida, preciso vê-los imediatamente.
Ele entrou na pequena cozinha e se dirigiu à pi
a sob a janela com vista para o mar. O dia
amanhecia no horizonte, rosa-amarelado e com um lev
e matiz dourado, e ele foi se lavando,
mais uma vez seguindo o fio dos pensamentos que tin
ham lhe ocorrido no jardim escuro...
Dobby jamais poderia lhes dizer quem o enviara a
o porão, mas Harry sabia o que tinha
visto. Um penetrante olho azul o espiara do caco de
espelho, e o socorro tinha chegado.
Hogwarts sempre ajudará aqueles que a ela recorrere
m.
Harry enxugou as mãos, insensível à beleza da pa
isagem à janela e aos murmúrios dos
demais na sala de visitas. Contemplou o oceano e s
e sentiu mais próximo, neste amanhecer, do
que jamais se sentira, do âmago de tudo.
E sua cicatriz formigava, e ele sabia que Voldem

ort também estava chegando lá. Harry
entendia e, contudo, não entendia. Seu instinto lh
e dizia uma coisa, seu cérebro outra bem
diversa. O Dumbledore em sua mente sorria, observan
do-o por cima das pontas dos dedos
juntos, como se estivesse orando.

O senhor deu a Rony o desiluminador. O senhor o
compreendeu... deu-lhe um meio de
voltar atrás...

E o senhor compreendeu o Rabicho também... o sen
hor sabia que havia nele certo
arrependimento, em algum lugar...

E se os conhecia... o que conhecia de mim, Dumbl
edore?

Estou destinado a saber, mas não a buscar? O sen
hor sabia como eu acharia isso
penoso? Foi por isso que dificultou tanto? Para que
 eu tivesse tempo de concluir sozinho?

Harry ficou muito quieto, os olhos vidrados, obs
ervando o ponto em que uma borda dourada
e ofuscante do sol se erguia no horizonte. Baixou,
 então, os olhos para as mãos limpas e ficou
momentaneamente surpreso de ver a toalha que segura
va. Colocou-a de lado e voltou ao hall
e, no caminho, sua cicatriz latejou, raivosa, e la
mpejou em sua mente, fugaz como o reflexo de
uma libélula na superfície da água, os contornos de
 um edifício que ele conhecia
excepcionalmente bem.

Gui e Fleur estavam parados ao pé da escada.

- Preciso falar com Grampo e Olivaras - disse Ha
rry.

- Nam - respondeu Fleur. - Você vai terr que es
perrarr, Arry. Os dois stam muite ruins,
cansades...

- Lamento - disse ele, sem se exasperar -, mas n
ão posso esperar. Preciso falar com eles
agora. Em particular, e separadamente. É urgente.

- Harry, que diabo está acontecendo? - perguntou
 Gui. - Você aparece aqui com um elfo
doméstico morto e um duende semi-inconsciente, Herm
ione com a aparência de que foi

torturada e Rony se recusa a me dizer o que acontec eu...

- Não podemos lhe contar o que estamos fazendo - disse Harry, taxativamente. - Você pertence à Ordem, Gui, sabe que Dumbledore nos conf iou uma missão. Não podemos discuti-la com mais ninguém.

Fleur deu um muxoxo de impaciência, mas Gui não se virou; encarava Harry. Seu rosto coberto de cicatrizes estava impenetrável. Por fim, disse:

- Tudo bem. Com quem quer falar primeiro?

Harry hesitou. Sabia o que pesava sobre sua deci são. Restava-lhe muito pouco tempo. Agora era o momento de decidir: Horcruxes ou Relíqu ias?

- Grampo. Falarei com Grampo primeiro.

Seu coração disparou, como se tivesse corrido e acabado de saltar um enorme obstáculo.

- Aqui em cima, então - disse Gui, mostrando-lhe o caminho.

Harry subira vários degraus, quando parou e olho u para trás.

- Preciso de vocês dois também! - gritou para Ro ny e Hermione, que estavam rondando, meio escondidos, o portal da sala de visitas.

Os dois surgiram à luz do hall, parecendo estran hamente aliviados.

- Como vai? - Harry perguntou a Hermione. - Você foi fantástica, inventando aquela história enquanto ela a machucava daquele jeito...

Hermione esboçou um sorriso, e Rony lhe deu um a perto carinhoso no braço.

- Que estamos fazendo agora, Harry? - perguntou ele.

- Vocês verão. Venham.

Harry, Rony e Hermione subiram com Gui a um pequ eno corredor. Nele havia três portas.

- Aqui - disse Gui, abrindo a porta para o quart o dele e de Fleur. O cômodo também se abria para o mar, agora salpicado de dourado. Harry aproximou-se da janela, deu as costas

para a vista espetacular e aguardou, os braços cruz
ados, a cicatriz formigando. Hermione
sentou-se na poltrona ao lado da penteadeira, e Ron
y, sobre o braço do estofado.
Gui reapareceu, trazendo o pequeno duende, que e
le acomodou cuidadosamente na cama.
Grampo resmungou um agradecimento, e Gui saiu, fech
ando a porta e isolando todos.
- Lamento fazê-lo se levantar - disse Harry. - C
omo estão suas pernas?
- Doloridas - respondeu o duende. - Mas se recup
erando.
Ele ainda se agarrava à espada de Gryffindor, e
tinha um ar estranho: meio truculento, meio
intrigado. Harry registrou a pele macilenta do due
nde, seus longos dedos finos, seus olhos
negros. Fleur tirara seus sapatos: os pés comprido
s estavam sujos. Era pouco mais robusto do
que um elfo doméstico. A cabeça em forma de domo er
a muito maior do que a de um humano.
- Você provavelmente não lembra... - começou Har
ry.
- ... que fui o duende que o levou ao seu cofre
, na primeira vez que visitou o Gringotes? -
completou Grampo. - Lembro, Harry Potter. Mesmo ent
re os duendes, você é muito famoso.
Harry e o duende se encararam, avaliando um ao
outro. Sua cicatriz continuava a formigar.
Ele queria acabar depressa a entrevista com Grampo,
e, ao mesmo tempo, temia fazer um
movimento em falso. Enquanto tentava decidir o melh
or modo de abordar o seu pedido, o
duende quebrou o silêncio.
- Você enterrou o elfo - disse ele, em um tom in
esperadamente rancoroso. - Observei-o da
janela do quarto ao lado.
- Enterrei - confirmou Harry.
Grampo olhou-o pelo canto de seus amendoados olh
os negros.
- Você é um bruxo incomum, Harry Potter.
- Como assim? - perguntou Harry, esfregando dist
raidamente a cicatriz.

- Você cavou a sepultura.
- E?
Grampo não respondeu. Harry achou que estava sen do escarnecido por agir como um trouxa, mas não lhe importava se Grampo aprovava ou não a sepultura de Dobby. Preparou-se para o ataque.
- Grampo, preciso lhe perguntar...
- Você também salvou um duende.
- Quê?
- Você me trouxe para cá. Me salvou.
- Bem, espero que não esteja se lamentando - dis se Harry, meio impaciente.
- Não, Harry Potter - e, com um dedo, torceu a barbicha rala do queixo -, mas você é um bruxo estranho.
- Certo. Bem, preciso de ajuda, Grampo, e você p ode dá-la.
O duende não fez nenhum gesto de encorajamento, mas continuou a franzir a testa para Harry, como se nunca tivesse visto nada parecido.
- Preciso arrombar um cofre no Gringotes.
Harry não pretendera ser tão inepto; as palavra s tinham lhe escapado da boca quando a dor trespassou sua cicatriz e ele viu, mais uma vez, os contornos de Hogwarts. Fechou a mente com firmeza. Precisava negociar com Grampo, primeir o. Rony e Hermione olhavam para Harry como se ele tivesse enlouquecido.
- Harry... - disse Hermione, mas foi interrompid a por Grampo.
- Arrombar um cofre no Gringotes? - repetiu o du ende fazendo uma careta e mudando de posição na cama. - É impossível.
- Não, não é - Rony o contradisse. - Já foi feit o.
- É - disse Harry. - No mesmo dia em que eu o co nheci, Grampo. Meu aniversário, faz sete anos.
- Na época, o cofre em questão estava vazio - re trucou o duende, e Harry compreendeu que, embora Grampo tivesse saído de Gringotes, a id

eia de as defesas do banco terem sido
vazadas o ofendia. - Tinha uma proteção mínima.
- Bem, o cofre em que precisamos entrar não está vazio, e imagino que deva contar com
fortíssima proteção. Pertence aos Lestrange.
Ele viu Hermione e Rony se entreolharem, abismados, mas haveria bastante tempo para
explicações depois que Grampo desse sua resposta.
- Sem chance - respondeu ele, com firmeza. - Não há a menor chance. "Se procuram sob o
nosso chão, um tesouro que nunca enterraram..."
- "... ladrão, você foi avisado, cuidado...", é, eu sei, lembro bem. Mas, não estou tentando
roubar um tesouro para mim, não estou tentando apanhar nada para meu lucro pessoal. Dá para
você acreditar?
O duende olhou enviesado para Harry, a cicatriz em forma de raio em sua testa formigou,
mas ele a ignorou, recusou-se a reconhecer a dor ou o convite que encerrava.
- Se houvesse um bruxo em que fosse possível crer que não visa a um lucro pessoal - disse
Grampo, finalmente -, este seria você, Harry Potter. Duendes e elfos não estão acostumados à
proteção ou ao respeito que você demonstrou esta noite. Não de porta-varinhas.
- Porta-varinhas - repetiu Harry: a frase soou estranha aos seus ouvidos, a cicatriz
formigou enquanto os pensamentos de Voldemort se voltaram para o norte e Harry ardia de
vontade de interrogar Olivaras, no quarto ao lado.
- O direito de portar uma varinha - disse o duende, em voz baixa - tem sido, há muito
tempo, motivo de contestação entre bruxos e duendes.
- Bem, os duendes são capazes de magia sem o auxílio de varinhas - disse Rony.
- Isto não vem ao caso! Os bruxos se recusam a dividir os segredos tradicionais sobre
varinhas com outros seres mágicos, nos negam a possibilidade de ampliar nossos poderes!
- Bem, os duendes também não dividem os seus con

hecimentos de magia - argumentou
Rony. - Vocês não querem nos contar como fazem suas espadas e armaduras. Os duendes
sabem trabalhar o metal de um modo que os bruxos ja mais...

- Não importa - disse Harry, reparando que Gram po estava ficando vermelho. - O que está
em questão não são os bruxos contra os duendes, ou qualquer outra criatura mágica.

Grampo deu uma risada desagradável.

- Mas é essa, a questão é exatamente essa! À med ida que o Lorde das Trevas se torna mais
poderoso, a sua raça se coloca mais firmemente acim a da minha! O Gringotes cai sob o
domínio dos bruxos, os elfos domésticos são massacr ados, e quem entre os porta-varinhas
protesta?

- Nós protestamos! - disse Hermione, empertigand o-se na poltrona, os olhos brilhantes. - E
sou caçada do mesmo modo que um duende ou um elfo, Grampo! Sou uma sangue-ruim!

- Não se chame de... - murmurou Rony.

- Por que não? Sou sangue ruim com muito orgulho ! Sob a nova ordem, não tenho uma
posição melhor do que você, Grampo! Foi a mim que e scolheram para torturar na casa dos
Malfoy!

Enquanto falava, ela afastou a gola do robe para mostrar o corte fino que Belatriz fizera,
vermelho contra a pele de sua garganta.

- Você sabia que foi Harry quem libertou Dobby? - perguntou ela. - Você sabia que há
anos queremos que os elfos sejam livres? - (Rony se mexeu incomodado no braço da poltrona
de Hermione.) - Você não pode desejar a derrota de Você-Sabe-Quem mais do que
desejamos, Grampo!

O duende olhou para Hermione com a mesma curiosi dade que manifestara por Harry.

- Que procuram no cofre dos Lestrange? - pergunt ou-lhes, de repente. - A espada que está
lá é falsa. Esta é a verdadeira. - O duende olhou d

e um para outro. - Acho que já sabem isso.
Você me pediu para mentir lá no porão.
- Mas a espada falsa não é o único objeto naque le cofre, é? - perguntou Harry. - Talvez
você tenha visto outras coisas lá dentro, não?
Seu coração batia cada vez com mais força. Ele r edobrou os esforços para ignorar a
pulsação da cicatriz.
O duende tornou a enrolar a barbicha no dedo.
- É contra o nosso código de ética falar sobre o s segredos de Gringotes. Somos os
guardiões de tesouros fabulosos. Temos um dever par a com os objetos postos sob nossa
guarda, e que foram, muitas vezes, feitos por nossa s mãos.
O duende acariciou a espada e seus olhos negros correram de Harry para Hermione, dela
para Rony e de volta.
- Tão jovens - disse, finalmente - para estarem lutando contra tantos.
- Você nos ajudará? - perguntou Harry. - Não tem os a menor esperança de arrombar o
cofre sem a ajuda de um duende. Você é a nossa únic a chance.
- Vou... pensar no pedido - disse Grampo irritan temente.
- Mas... - começou Rony, zangado; Hermione cutuc ou-o nas costelas.
- Muito obrigado - disse Harry.
O duende inclinou a cabeça grande de topo arred ondado, assentindo, e então flexionou as
pernas curtas.
- Acho - disse ele, acomodando-se ostensivamente na cama de Gui e Fleur - que aquela
Esquelesce já fez efeito. Poderei, enfim, dormir. M e deem licença...
- É, claro - disse Harry, mas, antes de sair do quarto, inclinou-se e apanhou a espada de
Gryffindor que estava ao lado do duende. Grampo não protestou, mas Harry pensou ter visto
rancor em seus olhos quando fechou a porta.
- Bostinha - sussurrou Rony. - Ele está se diver

tindo em nos fazer esperar.
- Harry - sussurrou Hermione, afastando os dois da porta, para o meio do corredor ainda escuro -, você está dizendo o que penso que está dizendo? Você está dizendo que tem uma Horcrux no cofre dos Lestrange?
- Estou. Belatriz ficou aterrorizada quando achou que tínhamos entrado no cofre, perdeu a cabeça. Por quê? Que achou que tínhamos visto, que mais pensou que poderíamos ter levado? Alguma coisa que a deixou apavorada que Você-Sabe-Quem descobrisse.
- Mas pensei que estávamos procurando lugares em que Você-Sabe-Quem tivesse estado, lugares em que tivesse feito alguma coisa importante! - disse Rony, desconcertado. - Ele algum dia entrou no cofre dos Lestrange?
- Nem sei se algum dia ele entrou no Gringotes - disse Harry. - Quando era mais moço, jamais guardou ouro lá, porque ninguém lhe deixou nada. Mas teria visto o banco por fora, na primeira vez que foi ao Beco Diagonal.
A cicatriz de Harry latejou, mas ele não deu atenção; queria que Rony e Hermione entendessem a questão do Gringotes antes de falarem com Olivaras.
- Aposto como ele teria invejado qualquer um que possuísse a chave de um cofre no Gringotes. Acho que a teria considerado um verdadeiro símbolo de que se pertence ao mundo bruxo. E não esqueçam que ele confiava em Belatriz e no marido. Foram os servos mais dedicados antes de sua queda, e saíram à sua procura quando ele desapareceu. Você-Sabe-Quem disse isso na noite em que voltou, eu ouvi.
Harry esfregou a cicatriz.
- Mas acho que não disse à Belatriz que era uma Horcrux. Jamais contou a Lúcio Malfoy a verdade sobre aquele diário. Provavelmente, disse a ela que era um objeto de estimação e lhe pediu para guardá-lo no cofre. O lugar mais seguro do mundo para qualquer coisa que se

queira esconder, segundo Hagrid... à exceção de Hog
warts.
Quando Harry terminou de falar, Rony sacudiu a c
abeça.
- Você realmente entende ele.
- Bocadinhos apenas - respondeu Harry. - Bocadi
nhos... Eu gostaria de ter entendido tanto
assim Dumbledore. Mas veremos. Vamos ao Olivaras ag
ora.
Rony e Hermione pareciam perplexos, mas impressi
onados, ao acompanharem o amigo, que
atravessou o corredor e bateu à porta oposta à de G
ui e Fleur. Um débil "Entre!" respondeu-
lhes.
O fabricante de varinhas estava deitado em uma
das camas de solteiro, distante da janela.
Permanecera preso no porão mais de um ano e Harry s
abia que fora torturado pelo menos em
uma ocasião. Estava emaciado, os ossos do rosto des
tacavam-se nitidamente na pele
amarelada. Seus grandes olhos cinzentos pareciam im
ensos nas órbitas fundas. As mãos que
estavam sobre o cobertor poderiam pertencer a um e
squeleto. Harry sentou-se na cama vazia,
ao lado de Rony e Hermione. Dali não se via o sol n
ascente. O quarto dava para o jardim
sobre o penhasco e a cova recém-aberta.
- Sr. Olivaras, me desculpe incomodá-lo - disse
Harry.
- Meu caro rapaz. - A voz de Olivaras era fraca
. - Você nos salvou. Pensei que fôssemos
morrer naquele lugar. Jamais poderei lhe agradecer.
.. jamais agradecer... o suficiente.
- Ficamos felizes em salvá-los.
A cicatriz de Harry latejou. Ele sabia, tinha c
erteza, que praticamente não lhe restava tempo
para chegar ao alvo antes de Voldemort, nem tentar
impedi-lo. Sentiu um assomo de pânico...
contudo, tomara sua decisão quando optara por falar
 com Grampo primeiro. Fingindo uma
calma que não sentia, apalpou a bolsa no pescoço e
tirou a varinha partida.

- Sr. Olivaras, preciso de sua ajuda.
- O que precisar. O que precisar - respondeu o f abricante de varinhas, fraco.
- O senhor pode consertar isso? É possível?
Olivaras estendeu-lhe a mão insegura e Harry co locou em sua palma as duas metades quase soltas.
- Azevinho e pena de fênix - disse Olivaras, co m a voz tremida. - Vinte e oito centímetros. Bem flexível.
- Sim. O senhor pode...?
- Não - sussurrou Olivaras. - Lamento muito, mui to mesmo, mas uma varinha que sofreu tal dano não pode ser consertada por nenhum meio que eu conheça.
Harry se preparara para ouvir isso, mas, ainda a ssim, foi um choque. Recolheu as metades da varinha e tornou a guardá-las na bolsa, ao pesc oço. Olivaras fitou atentamente o lugar onde a varinha partida desaparecera e não desviou o olh ar até Harry ter tirado do bolso as duas varinhas que trouxera da casa dos Malfoy.
- O senhor pode identificar essas? - perguntou o garoto.
O bruxo apanhou a primeira varinha e segurou-a junto aos olhos enfraquecidos, girando-a entre os dedos nodosos, flexionando-a de leve.
- Nogueira e fibra cardíaca de dragão - disse. - Trinta e dois centímetros. Rígida. Essa varinha pertenceu a Belatriz Lestrange.
- E essa outra?
Olivaras fez o mesmo exame.
- Pilriteiro e pelo de unicórnio. Exatos vinte e cinco centímetros. Razoavelmente flexível. Era a varinha de Draco Malfoy.
- Era? - repetiu Harry. - Não é mais dele?
- Talvez não. Se você a tirou...
- ... tirei...
- ... então talvez seja sua. O modo como a tiro u, naturalmente, faz diferença. E também depende muito da varinha em si. Mas, em geral, quan do uma varinha é conquistada, sua

lealdade muda.
Fez-se silêncio no quarto, exceto pelo ruído distante do mar.
- O senhor fala de varinhas como se elas tivessem sentimentos - disse Harry. - Como se pudessem pensar sozinhas.
- A varinha escolhe o bruxo - disse Olivaras. - Isto sempre esteve claro para os estudiosos da tradição das varinhas.
- Mas uma pessoa pode usar uma varinha que não a escolheu?
- Ah, sim, se você for realmente capaz de magia poderá canalizá-la através de quase qualquer instrumento. Os melhores resultados, porém, sempre ocorrerão quando houver a máxima afinidade entre bruxo e varinha. Esses vínculos são complexos. Uma atração inicial, depois a busca mútua de experiência, a varinha aprendendo com o bruxo, o bruxo com a varinha.
O mar avançava e recuava; era um som triste.
- Tomei a varinha de Draco Malfoy à força - disse Harry. - Posso usá-la sem perigo?
- Creio que sim. Leis sutis governam a propriedade das varinhas, mas uma varinha conquistada, em geral, se dobra à vontade do novo dono.
- Então eu devo usar esta? - disse Rony, tirando a varinha de Rabicho do bolso e entregando-a a Olivaras.
- Castanheira e fibra cardíaca de dragão. Vinte e três centímetros e meio. Quebradiça. Fui obrigado a fabricá-la, pouco depois do meu sequestro, para Pedro Pettigrew. Sim, se você a conquistou, é mais provável que ela lhe obedeça, e obedeça bem, do que outra varinha.
- E isso se aplica a todas as varinhas? - perguntou Harry.
- Creio que sim - respondeu Olivaras, seus olhos salientes fixos no rosto de Harry. - O senhor me faz perguntas profundas, sr. Potter. A tradição das varinhas é um ramo misterioso e

complexo da magia.
- Então, não é necessário matar o dono anterior para se apossar realmente de uma varinha? - perguntou Harry.
Olivaras engoliu em seco.
- Necessário? Não, eu não diria que seja necessário matar.
- Mas há lendas. - E, ao dizer isso, o seu coração acelerou, a dor na cicatriz se tornou mais intensa; teve certeza de que Voldemort decidira pôr sua ideia em prática. - Lendas sobre uma varinha, ou varinhas, que passaram de mão em mão por assassinato.
Olivaras empalideceu. Sobre o travesseiro muito branco, ele parecia cinza-claro, e seus olhos enormes, injetados de sangue e salientes, talvez expressassem medo.
- Apenas uma varinha, acho - sussurrou ele.
- E Você-Sabe-Quem está interessado nela, não é? - perguntou Harry.
- Eu... como?! - exclamou Olivaras rouco, e olhou para Rony e Hermione pedindo ajuda. - Como sabe disso?
- Ele queria que o senhor lhe dissesse como vencer a ligação entre as nossas varinhas.
Olivaras ficou aterrorizado.
- Ele me torturou, você precisa entender! A Maldição Cruciatus, eu... eu não tive escolha senão contar o que sabia, o que imaginava saber!
- Compreendo. O senhor lhe falou dos núcleos gêmeos? O senhor disse que ele precisava apenas pedir emprestada a varinha de outro bruxo?
Olivaras estava aterrado, paralisado, pela extensão do que Harry sabia. Assentiu, lentamente.
- Mas não funcionou - continuou Harry. - A minha ainda derrotou a varinha emprestada. O senhor sabe por quê?
Olivaras balançou a cabeça tão lentamente quanto assentira.
- Eu... nunca tinha ouvido falar nisso. O senhor e sua varinha realizaram um feito único

aquela noite. O vínculo entre os núcleos gêmeos é extremamente raro, ainda assim por que a sua varinha teria partido a varinha emprestada eu não sei...

- Estávamos falando de outra varinha, a que troca de mãos por assassinato. Quando Você-Sabe-Quem se deu conta de que a minha varinha tinha feito uma coisa estranha, ele voltou para lhe perguntar sobre a outra varinha, não foi?

- Como sabe?

Harry não respondeu.

- Voltou - sussurrou Olivaras. - Queria saber tudo que eu pudesse lhe dizer sobre a Varinha da Morte, Varinha do Destino ou a Varinha das Varinhas.

Harry olhou de esguelha para Hermione. Ela parecia perplexa.

- O Lorde das Trevas - respondeu Olivaras, em tom ao mesmo tempo abafado e temeroso - sempre se contentara com a varinha que eu fabricara para ele, teixo e pena de fênix, trinta e quatro centímetros, até descobrir o vínculo entre os núcleos gêmeos. Agora precisa de outra varinha, mais poderosa, porque acha que é o único meio de vencer a sua.

- Mas logo ele saberá, se é que já não sabe, que a minha está irremediavelmente partida - disse Harry, baixinho.

- Não! - exclamou Hermione, em tom assustado. - Ele não pode saber isso, Harry, como poderia...?

- Priori Incantatem - respondeu Harry. - Deixam os a sua varinha e a de ameixeira-brava na casa dos Malfoy, Hermione. Se eles as examinarem direito, e as fizerem recriar os feitiços lançados recentemente, constatarão que a sua partiu a minha, que você tentou e não conseguiu consertá-la, e concluirão que estou usando a de ameixeira-brava, desde então.

A pouca cor que ela recuperara desde a sua chegada desapareceu do seu rosto. Rony lançou a Harry um olhar de censura e disse:

- Não vamos nos preocupar com isso agora...

O sr. Olivaras, no entanto, interferiu:

- O Lorde das Trevas não está procurando a Varinha das Varinhas apenas para destruí-lo, sr. Potter. Está determinado a possuí-la porque acredita que ela o tornará verdadeiramente invulnerável.

- E tornará?

- O dono da Varinha das Varinhas sempre deve tener um ataque, mas a ideia do Lorde das Trevas possuir a Varinha da Morte, devo admitir... é formidável.

Harry lembrou-se subitamente de sua insegurança quando tinham se conhecido, do quanto gostara de Olivaras. Mesmo agora, depois de torturado e preso por Voldemort, a ideia de o bruxo das Trevas possuir a varinha parecia fascinar e causar aversão ao fabricante de varinhas, na mesma medida.

- O senhor... o senhor então acha que essa varinha realmente existe, sr. Olivaras? - perguntou Hermione.

- Ah, sim. É perfeitamente possível determinar o percurso da varinha através da história. Há lacunas, é claro, e bem grandes, onde ela desaparece de vista, temporariamente perdida ou escondida; mas sempre reaparece. Ela tem certas características reconhecíveis aos estudiosos da tradição das varinhas. Há relatos escritos, alguns obscuros, que eu e outros fabricantes de varinhas nos propusemos a estudar. Eles têm um tom de autenticidade.

- Então, o senhor... o senhor não acha que pode ser um conto de fadas ou um mito? - perguntou Hermione, esperançosa.

- Não. Se precisa ser transmitida por assassinato, eu não poderia afirmar. A história é sangrenta, mas isto talvez se deva apenas ao fato de ser tão desejada e despertar tanta paixão nos bruxos. É imensamente poderosa, ameaçadora nas mãos erradas, e é um objeto que exerce imenso fascínio em todos os estudiosos do poder das

varinhas.
- Sr. Olivaras - disse Harry -, o senhor informou a Você-Sabe-Quem que Gregorovitch tinha em seu poder a Varinha das Varinhas, não foi?

Se é que era possível, Olivaras empalideceu ainda mais. Parecia um fantasma quando engoliu em seco.
- Mas como... como sabe...?
- Não importa como sei - respondeu Harry, fechando os olhos momentaneamente ao sentir a ardência na cicatriz e vendo, por segundos apenas, a rua principal de Hogsmeade, ainda escura, porque estava situada muito mais ao norte. - O senhor informou a Você-Sabe-Quem que Gregorovitch tinha em seu poder a Varinha das Varinhas?
- Era um boato - sussurrou Olivaras. - Um boato que correu há muitos anos, muito antes de você nascer! Acredito que tenha sido o próprio Gregorovitch quem o espalhou. O senhor pode perceber como seria bom para os negócios que um fabricante estivesse estudando e duplicando as qualidades da Varinha das Varinhas!
- Posso. - Harry se levantou. - Sr. Olivaras, uma última coisa e, então, deixaremos o senhor descansar. Que é que o senhor sabe sobre as Relíquias da Morte?
- As o quê? - perguntou o fabricante de varinhas, parecendo absolutamente aturdido.
- As Relíquias da Morte.
- Receio não saber do que está falando. Isso ainda tem alguma relação com varinhas?
Harry fitou o rosto chupado e acreditou que Olivaras não estivesse fingindo. Não conhecia as Relíquias da Morte.
- Obrigado - disse Harry. - Muito obrigado. Vamos deixá-lo descansar.
Olivaras parecia impressionado.
- Ele estava me torturando! - ofegou. - A Maldição Cruciatus... o senhor não faz ideia...
- Faço. Realmente faço. Por favor, descanse um p

ouco. Obrigado por nos contar tudo isso.

Harry saiu à frente de Rony e Hermione e desceu a escada. Vislumbrou Gui, Fleur, Luna e Dino sentados à mesa na cozinha, xícaras de chá diante deles. Todos ergueram os olhos para Harry quando passou pela porta, mas ele apenas acenou com a cabeça e continuou em direção ao jardim, Rony e Hermione em seus calcanhares. O monte de terra vermelha que cobria Dobby destacava-se adiante, e Harry seguiu para lá sentindo sua dor de cabeça se intensificar. Era agora um enorme esforço bloquear as visões que se impunham à sua mente, mas ele sabia que teria de resistir um pouco mais. Logo, cederia porque precisava saber se a sua teoria estava correta. Mais um breve esforço apenas para poder explicar tudo a Rony e Hermione.

- Muito tempo atrás, Gregorovitch teve em seu poder a Varinha das Varinhas. Vi Você-Sabe-Quem tentando encontrá-lo. Quando conseguiu, soube que não estava mais com Gregorovitch: Grindelwald lhe roubara a varinha. Como Grindelwald descobriu que estava com Gregorovitch, eu não sei, mas se o fabricante de varinhas foi suficientemente burro de espalhar esse boato, não deve ter sido muito difícil.

Voldemort estava às portas de Hogwarts; Harry o via parado ali, e via, também, a lanterna balançando à luz da alvorada se aproximando cada vez mais.

- E Grindelwald usou a varinha para se tornar poderoso. E, no auge do seu poder, quando Dumbledore percebeu que era o único que poderia detê-lo, travou um duelo com Grindelwald e tomou-lhe a Varinha das Varinhas.

- Dumbledore tinha a Varinha das Varinhas? - admirou-se Rony. - Mas então... onde está agora?

- Em Hogwarts - respondeu Harry, lutando para permanecer com os amigos no jardim.

- Mas então vamos! - disse Rony, com urgência. -

Harry, vamos buscá-la antes que ele a consiga!

- É tarde demais para isso. - Harry não consegui u se conter, levou as mãos à cabeça, tentando ajudar sua mente a resistir. - Você-Sabe-Q uem sabe onde está. E está lá agora.

- Harry! - exclamou Rony, furioso. - Há quanto tempo você sabe disso... por que estivemos perdendo tempo? Por que conversou com Grampo primei ro? Poderíamos ter ido... ainda podemos ir...

- Não - disse Harry, e caiu de joelhos no capim. - Hermione tem razão. Dumbledore não queria que eu a possuísse. Não queria que eu a toma sse. Queria que eu encontrasse as Horcruxes.

- A varinha invencível, Harry! - gemeu Rony.

- Minha obrigação é... é encontrar as Horcruxes.

E agora tudo estava fresco e escuro: o sol apena s visível no horizonte enquanto ele deslizava ao lado de Snape, atravessando os jardins em direção ao lago.

- Daqui a pouco irei me juntar a você no castel o - disse, com sua voz aguda e fria. - Deixe-me agora.

Snape fez uma reverência e voltou pelo mesmo cam inho, sua capa preta esvoaçando às costas. Harry caminhou lentamente, aguardando o vul to de Snape desaparecer. Não seria bom que Snape, nem ninguém, visse aonde estava indo. M as não havia luzes nas janelas do castelo, e ele poderia se esconder... e, em um segundo, lan çou sobre si mesmo um Feitiço da Desilusão que o ocultou até dos próprios olhos. E continuou andando, contornando o lago, apreciando os contornos do castelo, seu primeiro reino, seu direi to por nascimento...

E ali estava, ao lado do lago, refletindo-se na s águas escuras. O túmulo de mármore branco, uma mancha desnecessária na paisagem familiar. Ele sentiu mais uma vez um assomo de

controlada euforia, aquela sensação intoxicante de propósito na destruição. Ergueu a velha varinha de teixo: que apropriado que este fosse o seu último grande ato.

O túmulo se abriu da cabeceira aos pés. O vulto amortalhado continuava tão comprido e magro como fora em vida. Ele tornou a erguer a varinha.

A mortalha se abriu. O rosto estava translúcido, pálido, encovado, contudo, quase perfeitamente preservado. Tinham lhe deixado os óculos sobre o nariz torto: ele sentiu desprezo e vontade de rir. As mãos de Dumbledore estavam cruzadas sobre o peito, e ali estava ela, presa sob as mãos, enterrada com ele.

Será que o velho tolo imaginara que o mármore ou a morte protegeriam a varinha? Será que pensara que o Lorde das Trevas teria medo de violar o seu túmulo? A mão aranhosa mergulhou e arrebatou a varinha de Dumbledore, e, quando a segurou, uma chuva de faíscas voou da sua ponta, salpicando o corpo do seu último dono, finalmente pronta para servir a um novo senhor.

==========
Conteúdo disponíbilizado gratuitamente por Le Livros
==========

-- CAPÍTULO VINTE E CINCO --

O Chalé das Conchas

O chalé de Gui e Fleur erguia-se isolado em um rochedo de onde se descortinava o mar, as paredes caiadas e engastadas de conchas. Era um lugar belo e solitário. Sempre que Harry entrava na pequena casa ou em seu jardim, ele ouvia o movimento constante das ondas do mar, como a respiração de uma enorme criatura adormecida. Ele passou a maior parte dos dias seguintes dando desculpas para fugir do chalé apinhado de gente, ansiando por avistar do alto do rochedo um céu infinito e um mar vazio, e a sensação do vento frio e salgado em seu rosto.

A enormidade de sua decisão de não competir com Voldemort pela posse da varinha ainda o amedrontava. Não conseguia se lembrar de jamais ter optado por não agir. Estava roído de dúvidas, dúvidas que Rony não conseguia deixar de v erbalizar quando se reuniam.

- E se Dumbledore quis que a gente decifrasse o símbolo para obter a varinha? E se a decifração do símbolo o tornasse "merecedor" das R elíquias? Harry, se aquela é realmente a Varinha das Varinhas, como é que vamos liquidar Voc ê-Sabe-Quem?

Harry não tinha respostas: havia momentos em qu e se perguntava se não fora uma rematada loucura não tentar impedir Voldemort de violar o t úmulo. Ele não conseguia sequer explicar satisfatoriamente por que se opusera a isso: cada v ez que tentava reconstruir os argumentos íntimos que o levaram àquela decisão, eles lhe pare ciam mais fracos.

O estranho era que o apoio de Hermione o fazia sentir-se tão confuso quanto as dúvidas de Rony. Agora forçada a aceitar que a Varinha das Va rinhas era real, ela sustentava que era um objeto das Trevas e que o modo pelo qual Voldemort se apossara dele era repugnante, impensável.

- Você jamais poderia ter feito isso, Harry - r epetia ela, todo o tempo. - Você não poderia ter violado o túmulo de Dumbledore.

A ideia do cadáver de Dumbledore, porém, o assus tava menos do que a possibilidade de não ter compreendido as intenções de Dumbledore viv o. Sentia que continuava a tatear no escuro; escolhera um caminho, mas não parava de olh ar para trás, imaginando se não teria interpretado mal os sinais, se não deveria ter toma do o outro. De tempos em tempos, a raiva por Dumbledore tornava a desabar sobre ele, poderos a como as ondas que se atiravam contra o paredão de pedra abaixo do chalé, raiva de que o diretor não tivesse explicado tudo antes de

morrer.
- Mas ele está morto? - perguntou Rony, três dia
s depois de chegarem ao chalé. Harry
estivera contemplando o muro que separava o jardim
do chalé do rochedo quando Rony e
Hermione o encontraram; desejou que não o tivessem
feito, porque não queria participar da
discussão dos dois.
- Está, sim, Rony, por favor, não recomece com i
sso!
- Examine os fatos, Hermione - insistiu Rony, f
alando com Harry, que estava entre os dois
e que, por sua vez, continuava a fitar o horizonte
. - A corça prateada. A espada. O olho que
Harry viu no espelho...
- Harry admite que poderia ter imaginado o olho!
Não é, Harry?
- Poderia - confirmou Harry, sem olhar para a am
iga.
- Mas você não acha que tenha, não é? - pergunto
u Rony.
- Não.
- Taí! - concluiu Rony, rapidamente, antes que H
ermione pudesse prosseguir. - Se não foi
Dumbledore, explique como Dobby soube que estávamos
no porão, Hermione?
- Não posso... mas você pode explicar como Dumbl
edore nos mandou Dobby se estava em
um túmulo em Hogwarts?
- Não sei, poderia ter sido o fantasma dele!
- Dumbledore não voltaria como fantasma - disse
Harry. Agora havia pouca coisa sobre
Dumbledore de que ele tivesse certeza, mas isto ele
sabia. - Ele teria prosseguido.
- Que quer dizer com esse "prosseguido"? - perg
untou Rony, mas, antes que Harry pudesse
dizer alguma coisa, uma voz chamou-o, às costas:
- Arry?
Fleur saíra do chalé, seus longos cabelos pratea
dos esvoaçando à brisa.
- Arry, Grrampo gostarria de falarr com você. E
le sta no quarrto menorrzinhe, e diz que

nam querr que o oucem.
Seu desagrado com o duende por mandá-la dar reca dos era evidente; tinha um ar irritado quando voltou para casa.
Grampo estava esperando, tal como Fleur dissera, no menor dos três quartos, onde Hermione e Luna dormiam à noite. Ele fechara as cor tinas de algodão vermelho para filtrar a pouca claridade do céu anuviado, o que emprestava ao quarto um tom flamejante incompatível com o resto do chalé, claro e leve.
- Cheguei a uma decisão, Harry Potter - disse o duende, que estava sentado de pernas cruzadas em uma poltrona baixa, tamborilando os ded os finos nos braços do móvel. - Ainda que os duendes de Gringotes considerem isso uma vil traição, decidi ajudá-lo...
- Que ótimo! - exclamou Harry, o alívio percorre ndo-lhe o corpo. - Grampo, obrigado, estamos realmente...
- ... mediante - continuou o duende, com firmeza - pagamento.
Ligeiramente surpreso, Harry hesitou.
- Quanto você quer? Tenho ouro.
- Não em ouro. Tenho ouro.
Seus olhos negros cintilaram, e neles não se via m córneas brancas.
- Quero a espada. A espada de Godrico Gryffindor .
O ânimo de Harry despencou.
- Não posso lhe dar isso. Lamento.
- Então - disse o duende, mansamente -, temos um problema.
- Podemos lhe dar outra coisa - disse Rony, ansi oso. - Aposto como os Lestrange têm um montão de coisas, pode escolher o que quiser quando entrarmos no cofre.
Acabara de dizer a coisa errada. Grampo corou en colerizado.
- Não sou ladrão, moleque! Não estou tentando ob ter tesouros a que não tenho direito!
- A espada é nossa...

- Não é - respondeu o duende.
- Somos da Grifinória, e ela pertenceu a Godrico Gryffindor...
- E antes de Gryffindor, a quem ela pertenceu? - indagou o duende, aprumando-se.
- A ninguém - respondeu Rony. - Foi fabricada para ele, não?
- Não! - exclamou o duende, encrespando-se e apontando um longo dedo para Rony. - Outra vez a arrogância dos bruxos! Aquela espada era de Ragnok, o Primeiro, e lhe foi tomada por Godrico Gryffindor! É um tesouro perdido, uma obra-prima do artesanato dos duendes! Pertence aos duendes! A espada é o preço do meu serviço, é pegar ou largar!
Grampo encarou-os, zangado. Harry olhou para os amigos e disse:
- Precisamos discutir os seus termos, Grampo, se concordar. Pode nos dar uns minutos?
O duende assentiu, de cara azeda.
Embaixo, na sala de estar vazia, Harry encaminhou-se para a lareira, a testa franzida, tentando pensar no que fazer. Às suas costas, Rony comentou:
- Ele está brincando. Não podemos lhe entregar a espada.
- É verdade? - perguntou Harry a Hermione. - A espada foi roubada por Gryffindor?
- Não sei - disse ela, desanimada. - A história dos bruxos com frequência passa por cima do que fizemos a outras raças mágicas, mas nunca li que Gryffindor tivesse roubado a espada.
- Deve ser uma dessas histórias de duendes - disse Rony - que contam que os bruxos vivem querendo passá-los para trás. Suponho que devemos nos dar por felizes que ele não tenha pedido uma de nossas varinhas.
- Os duendes têm boas razões para não gostar dos bruxos, Rony - lembrou Hermione. - Foram tratados com brutalidade no passado.
- Mas os duendes não são exatamente coelhinhos fofinhos, não é? - contrapôs Rony. -

Mataram muitos de nós. E também lutaram deslealment
e.
- Mas discutir com Grampo qual é a raça mais des
leal e violenta não vai animá-lo a nos
ajudar, não é?
Houve uma pausa durante a qual os garotos tentar
am pensar em uma forma de contornar o
problema. Pela janela, Harry olhou para a sepultura
de Dobby. Luna estava arrumando
limônios em um pote de geleia ao lado da lápide.
- O.k. - disse Rony, e Harry se virou para ele -
, que acha disso? Dizemos a Grampo que
precisamos da espada até entrarmos no cofre, e depo
is será dele. Tem uma duplicata lá dentro,
não é? Trocamos as duas e lhe entregamos a falsa.
- Rony, ele saberia a diferença melhor do que nó
s! - objetou Hermione. - Ele foi o único
que percebeu que tinha havido uma troca!
- É, mas poderíamos dar no pé antes que ele perc
ebesse...
Ele se intimidou ante o olhar que Hermione lhe l
ançou.
- Isso - disse ela, baixinho - é desprezível. P
edir a ajuda dele e depois traí-lo? E você se
pergunta por que os duendes não gostam dos bruxos,
Rony?
As orelhas de Rony ficaram vermelhas.
- Tá, tá! Foi a única coisa em que consegui pens
ar! E qual é a sua solução?
- Precisamos lhe oferecer outra coisa tão valios
a quanto a espada.
- Genial. Vou arranjar uma das nossas outras esp
adas antigas fundidas por duendes e você
poderá embrulhá-la para presente.
Todos se calaram. Harry tinha certeza de que o d
uende só aceitaria a espada, mesmo que
tivessem outro objeto igualmente valioso para lhe o
ferecer. Contudo, aquela espada era a
arma indispensável contra as Horcruxes.
Ele fechou os olhos por instantes e ficou escut
ando o barulho das ondas. A ideia de que
Gryffindor pudesse ter roubado a espada o desagrada

va: sempre tivera orgulho de pertencer à Grifinória; Gryffindor tinha sido o campeão dos nascidos trouxas, o bruxo que entrara em conflito com os sonserinos amantes do sangue puro...

- Talvez ele esteja mentindo - disse Harry, reabrindo os olhos. - Grampo. Talvez Gryffindor não tenha tomado a espada. Como vamos saber se a versão da história contada pelo duende é a certa?

- Isso faz diferença? - perguntou Hermione.

- Muda o meu modo de encarar o pedido.

Harry inspirou profundamente.

- Diremos a ele que poderá ficar com a espada depois de nos ajudar a entrar naquele cofre, mas teremos a cautela de omitir exatamente quando a entregaremos.

Um sorriso espalhou-se lentamente pelo rosto de Rony. Hermione, entretanto, pareceu alarmada.

- Harry, não podemos...

- Ele a terá - prosseguiu Harry - depois que a usarmos em todas as Horcruxes. Garantirei pessoalmente que ele a receba. E cumprirei com a minha palavra.

- Mas isso poderia levar anos! - protestou Hermione.

- Eu sei disso, mas ele não precisa saber. E não estarei mentindo... tecnicamente.

Harry encarou Hermione nos olhos com uma mescla de desafio e vergonha. Lembrou-se das palavras que estavam gravadas na entrada de Nurmengard: Pelo Bem Maior. Afastou a ideia de sua mente. Que outra escolha tinham?

- Não gosto disso - falou Hermione.

- Também não gosto muito - admitiu Harry.

- Pois eu acho genial - disse Rony, levantando-se. - Vamos dar a resposta a ele.

De volta ao quartinho, Harry fez a oferta, tomando o cuidado de fraseála de modo a indefinir a data para a entrega da espada. Hermione franzia a testa, de olhos no chão, enquanto

o amigo falava; Harry se irritou com ela, receoso de que pudesse entregar o jogo. Contudo, Grampo só tinha olhos para Harry.

- Tenho a sua palavra, Harry Potter, de que me dará a espada de Gryffindor se eu ajudá-lo?

- Tem.

- Então, aperte aqui - disse o duende estendendo a mão.

Harry segurou-a e sacudiu-a. Ficou em dúvida se aqueles olhos negros teriam visto alguma apreensão nos seus. Então, Grampo soltou-o, juntou as palmas das mãos e disse:

- Então. Comecemos!

Foi uma repetição do planejamento para entrar no Ministério. Eles se acomodaram para trabalhar no pequeno quarto, que era mantido, seguindo a preferência de Grampo, na penumbra.

- Visitei o cofre dos Lestrange apenas uma vez - disse Grampo -, na ocasião em que me mandaram guardar a espada falsa lá dentro. É uma das câmaras mais antigas. As famílias de bruxos mais tradicionais guardam os seus tesouros no nível mais profundo, onde os cofres são maiores e mais bem protegidos...

Eles permaneciam trancados no quarto, que lembrava um armário, durante horas seguidas. Lentamente, os dias se alongaram em semanas. Surgia um problema atrás do outro para resolverem, dos quais o menor não era o estoque de Poção Polissuco estar extremamente desfalcado.

- Na realidade, só temos suficiente para um de nós - informou Hermione, inclinando a Poção cor de lama contra a luz.

- Será suficiente - disse Harry, que estava examinando o mapa dos corredores mais profundos, desenhado à mão por Grampo.

Os outros habitantes do Chalé das Conchas não poderiam deixar de notar que alguma coisa estava acontecendo, agora que Harry, Rony e Hermione só apareciam à hora das refeições.

Ninguém fazia perguntas, embora Harry sentisse, com frequência, o olhar de Gui sobre os três à mesa, pensativo e preocupado.

Quanto mais tempo passavam juntos, tanto mais Harry tomava consciência de que não gostava muito do duende. Grampo se mostrava inesperadamente sedento de sangue, ria-se da ideia de infligir dor a criaturas inferiores e parecia antegozar a possibilidade de que pudessem ferir outros bruxos para chegar ao cofre dos Lestrange. Harry percebia que o seu desagrado era compartilhado pelos outros dois, mas não o discutiam: precisavam de Grampo.

O duende só comia com os demais de má vontade. Mesmo depois de suas pernas estarem curadas, ele continuou a pedir que levassem a comida em bandeja ao seu quarto, como faziam para o ainda frágil Olivaras, até que Gui (após uma explosão de raiva de Fleur) subiu para lhe dizer que o esquema não poderia continuar. A partir de então, Grampo se reunia a todos na mesa lotada, embora se recusasse a comer a mesma comida, insistindo em se alimentar de pedaços de carne crua e cogumelos variados.

Harry se sentia responsável: afinal, ele insistira que o duende permanecesse no Chalé das Conchas para poder interrogá-lo; era sua culpa que toda a família Weasley tivesse sido obrigada a entrar na clandestinidade; que Gui, Fred, Jorge e o sr. Weasley não pudessem mais trabalhar.

- Lamento muito - disse Harry a Fleur, em uma tempestuosa noite de abril quando a ajudava a preparar o jantar. - Nunca pretendi que vocês tivessem que enfrentar tudo isso.

Ela acabara de separar algumas facas para cortar bifes para Grampo e Gui, que preferia a carne sangrenta desde que fora atacado por Greyback. Enquanto as facas cortavam sozinhas às costas dela, sua expressão irritadiça se suavizou.

- Arry, você salvou a vida da minha irrmã, eu nam esqueci.

Rigorosamente falando, isso não era verdade, mas Harry decidiu não lhe lembrar que Gabrielle jamais correra real perigo.

- De qualquerr forrma - continuou Fleur, apontando a varinha para uma panela de molho em cima do fogão, que começou imediatamente a borbulhar -, o sr. Olivarras vai parrtirr parra a casa de Murriel hoje à noite. Isse vai facilitarr um pouque. O duende - ela franziu as sobrancelhas ao mencioná-lo - pode se mudarr parra baixe, e você, Rony e Dino podem ficarr com aquele quarrte.

- Não nos importamos de dormir na sala de visitas - disse Harry, que sabia que Grampo encararia com desagrado a ideia de dormir no sofá; manter o duende feliz era essencial para os seus planos. - Não se preocupe conosco. - E quando ela tentou protestar, acrescentou: - Logo vocês estarão livres de nós também, de mim, Rony e Hermione. Não precisaremos demorar muito mais tempo aqui.

- Que querrr dizerr? - perguntou ela, franzindo o cenho, a varinha que apontava para o prato de forno agora suspensa no ar. - Clarro que vocês nam devem irr emborra, stão seguros aqui!

Fleur lembrou-lhe a sra. Weasley ao dizer isso, e ele ficou contente que a porta dos fundos tivesse se aberto naquele momento. Luna e Dino entraram, os cabelos molhados de chuva e os braços carregados de gravetos recolhidos na praia.

- ... e orelhinhas minúsculas - Luna ia dizendo - parecidas com as de um hipopótamo, diz o meu pai, só que roxas e peludas. E se a gente quer chamá-las, precisa cantarolar de boca fechada; elas preferem valsas, nada muito rápido...

Sem graça, ao passar Dino encolheu os ombros para Harry, e seguiu com Luna para a sala de estar onde Rony e Hermione estavam pondo a mesa do jantar. Aproveitando a chance para fugir das perguntas de Fleur, Harry passou a mão em

duas jarras de suco de abóbora e
acompanhou os dois.
- ... e se algum dia você for lá em casa, poder
ei lhe mostrar o chifre. Papai me escreveu
contando, mas ainda não o vi porque os Comensais da
Morte me arrancaram do Expresso de
Hogwarts e não cheguei a passar o Natal em casa - d
izia Luna, enquanto ela e Dino
rearrumavam a lenha na lareira.
- Luna, nós já lhe dissemos - interpôs Hermione.
- Aquele chifre explodiu. Era de
erumpente, não um Bufador de Chifre Enrugado...
- Não, positivamente era um chifre de Bufador -
respondeu Luna, com serenidade. - Papai
me disse. É provável que a essa altura já tenha vol
tado a se formar, eles se restauram
sozinhos, sabe.
Hermione balançou a cabeça e continuou a arrumar
os talheres no momento em que Gui
descia a escada com o sr. Olivaras. O fabricante de
varinhas ainda parecia excepcionalmente
frágil, e apoiava-se no braço de Gui, que lhe dava
suporte e carregava uma grande mala.
- Vou sentir saudades, sr. Olivaras - disse Luna
, aproximando-se do velho.
- E eu de você, minha querida - disse-lhe, com u
ma palmadinha no ombro. - Você foi um
consolo indizível para mim naquele lugar medonho.
- Entam, au revoir, sr. Olivarras - disse Fleur,
beijando-o nas faces. - E serrá que o
senhorr poderria me fazerr o favorr de entrregarr e
sse embrrulho à tia de Gui, Murriel? Nunca
lhe devolvi a tiarra.
- Será uma honra - disse Olivaras, com uma peque
na reverência -, é o mínimo que posso
fazer para retribuir sua generosa hospitalidade.
Fleur apanhou um estojo de veludo puído, que abr
iu para mostrar ao fabricante de varinhas.
A tiara brilhava e cintilava à luz do candeeiro sus
penso.
- Pedras da lua e diamante - disse Grampo, que e
ntrara na sala sem que Harry percebesse.

- Acho que feito por duendes, não?
- E pago por bruxos - disse Gui calmamente, e o duende lhe lançou um olhar ao mesmo tempo furtivo e desafiador.
Um vento forte fustigava as janelas do chalé quando Gui e Olivaras saíram noite afora. Os demais se espremeram em torno da mesa; cotovelo contra cotovelo, quase sem espaço para se mexer, começaram a jantar. O fogo estalava e saltava na grade da lareira ao lado deles. Fleur, Harry reparou, apenas ciscava a comida no prato; olhava para a janela a todo instante; contudo, Gui regressou antes de terminarem o primeiro prato, os cabelos embaraçados pelo vento.
- Correu tudo bem - disse a Fleur. - Olivaras está acomodado, mamãe e papai mandaram lembranças. Gina enviou carinhos a todos. Fred e Jorge estão fazendo Muriel subir pelas paredes, continuam operando um reembolsocoruja de um quarto nos fundos da casa. Ela ficou contente com a devolução da tiara. Disse que pensou que a tivéssemos roubado.
- Ah, ela é charmante, a sue tie - comentou Fleur indignada, acenando com a varinha e fazendo os pratos servidos se erguerem da mesa e formarem uma pilha no ar. Depois recolheu-os e saiu da sala.
- Papai fez uma tiara para mim - falou Luna. - Na realidade, foi mais uma coroa.
Rony surpreendeu o olhar de Harry e sorriu; Harry sabia que o amigo estava se lembrando daquele ridículo toucado que tinham visto na visita a Xenofílio.
- É, ele está tentando recriar o diadema perdido de Ravenclaw. Acha que já identificou a maioria dos elementos principais. Acrescentar as asas do gira-gira realmente fez diferença...
Ouviram, então, uma batida na porta da frente. Todas as cabeças se voltaram para o ruído. Fleur veio correndo da cozinha com ar assustado; Gui levantou-se de um salto, a varinha

apontando para a porta. Harry, Rony e Hermione o im
itaram. Silenciosamente, Grampo
escorregou para baixo da mesa, se escondendo.

- Quem é? - perguntou Gui.

- Sou eu, Remo João Lupin! - respondeu uma voz s
obrepondo-se ao uivo do vento. Harry
sentiu um tremor de medo; que acontecera? - Sou um
lobisomem, casado com Ninfadora
Tonks, e você, o fiel do segredo do Chalé das Conch
as, me informou o endereço e me pediu
para vir se houvesse uma emergência!

- Lupin - murmurou Gui e, correndo à porta, abri
u-a.

Lupin desabou na soleira. Estava muito pálido, e
nvolto em uma capa de viagem, seus
cabelos grisalhos despenteados pela ventania. Ele s
e ergueu, correu o olhar pela sala,
verificando quem estava presente, então gritou:

- É um menino! Demos a ele o nome de Ted, em hom
enagem ao pai de Dora!

Hermione deu um gritinho.

- Qu... Tonks... Tonks teve o bebê?

- Teve, teve, teve o bebê! - gritou Lupin. Em v
olta da mesa ouviram-se gritos de alegria,
suspiros de alívio. Hermione e Fleur guincharam:

- Parabéns! - E Rony exclamou:

- Caramba, um menino! - Como se nunca tivesse ou
vido falar em tal coisa antes.

- É... é... um menino - repetiu Lupin, que pare
cia atordoado com a própria felicidade. E,
contornando a mesa, abraçou Harry; a cena no porão
do largo Grimmauld parecia jamais ter
acontecido.

- Você será o padrinho? - perguntou, ao soltar o
garoto.

- E-eu? - gaguejou Harry.

- Você, é claro... Dora está de acordo, ninguém
melhor...

- Eu... é... caramba...

Harry se sentiu orgulhoso, espantado, encantado:
agora Gui corria a buscar vinho e Fleur
convencia Lupin a tomar uma taça com eles.

- Não posso me demorar, preciso voltar - disse Lupin, sorrindo para todos: parecia mais jovem do que Harry jamais o vira. - Obrigado, obrigado, Gui.

Logo Gui enchera as taças; todos se levantaram e as ergueram num brinde.

- A Teddy Remo Lupin - disse o pai -, um futuro grande bruxo!

- Com quam ele parrece? - indagou Fleur.

- Acho que parece com Dora, mas ela acha que é como eu. Pouco cabelo. Parecia preto quando nasceu, mas juro que virou ruivo desde então. Provavelmente estará louro quando eu voltar. Andrômeda diz que os cabelos de Tonks começaram a mudar de cor no dia em que ela nasceu. - Ele esvaziou a taça. - Ah, aceito, só mais uma - acrescentou, sorridente, quando Gui fez menção de tornar a servi-lo.

O vento açoitava o pequeno chalé, e o fogo saltava e estalava, e logo Gui estava abrindo uma segunda garrafa de vinho. As notícias de Lupin pareciam ter feito todos se descontraírem, tirou-os por uns momentos do seu estado de sítio: notícias de uma vida nova eram animadoras. Somente o duende parecia insensível ao clima subitamente festivo, e, após algum tempo, voltou discretamente para o quarto, que, agora, ocupava sozinho. Harry pensou que tivesse sido o único a notar, até ver o olhar de Gui acompanhando o duende subir a escada.

- Não... não... eu realmente preciso voltar - disse Lupin, por fim, agradecendo mais uma taça de vinho. Levantou-se, vestiu a capa de viagem. - Tchau, tchau... vou tentar trazer umas fotos dentro de alguns dias... todos ficarão muito contentes quando souberem que estive com vocês...

Ele abotoou a capa e se despediu, abraçando as mulheres e apertando as mãos dos homens, então, ainda sorrindo, voltou para a noite tempestuosa.

- Padrinho, Harry! - exclamou Gui, quando voltav

am juntos para a cozinha, ajudando a tirar
a mesa. - Uma verdadeira honra! Parabéns!
Quando Harry pousou as taças vazias que trazia,
Gui fechou a porta ao passar, isolando as
vozes ainda loquazes que continuavam a comemoração,
mesmo na ausência de Lupin.
- Eu queria mesmo dar uma palavrinha com você em
particular, Harry. Não tem sido fácil
arranjar uma oportunidade com o chalé tão cheio de
gente.
Gui hesitou.
- Harry, você está planejando alguma coisa com G
rampo.
Era uma afirmação, não uma pergunta, e Harry nã
o se deu o trabalho de negar. Apenas olhou
para Gui, e aguardou.
- Eu conheço duendes. Trabalhei no Gringotes des
de que terminei Hogwarts. Até onde
possa haver amizade entre bruxos e duendes, tenho a
migos duendes, ou pelo menos, duendes
que conheço bem e de quem gosto. - Mais uma vez, el
e hesitou. - Harry, que está querendo do
Grampo e o que lhe prometeu em pagamento?
- Não posso lhe dizer. Desculpe, Gui.
A porta da cozinha abriu-se às costas deles. Fle
ur vinha trazendo mais taças vazias.
- Espere - disse-lhe Gui. - Um instante.
Ela retrocedeu e tornou a fechar a porta.
- Então, preciso lhe dizer o seguinte: se você f
ez algum negócio com Grampo, e, muito
particularmente, se esse negócio envolver tesouros
, você precisa ter excepcional cautela. As
ideias que duendes têm de posse, pagamento e retrib
uição não são as mesmas que as dos
humanos.
Harry sentiu um leve mal-estar, como se uma cobr
inha tivesse despertado em seu íntimo.
- Que está querendo dizer?
- Estamos lidando com uma raça diferente. Os ne
gócios entre bruxos e duendes há séculos
têm sido desgastantes: mas você aprendeu isso em Hi
stória da Magia. Tem havido erros de

ambas as partes. Eu jamais diria que os bruxos fora
m inocentes. Entretanto, há uma crença
entre os duendes, e os de Gringotes são mais influ
enciados por ela, de que não se pode confiar
nos bruxos em questões de ouro e tesouros, de que e
les não respeitam o direito de propriedade
dos duendes.

- Eu respeito... - começou Harry, mas Gui balanç
ou a cabeça.

- Você não está entendendo, Harry, ninguém pode
ria entender a não ser que tenha convivido
com duendes. Para um duende, o dono verdadeiro e le
gítimo de qualquer objeto é quem o
fabricou e não quem o comprou. Todos os objetos fei
tos por duendes são, aos olhos dos
duendes, legitimamente deles.

- Mas se tiver sido comprado...

- ... então eles o considerariam arrendado à pe
ssoa que desembolsou o dinheiro. Eles têm,
entretanto, grande dificuldade em compreender que o
bjetos feitos por duendes passem de
bruxo para bruxo. Você notou a expressão de Grampo
 quando bateu os olhos na tiara. Ele não
aprovou isso. Acredito que pense, como os mais rad
icais de sua espécie, que o objeto deveria
ser restituído aos duendes quando o comprador origi
nal morresse. Eles consideram o nosso
costume de guardar objetos feitos por duendes e pas
sá-los de bruxo para bruxo sem novo
pagamento praticamente um roubo.

Harry teve uma sensação agourenta; ficou imagin
ando se Gui teria adivinhado mais do que
estava demonstrando.

- O que estou dizendo - continuou ele, pondo a
mão na porta que dava para a sala de estar -
é para que tenha muito cuidado com o que prometer a
 duendes, Harry. Seria menos perigoso
arrombar o Gringotes do que renegar uma promessa a
um duende.

- Certo - disse Harry, quando Gui abriu a porta.
 - Obrigado. Não me esquecerei disso.

Quando seguiu Gui para se reunir aos outros, oco

rreu a Harry um pensamento esquisito, inspirado, certamente, pelo vinho que bebera. Parecia que estava em vias de se tornar um padrinho tão inconsequente para Teddy Lupin quanto Sirius Black fora para ele.

-- CAPÍTULO VINTE E SEIS --

Gringotes

Os planos estavam traçados, os preparativos feitos; no quartinho mínimo, um único fio de cabelo negro, comprido e grosso (tirado do suéter que Hermione usara na Mansão dos Malfoy) estava enrolado em um frasquinho sobre o console da lareira.

- E você estará usando a varinha dela - disse Harry, indicando com a cabeça a varinha de nogueira -, portanto, acho que estará bem convincente.

Hermione olhou assustada, quando a apanhou, como se a varinha pudesse picar ou morder.

- Odeio essa coisa - disse em voz baixa. - Realmente odeio. Parece que não se amolda bem, que não funciona direito comigo... é como um pedaço dela.

Harry não pôde deixar de lembrar como Hermione desconsiderara a sua repulsa pela varinha de ameixeira-brava, insistindo que ele estava imaginando coisas quando achou que não funcionava tão bem quanto a dele, dizendo-lhe que só precisava praticar. Preferiu, porém, não repetir para a amiga o próprio conselho; achou que a véspera da tentativa de assalto ao Gringotes era o momento errado para antagonizá-la.

- Provavelmente ajudará quando você tiver assumido a personagem - disse Rony. - Pense no que essa varinha já fez!

- Mas é disso que estou falando! - retorquiu Hermione. - Esta é a varinha que torturou os pais de Neville, e quem sabe quantas pessoas mais? Esta é a varinha que matou Sirius!

Harry não pensara nisso: olhou para a varinha e sentiu um brutal impulso de parti-la, cortá-la ao meio com a espada de Gryffindor, que estava a

poiada na parede ao seu lado.

- Sinto falta da minha varinha - reclamou Hermione, infeliz. - Gostaria que o sr. Olivaras pudesse ter feito outra para mim também.

O fabricante de varinhas mandara uma nova para Luna naquela manhã. Nesse momento, a garota estava no quintal, testando o seu potencial ao sol do entardecer. Dino, que perdera a varinha para os sequestradores, a observava, tristonho.

Harry olhou para a varinha de pilriteiro que pertencera a Draco Malfoy. Ficou surpreso, mas satisfeito, em descobrir que ela funcionava tão bem com ele quanto a de Hermione. Lembrando o que Olivaras lhe dissera sobre o mecanismo secreto das varinhas, Harry julgou entender qual era o problema de Hermione: a amiga não conquistara a lealdade da varinha de nogueira tomando-a pessoalmente de Belatriz.

A porta do quarto se abriu e Grampo entrou. Harry levou instintivamente a mão ao punho da espada e puxou-a para perto de si, mas, na mesma hora, arrependeu-se do gesto: percebeu que o duende vira. Procurando suavizar o momento embaraçoso, disse:

- Estivemos verificando umas coisinhas de última hora, Grampo. Avisamos a Gui e Fleur que estamos partindo amanhã e que não precisam se levantar para se despedir.

Tinham sido inflexíveis neste ponto, porque Hermione precisaria se transformar em Belatriz antes de saírem, e quanto menos Gui e Fleur soubessem ou suspeitassem do que iam fazer, melhor. Explicaram também que não retornariam. Como tinham perdido a velha barraca de Perkins, na noite em que foram pegos pelos sequestradores, Gui lhes emprestara outra. Estava, agora, guardada na bolsinha de contas, e Harry ficou impressionado ao saber que Hermione a protegera dos sequestradores pelo simples expediente de enfiá-la dentro da meia.

Embora fossem sentir falta de Gui, Fleur, Luna e

Dino, sem falar dos confortos de casa que tinham usufruído nas últimas semanas, Harry ansiava pela hora de escapar do confinamento do Chalé das Conchas. Estava cansado de verificar se estariam sendo ouvidos, cansado de ficar trancado em um quarto minúsculo e escuro. E, principalmente, ansiava por se livrar de Grampo. Contudo, exatamente como e quando se separariam do duende sem entregar a espada de Gryffindor ainda eram perguntas para as quais Harry não encontrara respostas. Tinha sido impossível decidir como iriam fazer isso, porque o duende raramente deixava Harry, Rony e Hermione a sós por mais de cinco minutos por vez: "Ele podia dar aulas a minha mãe", rosnava Rony quando os longos dedos do duende apareciam nas bordas das portas. Com o aviso de Gui em mente, Harry não podia deixar de suspeitar que Grampo estivesse alerta para uma possível trapaça. Hermione desaprovava tão vigorosamente a traição planejada que Harry desistira de tentar lhe pedir ideias sobre a melhor maneira de executá-la; Rony, nas raras ocasiões em que tinham conseguido roubar alguns momentos à presença de Grampo, não propusera nada melhor do que "Simplesmente teremos que improvisar, colega".

Harry dormiu mal aquela noite. Ainda deitado nas primeiras horas da manhã, pensou no seu estado de ânimo na véspera de se infiltrarem no Ministério da Magia e lembrou-se de sua determinação, quase uma excitação. Agora, experimentava choques de ansiedade e dúvidas persistentes: não conseguia se livrar do medo de que tudo fosse correr mal. Não parava de dizer a si mesmo que o plano deles era bom, que Grampo sabia o que iam enfrentar, que estavam bem preparados para todos os obstáculos que pudessem encontrar; ainda assim, sentia-se inquieto. Uma ou duas vezes ouviu Rony se mexer, e teve certeza de que o amigo também estava acordado, mas dividiam a sala de esta

r com Dino, por isso, Harry não falou
nada.

Foi um alívio quando deu seis horas e eles pude
ram sair dos sacos de dormir, se vestir na
penumbra e sair furtivamente para o jardim, onde de
veriam encontrar Hermione e Grampo. A
manhã estava gélida, mas havia pouco vento, agora e
m maio. Harry ergueu os olhos para as
estrelas que ainda refulgiam palidamente no céu esc
uro e escutou o mar avançando e recuando
no rochedo: ia sentir falta daquele som.

Plantinhas verdes irrompiam agora pela terra ve
rmelha na sepultura de Dobby; dentro de um
ano, o local estaria coberto de flores. A pedra bra
nca gravada com o nome do elfo já
adquirira uma aparência gasta. Ele percebia que não
 poderiam ter enterrado Dobby em um
lugar mais bonito, mas entristecia-o pensar que o
deixaria para trás. Contemplando a cova, ele
tornou a se perguntar como o elfo teria sabido aon
de ir para salvá-los. Distraidamente, passou
os dedos na bolsinha ainda pendurada ao pescoço, e
sentiu, através do couro, o caco
pontiagudo de espelho no qual tinha certeza de que
 vira o olho de Dumbledore. Então, o ruído
de uma porta abrindo o fez virar a cabeça.

Belatriz Lestrange atravessava o jardim ao seu e
ncontro, acompanhada por Grampo.
Enquanto andava, ia guardando a bolsinha de contas
no bolso interno de outro conjunto de
velhas vestes que trouxera do largo Grimmauld. E, e
mbora Harry soubesse perfeitamente que
era, de fato, Hermione, não conseguiu refrear um ar
repio de repugnância. Ela estava mais alta
do que ele, seus longos cabelos negros ondulavam pe
las costas, seus olhos espelhavam
desdém ao pousarem nele; mas, quando falou, Harry o
uviu a voz da amiga através da voz
grave de Belatriz.

- O gosto dela foi nojento, pior do que raiz-de-
cuia! O.k., Rony, vem cá para eu poder
dar...

- Certo, mas lembre, não gosto de barba comprida demais...

- Ah, pelo amor de Deus, a questão não é ficar bonito...

- Não é por isso, é que atrapalha! Mas gostei do meu nariz mais curto, tente deixá-lo como da última vez.

Hermione suspirou e se pôs a trabalhar, murmurando baixinho enquanto transformava vários traços na aparência de Rony. Precisava receber uma identidade completamente falsa, e eles estavam confiando que a aura maligna que Belatriz desprendia o protegesse. Entrementes, Harry e Grampo deveriam se ocultar sob a Capa da Invisibilidade.

- Pronto! - exclamou Hermione. - Que acha, Harry?

Ainda era possível distinguir Rony sob o disfarce, mas, pensou Harry, só porque o conhecia muito bem. Os cabelos do amigo estavam agora longos e ondulados, ele tinha barba e bigodes castanhos e espessos, nenhuma sarda, um nariz curto e largo e sobrancelhas grossas.

- Bem, ele não faz o meu tipo, mas dará para o gasto - disse Harry. - Vamos então?

Os três olharam para o Chalé das Conchas, escuro e silencioso sob a luz evanescente das estrelas, então se viraram e seguiram para o ponto, pouco além do muro divisório, onde cessava o efeito do Feitiço Fidelius e poderiam desaparatar. Transposto o portão, Grampo falou:

- É agora que devo subir, Harry Potter, não?

Harry se curvou e o duende subiu em suas costas, cruzando as mãos na frente do seu pescoço. Ele não era pesado, mas Harry não gostou do contato com o duende e a força surpreendente com que se agarrava às suas costas. Hermione tirou a Capa da Invisibilidade da bolsinha de contas e atirou-a sobre os dois.

- Perfeito - disse, abaixando-se para verificar os pés do amigo. - Não se vê nada. Vamos.

Harry girou com Grampo nos ombros, concentrando-se com todas as forças no Caldeirão Furado, a estalagem por onde se entrava no Beco Diagonal. O duende apertou-o ainda mais quando penetraram a escuridão compressora, e, segundos depois, os pés de Harry tocaram na calçada e ele abriu os olhos em Charing Cross. Os trouxas passavam apressados com a expressão deprimida de quem acordou cedo demais, inconscientes da existência da pequena estalagem.

O bar do Caldeirão Furado estava quase deserto. Tom, o estalajadeiro corcunda e desdentado, polia os copos atrás do balcão; uns dois bruxos que conversavam em voz baixa no canto oposto olharam para Hermione e recuaram para as sombras.

- Madame Lestrange - murmurou Tom, quando Hermione passou, e inclinou a cabeça subservientemente.

- Bom-dia - disse Hermione no momento em que Harry passava por ela, ainda sob a capa, levando Grampo nas costas, e viu o ar surpreso de Tom.

- Gentil demais - sussurrou Harry no ouvido da amiga ao saírem para o pequeno pátio interno. - Você precisa tratar as pessoas como se fossem lixo!

- O.k., o.k.!

Hermione puxou a varinha de Belatriz e bateu de leve em um tijolo na parede de aspecto comum à sua frente. Na mesma hora, os tijolos começaram a girar e se deslocar: apareceu uma abertura no meio deles, que foi se ampliando e, por fim, formou um arco para a estreita rua de pedras que era o Beco Diagonal.

Estava silencioso, ainda não era hora de abrirem as lojas, e havia raros compradores por ali. A via torta e calçada de pedras estava muito diferente do lugar movimentado que fora quando Harry a visitara no primeiro ano de Hogwarts, anos atrás. Muito mais lojas fechadas

com tábuas, embora vários novos estabelecimentos de dicados às Artes das Trevas tivessem
sido abertos desde sua última visita. A própria imagem de Harry encarava-o nos pôsteres
colados sobre muitas vitrines, sempre legendada com os dizeres Indesejável Número Um.

Várias pessoas esfarrapadas se encolhiam nos batentes das portas. Ele as ouviu gemer para
os poucos transeuntes, esmolando ouro, insistindo que eram realmente bruxos. Havia um
homem com uma bandagem ensanguentada sobre o olho.

Quando começaram a andar pela rua, os mendigos avistaram Hermione. Todos pareciam
desaparecer à sua aproximação, puxando os capuzes sobre os rostos e fugindo o mais depressa
que podiam. Ela acompanhou-os com o olhar, curiosa, até que o homem com o curativo
ensanguentado se colocou cambaleante em seu caminho.

- Meus filhos! - berrou, apontando para ela. Sua voz era entrecortada, aguda, ele parecia
louco. - Onde estão meus filhos? Que foi que ele fez com os meus filhos? Você sabe, você
sabe!

- Eu... eu realmente... - gaguejou Hermione.

O homem se atirou sobre ela, procurando agarrar sua garganta: então, com um estampido e
um clarão vermelho, ele foi arremessado ao chão, inconsciente. Rony ficou parado ali, a
varinha ainda no ar e uma expressão de choque visível apesar da barba. Apareceram rostos às
janelas de ambos os lados da rua, enquanto um grupinho de transeuntes de aparência próspera
juntou as vestes com as mãos e saiu quase correndo, ansioso para deixar o local.

A entrada dos garotos no Beco Diagonal não poderia ter sido mais conspícua; por um
momento, Harry ficou em dúvida se não seria melhor irem embora logo e tentar pensar em um
plano diferente. Antes que pudessem andar ou se consultar, no entanto, ouviram um grito às
suas costas.

- Ora se não é Madame Lestrange!

Harry girou nos calcanhares e Grampo apertou seu pescoço: um bruxo alto e magro com uma densa cabeleira grisalha e um nariz longo e curvo vinha ao seu encontro.

- É Travers - sibilou o duende ao ouvido de Harry, mas naquele momento o garoto não conseguiu lembrar quem era Travers. Hermione se empertigou ao máximo e disse com o maior desprezo que conseguiu reunir:

- E o que é que você quer?

Travers parou de chofre, visivelmente ofendido.

- Ele é outro Comensal da Morte! - murmurou Grampo, e Harry se encostou de lado em Hermione para repetir a informação ao seu ouvido.

- Só quis cumprimentá-la - disse Travers, friamente -, mas se a minha presença não é bem-vinda...

Harry reconheceu a voz; Travers era um dos Comensais da Morte que fora chamado à casa de Xenofílio.

- Não, não, de modo algum, Travers - Hermione apressou-se a responder, tentando corrigir o seu erro. - Como vai?

- Bem, confesso que estou surpreso de vê-la por aqui, Belatriz.

- Sério? Por quê? - perguntou Hermione.

- Bem. - Travers tossiu. - Ouvi dizer que os moradores da Mansão dos Malfoy estavam confinados em casa, depois da... ah... fuga.

Harry desejou que Hermione mantivesse o sangue-frio. Se aquilo fosse verdade, Belatriz não devia estar andando em público...

- O Lorde das Trevas perdoa aqueles que o serviram mais lealmente no passado - disse Hermione, em uma magnífica imitação do tom mais insolente de Belatriz. - Talvez o seu crédito com ele não seja tão bom quanto o meu, Travers.

Embora o Comensal da Morte se mostrasse ofendido, pareceu também menos desconfiado. Baixou, então, os olhos para o homem que Rony acaba

ra de estuporar.
- Como foi que ele a ofendeu?
- Não faz diferença, não tornará a fazê-lo - dis se Hermione, friamente.
- Alguns desses bruxos sem varinha podem ser imp ortunos - comentou Travers. - Não faço objeção quando estão apenas mendigando, mas, na sem ana passada, uma delas chegou a me pedir para defender o seu caso no Ministério. Sou b ruxa, senhor, sou bruxa, me deixe lhe provar! - disse, com voz de falsete para imitá-la. - Como se eu fosse lhe entregar a minha varinha... mas de quem é a varinha - perguntou Trav ers, curioso - que você está usando no momento, Belatriz? Ouvi dizer que a sua foi...
- A minha varinha está aqui - respondeu Hermione , friamente, erguendo a varinha de Belatriz. - Não sei que boatos anda ouvindo, Trave rs, mas parece estar lamentavelmente mal informado.
O bruxo pareceu um pouco surpreso ao ouvir isso, e se virou, então, para Rony.
- Quem é o seu amigo? Não o estou reconhecendo.
- Este é Dragomir Despard - apresentou-o Hermion e; tinham decidido que um falso estrangeiro seria o disfarce mais seguro para Rony. - Ele não fala muito inglês, mas tem simpatia pelos objetivos do Lorde das Trevas. Veio da Transilvânia para conhecer o nosso novo regime.
- Verdade? Como está, Dragomir?
- Como você? - respondeu Rony, estendendo a mão.

Travers esticou dois dedos e apertou a mão de Ro ny como se tivesse medo de se sujar.
- Então que traz você e o seu... ah... simpático amigo tão cedo ao Beco Diagonal? - perguntou Travers.
- Preciso visitar o Gringotes.
- Infelizmente, eu também. O ouro, o vil metal! Não podemos viver sem ele, mas confesso que deploro a necessidade de conviver com os nossos

amigos de dedos longos.

Harry sentiu as mãos de Grampo apertarem por um momento o seu pescoço.

- Vamos, então? - disse Travers, convidando Hermione a prosseguir.

A garota não teve escolha senão seguir ao seu lado pela sinuosa rua de pedras até o local em que o alvíssimo Gringotes se destacava sobre lojas vizinhas. Rony acompanhou-os meio de viés, e Harry e Grampo os seguiram.

Um Comensal da Morte vigilante era a última coisa de que precisavam, e o pior era que Harry não via meios de se comunicar com Hermione e Rony, estando Travers ao lado da bruxa que supunha ser Belatriz. Cedo demais, chegaram às escadas de mármore que levavam às grandes portas de bronze. Tal como Grampo os prevenira, os duendes de libré que normalmente flanqueavam a entrada tinham sido substituídos por dois bruxos, ambos segurando longas e finas varas de ouro.

- Ah, os honestímetros - suspirou Travers, teatralmente -, tão rudimentares... mas tão eficientes!

E começou a subir os degraus, acenando com a cabeça à esquerda e à direita para os bruxos, que ergueram as varas e as passaram de alto a baixo por seu corpo. Os honestímetros, Harry sabia, detectavam feitiços de ocultamento e objetos mágicos escondidos. Sabendo que tinha apenas segundos, Harry apontou a varinha de Draco para cada um dos guardas e, duas vezes, murmurou: "Confundo!" Despercebido por Travers, que olhava através das portas de bronze para o saguão interno, os guardas estremeceram brevemente quando os feitiços os atingiram.

Os cabelos longos e negros de Hermione ondularam às suas costas quando subiu as escadas.

- Um momento, madame - disse um dos guardas, erguendo o honestímetro.

- Mas você acabou de fazer isso! - exclamou Her

mione, na voz autoritária e arrogante de
Belatriz. Travers se virou, as sobrancelhas erguida
s. O guarda ficou aturdido. Olhou para o
seu fino honestímetro de ouro e em seguida para o
colega, que falou com a voz ligeiramente
pastosa:

- É, você acabou de revistá-los, Mário.

Hermione continuou a subir, Rony ao seu lado, H
arry e Grampo trotando invisíveis em sua
cola. O garoto olhou para trás ao cruzar o portal d
o banco: os guardas coçavam a cabeça.

Dois duendes estavam postados diante das portas
internas, que eram feitas de prata e
exibiam o poema alertando para a terrível retribuiç
ão que aguarda os ladrões potenciais.
Harry ergueu os olhos e de repente ocorreu-lhe uma
lembrança muito nítida: parado naquele
exato lugar, no dia em que completara onze anos, o
 aniversário mais fantástico de sua vida e
Hagrid lhe dizendo: "Não te disse? Só um louco tent
aria roubar o banco." Naquele dia,
Gringotes lhe parecera um lugar assombroso, o repos
itório encantado de um tesouro em ouro
que ele nunca soubera possuir, e nem por um instan
te poderia ter sonhado que voltaria ali para
roubar... Segundos depois, porém, eles estavam no v
asto saguão de mármore do banco.

O longo balcão era ocupado por duendes sentados
em banquinhos altos, que atendiam os
primeiros clientes do dia. Hermione, Rony e Travers
 se dirigiram a um velho duende que
examinava, com um óculo, uma grossa moeda de ouro.
Hermione deixou Travers passar sua
frente a pretexto de explicar algumas característic
as do saguão a Rony.

O duende jogou a moeda que tinha nas mãos para
o lado e falou sem se dirigir a ninguém em
particular "Leprechaun", em seguida, cumprimentou
Travers, que lhe entregou uma chaveta de
ouro. O duende examinou-a e restituiu-a.

Hermione se adiantou.

- Madame Lestrange! - disse o duende, evidenteme

nte surpreso. - Céus! Que... que posso
fazer hoje pela senhora?
- Quero entrar no meu cofre - respondeu Hermione
.
O velho duende pareceu se encolher ligeiramente.
Harry olhou para os lados. Não só
Travers estava por perto observando, mas vários out
ros duendes tinham levantado a cabeça do
seu trabalho para olhar Hermione.
- A senhora tem... identificação? - perguntou o
duende.
- Identificação? Nun... nunca me pediram identif
icação antes!
- Eles sabem! - sussur rou Grampo ao ouvido de H
arry.- Devem ter sido avisados de que
poderia aparecer um impostor!
- A sua varinha será suficiente, madame - disse
o duende. Ele esticou a mão trêmula, e, em
um aflitivo lampejo de percepção, Harry teve certe
za de que os duendes do Gringotes sabiam
que a varinha de Belatriz tinha sido roubada.
- Aja agora, aja agora - sussurrou Grampo outra
vez -, a Maldição Imperius!
Harry ergueu a varinha de pilriteiro sob a capa,
apontou-a para o velho duende e sussurrou
pela primeira vez na vida:
- Imperio!
Uma curiosa sensação percorreu seu braço, uma se
nsação de quentura ardida que pareceu
fluir do seu cérebro, e descer pelos tendões e veia
s que o ligavam à varinha e à maldição que
acabara de lançar. O duende apanhou a varinha de Be
latriz, examinou-a atentamente e, então,
exclamou:
- Ah, a senhora mandou fazer uma nova varinha, m
adame Lestrange!
- Quê? - disse Hermione. - Não, não, essa é a mi
nha...
- Uma nova varinha? - indagou Travers, aproxima
ndo-se outra vez do balcão; os duendes a
toda volta continuavam a observar. - Mas, como pode
ria ter feito, que fabricante de varinha

usou?
Harry agiu sem pensar: apontou a varinha para Travers e murmurou mais uma vez:
- Imperio!
- Ah, sim, estou vendo - disse Travers, olhando para a varinha de Belatriz -, é muito bonita. E está funcionando bem? Sempre acho que as varinhas precisam ser amaciadas, concorda?
Hermione parecia absolutamente aturdida, mas, para enorme alívio de Harry, ela aceitou, sem comentário, a bizarra virada nos acontecimentos.
O velho duende atrás do balcão bateu palmas e um duende jovem se aproximou.
- Precisarei dos cêmbalos - disse ao duende, que correu e voltou logo depois com uma bolsa de couro que parecia cheia de metais soltos e que ele entregou ao seu superior. - Ótimo, ótimo! Então, se quiser me acompanhar, madame Lestrange - convidou-a o velho duende, saltando do banquinho e desaparecendo de vista -, levarei a senhora ao seu cofre.
Ele reapareceu na extremidade do balcão, saltitando feliz ao encontro da cliente, o conteúdo da bolsa de couro ainda tilintando. Travers agora estava parado, muito quieto, de boca aberta. Rony atraía as atenções para o estranho fenômeno olhando confuso para o bruxo.
- Espere... Bogrode!
Outro duende contornou correndo o balcão.
- Temos instruções - disse ele, curvando-se para Hermione -, me perdoe, madame Lestrange, mas recebemos ordens especiais com relação ao cofre de sua família.
Ele cochichou pressuroso ao ouvido de Bogrode, mas o duende sob o efeito da maldição se livrou dele.
- Estou ciente das instruções. Madame Lestrange quer visitar o seu cofre, família muito antiga... velhos clientes... acompanhem-me, por favor...

E ainda tilintando, ele se dirigiu apressado a u
ma das muitas portas de saída do saguão.
Harry olhou para Travers, que continuava pregado no
 mesmo lugar, parecendo anormalmente
alheado, e tomou uma decisão: com um aceno da varin
ha, fez o bruxo acompanhá-los e se
dirigir mansamente para a porta e o corredor de ped
ra rústica além, iluminado por archotes.
- Estamos enrascados, eles suspeitam - disse Har
ry, quando a porta bateu às costas deles e
despiu a Capa da Invisibilidade. Grampo pulou dos s
eus ombros; nem Bogrode nem Travers
manifestaram a menor surpresa ao súbito apareciment
o de Harry Potter entre eles. -
Amaldiçoei-os com a Imperius - acrescentou, em resp
osta às indagações confusas de
Hermione e Rony sobre Travers e Bogrode, ambos agor
a parados, com o olhar vazio. - Acho
que não fiz com força suficiente, não sei...
E outra lembrança perpassou sua mente, da verda
deira Belatriz Lestrange gritando quando
ele tentou usar uma Maldição Imperdoável pela prime
ira vez: É preciso querer usá-las,
Potter!
- Que faremos? - perguntou Rony. - Damos o fora
já, enquanto podemos?
- Se pudermos - disse Hermione, olhando para a p
orta que dava acesso ao saguão
principal, e além da qual ninguém sabia o que estav
a acontecendo.
- Chegamos até aqui, proponho que continuemos -
disse Harry.
- Ótimo! - disse Grampo. - Então, precisamos de
Bogrode para controlar o vagonete; eu
não tenho mais autoridade. Mas não haverá espaço pa
ra o bruxo.
Harry apontou a varinha para Travers.
- Imperio!
O bruxo se virou e saiu pelo trilho escuro a pas
sos rápidos.
- Que é que você mandou ele fazer?
- Se esconder - disse Harry, apontando a varinh

a para Bogrode, que assoviou para chamar
um vagonete que surgiu do escuro, sacolejando pelos trilhos, em sua direção. Harry teve
certeza de ouvir gritos no saguão principal quando embarcaram, Bogrode na frente com
Grampo, Harry, Rony e Hermione espremidos atrás.

Com um tranco, o vagonete deu partida e começou a acelerar: passaram velozes por
Travers, que se contorceu para dentro de uma fenda na parede, depois o veículo começou a
serpear e fazer curvas por um verdadeiro labirinto, sempre descendo. Harry não conseguia
ouvir nada com o barulho do carro sobre os trilhos: seus cabelos voavam enquanto evitavam
estalactites, se aprofundavam em alta velocidade na terra, mas ele não parava de olhar para
trás. Poderiam ter deixado enormes pegadas ao passar; quanto mais pensava no assunto, tanto
mais idiota lhe parecia ter disfarçado Hermione de Belatriz, ter trazido a varinha da bruxa,
quando os Comensais da Morte sabiam que tinha sido roubada...

Estavam mais fundo do que Harry jamais penetrara no Gringotes; fizeram uma curva
fechada em alta velocidade e viram, tarde demais, uma cascata jorrando com violência sobre
os trilhos. Harry ouviu Grampo gritar "Não!", mas não houve tempo de frear: eles a
atravessaram disparados. A água encheu os olhos e a boca de Harry: não conseguia ver nem
respirar; então, com uma guinada súbita e irresistível, o vagonete capotou e eles foram
atirados para fora. Harry ouviu o veículo se despedaçar contra a parede do labirinto, ouviu
Hermione gritar alguma coisa e se sentiu planar de volta ao chão, como se não tivesse peso, e
aterrissar sem dor no piso da passagem de pedra.

- F-feitiço Amortecedor - gaguejou Hermione, quando Rony a pôs de pé: mas, para seu
horror, Harry viu que a amiga deixara de ser Belatriz. Em vez disso, usava vestes largas e
encharcadas, e era ela própria; Rony estava novamen

te ruivo e imberbe. Eles foram
percebendo isso ao se entreolharem, apalpando os pr
óprios rostos.
- A Queda do Ladrão! - exclamou Grampo, se levan
tando e olhando para o dilúvio sobre
os trilhos às suas costas, que Harry agora sabia qu
e fora mais do que água. - Lava todos os
encantamentos, todos os disfarces mágicos! Já sabem
 que há impostores em Gringotes e
acionaram as defesas contra nós!
Harry viu Hermione verificando se ainda levava
a bolsinha de contas e enfiou depressa a
mão sob o blusão para certificar-se de que não havi
a perdido a Capa da Invisibilidade. Virou-
se, então, e viu Bogrode sacudindo a cabeça aturdid
o: a Queda do Ladrão aparentemente
desfizera a Maldição Imperius.
- Precisamos dele - disse Grampo -, não poderemo
s entrar no cofre sem um duende do
Gringotes. E precisamos dos cêmbalos!
- Imperio! - Harry disse; sua voz ecoou pela pas
sagem de pedra e ele sentiu mais uma vez
a sensação intoxicante de controle que emanava do
cérebro para a varinha. Bogrode voltou a
se submeter à sua vontade, sua expressão de atordoa
mento se alterou para a de cortês
indiferença, enquanto Rony corria a apanhar a bolsa
 de couro com as ferragens de metal.
- Harry, acho que estou escutando gente vindo!
- disse Hermione e, apontando a varinha de
Belatriz para a cascata, gritou: - Protego! - Eles
viram o Feitiço Escudo interromper o jorro
de água encantada ao subir passagem acima.
- Bem pensado - disse Harry. - Mostre-nos o cami
nho, Grampo!
- Como vamos sair daqui? - perguntou Rony, enqua
nto corriam pela escuridão atrás de
Grampo, Bogrode ofegando em seus calcanhares como u
m cachorro velho.
- Vamos nos preocupar com isso quando for a hora
 - respondeu Harry. Estava tentando
escutar: pensou ter ouvido alguma coisa metálica b

atendo e se mexendo ali perto. - Grampo, ainda falta muito?

- Não muito, Harry Potter, não muito...

E, ao virarem um canto, depararam com a coisa para a qual Harry estivera preparado, mas que ainda assim fez todos estacarem de repente.

Um dragão gigantesco achava-se acorrentado no chão à frente, barrando o acesso a quatro ou cinco dos cofres mais profundos do banco. As escamas do animal tinham se tornado pálidas e flocosas durante a longa prisão subterrânea; seus olhos estavam rosa-leitoso: as duas patas traseiras tinham pesadas argolas das quais saíam correntes ancoradas em enormes estacas enterradas no solo rochoso. Suas grandes asas, espiculadas e fechadas junto ao corpo, teriam enchido a câmara se ele as abrisse, e quando virou a feia cabeça para eles, rugiu com um estrondo que fez a rocha tremer, escancarou a boca e cuspiu um jato de fogo, fazendo-os retroceder rapidamente.

- Ele é parcialmente cego - arquejou Grampo -, e por isso é ainda mais feroz. Mas temos meios de controlá-lo. Ele sabe o que esperar quando trazemos os cêmbalos. Me dê a bolsa aqui.

Rony passou a bolsa para Grampo e o duende tirou de dentro pequenos instrumentos de metal que, quando agitados, produziam um barulho como o de martelos e bigornas em miniatura. Grampo os distribuiu: Bogrode aceitou os dele, obedientemente.

- Vocês sabem o que fazer - disse Grampo a Harry, Rony e Hermione. - O dragão sabe que sentirá dor quando ouvir o barulho: recuará e Bogrode deverá encostar a palma da mão na porta do cofre.

O grupo tornou a avançar pelo canto, sacudindo os cêmbalos, e os ruídos ecoaram pelas paredes rochosas, brutalmente amplificados, dando a Harry a impressão de que os ossos de seu crânio vibravam com a zoeira. O dragão soltou

outro rugido rouco e retrocedeu. Harry o
viu tremer e, ao se aproximar, reparou nas cicatriz
es deixadas por fundos cortes em sua cara,
imaginou que aprendera a temer espadas em brasa qua
ndo ouvisse o som dos cêmbalos.

- Faça-o pôr a mão na porta! - Grampo insistiu c
om Harry, que apontou a varinha para
Bogrode. O velho duende obedeceu, comprimiu a palma
 da mão contra a madeira, e a porta do
cofre se dissolveu, revelando uma espécie de caver
na, atulhada do chão ao teto de moedas e
taças de ouro, armaduras de prata, peles de estran
has criaturas, algumas com longas espinhas
dorsais, outras com asas caídas, poções em frascos
cravejados de pedras e um crânio ainda
usando uma coroa.

- Procurem, rápido! - disse Harry, enquanto tod
os se precipitavam para dentro do cofre.

Ele descrevera a taça de Hufflepuff para Rony e
Hermione, mas, se fosse a outra, a Horcrux
desconhecida, que estivesse guardada no cofre, ele
 não sabia que aparência teria. Mal tivera
tempo de olhar ao seu redor, quando ouviram um ruíd
o abafado: a porta reaparecera,
encerrando-os ali dentro, e eles foram mergulhados
na mais absoluta escuridão.

- Não se preocupem, Bogrode poderá nos soltar -
disse Grampo, ao mesmo tempo que
Rony gritava, surpreso. - Será que não podem acend
er as suas varinhas? E andem logo, temos
muito pouco tempo!

- Lumos!

Harry girou a varinha acesa pelo cofre: a luz i
ncidiu sobre joias cintilantes, ele viu a falsa
espada de Gryffindor em uma prateleira alta, entre
um emaranhado de correntes. Rony e
Hermione tinham acendido as varinhas também e agora
 examinavam as pilhas de objetos que
os cercavam.

- Harry, poderia ser...? Aiii!

Hermione gritou de dor e Harry iluminou-a em tem
po de ver uma taça cravejada de pedras

escorregando de sua mão: mas, ao cair, o objeto rac
hou e se transformou em uma inundação de
taças, e, um segundo depois, com grande estrépito,
 o chão ficou coberto de taças idênticas
rolando para todos os lados, a original indistinguí
vel das demais.

- Ela me queimou! - choramingou Hermione, chupan
do os dedos vermelhos.

- Eles juntaram dois feitiços, o Duplicador e o
Abrasador! - disse Grampo. - Tudo que
tocarmos queimará e multiplicará, mas as cópias nã
o têm valor... e se continuarem a mexer no
tesouro, acabarão morrendo esmagados pelo peso do o
uro em expansão!

- O.k., não toquem em nada! - recomendou Harry,
desesperado, mas, no momento em que
dizia isso, Rony acidentalmente empurrou uma das ta
ças caídas com o pé e mais vinte
surgiram de repente e, enquanto Rony saltava no mes
mo lugar, parte do seu sapato queimou ao
contato com o metal em brasa.

- Fiquem parados, não se mexam! - pediu Hermione
, segurando Rony.

- Olhem apenas! - disse Harry. - Lembrem-se, a t
aça é pequena e de ouro, tem uma
gravação, duas asas, ou então vejam se localizam o
símbolo de Ravenclaw em algum lugar, a
águia...

Eles apontaram a luz da varinha para todos os ca
ntos e reentrâncias, virando-se
cautelosamente sem sair do lugar. Era impossível n
ão roçar em nada; Harry fez rolar para o
chão uma volumosa cascata de galeões falsos que se
juntaram às taças, e agora quase não
havia espaço para os pés deles, e o ouro reluzia, a
brasador, transformando o cofre em um
forno. A luz da varinha de Harry percorreu escudos
e elmos feitos por duendes e guardados
em prateleiras que iam até o teto. Sempre mais alt
o, ele erguia a varinha até que, de repente,
incidiu sobre um objeto que fez o seu coração dar u
m salto e sua mão tremer.

- Está lá, está lá em cima!
Rony e Hermione apontaram suas varinhas para o l
ugar indicado fazendo com que a
pequena taça cintilasse sob um foco triplo: a taça
que pertencera a Helga Hufflepuff e passara
ao poder de Hepzibá Smith, de quem fora roubada por
Tom Riddle.
- E como vamos chegar lá em cima sem tocar em na
da, pô? - perguntou Rony.
- Accio taça! - ordenou Hermione, que evidenteme
nte esquecera, em seu desespero, o que
Grampo lhes dissera durante as sessões de planejame
nto.
- Não adianta, não adianta! - rosnou o duende.
- Então o que faremos? - perguntou Harry, olhand
o feio para ele. - Se você quiser a
espada, Grampo, terá de nos ajudar mais... espere!
Posso tocar nas peças com a espada?
Hermione, me dê a espada aqui!
Hermione apalpou as vestes por dentro, tirou a b
olsinha de contas, remexeu nela por alguns
segundos, então tirou a espada brilhante. Harry se
gurou-a pelo punho incrustado de rubis e
encostou a ponta da lâmina em uma garrafa de prata
próxima, que não se multiplicou.
- Se eu pudesse enfiar a ponta da espada em uma
alça... mas como vou chegar lá em cima?
A prateleira em que repousava a taça estava fora
de alcance, até mesmo para Rony que era
o mais alto. O calor do tesouro encantado desprendi
a-se em ondas, e o suor escorria pelo
rosto e as costas de Harry enquanto procurava encon
trar um meio de chegar à taça; ouviu,
então, o dragão rugir do outro lado da porta do co
fre e o som dos cêmbalos sempre mais alto.
Aparentemente, estavam realmente encurralados:
não havia saída exceto pela porta, e uma
horda de duendes vinha se aproximando pelo outro la
do. Harry olhou para Rony e Hermione e
viu terror em seus rostos.
- Hermione! - chamou Harry, quando o tilintar s
e tornou mais forte. - Tenho que chegar lá

em cima, temos que nos livrar...

Ela ergueu a varinha, apontou-a para o amigo e s ussurrou:

- Levicorpus!

Guindado para o alto pelo tornozelo, Harry bateu em uma armadura e as réplicas, como corpos incandescentes, encheram o espaço apertado. Com gritos de dor, Rony, Hermione e os dois duendes foram atirados contra outros objetos, que também começaram a se replicar. Meio soterrados por uma onda crescente de tesouros em br asa, eles se debateram e gritaram enquanto Harry enfiava a espada na alça da taça de Hufflepuff e a enganchava na lâmina.

- Impervius! - guinchou Hermione, em uma tentat iva de proteger a si, Rony e os duendes do metal em combustão.

Então o grito mais aterrorizante fez Harry olhar para baixo: Rony e Hermione estavam cercados por tesouros até a cintura, lutando para i mpedir Bogrode de escorregar para baixo da maré crescente, mas Grampo submergira, deixando vis íveis apenas as pontas dos seus longos dedos.

Harry agarrou os dedos do duende e puxou-os. Gra mpo, coberto de bolhas, reapareceu aos poucos, urrando.

- Liberacorpus! - berrou Harry, e, com um estron do, ele e Grampo caíram sobre a superfície do tesouro em progressão, e a espada vo ou da mão de Harry. - Segure-a! - gritou ele, resistindo à dor das queimaduras em sua pele, quando Grampo tornou a subir em seus ombros, decidido a evitar a massa abrasadora que se expandia. - Cadê a espada? Tinha a taça engancha-da nela!

O tinido de metal do outro lado tornava-se ensur decedor... era tarde demais...

- Ali!

Foi Grampo quem a viu, e ele quem se atirou para a espada e, naquele instante, Harry percebeu que o duende nunca esperara que eles cumpr

issem a palavra dada. Com uma das
mãos segurando firme um punhado de cabelos de Harry
, para não cair no mar de ouro quente,
Grampo agarrou o cabo da espada e ergueu-a no alto,
 fora do alcance de Harry.
   A pequena taça de ouro, espetada pela alça na lâ
mina da espada, foi arremessada no ar.
Com o duende ainda montado nele, Harry mergulhou e
apanhou-a e, embora a sentisse queimar
sua pele, não a soltou, mesmo quando incontáveis ta
ças irromperam do seu punho caindo
sobre seu corpo. Nesse instante, o cofre se abriu
e ele se viu deslizando, sem controle, sobre
uma avalanche desmesurada de ouro e prata incandesc
ente que o carregava, e a Rony e
Hermione, para a câmara externa.
   Sem tomar consciência da dor das queimaduras por
 todo o corpo, e ainda carregado pela
onda de tesouros replicantes, Harry enfiou a taça n
o bolso e esticou a mão para recuperar a
espada, mas Grampo desaparecera. Escorregando dos o
mbros de Harry quando pôde, correra
a se abrigar entre os duendes que os cercavam, bran
dindo a espada e gritando "Ladrões!
Ladrões! Socorro! Ladrões!". E sumiu entre a multid
ão que avançava, armada com adagas, e
que o aceitou sem discutir.
   Deslizando sobre o metal quente, Harry se levant
ou com dificuldade e entendeu que só
havia uma saída.
   - Estupefaça! - berrou, e Rony e Hermione se ju
ntaram a ele: jatos de luz vermelha voaram
contra a multidão de duendes, alguns tombaram, mas
outros continuaram a avançar e Harry viu
vários guardas bruxos aparecerem correndo pelo cant
o da passagem.
   O dragão preso soltou um rugido, e um jorro de c
hamas voou sobre as cabeças dos duendes:
os bruxos fugiram, curvados, voltando pelo caminho
que tinham vindo, e uma inspiração, ou
loucura, acometeu Harry. Apontando a varinha para a
s grossas algemas que prendiam a fera no

chão, berrou:
- Relaxo!
As algemas se abriram estrepitosamente.
- Por aqui! - berrou Harry e, ainda lançando Feitiços Estuporantes, disparou em direção ao dragão cego.
- Harry... Harry... que é que você está fazendo? - bradou Hermione.
- Subam, subam, andem logo...
O dragão não percebera que estava livre: o pé de Harry encontrou a dobra de sua perna traseira e o garoto usou-a para subir em seu dorso. As escamas do animal eram duras como aço: ele nem pareceu sentir. Harry estendeu a mão; Hermione se guindou para o alto; Rony montou atrás dos dois e, no segundo seguinte, o dragão sentiu que estava livre.
Com um rugido, empinou-se nas patas traseiras: Harry firmou os joelhos contra seu corpo, agarrou-se com força às escamas espiculadas e as asas do dragão se abriram, derrubando, como pinos de boliche, os duendes aos berros, e o animal levantou voo. Harry, Rony e Hermione, deitados em seu dorso, rasparam no teto quando o animal rumou para a abertura na passagem, perseguido pelos duendes, atirando adagas que resvalavam em seus flancos.
- Nunca sairemos daqui, é grande demais! - gritou Hermione, mas o dragão abriu a boca e arrotou chamas explodindo o túnel cujos pisos e teto racharam e desmoronaram. Usando a força, o dragão abria caminho com as garras e o corpo. Harry mantinha os olhos bem fechados para protegê-los do calor e da poeira. Ensurdecido pela colisão das pedras e os rugidos do dragão, só lhe restava agarrar-se ao seu dorso, na expectativa de ser atirado longe a qualquer momento; então, ele ouviu Hermione berrar: - Defodio!
Ela estava ajudando o dragão a alargar a passagem, cavando o teto, enquanto o animal forcejava para subir em direção ao ar fresco e se

distanciar dos duendes com seus guinchos e
batidas de metal; Harry e Rony a imitaram, rompendo
o teto a poder de feitiços. Eles passaram
pelo lago subterrâneo e a enorme fera que rastejav
a e rosnava pareceu sentir a liberdade e o
espaço à sua frente, enquanto, às costas, a passage
m era entupida pelo movimento da cauda
cristada, grandes pedaços de rocha, gigantescas est
alactites partidas; o ruído metálico
produzido pelos duendes foi ficando mais abafado e,
à frente, as chamas expelidas pelo
dragão desimpediam o seu avanço...

Então, com a força dos seus feitiços somada à fo
rça bruta do dragão, eles finalmente
abriram uma saída da passagem para o saguão de márm
ore. Duendes e bruxos gritaram e
correram a se proteger, e o dragão encontrou espaço
para abrir as asas: virou a cabeça
chifruda para o fresco ar exterior que sentia além
e partiu; com Harry, Rony e Hermione ainda
agarrados ao seu dorso, ele abriu caminho pelas por
tas de metal, deixando-as dobradas e
penduradas nas dobradiças, e se encaminhou vacilant
e para o Beco Diagonal, de onde se
lançou em direção ao céu.

-- CAPÍTULO VINTE E SETE --

O esconderijo definitivo

Não havia como conduzir o dragão; o animal não via
aonde estava indo, e Harry sabia que, se
ele desse uma guinada ou virasse de barriga para ci
ma em pleno voo, eles não poderiam se
agarrar às suas costas largas. Apesar disso, à medi
da que ganhavam altitude, e Londres se
desdobrava abaixo como um mapa verde e cinzento, Ha
rry sentia um avassalador sentimento
de gratidão por uma fuga que parecera inviável. Dei
tado sobre o pescoço da fera, ele se
aferrava com toda força às escamas metálicas, e o v
ento fresco acalmava a ardência e as
bolhas em sua pele, as asas do dragão abanavam o ar
como as pás de um moinho. Às suas
costas, fosse por prazer ou medo, Harry não saberia

dizer, Rony não parava de xingar, aos
brados, e Hermione parecia chorar.
Passados uns cinco minutos, Harry perdeu um pouc
o do medo imediato de que o dragão
fosse se desvencilhar deles, porque, aparentemente
, sua única intenção era se distanciar o
máximo de sua prisão subterrânea. Porém, a questão
de como ou quando iriam desmontar
continuava a apavorá-lo. Ele não fazia ideia de qu
al era a autonomia dos dragões para voar
sem precisar pousar, nem de que modo este espécime,
que mal enxergava, localizaria um bom
lugar para o pouso. Harry olhava constantemente par
a os lados, imaginando que sentiria a
cicatriz formigar...
Quanto tempo levaria para Voldemort saber que ti
nham arrombado o cofre da família
Lestrange? Quando os duendes de Gringotes avisariam
Belatriz? Com que rapidez
perceberiam o que fora roubado? E quando dessem por
falta da taça de ouro? Voldemort
saberia, finalmente, que eles estavam caçando Horcr
uxes...
O dragão parecia ansiar por ar mais frio e fresc
o: gradualmente ganhou altitude até voarem
entre fiapos gelados de nuvens e Harry já não poder
distinguir os pontinhos coloridos que
eram os carros, entrando e saindo da capital. Conti
nuaram a sobrevoar os campos divididos
em retalhos de verde e marrom, estradas e rios que
serpeavam pela paisagem como pedaços
de fita fosca e acetinada.
- Que acham que ele está procurando? - berrou Ro
ny, ao ver que rumavam sempre para o
norte.
- Não faço ideia - gritou Harry, em resposta. Su
as mãos estavam dormentes e frias, mas ele
não se atrevia a tentar mudar de posição. Havia alg
um tempo que estava imaginando o que
fariam se vissem o litoral passando abaixo, se o dr
agão fosse para alto-mar: sentia frio,
dormência, isso para não mencionar a fome e a sede

desesperadas. Quando, pensou ele, a fera
teria comido pela última vez? Com certeza, não iria demorar muito a precisar de alimento. E
se, nessa altura, percebesse que tinha três humanos muito apetitosos montados em suas costas?

O sol começou a baixar e o céu foi se tornando
azul-anil, e o dragão continuava a voar,
cidades grandes e pequenas abaixo desaparecendo de
vista, sua enorme sombra deslizando
sobre a terra como uma grande nuvem escura. Todo o
corpo de Harry doía com o esforço de
se segurar no dorso do animal.

- É minha imaginação - gritou Rony, depois de muito tempo de silêncio - ou estamos
perdendo altitude?

Harry olhou para baixo e viu montanhas e lagos
verde-escuros acobreando-se ao pôr do sol.
A paisagem parecia se tornar mais graúda e mais detalhada enquanto espiava pelo flanco do
dragão, e ele se perguntou se o animal teria pressentido a presença de água fresca pelos
reflexos repentinos de sol.

Descendo gradualmente, o dragão descrevia grandes círculos espiralados, visando,
aparentemente, um dos lagos de menor tamanho.

- Vamos saltar quando ele baixar o suficiente! - gritou Harry para os dois atrás. - Direto
para dentro da água, antes que ele perceba que estamos aqui!

Eles concordaram, Hermione com a voz fraca: e agora Harry pôde ver a barriga larga e
amarela do dragão, ondulando a superfície da água.

- AGORA!

Harry escorregou por um lado do dragão e se atirou, de pé, na superfície do lago; a queda
foi maior do que estimara, e ele bateu com violência na água, submergindo como um
pedregulho em um mundo gelado e verde, repleto de colmos. Bateu os pés em direção à
superfície e emergiu sem fôlego. Viu, então, as marolas que se propagavam em círculos, onde
Rony e Hermione tinham caído. O dragão não pareceu

ter notado nada: já estava a uns quinze metros de distância, dando rápidos mergulhos sobre o lago para apanhar água com o focinho cheio de cortes. Quando Rony e Hermione subiram das profundezas do lago, cuspindo e tossindo, o animal já ia longe, as asas batendo com força para, por fim, pousar em uma margem distante.

Harry, Rony e Hermione nadaram para o lado oposto. O lago não parecia ser fundo: precisaram apenas abrir caminho entre os colmos e a lama em vez de nadar e, finalmente, chapinharam, encharcados, ofegantes e exaustos, no capim escorregadio.

Hermione desmontou, tossindo e tremendo. Embora Harry pudesse ter deitado e dormido feliz, levantou-se cambaleando, sacou a varinha e começou a lançar feitiços protetores ao redor dos três.

Quando terminou, juntou-se aos amigos. Era a primeira vez que os via realmente, depois de terem escapado do cofre. Ambos tinham queimaduras feias nos rostos e braços, e a roupa chamuscada e rota aqui e ali. Faziam caretas ao aplicar essência de ditamno em seus muitos ferimentos. Hermione passou o frasco a Harry, depois tirou da bolsinha três garrafas de suco de abóbora que trouxera do Chalé das Conchas e vestes limpas e secas para todos. Eles se trocaram e, em seguida, beberam o suco, sedentos.

- Bem, pelo ângulo positivo - disse Rony, que observava a pele das mãos tornar a crescer -, conseguimos a Horcrux. Pelo negativo...

- ... neca de espada - completou Harry entre os dentes, enquanto aplicava as gotas de ditamno em uma feia queimadura, pelo buraco que o metal quente abrira em seu jeans.

- Neca de espada - repetiu Rony. - Aquele trairazinho safado...

Harry tirou a Horcrux do bolso do blusão molhado que acabara de despir e depositou-a no capim em frente. Refulgindo ao sol, prendia suas at

enções enquanto bebiam o suco.
- Pelo menos esta não podemos usar, ia ficar mei o esquisita pendurada no pescoço - comentou Rony, limpando a boca com o dorso da mão.
Hermione olhou para a outra margem do lago, onde o dragão ainda bebia água.
- Que acham que vai acontecer com ele? - pergunt ou. - Será que vai ficar bem?
- Você está parecendo o Hagrid - disse Rony. - É um dragão, Hermione, sabe se cuidar. É conosco que temos de nos preocupar.
- Como assim?
- Bem, não sei como lhe dar a notícia - continu ou Rony -, mas acho que eles talvez tenham notado que arrombamos o Gringotes.
Os três caíram na gargalhada, e, uma vez que co meçaram a rir, foi difícil parar. As costelas de Harry doíam, ele se sentia tonto de fome, mas se deitou no capim sob o céu avermelhado e riu até sentir a garganta doer.
- Mas o que vamos fazer? - perguntou Hermione po r fim, recuperando a seriedade depois dos soluços. - Ele vai saber, não vai? Você-Sabe-Qu em vai saber que sabemos das Horcruxes dele!
- Talvez eles fiquem apavorados demais para lhe contar! - arriscou Rony, esperançoso. - Talvez escondam...
O céu, o cheiro da água do lago, o som da voz de Rony se extinguiram: a dor rachou a cabeça de Harry como um golpe de espada. Estava par ado em um quarto mal iluminado, e um semicírculo de bruxos o encarava, e, no chão, a seu s pés, ajoelhava-se um vulto pequeno e trêmulo.
- Que foi que você disse? - Sua voz estava agud a e fria, mas a fúria e o medo o queimavam por dentro. A única coisa que temia... mas não pod ia ser verdade, não podia entender como...
O duende tremia, incapaz de fixar os olhos verme lhos muito acima dos seus.
- Repita isso! - murmurou Voldemort. - Repita!

- M-meu Senhor - gaguejou o duende, seus olhos n
egros arregalados de terror -, m-meu
Senhor... t-tentamos imped-dir... os imp-postores,
meu Senhor... arrombaram... arrombaram...
arrombaram o... o c-cofre da f-família Lestrange...

- Impostores? Que impostores? Pensei que o Gring
otes tivesse meios para desmascarar
impostores. Quem eram?
- Era o... era o... o garot-to P-Potter e d-dois
cúmplices...
- E levaram? - perguntou ele, sua voz se elevan
do, um medo terrível se apoderando dele. -
Diga-me! Que foi que levaram?
- U-uma p-pequena t-taça de ouro, m-meu Senhor..
.
O grito de raiva, de negação, irrompeu dele com
o se fosse da boca de um estranho: ficou
possesso, frenético, não podia ser verdade, era im
possível, ninguém jamais soubera: como o
garoto poderia ter descoberto o seu segredo?
A Varinha das Varinhas cortou o ar e o clarão ve
rde explodiu pela sala, o duende ajoelhado
rolou para o lado, morto, os bruxos que o observav
am dispersaram-se à frente, aterrorizados:
Belatriz e Lúcio Malfoy empurraram outros para trás
ao dispararem para a porta, e
repetidamente a varinha baixou, e os retardatários
foram mortos, todos, por lhe trazerem essa
notícia, por terem ouvido falar na taça de ouro...
Sozinho entre os mortos, ele se movimentou furio
so pela sala, e os viu passar diante dos
seus olhos: seus tesouros, suas salvaguardas, suas
âncoras na imortalidade: o diário destruído
e a taça roubada; e se, e se, o garoto conhecesse
as outras? Poderia saber, já teria agido, já
encontrara outras? Dumbledore estaria na raiz disso
tudo? Dumbledore, que sempre
desconfiara dele, Dumbledore, morto por ordem sua,
Dumbledore, cuja varinha agora lhe
pertencia, e, ainda assim, estendia o braço da igno
mínia da morte por intermédio do garoto, o

garoto...

Era certo, porém, que se o garoto tivesse destruído alguma de suas Horcruxes, ele, Lorde Voldemort, teria sabido, teria sentido? Ele, o maior bruxo de todos, o mais poderoso, ele, o assassino de Dumbledore e de quantos outros homens insignificantes, desconhecidos: como poderia Lorde Voldemort não ter sabido, se ele próprio, mais importante e precioso, tivesse sido atacado, mutilado?

Era verdade que não sentira quando o diário fora destruído, mas pensou que fosse porque não possuía um corpo para sentir, sendo menos que um fantasma... não, certamente o resto estava seguro... as outras Horcruxes deviam estar intactas...

Ele precisava saber, precisava ter certeza... Andou pela sala, chutou para o lado o corpo do duende ao passar, e as imagens ficaram borradas e queimaram em seu cérebro escaldante: o lago, o casebre, e Hogwarts...

Um nada de calma atenuou agora a sua fúria: como o garoto poderia saber que ele escondera o anel no casebre de Gaunt? Ninguém jamais soubera que ele era parente dos Gaunt, escondera a ligação, as mortes nunca tinham sido atribuídas a ele: o anel certamente estava seguro.

E como poderia o garoto, ou qualquer outra pessoa, conhecer a caverna ou penetrar sua proteção? A ideia do medalhão ser roubado era absurda...

Quanto à escola: somente ele sabia onde, em Hogwarts, guardara a Horcrux, porque somente ele tinha explorado a fundo os segredos daquele lugar...

E ainda havia Nagini, que precisava ficar junto dele agora, sob sua proteção, e não mais ser enviada para cumprir tarefas...

Para ter certeza, entretanto, para ter absoluta certeza, ele precisava voltar a cada um dos esconderijos, precisava redobrar a proteção em torn

o de cada uma de suas Horcruxes... uma
tarefa, como a busca da Varinha das Varinhas, que e
le precisava empreender sozinho...
Qual deveria visitar primeiro, qual correria ma
ior perigo? Uma velha inquietação ardeu em
seu íntimo. Dumbledore conhecia o seu nome do meio.
.. Dumbledore poderia tê-lo ligado aos
Gaunt... sua casa abandonada era provavelmente o e
sconderijo menos seguro de todos, era lá
que ele iria em primeiro lugar...
O lago, certamente impossível... embora houvesse
uma possibilidade mínima de que
Dumbledore tivesse sabido de alguns dos seus malfei
tos passados, no orfanato.
E Hogwarts... mas ele sabia que a sua Horcrux al
i estava segura, seria impossível Potter
entrar em Hogsmeade sem ser detido, e, mais ainda,
na escola. Contudo, seria prudente alertar
Snape de que o garoto talvez tentasse entrar no ca
stelo... contar a Snape por que o garoto faria
isso seria uma tolice, é claro; fora um grave erro
confiar em Belatriz e Malfoy: a burrice e o
desleixo deles não comprovavam que era uma imprudên
cia confiar em quem fosse?
Ele visitaria o casebre de Gaunt primeiro, entã
o, e levaria Nagini: não se separaria mais da
cobra... E ele saiu da sala, atravessou o hall e s
e dirigiu ao jardim escuro onde jorrava a fonte;
em ofidioglossia, chamou a cobra, que foi se juntar
a ele como uma comprida sombra...
Os olhos de Harry se abriram subitamente quando
voltou ao presente: ele estava deitado na
margem do lago ao sol poente, e Rony e Hermione o o
bservavam. A julgar por suas
expressões preocupadas, e o latejamento contínuo de
sua cicatriz, sua rápida excursão à mente
de Voldemort não passara despercebida. Ele fez for
ça para se levantar, tremendo, vagamente
surpreso que ainda estivesse molhado até os ossos,
e viu a taça inocentemente pousada no
capim à sua frente, e o lago azul-escuro pontilhado
de dourado ao sol que se punha.

- Ele sabe. - Sua própria voz pareceu estranha e grave depois dos gritos agudos de Voldemort. - Ele sabe e vai verificar as outras Horcruxes, e a última - ele já se pusera de pé - está em Hogwarts. Eu sabia. Eu sabia.

- Quê?

Rony olhava-o boquiaberto; Hermione se ergueu nos joelhos, preocupada.

- Mas que foi que você viu? Como sabe?

- Eu o vi descobrir o que aconteceu com a taça, eu... eu estava na cabeça dele, ele está... - Harry lembrou-se da matança - está enfurecido ao extremo, e amedrontado também, não consegue entender como soubemos, e agora vai checar se as outras estão seguras, o anel primeiro. Ele acha que a Horcrux em Hogwarts está a salvo, porque Snape está lá, e será dificílimo entrar na escola sem ser visto, acho que vai verificar essa por último, ainda assim, estaria lá em poucas horas...

- Você viu onde, em Hogwarts? - perguntou Rony, agora se levantando também.

- Não, ele estava se concentrando em avisar Snape... não pensou no lugar exato em que está...

- Espere, espere! - gritou Hermione, quando Rony recolheu a Horcrux e Harry tornou a apanhar a Capa da Invisibilidade. - Não podemos simplesmente ir, nem temos um plano, precisamos...

- Precisamos ir andando - disse Harry, com firmeza. Tinha tido a esperança de dormir, a expectativa de entrar na barraca nova, mas isso agora era impossível. - Vocês podem imaginar o que ele vai fazer quando descobrir que o anel e o medalhão desapareceram? E se mudar o esconderijo da Horcrux de Hogwarts, resolver que não está bastante segura?

- Mas como vamos entrar?

- Bem, vamos a Hogsmeade - disse Harry -, e tentar pensar em alguma coisa depois de vermos qual é a proteção em torno da escola. Entre

embaixo da capa, Hermione, quero todos juntos desta vez.

- Mas não cabemos realmente...

- Estará escuro, ninguém vai reparar nos nossos pés.

O ruído de enormes asas batendo ecoou pelas água s escuras do lago: o dragão saciara a sede e levantara voo. Os garotos pararam os prepar ativos para observá-lo subir sempre mais alto, agora uma mancha negra no céu que escurecia rapidamente e, por fim, sumindo atrás de uma montanha próxima. Então, Hermione se adiantou e se encaixou entre os dois. Harry puxou a capa para baixo até onde foi possível, e juntos r odopiaram e penetraram na escuridão esmagadora.

-- CAPÍTULO VINTE E OITO --

O espelho desaparecido

Os pés de Harry tocaram na estrada. Ele viu a rua p rincipal de Hogsmeade, penosamente familiar: vitrines apagadas, os contornos escuros d as montanhas além, a curva da estradinha que a ligava a Hogwarts à frente, e a luz das jane las do Três Vassouras; e com um sobressalto, lembrou-se, com absoluta precisão, de como aparatar a ali quase um ano antes, sustentando um Dumbledore desesperadamente fraco; tudo isso no seg undo em que descia - e então, quando largou os braços de Rony e Hermione, aconteceu.

O ar foi cortado por um grito que lembrava o de Voldemort ao perceber que a taça fora roubada: despedaçou todos os nervos do corpo de Har ry, e ele percebeu imediatamente que fora causado por sua aparição. Quando olhou para os amigos sob a capa, a porta do Três Vassouras se escancarou e uma dúzia de Comensais da Morte, de capa e capuz, correu para a rua, empunhando varinhas.

Harry segurou o pulso de Rony ao vê-lo erguer a varinha. Havia bruxos demais para estuporar: até porque uma tentativa denunciaria sua posição. Um dos Comensais da Morte

acenou com a varinha e o grito parou, ainda ecoando nas montanhas distantes.

- Accio capa! - rugiu o Comensal.

Harry segurou-a pelas dobras, mas a capa não tentou lhe escapar: o Feitiço Convocatório não a afetara.

- Então, não está embaixo do seu xale, Potter? - berrou o Comensal da Morte que tentara o feitiço, e voltando-se para os companheiros: - Espalhem-se. Ele está aqui.

Seis dos Comensais saíram em sua direção: Harry, Rony e Hermione recuaram o mais rápido possível para a rua lateral mais próxima, e, por um triz, não foram pegos. Os garotos aguardaram no escuro, escutando gente correndo para cima e para baixo, os feixes de luz das varinhas dos bruxos varrendo a rua à sua procura.

- Vamos embora! - cochichou Hermione. - Desaparatar agora!

- Grande ideia - disse Rony, mas, antes que Harry pudesse responder, um Comensal gritou:

- Sabemos que você está aqui, Potter, e não tem como escapar! Nós o encontraremos!

- Estavam de prontidão - sussurrou Harry. - Armaram aquele feitiço para avisá-los da nossa chegada. Imagino que tenham feito alguma coisa para nos segurar aqui, nos encurralar...

- Que tal uns dementadores? - gritou outro Comensal da Morte. - Se os deixássemos à vontade, eles não demorariam a encontrá-lo.

- O Lorde das Trevas não quer que ninguém mate Potter exceto ele...

- ... e os dementadores não irão matar Potter! O Lorde das Trevas quer a vida dele, e não a alma. Será mais fácil matá-lo se tiver sido beijado antes!

Ouviram-se rumores de aprovação. O temor apoderou-se de Harry: para repelir dementadores teriam que produzir Patronos, e isso os denunciaria na mesma hora.

- É melhor desaparatar, Harry! - sussurrou Hermione.

Enquanto ela pronunciava essas palavras, ele se ntiu um frio anormal baixando sobre a rua. A luz ambiente foi sugada até as estrelas, fazendo-as desaparecer. Na escuridão de breu, Harry sentiu Hermione agarrar o seu braço e, juntos , eles rodopiaram.

O ar que precisavam para se mover parecia ter se solidificado: não poderiam desaparatar; os Comensais da Morte tinham lançado os seus feitiç os, eficientemente. O frio começou a cortar cada vez mais fundo na pele de Harry. Ele, R ony e Hermione recuaram para a rua lateral, tateando o caminho ao longo da parede, pr ocurando não fazer o menor ruído. Do outro lado da esquina, deslizando silenciosamente, vinham dementadores, dez ou mais deles, com suas capas pretas e suas mãos feridas e podres vis íveis porque seu negrume era mais denso do que o da rua. Poderiam sentir o medo por perto? Ha rry tinha certeza que sim: eles pareciam estar avançando mais depressa agora, inspirando da quele jeito arrastado e vibrante que ele detestava, saboreando o desespero no ar, fechando o cerco...

Ergueu a varinha: não iria, não queria, ganhar o beijo do dementador, fossem quais fossem as consequências. Foi em Rony e Hermione que ele pe nsou ao sussurrar:

- Expecto patronum!

O veado prateado irrompeu de sua varinha e ataco u: os dementadores se dispersaram e ouviu-se um grito de triunfo em algum lugar fora de vista.

- É ele, lá embaixo, lá embaixo, vi o Patrono de le, era um veado!

Os dementadores tinham retrocedido, as estrelas estavam reaparecendo e os passos dos Comensais da Morte se tornaram mais pesados; mas, a ntes que Harry em seu pânico pudesse decidir o que fazer, ouviu bem perto um rangido de ferragens, uma porta se abriu do lado esquerdo da rua estreita e uma voz áspera disse:

- Potter, entre, depressa!

Ele obedeceu sem hesitação: os três se precipitaram pela porta aberta.

- Suba, não dispa a capa, fique quieto! - murmurou um vulto alto que passou por eles e saiu, batendo a porta.

Harry não fazia ideia de onde estavam, mas agora via, à luz vacilante de uma única vela, o bar sujo com o piso forrado de serragem do Cabeça de Javali. Eles correram para trás do balcão e por uma segunda porta que levava a uma escada bamba, que eles subiram o mais rápido que puderam. Desembocaram em uma sala de visitas com um tapete puído e uma pequena lareira, no alto da qual estava pendurado um grande retrato a óleo de uma garota loura que contemplava a sala com um ar de meiguice apática.

Os gritos na rua chegavam aos seus ouvidos. Ainda usando a Capa da Invisibilidade, eles foram, pé ante pé, até a janela suja e espiaram para baixo. Seu salvador, que Harry agora reconhecia como o barman do Cabeça de Javali, era a única pessoa que não estava usando um capuz.

- E daí? - berrava ele para um dos rostos encapuzados. - E daí? Vocês mandam dementadores para a minha rua, e jogo um Patrono contra eles. Não vou admitir que se aproximem de mim, já lhes disse, não vou admitir isso!

- Aquele não era o seu Patrono! - contestou um Comensal da Morte. - Era um veado, era o do Potter!

- Veado! - rugiu o barman, sacando a varinha. - Veado! Seu idiota... Expecto patronum!

Um bicho enorme e chifrudo irrompeu da varinha, e, de cabeça baixa, avançou para a rua principal e desapareceu de vista.

- Não foi isso que vi... - retrucou o Comensal da Morte, embora com menos convicção.

- O toque de recolher foi violado, você ouviu o

barulho - disse um dos seus colegas ao
barman. - Alguém estava na rua contrariando o regul
amento...
- Se eu quiser pôr o meu gato para fora, porei,
e dane-se o seu toque de recolher!
- Você disparou o Feitiço Miadura?
- E se disparei? Vai me mandar para Azkaban? Me
matar por meter o nariz fora da minha
própria porta? Então faça isso, se é o que quer! Ma
s espero, para seu bem, que não tenham
tocado na Marca Negra para convocá-lo. Ele não vai
gostar de ser chamado para ver a mim e
o meu velho gato, ou será que vai?
- Não se preocupe conosco - respondeu um dos Com
ensais da Morte -, preocupe-se com o
seu desrespeito ao toque de recolher!
- E onde é que gente de sua laia irá traficar p
oções e venenos quando fecharem o meu bar?
Que irá acontecer com os seus bicos?
- Você está nos ameaçando...?
- Não abro a boca, é por isso que vocês vêm aqui
, não é?
- Continuo dizendo que vi um veado Patrono! - gr
itou o primeiro Comensal da Morte.
- Veado? - rugiu o barman. - É um bode, idiota!
- Tudo bem, nos enganamos - disse o segundo Come
nsal da Morte. - Desrespeite o toque
de recolher outra vez e não seremos tão indulgentes
!
Os Comensais da Morte voltaram para a rua princi
pal. Hermione gemeu de alívio,
desvencilhou-se da capa e se sentou em uma cadeira
de pernas bambas. Harry fechou bem as
cortinas, depois retirou a capa de cima dele e de R
ony. Ouviram o barman no andar térreo
trancar a porta do bar e, em seguida, subir a escad
a.
Um objeto sobre o console da lareira chamou a at
enção de Harry: um pequeno espelho
retangular aprumado ali, logo abaixo do retrato da
garota.
O barman entrou na sala.

- Seus idiotas infelizes - disse, rispidamente, olhando de um para outro. - Que ideia foi essa de virem aqui?

- Obrigado - disse Harry -, não sabemos como lhe agradecer. Salvou nossas vidas.

O barman resmungou. Harry se aproximou dele, estudando o seu rosto, tentando ver sob a cabeleira e barba grisalhas e grossas. Ele usava óculos. Por trás das lentes sujas, os olhos eram muito azuis e penetrantes.

- É o seu olho que tenho visto no espelho.

Fez-se silêncio na sala. Harry e o barman se fitaram.

- Você mandou Dobby.

O barman assentiu e olhou para os lados, procurando o elfo.

- Pensei que ele estivesse com você. Onde o deixou?

- Está morto - disse Harry. - Belatriz Lestrange o matou.

O rosto do barman não demonstrou emoção. Passado um momento, ele disse:

- Lamento saber. Eu gostava daquele elfo.

Ele se virou, acendendo as luzes com toques de varinha, sem olhar para nenhum dos garotos.

- Você é Aberforth - disse Harry para as costas do homem.

Ele não confirmou nem negou, mas se curvou para acender a lareira.

- Como conseguiu isso? - perguntou Harry, atravessando a sala até o espelho de Sirius, a duplicata do que ele quebrara quase dois anos antes.

- Comprei-o de Dunga mais ou menos há um ano - disse Aberforth. - Alvo me disse o que era. Tenho tentado manter um olho em você.

Rony ofegou.

- A corça prateada! - exclamou. - Foi você também?

- Do que está falando? - perguntou Aberforth.

- Alguém mandou uma corça Patrono até nós!

- Com um cérebro desses, você poderia ser Comens
al da Morte, filho. Não acabei de
provar que o meu Patrono é um bode?
- Ah - disse Rony. - É... bem, estou com fome! -
acrescentou justificandose, e sua barriga
deu um enorme ronco.
- Tenho comida - disse Aberforth, e saiu da sala
, reaparecendo momentos depois com uma
grande fôrma de pão, queijo e uma jarra de metal co
m hidromel, que depositou em uma
mesinha à frente da lareira. Famintos, eles comeram
e beberam, e por algum tempo o silêncio
foi quebrado apenas pelos estalidos do fogo na lare
ira, o tilintar de taças e o som de
mastigação.
- Certo - disse Aberforth, quando eles terminara
m de comer, e Harry e Rony se afundaram,
sonolentos, nas poltronas. - Precisamos pensar na
melhor maneira de tirá-los daqui. Não pode
ser à noite, vocês ouviram o que acontece se algué
m sai à rua depois do escurecer: dispara o
Feitiço Miadura, e eles cairão sobre vocês como tro
nquilhos em ovos de fadas mordentes.
Não acho que consiga passar um bode por um veado um
a segunda vez. Esperem amanhecer,
quando é suspenso o toque de recolher, então, podem
tornar a vestir a capa e partir a pé.
Saiam direto de Hogsmeade, subam a montanha e poder
ão desaparatar de lá. Talvez vejam
Hagrid. Está escondido com Grope em uma caverna des
de que tentaram prendê-lo.
- Não vamos embora - respondeu Harry. - Precisam
os entrar em Hogwarts.
- Não seja idiota, moleque - disse Aberforth.
- Temos que entrar.
- O que têm de fazer - retorquiu Aberforth, incl
inando-se para a frente - é ir para o mais
longe que puderem.
- Você não está entendendo. O tempo é curto. Pre
cisamos entrar no castelo. Dumbledore,
quero dizer, o seu irmão, queria que nós...
A luz das chamas deixou as lentes sujas dos ócul

os do bruxo momentaneamente opacas, de
um branco forte e chapado, e Harry se lembrou dos o
lhos cegos de Aragogue, a aranha
gigantesca.
- Meu irmão Alvo queria muitas coisas, e as pes
soas tinham o mau hábito de saírem feridas
enquanto ele executava os seus planos grandiosos.
Afaste-se da escola, Potter, e saia do país,
se puder. Esqueça o meu irmão e seus esquemas imagi
nosos. Ele foi para um lugar onde nada
disso pode atingi-lo, e você não lhe deve nada.
- Você não está entendendo - repetiu Harry.
- Ah, será que não? - replicou Aberforth, mansam
ente. - Você acha que eu não
compreendia o meu próprio irmão? Acha que conhecia
Alvo melhor do que eu?
- Não foi isso que quis dizer - respondeu Harry,
cujo cérebro estava lento de exaustão e
excesso de comida e vinho. - É que... ele me deixou
uma tarefa.
- Deixou, foi? Uma tarefa boa, espero? Agradáve
l? Fácil? O tipo de coisa que se esperaria
que um garoto bruxo ainda não qualificado pudesse r
ealizar sem muito esforço?
Rony deu uma risada meio sem graça. Hermione dem
onstrava tensão.
- Eu... não é fácil, não - disse Harry. - Mas te
nho que...
- Tem quê? Por que tem quê? Ele está morto, não
está? - retorquiu Aberforth, com rispidez.
- Deixe isso para lá, moleque, antes que você acabe
indo se juntar a ele! Salve-se!
- Não posso.
- Por que não?
- Eu... - Harry sentiu-se desarmado; não podia e
xplicar, então tomou a ofensiva. - Mas
você também está lutando, você está na Ordem da Fên
ix...
- Estava. A Ordem da Fênix acabou. Você-Sabe-Que
m venceu, tudo está terminado, e
qualquer um que finja que é diferente está se enga
nando. Aqui nunca será seguro para você,

Potter, ele quer muito você. Vá para o exterior, v
á se esconder, salve-se. É melhor levar esses
dois. - Ele indicou Rony e Hermione com o polegar.
- Correrão perigo enquanto viverem,
agora que todos sabem que estiveram trabalhando com
você.

- Não posso ir embora. Tenho uma tarefa...

- Passe-a para outro!

- Não posso. Tem que ser eu, Dumbledore me expli
cou tudo...

- Ah, foi, é? E ele lhe contou tudo, foi honesto
com você?

Harry queria de todo coração responder "sim", ma
s, por alguma razão, essa palavra
simples não chegava aos seus lábios. Aberforth pare
cia saber o que ele estava pensando.

- Eu conhecia meu irmão, Potter. Ele aprendeu a
guardar segredo no colo de nossa mãe.
Segredos e mentiras, foi assim que fomos criados, e
Alvo... tinha um pendor natural.

O olhar do velho se desviou para o retrato da m
oça sobre o console da lareira. Era, agora
que Harry olhava o ambiente com atenção, o único q
uadro pendurado. Não havia fotografia de
Alvo Dumbledore, nem de ninguém mais.

- Sr. Dumbledore? - perguntou Hermione, timidame
nte. - Essa é a sua irmã? Ariana?

- É - confirmou Aberforth, lacônico. - Andou len
do Rita Skeeter, mocinha?

Mesmo à luz rosada das chamas, ficou evidente qu
e Hermione tinha corado.

- Elifas Doge mencionou-a para nós - disse Harry
, tentando poupar Hermione.

- Aquele velho babão - murmurou Aberforth, toman
do um gole do hidromel. - Achava que
o sol irradiava de todos os orifícios do meu irmão
, é o que ele achava. Bem, muita gente tinha
a mesma opinião, vocês três inclusive, pelo que vej
o.

Harry ficou calado. Não queria expressar as dúv
idas e incertezas sobre Dumbledore que o
vinham intrigando havia meses. Tinha feito a sua es

colha enquanto cavava a sepultura de
Dobby; tinha decidido continuar a seguir o caminho
tortuoso e arriscado que Alvo
Dumbledore lhe indicara, aceitar que o diretor não
 tinha lhe dito tudo que gostaria de saber e,
simplesmente, confiar. Não desejava voltar a duvida
r, não queria ouvir nada que o desviasse
do seu intento. Ele enfrentou o olhar de Aberforth
, tão impressionantemente igual ao do irmão:
os olhos muito azuis davam a mesma impressão de est
arem radiografando o objeto que
examinavam, e Harry achou que Aberforth sabia o que
 ele estava pensando, e o desprezava
por isso.

- O professor Dumbledore tinha afeição por Harry
, muita mesmo - disse Hermione, em voz
baixa.

- Tinha, é? - comentou Aberforth. - É engraçado
o número de pessoas por quem meu irmão
tinha grande afeição, e acabaram em situação pior
do que se ele as tivesse deixado em paz.

- Como assim? - perguntou Hermione ofegante.

- Não se preocupe - respondeu o bruxo.

- Mas isso é uma afirmação muito grave! - repli
cou a garota. - O senhor... está se referindo
à sua irmã?

Aberforth encarou-a sério: seus lábios se mexera
m como se ele estivesse mastigando as
palavras que refreava. Então desatou a falar.

- Quando minha irmã fez seis anos de idade, ela
foi atacada fisicamente por três garotos
trouxas. Eles a viram produzindo feitiços, quando a
 espionavam pela sebe que cercava o
quintal: ela era pequena, não tinha controle sobre
a magia, nessa idade nenhum bruxo tem.
Imagino que o que viram os tenha apavorado. Eles s
e espremeram pela sebe e, quando ela não
soube lhes mostrar o truque, exageraram ao tentar i
mpedir a monstrinha de repeti-lo.

Os olhos de Hermione estavam enormes à luz das c
hamas: Rony parecia ligeiramente
nauseado. Aberforth se levantou, alto como Alvo e

inesperadamente terrível em sua cólera e
na intensidade de sua dor.
- O que eles fizeram destruiu Ariana: ela nunca
mais voltou ao normal. Não queria usar a
magia, mas tampouco conseguia se livrar dela: o seu
poder voltou-se para dentro e a
enlouqueceu, irrompia dela quando não conseguia con
trolá-lo, e por vezes ela se tornava
estranha e perigosa. Mas a maior parte do tempo era
meiga, assustada e inofensiva.
"E meu pai foi atrás dos filhos da mãe que tinh
am feito aquilo", continuou Aberforth, "e os
atacou. Por isso o prenderam em Azkaban. Ele nunca
se defendeu, porque, se o Ministério
soubesse da condição de Ariana, ela teria sido rec
olhida ao St. Mungus para o resto da vida.
Seria considerada uma séria ameaça ao Estatuto Inte
rnacional de Sigilo, desequilibrada como
ficara, a magia explodindo de dentro dela sempre qu
e não conseguia refreá-la.
"Tivemos que mantê-la a salvo e em silêncio. Mud
amos de casa, espalhamos que era
doentinha, e minha mãe cuidava dela e tentava mantê
-la calma e feliz.
"Eu era o seu favorito." E, ao dizer isso, um e
ncardido garoto de escola pareceu espiar
através das rugas e da barba emaranhada de Aberfort
h. "Não era o Alvo, ele ficava sempre no
quarto quando estava em casa, lendo seus livros e c
ontando seus prêmios, mantendo em dia
sua correspondência com `os nomes mais notáveis da
magia da época'", debochou Aberforth,
"ele não queria se incomodar com a irmã. Ela gosta
va mais de mim. Eu conseguia convencê-la
a comer quando não queria comer com a minha mãe, eu
conseguia acalmá-la, se tinha um
acesso de fúria, e, quando estava tranquila, costum
ava me ajudar a alimentar os bodes.
"Então, quando completou catorze anos... entend
em, eu não estava em casa. Se estivesse,
poderia tê-la acalmado. Ariana se descontrolou e m
inha mãe já não era tão jovem quanto antes

e... foi um acidente. Ariana não pôde controlar. Ma
tou minha mãe."
Harry sentiu uma horrível mistura de pena e repu
lsa; não queria ouvir mais nada, mas
Aberforth continuou a falar e o garoto ficou imagin
ando quanto tempo decorrera desde a
última vez em que ele tocara nesse assunto; se, de
fato, algum dia tocara.
- Esse imprevisto pôs fim à viagem de Alvo com D
oguinho ao redor do mundo. Os dois
vieram a Godric's Hollow para os funerais de mamãe
e, em seguida, Doge partiu sozinho e
Alvo se acomodou no papel de chefe de família. Aah!

Aberforth cuspiu nas chamas.
- Eu teria cuidado de Ariana, e disse isso a el
e, eu não fazia questão de frequentar a escola,
teria ficado em casa. Ele me disse que eu tinha qu
e terminar minha educação, e ele assumiria
as obrigações de minha mãe. Um certo revés para o s
r. Gênio, pois não há prêmios por cuidar
de uma irmã semilouca, para impedi-la de explodir a
 casa a cada dois dias. Mas ele se
desincumbiu bem nas primeiras semanas... até a cheg
ada dele.
Agora uma expressão realmente ameaçadora surgiu
no rosto de Aberforth.
- Grindelwald. E, finalmente, meu irmão teve um
igual com quem trocar ideias, alguém tão
genial e talentoso quanto ele. E o cuidado com Aria
na passou a um segundo plano, enquanto
eles tramavam os seus planos para uma nova ordem em
 magia, procuravam Relíquias e faziam
o que mais despertasse o seu interesse. Planos gran
diosos para o benefício da bruxidade, e se
uma jovem deixasse de receber atenção, que importân
cia teria, quando Alvo Dumbledore
estava trabalhando para o bem maior?
"Mas, depois de algumas semanas, eu dei um bast
a, dei mesmo. Já estava quase na hora de
regressar a Hogwarts, então eu disse aos dois, cara
 a cara, como estou falando com vocês

agora." E Aberforth olhou com superioridade para H
arry, e não foi preciso muita imaginação
para vê-lo adolescente, vigoroso e zangado, enfrent
ando o irmão mais velho. "Disse-lhe: é
melhor desistir agora. Não pode tirá-la daqui, ela
não tem condição, não pode levá-la com
você, seja lá aonde quer que pretenda ir, quando es
tiver fazendo os seus discursos
inteligentes, tentando conquistar admiradores. Ele
não gostou." Os olhos de Aberforth foram
brevemente ocultados pela luz das chamas nas lentes
 dos óculos: eles tornaram a parecer
brancos e cegos. "Grindelwald não gostou de ouvir i
sso. Ficou irritado. Me disse que eu era
um menino idiota, tentando barrar o seu caminho e d
o meu genial irmão... será que eu não
entendia, minha pobre irmã não precisaria mais ser
escondida depois que tivessem
transformado o mundo, e tirado os bruxos da clande
stinidade, e ensinado aos trouxas qual era
o seu lugar?

"Então tivemos uma briga... e saquei a minha var
inha, ele sacou a dele, e fui atingido por
uma Maldição Cruciatus lançada pelo melhor amigo do
 meu irmão, e Alvo tentou impedi-lo e,
de repente, nós três estávamos duelando, e os clar
ões e os estampidos assustaram Ariana, ela
não os suportava..."

A cor foi sumindo do rosto de Aberforth como se
 ele tivesse recebido um ferimento mortal.

- ... e acho que ela quis ajudar, mas não sabia
exatamente o que estava fazendo, e não sei
qual de nós fez aquilo, poderia ter sido qualquer u
m de nós... e ela caiu morta.

Sua voz falhou ao dizer a última palavra, e ele
 se largou na poltrona mais próxima. O rosto
de Hermione estava molhado de lágrimas e Rony estav
a quase tão pálido quanto Aberforth.
Harry sentia apenas asco: desejou não ter ouvido aq
uilo, desejou poder apagar tudo de sua
mente.

- Estou tão... estou tão penalizada - sussurrou

Hermione.
- Foi-se - disse Aberforth, com a voz embargada. - Foi-se para sempre.
Ele limpou o nariz no punho da camisa e pigarreou.
- É claro que Grindelwald deu o fora. Ele já tinha uma história pregressa em seu país e não queria que Ariana fosse acrescentada à sua folha. E Alvo ficou livre, não? Livre do encargo da irmã, livre para se tornar o maior bruxo da...
- Ele nunca se livrou - protestou Harry.
- Perdão? - disse Aberforth.
- Nunca. Na noite em que seu irmão morreu, ele bebeu uma poção que o deixou fora de si. Ele começou a gritar, suplicando a alguém que não estava presente. "Não os machuque, não os machuque, por favor, por favor, a culpa é minha, machuque a mim..."
Rony e Hermione estavam de olhos arregalados para Harry. Ele jamais entrara em detalhes sobre o que acontecera na ilha do lago, os fatos que se desenrolaram depois que ele e Dumbledore voltaram a Hogwarts tinham eclipsado completamente todo o resto.
- Ele estava revivendo o passado com você e Grindelwald, sei que estava - disse Harry, lembrando-se de Dumbledore choramingando, suplicando. - Pensou que estivesse vendo Grindelwald machucar você e Ariana... foi uma tortura para ele, se você tivesse presenciado, não afirmaria que ele se livrou.
Aberforth pareceu se perder na contemplação de suas mãos nodosas, de veias saltadas. Depois de uma longa pausa falou:
- Como pode ter certeza, Potter, de que o meu irmão não estava mais interessado no bem maior do que em você? Como pode ter certeza de que não é dispensável, exatamente como a minha irmã foi?
Uma ponta de gelo pareceu transpassar o coração de Harry.
- Não acredito. Dumbledore amava Harry - disse H

ermione.
- Então, por que não lhe disse para se esconder ? - retorquiu Aberforth. - Por que não lhe disse, cuide-se bem, eis como sobreviver?
- Porque - disse Harry, se antecipando a Hermione -, às vezes, a pessoa tem que pensar além da própria segurança! Às vezes, a pessoa tem que pensar no bem maior! Estamos em guerra!
- Você tem dezessete anos, moleque!
- Sou maior de idade, e vou continuar lutando mesmo que você já tenha desistido!
- Quem disse que eu desisti?
- "A Ordem da Fênix acabou" - repetiu Harry. - "Você-Sabe-Quem venceu, tudo está terminado, e qualquer um que finja que é diferente está se enganando."
- Não digo que gosto disso, mas é a verdade!
- Não, não é - contestou Harry. - Seu irmão sabia como liquidar Você-Sabe-Quem e passou esse conhecimento a mim, e vou continuar até conseguir isso ou morrer. Não pense que não sei como isso poderá acabar. Há anos que sei.
Ele esperou Aberforth caçoar ou argumentar, mas o bruxo não fez isso. Apenas franziu as sobrancelhas.
- Precisamos entrar em Hogwarts - repetiu Harry. - Se não pode nos ajudar, esperaremos o dia nascer, deixaremos você em paz e tentaremos encontrar um jeito sozinhos. Se você puder, bem, agora será um bom momento para nos dizer.
Aberforth permaneceu pregado em sua poltrona, fitando Harry com olhos extraordinariamente semelhantes aos do irmão. Por fim, pigarreou, levantou-se, deu a volta à mesinha e se aproximou do retrato de Ariana.
- Você sabe o que fazer - disse ele.
Ela sorriu, virou-se e saiu, não como normalmente fazem os bruxos nos retratos, pelas molduras laterais, mas por uma espécie de longo túnel pintado atrás dela. Os garotos observaram o seu vulto franzino se retirar e, final

mente, ser engolido pela escuridão.

- Ah... quê...? - começou Rony.

- Só existe um modo de entrar agora - disse Aber forth. - Vocês devem saber que bloquearam todas as antigas passagens secretas dos dois lados, há dementadores em torno de todos os muros divisórios, patrulhas regulares den tro da escola, segundo informaram minhas fontes. O lugar nunca esteve tão fortemente guardad o. Como espera fazer alguma coisa, se conseguirem entrar, com Snape na direção e os Carro w como seus assistentes... bem, a preocupação é sua, não é? Você diz que está dispost o a morrer.

- Mas quê...? - perguntou Hermione, franzindo a testa para o quadro de Ariana.

Um minúsculo ponto branco reaparecera no fim do túnel pintado, e agora Ariana retornava em direção à sala, aumentando de tamanho à medida q ue se aproximava. Mas havia outra pessoa em sua companhia, alguém mais alto, que vinh a mancando com ar agitado. Seus cabelos estavam mais longos do que Harry jamais vi ra, parecia ter sofrido vários cortes no rosto, e suas roupas estavam rasgadas e puídas. Cad a vez maiores se tornaram os dois vultos até suas cabeças e ombros ocuparem todo o quadro. Então, o conjunto girou para a frente na parede como uma portinhola, e surgiu a entrada de u m túnel de verdade. E dele, com os cabelos demasiado crescidos, o rosto cortado, as ve stes rasgadas, saiu, com dificuldade, um Neville Longbottom real, que soltou um urro de praz er, saltou do console e gritou:

- Eu sabia que você viria! Eu sabia, Harry!

-- CAPÍTULO VINTE E NOVE --

O diadema perdido

- Neville... que... como...?

Mas Neville reconhecera Rony e Hermione e, com b erros de alegria, abraçava-os também. Quanto mais Harry olhava o colega, pior ele lhe pa recia: tinha um dos olhos inchado, amarelo

e roxo, havia marcas fundas em seu rosto e sua apar
ência de desleixo sugeria que passara um
mau bocado. Contudo, suas feições maltratadas irra
diavam felicidade quando soltou Hermione
e disse mais uma vez:

- Eu sabia que você viria! Sempre disse ao Simas que era uma questão de tempo!

- Neville, que aconteceu com você?

- Quê? Isso? - Ele menosprezou os ferimentos, sa
cudindo a cabeça. - Isto não é nada,
Simas está pior. Você verá. Vamos andando, então? A
h - ele se virou para Aberforth -, Ab,
talvez haja mais umas duas pessoas a caminho.

- Mais umas duas pessoas?! - exclamou Aberforth, em tom ameaçador. - Como assim, mais
umas duas pessoas, Longbottom? Há um toque de recol
her e um Feitiço Miadura sobre toda a
aldeia!

- Eu sei, é por isso que elas estarão aparatando diretamente no bar - respondeu Neville. -
Mande-as pela passagem quando chegarem, por favor?
Muito obrigado.

Neville esticou a mão para Hermione e ajudou-a
a subir no console, e dali para o túnel;
Rony seguiu-a e depois Neville; Harry se dirigiu a
Aberforth.

- Não sei como lhe agradecer. Você salvou duas v
ezes a nossa vida.

- Cuide bem delas, então - respondeu Aberforth,
ríspido. - Talvez eu não possa salvá-las
uma terceira.

Harry subiu no console e entrou no buraco atrás
do retrato de Ariana. Havia degraus de
pedra lisa do outro lado: a passagem parecia existi
r há muitos anos. Luminárias de latão
pendiam das paredes e o piso de terra estava gasto
e sem asperezas; à medida que andavam,
suas sombras ondulavam, abrindo-se em leque, pela p
arede.

- Há quanto tempo isso existe? - indagou Rony qu
ando começaram a andar. - Não consta
no mapa do maroto, consta, Harry? Pensei que só ho

uvesse sete passagens para entrar e sair
da escola, não?
- Eles lacraram todas aquelas antes de começar
o ano letivo - respondeu Neville. - Não há
a menor chance de se usar nenhuma delas, não com os
feitiços que lançaram nas entradas e os
Comensais da Morte e dementadores esperando nas saí
das. - Ele começou a andar de costas,
sorridente, absorvendo a presença dos amigos. - Ma
s deixa isso para lá... é verdade? Vocês
arrombaram o Gringotes? Fugiram montados em um drag
ão? É o boato que corre, todo o
mundo está comentando isso, Terêncio Boot foi espan
cado por Carrow por berrar isso no
Salão Principal na hora do jantar!
- É, é verdade - confirmou Harry.
Neville riu com gosto.
- Que foi que vocês fizeram com o dragão?
- Soltamos no mato - disse Rony. - Hermione era
a favor de adotá-lo como bicho de
estimação...
- Não exagere, Rony...
- Mas que têm feito? As pessoas andaram dizendo
que você estava apenas fugindo, Harry,
mas acho que não. Acho que esteve armando alguma co
isa.
- Você acertou, mas nos fale sobre Hogwarts, Nev
ille, ficamos sem notícias.
- Tem estado... bem, realmente não parece mais H
ogwarts - disse Neville, o sorriso
desaparecendo do seu rosto. - Você ouviu falar dos
Carrow?
- Os dois Comensais da Morte que estão ensinando
aí?
- Eles fazem mais do que ensinar. São responsáve
is por toda a disciplina. E gostam de
castigar, os Carrow.
- Como a Umbridge?
- Nah, perto dos dois, ela é boazinha. Os outro
s professores têm ordem de nos mandar para
eles quando fazemos alguma coisa errada. Mas não ma
ndam, se puderem evitar. Dá para

perceber que eles odeiam os dois tanto quanto nós.
"Amico, o cara, ensina o que costumava ser Defes
a Contra as Artes das Trevas, só que
agora é apenas Artes das Trevas. Temos que praticar
a Maldição Cruciatus nos alunos que
ganharam detenções..."
- Quê?
As vozes de Harry, Rony e Hermione ecoaram em un
íssono pela passagem.
- Isso mesmo - confirmou Neville. - Foi assim qu
e ganhei esse. - Ele apontou para um
corte particularmente fundo na bochecha. - Eu me re
cusei a amaldiçoar. Mas tem gente
interessada; Crabbe e Goyle adoram. Primeira vez q
ue são primeiros alunos em alguma coisa,
imagino.
"Aleto, a irmã do Amico, ensina Estudo dos Trou
xas, que é obrigatório para todos. Temos
de ouvi-la explicar que os trouxas são animais, idi
otas e porcos, e que obrigaram os bruxos a
entrar na clandestinidade porque os tratavam com v
iolência, e que a ordem natural está sendo
restaurada. Recebi esse outro", ele apontou mais u
m corte no rosto, "porque perguntei qual é a
percentagem de sangue trouxa que ela e o irmão têm.
"
- Caramba, Neville - exclamou Rony -, tem hora e
lugar para se fazer gracinhas!
- Você não teve de ouvi-la. Também não teria ag
uentado. E tem uma coisa, faz bem quando
alguém os enfrenta, dá esperança a todos. Eu obser
vei isso quando você se rebelava, Harry.
- Mas eles transformaram você em afiador de faca
s - comentou Rony, fazendo uma leve
careta quando passaram por uma luz e os ferimentos
do garoto se sobressaíram mais.
Neville sacudiu os ombros.
- Não faz mal. Eles não querem derramar muito sa
ngue puro, por isso podem até nos
torturar um pouco se formos atrevidos, mas não irão
realmente nos matar.
Harry não sabia o que era pior, as coisas que Ne

ville estava contando ou o tom banal com
que as contava.
- As únicas pessoas que correm perigo, de fato,
são as que têm amigos e parentes criando
problemas do lado de fora. Viram reféns. O velho Xe
no Lovegood estava fazendo críticas
fortes demais n'O Pasquim, então, eles arrancaram
Luna do trem quando íamos passar o Natal
em casa.
- Neville, ela está bem, nós a vimos.
- É, eu sei, ela conseguiu me mandar uma mensage
m.
Ele tirou do bolso uma moeda dourada, e nela Ha
rry reconheceu um dos galeões falsos que
os membros da Armada de Dumbledore usavam para troc
ar mensagens entre si.
- Elas têm sido ótimas - disse Neville, sorrindo
para Hermione. - Os Carrow nunca
sacaram como nos comunicávamos, e ficaram enlouquec
idos. Costumávamos sair escondidos
à noite e rabiscar nas paredes: Armada de Dumbledor
e: o recrutamento continua, e outras
coisas do gênero, o Snape odiava.
- Vocês costumavam? - perguntou Harry, que repar
ara no pretérito.
- Bem, com o tempo, foi ficando mais difícil. Pe
rdemos Luna no Natal, Gina não voltou
depois da Páscoa e nós três éramos os líderes, por
assim dizer. Os Carrow perceberam que eu
estava por trás de muitas dessas coisas, então come
çaram a me pressionar; depois Miguel
Corner foi pego soltando um aluno do primeiro ano q
ue tinham acorrentado e foi barbaramente
torturado. Isso apavorou as pessoas.
- Não é para menos - resmungou Rony, e nessa hor
a a passagem começou a subir.
- É, bem, eu não podia pedir às pessoas para sup
ortar o que o Miguel suportou, então,
paramos com esses lances. Mas continuamos a lutar,
agindo às escondidas, até umas duas
semanas atrás. Foi quando eles concluíram que só ha
via uma maneira de me fazer parar,

suponho, e prenderam minha avó.
- Eles fizeram o quê?! - exclamaram Harry, Rony e Hermione juntos.
- É - disse Neville, ofegando um pouco porque a passagem estava se tornando muito inclinada. - Bem, dá para vocês entenderem o raciocínio deles. O sequestro de crianças para forçar os parentes a se comportarem tinha dado bons resultados, e suponho que seria apenas uma questão de tempo pensarem em fazer o contrário. Agora - Neville ficou de frente para eles e Harry se surpreendeu com o seu ar risonho -, com a vovó, eles deram uma dentada maior do que cabia na barriga. Uma bruxa velhota morando sozinha, provavelmente acharam que não era preciso mandar ninguém muito poderoso. Enfim - Neville deu uma gargalhada -, Dawlish ainda está no St. Mungus e, vovó, foragida. Ela me mandou uma carta - Neville bateu no bolso do peito das vestes - me dizendo que sentia orgulho de mim, que sou filho dos meus pais e que continue a resistir.
- Legal - disse Rony.
- É - concordou Neville, feliz. - Só tem que quando perceberam que não tinham como me pressionar, resolveram que Hogwarts poderia muito bem passar sem mim. Não sei se estavam planejando me matar ou me mandar para Azkaban; qualquer que fosse o caso, achei que era hora de desaparecer.
- Mas - perguntou Rony, inteiramente desconcertado - não estamos... não estamos voltando direto para Hogwarts?
- Claro. Você verá. Chegamos.
Eles viraram um canto e logo adiante a passagem terminava. Um pequeno lance de escada levava a uma porta igual a que havia atrás do retrato de Ariana. Neville abriu-a e galgou a escada. Quando o seguia, Harry ouviu o colega gritar para pessoas invisíveis:
- Vejam quem está aqui! Eu não disse a vocês?
Ao emergir da passagem para a sala além, ouviram

-se gritos e aplausos...
- HARRY!
- É Potter, é POTTER!
- Rony!
- Hermione!
Harry teve uma impressão confusa de coisas colo ridas penduradas, de candeeiros e muitos rostos. No momento seguinte, ele, Rony e Hermione f oram engolfados, abraçados, receberam palmadas nas costas, tiveram os cabelos despentead os, as mãos apertadas, aparentemente por umas vinte pessoas: parecia que tinham ganhado uma final de quadribol.
- O.k., o.k., calma pessoal! - gritou Neville e, quando o amontoado de gente recuou, Harry pôde observar o ambiente.
Não reconheceu a sala. Era enorme e lembrava o i nterior de uma casa de árvore particularmente suntuosa, ou talvez uma gigantesca cabine de navio. Redes multicoloridas pendiam do teto e de uma galeria que rodeava o cômo do cujas paredes sem janelas eram revestidas de painéis de madeira escura, cobertas d e tapeçarias de cores vibrantes. Harry viu o leão dourado da Grifinória sobre o fundo vermelho , o texugo negro da Lufa-Lufa sobre o amarelo e a águia bronze da Corvinal sobre o azul. Só estava ausente o verde e prata da Sonserina. Havia estantes superlotadas, algumas vas souras encostadas nas paredes e, a um canto, um grande rádio com caixa de madeira.
- Onde estamos?
- Na Sala Precisa, é claro! - respondeu Neville. - Desta vez ela foi demais, não? Os Carrow estavam me perseguindo, e eu sabia que só ti nha um esconderijo possível: consegui passar pela porta e foi isso que encontrei! Bem, n ão estava exatamente assim quando cheguei, era bem menor, só tinha uma rede e tapeçarias da Gr ifinória. Mas se expandiu à medida que mais gente da Armada de Dumbledore foi chegando.
- E os Carrow não podem entrar? - perguntou Har

ry, olhando ao redor à procura da porta.
- Não - respondeu Simas Finnigan, que Harry não reconhecera até ouvir sua voz: o rosto do colega estava inchado e roxo. - É um esconderijo de verdade, desde que um de nós esteja sempre presente, eles não podem nos surpreender, a porta não se abrirá. É tudo obra do Neville. Ele realmente saca essa sala. Você tem que pedir exatamente o que precisa... tipo "Não quero que nenhum seguidor dos Carrow possa entrar", e a sala fará isso! Você só tem que garantir que não deixou nenhum furo! Neville é o cara!
- Na realidade, não tem mistério - disse Neville, modestamente. - Eu já estava aqui fazia um dia e meio, louco de fome, desejei arranjar o que comer e a passagem para o Cabeça de Javali se abriu. Entrei por ela e deparei com Aberforth. Ele tem nos fornecido comida, porque, por alguma razão, essa é a única coisa que a sala não faz.
- É, bem, comida é uma das cinco exceções da Lei de Gamp sobre a Transfiguração Elementar - afirmou Rony, para surpresa geral.
- E assim estamos nos escondendo aqui há quase duas semanas - informou Simas -, e a sala acrescenta mais redes toda vez que precisamos, e até fez brotar um banheiro muito bom quando as garotas começaram a chegar...
- ... foi quando desejaram muito poder se lavar - acrescentou Lilá Brown, que Harry não havia notado até aquele momento. Agora que reparava melhor o ambiente, reconheceu os rostos de muitos colegas. As gêmeas Patil estavam ali, bem como Terêncio Boot, Ernesto Macmillan, Antônio Goldstein e Miguel Corner.
- Mas contem o que vocês andaram fazendo - pediu Ernesto -; são muitos os boatos que correm e temos procurado nos manter informados sobre vocês pelo Observatório Potter. - Ele apontou para o rádio. - Vocês não arrombaram o Gringotes?

- Arrombaram! - confirmou Neville. - E o dragão também é verdade!

Ouviram-se breves aplausos e alguns gritos; Rony fez uma reverência.

- Que estavam procurando? - perguntou Simas, ansioso.

Antes que alguém pudesse desviar a pergunta com outra, Harry sentiu uma dor terrível e causticante na cicatriz. Ao se virar rapidamente de costas para os rostos curiosos e extasiados, a Sala Precisa desapareceu, e ele se viu parado no interior de um casebre de pedra, em ruínas, as tábuas podres do soalho arrancadas aos seus pés, uma caixa de ouro desenterrada aberta e vazia ao lado de um buraco, e o berro de fúria de Voldemort vibrou em sua cabeça.

Com enorme esforço, ele se retirou da mente de Voldemort e voltou ao lugar em que estava, na Sala Precisa, oscilando, o suor porejando em seu rosto e Rony sustentando-o em pé.

- Você está bem, Harry? - Ele ouviu Neville perguntar. - Quer se sentar? Imagino que esteja cansado, não...?

- Não - respondeu Harry. Ele olhou para Rony e Hermione, tentando lhes comunicar, mudamente, que Voldemort acabara de descobrir a perda de uma de suas Horcruxes. O tempo estava se esgotando depressa: se Voldemort decidisse visitar Hogwarts em seguida, eles perderiam sua oportunidade.

"Temos que ir andando", falou, e as expressões dos colegas revelaram compreensão.

- Que vamos fazer, então, Harry? - perguntou Simas. - Qual é o plano?

- Plano? - repetiu Harry. Ele estava exercendo toda a sua força de vontade para não se deixar sucumbir à fúria de Voldemort: sua cicatriz continuava a queimar. - Bem, tem uma coisa que nós, Rony, Hermione e eu, precisamos fazer, e depois temos que sair daqui.

Ninguém mais estava rindo nem aplaudindo. Neville pareceu aturdido.

- Como assim "sair daqui"?
- Não viemos para ficar - respondeu Harry, esfregando a cicatriz, tentando suavizar a dor.
- Tem uma coisa importante que precisamos fazer...
- Que é?
- Eu... eu não posso dizer.
Seguiram-se murmúrios de desagrado a essa notícia: as sobrancelhas de Neville se contraíram.
- Por que não pode nos dizer? É alguma coisa ligada à luta contra Você-Sabe-Quem, certo?
- Bem, é...
- Então nós o ajudaremos.
Os outros membros da Armada de Dumbledore assentiram, alguns entusiasticamente, outros solenemente. Uns dois se levantaram de suas cadeiras para demonstrar sua disposição de agir imediatamente.
- Você não está entendendo. - Pareceu-lhe ter repetido aquilo muitas vezes nas últimas horas. - Nós... nós não podemos dizer. Temos que fazer isso... sozinhos.
- Por quê? - perguntou Neville.
- Porque... - Em seu desespero para começar a procurar a Horcrux restante, ou, pelo menos, ter uma conversa particular com Rony e Hermione para decidir por onde começar a busca, Harry teve dificuldade em pensar. Sua cicatriz ainda queimava. - Dumbledore nos encarregou de uma tarefa, que não devíamos comentar... quer dizer, ele queria que a fizéssemos, só nós três.
- Nós somos a Armada dele - insistiu Neville. - A Armada de Dumbledore. Estivemos todos unidos nisso, temos continuado a resistir enquanto vocês três estiveram lá fora sozinhos...
- Não tem sido exatamente um piquenique, colega - disse Rony.
- Eu nunca disse que foi, mas não vejo por que não podem confiar na gente. Todos nesta Sala estiveram lutando e acabaram aqui porque estav

am sendo caçados pelos Carrow. Todos
aqui provaram sua lealdade a Dumbledore, lealdade a você.
- Escute - começou Harry, sem saber o que ia dizer, mas não importava: a porta do túnel
acabara de abrir às suas costas.
- Recebemos sua mensagem, Neville! Olá, vocês três, achamos que deviam estar aqui!
Eram Luna e Dino. Simas deu um urro de prazer e correu a abraçar o seu melhor amigo.
- Oi, pessoal! - cumprimentou Luna, feliz. - Ah, que ótimo estar aqui de novo!
- Luna - disse Harry, perturbado -, que está fazendo aqui? Como foi...?
- Pedi a ela para vir - respondeu Neville, mostrando o galeão falso. - Prometi a ela e a
Gina que, se você voltasse, eu avisaria. Todos pensamos que a sua volta significaria
realmente uma revolução. Que íamos derrubar Snape e os Carrow.
- Claro que é isso que significa - confirmou Luna, animada. - Não é, Harry? Vamos
expulsá-los de Hogwarts à força?
- Escutem - disse Harry, com uma crescente sensação de pânico. - Sinto muito, mas não foi
para isso que voltamos. Tem uma coisa que precisamos fazer e depois...
- Vocês vão nos deixar nessa confusão? - quis saber Miguel Corner.
- Não! - protestou Rony. - O que estamos fazendo vai acabar beneficiando todo mundo,
estamos tentando nos livrar de Você-Sabe-Quem...
- Então nos deixe ajudar! - exclamou Neville, irritado. - Queremos participar!
Houve novo ruído atrás deles, e Harry se virou. Seu coração pareceu parar: Gina vinha
agora passando pelo buraco na parede, seguida de perto por Fred, Jorge e Lino Jordan. Gina
deu a Harry um sorriso radiante: ele tinha esquecido ou, então, nunca apreciara realmente
como era bonita, mas nunca sentira menos satisfação em vê-la.

- Aberforth está ficando meio rabugento - coment
ou Fred, acenando em resposta aos vários
gritos de saudação. - Ele quer dormir, e aquilo vir
ou uma estação de trem.

O queixo de Harry caiu. Logo atrás de Lino Jord
an vinha sua antiga namorada, Cho Chang.
Ela sorriu.

- Recebi a mensagem - disse ela, erguendo o seu
galeão falso, e atravessou a sala para se
sentar ao lado de Miguel Corner.

- Então, qual é o plano, Harry? - perguntou Jorg
e.

- Não há nenhum - respondeu Harry, ainda desorie
ntado pela repentina aparição de tanta
gente, incapaz de apreender tudo aquilo, enquanto s
ua cicatriz continuava a queimar
barbaramente.

- Vai improvisar à medida que formos indo, é iss
o? É o que mais gosto - comentou Fred.

- Você tem que fazer isso parar! - disse Harry a
Neville. - Para que chamou todos de
volta? Isto é uma insanidade...

- Vamos lutar, não é? - perguntou Dino, tirando
do bolso o galeão falso. - A mensagem
dizia que Harry tinha voltado e que íamos lutar! Ma
s vou precisar de uma varinha...

- Você não tem varinha...? - começou Simas.

Rony virou-se subitamente para Harry.

- Por que eles não podem ajudar?

- Quê?

- Eles podem ajudar. - Ele baixou a voz para que
ninguém mais pudesse ouvir, exceto
Hermione, que estava entre os dois. - Não sabemos o
nde a coisa está. Precisamos encontrá-la
depressa. Não temos que dizer a eles que é uma Horc
rux.

Harry olhou de Rony para Hermione, que murmurou:

- Acho que Rony tem razão. Nem sabemos o que est
amos procurando, precisamos deles. -
E, ao ver que Harry parecia em dúvida: - Você não t
em que fazer tudo sozinho.

O garoto pensou depressa, sua cicatriz ainda formigando, seu coração ameaçando rachar outra vez. Dumbledore o alertara para não falar sobre as Horcruxes a quem quer que fosse, exceto Rony e Hermione. "Segredos e mentiras, foi assim que fomos criados, e Alvo... tinha um pendor natural..." Estaria virando um Dumbledore, guardando os segredos só para si, com medo de confiar? Mas Dumbledore confiara em Snape, e a que isso levara? À morte no topo da torre mais alta...

- Está bem - disse, em voz baixa, para os dois.

- O.k. - dirigiu-se aos que estavam na sala, e todo o barulho cessou. Fred e Jorge que contavam piadas para divertimento dos que estavam mais próximos se calaram, e todos olharam atentos, nervosos.

"Tem uma coisa que precisamos encontrar", começou Harry. "Uma coisa... uma coisa que nos ajudará a derrubar Você-Sabe-Quem. Está aqui em Hogwarts, mas não sabemos onde. Talvez tenha pertencido a Ravenclaw. Alguém já ouviu falar de um objeto assim? Alguém já topou com algum objeto com uma águia gravada, por exemplo?"

Ele olhou esperançoso para o pequeno grupo de alunos da Corvinal, para Padma, Miguel, Terêncio e Cho, mas foi Luna quem respondeu, empoleirada no braço da poltrona de Gina.

- Bem, tem o diadema perdido. Falei dele para você, lembra, Harry? O diadema perdido de Ravenclaw? Papai está tentando duplicar.

- É, mas o diadema perdido - comentou Miguel Corner, virando os olhos para o teto - está perdido, Luna. Essa é justamente a questão.

- Quando foi perdido? - perguntou Harry.

- Dizem que há séculos - informou Cho, e Harry sentiu desânimo. - O professor Flitwick diz que o diadema desapareceu com a própria Ravenclaw. As pessoas têm procurado, mas - e ela apelou para os colegas da Casa - ninguém encontrou o menor vestígio, não foi?

Todos sacudiram a cabeça confirmando.
- Desculpem, mas o que é um diadema? - perguntou Rony.
- É uma espécie de coroa - explicou Terêncio Boot. - Acreditava-se que o da Ravenclaw tinha propriedades mágicas, ampliava a sabedoria de quem o usava.
- Isso, os sifões dos zonzóbulos do papai...
Mas Harry interrompeu Luna.
- E nenhum de vocês nunca viu nada parecido?
Todos tornaram a sacudir a cabeça. Harry olhou para Rony e Hermione e viu o próprio desapontamento espelhado no rosto deles. Um objeto que se perdera havia tanto tempo, e aparentemente sem deixar vestígio, não parecia um bom candidato a Horcrux escondida no castelo, porém, Cho retomou a palavra.
- Se você quiser ver que aparência acreditam ter o diadema, eu posso levá-lo à nossa sala comunal e lhe mostrar, Harry. Ravenclaw foi esculpida usando-o.
A cicatriz de Harry queimou outra vez: por um momento a Sala Precisa flutuou à sua frente, e em seu lugar ele viu a terra escura deslizando sob os pés e sentiu a enorme cobra enrolada em seus ombros. Voldemort estava voando outra vez, fosse para o lago subterrâneo fosse para ali, para o castelo, ele ignorava, mas tanto fazia, quase não restava tempo.
- Ele está viajando - disse, em voz baixa, para Rony e Hermione. Harry olhou para Cho e tornou a olhar para os amigos. - Escutem, sei que não é uma grande pista, mas vou dar uma espiada na estátua, para saber ao menos que aparência tem o diadema. Me esperem aqui e segurem, sabem... a outra... bem segura.
Cho se erguera, mas Gina disse meio agressiva.
- Não, Luna levará o Harry, fará isso, não, Luna?
- Aaah, claro, com todo prazer - respondeu ela, alegremente, e Cho tornou a se sentar, desapontada.

- Como saímos? - perguntou Harry a Neville.
- Por aqui.
Ele levou Harry e Luna para um canto, onde um pe
queno armário se abria para uma escada
íngreme.
- Surge a cada dia em um lugar diferente, por is
so, nunca conseguiram encontrá-la. O único
problema é que nós nunca sabemos exatamente onde va
mos parar quando saímos. Cuidado,
Harry, há sempre patrulhas nos corredores à noite.
- Tudo bem. Vemos vocês daqui a pouco.
Ele e Luna subiram correndo a escada, que era lo
nga, iluminada por archotes e fazia curvas
inesperadas. Por fim, chegaram ao que lhes pareceu
uma parede maciça.
- Entre aqui embaixo - disse Harry a Luna, apan
hando a Capa da Invisibilidade e atirando-
a sobre os dois. Deu, então, um empurrãozinho na pa
rede.
Ela se dissolveu ao seu toque e os dois saíram d
epressa: Harry olhou para trás e viu que a
parede tornara a se fechar imediatamente. Achavam-s
e em um corredor escuro; Harry puxou
Luna de volta às sombras, procurou na bolsa pendur
ada ao seu pescoço e encontrou o mapa do
maroto. Segurando-o junto ao nariz, procurou e loca
lizou os pontinhos dele e de Luna.
- Estamos no quinto andar - sussurrou, observan
do Filch se afastar deles, um corredor à
frente. - Vamos, é por aqui.
Saíram, então, andando furtivamente.
Harry rondara à noite pelo castelo muitas vezes
, mas nunca seu coração batera tão rápido,
nunca tanta coisa dependera de passar ileso por ess
es corredores. Atravessando quadrados de
luar no piso, passando por armaduras cujos elmos ra
ngiam ao som dos seus passos abafados,
dobrando quinas sem saber o que encontrariam do out
ro lado, Harry e Luna prosseguiram,
verificando o mapa do maroto sempre que havia luz
suficiente, parando duas vezes para deixar
um fantasma passar sem atrair sua atenção para ele

s. Ele esperava encontrar um obstáculo a
qualquer momento; seu maior receio era o Pirraça, e
 apurava os ouvidos a cada passo para
identificar os primeiros sinais da aproximação do p
oltergeist.
   - Por aqui, Harry - sussurrou Luna, puxando a ma
nga dele em direção a uma escada
circular.
   Subiram em círculos apertados e estonteantes; H
arry nunca estivera ali antes. Finalmente,
chegaram a uma porta. Não tinha maçaneta nem fechad
ura: nada, exceto uma tábua lisa de
madeira envelhecida e uma aldraba de bronze em form
a de águia.
   Luna esticou a mão pálida, que parecia a de um f
antasma flutuando no ar, desligada de
braço ou corpo. Ela bateu uma vez, e, no silêncio,
 a batida pareceu a Harry um tiro de canhão.
Imediatamente, o bico da águia se abriu, mas, em ve
z do grito do pássaro, uma voz suave e
musical perguntou:
   - O que veio primeiro, a fênix ou a chama?
   - Humm... que acha, Harry? - perguntou Luna, pen
sativa.
   - Quê? Não tem uma senha?
   - Ah, não, você tem que responder a uma pergunta
.
   - E se você errar?
   - Bem, aí terá que esperar até alguém acertar -
disse Luna. - Assim, você aprende,
entende?
   - É... o problema é que não podemos realmente n
os dar o luxo de esperar por mais ninguém,
Luna.
   - Não, entendo o que você quer dizer - respondeu
 Luna, séria. - Bem, então, acho que a
resposta é que um círculo não tem princípio.
   - Bem pensado - disse a voz, e a porta se abriu.

   A deserta sala comunal da Corvinal era ampla e c
ircular, mais arejada do que qualquer
outra que Harry já vira em Hogwarts. Graciosas jane

las em arco pontuavam as paredes,
ladeadas por reposteiros de seda azul e bronze; de
dia, os alunos deviam ter uma vista
espetacular das montanhas ao redor. O teto era abob
adado e pintado com estrelas que se
repetiam também no carpete azul-escuro. Havia mesas
, poltronas e estantes e, em um nicho na
parede oposta à porta, uma alta estátua de mármore
branco.

Harry reconheceu Rowena Ravenclaw pelo busto que
vira na casa de Luna. A estátua se
erguia ao lado de uma porta que provavelmente levav
a aos dormitórios no andar de cima.
Harry se dirigiu à mulher de mármore, que pareceu
fitá-lo com um meio sorriso intrigado no
rosto belo, mas levemente intimidante. Um diadema
de aspecto delicado fora reproduzido, em
mármore, no topo de sua cabeça. Não era muito difer
ente da tiara que Fleur usara em seu
casamento. Nesta havia dizeres mínimos gravados. Ha
rry saiu de baixo da capa e subiu no
pedestal de Ravenclaw para lê-las.

- "O espírito sem limites é o maior tesouro do h
omem."

- O que faz de você um pobre de espírito - disse
uma voz aguda.

Harry virou-se, e deslizou do pedestal para o ch
ão. O vulto de ombros caídos de Aleto
Carrow estava parado ali; no mesmo instante em que
Harry erguia a varinha, ela pressionou
com o dedo curto o crânio com a serpente, marcado a
fogo em seu braço.

-- CAPÍTULO TRINTA--

A demissão de Severo Snap
e

No momento em que o dedo de Aleto tocou a Marca, a
cicatriz de Harry queimou
violentamente, a sala estrelada sumiu de vista, ele
se viu parado em um afloramento rochoso
sob um penhasco, o mar quebrava em ondas ao seu re
dor e havia triunfo em seu coração: eles
pegaram o garoto.

Um forte estampido trouxe-o de volta à sala: des orientado, ele ergueu a varinha, mas a bruxa já estava caindo para frente; bateu no chão com tanta força que o vidro nas portas das estantes retiniu.

- Nunca estuporei ninguém exceto nas aulas da Ar mada de Dumbledore - comentou Luna, em tom levemente interessado. - Fez mais barulho do que imaginei que faria.

E sem dúvida, o teto começara a estremecer. O ec o de passos correndo se tornou mais ruidoso por trás da porta que conduzia aos dormitó rios: o feitiço de Luna acordara os alunos que dormiam no andar acima.

- Luna, onde você está? Preciso vestir a capa!

Os pés de Luna apareceram do nada; Harry correu para o seu lado e deixou a Capa cair sobre eles no momento em que a porta abriu e uma to rrente de alunos da Corvinal, todos em roupas de dormir, inundou a sala comunal. Ouviram-s e exclamações e gritinhos de surpresa quando viram Aleto caída no chão, inconsciente. Len tamente, eles a rodearam, uma fera selvagem que poderia despertar a qualquer momento e atacá-los. Então, um corajoso garoto do primeiro ano se aproximou ligeiro e cutucou o trase iro dela com o dedão do pé.

- Vai ver ela está morta! - exclamou, encantado.

- Ah, olhe - sussurrou Luna, feliz, quando os co legas se amontoaram em volta de Aleto. - Eles estão satisfeitos!

- É... ótimo...

Harry fechou os olhos, e, quando sua cicatriz t ornou a latejar, ele resolveu submergir mais uma vez na mente de Voldemort... estava caminhando ao longo do túnel na primeira caverna... decidira verificar o medalhão antes de vir... mas i sso não levaria muito tempo...

Houve uma batida na porta da sala comunal e tod os os alunos da Casa pararam. Do lado de fora, Harry ouviu a suave voz musical que saía da a

ldraba em forma de águia: "Para onde vão
os objetos desaparecidos?"
- Sei lá, sei? Cala a boca! - rosnou uma voz gro
sseira que Harry identificou como a do
irmão Carrow, Amico. - Aleto? Aleto? Você está aí?
Agarrou-o? Abra a porta!
Os alunos da Corvinal cochicharam entre si, ater
rorizados. Então, sem aviso, ouviram uma
série de fortes estampidos como se alguém estivesse
atirando na porta com uma arma.
- ALETO! Se ele vier e não tivermos agarrado o P
otter... você quer acabar do mesmo jeito
que os Malfoy? ME RESPONDA! - Amico berrou, sacudin
do a porta com toda a força, mas,
ainda assim, ela não abriu. Os alunos estavam todos
recuando, e os mais apavorados
começaram a subir rapidamente a escada para suas ca
mas. Então, no momento em que Harry
se perguntava se não seria melhor explodir a porta
e estuporar Amico antes que o Comensal
da Morte pudesse fazer mais alguma coisa, uma segu
nda voz, muito conhecida, ecoou do outro
lado da porta.
- Posso lhe perguntar o que está fazendo, profes
sor Carrow?
- Tentando... passar... por essa maldita... port
a! - gritou Amico. - Vá buscar Flitwick!
Faça-o abrir esta porta, já!
- Mas sua irmã não está aí dentro? - perguntou a
professora McGonagall. - O professor
Flitwick não a deixou entrar mais cedo esta noite,
a seu pedido urgente? Quem sabe ela mesma
possa abrir a porta para o senhor? Assim, não preci
sará acordar metade do castelo.
- Ela não está respondendo, sua trapeira velha!
Abra você então! Pô! Abra, já!
- Certamente, se o senhor quiser - respondeu a p
rofessora McGonagall, com terrível frieza.
Ouviu-se uma delicada batida na aldraba e a voz mu
sical perguntou mais uma vez: "Para onde
vão os objetos desaparecidos?"
- Para o não ser, ou seja, o todo - respondeu a

professora McGonagall.
- Bem fraseado - replicou a aldraba, e a porta s
e abriu.
Os poucos alunos da Corvinal que ainda restavam
na sala correram para a escada quando
Amico arremessou-se pelo portal brandindo a varinha
. Curvado como a irmã, tinha uma cara
pálida e flácida e olhos miúdos, que recaíram imedi
atamente sobre Aleto, esparramada e
imóvel no chão. Ele soltou um berro de fúria e medo
.
- Que foi que eles fizeram, esses pestinhas? -
gritou. - Vou torturar todos até denunciarem
quem fez isso... e o que vai dizer o Lorde das Tre
vas? - guinchou ele, em pé junto à irmã,
socando a testa com o punho. - Não agarramos ele, e
ainda por cima a mataram!
- Ela está apenas estuporada - disse, impaciente
, a professora McGonagall, que se abaixara
para examinar Aleto. - Ficará perfeitamente bem.
- Uma ova que ficará! - berrou Amico. - Não depo
is que o Lorde das Trevas a pegar! Ela o
chamou, senti a minha marca queimar, e ele acha que
agarramos Potter!
- Agarrou Potter? - perguntou a professora McGon
agall com rispidez. - Como assim
"agarrou Potter"?
- Ele disse que Potter podia tentar entrar na T
orre da Corvinal e que queria ser avisado se a
gente o pegasse.
- E por que Potter tentaria entrar na Torre da C
orvinal? Potter pertence à minha Casa!
Por baixo da incredulidade e raiva, Harry perceb
eu um quê de orgulho na voz da
professora, e a afeição por Minerva McGonagall jorr
ou em seu íntimo.
- Nos informaram que ele poderia vir aqui! - res
pondeu Carrow. - Não sei por quê, sei?
A professora McGonagall se levantou e seus olho
s pequenos e brilhantes esquadrinharam a
sala. Duas vezes passaram pelo lugar onde estavam H
arry e Luna.

- Podemos lançar a culpa nos garotos - disse Amico, seu rosto porcino repentinamente ardiloso. - É, é o que vamos fazer. Diremos que Alento caiu em uma armadilha preparada pelos garotos, os garotos aí em cima - ele olhou para o teto estrelado em direção aos dormitórios -, e diremos que eles a obrigaram a apertar a Marca e foi por isso que ele recebeu um falso alarme... ele pode puni-los. Meia dúzia de garotos a mais ou a menos, que diferença faz?

- Apenas a diferença entre a verdade e a mentira, a coragem e a covardia - disse a professora McGonagall, empalidecendo -; em suma, uma diferença que você e sua irmã parecem incapazes de apreciar. Mas me permita deixar uma coisa bem clara. Você não vai culpar os alunos de Hogwarts por sua inépcia. Eu não permitirei.

- Desculpe?

Amico se adiantou até ficar ofensivamente perto da professora, seu rosto a centímetros do dela. McGonagall não recuou, olhou-o com superioridade, como se ele fosse uma coisa nojenta que ela encontrara grudada na tampa do vaso sanitário.

- Não entra em questão se você permitirá, Minerva McGonagall. Seu tempo acabou. Nós é que mandamos aqui agora, e ou você confirma o que eu disser, ou irá me pagar.

E ele cuspiu na cara de Minerva.

Harry arrancou a capa, ergueu a varinha e disse:

- Você não devia ter feito isso.

E quando Amico se virou, o garoto gritou:

- Crucio!

O Comensal da Morte foi erguido do chão. Contorceu-se no ar como um homem se afogando, debatendo-se e uivando de dor e então, com um baque e o ruído de vidro estilhaçando, bateu contra as portas da estante e desmontou, sem sentidos, no chão.

- Entendi o que Belatriz quis dizer - disse Harry, o sangue ribombando em seu cérebro -, "é preciso querer usá-la".

- Potter! - sussurrou a professora McGonagall, levando a mão ao peito. - Potter... você está aqui! Quê...? Como...? - Ela fez força para se controlar. - Potter, que tolice!

- Ele cuspiu na senhora.

- Potter, eu... isso foi muito... muito galante de sua parte... mas você não percebe...?

- Percebo, sim - Harry lhe assegurou. De alguma forma, o medo dela o tranquilizou. - Professora McGonagall, Voldemort está a caminho.

- Ah, já podemos dizer o nome dele? - perguntou Luna com ar interessado, despindo a Capa da Invisibilidade. A aparição de um segundo proscrito pareceu transtornar a professora, que recuou, vacilante, e caiu em uma cadeira próxima, segurando a gola de seu velho robe de tecido escocês.

- Acho que não faz a menor diferença o nome que o chamarmos - disse Harry a Luna -, ele já sabe onde estou.

Em uma parte distante do cérebro de Harry, a parte ligada à cicatriz que ardia furiosamente, ele viu Voldemort navegando veloz sobre o lago escuro no fantasmagórico barco verde... estava quase chegando à ilha onde se achava a bacia de pedra...

- Você tem que fugir - sussurrou a professora McGonagall. - Agora, Potter, o mais rápido que puder!

- Não posso. Tem uma coisa que preciso fazer. Professora, a senhora sabe onde está o diadema de Rowena Ravenclaw?

- O d-diadema de Ravenclaw? Claro que não... não está perdido há séculos? - Ela se empertigou na poltrona. - Potter, foi loucura, absoluta loucura, entrar no castelo...

- Fui obrigado. Professora, há uma coisa escondida aqui que tenho de encontrar, e poderia ser o diadema... preciso... se eu pudesse ao menos

falar com o professor Flitwick...
Ouviram, então, um movimento de vidro tilintando: Amico estava voltando a si. Antes que Harry e Luna pudessem agir, a professora se pôs de pé, apontou a varinha para o Comensal da Morte estonteado e ordenou:
- Imperio!
Amico se levantou, foi até onde estava a irmã, apanhou sua varinha, voltou em direção à professora e, obediente, lhe entregou as duas varinhas: a sua e a dela. Depois se deitou no chão ao lado de Aleto. McGonagall fez outro gesto com a varinha, e apareceu no ar um pedaço de corda tremeluzente, que espiralou em torno dos Carrow, amarrando-os, juntos, com firmeza.
- Potter - disse a professora, virando-se para ele com soberba indiferença ao problema dos dois irmãos -, se Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado tiver certeza que você está aqui...
Quando McGonagall disse isso, uma cólera que semelhava a uma dor física perpassou Harry, ateando fogo à sua cicatriz, e, por um segundo, ele contemplou a bacia cuja poção se tornara transparente e viu que não havia medalhão algum guardado sob sua superfície...
- Potter, você está bem? - disse uma voz, e Harry voltou: estava segurando o ombro de Luna para não cair.
- O tempo está se esgotando, Voldemort está se aproximando. Professora, estou cumprindo ordens de Dumbledore, preciso encontrar o que ele queria que eu encontrasse! Mas temos que fazer os alunos saírem enquanto estivermos vasculhando o castelo: sou eu que Voldemort quer, mas tanto faz para ele matar mais ou menos gente, não agora... - Não agora que ele sabe que estou atacando Horcruxes, Harry completou a frase mentalmente
- Você está cumprindo ordens de Dumbledore? - indagou ela com uma expressão de crescente assombro. Então aprumou-se ao máximo. - V

amos proteger a escola contra Aquele-
Que-Não-Deve-Ser-Nomeado enquanto você procura esse
... esse objeto.
- É possível?
- Acho que sim - disse ela, secamente. - Nós, pr
ofessores, somos muito bons em magia,
sabe. Tenho certeza de que poderemos mantê-lo a dis
tância por algum tempo, se empenharmos
nisso os nossos melhores esforços. Naturalmente, t
eremos que fazer alguma coisa a respeito
do professor Snape...
- Me deixe...
- ... e se Hogwarts está prestes a ser sitiada,
com o Lorde das Trevas às portas, seria de
fato aconselhável tirar do caminho o maior número p
ossível de pessoas inocentes. Com a
Rede de Flu sob vigilância e a impossibilidade de a
paratar...
- Tem um jeito - disse Harry depressa, e explic
ou sobre a passagem que levava ao Cabeça
de Javali.
- Potter, estamos falando de centenas de alunos.
..
- Eu sei, professora, mas se Voldemort e os Come
nsais da Morte estiverem se concentrando
nas divisas da escola, não irão se interessar por
gente desaparatando no Cabeça de Javali.
- Você não deixa de ter razão - concordou McGona
gall. Ela apontou a varinha para os
Carrow e sobre seus corpos amarrados caiu uma rede
 prateada que se fechou em torno deles e
os ergueu no ar, onde ficaram balançando sob o tet
o azul e ouro, como dois grandes e feios
animais marinhos.
- Venha. Temos que alertar os outros diretores d
e Casas. É melhor vestir a capa.
Ela saiu em direção à porta ao mesmo tempo que e
rguia a varinha. Da ponta, irromperam
gatos prateados com marcas de óculos em torno dos o
lhos. Os Patronos correram
graciosamente à sua frente, enchendo a escada em es
piral de luzes prateadas, quando a

professora, Harry e Luna desceram apressados.
Eles se precipitaram ao longo dos corredores, e, um a um, os Patronos foram abandonandoos; o robe de tecido escocês da professora McGonagall farfalhava arrastando pelo chão, e Harry e Luna a seguiam, correndo, cobertos pela capa.
Tinham descido mais dois andares quando passos abafados se juntaram aos deles. Harry, cuja cicatriz continuava a formigar, ouviu-os primeiro: apalpou a bolsa pendurada ao pescoço à procura do mapa do maroto, mas, antes que pudesse tirá-lo, McGonagall também pareceu tomar consciência do acompanhante. Ela parou, ergueu a varinha, preparando-se para duelar e perguntou:
- Quem está aí?
- Sou eu - disse uma voz baixa.
Detrás de uma armadura, saiu Severo Snape.
O ódio ferveu no peito de Harry ao vê-lo: tinha esquecido os detalhes da aparência de Snape diante da magnitude dos seus crimes, esquecido como seus cabelos negros e oleosos caíam como cortinas dos lados do seu rosto magro, como seus olhos negros tinham uma expressão fria e sem vida. Não estava de roupas de dormir, vestia a capa preta de sempre e também empunhava a varinha, pronto para lutar.
- Onde estão os Carrow? - perguntou, em voz baixa.
- Onde você os mandou ir, imagino, Severo - respondeu a professora McGonagall.
Snape se aproximou e seus olhos passaram rapidamente por ela e o ar ao seu redor, como se soubesse que Harry estava ali. O garoto também erguera a varinha, pronto para lutar.
- Tive a impressão - disse Snape - de que Aletoprendeu um intruso.
- Sério? E o que lhe deu essa impressão?
Snape ergueu levemente o braço esquerdo onde a Marca Negra estava gravada em sua pele.
- Ah, sim, naturalmente. Esqueci que vocês Come

nsais da Morte têm um meio particular de comunicação.

Snape fingiu não tê-la ouvido. Seus olhos continuavam a sondar o ar ao seu redor e ele foi gradualmente se aproximando com uma expressão de quem não tem consciência do que está fazendo.

- Eu não sabia que era a sua noite de patrulhar os corredores, Minerva.

- Alguma objeção?

- Não imagino o que teria tirado você da cama tão tarde da noite.

- Pensei ter ouvido um barulho - respondeu a professora.

- Verdade? Mas tudo me parece calmo.

Snape encarou-a nos olhos.

- Você viu Harry Potter, Minerva? Porque se viu, devo insistir...

A professora McGonagall se mexeu mais rápido do que o garoto teria acreditado: sua mão cortou o ar e, por uma fração de segundo, Harry pensou que Snape fosse desmontar inconsciente, mas a rapidez do Feitiço Escudo que o professor lançou foi de tal ordem que McGonagall se desequilibrou. Ela brandiu a varinha para um archote e o objeto saiu voando do suporte na parede: Harry, que ia lançar um feitiço contra Snape, foi forçado a puxar Luna do caminho das labaredas que desceram e formaram um círculo de fogo que encheu o corredor e deslizou pelo ar como um laço contra Snape...

No momento seguinte não era mais fogo, mas uma grande cobra preta que McGonagall explodiu em fumaça, e tornou a se juntar e solidificar em segundos, transformando-se em um enxame de adagas que perseguiram Snape; ele só conseguiu evitá-las empurrando uma armadura à sua frente e, retinindo sonoramente, as adagas afundaram uma a uma no peito de metal...

- Minerva! - chamou uma voz fina e, ao olhar para trás, ainda protegendo Luna dos feitiços

que voavam, Harry viu os professores Flitwick e Spr
out em roupas de dormir, correndo pela
passagem ao encontro deles, com o enorme professor
Slughorn ofegando em seu encalço.

- Não! - guinchou Flitwick, erguendo a varinha.
- Você não vai matar mais ninguém em
Hogwarts!

O feitiço de Flitwick atingiu a armadura atrás
da qual Snape se abrigara: com estrépito, ela
ganhou vida. Snape desvencilhou-se dos braços da ar
madura que o esmagavam e arremessou-a
contra os seus atacantes. Harry e Luna precisaram m
ergulhar de lado para evitar a armadura,
que colidiu com a parede e se espatifou. Quando Har
ry tornou a erguer os olhos, Snape fugia
embalado, McGonagall, Flitwick e Sprout perseguiam-
no em tropel: Snape se precipitou pela
porta de uma sala de aula e, momentos depois, Harry
 ouviu McGonagall gritar:

- Covarde! COVARDE!

- Que aconteceu, que aconteceu? - perguntou Luna
.

Harry ajudou-a a se levantar e os dois disparara
m pelo corredor, arrastando a Capa da
Invisibilidade atrás deles, e entraram em uma sala
de aula vazia onde os professores
McGonagall, Flitwick e Sprout estavam parados perto
 de uma janela quebrada.

- Ele saltou - disse a professora McGonagall, qu
ando Harry e Luna entraram.

- A senhora quer dizer que ele está morto? - Ha
rry correu à janela, sem dar atenção aos
berros assustados de Flitwick e Sprout ao verem-no
subitamente aparecer.

- Não, ele não está morto - lamentou McGonagall.
 - Ao contrário de Dumbledore, ele
ainda tinha a varinha na mão... e, pelo jeito, apre
ndeu alguns truques com o seu mestre.

Com um arrepio de horror, Harry viu ao longe o v
ulto enorme de um morcego voando na
escuridão, em direção aos muros que circundavam a e
scola.

Ouviram passos pesados às costas e alguém bufando: Slughorn acabara de alcançá-los.

- Harry! - ofegou ele, massageando o vasto peito sob o pijama de seda verde-esmeralda. - Meu caro rapaz... que surpresa... Minerva, por favor me explique... Severo... o quê...?

- O nosso diretor vai tirar umas breves férias - disse a professora, apontando para o buraco com os seus contornos, que Snape deixara na janela.

- Professora! - Harry gritou, as mãos na cabeça. Via o lago pululante de Inferi deslizar sob ele, e sentiu o fantasmagórico barco verde bater na margem e Voldemort saltar dele com uma fúria homicida... - Professora, temos que barricar a escola, ele já está vindo!

- Muito bem. Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado está a caminho - informou ela aos outros professores. Sprout e Flitwick ofegaram; Slughorn soltou um gemido. - Potter tem uma tarefa a cumprir no castelo por ordem de Dumbledore. Precisamos lançar sobre este lugar todo tipo de proteção de que formos capazes, enquanto Potter faz o que precisa.

- Naturalmente, você sabe que nada manterá Você-Sabe-Quem fora por tempo indefinido, não? - chiou Flitwick.

- Mas podemos retardá-lo - disse a professora Sprout.

- Obrigada, Pomona - disse McGonagall, e as duas bruxas trocaram olhares de sombria compreensão. - Sugiro que estabeleçamos uma proteção básica em torno da escola, depois reunamos os alunos e nos encontremos no Salão Principal. A maioria precisa ser evacuada, embora, se algum for maior de idade e quiser ficar e lutar, deveríamos lhe dar essa oportunidade.

- De acordo. - E a professora Sprout dirigiu-se, apressada, para a porta. - Encontro vocês no Salão Principal dentro de vinte minutos, com os alunos da minha Casa.

E enquanto a bruxa corria e desaparecia de vista, eles a ouviam murmurar:

- Tentácula. Visgo-do-diabo. E vagens de Arapucossos... sim, gostaria de ver os Comensais da Morte enfrentando esses.

- Posso agir daqui mesmo - disse Flitwick e, embora mal conseguisse enxergar o exterior do castelo, apontou a varinha pela janela quebrada e começou a murmurar encantamentos de grande complexidade. Harry ouviu um zunido esquisito, como se Flitwick tivesse desencadeado a força do vento nos terrenos da escola.

- Professor - disse Harry, aproximando-se do bruxo miúdo que ensinava Feitiços -, professor, peço desculpas por interrompê-lo, mas é importante. O senhor tem ideia de onde está o diadema de Ravenclaw?

- ... Protego horribilis... o diadema de Ravenclaw? - chiou Flitwick. - Um pouco mais de sabedoria nunca se perde, Potter, mas não consigo imaginar como poderia lhe ser útil na presente situação!

- O que quis dizer foi... o senhor sabe onde está? Algum dia o senhor o viu?

- Viu? Não se tem memória de alguém que o tenha visto. Há muito desapareceu, menino!

Harry sentiu uma mistura de agudo desapontamento e pânico. Que seria, então, a Horcrux?

- Encontraremos você e os alunos da sua Casa no Salão Principal, Filio! - disse a professora McGonagall, fazendo sinal a Harry e Luna para acompanhá-la.

Tinham acabado de chegar à porta quando Slughorn recuperou a voz.

- Puxa - bufou, pálido e suarento, sua bigodeira de leão-marinho sacudindo. - Que confusão! Não tenho muita certeza se o que está fazendo é sensato, Minerva. Ele acabará encontrando um modo de entrar, sabe, e qualquer um que tenha tentado atrasá-lo correrá um perigo atroz...

- Esperarei você e os alunos da Sonserina também no Salão Principal dentro de vinte minutos - disse a professora McGonagall. - Se quiser se retirar com eles, não iremos impedi-lo. Mas se algum de vocês tentar sabotar a nossa resistência, ou pegar em armas contra nós dentro deste castelo, então, Horácio, duelaremos até a morte.

- Minerva! - exclamou ele, horrorizado.

- Chegou o momento da Sonserina decidir a quem é leal - interrompeu-o a professora. - Vá acordar os seus alunos, Horácio.

Harry não esperou para ver Slughorn tartamudeando; ele e Luna correram atrás da professora McGonagall, que tomara posição de varinha erguida no meio do corredor.

- Piertotum... ah, pelo amor de Deus, Filch, agora não.

O zelador idoso acabara de surgir, mancando e aos gritos:

- Os alunos se levantaram! Os alunos estão nos corredores!

- É onde deveriam estar, seu rematado idiota! - gritou McGonagall. - Agora vá se ocupar com alguma coisa construtiva! Procure o Pirraça!

- P-Pirraça? - gaguejou Filch, como se nunca tivesse ouvido esse nome.

- Pirraça, sim, seu parvo, Pirraça! Você não se queixa dele há um quarto de século? Vá buscá-lo, imediatamente!

Filch evidentemente achou que a professora McGonagall tivesse perdido o juízo, mas afastou-se mancando, os ombros curvados, resmungando com seus botões.

- E agora: Piertotum locomotor! - exclamou ela.

E por todo o corredor, as estátuas e armaduras saltaram dos seus pedestais, e, pelo eco fragoroso nos andares abaixo e acima, Harry percebeu que as suas companheiras em todo o castelo tinham feito o mesmo.

- Hogwarts está ameaçada! - bradou a professora McGonagall. - Guarneçam os muros, nos

protejam, cumpram o seu dever para com a nossa esco
la!
Com estrépitos e berros, a horda de estátuas em
movimento passou por Harry como um
estouro de boiada; algumas pequenas, outras enormes
. Havia animais também, e as armaduras
chocalhando brandiam espadas e manguais.
- Agora, Potter - disse McGonagall -, é melhor
você e a srta. Lovegood voltarem para os
seus amigos e trazê-los para o Salão Principal; vou
acordar os outros alunos da Grifinória.
Eles se separaram no alto da escada seguinte: Ha
rry e Luna correram de volta à entrada
oculta da Sala Precisa. No trajeto, encontraram gr
andes grupos de alunos, a maioria usando
capas de viagem por cima dos pijamas, escoltados po
r professores e monitores para o Salão
Principal.
- Aquele era o Potter!
- Harry Potter!
- Era ele, juro, acabei de ver o Harry!
Harry, porém, não olhou para trás e, por fim, ch
egaram à entrada da Sala Precisa. O garoto
se encostou na parede encantada que se abriu para a
dmitilos, e ele e Luna desceram correndo
a escada íngreme.
- Qu...?
Quando avistaram a sala, Harry escorregou alguns
degraus, assustado. Estava cheia, muito
mais cheia de gente do que da última vez que tinha
estado ali. Kingsley e Lupin olhavam para
ele, e igualmente Olívio Wood, Katie Bell, Angelin
a Johnson e Alícia Spinnet, Gui e Fleur, e
o sr. e a sra. Weasley.
- Harry, que está acontecendo? - perguntou Lupi
n, indo ao seu encontro no pé da escada.
- Voldemort está a caminho, estão barricando a
escola... Snape fugiu... que estão fazendo
aqui? Como souberam?
- Enviamos mensagens a todo o resto da Armada de
Dumbledore - explicou Fred. - Você
não esperava que o pessoal fosse perder a festa, Ha

rry, e a Armada de Dumbledore avisou a
Ordem da Fênix, e a coisa virou uma bola de neve.
- Que vai ser primeiro, Harry? - perguntou Jorge
. - Que está acontecendo?
- Estão evacuando os alunos menores, e todos vã
o se encontrar no Salão Principal para nos
organizarmos - disse Harry. - Vamos lutar.
Ergueu-se um forte brado e uma onda de pessoas a
vançou para a escada; Harry foi
empurrado contra a parede quando elas passaram apre
ssadas, uma mistura de membros da
Ordem da Fênix, da Armada de Dumbledore e da antiga
 equipe de quadribol de Harry, todas
empunhando varinhas, em direção ao interior do cast
elo.
- Vamos, Luna - chamou Dino ao passar, estendend
o-lhe a mão livre; ela segurou-a e
acompanhou o amigo escada acima.
A multidão foi rareando: apenas um grupinho de p
essoas permaneceu na Sala Precisa, e
Harry se reuniu a elas. A sra. Weasley debatia-se
com Gina. Em torno das duas, Lupin, Fred e
Jorge, Gui e Fleur.
- Você é menor de idade! - gritava a sra. Weasl
ey para a filha quando Harry se aproximou.
- Não vou permitir! Os rapazes, sim, mas você tem q
ue voltar para casa.
- Não vou voltar.
Os cabelos de Gina esvoaçavam enquanto ela tenta
va soltar o braço do aperto da mãe.
- Estou na Armada de Dumbledore...
- ... um bando de adolescentes!
- Um bando de adolescentes que está disposto a e
nfrentar ele, o que mais ninguém se
atreveu a fazer! - replicou Fred.
- Ela tem dezesseis anos! - gritou a sra. Weasle
y. - Não tem idade suficiente! Que é que
vocês dois tinham na cabeça quando a trouxeram junt
o...
Fred e Jorge pareceram um pouco envergonhados.
- Mamãe tem razão, Gina - disse Gui, delicadamen
te. - Você não pode lutar. Todos os

menores de idade terão de se retirar, é o certo.
- Não posso ir para casa! - gritou Gina, lágrima s de raiva brilhando em seus olhos. - Toda a minha família está aqui, eu não suportaria ficar lá sozinha, esperando sem saber e...
Seus olhos encontraram os de Harry pela primeira vez. Ela o olhou suplicante, mas ele sacudiu a cabeça e a garota lhe deu as costas amarg urada.
- Ótimo - disse, com os olhos na entrada do túne l para o Cabeça de Javali. - Vou dizer adeus então e...
Ouviram alguma coisa raspando e um forte baque: alguém mais saíra do túnel, desequilibrara-se um pouco e caíra. O homem se guin dou para a cadeira mais próxima, olhou ao redor através dos óculos tortos e perguntou:
- Cheguei tarde demais? Já começou? Acabei de sa ber, então eu... eu...
Percy embatucou e se calou. Evidentemente, não t inha esperado topar com quase toda a família. Houve um longo momento de espanto, rompido por Fleur que se virou para Lupin e falou, em uma tentativa muito transparente de quebr ar a tensão:
- Entam... come vai o pequene Tedí?
Lupin piscou os olhos, espantado. O silêncio ent re os Weasley pareceu se solidificar, como gelo.
- Eu... ah, sim... está ótimo! - respondeu Lupi n em voz alta. - É, a Tonks está com ele... na casa da mãe.
Percy e os outros Weasley continuavam a se encar ar, paralisados.
- Olhe, tenho uma foto! - gritou Lupin, puxando uma foto do bolso interno do blusão e mostrando-a a Fleur e Harry, um bebezinho com um tu fo de cabelos turquesa-berrante, acenando os punhos gorduchos para a máquina fotográ fica.
- Fui um tolo! - bradou Percy, tão alto que Lup in quase deixou cair a foto. - Fui um idiota,

um covarde pomposo, fui um... um...
- Cego pelo Ministério, um renegador da família, um debiloide sedento de poder - concluiu Fred.
Percy engoliu em seco.
- Fui tudo isso!
- Bem, você não poderia falar com maior justeza - disse Fred, estendendo a mão ao irmão.
A sra. Weasley caiu no choro. Avançou correndo, empurrou Fred para o lado e puxou Percy para um abraço de sufocar, enquanto ele retribuía com palmadinhas em suas costas, com os olhos no pai.
- Desculpe, papai - pediu Percy.
O sr. Weasley piscou rapidamente, então, ele também apressou-se a abraçar o filho.
- Que o fez tomar juízo, Perce? - perguntou Jorge.
- Eu já vinha tomando há algum tempo - respondeu ele, enxugando os olhos por baixo dos óculos com uma ponta da capa de viagem. - Mas precisava encontrar um modo de sair e não é fácil, no Ministério não param de prender traidores. Consegui fazer contato com Aberforth e ele me avisou faz dez minutos que Hogwarts ia resistir, então vim.
- Bem, esperamos que os nossos monitores assumam a liderança em momentos como esses - disse Jorge, em uma boa imitação do tom mais pomposo de Percy. - Agora vamos subir e lutar, ou não sobrará bons Comensais da Morte para nós.
- Então, você agora é minha cunhada? - perguntou Percy, apertando a mão de Fleur enquanto se apressavam a subir as escadas com Gui, Fred e Jorge.
- Gina! - bradou a sra. Weasley.
A garota estava tentando, sob o disfarce da reconciliação, subir furtivamente.
- Molly, vou dar uma sugestão - disse Lupin. - Por que Gina não fica aqui, pelo menos permanecerá no castelo e saberá o que está acontec

endo, mas não estará no meio da batalha?
- Eu...
- É uma boa ideia - disse o sr. Weasley, com fir meza. - Gina, você fica aqui nesta sala, ouviu?
Gina não pareceu gostar muito da ideia, mas sob o olhar raramente severo do pai concordou. O sr. e a sra. Weasley e Lupin se encami nharam também para a escada.
- Onde está Rony? - perguntou Harry. - Onde está Hermione?
- Já devem ter subido para o Salão Principal - f alou o sr. Weasley por cima do ombro.
- Não os vi passar - respondeu Harry.
- Eles disseram alguma coisa sobre um banheiro - disse Gina - pouco depois de você sair.
- Um banheiro?
Harry atravessou a sala a passos largos em direç ão a uma porta que abria para fora da Sala Precisa e verificou o banheiro além. Estava vazio.
- Você tem certeza de que eles disseram banh...?

Nesse momento, sua cicatriz queimou e a Sala Pre cisa desapareceu: ele estava olhando pelas grades dos portões ladeados por pilares com javalis alados, olhando para os terrenos escuros na direção do castelo inteiramente iluminad o. Nagini estava deitada sobre seus ombros. Apossou-se dele aquele senso de propósito f rio e cruel que antecedia o homicídio.

-- CAPÍTULO TRINTA E UM --

A batalha de Hogwarts

A abóbada encantada do Salão Principal estava escur a e salpicada de estrelas, e abaixo viam-se as quatro longas mesas ocupadas por alunos desarrumados, alguns de capas de viagem, outros de robes. Aqui e ali, brilhavam os vultos branco-perolados dos fantasmas da escola. Todos os olhares, dos vivos e dos mortos, fixavam-se na professora McGonagall, que falava de cima de uma plataforma no fundo do salão. Atrás dela, achavam-se, em pé, os

demais professores, inclusive o centauro baio, Fir
enze, e os membros da Ordem da Fênix que
tinham vindo lutar.
- ... a evacuação será supervisionada pelo sr. F
ilch e por Madame Pomfrey. Monitores,
quando eu der a ordem, vocês organizarão os alunos
de suas Casas e os levarão, enfileirados,
ao lugar da retirada.
Muitos alunos pareciam petrificados. Entretanto,
quando Harry contornava as paredes,
examinando a mesa da Grifinória à procura de Rony e
Hermione, Ernesto Macmillan se
levantou à mesa da Lufa-Lufa e perguntou:
- E se eu quiser ficar e lutar?
Ouviram-se breves aplausos.
- Se você for maior de idade, pode ficar - defin
iu McGonagall.
- E as nossas coisas? - perguntou uma garota à m
esa da Corvinal. - Nossos malões, nossas
corujas?
- Não temos tempo para recolher pertences - res
pondeu a professora. - O importante é sair
daqui são e salvo.
- Onde está o professor Snape? - gritou uma garo
ta à mesa da Sonserina.
- Para usar a expressão vulgar, ele se mandou -
esclareceu a professora, e ouviu-se uma
grande ovação nas mesas da Grifinória, Lufa-Lufa e
Corvinal.
Harry andou ao longo da mesa da Grifinória em di
reção ao fundo do salão, ainda
procurando Rony e Hermione. Quando passou, os rosto
s se voltaram para ele, e uma onda de
murmúrios o acompanhou.
- Já fizemos a proteção ao redor do castelo - co
ntinuava a professora -, mas é pouco
provável que dure muito tempo, a não ser que a refo
rcemos. Portanto, devo pedir a vocês que
andem rápida e calmamente e façam o que os seus mon
itores...
Suas palavras finais, no entanto, foram abafadas
por outra voz que ecoou pelo salão. Era

aguda, clara e fria: não era possível identificar sua origem; parecia sair das próprias paredes. Tal como o monstro que, no passado, ela comandara, poderia estar ali, em estado de latência, havia séculos.

"Sei que estão se preparando para lutar."

Ouviram-se gritos entre os alunos, alguns se abraçaram, aterrorizados, enquanto procuravam ao redor de onde vinha aquele som.

"Seus esforços são inúteis. Não podem lutar comigo. Não quero matar vocês. Tenho grande respeito pelos professores de Hogwarts. Não quero derramar sangue mágico."

Fez-se, então, silêncio no salão, o tipo de silêncio que comprime os tímpanos, que parece vasto demais para ser contido entre paredes.

"Entreguem-me Harry Potter", disse a voz de Voldemort, "e ninguém sairá ferido. Entreguem-me Harry Potter, e não tocarei na escola. Entreguem-me Harry Potter e serão recompensados.

"Terão até meia-noite."

O silêncio tornou a engoli-los. Todas as cabeças se viraram, todos os olhares no salão pareciam ter encontrado Harry, para mantê-lo congelado à luz de milhares de raios invisíveis. Então, uma pessoa se levantou à mesa da Sonserina e ele reconheceu Pansy Parkinson, no momento em que ela esticou para o alto um braço trêmulo e gritou:

- Mas ele está ali! Potter está ali! Agarrem ele!

Antes que Harry pudesse falar, houve um movimento massivo. Os alunos da Grifinória tinham se erguido à sua frente e encaravam, não Harry, mas os colegas da Sonserina. Em seguida, os da Lufa-Lufa se puseram de pé e, quase no mesmo momento, os da Corvinal, todos de costas para Harry, todos olhando para Pansy, e Harry, aterrado e sufocado, viu varinhas surgirem por todo lado, sacadas de capas e mangas.

- Obrigada, srta. Parkinson - disse a professora

McGonagall, em tom seco. - Será a
primeira a deixar o salão com o sr. Filch. Se os de
mais alunos de sua Casa puderem
acompanhá-la...

Harry ouviu o atrito dos bancos no chão e o bar
ulho dos alunos da Sonserina saindo pelo
lado oposto do salão.

- Os alunos da Corvinal em seguida! - gritou a p
rofessora.

Lentamente, as quatro mesas se esvaziaram. A da
Sonserina ficou completamente deserta,
mas alguns alunos mais velhos da Corvinal continuar
am sentados depois que os colegas
saíram: um número ainda maior de alunos da Lufa-Lu
fa ficou para trás, e metade da Grifinória
não deixou os bancos, e foi preciso a professora Mc
Gonagall descer da plataforma para fazer
os menores de idade saírem.

- Absolutamente não, Creevey, vá! E você, Peakes
!

Harry correu para os Weasley, todos sentados jun
tos à mesa da Grifinória.

- Onde estão Rony e Hermione?

- Você não os encon...? - começou o sr. Weasley,
preocupado.

Parou, no entanto, de falar: Kingsley se adianta
ra na plataforma para se dirigir aos que
tinham permanecido.

- Temos apenas meia hora até a meia-noite, porta
nto precisamos agir com rapidez! Os
professores de Hogwarts e a Ordem da Fênix concorda
ram com um plano de batalha. Os
professores Flitwick, Sprout e McGonagall vão leva
r grupos de combatentes ao topo das três
torres mais altas: Corvinal, Astronomia e Grifinór
ia; dali terão uma visão abrangente e ótimas
posições para lançar seus feitiços. Nesse meio-tem
po, Remo - ele indicou Lupin -, Arthur -
ele apontou para o sr. Weasley, sentado à mesa da
Grifinória - e eu levaremos grupos para os
jardins. Precisaremos de alguém para organizar a de
fesa das entradas das passagens para a

escola...
- ... parece trabalho para nós - falou Fred em v
oz alta, indicando a si mesmo e a Jorge, e
Kingsley aprovou com um aceno de cabeça.
- Muito bem, os líderes subam aqui para dividirm
os as tropas!
- Potter - disse a professora McGonagall, corren
do para ele quando os estudantes
invadiram a plataforma, se empurrando para se posi
cionar, recebendo instruções -, você não
devia estar procurando alguma coisa?
- Quê! Ah - exclamou Harry -, ah, sim!
Quase esquecera a Horcrux, quase esquecera que h
averia uma batalha para que pudesse
procurá-la: a inexplicável ausência de Rony e Hermi
one momentaneamente expulsara qualquer
outro pensamento de sua mente.
- Então vá, Potter, vá!
- Certo... é...
Ele sentiu os olhares acompanhando-o quando saiu
correndo do Salão Principal para o
saguão ainda apinhado de alunos que se retiravam. D
eixou-se arrastar por eles escadaria
acima, mas, no alto, tomou um corredor deserto. O
medo e o pânico anuviavam seus processos
mentais. Tentou se acalmar, se concentrar na procur
a da Horcrux, mas seus pensamentos
zumbiam, frenética e inutilmente, como vespas presa
s em um copo. Sem Rony e Hermione
para ajudá-lo, não parecia ser capaz de colocar as
ideias em ordem. Harry diminuiu o passo e
parou no meio de um corredor vazio, sentou-se no p
edestal que uma estátua desocupara e tirou
o mapa do maroto da bolsa pendurada ao pescoço. Não
viu os nomes de Rony e Hermione em
lugar algum, embora a densidade dos pontos a caminh
o da Sala Precisa pudesse, pensou ele,
estar encobrindo os dois. Tornou a guardar o mapa,
escondeu o rosto nas mãos e fechou os
olhos, tentando se concentrar.
Voldemort pensou que eu iria à Torre da Corvinal
.

Tinha ali um fato concreto, o lugar por onde co meçar. Voldemort postara Aleto Carrow na sala comunal da Corvinal, e só poderia haver uma ex plicação: ele temia que Harry já soubesse que sua Horcrux estava ligada àquela Casa.

Entretanto, o único objeto associado à Corvinal era o diadema perdido de sua fundadora... e como poderia a Horcrux ser o diadema? Como era poss ível que Voldemort, que pertencia à Sonserina, tivesse encontrado o diadema que frustr ara gerações de alunos da Corvinal? Quem poderia ter lhe dito onde procurar, quando não se tinha memória de alguém vivo ter visto o diadema?

De alguém vivo...

Cobertos pelas mãos, os olhos de Harry se abrira m de repente. Ele saltou do pedestal e disparou pelo caminho que viera, agora em busca de sua última esperança. O barulho das centenas de pessoas que se dirigiam à Sala Precisa foi crescendo em seu retorno à escadaria de mármore. Monitores gritavam instruções, tentando não perder de vista os alunos de suas Casas; havia muito aperto e empurrão; Harry viu Zac arias Smith atropelando estudantes do primeiro ano para chegar à frente da fila; aqui e ali, os mais novos choravam, enquanto os mais velhos chamavam, desesperados, pelos amigos e parentes...

Harry avistou o vulto branco-perolado flutuando pelo saguão de entrada e berrou o mais alto que pôde para se sobrepor ao clamor geral.

- Nick! NICK! Preciso falar com você!

Ele abriu caminho à força pela maré de alunos e, finalmente, chegou ao pé da escadaria onde Nick Quase Sem Cabeça, o fantasma da Torre da Grifinória, o aguardava.

- Harry! Meu caro rapaz! - Nick fez menção de s egurar as mãos de Harry nas dele: o garoto teve a sensação de que tinham sido enfiadas em água gelada.

- Nick, você precisa me ajudar. Quem é o fantasm
a da Torre da Corvinal?
Nick Quase Sem Cabeça pareceu surpreso e ligeira
mente ofendido.
- A Mulher Cinzenta, naturalmente, mas se precis
a de serviços fantasmais...
- Tem que ser ela... você sabe onde ela está nes
te momento?
- Vejamos...
A cabeça de Nick oscilou um pouco sobre a gola d
e tufos engomados quando a virou para
cá e para lá, espiando por cima do enxame de estuda
ntes.
- Olhe ela ali, Harry, a jovem de cabelos longos
.
Harry olhou na direção que o indicador transpar
ente de Nick apontava e viu uma fantasma
alta que percebeu o garoto olhando-a, ergueu as sob
rancelhas e se afastou, atravessando uma
parede maciça.
Harry correu atrás dela. Ao cruzar a porta do co
rredor em que a Mulher Cinzenta
desaparecera, ele a viu quase no final, ainda se di
stanciando suavemente.
- Ei... espere... volte!
Ela concordou em parar, flutuando a alguns centí
metros do chão. Harry achou-a linda, com
seus cabelos até a cintura e a capa que chegava ao
chão, mas parecia também arrogante e
orgulhosa. De perto, ele a reconheceu como a fantas
ma pela qual passara tantas vezes no
corredor, mas a quem nunca se dirigira.
- A senhora é a Mulher Cinzenta?
Ela assentiu silenciosamente.
- O fantasma da Torre da Corvinal?
- Correto.
Seu tom não era encorajador.
- Por favor, preciso de ajuda. Preciso saber qua
lquer coisa que a senhora possa me dizer
sobre o diadema perdido.
Um sorriso frio arqueou os seus lábios.
- Receio - disse, virando-se para ir embora - nã

o poder ajudá-lo.
- ESPERE!
Harry não pretendia gritar, mas a raiva e o pân
ico ameaçavam dominálo. Olhou para o seu
relógio de pulso enquanto ela pairava ali: faltavam
quinze minutos para a meia-noite.
- É urgente - disse ele, com veemência. - Se aqu
ele diadema está em Hogwarts, preciso
encontrá-lo, e depressa.
- Você não é o primeiro estudante a cobiçar o d
iadema - respondeu ela, desdenhosamente.
- Gerações de estudantes têm me importunado...
- Não se trata de obter notas melhores! - gritou
Harry. - Trata-se de Voldemort... de
derrotar Voldemort... ou a senhora não está interes
sada nisso?
Ela não podia corar, mas suas faces transparente
s se tornaram opacas e sua voz irritada ao
responder:
- É claro que eu... como se atreve a insinuar...
?
- Bem, me ajude, então!
Sua serenidade foi se desfazendo.
- Não... não é uma questão de... - gaguejou ela.
- O diadema de minha mãe...
- De sua mãe?
Ela pareceu aborrecida consigo mesma.
- Quando eu era viva - disse, formalmente -, fui
Helena Ravenclaw.
- A senhora é filha dela? Mas, então, deve saber
o que aconteceu ao diadema!
- Embora o diadema conceda sabedoria - disse, c
om um esforço óbvio para se controlar -,
duvido que possa aumentar expressivamente as suas c
hances de derrotar o bruxo que se
intitula Lorde...
- Acabei de lhe dizer: não estou interessado em
usá-lo! - enfatizou Harry, impetuosamente.
- Não há tempo para explicar, mas se a senhora tem
apreço por Hogwarts, se quer ver
Voldemort liquidado, tem que me dizer o que souber
sobre o diadema!

A Mulher Cinzenta ficou muito quieta, flutuando no ar, olhando Harry do alto, e uma sensação de desamparo o invadiu. Naturalmente que se ela soubesse de alguma coisa, teria contado a Flitwick ou a Dumbledore, que, sem dúvida, já lhe teriam feito a mesma pergunta. Ele balançara a cabeça e fizera menção de ir embora, quando a fantasma falou em voz baixa:

- Eu roubei o diadema da minha mãe.

- A senhora... a senhora fez o quê?

- Roubei o diadema - repetiu Helena Ravenclaw, sussurrando. - Desejava me tornar mais inteligente, mais importante do que a minha mãe, e fugi com o diadema.

Harry não sabia como conseguira ganhar sua confiança, nem perguntou: simplesmente escutou, atento, quando ela continuou:

- Minha mãe, dizem, nunca admitiu que o diadema tinha desaparecido, fingiu que continuava em seu poder. Escondeu sua perda, minha terrível traição, até dos fundadores de Hogwarts.

"Então ela caiu doente, fatalmente doente. Apesar da minha perfídia, quis desesperadamente me ver pela última vez. Mandou à minha procura um homem que sempre me amara, embora eu desdenhasse suas propostas amorosas. Minha mãe sabia que ele não descansaria até fazer o que lhe pedira."

Harry aguardou. A Mulher Cinzenta inspirou profundamente e atirou a cabeça para trás.

- Ele seguiu o meu rastro até a floresta em que eu estava escondida. Quando me recusei a acompanhá-lo, tornou-se violento. O barão sempre foi um homem de temperamento colérico. Furioso com a minha recusa, invejando a minha liberdade, ele me apunhalou.

- O barão? A senhora está se referindo...?

- Sim, ao Barão Sangrento - respondeu a Mulher Cinzenta, e, afastando a capa que usava, mostrou um único ferimento em seu peito branco. - Quando ele viu o que tinha feito, foi

invadido pelo remorso. Apanhou a arma com que tirar a minha vida e usou-a para se matar. E séculos depois ele ainda usa correntes como um ato de penitência... como deveria - acrescentou, amargurada.

- E... e o diadema?

- Ficou onde eu o tinha escondido quando ouvi o barão andando às tontas pela floresta em minha direção. Escondi-o no oco de uma árvore.

- No oco de uma árvore? - repetiu Harry. - Que árvore? Onde foi isso?

- Uma floresta na Albânia. Um lugar solitário que achei que estivesse bem longe do alcance de minha mãe.

- Albânia - repetiu Harry. O sentido emergia milagrosamente da confusão, e agora ele entendia por que a fantasma estava lhe contando o que negara a Dumbledore e Flitwick. - A senhora já contou essa história a alguém, não? A outro estudante?

Ela fechou os olhos e assentiu.

- Eu não fazia... ideia... ele era... lisonjeador. Parecia... entender... se solidarizar...

Sim, pensou Harry, Tom Riddle certamente teria compreendido o desejo de Helena Ravenclaw de possuir objetos fabulosos a que não tinha muito direito.

- Bem, a senhora não foi a primeira de quem Riddle obteve coisas - murmurou Harry. - Ele sabia ser encantador quando queria...

Então Voldemort tinha conseguido extrair da Mulher Cinzenta a localização do diadema perdido. Tinha viajado àquela longínqua floresta e tirado o diadema do esconderijo, talvez logo que termi-nara Hogwarts, antes mesmo de ter começado a trabalhar para a Borgin & Burkes.

E aquelas matas albanesas isoladas não tinham lhe parecido um excelente refúgio quando, muito mais tarde, precisou de um lugar para ficar fora de circulação, sem ninguém perturbá-lo, durante dez longos anos?

O diadema, porém, depois de transformado em prec
iosa Horcrux, não teria sido deixado
naquela árvore humilde... não, o diadema fora devol
vido secretamente à sua verdadeira casa,
e Voldemort devia tê-lo guardado lá...

- Na noite em que viera pedir emprego! - disse H
arry, completando o pensamento.

- Perdão?

- Ele escondeu o diadema no castelo na noite em
que pediu a Dumbledore para deixá-lo
ensinar aqui! - Falar em voz alta lhe permitia enco
ntrar o nexo de tudo. - Deve ter escondido
o diadema a caminho do escritório de Dumbledore, ou
 na saída! Mas ainda valia a pena tentar
obter o emprego... assim, poderia ter uma chance de
 roubar a espada de Gryffindor também...
obrigado, muito obrigado!

Harry deixou-a flutuando ali, com um ar de total
 perplexidade. Ao contornar o canto de
volta ao saguão, consultou o relógio. Faltavam cinc
o minutos para a meia-noite, e, embora
soubesse qual era a última Horcrux, não estava nem
próximo de descobrir onde encontrá-la...

Gerações de estudantes não tinham conseguido enc
ontrar o diadema; isto sugeria que não
estava na Torre da Corvinal - mas, se não ali, onde
, então? Que esconderijo Tom Riddle
descobrira no interior do castelo de Hogwarts, que
 acreditava que jamais seria descoberto?

Perdido em desesperada especulação, Harry virou
 um canto, mas dera apenas alguns passos
no novo corredor quando a janela à sua esquerda es
tourou com um estrépito ensurdecedor. Ao
pular para um lado, um corpo gigantesco entrou pela
 janela e bateu na parede oposta. Uma
coisa grande e peluda se destacou do recém-chegado,
 choramingando, e se atirou sobre Harry.

- Hagrid! - berrou Harry, lutando para afastar C
anino e suas atenções, enquanto o enorme
vulto barbudo se levantava. - Que...?

- Harry, você está aqui! Você está aqui!

Hagrid se curvou, concedeu a Harry um apressado

abraço de quebrar costelas, e se voltou
para a janela estilhaçada.
- Bom garoto, Grope! - berrou ele pelo buraco na
janela. - Vejo você daqui a pouco, isso é
que é um bom garoto!
Para além de Hagrid, na noite escura, Harry avis
tou clarões ao longe e ouviu um grito
esquisito e pungente. Ele olhou para o relógio: era
meianoite. A batalha começara.
- Caramba, Harry - arquejou Hagrid -, então é is
so, hein? Hora de lutar?
- Hagrid, de onde você está vindo?
- Ouvi Você-Sabe-Quem lá de cima, na nossa caver
na - respondeu, sombriamente. - A voz
foi longe, não? "Vocês têm até meia-noite para me e
ntregar Potter." Eu sabia que você devia
estar aqui, sabia o que devia estar acontecendo. D
esce, Canino. Então viemos participar, eu,
Grope e Canino. Entramos arrebentando tudo pela div
isa da floresta, Grope estava nos
carregando, a mim e Canino. Pedi para ele me descar
regar no castelo e ele me atirou pela
janela, Deus o abençoe. Não foi bem o que eu queria
, mas... onde estão Rony e Hermione?
- Essa é realmente uma boa pergunta. Venha.
Eles saíram apressados pelo corredor, Canino sal
tando ao lado dos dois. Harry ouvia
movimento em todos os corredores: gente correndo,
gritos; pelas janelas via mais clarões nos
jardins escuros.
- Para onde estamos indo? - bufou Hagrid, andan
do pesadamente nos calcanhares de Harry,
fazendo as tábuas do soalho tremer.
- Não sei ao certo - disse Harry, dando mais uma
volta a esmo -, mas Rony e Hermione
têm que estar aqui em algum lugar.
As primeiras baixas da batalha já estavam espalh
adas em seu caminho: as duas gárgulas de
pedra que normalmente guardavam a entrada da sala d
os professores tinham sido destroçadas
por um feitiço que entrara por outra janela quebra
da. Suas ruínas se moveram impotentes no

chão e, quando Harry saltou sobre uma das cabeças s
em corpo, a estátua gemeu baixinho:
- Ah, não se importe comigo... ficarei aqui deit
ada desmoronando...
Sua feia cara de pedra fez Harry pensar subitame
nte no busto de mármore de Rowena
Ravenclaw na casa de Xenofílio, usando aquele touc
ado delirante - depois na estátua na Torre
da Corvinal, com o diadema de pedra sobre seus cach
os brancos...
Quando chegava ao fim do corredor, ocorreu-lhe a
lembrança de uma terceira efígie de
pedra: a de um velho bruxo em cuja cabeça o próprio
Harry colocara uma cabeleira e uma
velha tiara escalavrada. O choque atravessou Harry
como o calor do uísque de fogo, e ele
quase tropeçou e caiu.
Finalmente sabia onde a Horcrux o aguardava...
Tom Riddle, que não confiava em ninguém e só agi
a sozinho, poderia ter sido
suficientemente arrogante para supor que ele, e som
ente ele, penetrara os mais profundos
mistérios do castelo de Hogwarts. Naturalmente, Dum
bledore e Flitwick, estudantes
exemplares, nunca tinham entrado naquele determinad
o lugar, mas ele, Harry, vagara por
caminhos pouco frequentados no tempo que estudara n
a escola - ali, finalmente, estava um
segredo que ele e Voldemort conheciam, que Dumbledo
re jamais havia descoberto...
Ele foi despertado pela professora Sprout que p
assava com estrondo, seguida por Neville e
meia dúzia de outros, todos usando abafadores de ou
vidos e carregando, aparentemente,
grandes plantas envasadas.
- Mandrágoras! - berrou Neville por cima do ombr
o, ao passar correndo por Harry. -
Vamos atirá-las por cima dos muros: eles não vão go
star nem um pouco!
Harry agora sabia aonde ir: saiu embalado, com H
agrid e Canino galopando atrás dele.
Passaram retrato após retrato, e as imagens pintada

s corriam acompanhando-os, bruxos e
bruxas em rufos e calções, em armaduras e capas, co
mprimiam-se nas telas uns dos outros,
gritando as notícias das outras partes do castelo.
 Quando chegaram ao final do corredor, o
castelo inteiro sacudiu e Harry percebeu, quando um
 vaso gigantesco foi arrancado do
pedestal com força explosiva, que estava nas garras
 de encantamentos mais sinistros do que os
dos professores e da Ordem.
   - Tudo bem, Canino... tudo bem! - berrou Hagrid,
 mas o grande cão fugiu desembestado
diante dos cacos de porcelana que voaram pelo ar co
mo estilhaços de granada, e Hagrid foi
atrás do cão aterrorizado, deixando Harry sozinho.
   O garoto avançou rapidamente pelas passagens mov
ediças, a varinha em posição, e, ao
longo de todo um corredor, o pequeno cavalheiro Sir
 Cadogan correu de quadro em quadro ao
seu lado, chocalhando a lataria da armadura, gritan
do palavras de incentivo, seu pônei
gorducho seguindo-o a trote.
   - Fanfarrões e patifes, cães e canalhas, expulse
-os, Harry Potter, ponha-os para correr!
   Harry se precipitou por um canto e encontrou Fre
d e um grupinho de estudantes, que incluía
Lino Jordan e Ana Abbott, parados junto a outro ped
estal vazio, cuja estátua escondia uma
passagem secreta. Empunhavam as varinhas e escutava
m pelo buraco oculto.
   - Boa noite para isso! - gritou Fred, quando o c
astelo tornou a tremer e Harry passou
embalado, eufórico e aterrorizado em igual medida.
Por mais um corredor, ele disparou e
deparou com corujas para todo lado; Madame Nor-r-ra
 bufava e tentava rebatê-las com as
patas, sem dúvida para fazê-las voltar ao seu devid
o lugar...
   - Potter!
   Aberforth Dumbledore estava bloqueando o corredo
r à frente, de varinha em punho.
   - Centenas de garotos passaram como uma trovoada

pelo meu bar, Potter!
- Eu sei, estamos evacuando o castelo - disse Harry. - Voldemort está...
- ... atacando porque eles ainda não o entregaram, sei - disse Aberforth -, não sou surdo, toda Hogsmeade o ouviu. E não ocorreu a ninguém manter alguns alunos da Sonserina como reféns? Tem filhos dos Comensais da Morte que vocês acabaram de mandar para um lugar seguro. Não teria sido mais inteligente mantê-los aqui?
- Isso não deteria Voldemort - disse Harry -, e o seu irmão jamais teria agido assim.
Aberforth resmungou e saiu apressado na direção oposta.
Seu irmão jamais teria agido assim... ora, era a verdade, pensou Harry, recomeçando a correr; Dumbledore, que defendera Snape por tanto tempo, jamais pediria resgate por estudantes...
Então, o garoto derrapou ao virar um último canto e, com um berro que misturava alívio e fúria, ele os viu: Rony e Hermione, os dois com os braços cheios de objetos amarelos sujos e curvos, Rony sobraçando uma vassoura.
- Onde vocês se meteram, pô? - reclamou Harry.
- Câmara Secreta.
- Câmara... o quê? - perguntou Harry, parando desequilibrado à frente deles.
- Foi o Rony, ideia do Rony! - exclamou Hermione, sem fôlego. - Não foi absolutamente genial? Nós estávamos lá, depois que você saiu, e eu disse ao Rony, mesmo que a gente encontre a outra, como vamos nos livrar dela? Ainda não nos livramos da taça! Então, ele se lembrou! O basilisco!
- Que b...?
- Uma coisa para destruir as Horcruxes - respondeu Rony, com simplicidade.
O olhar de Harry baixou para os objetos que Rony e Hermione traziam nos braços: grandes dentes curvos arrancados, percebeu ele, do crânio d

e um basilisco morto.
- Mas como vocês entraram lá? - perguntou ele, s
eu olhar surpreso indo dos dentes para
Rony. - É preciso saber ofidioglossia!
- Ele sabe! - sussurrou Hermione. - Mostre a ele
, Rony!
Rony emitiu um silvo estrangulado e medonho.
- Foi o que você fez para abrir o medalhão - dis
se ele a Harry, desculpando-se. - Precisei
experimentar algumas vezes para acertar, mas - ele
encolheu os ombros modestamente -, no
final, conseguimos.
- Ele foi incrível! - exclamou Hermione. - Incrí
vel!
- Então... - Harry estava fazendo força para ent
ender. - Então...
- Então, agora temos uma Horcrux a menos - conc
luiu Rony, e, de dentro do blusão, puxou
os restos da taça de Hufflepuff destruída. - Hermio
ne espetou-a. Achou que devia. Ainda não
tinha tido esse prazer.
- Genial! - berrou Harry.
- Não foi nada - respondeu Rony, embora parecess
e felicíssimo consigo mesmo. - E quais
são as suas novidades?
À sua pergunta, ouviram uma explosão no alto: o
s três olharam para a poeira que caía do
teto e ouviram um grito distante.
- Sei como é o diadema e sei onde está - disse H
arry, depressa. - Ele o escondeu
exatamente onde escondi o meu velho livro de Poções
, onde todo o mundo vem escondendo
coisas há séculos. Ele pensou que fosse o único a d
escobrir esse lugar. Venham.
Entre paredes que estremeciam, ele levou os ami
gos de volta à entrada oculta e desceu a
escada para a Sala Precisa. Estava vazia, exceto po
r três mulheres: Gina, Tonks e uma velha
bruxa com um chapéu roído de traças, em quem Harry
reconheceu imediatamente a avó de
Neville.
- Ah, Potter - disse ela, sem hesitação, como se

estivesse à sua espera. - Você pode nos
pôr a par do que está acontecendo.
- Estão todos o.k.? - perguntaram Gina e Tonks a
o mesmo tempo.
- Até onde sabemos. Ainda tem gente indo para o
Cabeça de Javali?
Ele sabia que a sala não poderia se transformar
se ainda houvesse gente na passagem.
- Fui a última a atravessá-la - respondeu a sra
. Longbottom. - Lacrei-a, acho insensato
mantê-la aberta agora que Aberforth deixou o bar. V
ocê viu meu neto?
- Está lutando - informou Harry.
- Certamente - disse a velha senhora, orgulhosa.
- Com licença, preciso ir ajudá-lo.
Com surpreendente rapidez, ela se dirigiu à esca
da de pedra. Harry olhou para Tonks.
- Pensei que você estivesse com Teddy na casa de
sua mãe.
- Não aguentei ficar sem saber... - Tonks pareci
a aflita. - Minha mãe cuidará dele... você
viu Remo?
- Ele estava planejando levar um grupo de combat
entes para os jardins.
Sem dizer mais nada, Tonks saiu correndo.
- Gina - disse Harry -, desculpe, mas você preci
sa sair também. Só por um instante. Pode
voltar em seguida.
Gina pareceu simplesmente encantada de deixar o
seu santuário.
- E depois você volta! - gritou para a garota q
ue já dera as costas e corria escada acima
atrás de Tonks. - Você tem que voltar para cá!
- Calma aí um instante! - disse Rony, com energi
a. - Esquecemos alguém!
- Quem? - perguntou Hermione.
- Os elfos domésticos, devem estar lá embaixo na
cozinha, não?
- Você quer dizer que devíamos pôr os elfos para
lutar? - perguntou Harry.
- Não - respondeu Rony, sério -, devíamos dizer
a eles para dar o fora. Não queremos

outros Dobbys, não é? Não podemos mandá-los morrer por nós...

Houve um estrépito quando os dentes de basilisco caíram em cascata dos braços de Hermione. Correndo para Rony, ela se atirou ao seu pescoço e chapou-lhe um beijo na boca. Rony largou os dentes e a vassoura que estava carregando e retribuiu com tal entusiasmo que tirou Hermione do chão.

- Isso é hora? - perguntou Harry, timidamente, e, quando a cena não se alterou exceto por Rony e Hermione terem se abraçado com tanta força que chegaram a bambear, ele ergueu a voz: - Oi! Tem uma guerra rolando aqui!

Rony e Hermione se separaram, ainda abraçados.

- Eu sei, colega - disse Rony, com cara de quem acabara de levar um balaço na nuca -, então é agora ou nunca, não é?

- Deixa pra lá, e a Horcrux? - gritou Harry. - Você acha que poderia só... só segurar isso aí, até apanharmos o diadema?

- Certo... desculpe - disse Rony, e ele e Hermione começaram a recolher os dentes, os dois muito corados.

Ficou evidente, quando os três voltaram ao corredor de cima, que, nos minutos que tinham passado na Sala Precisa, a situação no castelo havia deteriorado seriamente: as paredes e o teto estavam sacudindo pior do que antes; a poeira enchia o ar e, pela janela mais próxima, Harry viu clarões verdes e vermelhos tão próximos à base do castelo que concluiu que os Comensais da Morte deviam estar na iminência de invadir o lugar. Olhando para baixo, viu Grope, o gigante, andando sem rumo e balançando o que lhe pareceu uma gárgula de pedra arrancada do telhado, urrando insatisfeito.

- Tomara que ele pisoteie meia dúzia deles! - disse Rony, quando ouviram o eco de outros gritos muito próximos.

- Desde que não seja nenhum dos nossos! - disse uma voz; Harry se virou e viu Gina e

Tonks, as duas brandindo as varinhas da janela adi
ante, já desfalcada de vários vidros. No
momento em que olhou, Gina lançou um feitiço certei
ro contra um grupo de combatentes
embaixo.

- Boa menina! - berrou um vulto que corria pela
poeira ao encontro delas, e Harry viu
passar Aberforth, seus cabelos grisalhos esvoaçando
, liderando um pequeno grupo de
estudantes. - Parece que eles estão rompendo as ame
ias do norte do castelo, trouxeram
gigantes aliados!

- Você viu Remo? - gritou Tonks para ele.

- Estava duelando com Dolohov - gritou Aberforth
-, depois não o vi mais!

- Tonks - disse Gina -, Tonks, tenho certeza de
que ele está o.k...

Tonks, porém, saíra correndo pela poeira no rast
ro de Aberforth.

Gina se virou, desamparada, para Harry, Rony e H
ermione.

- Eles vão ficar bem - disse Harry, embora soube
sse que eram palavras vazias. - Gina,
voltamos em um instante, fique fora do caminho, não
se arrisque... vamos! - ele chamou Rony
e Hermione, e os três correram para o trecho de par
ede atrás do qual a Sala Precisa aguardava
para satisfazer o desejo do seu próximo ocupante.

Preciso do lugar onde se esconde tudo, pediu Har
ry mentalmente e, em sua terceira
passagem, a porta se materializou.

O furor da batalha morreu no instante em que cr
uzaram o portal e fecharam a porta às suas
costas: tudo era silêncio. Estavam em um lugar do t
amanho de uma catedral, com o aspecto de
uma cidade, suas altas paredes formadas por objetos
escondidos por milhares de estudantes
que há muito haviam partido.

- E ele nunca imaginou que qualquer um poderia e
ntrar? - perguntou Rony, sua voz
ecoando no silêncio.

- Ele pensou que fosse o único - disse Harry. -

Azar o dele que precisei esconder uma
coisa no meu tempo de Hogwarts... por aqui - acresc
entou -, acho que é ali embaixo.
Ele passou pelo trasgo estufado e o Armário Sumi
douro que Draco Malfoy consertara no
ano anterior com desastrosas consequências, depois
hesitou, olhando para cima e para baixo
das alas de quinquilharias; não se lembrava para qu
e lado deveria virar...
- Accio diadema! - exclamou Hermione em desesper
o, mas nada voou pelo ar ao seu
encontro. Parecia que, a exemplo do cofre em Gringo
tes, a sala não entregava os objetos com
essa facilidade.
- Vamos nos separar - sugeriu Harry aos amigos.
- Procurem o busto de pedra de um velho
usando uma peruca e uma tiara! Está em um armário
e, sem a menor dúvida, aqui por perto...
Eles saíram depressa pelas alas adjacentes; Harr
y ouviu os passos dos amigos ecoarem nas
enormes pilhas de quinquilharias, garrafas, chapéus
, caixotes, cadeiras, livros, armas,
vassouras, morcegos...
- Em algum lugar por aqui - murmurou Harry com o
s seus botões. - Em algum lugar...
algum lugar...
Ele foi se embrenhando no labirinto, procurando
objetos que pudesse reconhecer de sua
visita anterior à sala. Sua respiração soava alta
aos seus ouvidos e, então, a sua própria alma
pareceu se arrepiar: ali estava, bem à frente, o v
elho armário com a superfície coberta de
bolhas no qual escondera o velho livro de Poções, e
em cima, o bruxo de pedra bexiguenta
usando uma velha peruca empoeirada e algo parecido
com uma antiga tiara descolorida.
Ele já estendera a mão, embora a três metros de
distância, quando ouviu uma voz às suas
costas:
- Pare, Potter.
Ele parou derrapando e se virou. Crabbe e Goyle
estavam postados ali, ombro a ombro, as

varinhas apontadas para ele. Pelo estreito vão entr
e seus rostos zombeteiros, ele viu Draco
Malfoy.
- É a minha varinha que você está segurando, Pot
ter - disse Malfoy, apontando a que
segurava pelo espaço entre Crabbe e Goyle.
- Não é mais - ofegou Harry, apertando com força
 a varinha de pilriteiro. - Ganhou,
guardou, Malfoy. Quem lhe emprestou essa?
- Minha mãe - respondeu Draco.
Harry riu, embora não houvesse a menor graça na
situação. Não estava mais ouvindo Rony
e Hermione. Pareciam ter saído do seu campo de audi
ção, procurando o diadema.
- Então por que não estão com Voldemort? - pergu
ntou Harry.
- Vamos receber uma recompensa - respondeu Crabb
e: sua voz era surpreendentemente
suave para uma pessoa com tal corpanzil; Harry quas
e nunca o ouvira falar. Crabbe sorria
como um garotinho a quem tivessem prometido um gran
de saco de balas. - Ficamos na escola,
Potter. Decidimos não sair. Decidimos levar você pa
ra ele.
- Ótimo plano! - exclamou Harry, fingindo admira
ção. Não conseguia acreditar que,
estando tão perto, fosse atrapalhado por Malfoy, C
rabbe e Goyle. Ele começou a se deslocar
lentamente, de costas para o lugar em que a Horcrux
 jazia enviesada na cabeça do busto. Se ao
menos conseguisse pegá-la antes de começarem a luta
r... - Como foi que entraram aqui? -
perguntou, tentando distraí-los.
- Vivi praticamente nesta sala de objetos escon
didos o ano passado - explicou Malfoy, a
voz quebrando. - Sei como entrar.
- Estávamos escondidos lá fora, no corredor - re
smungou Goyle. - Já sabemos lançar
Feitiços da Desilusão! Então - seu rosto se abriu e
m um sorriso abobado -, você apareceu
bem na nossa frente e disse que estava procurando u
m dia-D! Que é um dia-D?

- Harry? - A voz de Rony ecoou repentinamente at
rás da parede à direita de Harry. - Você
está falando com alguém?

Com um movimento de chicote, Crabbe apontou a va
rinha para a montanha de quase vinte
metros de móveis velhos, malões desmantelados, ves
tes e livros e lixaria indiscriminada, e
gritou:

- Descendo!

A parede começou a balançar, então desmoronou so
bre a ala ao lado daquela em que Rony
se encontrava.

- Rony! - berrou Harry, ao mesmo tempo que, em a
lgum lugar, Hermione gritou e Harry
ouviu um estrondo de objetos batendo no chão do out
ro lado da parede desestabilizada: ele
apontou a varinha para o alto e gritou: - Finite! -
 E a parede se firmou.

- Não! - gritou Malfoy, segurando o braço de Cra
bbe quando ele fez menção de repetir o
feitiço. - Se você desmontar a sala, talvez enterre
 o tal diadema!

- E daí? - retrucou Crabbe, se desvencilhando. -
 É o Potter que o Lorde das Trevas quer,
quem se importa com um dia-D?

- Potter entrou aqui para apanhá-lo - replicou M
alfoy, mal disfarçando a impaciência com
o retardamento dos colegas -, então deve significar
...

- Deve significar? - Crabbe se voltou para Malfo
y, com visível ferocidade. - Quem se
importa com o que você pensa? Não recebo mais orden
s suas, Draco. Você e seu pai já eram.

- Harry? - tornou Rony a chamar do outro lado da
 parede de quinquilharias. - Que está
acontecendo?

- Harry? - arremedou-o Crabbe. - Que está... não
, Potter! Crucio!

Harry mergulhara para pegar a tiara; o feitiço d
e Crabbe não o acertou, mas bateu no busto
de pedra, que foi projetado no ar; o diadema pairou
 no alto e caiu, desaparecendo na massa de

objetos em que o busto estivera apoiado.
- PARE! - gritou Malfoy para Crabbe, sua voz eco ando pela enorme sala. - O Lorde das Trevas quer ele vivo...
- Então? Eu não estou matando ele, estou? - ber rou Crabbe, empurrando o braço de Malfoy que o tolhia -, mas, se eu puder, é o que farei, o Lorde das Trevas quer ele morto mesmo, qual é a dif...?
Um jato de luz vermelha passou a centímetros de Harry: Hermione tinha contornado o canto por trás dele e lançado um Feitiço Estuporante dire to na cabeça de Crabbe. Errou apenas porque Malfoy tirou o colega do caminho.
- É aquela sangue-ruim! Avada Kedavra!
Harry viu Hermione mergulhar para um lado, e sua fúria ao ver que Crabbe quisera matá-la apagou todo o resto de sua mente. Ele lançou um Fei tiço Estuporante em Crabbe, que se arremessou para longe derrubando a varinha da mão d e Malfoy; o objeto desapareceu sob uma montanha de caixas e móveis quebrados.
- Não o mate! NÃO O MATE! - urrou Malfoy para Cr abbe e Goyle, que miravam em Harry: a fração de segundo de hesitação foi só o qu e Harry precisou.
- Expelliarmus!
A varinha de Goyle voou de sua mão e sumiu entre os objetos ao seu lado. Goyle ficou pulando inutilmente no mesmo lugar, tentando recup erá-la; Malfoy saltou fora do alcance do segundo Feitiço Estuporante de Hermione e Rony, apa recendo repentinamente no fim da ala, lançou um Feitiço do Corpo Preso em Crabbe, que, po r pouco, não o acertou.
Crabbe se virou e tornou a gritar:
- Avada Kedavra! - Rony, de um salto, se esconde u para evitar o jorro de luz verde. Malfoy, sem varinha, abrigou-se atrás de um guarda-roupa de três pernas quando Hermione avançou contra eles e, a caminho, acertou Goyle com um Feitiço Estuporante.

- Está por aqui em algum lugar! - berrou Harry para ela, apontando uma pilha de destroços em que a velha tiara caíra. - Procure enquanto vou ajudar R...

- HARRY! - gritou ela.

Um rugido crescente às suas costas lhe deu um breve aviso. Ele se virou e viu Rony e Crabbe correndo o mais rápido possível pela ala em sua direção.

- Que tal o calor, gentalha? - urrou Crabbe enquanto corria.

Entretanto, ele parecia não ter o menor controle sobre o que fizera. Chamas de tamanho anormal os perseguiram, lambendo os lados da montanha de objetos, que se desfazia em fuligem ao seu toque.

- Aguamenti! - berrou Harry, mas o jato de água que voou da ponta de sua varinha se evaporou no ar.

- CORRAM!

Malfoy agarrou o estuporado Goyle e arrastou-o consigo: Crabbe ultrapassou todos na corrida, agora aterrorizado; Harry, Rony e Hermione se precipitaram em seu rastro, o fogo atrás. Não era um fogo normal; Crabbe usara um feitiço que Harry desconhecia: ao virarem um canto, as chamas se lançaram em seu encalço como se estivessem vivas, conscientes, decididas a matá-los. Então, o fogo começou a mudar, a formar um gigantesco bando de feras: serpentes flamejantes, quimeras e dragões se elevavam e baixavam e tornavam a se elevar, e os detritos de séculos com que se alimentavam eram arremessados no ar para dentro de suas bocas dentadas, jogados para o alto sobre pés com garras, antes de serem consumidos pelo inferno.

Malfoy, Crabbe e Goyle tinham desaparecido; Harry, Rony e Hermione pararam subitamente; os monstros de fogo os rodeavam, cada vez mais próximos, chicoteando garras, chifres e caudas, e o calor se tornava sólido como

uma parede, sitiando-os.

- Que fazemos? - gritou Hermione, sobrepondo-se ao rugido ensurdecedor do fogo. - Que fazemos?

- Aqui!

Harry passou a mão em duas vassouras de aspecto pesado na pilha de lixo mais próxima e atirou uma para Rony, que puxou Hermione para a garupa. Harry montou a segunda vassoura e, chutando o chão com vigor, eles levantaram voo, passando ao largo do bico chifrudo de um raptor flamejante que tentava abocanhá-los. A fumaça e o calor estavam se tornando avassaladores: embaixo, o fogo amaldiçoado estava consumindo o contrabando de gerações de estudantes perseguidos, o resultado criminoso de experiências proibidas, os segredos de incontáveis almas que buscaram refúgio naquela sala. Harry não via vestígio de Malfoy, Crabbe e Goyle em lugar algum: mergulhou o mais baixo que a coragem lhe permitiu sobre as monstruosas chamas errantes para tentar encontrá-los, mas não viu nada exceto fogo: era uma morte terrível... jamais desejara isso...

- Harry, vamos embora, vamos embora! - berrou Rony, embora fosse impossível ver onde estava a porta naquela fumaceira escura.

Então Harry ouviu um débil lamento humano no meio da terrível confusão, do rugido das chamas devoradoras.

- É... muito... perigoso! - berrou Rony, mas Harry fez meia-volta no ar. Seus óculos ofereciam aos seus olhos alguma proteção contra a fumaça, ele investigou a tempestade de fogo embaixo, procurando um sinal de vida, um membro ou um rosto que ainda não tivesse virado carvão como a madeira...

E ele os viu: Malfoy com os braços em volta do inconsciente Goyle, os dois empoleirados sobre uma frágil torre de escrivaninhas queimadas, e Harry mergulhou. Malfoy viu-o descendo, ergueu um braço, mas, no momento em que o

agarrou, Harry percebeu que não
adiantava: Goyle era pesado demais e a mão suada de
Malfoy escorregou instantaneamente da
dele...

- SE MORRERMOS POR CAUSA DELES, VOU MATAR VOCÊ,
HARRY! - vociferou
Rony, e quando uma grande quimera flamejante avanço
u sobre os dois, ele e Hermione
puxaram Goyle para cima da vassoura e subiram mais
uma vez no ar, rolando para os lados,
para a frente e para trás, enquanto Malfoy escalav
a com mãos e pés a traseira da vassoura de
Harry.

- A porta, vão para a porta, a porta! - gritou
Malfoy no ouvido de Harry, e o garoto ganhou
velocidade, seguindo Rony, Hermione e Goyle através
da crescente nuvem de fumaça escura,
mal conseguindo respirar: a toda volta os últimos
objetos ainda não queimados pelas chamas
devoradoras foram parar no ar, enquanto as criatura
s do fogo maldito comemoravam,
atirando-os para o alto: taças, escudos, um colar c
intilante e uma velha tiara descolorida...

- O que você está fazendo, o que você está faze
ndo? A porta é para o outro lado! - gritou
Malfoy, mas Harry fez uma curva fechada e mergulhou
. O diadema parecia cair em câmara
lenta, girando e rebrilhando em direção à barriga d
e uma serpente a bocejar, então ele o
capturou, enlaçando-o no pulso...

Harry fez nova curva quando a serpente se atiro
u sobre ele, empinou o nariz da vassoura e
voou direto para o lugar em que, pedia ele aos céus
, haveria uma porta aberta: Rony,
Hermione e Goyle tinham desaparecido, Malfoy grita
va e se agarrava a Harry com tanta força
que chegava a machucá-lo. Então, através da fumaça,
o garoto viu um trecho retangular da
parede e apontou para lá a vassoura, momentos depoi
s o ar puro encheu seus pulmões e os
dois se chocaram contra a parede no corredor além.

Malfoy caiu da vassoura e ficou deitado de cara

para baixo, arquejando, tossindo e
engulhando. Harry rolou para o lado e se sentou: a
porta da Sala Precisa desaparecera, e Rony
e Hermione, ofegantes, estavam sentados ao lado de
Goyle, que continuava inconsciente.

- C-Crabbe - engasgou Malfoy, assim que pôde fal
ar. - C-Crabbe...

- Ele está morto - disse Rony, com rispidez.

Fez-se silêncio, exceto pelos arquejos e tossida
s. Então, uma série de fortes estampidos
sacudiu o castelo e uma grande cavalgada de vultos
transparentes passou a galope, as cabeças
gritando sedentas de sangue sob os braços dos fanta
smas. Harry se ergueu cambaleando
depois que os Caçadores Sem Cabeça passaram, e olho
u ao seu redor: a batalha continuava
para todo lado. Ouviam-se outros gritos além dos em
itidos pelos fantasmas em retirada. O
pânico cresceu em seu íntimo.

- Onde está a Gina? - perguntou, bruscamente. -
Ela estava aqui. Devia ter voltado para a
Sala Precisa.

- Caramba, você acha que ela ainda funcionará de
pois desse incêndio? - indagou Rony,
mas ele também se levantou, esfregando o peito e ol
hando para os lados. - Vamos nos separar
e procurar...?

- Não - disse Hermione, levantando-se também. Ma
lfoy e Goyle continuavam caídos e
inermes no chão do corredor; nenhum dos dois tinha
varinha. - Ficamos juntos. Vamos...
Harry, que é isso no seu braço?

- Quê? Ah, é...

Ele puxou o diadema do pulso e mostrou-o. Ainda
estava quente, sujo de fuligem, mas, ao
examiná-lo de perto, ele conseguiu entrever os diz
eres minúsculos que havia gravados nele: O
espírito sem limites é o maior tesouro do homem.

Uma substância semelhante a sangue, escura e res
inosa, parecia vazar do diadema. De
repente, Harry sentiu a coisa vibrar violentamente
e se partir em suas mãos, e, quando isso

aconteceu, ele pensou ter ouvido um leve e longínqu
o grito de dor, que não vinha dos terrenos
do castelo, mas da coisa que acabara de se fragment
ar entre seus dedos.
- Deve ter sido o Fogomaldito! - murmurou Hermio
ne, seus olhos cravados nos cacos do
diadema.
- Desculpe?
- Fogomaldito é uma das substâncias que destrói
Horcruxes, mas eu nunca, jamais, teria me
atrevido a usá-lo, tão perigoso que é. Como Crabbe
terá...?
- Deve ter aprendido com os Carrow - disse Harry
, sombriamente.
- Pena que não estivesse prestando atenção quan
do eles ensinaram a apagá-lo, pena mesmo
- disse Rony, cujos cabelos, como os de Hermione, e
stavam chamuscados e cujo rosto estava
preto. - Se não tivesse tentado nos matar, eu lamen
taria a morte dele.
- Mas você não percebe? - cochichou Hermione. -
Isto significa que se pudermos apanhar
a cobra...
Ela, no entanto, se calou quando berros, gritos
e o inconfundível barulho de combate
encheram o corredor. Harry olhou e seu coração pare
ceu parar: Comensais da Morte tinham
penetrado Hogwarts. Fred e Percy acabavam de aparec
er, recuando, os dois duelando com os
homens de máscara e capuz.
Harry, Rony e Hermione correram a ajudar: jorro
s de luz voavam em todas as direções e o
homem que lutava com Percy retrocedeu rapidamente:
então, seu capuz escorregou e eles
viram a testa alta e os cabelos raiados de branco..
.
- Olá, Ministro! - berrou Percy, lançando um fe
itiço certeiro contra Thicknesse, que deixou
cair a varinha e agarrou a frente das vestes, apare
ntando extremo embaraço. - Cheguei a
mencionar que estou me demitindo?
- Você está brincando, Perce! - gritou Fred, qu

ando o Comensal da Morte a quem ele dava
combate desmontou sob o efeito de três Feitiços Es
tuporantes distintos. Thicknesse tinha caído
no chão com espículos brotando por todo o corpo; pe
lo visto, estava se transformando em
alguma forma de ouriço-do-mar. Fred olhou para Perc
y com prazer.

"Você está mesmo brincando, Perce... acho que n
unca ouvi você brincar desde que era..."

O ar explodiu. Eles estavam agrupados, Harry, Ro
ny, Hermione, Fred e Percy, os dois
Comensais da Morte a seus pés, um estuporado, o out
ro transfigurado: e, naquela fração de
instante, quando o perigo parecia temporariamente
contido, o mundo se cindiu. Harry sentiu
que voava pelo ar e tudo que conseguiu fazer foi ag
arrar com todas as forças aquele fino
pedaço de madeira que era a sua única arma, e prote
ger a cabeça com os braços: ele ouviu
berros e gritos de seus companheiros, sem esperança
 de saber o que acontecera com eles.

Então, tudo se resumiu em dor e penumbra: ele e
stava quase soterrado pelos destroços do
corredor que sofrera um terrível ataque: o ar frio
 o fez perceber que aquele lado do castelo
explodira e a sensação pegajosa na face lhe informa
va que estava sangrando profusamente.
Ouviu um grito terrível que arrancou suas entranhas
, expressando uma agonia que nem fogo
nem maldição poderiam causar, e ele se levantou, to
nto, mais assustado do que se sentira
naquele dia, mais assustado talvez do que já se sen
tira na vida...

E Hermione tentava ficar em pé entre os destroço
s, e havia três homens ruivos no chão, que
estavam juntos quando a parede explodiu. Harry segu
rou a mão de Hermione e seguiram,
cambaleando e tropeçando, sobre pedras e paus.

- Não... não... não! - alguém estava gritando. -
 Não! Fred! Não!

Percy sacudia o irmão, Rony estava ajoelhado ao
lado deles, e os olhos de Fred estavam

muito abertos e cegos, o fantasma de sua última ris
ada ainda gravado em seu rosto.

-- CAPÍTULO TRINTA E DOIS --

A Varinha das Varinhas

O mundo acabara, então por que a batalha prosseguia
, o horror não silenciara o castelo, e
cada combatente não depusera suas armas? A mente de
 Harry estava em queda livre, girando
descontrolada, incapaz de apreender o impossível, p
orque Fred Weasley não podia estar
morto, o testemunho dos seus sentidos devia ser men
tiroso...

E, então, um cadáver entrou pelo rombo na fachad
a lateral da escola e feitiços voaram
contra eles vindos da escuridão, atingindo a parede
 atrás de suas cabeças.

- Abaixe-se! - gritou Harry, ao ver que outros
tantos feitiços cortavam a noite: ele e Rony
agarraram Hermione ao mesmo tempo e a puxaram para
o chão, mas Percy se deitara sobre o
corpo de Fred, protegendo-o de dano maior, e quando
 Harry gritou "Percy, anda, temos que
sair daqui!", ele balançou a cabeça.

- Percy! - Harry viu uma trilha de lágrimas mar
car a fuligem no rosto de Rony, quando ele
segurou os ombros do irmão mais velho e puxou-o, ma
s Percy não se moveu. - Percy, você
não pode fazer nada por ele! Vamos...

Hermione gritou e Harry, virando-se, não preciso
u perguntar o porquê. Uma aranha
monstruosa do tamanho de um automóvel compacto esta
va tentando trepar pelo enorme rombo
na parede: um dos descendentes de Aragogue viera pa
rticipar da luta.

Rony e Harry gritaram juntos; seus feitiços coli
diram e o monstro foi rechaçado, suas
pernas sacudiram freneticamente, e ele perdeu-se na
 escuridão.

- Ela trouxe os amigos! - Harry alertou os outr
os, correndo o olhar pelos muros do castelo,
através do buraco que os feitiços tinham aberto: ma
is aranhas gigantescas vinham subindo

pelo lado da construção, libertadas da Floresta Pro
ibida por onde deviam ter penetrado os
Comensais da Morte. Harry lançou Feitiços Estuporan
tes contra as invasoras, derrubando o
monstro que as liderava em cima das companheiras, f
azendo-as rolar fachada abaixo e
desaparecer. Então, mais feitiços voaram sobre a c
abeça de Harry, tão perto que ele sentiu seu
ímpeto despentear-lhe os cabelos.

- Vamos sair, AGORA!

Empurrando Hermione e Rony à frente, Harry se i
nclinou para agarrar o corpo de Fred por
baixo dos braços. Percy, percebendo o que Harry est
ava tentando fazer, soltou o corpo e
ajudou-o; juntos, abaixados para evitar os feitiço
s atirados contra eles, os dois tiraram Fred
do caminho.

- Aqui - disse Harry, e o colocaram em um nicho
onde antes estivera uma armadura. Ele
não aguentaria olhar para Fred nem um segundo além
 do necessário e, se certificando de que o
corpo estava bem escondido, saiu ao encalço de Rony
 e Hermione. Malfoy e Goyle tinham
sumido, mas no fim do corredor, que agora se enchia
 de pó e destroços de alvenaria, de vidros
das janelas há muito estourados, ele viu muitas pe
ssoas avançando e recuando; se eram amigas
ou inimigas, ele não saberia dizer. Dobrando um can
to, Percy soltou um fortíssimo berro
"ROOKWOOD!", e correu em direção a um homem alto, q
ue perseguia uns estudantes.

- Harry, entra aqui! - chamou Hermione.

Ela puxara Rony para trás de uma tapeçaria. Pare
ciam estar lutando e, por um delirante
segundo, Harry achou que estavam se beijando outra
vez; então viu que Hermione estava
tentando impedir Rony de correr atrás de Percy.

- Me escute... ESCUTE, RONY!

- Quero ajudar... quero matar Comensais da Morte
...

Seu rosto estava contorcido, sujo de poeira e fu
ligem, e ele tremia de fúria e pesar.

- Rony, nós somos os únicos que podemos pôr fim a isso! Por favor... Rony... precisamos da cobra, temos que matar a cobra! - disse Hermione.

Harry, no entanto, sabia o que Rony estava sentindo: capturar outra Horcrux não lhe traria a satisfação da vingança; ele também queria lutar, castigar as pessoas que tinham matado Fred, queria achar os outros Weasley e, acima de tudo, ter certeza, certeza absoluta de que Gina não estava... mas ele não podia permitir que essa ideia tomasse corpo em sua mente...

- Nós lutaremos! - disse Hermione. - Teremos que lutar para chegar à cobra! Mas não vamos perder de vista, agora, o que devíamos estar f-fazendo! Somos os únicos que podemos pôr fim a isso!

Ela estava chorando também, e enxugava o rosto na manga queimada e rasgada enquanto falava, mas inspirou profundamente mais de uma vez para se acalmar e, sem largar Rony, virou-se para Harry.

- Você precisa descobrir onde Voldemort está, porque a cobra está com ele, não? Faça isso, Harry... espie a mente dele!

Por que isso era tão fácil? Porque sua cicatriz estava queimando havia horas, querendo lhe mostrar os pensamentos de Voldemort? Ele fechou os olhos quando Hermione mandou, e, na mesma hora, os gritos e estampidos e todos os ruídos dissonantes da batalha foram abafados até se tornarem quase inaudíveis, como se ele estivesse longe, muito longe dali...

Harry estava parado em uma sala arruinada, mas estranhamente familiar, o papel descascando nas paredes e todas as janelas fechadas com tábuas, exceto uma. O fragor do assalto à escola soava indistinto e remoto. A única janela destapada revelava clarões distantes junto ao castelo, mas dentro da sala estava escuro, exceto por uma solitária lâmpada a óleo.

Ele estava girando a varinha entre os dedos, exa

minando-a, seus pensamentos na sala do castelo, a sala secreta que só ele encontrara, a sala, como a Câmara, que a pessoa tinha de ser inteligente, astuta e curiosa para descobrir... ele estava confiante de que o garoto não encontraria o diadema... embora o fantoche de Dumbledore tivesse ido mais longe do que ele jamais imaginara... longe demais...

- Milorde - disse uma voz falha e desesperada. Ele se virou: ali estava Lúcio Malfoy, sentado no canto mais escuro, rasgado e ainda trazendo as marcas do castigo que recebera depois da última fuga do garoto. Um de seus olhos fechado e inchado. - Milorde... por favor... meu filho...

- Se o seu filho estiver morto, Lúcio, não será por minha culpa. Ele não veio se reunir a mim, como os outros alunos da Sonserina. Quem sabe decidiu ser amigo de Harry Potter?

- Não... nunca - sussurrou Malfoy.

- Pois deseje que não.

- O senhor não... não tem medo, Milorde, que Potter morra por outras mãos que não as suas? - perguntou Malfoy, a voz trêmula. - Não seria... me perdoe... mais prudente interromper essa batalha, entrar no castelo e procurá-lo p-pessoalmente?

- Não finja, Lúcio. Você quer que a batalha termine para poder descobrir o que aconteceu com o seu filho. E eu não preciso procurar Potter. Antes que a noite termine, Potter virá me procurar.

Voldemort baixou novamente o olhar para a varinha entre seus dedos. Ela o incomodava... e as coisas que incomodavam Lorde Voldemort precisavam ser resolvidas...

- Vá buscar Snape.

- Snape, M-milorde?

- Snape. Agora. Preciso dele. Tem um... serviço... que preciso que ele faça. Vá.

Assustado, tropeçando um pouco na luz rarefeita da sala, Lúcio saiu. Voldemort continuou

parado ali, girando a varinha nos dedos, estudando-a.

- É a única solução, Nagini - sussurrou, virando a cabeça para onde estava a cobra grande e grossa, agora suspensa no ar, revirando-se graciosamente no espaço encantado e protegido que Voldemort criara para ela: uma esfera transparente e estrelada, algo entre uma jaula cintilante e um tanque.

Com um ofego, Harry se retirou e abriu os olhos; no mesmo instante, seus ouvidos foram assaltados por guinchos e gritos, os choques e estampidos da batalha.

- Ele está na Casa dos Gritos. A cobra está com ele, tem uma espécie de proteção mágica em volta. E ele acabou de mandar Lúcio Malfoy buscar Snape.

- Voldemort está sentado na Casa dos Gritos?! - exclamou Hermione, indignada. - Ele não... ele não está nem lutando?

- Acha que não precisa lutar. Acha que vou procurá-lo.

- Mas por quê?

- Ele sabe que quero as Horcruxes... está mantendo Nagini junto dele... obviamente eu terei de procurá-lo para me aproximar daquela coisa...

- Certo - falou Rony, aprumando os ombros. - Logo, você não pode ir, se é o que ele quer, o que está esperando. Você fica aqui e cuida da Hermione, e eu irei pegar...

Harry interrompeu-o.

- Vocês dois ficam aqui. Irei com a Capa da Invisibilidade e voltarei assim que...

- Não - discordou Hermione -, faz muito mais sentido eu levar a capa e...

- Nem pense nisso - disse Rony, rispidamente.

Antes que Hermione pudesse terminar de dizer "Rony, sou tão capaz...", a tapeçaria no alto da escada em que estavam foi rasgada.

- POTTER!

Dois Comensais da Morte mascarados achavam-se parados ali, mas, antes que pudessem

acabar de erguer suas varinhas, Hermione ordenou:
- Glisseo!
Os degraus sob seus pés se achataram formando u
m plano inclinado pelo qual ela, Harry e
Rony despencaram, incapazes de controlar a sua velo
cidade, tão alta que os Feitiços
Estuporantes dos Comensais da Morte passaram muito
acima de suas cabeças. Os bruxos
atravessaram a tapeçaria que os ocultava e rolaram
pelo chão, batendo na parede oposta.
- Duro! - gritou Hermione, apontando a varinha p
ara a tapeçaria, e eles ouviram dois
baques fortes e nauseantes quando a tapeçaria viro
u pedra e os Comensais que os perseguiam
desabaram com a colisão.
- Para trás! - gritou Rony, e os três se achatar
am contra uma porta no momento em que
passou por eles um trovejante rebanho de carteiras
a galope, pastoreadas por uma professora
McGonagall velocista. Aparentemente não reparou nel
es: seus cabelos tinham se soltado e
havia um corte em seu rosto. Quando virou o canto,
eles a ouviram ordenar: "ATACAR!"
- Harry, vista a capa - disse Hermione -, não se
incomode conosco...
Ele, porém, atirou a capa sobre os três; embora
fossem grandes, ele duvidava que alguém
pudesse ver os seus pés sem corpo através da poeira
que entupia o ar, das pedras caindo, do
brilho dos feitiços.
Eles desceram a escada seguinte e toparam com um
corredor repleto de combatentes. Os
quadros de cada lado estavam cheios de figuras que
gritavam conselhos e incentivos, enquanto
os Comensais da Morte, tanto os mascarados quanto o
s sem máscara, duelavam com
estudantes e professores. Dino conquistara uma vari
nha porque estava cara a cara com
Dolohov, Parvati enfrentava Travers. Harry, Rony e
Hermione ergueram imediatamente as
varinhas, prontos para atacar, mas os adversários z
anzavam para aqui e para ali de tal modo

que, se eles disparassem feitiços, era grande a pr
obabilidade de ferir um aliado. Ainda em
posição, esperando uma oportunidade para agir, ouvi
ram um guincho agudíssimo e, erguendo
os olhos, Harry viu Pirraça que sobrevoava a cena,
disparado, despejando vagens de
Arapucosos nos Comensais da Morte, cujas cabeças er
am subitamente engolfadas por túberas
verdes que se mexiam como gordos vermes.

- Irque!

Um punhado delas batera na capa sobre a cabeça d
e Rony; as raízes verdes e pegajosas
pararam absurdamente no ar enquanto ele tentava sac
udi-las fora.

- Tem alguém invisível lá! - gritou um Comensal
da Morte mascarado, apontando.

Dino tirou partido da momentânea distração do Co
mensal e derrubou-o com um Feitiço
Estuporante; Dolohov tentou retaliar, e Parvati la
nçou contra ele um Feitiço do Corpo Preso.

- VAMOS EMBORA! - berrou Harry, e ele, Rony e He
rmione seguraram a capa mais junto
do corpo e saíram correndo de cabeça abaixada entre
 os combatentes, escorregando um pouco
nas poças de sumo de Arapucosos, em direção à escad
aria de mármore do saguão de entrada.

- Sou Draco Malfoy, sou Draco, estou do seu lado
!

Draco estava no alto da escadaria, se defendendo
 de outro Comensal mascarado. Harry
estuporou o Comensal quando passaram: Malfoy olhou
 para os lados, sorridente, procurando o
seu salvador, e Rony deu-lhe um murro por baixo da
 capa. Malfoy caiu para trás por cima do
Comensal, a boca sangrando, completamente pasmo.

- E essa é a segunda vez que salvamos sua vida h
oje à noite, seu filho da mãe de duas
caras! - berrou Rony.

Havia mais gente duelando por toda a escada e o
saguão, havia Comensais da Morte para
qualquer lugar que Harry olhasse: Yaxley, próximo à
s portas de entrada, dava combate a

Flitwick, um Comensal da Morte mascarado duelava com Kingsley. Estudantes corriam em
todas as direções, alguns carregando ou arrastando amigos feridos. Harry mirou um Feitiço
Estuporante em um Comensal mascarado, falhou, mas quase acertou Neville, que surgira de
algum lugar brandindo uma braçada de Tentáculos Venenosos, dos quais um espécime se
enganchou feliz no Comensal mais próximo e começou a puxá-lo para si.

Harry, Rony e Hermione desceram correndo a escadaria de mármore: vidros estilhaçaram à
sua esquerda e a ampulheta da Sonserina que registrava os pontos da Casa vazou as
esmeraldas pelo recinto, fazendo as pessoas escorregarem e se desequilibrarem ao fugir. Dois
corpos caíram da galeria no alto quando os garotos chegaram ao térreo, e um borrão cinzento,
que Harry pensou ser um animal, correu sobre quatro patas pelo saguão e cravou os dentes em
um dos caídos.

- NÃO! - guinchou Hermione, e com um jato ensurdecedor de sua varinha, Lobo Greyback
foi arremessado para longe do corpo ainda vivo de Lilá Brown. Ele se chocou com os
balaústres de mármore e tentou se pôr de pé. Então, com um cintilante lampejo branco e um
estalo, uma esfera de cristal atingiu-o na cabeça e ele desmontou no chão, e não mais se
mexeu.

- Tenho mais! - gritou a professora Trelawney, do alto da escada. - Mais para quem
quiser! Aqui vai...

E com um movimento que lembrava um serviço de tênis, ela ergueu outra enorme bola de
cristal da bolsa, acenou com a varinha no ar e fez a bola disparar pelo saguão e atravessar
uma janela, destroçando-a. No mesmo momento, as pesadas portas de madeira da entrada se
escancararam, e mais aranhas gigantes forçaram a entrada no saguão.

Berros de terror cortaram o ar: os combatentes

se dispersaram, tanto Comensais da Morte
quanto Hogwartianos, e jatos de luz vermelha e verd
e foram lançados no meio dos monstros
atacantes, que estremeciam e se empinavam, mais pav
orosos que nunca.

- Como vamos sair? - berrou Rony, mais alto que
a gritaria geral, mas, antes que Harry ou
Hermione pudessem responder, foram empurrados para
o lado: Hagrid desceu trovejando,
brandindo seu florido guarda-chuva rosa.

- Não machuquem elas, não machuquem elas! - berr
ava.

- HAGRID, NÃO!

Harry esqueceu todo o resto: saltou de baixo da
capa e correu abaixado para evitar os
feitiços que iluminavam todo o saguão.

- HAGRID, VOLTE AQUI!

Ele, no entanto, não cobrira sequer a metade da
distância até Hagrid, quando viu acontecer:
Hagrid desapareceu entre as aranhas e, com grande c
orreria e um movimento de enxame, elas
se retiraram sob uma barragem violenta de feitiços,
Hagrid soterrado no meio delas.

- HAGRID!

Harry ouviu alguém chamar seu nome, fosse amigo
ou inimigo não fez diferença: ele se
precipitou pelos degraus da entrada em direção aos
jardins escuros, e o enxame de aranhas se
afastava com sua presa, e ele não conseguia ver nen
huma parte de Hagrid.

- HAGRID!

Ele pensou ter avistado um enorme braço acenando
em meio às aranhas, mas, quando fez
menção de persegui-las, seu caminho foi barrado por
um pé monumental, que baixou da
escuridão e fez estremecer o chão em que pisou. Har
ry ergueu a cabeça: havia um gigante
parado diante dele, seis metros de altura, a cabeça
oculta nas sombras, nada exceto canelas
peludas e grossas como troncos de árvores iluminada
s pelas luzes do castelo. Com um
movimento brutal, ele enfiou o punho maciço por uma

janela dos andares superiores e o vidro choveu sobre Harry, forçando-o a recuar para a proteção do portal de entrada.

- Ah, meu...! - guinchou Hermione, quando ela e Rony alcançaram Harry e olharam para o gigante, que agora tentava gadunhar gente pela janela.

- NÃO! - berrou Rony, agarrando a mão de Hermione e quando ela ergueu a varinha. - Se você o estuporar, ele achatará metade do castelo...

- HAGGER?

Grope surgiu correndo pela quina do castelo; só agora Harry percebia que ele era, na realidade, um gigante nanico. O monstro gargantuano, que tentava esmagar gente nos andares altos, olhou para o lado e soltou um rugido. Os degraus de pedra vibraram quando ele se voltou pesadamente para o seu pequeno parente, e a boca torta de Grope se abriu, deixando à mostra dentes amarelos do tamanho de tijolos; então eles se atiraram um ao outro com a selvageria de leões.

- CORRAM! - berrou Harry; a noite se enchia de gritos medonhos e pancadas de gigantes em luta, e ele segurou a mão de Hermione e saiu disparado pelos degraus de acesso aos jardins, Rony seguiu-os. Harry não perdera a esperança de salvar Hagrid; corriam tão depressa que já estavam a meio caminho da Floresta quando foram novamente barrados.

O ar ao redor congelara: a respiração de Harry ficou presa e solidificou em seu peito. Sombras saíram da escuridão, vultos rodopiantes de puro negrume deslocavam-se em uma grande onda em direção ao castelo, os rostos ocultos sob o capuz e a respiração estertorante...

Rony e Hermione se colocaram dos lados de Harry quando os ruídos da batalha às suas costas repentinamente silenciaram, morreram, porque caía denso sobre a noite um silêncio que somente os dementadores poderiam trazer...

- Vamos, Harry! - Ele ouviu a voz de Hermione ch amando de muito distante. - Patronos, Harry, vamos!

Ele ergueu a varinha, mas um surdo desalento o i nvadiu: Fred se fora e Hagrid certamente estava morrendo ou morto; quantos mais ele ainda ig norava que jaziam mortos? Tinha a sensação de que metade de sua alma abandonara seu c orpo...

- ANDA, HARRY! - gritou Hermione.

Cem dementadores vinham avançando, deslizando ao encontro deles, sugando a distância para se avizinhar do desespero de Harry, que era um a promessa de banquete...

Ele viu o terrier prateado de Rony irromper no ar, brilhar fracamente e se extinguir; viu a lontra de Hermione girar no ar e se dissolver, e a varinha tremeu em sua mão, fazendo-o quase acolher com prazer o oblívio que chegava, a promess a do nada, da ausência da emoção...

Então, uma lebre, um javali e uma raposa pratead os sobrevoaram as cabeças de Harry, Rony e Hermione: os dementadores recuaram ante a ap roximação dos animais. Mais três pessoas emergiram da escuridão para se postar ao se u lado, as varinhas em punho, continuando a conjurar Patronos: Luna, Ernesto e Si mas.

- Certo - disse Luna em tom de incentivo, como s e estivessem de volta à Sala Precisa e aquilo fosse simplesmente uma prática de feitiços p ara a Armada de Dumbledore. - Certo, Harry... vamos, pense em alguma coisa feliz...

- Alguma coisa feliz? - disse ele, a voz quebrad a.

- Ainda estamos todos aqui - sussurrou ela -, ai nda estamos lutando. Vamos, agora...

Houve uma faísca prateada, depois uma luz vacila nte, então, com o maior esforço que já lhe custara, o veado irrompeu da ponta da varinha de Ha rry. Ele avançou em um meio galope e agora os dementadores realmente se dispersaram e lo

go a noite amornou, mas os sons da
batalha circundante agrediam seus ouvidos.
- Nem sei como agradecer a vocês - disse Rony tr
êmulo, dirigindo-se a Ernesto e Simas -,
vocês acabaram de salvar...
Com um rugido e um tremor de terra, outro gigant
e se precipitou da escuridão vindo da
Floresta, brandindo uma clava maior do que qualquer
um deles.
- CORRAM! - tornou Harry a gritar, mas eles não
precisaram ouvir a ordem: todos se
espalharam na hora certa, pois o pé descomunal da
criatura baixou exatamente no lugar em que
tinham estado parados. Harry olhou para os lados: R
ony e Hermione continuaram a segui-lo,
mas os outros três tinham voltado à luta e desapare
cido de vista.
- Vamos sair da linha de fogo! - berrou Rony, q
uando o gigante tornou a girar a clava e
seus urros ecoaram pela noite nos terrenos da escol
a, onde clarões vermelhos e verdes
continuavam a iluminar a escuridão.
- O Salgueiro Lutador - disse Harry. - Agora!
De alguma forma, ele emparedara as emoções em su
a mente, confinara-as em um pequeno
espaço para o qual ele não podia olhar agora: pensa
mentos sobre Fred e Hagrid, e seu medo
por aqueles que amava, espalhados dentro e fora do
castelo, todos precisariam esperar,
porque eles tinham que correr, tinham que chegar à
cobra e Voldemort, porque era, como dizia
Hermione, a única maneira de acabar com aquilo...
Ele correu velozmente, acreditando que, de certa
forma, poderia ultrapassar a morte em si,
ignorando os jatos de luz que voavam pela escuridã
o à sua volta, o ruído do lago quebrando
como o mar, e os rangidos da Floresta Proibida, emb
ora fosse uma noite de calmaria; através
dos jardins que pareciam ter, eles mesmos, se rebel
ado, Harry correu mais veloz do que
jamais o fizera na vida, e foi ele quem viu primei
ro a grande árvore, o Salgueiro que protegia

o segredo em suas raízes com ramos que cortavam com o chicotes.

Com a respiração ofegante, Harry desacelerou, r odeando os ramos socadores do Salgueiro, examinando na escuridão o seu grosso tronco, tenta ndo localizar o nó único na casca da velha árvore que a paralisava. Rony e Hermione o alcançar am tão sem fôlego que não conseguiam falar.

- Como... como vamos entrar? - ofegou Rony. - Po deria... ver o lugar... se ao menos tivéssemos... Bichento...

- Bichento? - chiou Hermione, dobrada, segurando o peito. - Você é um bruxo ou não é?

- Ah... certo... é...

Rony olhou em volta e em seguida apontou a varin ha para um graveto no chão e disse:

- Wingardium Leviosa! - O graveto ergueu-se do c hão, girou no ar como se uma rajada de vento o apanhasse, então disparou certeiro contra o tronco entre os ramos do Salgueiro Lutador que balançavam agourentamente. Cravou dire to em determinado ponto junto às raízes, e imediatamente a árvore se imobilizou.

- Perfeito! - ofegou Hermione.

- Esperem.

Por um lento segundo, ouvindo os choques e estr ondos da batalha que enchiam o ar, Harry hesitou. Voldemort queria que ele fizesse aquilo, queria que ele viesse... estaria levando Rony e Hermione para uma armadilha?

A realidade, porém, pareceu assediá-lo, simples e cruel: o único modo de progredir era matar a cobra, e a cobra estava onde Voldemort est ava, e Voldemort estava no fim do túnel...

- Harry, vamos com você, entre logo aí! - disse Rony, empurrando-o para a frente.

Harry se espremeu pela passagem de terra oculta pelas raízes da árvore. Estava muito mais apertada do que da última vez que penetraram ali. O túnel tinha o teto baixo: eles precisaram se dobrar para atravessá-lo quase quatro anos antes

, agora não havia opção exceto engatinhar.
Harry entrou primeiro, a varinha iluminada, espera
ndo encontrar barreiras a qualquer instante,
mas não havia nenhuma. Eles se moveram em silêncio
, o olhar de Harry fixo na luz oscilante
da varinha que empunhava.

Por fim, o túnel começou a se inclinar para o a
lto e Harry viu adiante uma fresta de luz.
Hermione deu um puxão em seu tornozelo.

- A capa! - sussurrou ela. - Vista a capa!

Ele tateou às costas e ela empurrou em sua mão l
ivre um embrulho de tecido escorregadio.
Com dificuldade, ele puxou a Capa da Invisibilidade
 por cima do corpo e murmurou "Nox",
apagando a luz da varinha e continuando a engatinha
r o mais silenciosamente possível, todos
os seus sentidos tensos, esperando a cada segundo
ser descoberto, ouvir a voz fria e clara, ver
um lampejo de luz verde.

Então, ele ouviu vozes que vinham da sala direta
mente à frente, ligeiramente abafadas
porque a abertura no final do túnel estava bloquead
a por um objeto que parecia um velho
caixote. Mal se atrevendo a respirar, Harry avanço
u cauteloso até a saída e espiou por uma
pequena fresta entre o caixote e a parede.

A sala estava mal iluminada, mas dava para ver N
agini, girando e se enrolando como se
estivesse embaixo da água, protegida em sua encant
ada esfera de estrelas, que flutuava sem
apoio no ar. Dava para ver a ponta de uma mesa e um
a mão branca de dedos longos brincando
com uma varinha. Então Snape falou, e o coração de
Harry deu um salto: o bruxo estava a
centímetros do lugar em que ele se encolhia escondi
do.

- ... Milorde, a resistência está entrando em co
lapso...

- ... e está fazendo isso sem a sua ajuda - ret
orquiu Voldemort, com sua voz clara e aguda.
- Mesmo sendo um bruxo competente, Severo, acho que
 você não fará muita diferença agora.

Estamos quase chegando lá... quase.
- Deixe-me procurar o garoto. Deixe-me trazer P otter. Sei que posso encontrá-lo, Milorde. Por favor.
Snape passou em frente à fresta e Harry recuou u m pouco, mantendo os olhos fixos em Nagini, imaginando se haveria algum feitiço que pu desse penetrar a proteção que a cercava, mas não conseguiu pensar em nada. Uma tentativa fra cassada e trairia sua posição...
Voldemort se levantou. Harry o via agora, via s eus olhos vermelhos e o rosto achatado e ofídico, sua palidez levemente luminosa na penumbra .
- Tenho um problema, Snape - disse Voldemort, su avemente.
- Milorde?
Voldemort ergueu a Varinha das Varinhas, seguran do-a com a delicadeza e a precisão de uma batuta de maestro.
- Por que ela não funciona comigo, Severo?
No silêncio, Harry imaginou que ouvia a cobra si lvar levemente, enrolando-se e desenrolando-se, ou seria o suspiro sibilante de Vo ldemort ainda vibrando no ar?
- Mi... milorde? - replicou Snape, aturdido. - N ão estou entendendo. O senhor realizou extraordinária magia com essa varinha.
- Não. Realizei a minha magia habitual. Sou ext raordinário, mas esta varinha... não. Ela não revelou as maravilhas prometidas. Não sinto diferen ça entre esta varinha e a que comprei de Olivaras tantos anos atrás.
O tom de Voldemort era reflexivo, calmo, mas a c icatriz de Harry começara a latejar e vibrar: a dor em sua testa aumentava e ele percebia um sentimento de fúria controlada crescer em Voldemort.
- Não há diferença - repetiu Voldemort.
Snape não respondeu. Harry não via seu rosto. Pô s-se a imaginar se ele perceberia o perigo, se estava tentando achar as palavras certas

para tranquilizar o seu senhor.
Voldemort começou a andar pela sala. Harry perde
u-o de vista por alguns segundos nos
quais ele rondava, ainda falando naquele mesmo tom
comedido; a dor e a fúria se avolumavam
em Harry.
- Estive refletindo longa e intensamente, Sever
o... você sabe por que o fiz voltar da cena da
batalha?
E, por um momento, Harry viu o perfil de Snape:
seus olhos estavam pregados na cobra que
se enroscava na jaula encantada.
- Não, Milorde, mas peço que me deixe retornar.
Me deixe encontrar Potter.
- Você parece o Lúcio falando. Nenhum dos dois c
ompreende Potter como eu. Ele não
precisa ser achado. Ele virá a mim. Conheço sua fr
aqueza, entende, seu grande defeito. Ele
não suportará ver os outros caírem fulminados ao se
u redor, sabendo que é por ele que estão
morrendo. Irá querer pôr um fim nisso a qualquer cu
sto. Ele virá.
- Mas, Milorde, ele pode ser morto acidentalment
e por outra pessoa que não o senhor.
- Minhas instruções aos meus Comensais da Morte
foram absolutamente claras. Capturem
Potter. Matem seus amigos... quanto mais melhor...
mas não o matem.
"Mas é sobre você que eu queria falar, Severo, e
não Harry Potter. Você tem sido muito
valioso para mim. Muito valioso."
- Milorde, sabe que só busco servi-lo. Mas... me
deixe ir procurar o garoto, Milorde.
Deixe-me trazer Potter ao senhor. Sei que posso...
- Já lhe disse, não! - exclamou Voldemort, e Har
ry percebeu um brilho vermelho em seus
olhos quando ele se virou, o farfalhar de sua capa
lembrando o rastejar de uma cobra, e o
garoto sentiu a impaciência de Voldemort na queima
ção de sua cicatriz. - Minha preocupação
no momento, Severo, é o que irá acontecer quando eu
finalmente me encontrar com o garoto!

- Milorde, não pode haver dúvida, certamente...?

- ... mas há uma dúvida, Severo. Há.

Voldemort fez uma pausa, e Harry ouviu-o claram ente escorregando a Varinha das Varinhas entre seus dedos brancos, com os olhos em Snape.

- Por que as duas varinhas que usei não funciona ram quando as apontei para Harry Potter?

- Eu... eu não sei responder, Milorde.

- Não sabe?

A pontada de raiva pareceu um furador penetrand o a cabeça de Harry: ele enfiou o punho na boca para conter os gritos de dor. Fechou os olhos e, subitamente, ele era Voldemort, encarando o rosto pálido de Snape.

- Minha varinha de teixo fez tudo que lhe pedi p ara fazer, Severo, exceto matar Harry Potter. Falhou duas vezes. Olivaras me falou, sob tortura, dos núcleos gêmeos, me aconselhou a tomar a varinha de outro. Fiz isso, mas a varinh a de Lúcio se partiu ao enfrentar a de Potter.

- Eu... eu não tenho explicação, Milorde.

Snape não estava olhando para Voldemort no momen to. Seus olhos negros continuavam fixos na cobra movimentando-se em sua esfera protet ora.

- Procurei uma terceira varinha, Severo. A Varin ha das Varinhas, a Varinha do Destino, a Varinha da Morte, tirei-a do seu dono anterior. Tir ei-a do túmulo de Alvo Dumbledore.

E agora Snape olhou para Voldemort, e seu rosto lembrava uma máscara mortuária. Estava branco-mármore e tão imóvel que, quando ele falou, foi um susto perceber que havia um ser vivente por trás dos seus olhos inexpressivos.

- Milorde... me deixe ir até o garoto...

- Durante toda essa longa noite, de vitória imi nente, estive sentado aqui - disse Voldemort, sua voz pouco mais do que um sussurro - pensando, pensando, por que a Varinha das Varinhas se recusa a ser o que deveria ser, se recusa a agir como a lenda diz que deve agir para o seu

legítimo dono... e acho que sei a resposta.
Snape ficou calado.
- Talvez você já saiba, não? Afinal, você é um homem inteligente, Severo. Você tem sido um servo bom e fiel, e eu lamento o que terá de acontecer.
- Milorde...
- A Varinha das Varinhas não pode me servir corretamente, Severo, porque não sou o seu verdadeiro dono. A Varinha das Varinhas pertence ao bruxo que matou o seu dono anterior. Você matou Alvo Dumbledore. Enquanto você viver, Severo, a Varinha das Varinhas não pode ser verdadeiramente minha.
- Milorde! - protestou Snape, erguendo a varinha.
- Não pode ser de outro modo - replicou Voldemort. - Tenho que dominar a varinha, Severo. Domino a varinha e domino Potter, enfim.
E Voldemort cortou o ar com a Varinha das Varinhas. Ela não afetou Snape, que, por uma fração de segundo, pareceu pensar que sua execução fora temporariamente suspensa: então, a intenção de Voldemort se tornou evidente. A jaula da cobra girava no ar, e, antes que Snape pudesse dar mais do que um grito, ela o envolvera, a cabeça e os ombros, e Voldemort falava em linguagem ofídica.
- Mate.
Ouviu-se um berro terrível. Harry viu o rosto de Snape perder a pouca cor que lhe restava, embranquecer, e seus olhos negros se arregalarem quando as presas da cobra se cravaram em seu pescoço, pois não conseguira repelir a jaula encantada para longe, seus joelhos cederam e ele caiu ao chão.
- Lamento - disse Voldemort, friamente.
O Lorde das Trevas virou-se para sair; não havia tristeza alguma nele, remorso algum. Estava na hora de deixar a casa e assumir o comando, com a varinha que agora lhe obedeceria perfeitamente. Apontou-a para a jaula estrelada que

continha a cobra, e ela se elevou, afastando-se de Snape, caído de lado no chão, o sangue esguichando dos ferimentos no pescoço. Voldemort saiu imponente da sala sem sequer olhar para trás, e a grande cobra acompanhou-o flutuando em sua enorme esfera protetora.

De volta ao túnel e à sua própria mente, Harry abriu os olhos: fizera sangrar os punhos mordendo-os na tentativa de refrear seus gritos. Agora ele olhava pela pequena fresta entre o caixote e a parede, observando uma bota tremendo no chão.

- Harry! - sussurrou Hermione às suas costas, mas ele já apontara a varinha para o caixote que bloqueava sua visão. O objeto se ergueu uns três centímetros no ar e se deslocou sem ruído para o lado. O mais silenciosamente que pôde, ele se guindou para dentro da sala.

Não sabia por que estava fazendo aquilo, por que estava se aproximando do homem moribundo: não sabia o que sentia ao ver o rosto branco de Snape e os dedos tentando estancar o sangue no ferimento do pescoço. Harry tirou a Capa da Invisibilidade e olhou do alto para o homem que odiava, cujos olhos arregalados encontraram Harry ao tentar falar. Harry se curvou sobre ele; Snape agarrou a frente de suas vestes e puxou-o para perto. Um gargarejo rascante e terrível saiu da garganta do professor.

- Leve... isso... Leve... isso...

Alguma coisa além do sangue vazava de Snape. Algo prateado, nem gás, nem líquido, jorrou de sua boca, ouvidos e olhos, e Harry percebeu o que era, mas não sabia o que fazer...

Um frasco materializou-se no ar e foi empurrado em suas mãos por Hermione. Harry recolheu a substância prateada com a varinha. Quando o frasco se encheu e Snape pareceu exangue, ele afrouxou o aperto nas vestes de Harry.

- Olhe... para... mim - sussurrou o bruxo.

Os olhos verdes encontraram os negros, mas em um segundo alguma coisa no fundo dos olhos de Snape pareceu sumir, deixando-os fixos, inexpressivos e vazios. A mão que segurava Harry bateu no chão e Snape não se mexeu mais.

-- CAPÍTULO TRINTA E TRÊS --

A história do Príncipe

Harry permaneceu ajoelhado ao lado de Snape, simplesmente contemplando-o, até que, de súbito, uma voz aguda e fria falou tão perto que ele se pôs de pé com um salto, o frasco bem seguro na mão, pensando que Voldemort tivesse voltado à sala.

A voz do Lorde das Trevas ressoou nas paredes e no chão, e Harry percebeu que o bruxo estava se dirigindo a Hogwarts e a toda a área vizinha, para que os residentes de Hogsmeade e todos que ainda lutavam no castelo o ouvissem tão claramente como se estivesse ao lado deles, bafejando-lhes na nuca, à distância de um golpe mortal.

"Vocês lutaram", disse a voz, "valorosamente. Lorde Voldemort sabe valorizar a bravura.

"Vocês sofreram pesadas baixas. Se continuarem a resistir a mim, todos morrerão, um a um. Não quero que isto aconteça. Cada gota de sangue mágico derramado é uma perda e um desperdício.

"Lorde Voldemort é misericordioso. Ordeno que as minhas forças se retirem imediatamente.

"Vocês têm uma hora. Deem um destino digno aos seus mortos. Cuidem dos seus feridos.

"Eu me dirijo agora diretamente a você, Harry Potter. Você permitiu que os seus amigos morressem por você em lugar de me enfrentar pessoalmente. Esperarei uma hora na Floresta Proibida. Se ao fim desse prazo, você não tiver vindo ao meu encontro, não tiver se entregado, então a batalha recomeçará. Desta ve

z eu participarei da luta, Harry Potter,
e o encontrarei, e castigarei até o último homem, m
ulher e criança que tentou escondê-lo de
mim. Uma hora."

Ambos, Rony e Hermione, sacudiram a cabeça frene
ticamente, olhando para Harry.

- Não dê ouvidos a ele - disse Rony.

- Tudo dará certo - acrescentou Hermione, irref
letidamente. - Vamos voltar ao castelo, se
ele foi para a Floresta precisaremos pensar em um n
ovo plano...

Ela olhou para o corpo de Snape e voltou corren
do ao túnel. Rony seguiu-a. Harry recolheu
a Capa da Invisibilidade tornou a lançar um olhar a
 Snape. Não sabia o que sentir, exceto
choque pela maneira como fora morto, e a razão aleg
ada...

Eles voltaram engatinhando pelo túnel, calados,
e Harry ficou em dúvida se Rony e
Hermione ainda conseguiam ouvir o eco das palavras
de Voldemort em sua cabeça, como ele.

Você permitiu que os seus amigos morressem por v
ocê em lugar de me enfrentar
pessoalmente. Esperarei uma hora na Floresta Proibi
da... uma hora...

Pequenos embrulhos pareciam coalhar o gramado em
 frente ao castelo. Devia faltar pouco
mais de uma hora para amanhecer, mas estava um breu
. Os três se apressaram em direção aos
degraus de pedra da entrada. Um tamanco solitário,
do tamanho de um pequeno barco, se
achava abandonado ali. Não havia sinal de Grope nem
 do seu atacante.

O castelo estava anormalmente silencioso. Não ha
via clarões agora, nem estampidos, nem
gritaria. As lages do deserto saguão de entrada es
tavam manchadas de sangue. As esmeraldas
continuavam espalhadas pelo piso ao lado de pedaços
 de mármore e lascas de madeira. Parte
do balaústre fora destruído.

- Onde estão todos? - sussurrou Hermione.

Rony saiu à frente para o Salão Principal. Harry

parou à porta.

As mesas das Casas tinham sido retiradas, e o salão estava lotado. Os sobreviventes formavam grupos, abraçando uns aos outros. Na plataforma, os feridos recebiam atendimento de Madame Pomfrey e seus auxiliares. Firenze estava entre os feridos; seu flanco sangrava e ele se agitava deitado, incapaz de se levantar.

Os mortos estavam enfileirados no meio do salão. Harry não viu o corpo de Fred, porque a família o rodeava. Jorge estava ajoelhado à cabeça do irmão gêmeo; a sra. Weasley se deitara sobre o seu peito, o corpo sacudindo, o sr. Weasley acariciava os cabelos dela e as lágrimas desciam em cascata pelo seu rosto.

Sem dizer palavra a Harry, Rony e Hermione se afastaram. Harry viu Hermione se aproximar de Gina, cujo rosto estava inchado e borrado, e abraçou-a. Rony se juntou a Gui, Fleur e Percy, que passou o braço pelos ombros do irmão. Quando Gina e Hermione se aproximaram do resto da família, Harry pôde ver com clareza os corpos ao lado de Fred: Remo e Tonks, pálidos e imóveis, a fisionomia plácida, aparentemente dormindo sob o escuro teto encantado.

O Salão Principal pareceu fugir, se tornar menor, encolher, quando Harry recuou tonto do portal. Não conseguia respirar. Não conseguia suportar a visão dos outros corpos, saber quem mais morrera por ele. Não conseguia suportar a ideia de se reunir aos Weasley, não conseguia olhar em seus olhos, pois se ele tivesse se sacrificado em primeiro lugar, Fred talvez não tivesse morrido...

Ele deu as costas e subiu, rápido, a escadaria de mármore. Lupin, Tonks... ele ansiava por não sentir... desejava poder arrancar seu coração, suas entranhas, tudo que estava gritando dentro dele...

O castelo estava completamente vazio; até os fantasmas pareciam ter se reunido ao funeral

coletivo no Salão Principal. Harry correu sem para
r, apertando o frasco de cristal contendo as
últimas lembranças de Snape, e não desacelerou até
alcançar a gárgula de pedra que guardava
o gabinete do diretor.

"Senha?"

- Dumbledore! - disse, sem pensar, porque era qu
em ele ansiava por ver, e, para sua
surpresa, a gárgula se afastou revelando a escada c
ircular que protegia.

Quando, porém, Harry irrompeu pelo gabinete, en
controu-o mudado. Os retratos pendurados
a toda volta estavam vazios. Nem um único diretor
ou diretora ficara para vê-lo: pelo visto,
todos tinham saído voando, atravessado os quadros q
ue se alinhavam pelo castelo, para poder
ter uma boa visão dos acontecimentos.

Harry olhou desesperado para o quadro deserto de
Dumbledore, diretamente atrás da
cadeira do diretor, e lhe deu as costas. A Penseir
a de pedra estava no armário onde sempre
estivera: Harry carregou-a para cima da escrivaninh
a e despejou as lembranças de Snape na
grande bacia com a borda de runas. Fugir para a ca
beça de outro era um alívio abençoado...
nada que mesmo alguém como Snape tivesse lhe deixad
o poderia ser pior do que os seus
próprios pensamentos. As lembranças giraram, branc
o-prateadas e estranhas, e, sem hesitar,
possuído de um sentimento de irrefletido abandono,
como se isso pudesse aliviar a tortura do
seu pesar, Harry mergulhou.

Caiu de cabeça em um lugar ensolarado e seus pés
encontraram um chão morno. Quando se
endireitou, viu que estava em um parquinho infantil
quase deserto. Uma enorme chaminé
solitária dominava o horizonte distante. Duas meni
nas se balançavam para a frente e para trás,
e um menino magricela as observava, de trás de uma
moita de arbustos. Seus cabelos negros
eram demasiado longos e suas roupas tão díspares qu
e isso até parecia intencional: jeans

excessivamente curto, um casaco enxovalhado e tão l
argo que poderia ter pertencido a um
adulto, uma camisa estranha, com aspecto de bata.
Harry se acercou do garoto. Snape não parecia te
r mais de nove ou dez anos, macilento,
pequeno, rijo. Havia uma indisfarçável cobiça em se
u rosto magro ao espiar a mais jovem das
meninas que se balançava mais alto do que a irmã.
- Lílian, não faz isso! - gritava a mais velha.
A garota, porém, soltava o balanço na altura máx
ima do arco que descrevia e voava no ar,
literalmente voava, atirava-se para o céu com uma g
rande gargalhada e, em vez de cair no
asfalto do parquinho, pairava no ar como uma artis
ta de trapézio, permanecendo no alto tempo
demais, aterrissando leve demais.
- Mamãe disse para você não fazer!
Petúnia parou o próprio balanço arrastando os ca
lcanhares das sandálias no chão,
produzindo um forte atrito, depois saltou, com as m
ãos nos quadris.
- Mamãe disse que você não podia, Lílian!
- Mas eu estou ótima - respondeu Lílian, ainda r
indo. - Túnia, dá uma olhada. Veja o que
eu sei fazer.
Petúnia relanceou a sua volta. O parquinho estav
a deserto exceto pelas duas e, embora as
garotas ignorassem, Snape. Lílian apanhara uma flor
 caída na moita em que o garoto
espreitava. Petúnia se aproximou, evidentemente div
idida entre a curiosidade e a
desaprovação. Lílian esperou a irmã chegar suficie
ntemente perto para poder ver bem, então
estendeu a palma da mão. A flor estava ali, abrindo
 e fechando as pétalas, como uma bizarra
ostra com muitos lábios.
- Para com isso! - guinchou Petúnia.
- Não estou machucando ninguém - respondeu Lília
n, mas fechou a flor na mão e atirou-a
no chão.
- Não é direito - reclamou Petúnia, mas seus ol
hos tinham acompanhado o voo da flor até o

chão e se detiveram nela. - Como é que você faz is
so? - acrescentou, e havia um claro desejo
em sua voz.

- É óbvio, não é? - Snape não conseguira mais s
e conter e saltara de trás da moita. Petúnia
gritou e voltou correndo para os balanços, mas Líli
an, embora visivelmente assustada, não
arredou pé. Snape pareceu se arrepender de ter se
mostrado. Um colorido baço subiu às suas
bochechas pálidas quando olhou para Lílian.

- O que é óbvio? - perguntou ela.

Snape tinha um ar de nervosa excitação. Com um o
lhar rápido à distante Petúnia, agora
parada ao lado dos balanços, ele baixou a voz e dis
se:

- Sei o que você é.

- Como assim?

- Você é... você é uma bruxa - sussurrou Snape.

Ela se ofendeu.

- Não é bonito dizer isso a uma pessoa!

Ela deu as costas, empinou o nariz e se afastou
com firmeza em direção à irmã.

- Não! - chamou Snape. Estava agora muito vermel
ho, e Harry se perguntou por que não
tirava aquele casaco ridiculamente grande, a não se
r que quisesse esconder a bata que usava
por baixo. Ele saiu atrás das garotas abanando o ca
saco, já parecendo o absurdo morcego que
veio a se tornar em adulto.

As irmãs o avaliaram, unidas em sua desaprovação
, ambas se segurando na armação do
balanço como se fosse um pique.

- Você é - disse Snape a Lílian. - Você é uma br
uxa. Estive observando um tempo. Mas
não é uma coisa ruim. Minha mãe é, eu sou um bruxo.

A risada de Petúnia foi um balde de água fria.

- Bruxo! - guinchou ela, retomando a coragem, ag
ora que se refizera do choque de sua
inesperada aparição. - Eu sei quem você é. Você é a
quele garoto Snape! Mora na rua da
Fiação na beira do rio - disse Petúnia à irmã, deix

ando evidente, pelo seu tom, que considerava o endereço uma fraca recomendação. - Por que estava nos espionando?

- Não estava espionando - respondeu Snape, vermelho e constrangido, os cabelos sujos à claridade do sol. - Não espionaria você, pode ter certeza - acrescentou vingativo -, você é uma trouxa.

Embora Petúnia não entendesse a palavra, o tom não deixava dúvida.

- Lílian, anda, vamos embora! - disse esganiçada. Lílian obedeceu imediatamente à irmã, fazendo cara feia para Snape ao se afastar. Ele ficou parado observando-as se dirigirem ao portão do parquinho, e Harry, o único que restara ali, reconheceu o amargo desapontamento de Snape e compreendeu que o bruxo planejara aquele momento há muito tempo e que tudo saíra errado...

A cena se dissolveu e, antes que Harry tomasse consciência, uma nova se formara ao seu redor. Achava-se agora em um arvoredo. Via o rio banhado de sol cintilando entre os troncos. As sombras projetadas pelas árvores produziam um círculo de sombra verde e fresca. Snape agora despira o casaco; sua bata esquisita causava menos estranheza à meia-luz.

- ... e o Ministério pode punir você se usar magia fora da escola, você recebe cartas.

- Mas eu usei magia fora da escola!

- Não é o nosso caso. Ainda não temos varinhas. Não castigam quando a gente é criança e não consegue se controlar. Mas quando se faz onze anos - ele acenou a cabeça com autoridade - e começam a nos ensinar, então temos que maneirar.

Houve um breve silêncio. Lílian apanhara um gravetinho no chão e girou-o no ar, e Harry percebeu que ela estava imaginando faíscas saindo de sua ponta. Ela largou o graveto, se inclinou para o garoto e perguntou:

- Isso é verdade, não é? Não é uma brincadeira?

Petúnia diz que você está mentindo.
Petúnia diz que Hogwarts não existe. É verdade, não é?
- É verdade para nós - respondeu Snape. - Não para ela. Mas nós receberemos a carta, você e eu.
- Sério? - sussurrou Lílian.
- Sem a menor dúvida. - E mesmo com os seus cabelos mal cortados e suas roupas descombinadas, ele era uma figura estranhamente impressionante, esparramado à sua frente, esbanjando confiança no próprio destino.
- E realmente vai ser entregue por uma coruja? - sussurrou Lílian.
- Normalmente é. Mas você é nascida trouxa, então alguém da escola terá de vir explicar aos seus pais.
- Faz diferença ser nascida trouxa?
Snape hesitou. Seus olhos negros, ansiosos à sombra esverdeada, percorreram o rosto pálido e os cabelos acaju da garota.
- Não - garantiu ele. - Não faz a menor diferença.
- Que bom - disse Lílian, se descontraindo: era evidente que andara preocupada.
- Você tem muita magia. Eu vi. Todas as vezes que estive espiando você.
Sua voz foi se distanciando; ela não estava mais ouvindo, deitara-se no chão coberto de folhas e contemplava a abóbada de folhas no alto. Ele a observava tão avidamente quanto o fizera no parquinho.
- Como vão as coisas em sua casa? - perguntou Lílian.
Um pequeno vinco apareceu entre os olhos dele.
- Ótimas.
- Eles não estão mais brigando?
- Ah, sim, continuam brigando. - Ele apanhou um punhado de folhas e começou a rasgá-las, aparentemente sem notar o que estava fazendo. - Mas não vai demorar muito e logo terei ido embora.

- O seu pai não gosta de magia?
- Ele não gosta muito de nada.
- Severo?
Um pequeno sorriso curvou os cantos da boca de S nape ao ouvi-la pronunciar o seu nome.
- Quê?
- Me fale outra vez dos dementadores.
- Para que quer saber sobre eles?
- Se eu usar magia fora da escola...
- Não entregariam você aos dementadores só por i sso! São para as pessoas que fazem coisas realmente ruins. Os dementadores guardam a prisão dos bruxos, Azkaban. Você não vai para Azkaban, você é muito...
Ele corou novamente e rasgou mais folhas. Então, um leve farfalhar atrás de Harry o fez se virar: Petúnia, escondida atrás de uma árvore, se d esequilibrara.
- Túnia! - exclamou Lílian, havia surpresa e bo as-vindas em sua voz, mas Snape saltara em pé.
- Quem está espionando agora? - gritou. - Que é que você quer?
Petúnia ficou ofegante, assustada por ter sido descoberta. Harry viu que se concentrava à procura de alguma coisa para dizer que o magoasse.
- Afinal, o que é isso que você está vestindo? - perguntou ela, apontando para o peito de Snape. - A blusa da sua mãe?
Ouviram um estalo: caíra um galho na cabeça de Petúnia. Lílian gritou; o galho bateu no ombro da irmã, que cambaleou e caiu no choro.
- Túnia!
Petúnia, porém, estava fugindo. Lílian virou-se para Snape.
- Você fez isso acontecer?
- Não. - Em seu rosto havia desafio e medo.
- Fez! - Ela foi se afastando dele. - Fez, sim! Você a machucou!
- Não... não fiz!
A mentira, no entanto, não convenceu Lílian; la nçando-lhe um último olhar fulminante, ela

saiu correndo do arvoredo atrás da irmã, deixando S
nape com um ar infeliz e confuso...
A cena se reformulou. Harry olhou para os lados:
estava na plataforma nove e meia com
Snape ao seu lado, ligeiramente curvo, ao lado de u
ma mulher magra de rosto pálido e azedo,
parecidíssima com ele. O garoto observava uma famíl
ia de quatro pessoas não muito longe.
As duas garotas um pouco separadas dos pais. Lílian
parecia estar justificando alguma coisa
para a irmã; Harry aproximou-se para ouvir.
- ... desculpe, Túnia, me desculpe! Escute... -
Ela segurou a mão da irmã e apertou-a,
embora Petúnia tentasse se desvencilhar. - Talvez q
uando eu estiver lá... não, escute, Túnia!
Talvez quando eu estiver lá, eu possa procurar o pr
ofessor Dumbledore e convencê-lo a
mudar de ideia!
- Eu não... quero... ir! - disse Petúnia, ela pu
xou com força a mão do aperto da irmã. -
Você acha que eu quero ir para um castelo idiota e
aprender a ser... ser...
O seu olhar percorreu a plataforma, passou pelo
s gatos que miavam no colo dos seus donos,
pelas corujas que esvoaçavam piando umas para as ou
tras nas gaiolas, pelos estudantes,
alguns já usando longas vestes pretas, embarcando
os malões no trem de locomotiva vermelha
ou então se cumprimentando com gritos de alegria, d
epois de um verão separados.
- ... você acha que quero ser um... um bicho est
ranho?
Os olhos de Lílian se encheram de lágrimas quand
o Petúnia conseguiu largar a mão dela.
- Não sou um bicho estranho - respondeu Lílian.
- Que coisa horrível para dizer.
- É para onde você vai - insistiu Petúnia, com
gosto. - Uma escola especial para bichos
estranhos. Você e aquele garoto Snape... bizarros,
é o que vocês são. É bom que sejam
isolados das pessoas normais. É para a nossa segura
nça.

Lílian olhou em direção aos seus pais, que exami
navam a plataforma com um ar de
entusiástico prazer, absorvendo o cenário. Então,
ela voltou o olhar para a irmã e sua voz era
suave e cruel.

- Você não achou que era uma escola para anorma
is quando escreveu ao diretor suplicando
que a aceitasse.

Petúnia ficou escarlate.

- Suplicando? Não supliquei!

- Eu vi a resposta dele. Foi muito bondosa.

- Você não devia ter lido... - sussurrou Petúni
a. - Era minha e particular... como pôde...?

Lílian se traiu ao dar uma olhada em Snape parad
o ali perto. Petúnia ofegou.

- Foi aquele garoto que descobriu! Você e aquele
 garoto andaram espionando o meu quarto!

- Não... não espionando... - Agora Lílian estav
a na defensiva. - Severo viu o envelope, e
não pôde acreditar que uma trouxa tivesse escrito p
ara Hogwarts, foi isso! Ele diz que deve
haver bruxos infiltrados nos correios que se encarr
egam de...

- Pelo visto, os bruxos metem o nariz em tudo! -
 replicou Petúnia, agora tão pálida quanto
estivera corada. - Anormal! - Ela cuspiu na irmã e
voltou acintosamente para o lado dos
pais...

A cena se dissolveu mais uma vez. Snape estava a
ndando apressado pelo corredor do
Expresso de Hogwarts enquanto o veículo sacudia pel
os campos. Já trocara as vestes da
escola, talvez aproveitando a primeira oportunidade
 para despir suas horríveis roupas de
trouxa. Finalmente, parou à porta de um compartime
nto onde um grupo de garotos barulhentos
conversava. Encolhida no canto ao lado da janela,
estava sentada Lílian, o rosto colado na
vidraça.

Snape abriu a porta do compartimento e se sentou
 em frente à garota. Ela lhe lançou um
breve olhar e tornou a voltar sua atenção para a ja

nela. Estivera chorando.
- Não quero falar com você - disse, em tom crisp ado.
- Por que não?
- Túnia me od... odeia. Porque vimos aquela cart a do Dumbledore.
- E daí?
Ela lhe lançou um olhar de profundo desagrado.
- E daí que ela é minha irmã!
- Ela é só uma... - Ele se refreou depressa; Líl ian, ocupada demais em secar os olhos discretamente, não o ouviu. - Mas nós vamos! - exc lamou ele, incapaz de conter a exaltação na voz. - Isso é o que conta! Estamos viajando para Hogwarts!
Ela concordou, enxugando os olhos, e, apesar de não querer, deu um meio sorriso.
- É melhor você entrar para a Sonserina - disse Snape, animado ao vê-la menos triste.
- Sonserina?
Um dos garotos que dividia com eles o compartime nto, e até aquele momento não mostrara o menor interesse em Lílian e Snape, olhou para o lado ao ouvir aquele nome, e Harry, cuja atenção estivera totalmente concentrada nos dois ao lado da janela, viu seu pai: magro, cabelos negros como os de Snape, mas com aquele ar indefinível de alguém que foi bem cuidado, até adorado, que visivelmente faltava a Sn ape.
- Quem quer ir para a Sonserina? Acho que eu des istiria da escola, você não? - Tiago perguntou a um garoto esparramado nos assentos defr onte a ele, e, com um sobressalto, Harry percebeu que era Sirius. Sirius não riu.
- Toda a minha família foi da Sonserina.
- Caramba - replicou Tiago -, e eu que pensei qu e você fosse legal!
Sirius riu.
- Talvez eu quebre a tradição. Para qual você ir ia se pudesse escolher?
Tiago ergueu uma espada invisível.

- "Grifinória, a morada dos destemidos!" Como o meu pai.

Snape deu um muxoxo de descaso. Tiago se virou para ele.

- Algum problema?

- Não - retrucou Snape, embora seu sorrisinho de deboche dissesse o contrário. - Se você prefere ter mais músculo do que cérebro...

- E para onde está esperando ir, uma vez que não tem nenhum dos dois? - interpôs Sirius.

Tiago deu gostosas gargalhadas. Lílian se empertigou, ruborizada, e olhou de Tiago para Sirius com ar de desagrado.

- Vamos, Severo, vamos procurar outro compartimento.

- Oooooo...

Tiago e Sirius imitaram o seu tom de superioridade; Tiago tentou fazer Snape tropeçar quando ele passou.

- A gente se vê, Ranhoso! - uma voz gritou quando a porta do compartimento bateu...

Mais uma vez a cena se dissolveu...

Harry estava atrás de Snape, ambos observando as mesas iluminadas a velas, repletas de rostos extasiados. Então, a professora McGonagall chamou:

- Evans, Lílian!

Ele observou a mãe se adiantar de pernas trêmulas e se sentar no banquinho bambo. A professora deixou cair o Chapéu Seletor sobre sua cabeça, e, mal se passara um segundo após tocar seus cabelos acaju, o chapéu anunciou: "Grifinória!"

Harry ouviu Snape soltar um pequeno gemido. Lílian tirou o chapéu, devolveu-o à professora McGonagall, e correu ao encontro dos alunos da Grifinória que a aplaudiam, mas a caminho se virou para olhar Snape, e havia um sorriso triste no rosto dela. Harry viu Sirius escorregar no banco para dar espaço a Lílian. Ela deu uma olhada e pareceu reconhecê-lo do trem, cruzou os braços e, com firmeza, virou-lhe as

costas.
A chamada continuou. Harry observou Lupin, Petti grew e seu pai se reunirem a Lílian e Sirius à mesa da Grifinória. Por fim, quando restav am apenas dez estudantes a serem selecionados, a professora McGonagall chamou Snape.

Harry acompanhou-o ao banquinho, viu-o colocar o chapéu na cabeça. "Sonserina!", anunciou o Chapéu Seletor.
E Severo Snape andou para o lado oposto do salã o, longe de Lílian, onde os alunos da Casa o aplaudiam e Lúcio Malfoy, com um crachá de monito r brilhando no peito, deu-lhe uma palmadinha nas costas quando Snape se sentou ao seu lado...
E a cena mudou...
Lílian e Snape atravessavam o pátio do castelo, discutindo abertamente. Harry se apressou a alcançá-los e escutar. Quando chegou perto, perce beu o quanto ambos haviam crescido: alguns anos pareciam ter transcorrido desde a seleç ão.
- ... pensei que fôssemos amigos? - reclamava Sn ape. - Grandes amigos?
- Somos, Sev, mas não gosto de um pessoal com qu em você anda! Desculpe, mas detesto Avery e Mulciber! Mulciber! O que vê nele, Sev? Me dá arrepios! Você sabe o que ele tentou fazer com a Maria Macdonald outro dia?
Lílian chegou a uma pilastra e se encostou, com os olhos erguidos para o rosto magro e macilento.
- Aquilo não foi nada. Foi uma brincadeira, só i sso...
- Foi Magia das Trevas, e se você acha que isso é brincadeira...
- E aquelas coisas que Potter e os amigos dele a prontam? - retrucou Snape. Seu rosto corou ao dizer isso, aparentemente incapaz de refrear o s eu rancor.
- E onde é que o Potter entra nisso? - perguntou

Lílian.
- Eles saem escondidos à noite. Tem alguma cois
a esquisita naquele Lupin. Aonde é que ele
sempre vai?
- Ele é doente. Dizem que é doente.
- Todo mês na lua cheia?
- Conheço a sua teoria - replicou Lílian, e seu
tom era frio. - Afinal, por que você é tão
obcecado por eles? Por que se importa com o que ele
s fazem à noite?
- Só estou tentando lhe mostrar que eles não são
tão maravilhosos quanto todo o mundo
parece pensar.
A intensidade do seu olhar a fez corar.
- Mas eles não usam Magia das Trevas. - Lílian ba
ixou a voz. - E você está sendo
realmente ingrato. Me contaram o que aconteceu outr
a noite. Você estava bisbilhotando
naquele túnel do Salgueiro Lutador e Tiago Potter s
alvou você de sei lá o que tem lá
embaixo...
O rosto de Snape se contorceu e ele engrolou:
- Salvou? Salvou? Você acha que ele estava bancan
do o herói? Ele estava salvando o
próprio pescoço e o dos amigos também! Você não vai
... eu não vou deixar você...
- Me deixar? Me deixar?
Os vivos olhos verdes de Lílian se estreitaram. S
nape retrocedeu na mesma hora.
- Eu não quis dizer... só não quero ver você faz
er papel de boba... ele gosta de você, Tiago
Potter gosta de você! - As palavras davam a impress
ão de serem arrancadas dele contra sua
vontade. - E ele não é... Todo o mundo acha... Gra
nde herói de quadribol... - A amargura e a
antipatia que Snape sentia deixavam-no incoerente,
e as sobrancelhas de Lílian subiam sem
parar em sua testa.
- Eu sei que Tiago Potter é um biltre arrogante
- disse ela, cortando Snape. - Não preciso
que você me diga. Mas a ideia que Mulciber e Avery
fazem do que seja brincadeira é

simplesmente maligna. Maligna, Sev. Não entendo com o você pode ser amigo deles.

Harry duvidava que Snape tivesse sequer escutado as críticas de Lílian a Mulciber e Avery. No momento em que ela insultara Tiago Potter, todo o seu corpo se descontraiu, e, quando se separaram, havia uma nova leveza no andar de Snape. ..

E a cena se dissolveu...

De novo, Harry observou Snape deixar o Salão Principal, após prestar o exame de Defesa Contra as Artes das Trevas para obtenção do N.O.M., sair do castelo sem destino e, distraído, parar perto da bétula onde Tiago, Sirius, Lupin e Pettigrew estavam sentados juntos. Desta vez, porém, Harry guardou distância, porque sabia o que tinha acontecido depois que Tiago pendurou Severo no ar para atormentá-lo; sabia o que tinha sido feito e dito, e não lhe daria prazer algum tornar a assistir. Ele viu quando Lílian se reuniu ao grupo e saiu em defesa de Snape. A distância, ouviu o grito de Snape para ela em sua fúria e humilhação, a palavra imperdoável: "Sangue ruim."

A cena mudou...

- Me desculpe.
- Não estou interessada.
- Me desculpe!
- Poupe seu fôlego.

Era noite. Lílian, de robe, estava parada de braços cruzados diante do retrato da Mulher Gorda, à entrada da Torre de Grifinória.

- Eu só saí porque Maria me disse que você estava ameaçando dormir aqui.
- Estava. Teria feito isso. Nunca quis chamar você de sangue ruim, simplesmente me...
- Escapou? - Não havia piedade na voz de Lílian. - É tarde demais. Há anos dou desculpas para o que você faz. Nenhum dos meus amigos consegue entender sequer por que falo com você. Você e seus preciosos amiguinhos Comensais da Morte: está vendo, você nem nega!

Nem nega que é isso que vocês pretendem ser! Você m
al pode esperar para se reunir a Você-
Sabe-Quem, não é?
Ele abriu a boca, mas tornou a fechá-la sem fala
r.
- Não posso mais fingir. Você escolheu o seu cam
inho, eu escolhi o meu.
- Não... escute, eu não quis...
- ... me chamar de sangue ruim? Mas você chama d
e sangue ruim todos que nasceram como
eu, Severo. Por que eu seria diferente?
Ele se debateu, prestes a responder, mas, com um
olhar de desprezo, Lílian lhe deu as
costas e atravessou o buraco do retrato...
O corredor se dissolveu, e a cena seguinte demo
rou um pouquinho a se formar: Harry teve a
impressão de estar sobrevoando formas e cores mutan
tes até que o cenário se solidificou e ele
se viu parado no escuro, no cume de um morro, aband
onado e frio, o vento assoviando entre
os galhos de umas poucas árvores desfolhadas. O Sna
pe adulto arfava, virava-se no mesmo
lugar, a mão apertando com força a varinha, esperan
do alguma coisa ou alguém... seu medo
contagiou Harry, embora o garoto soubesse que não p
odia ser atingido, e ele espiou por cima
do ombro, imaginando o que Snape estaria aguardando
...
Então, um feixe denteado de ofuscante luz branc
a cortou o ar: Harry pensou em raio, mas
Snape caíra de joelhos e sua varinha voara da mão.
- Não me mate!
- Não era a minha intenção.
Qualquer aviso da aparatação de Dumbledore fora
abafado pelo ruído do vento passando
pelos galhos. Ele surgiu diante de Snape com as ve
stes drapejando contra o corpo e o rosto
iluminado de baixo para cima pela varinha.
- Então, Severo? Qual é a mensagem que Lorde Vol
demort tem para mim?
- Não... nenhuma mensagem, estou aqui por conta
própria!

Snape torcia as mãos: parecia meio demente, com os cabelos negros desgrenhados voando em torno da cabeça.

- Eu... eu venho com um alerta... não, um pedido ... por favor...

Dumbledore fez um gesto com a varinha. Embora as folhas e ramos ainda se agitassem no ar da noite ao redor, fez-se silêncio no lugar em que ele e Snape se defrontavam.

- Que pedido poderia um Comensal da Morte fazer a mim?

- A... a profecia... o vaticínio... Trelawney...

- Ah, sim. Quanto daquilo você relatou a Lorde Voldemort?

- Tudo... tudo que ouvi! - respondeu Snape. - É por isso... é por esta razão... que ele julga que se refere a Lílian Evans!

- A profecia não se referia a uma mulher. Mencionava um menino nascido no fim de julho...

- O senhor sabe o que quero dizer! Ele acha que se refere ao filho dela, ele vai matá-la... matar a todos...

- Se ela significa tanto para você - disse Dumbledore -, certamente Lorde Voldemort irá poupá-la, não? Você não poderia pedir a ele misericórdia para a mãe em troca do filho?

- Pedi... pedi a ele...

- Você me dá nojo - disse Dumbledore, e Harry nunca ouvira tanto desprezo em sua voz. Snape pareceu se encolher um pouco. - Você não se importa, então, com as mortes do marido e do filho dela? Eles podem morrer desde que você tenha o que quer?

Snape não disse nada, apenas ergueu os olhos para Dumbledore.

- Esconda-os todos, então - falou rouco. - Mantenha ela... eles... em segurança. Por favor.

- E o que me dará em troca, Severo?

- Em... troca? - Snape olhou boquiaberto para Dumbledore, e Harry esperou que ele protestasse, mas, passado um longo momento, ele res

pondeu: - O que quiser.
O cume do morro desapareceu e Harry se viu parado no gabinete de Dumbledore, e alguma coisa produzia um ruído terrível como o de um animal ferido. Snape estava dobrado para frente em uma cadeira e Dumbledore contemplava-o do alto, com um ar inflexível. Após alguns momentos, Snape ergueu o rosto, e parecia um homem que tivesse vivido cem anos de privações desde que deixara o cume do morro.
- Pensei... que o senhor fosse... mantê-la... segura...
- Ela e Tiago depositaram sua fé na pessoa errada - disse Dumbledore. - Muito semelhante a você, Severo. Você não tinha a esperança de que Lorde Voldemort fosse poupá-la?
A respiração de Snape era ansiosa.
- O filho dela sobreviveu - ressalvou Dumbledore.
Com um brusco e quase imperceptível aceno da cabeça, Snape pareceu espantar uma mosca irritante.
- O filho sobreviveu. Tem os olhos dela, exatamente os mesmos. Você certamente se lembra da forma e da cor dos olhos de Lílian Evans, não?
- NÃO! - berrou Snape. - Se foi... Morreu...
- Isto é remorso, Severo?
- Eu gostaria... gostaria que eu é que estivesse morto...
- E que utilidade isso teria para alguém? - perguntou Dumbledore, friamente. - Se você amou Lílian Evans, se você a amou verdadeiramente, então o seu caminho futuro é cristalino.
Snape parecia espiar através de uma névoa de dor, e as palavras de Dumbledore levaram um longo tempo para alcançá-lo.
- Como... como assim?
- Você sabe como e por que ela morreu. Empenhe-se para que não tenha sido em vão. Ajude-me a proteger o filho de Lílian.
- Ele não precisa de proteção. O Lorde das Treva

s se foi...
- ... o Lorde das Trevas retornará, e Harry cor
rerá um perigo terrível quando isso ocorrer.
Fez-se uma longa pausa e lentamente Snape recupe
rou o controle, normalizou sua
respiração. Por fim, disse:
- Muito bem. Muito bem. Mas jamais, jamais reve
le isso, Dumbledore! Isto deve ficar entre
nós! Jure! Não posso suportar... particularmente o
filho de Potter... Quero sua palavra!
- Dou a minha palavra, Severo, de que jamais rev
elarei o que você tem de melhor. -
Dumbledore suspirou, olhando para o rosto feroz e a
ngustiado de Snape. - Se você insiste...
O gabinete se dissolveu, mas reapareceu instanta
neamente. Snape andava de um lado para
outro diante de Dumbledore.
- ... medíocre, arrogante como o pai, deliberada
mente indisciplinado, encantado com a
fama, exibido e impertinente...
- Você vê o que espera ver, Severo - disse Dumbl
edore, sem erguer os olhos do exemplar
de Transfiguração Hoje. - Outros professores me inf
ormam que o garoto é modesto, amável e
tem algum talento. Pessoalmente, eu o acho uma cria
nça cativante.
Dumbledore virou uma página e disse sem erguer o
s olhos:
- Vigie Quirrell, por favor.
Um redemoinho de cor, e em seguida tudo escurece
u, e Snape e Dumbledore estavam
parados a certa distância no saguão de entrada, enq
uanto os retardatários do baile de Natal
passavam a caminho do dormitório.
- Então? - murmurou Dumbledore.
- A Marca de Karkaroff está escurecendo também.
Ele está em pânico, receia uma
retaliação; você sabe o quanto ele ajudou o Ministé
rio depois da queda do Lorde das Trevas.
- Snape olhou de esguelha para o perfil de nariztor
to de Dumbledore. - Karkaroff pretende
fugir se a Marca arder.

- É mesmo?! - exclamou Dumbledore em voz baixa, no momento em que Fleur Delacour e Rogério Davies entravam do jardim às risadinhas. - E você está tentado a se juntar a ele?

- Não - disse Snape, seus olhos negros acompanhando os dois alunos que se retiravam. - Não sou tão covarde.

- Não - concordou Dumbledore. - Você é um homem bem mais corajoso do que Karkaroff. Sabe, às vezes penso que fazemos a Seleção cedo demais...

Dumbledore se afastou, deixando Snape com um ar espantado...

E, mais uma vez, Harry se viu no gabinete do diretor. Era noite e Dumbledore estava sentado em sua cadeira-trono, à escrivaninha, com o corpo meio caído para um lado, aparentemente semiconsciente. Sua mão direita pendia do braço, escura e queimada. Snape murmurava encantamentos, apontando a varinha para o seu pulso, ao mesmo tempo em que, com a mão esquerda, inclinava uma taça cheia com uma densa poção dourada para a garganta de Dumbledore. Passados alguns momentos, as pálpebras dele mexeram e se abriram.

- Por quê? - perguntou Snape, sem preâmbulo. - Por que você pôs esse anel no dedo? Ele tem um feitiço, certamente você percebeu isso. Por que tocou nele?

O anel de Servolo Gaunt estava sobre a mesa diante de Dumbledore. Estava rachado; e, a espada de Gryffindor, ao lado da joia.

Dumbledore fez uma careta.

- Fui... um tolo. Aflitivamente tentado...

- Tentado pelo quê?

Dumbledore não respondeu.

- É um milagre que tenha conseguido voltar a Hogwarts! - Havia fúria no tom de Snape. - Esse anel carregava um feitiço de extraordinário poder, paralisá-lo é o máximo que podemos ter esperança de conseguir; por ora, restringi o feitiço a uma das mãos...

Dumbledore ergueu a mão enegrecida e inútil, exa
minou-a com a expressão de uma pessoa
a quem mostrassem uma interessante curiosidade.
- Você cuidou muito bem de mim, Severo. Quanto t
empo acha que me resta?
O tom de Dumbledore era coloquial; poderia estar
perguntando qual era a previsão da
meteorologia. Snape hesitou e então respondeu:
- Não sei dizer. Talvez um ano. Não há como para
lisar um feitiço desses definitivamente.
No fim, ele irá se espalhar, é o tipo de feitiço qu
e se fortalece com o tempo.
Dumbledore sorriu. A notícia de que tinha menos
de um ano de vida lhe pareceu de pequena
ou nenhuma consequência.
- Tenho a sorte, a extrema sorte, de contar com
você, Severo.
- Se tivesse mandado me chamar um pouco mais ce
do, eu talvez tivesse podido fazer mais,
ganhar mais tempo para você! - disse Snape, indigna
do. Ele olhou para o anel partido e a
espada. - Você achou que partindo o anel pudesse ro
mper o feitiço?
- Algo parecido... sem dúvida eu estava delirand
o... - respondeu Dumbledore. Com esforço
ele se aprumou na cadeira. - Bem, realmente isso to
rna as questões mais objetivas.
Snape pareceu extremamente espantado. Dumbledore
sorriu.
- Estou me referindo ao plano que Lorde Voldemor
t está tecendo a meu respeito. O plano
de mandar o coitado do menino Malfoy me liquidar.
Snape sentou-se na cadeira que Harry tantas veze
s ocupara em frente à mesa de
Dumbledore. O garoto percebeu que ele queria acresc
entar mais alguma coisa a respeito da
mão amaldiçoada de Dumbledore, mas o diretor ergueu
-a em uma cortês recusa de continuar a
discutir o assunto. Amarrando a cara, Snape comento
u:
- O Lorde das Trevas não espera que Draco seja b
em-sucedido. Isto é apenas um castigo

pelos recentes malogros de Lúcio. Uma tortura lenta para os pais de Draco, que o observam fracassar e pagar o preço.

- Em suma, o menino foi sentenciado à morte com tanta certeza quanto eu - disse Dumbledore. - Agora, eu diria que o sucessor natural para esse serviço, se Draco não tiver êxito, será você, não?

Houve uma breve pausa.

- Esse, acho, é o plano do Lorde das Trevas.

- Lorde Voldemort prevê um momento em futuro próximo em que não precisará ter um espião em Hogwarts?

- Ele acredita que a escola logo estará nas mãos dele, sim.

- E se realmente cair nas mãos dele - disse Dumbledore, quase como um aparte -, tenho a sua palavra de que fará tudo em seu poder para proteger os estudantes de Hogwarts?

Snape assentiu formalmente.

- Ótimo. Agora então. Sua prioridade será descobrir o que Draco está fazendo. Um adolescente amedrontado é um perigo para os outros e para si mesmo. Ofereça-se para ajudá-lo e orientá-lo, ele deve aceitar, ele gosta de você...

- ... menos, desde que o pai caiu em desgraça. Draco me culpa, acha que usurpei a posição de Lúcio.

- Ainda assim, tente. Estou menos preocupado com igo do que com as vítimas acidentais dos planos que possam ocorrer ao menino. Em última hipótese, é claro, há apenas uma coisa a fazer se você quiser salvá-lo da ira de Lorde Voldemort.

Snape ergueu as sobrancelhas e seu tom foi sardônico quando perguntou:

- Você está pretendendo deixar que Draco o mate?

- Certamente que não. Você deverá me matar.

Houve um longo silêncio, quebrado apenas por estranhos cliques. Fawkes, a fênix, estava

roendo um pedaço de osso de siba.
- Quer que eu faça isso agora? - perguntou Snape, a voz carregada de ironia. - Ou gostaria de ter alguns momentos para compor um epitáfio?
- Ah, ainda não - respondeu Dumbledore sorrindo. - Acho que a oportunidade se apresentará no devido tempo. Considerando o que aconteceu esta noite - ele indicou a mão murcha -, podemos ter certeza de que isso ocorrerá dentro de um ano.
- Se você não se importa de morrer - disse Snape, com aspereza -, então por que não deixa Draco fazer isso?
- A alma daquele menino ainda não está totalmente comprometida - contestou Dumbledore. - Eu não permitiria que se rompesse por minha causa.
- E a minha alma, Dumbledore? A minha?
- Somente você é capaz de saber se prejudicará sua alma ajudar um velho a evitar a dor e a humilhação - replicou Dumbledore. - Peço a você um único e grande favor, Severo, porque a morte está vindo me buscar tão certo quanto os Chudley Cannons terminarão este ano em último lugar. Confesso que prefiro uma saída rápida e indolor à opção demorada e suja que terei se, por exemplo, Greyback estiver envolvido; ouvi dizer que Voldemort o recrutou. Ou se for a cara Belatriz, que gosta de brincar com a comida antes de comê-la.
Seu tom era leve, mas seus olhos azuis perfuravam Snape como tão frequentemente perfuravam Harry, como se ele pudesse ver a alma que discutiam. Por fim, Snape fez um breve aceno com a cabeça.
Dumbledore pareceu satisfeito.
- Obrigado, Severo...
O gabinete desapareceu, e agora Snape e Dumbledore estavam caminhando juntos nos jardins desertos do castelo ao crepúsculo.
- Que é que você está fazendo com Potter, todas essas noites em que se trancam no

gabinete? - perguntou Snape, abruptamente.
Dumbledore tinha o ar abatido.
- Por quê? Você está tentando lhe dar mais deten
ções, Severo? Logo o menino passará mais
tempo em detenções do que fora delas.
- Ele é o pai sem tirar nem pôr...
- Na aparência, talvez, mas, em sua natureza pr
ofunda, ele parece muito mais com a mãe.
Gasto tempo com Harry porque tenho coisas a conver
sar com ele, informações que preciso lhe
passar antes que seja tarde demais.
- Informações - respondeu Snape. - Você as confi
a a ele... não as confia a mim.
- Não é uma questão de confiança. Tenho, como am
bos sabemos, um tempo limitado. É
essencial que eu dê ao menino informações suficient
es para ele fazer o que precisa ser feito.
- E não posso receber as mesmas informações?
- Prefiro não guardar todos os meus segredos em
uma única cesta, particularmente uma
cesta que passa tanto tempo pendurada no braço de L
orde Voldemort.
- O que faço cumprindo suas ordens!
- E faz isso extremamente bem. Não pense que sub
estimo o constante perigo em que se
coloca, Severo. Dar a Voldemort informações que pa
reçam valiosas, negando-lhe o essencial,
é um serviço que eu não confiaria a ninguém exceto
você.
- Contudo, você faz muito mais confidências a u
m garoto que é incapaz de Oclumência, cuja
magia é medíocre e que tem uma ligação direta com a
mente do Lorde das Trevas!
- Voldemort teme essa ligação. Não faz muito tem
po, ele provou um pouquinho do que
realmente significa partilhar a mente de Harry. Foi
uma dor que ele jamais experimentara na
vida. Não tentará possuir Harry outra vez, tenho ce
rteza. Não da mesma forma.
- Não estou entendendo.
- A alma de Lorde Voldemort, mutilada como está,
não suporta o contato com uma mente

como a de Harry. É como o contato de uma língua com o aço congelado, como a carne do corpo em chamas...

- Almas? Estamos falando de mentes!

- No caso de Harry e Lorde Voldemort, falar em uma é falar da outra.

Dumbledore olhou ao redor para se certificar de que se encontravam realmente sozinhos. Agora estavam muito próximos da Floresta Proibida, mas não havia sinal de ninguém na vizinhança.

- Depois que me matar, Severo...

- Você se recusa a me contar tudo, no entanto espera de mim esse pequeno serviço! - rosnou Snape, e uma fúria real inflamou o seu rosto magro. - Você presume muita coisa, Dumbledore! Talvez eu tenha mudado de ideia!

- Você me deu a sua palavra, Severo. E, já que estamos falando em serviços, você está em falta comigo, pensei que tivesse concordado em vigiar o nosso jovem amigo da Sonserina?

Snape não escondia a raiva, a rebeldia. Dumbledore suspirou.

- Venha ao meu gabinete hoje à noite, Severo, às onze, e você não se queixará de que não tenho confiança em você.

Tinham voltado ao gabinete de Dumbledore, as janelas escuras, e Fawkes estava tão silenciosa quanto Snape imóvel na cadeira, e o diretor andava em volta dele, falando.

- Harry não pode saber, não até o último momento, não até que seja necessário, do contrário como poderia ter a força para fazer o que deve ser feito?

- Mas o que deve fazer?

- Isto é entre mim e Harry. Agora escute bem, Severo. Virá um tempo... depois da minha morte... não discuta, não interrompa! Virá um tempo em que Lorde Voldemort temerá pela vida da cobra dele.

- Por Nagini? - Snape pareceu admirado.

- Exatamente. Quando chegar o momento em que Lor

de Voldemort parar de mandar a cobra
cumprir os seus mandados, e a mantiver segura ao s
eu lado, sob proteção mágica, então, acho,
não haverá perigo em contar a Harry.

- Contar o quê?

Dumbledore inspirou profundamente e fechou os ol
hos.

- Conte-lhe que na noite em que Lorde Voldemort
tentou matá-lo, quando Lílian pôs a
própria vida entre os dois como um escudo, a Maldiç
ão da Morte ricocheteou em Lorde
Voldemort, e um fragmento da alma dele irrompeu do
todo e se prendeu à única alma
sobrevivente na casa que desabava. Parte de Lorde V
oldemort vive em Harry, e é esta parte
que lhe dá tanto a capacidade de falar com cobras q
uanto uma ligação com a mente de Lorde
Voldemort que ele jamais entendeu. E enquanto esse
 fragmento de alma, de que Voldemort não
sentiu falta, permanecer preso e protegido por Harr
y, Lorde Voldemort não poderá morrer.

Harry teve a sensação de estar observando os doi
s homens do fim de um longo túnel, tão
distantes estavam dele, as vozes ecoando estranhame
nte em seus ouvidos.

- Então o garoto... o garoto deve morrer? - perg
untou Snape, muito calmo.

- E é Voldemort quem deve matá-lo, Severo. Isto
é essencial.

Seguiu-se outro longo silêncio. Então Snape falo
u:

- Pensei... todos esses anos... que nós o proteg
íamos por causa dela. De Lílian.

- Nós o protegíamos porque era essencial que fos
se ensinado, criado e pudesse
experimentar a própria força - explicou Dumbledore,
 com os olhos ainda fechados. - Nesse
meio-tempo, a ligação entre os dois foi crescendo,
um crescimento parasitário: às vezes penso
que Harry suspeita disso. Se bem o conheço, tomará
providências para que, ao sair ao
encontro da morte, isto represente, verdadeiramente

, o fim de Voldemort.
Dumbledore reabriu os olhos. Snape estava horror izado.
- Você o manteve vivo para que pudesse morrer na hora certa?
- Não fique chocado, Severo. Quantos homens e mu lheres você viu morrer?
- Ultimamente apenas os que não pude salvar. - E le se levantou. - Você me usou.
- Em que sentido?
- Espionei por você, menti por você, corri risco mortal por você. Supostamente tudo para manter o filho de Lílian Potter vivo. Agora você m e diz que o esteve criando como um porco para o abate...
- Ora, isso é comovente, Severo! - exclamou Dumb ledore, sério. - Você acabou se afeiçoando ao menino, afinal?
- A ele? - gritou Snape. - Expecto patronum!
Da ponta de sua varinha irrompeu a corça pratead a: ela pousou, correu pelo soalho do gabinete e saiu voando pela janela. Dumbledore obse rvou-a se afastando pelos ares e, quando seu brilho prateado se dissipou, ele se dirigiu a S nape e seus olhos estavam cheios de lágrimas.
- Depois de todo esse tempo?
- Sempre - respondeu Snape.
E a cena mudou. Agora Harry via Snape conversand o com o retrato de Dumbledore atrás da escrivaninha.
- Você terá de informar a Voldemort a data cert a da partida de Harry da casa dos tios - recomendou Dumbledore. - Se não fizer isso, levanta rá suspeitas, uma vez que Voldemort o julga bem informado. Entretanto, você precisa plant ar a ideia dos chamarizes: acho que isso deverá garantir a segurança de Harry. Tente confund ir Mundungo Fletcher. E, Severo, se você for obrigado a tomar parte na perseguição, assegure -se de representar a sua parte convincentemente... Estou contando com você para co

ntinuar nas boas graças de Lorde
Voldemort o maior tempo possível, ou Hogwarts ficar
á à mercê dos Carrow...
Agora Snape estava face a face com Mundungo em u
ma taberna desconhecida, o rosto deste
parecendo curiosamente inexpressivo, Snape franzind
o a testa concentrado.
- Você irá sugerir à Ordem da Fênix - murmurou S
nape - que use chamarizes. Poção
Polissuco. Potters idênticos. É a única coisa que p
oderia dar resultado. Você esquecerá que
lhe sugeri isso. Apresentará a ideia como sua. Ente
ndeu?
- Entendi - murmurou Mundungo, seus olhos desfoc
ados...
Agora Harry estava voando emparelhado com a vass
oura de Snape, através da noite escura
e desanuviada: o professor ia acompanhado por outro
s Comensais da Morte encapuzados, e à
sua frente estavam Lupin e Harry que era na realida
de Jorge... um Comensal passou a frente de
Snape e apontou a varinha diretamente para as costa
s de Lupin...
- Sectumsempra! - gritou Snape.
O feitiço que visava a mão do Comensal da Morte
, no entanto, errou o alvo e atingiu Jorge...
No momento seguinte, Snape se achava ajoelhado n
o antigo quarto de Sirius. As lágrimas
escorriam da ponta do seu nariz curvo ao ler a cart
a de Lílian. A segunda página tinha apenas
algumas palavras:
... pudesse ter sido amigo de Gerardo Grindelwald
. Pessoalmente, acho que ela
está começando a caducar!
Afetuosamente,
Lílian
Snape removeu a página que continha a assinatur
a de Lílian e o seu afeto e guardou-a no
bolso interno das vestes. Em seguida, rasgou ao me
io a foto que segurava, para poder guardar
a metade em que Lílian ria, e atirou a outra com Ti
ago e Harry no chão, sob a cômoda...

E agora Snape estava mais uma vez no gabinete do diretor e Fineus Nigellus voltava correndo para o seu quadro.

- Diretor! Eles estão acampando na Floresta do Deão! A sangue ruim...

- Não use essa palavra!

- ... que seja, a garota Granger mencionou o lugar quando abriu a bolsa e eu a ouvi!

- Muito bom. Ótimo! - exclamou o retrato de Dumbledore atrás da cadeira do diretor. - Agora, Severo, a espada! Não esqueça que deve ser apanhada sob condições de necessidade e coragem, e ele não pode saber quem a está entregando! Se Voldemort puder ler a mente de Harry e vir você ajudando-o...

- Eu sei - respondeu Snape, secamente. Aproximou-se, então, do retrato de Dumbledore e afastou-o para um lado. O quadro girou para a frente, revelando uma cavidade oculta, da qual ele tirou a espada de Gryffindor.

"E você vai continuar a não explicar por que é tão importante dar a Potter a espada?", indagou Snape, vestindo uma capa de viagem por cima das vestes.

- Vou, acho que vou - respondeu o retrato de Dumbledore. - Ele saberá o que fazer com ela. E, Severo, tenha muito cuidado, os garotos podem não reagir bem à sua presença depois do acidente com Jorge Weasley...

À porta, Snape se virou.

- Não se preocupe, Dumbledore - disse tranquilo. - Tenho um plano...

E, dizendo isso, saiu do gabinete. Harry ergueu a cabeça da Penseira, e momentos depois estava deitado no piso acarpetado exatamente na mesma sala: Snape poderia ter acabado de fechar a porta.

-- CAPÍTULO TRINTA E QUATRO --

De volta à Floresta

Finalmente, a verdade. Deitado com o rosto no carpete empoeirado do gabinete, onde no passado ele pensara estar aprendendo os segredos da

vitória, Harry compreendeu, por fim,
que não devia sobreviver. Sua tarefa era seguir cal
mamente para os braços abertos da Morte.
No caminho, ele deveria dispor dos últimos vínculos
de Voldemort com a vida, de modo que,
ao se atirar à frente do bruxo, sem erguer uma var
inha para se defender, o fim fosse limpo, e o
serviço que deveria ter sido feito em Godric's Holl
ow fosse concluído: nenhum viveria,
nenhum poderia sobreviver.

Ele sentiu o coração bater violentamente no pei
to. Como era estranho que, em seu temor da
morte, ele bombeasse com mais força, mantendo-o vi
vo. Teria, porém, que parar, e em breve.
Seus batimentos estavam contados. Para quantos have
ria tempo, quando se pusesse de pé e
atravessasse o castelo pela última vez, para sair a
os jardins e penetrar na Floresta?

O terror engolfou-o, ali deitado no chão, com aq
uele tambor fúnebre batendo em seu íntimo.
Doeria morrer? Todas as vezes que julgara ter chega
do a hora, e escapara, ele nunca
realmente pensara na morte em si: sua vontade de vi
ver sempre fora muito maior do que o seu
medo de morrer. Contudo, agora não lhe ocorria tent
ar fugir, vencer Voldemort na corrida. Era
o fim, ele sabia, e só lhe restava a coisa em si: m
orrer.

Se ao menos pudesse ter morrido naquela noite de
verão quando deixara para sempre o
número quatro da rua dos Alfeneiros, quando a nobr
e varinha de pena de fênix o salvara! Se
ao menos pudesse ter morrido como Edwiges, tão ráp
ido, que nem sentiria que acontecera! Ou
se pudesse ter se atirado à frente de uma varinha
para salvar alguém que amasse... ele agora
invejava até mesmo a morte dos seus pais. A caminha
da a sangue-frio para a própria
destruição exigia uma forma diferente de bravura.
Ele sentiu os dedos tremerem levemente e
fez um esforço para controlá-los, embora ninguém pu
desse vê-lo; os quadros nas paredes

estavam todos vazios.

Lentamente, muito lentamente, ele se sentou, e, ao fazê-lo, se sentiu mais vivo e mais cônscio de seu corpo vivente do que jamais estiver a. Por que nunca apreciara o milagre que ele era, cérebro, nervos e coração pulsante? Tudo i sso se iria... ou pelo menos, ele os abandonaria. Respirava lenta e profundamente, e su a boca e garganta estavam muito secas, e seus olhos também.

A traição de Dumbledore quase não pesava. Natura lmente houvera um plano maior; Harry fora simplesmente tolo demais para enxergá-lo, perc ebia agora. Jamais questionara sua suposição de que Dumbledore o queria vivo. Agora en tendia que a duração de sua vida sempre fora definida pelo tempo que gastaria para e liminar todas as Horcruxes. Dumbledore transferira a ele a tarefa de destruí-las, e, obed ientemente, ele continuara a cortar os laços que ligavam não apenas Voldemort, mas ele próprio, à vi da! Que precisão, que elegância, não desperdiçar mais vidas, mas entregar a perigosa tar efa ao garoto que já estava marcado para o abate, e cuja morte não seria uma calamidade e sim mais um golpe contra Voldemort.

E Dumbledore estivera seguro de que Harry não se esquivaria, que prosseguiria até o fim, embora fosse o seu fim, porque ele se dera o trabal ho de procurar conhecê-lo, não? Dumbledore sabia, tal como Voldemort, que Harry não deixaria ninguém morrer por ele, uma vez que descobrisse que estava em seu poder impedir isso. As imagens de Fred, Lupin e Tonks deitados, sem vida, no Salão Principal tornar am a invadir sua mente, e por um momento ele mal pôde respirar: a Morte se impacientava...

Mas Dumbledore o superestimara. Ele falhara: a c obra sobrevivera. Restaria ainda uma Horcrux, ligando Voldemort à terra, mesmo depois de Harry ser liquidado. Era verdade que isso representaria uma tarefa mais fácil para algu

ém. Perguntou-se quem faria isso... Rony e
Hermione saberiam o que era preciso fazer, natural
mente... essa teria sido a razão por que
Dumbledore queria que ele confiasse em mais duas pe
ssoas... de modo que, se cumprisse o
seu destino mais cedo, eles dessem continuidade à t
arefa...

Semelhante à chuva batendo em uma janela fria, e
sses pensamentos tamborilavam na
superfície dura da verdade incontroversa: ele devia
morrer. Eu devo morrer. Isto deve findar.

Rony e Hermione pareciam estar muito longe, em u
m país longínquo; sentia como se
tivessem se separado havia muito tempo. Não haveria
despedidas nem explicações, assim
decidira. Era uma viagem que não poderiam empreend
er juntos, e as tentativas que os amigos
fizessem para impedi-lo seriam uma perda de tempo
preciosa. Baixou os olhos para o relógio
de ouro arranhado que recebera no décimo sétimo ani
versário. Quase metade da hora que
Voldemort fixara para sua rendição já transcorrera.

Ele se pôs de pé. Seu coração saltando contra as
costelas como um pássaro frenético.
Talvez ele soubesse que lhe restava muito pouco te
mpo, talvez estivesse decidido a completar
os batimentos de uma vida antes de seu fim. Ele não
olhou para trás ao fechar a porta do
gabinete.

O castelo estava deserto. Sentiu-se um fantasma
, atravessando-o sozinho, como se já tivesse
morrido. Os bruxos dos retratos continuavam ausente
s de suas molduras; o lugar estava
soturnamente quieto, como se toda a sua força vital
estivesse concentrada no Salão Principal,
onde se comprimiam os mortos e os enlutados.

Harry vestiu a Capa da Invisibilidade e foi desc
endo os andares e, por último, a escadaria
de mármore do saguão de entrada. Talvez uma parte i
nfinitesimal dele tivesse esperança de
ser percebida, de ser detida, mas a capa estava, co

mo sempre, impenetrável, perfeita, e ele alcançou as portas da entrada sem empecilhos.

Então Neville quase colidiu com ele. Era um dos dois que traziam um cadáver dos jardins. Harry olhou para baixo e sentiu outra pancada surda no estômago: Colin Creevey. Embora menor de idade, devia ter voltado escondido como tinham feito Malfoy, Crabbe e Goyle. Ele parecia minúsculo na morte.

- Sabe de uma coisa? Posso carregá-lo sozinho, Neville - disse Olívio Wood, e colocou Colin sobre o ombro, como fazem os bombeiros, e levou-o para o Salão Principal.

Neville encostou-se no portal por um momento e secou a testa com o dorso da mão. Parecia um velho. Em seguida, voltou a descer a escada e entrou pela escuridão para resgatar mais corpos.

Harry virou-se para olhar o Salão Principal. As pessoas se movimentavam, tentavam consolar umas às outras, se ajoelhavam ao lado dos mortos, mas ele não viu nenhuma das que amava, nenhum vestígio de Hermione, Rony, Gina, nem dos outros Weasley, nem de Luna. Sentiu que teria dado todo o tempo que lhe sobrava para uma última olhada neles; mas, então, encontraria forças para parar de olhar? Era melhor assim.

Ele desceu a escada e saiu para a escuridão. Eram quase quatro horas da manhã e a quietude mortal dos jardins dava a impressão de que todos prendiam a respiração, aguardando para ver se ele conseguiria fazer o que devia.

Harry caminhou em direção a Neville, que ia se curvando para outro cadáver.

- Neville.

- Caramba, Harry, você quase me fez infartar!

Harry despira a Capa da Invisibilidade: a ideia acabara de lhe ocorrer, nascida de um desejo de garantir o desfecho.

- Onde é que você está indo sozinho? - perguntou Neville, desconfiado.

- É tudo parte do plano - respondeu Harry. - Tem uma coisa que eu preciso fazer. Escute... Neville...

- Harry! - De repente o amigo se apavorou. - Harry, você não está pensando em se entregar, está?

- Não - mentiu Harry, sem hesitação. - Claro que não... é outra coisa. Mas eu talvez fique invisível por um tempo. Você conhece a cobra de Voldemort, Neville? Ele tem uma cobra enorme... chama-a de Nagini...

- Já ouvi falar... e daí?

- Ela tem que ser morta. Rony e Hermione sabem disso, mas caso eles...

O horror daquela possibilidade o sufocou por um momento, impedindo-o de continuar a falar. Recuperou, porém, o controle: isto era crítico, ele precisava ser como Dumbledore, manter a cabeça fria, garantir que houvesse substitutos, outros para dar prosseguimento. Dumbledore morrera na certeza de que três pessoas ainda sabiam das Horcruxes; agora, Neville tomaria o lugar de Harry: continuaria a haver três que conheciam o segredo.

- Se eles estiverem... ocupados... e você tiver a chance de...

- Matar a cobra?

- Matar a cobra - repetiu Harry.

- Certo, Harry. Você está o.k., não está?

- Estou ótimo. Obrigado, Neville.

Neville, porém, agarrou Harry pelo pulso quando o amigo fez menção de se afastar.

- Nós todos vamos continuar a lutar, Harry. Você já sabe?

- É, eu...

A sensação de sufocamento cortou o fim da frase, ele não pôde continuar. Neville aparentemente não achou isso estranho. Deu uma palmada no ombro de Harry, soltou-o e saiu a procurar outros mortos.

Harry tornou a vestir a capa e continuou a andar. Havia mais alguém se movendo não muito

longe, curvando-se para outro vulto deitado de bru
ços no chão. Ele estava a vários passos de
distância quando reconheceu Gina.

Estacou. Ela estava debruçada sobre uma garota q
ue sussurrava, chamando pela mãe.

- Está tudo bem - dizia Gina. - Tudo o.k. Vamos
levar você para dentro.

- Mas quero ir para casa - murmurou a garota. -
Não quero mais lutar!

- Eu sei - disse Gina, e sua voz quebrou. - Vai
dar tudo certo.

Arrepios percorreram em ondas a pele de Harry.
Ele queria gritar para a noite, queria que
Gina soubesse que ele estava ali, queria que soubes
se aonde estava indo. Queria que o
fizessem parar, que o arrastassem de volta, que o m
andassem para casa...

Contudo, ele estava em casa. Hogwarts era a prim
eira e melhor casa que conhecera. Ele,
Voldemort e Snape, os garotos abandonados, tinham e
ncontrado ali um lar...

Gina estava agora ajoelhada ao lado da garota f
erida, segurando sua mão. Com um esforço
supremo, Harry se obrigou a prosseguir. Pensou ter
visto Gina olhar para os lados quando
passou, e se perguntou se ela teria pressentido al
guém andando por perto, mas ele não falou, e
tampouco quis olhar para trás.

A cabana de Hagrid assomou na escuridão. Não hav
ia luzes, nem o ruído de Canino
arranhando a porta, seu latido bradando as boas-vi
ndas. Todas aquelas visitas que fizera a
Hagrid, e o brilho da chaleira de cobre no fogo, os
 bolos com passas e os vermes gigantescos,
e sua enorme cara barbuda, e Rony vomitando lesmas,
 e Hermione ajudando-o a salvar
Norberta...

Ele continuou andando e, ao chegar à orla da Flo
resta, parou.

Um enxame de dementadores deslizava entre as árv
ores; ele sentia sua frialdade, e não teve
certeza se seria capaz de atravessá-la são e salvo

. Não lhe restavam forças para conjurar um Patrono. Já não conseguia controlar os seus tremores. Afinal, não era tão fácil morrer. Cada segundo que respirava, o cheiro do capim, o ar fresco no rosto, tudo era muito precioso: pensar que as pessoas tinham anos a fio, tempo para desperdiçar, tanto tempo que se arrastava, e ele se apegando a cada segundo. Simultaneamente, ele pensou que não seria capaz de continuar, e sabia que devia. O demorado jogo termi-nara, o pomo de ouro fora capturado, era hora de sair do ar...

O pomo. Seus dedos desvigorados apalparam por um momento a bolsa que trazia ao pescoço e puxaram a bolinha.

Abro no fecho.

Respirando forte e rápido, Harry o contemplou. Agora que queria que o tempo passasse o mais lentamente possível, este parecia ter acelerado, e a compreensão sobreveio tão rápido que pareceu prescindir do pensamento. Este era o fecho. Este era o momento.

Ele encostou o metal dourado nos lábios e sussurrou:

- Estou prestes a morrer.

A concha de metal se abriu. Ele baixou a mão trêmula, ergueu a varinha de Draco sob a capa e murmurou:

- Lumus!

A pedra negra com a fenda irregular ao centro estava aninhada nas duas metades do pomo. A Pedra da Ressurreição cortava a linha vertical que representava a Varinha das Varinhas. O triângulo e o círculo representando a capa e a pedra ainda eram perceptíveis.

E novamente Harry compreendeu, sem precisar pensar. Não fazia diferença trazê-los de volta, porque estava prestes a se reunir a eles. Não ia realmente buscá-los: eles estavam vindo buscá-lo.

O garoto fechou os olhos, e virou a pedra na mão três vezes.

Soube que tinha acontecido, porque ouviu leves movimentos ao seu redor que sugeriam corpos frágeis pisando o chão terroso coberto de gravetos que marcava a orla externa da Floresta. Abriu os olhos e relanceou ao redor.

Não eram fantasmas nem propriamente corpos, isto ele via. Lembravam mais o Riddle que escapara do diário, havia tanto tempo, e aquele fora uma lembrança quase sólida. Menos substancial do que corpos viventes, mas muito mais do que fantasmas, eles vieram ao seu encontro e em cada rosto havia o mesmo sorriso amoroso.

Tiago tinha exatamente a mesma altura que Harry. Usava as roupas com que morrera, e seus cabelos estavam descuidados e arrepiados, e os óculos tortos como os do sr. Weasley.

Sirius estava alto e bonito e muito mais jovem do que Harry o vira em vida. Andava com uma elegância natural, as mãos nos bolsos e um sorriso no rosto.

Lupin estava mais jovem também, e muito menos desleixado, e seus cabelos eram mais bastos e mais escuros. Parecia feliz de voltar a este lugar familiar, cenário de tantas divagações na adolescência.

O sorriso de Lílian era o maior. Ela afastou os longos cabelos para as costas ao se aproximar, e seus olhos verdes, tão semelhantes aos dele, examinaram seu rosto vorazmente, como se nunca tivesse tido tempo de olhá-lo o suficiente.

- Você tem sido tão corajoso!

Ele não pôde falar. Seus olhos se banquetearam nela, e lhe ocorreu que gostaria de ficar parado, contemplando-a para sempre, e que isto seria suficiente.

- Você está quase chegando - disse Tiago. - Muito perto. Estamos... tão orgulhosos de você.

- Dói?

A pergunta infantil escapara dos lábios de Harry

antes que ele pudesse contê-la.
- Morrer? Nem um pouco - respondeu Sirius. - Mais rápido e mais fácil do que adormecer.
- E ele vai querer que seja rápido. Quer terminar logo - disse Lupin.
- Eu não queria que você tivesse morrido - disse Harry, as palavras saindo involuntariamente. - Nenhum de vocês. Sinto muito...
Ele se dirigia mais a Lupin do que a qualquer dos demais, súplice.
- ... logo depois de ter tido um filho... Remo, sinto muito...
- Eu também sinto. Lamento que nunca chegarei a conhecê-lo... mas ele saberá por que morri, e espero que entenda. Estive tentando construir um mundo em que ele pudesse viver uma vida mais feliz.
Uma brisa gelada que parecia emanar do coração da Floresta ergueu os cabelos na testa de Harry. Sabia que eles não o mandariam ir embora, que isto seria uma decisão dele.
- Vocês ficarão comigo?
- Até o fim - respondeu Tiago.
- Eles não poderão vê-los?
- Somos parte de você - disse Sirius. - Invisíveis a todos os outros.
Harry olhou para a mãe.
- Fique perto de mim - disse baixinho.
E ele começou a andar. O frio dos dementadores não o envolveu; atravessou-o com seus companheiros, e eles produziram o efeito de Patronos, e unidos marcharam entre as velhas árvores que cresciam muito juntas, seus ramos emaranhados, suas raízes repletas de nós e torcidas sob seus pés. Naquela escuridão, Harry segurou a capa bem junto do corpo, se embrenhando cada vez mais na Floresta, sem fazer ideia do lugar exato em que estava Voldemort, mas certo de que o encontraria. Ao seu lado, quase sem fazer ruído, caminhavam Tiago, Sirius, Lupin e Lílian; a presença deles era

sua coragem e a razão pela qual era capaz de pôr um pé à frente do outro.

Sentia o corpo e a mente estranhamente desvinculados agora, suas pernas agiam sem comando consciente, como se ele fosse o passageiro, e não o motorista, do corpo que estava em vias de deixar. Os mortos que o escoltavam pela Floresta eram muito mais reais para ele do que os vivos que tinham ficado no castelo: Rony, Hermione, Gina, todos eles lhe pareciam fantasmas à medida que ele seguia tropeçando e escorregando em direção ao fim de sua vida, em direção a Voldemort...

Um baque e um sussurro: outra criatura vivente tinha se mexido ali perto. Harry parou sob a capa, espiou ao redor, atento, e sua mãe e seu pai, Lupin e Sirius pararam também.

- Alguém lá. - Ouviu-se a voz rouca muito próxima. - Está usando uma Capa da Invisibilidade. Seria...?

Dois vultos emergiram de trás de uma árvore: as varinhas se iluminaram e Harry viu Yaxley e Dolohov examinando diretamente a escuridão que rodeava Harry, seus pais, Sirius e Lupin. Aparentemente não conseguiam ver nada.

- Decididamente, ouvi alguma coisa - disse Yaxley. - Animal, será-?

- Aquele doidão do Hagrid guardava um monte de coisas aqui - comentou Dolohov, espiando por cima do ombro.

Yaxley consultou o relógio.

- O tempo está quase se esgotando. Potter já gastou a hora dele. Acho que não vem.

- E o lorde tinha certeza de que ele viria! Não vai ficar nada feliz.

- Melhor voltar - sugeriu Yaxley. - Descobrir qual é o plano agora.

Ele e Dolohov deram meia-volta e se embrenharam na Floresta. Harry seguiu-os, sabendo que o levariam exatamente aonde queria ir. Olhou para os lados, sua mãe lhe sorriu e seu pai acenou com a cabeça, encorajando-o.

Tinham andado apenas minutos quando Harry viu uma luz adiante, e Yaxley e Dolohov desembocaram em uma clareira que ele conhecera no passado como o hábitat da monstruosa Aragogue. Os restos de sua vasta teia ainda estavam ali, mas os descendentes que procriara tinham sido expulsos pelos Comensais da Morte, para defender sua causa.

Havia uma fogueira no meio da clareira, e sua luz incerta iluminava uma multidão completamente silenciosa de vigilantes Comensais. Alguns deles ainda usavam máscaras e capuzes, outros mostravam o rosto. Dois gigantes estavam sentados na periferia do grupo, projetando imensas sombras sobre a cena, suas fisionomias cruéis, talhadas como pedras. Harry viu Greyback, sorrateiro, roendo as longas garras; Rowle, o grandalhão louro, enxugando o lábio sangrento. Viu Lúcio Malfoy, que transparecia derrota e terror, e Narcisa, cujos olhos estavam encovados e cheios de apreensão.

Todos os olhares estavam fixos em Voldemort, em pé com a cabeça curvada, e as mãos brancas cruzadas sobre a Varinha das Varinhas, na frente do peito. Poderia estar rezando, ou então contando mentalmente, e Harry, ainda parado à margem da cena, pensou absurdamente em uma criança contando em uma brincadeira de esconde-esconde. Atrás de sua cabeça, ainda girando e se enroscando, a grande cobra Nagini flutuava na cintilante gaiola encantada como uma auréola monstruosa.

Quando Dolohov e Yaxley se reuniram ao círculo, Voldemort ergueu a cabeça.

- Não há sinal dele, milorde - informou Dolohov.

A expressão de Voldemort não se alterou. Os olhos vermelhos pareciam incandescentes à luz da fogueira. Lentamente, ele segurou a Varinha das Varinhas entre os longos dedos.

- Milorde...

Belatriz falara: estava sentada mais próxima de Voldemort, desgrenhada, seu rosto um pouco manchado, mas, sob outros aspectos, intocado.

Voldemort ergueu a mão para silenciá-la, e ela nada mais disse, mas espreitou-o com fascinada adoração.

- Pensei que ele viria - comentou Voldemort em sua voz clara e aguda, seus olhos postos nas línguas de fogo. - Esperava que viesse.

Ninguém falou. Todos pareciam tão apavorados quanto Harry, cujo coração agora saltava contra as costelas como se tivesse decidido escapar do corpo que estava prestes a descartar. Suas mãos estavam suadas, e ele despiu a Capa da Invisibilidade e guardou-a, com a varinha, dentro das vestes. Não queria se sentir tentado a lutar.

- Aparentemente... me enganei - disse Voldemort.

- Não se enganou.

Harry falou o mais alto que pôde, com toda a força que conseguiu reunir: não queria parecer amedrontado. A Pedra da Ressurreição escorregou dos seus dedos dormentes e, pelo canto dos olhos, ele viu seus pais, Sirius e Lupin desaparecerem quando ele avançou para a claridade. Naquele momento, sentiu que ninguém mais importava exceto Voldemort. Havia apenas os dois.

A ilusão se desfez tão logo sobreveio. Os gigantes bradaram quando os Comensais da Morte se ergueram juntos, e ouviram-se muitos gritos, exclamações e até risadas. Voldemort se imobilizara onde estava, mas seus olhos vermelhos focalizaram Harry, e o observaram enquanto o garoto caminhava ao seu encontro, sem nada a separá-los a não ser a fogueira.

Então, uma voz berrou...

- HARRY! NÃO!

Ele se virou: Hagrid estava amarrado dobrado e preso a uma árvore próxima. Seu corpo

maciço sacudiu os galhos no alto quando ele se deba
teu desesperado.
- NÃO! NÃO! HARRY, QUE É QUE VOCÊ...
- CALADO! - berrou Rowle, e, com um aceno de var
inha, silenciou Hagrid.
Belatriz, que se pusera em pé de um salto, olhav
a ansiosa de Voldemort para Harry, o peito
arfante. As únicas coisas que se moviam eram as cha
mas e a cobra, se enrolando e
desenrolando na gaiola atrás da cabeça de Voldemort
.
Harry sentia sua varinha junto ao peito, mas nã
o fez tentativa alguma para sacá-la. Sabia
que a cobra estava muito bem protegida, sabia que,
se conseguisse apontar a varinha para
Nagini, cinquenta feitiços o atingiriam primeiro. E
Voldemort e Harry continuaram a se
encarar, e agora o lorde inclinou ligeiramente a ca
beça para o lado, examinando o garoto
parado à sua frente, e um sorriso singularmente se
m alegria encrespou sua boca sem lábios.
- Harry Potter - disse ele, muito suavemente. S
ua voz poderia fazer parte das fagulhas da
fogueira. - O menino que sobreviveu.
Nenhum dos Comensais da Morte se moveu. Aguardav
am: tudo aguardava. Hagrid se
debatia, e Belatriz ofegava, e Harry inexplicavelme
nte pensou em Gina, em seu olhar radioso
e na sensação dos seus lábios nos dele...
Voldemort erguera a varinha. Sua cabeça ainda es
tava inclinada para um lado, como a de
uma criança curiosa, imaginando o que aconteceria s
e ele prosseguisse. Harry encarou os
olhos vermelhos e desejou que acontecesse naquele i
nstante, rapidamente, enquanto ele ainda
se mantinha de pé, antes que se descontrolasse, ant
es que traísse o seu medo...
Ele viu a boca se mover e um clarão verde, e tud
o desapareceu.
==========
==========
Conteúdo disponíbilizado gratuit

amente por Le Livros
==========
==========

-- CAPÍTULO TRINTA E CINCO --

King's Cross

Ele estava de bruços, escutando o silêncio. Absolutamente sozinho. Ninguém o observava.
Ninguém mais estava ali. Nem tinha absoluta certeza de que ele próprio estivesse ali.

Muito tempo depois, ou talvez tempo algum, ocorreu-lhe que devia existir, devia ser mais do que pensamento incorpóreo, porque estava deitado, decididamente deitado, sobre alguma superfície. Portanto, possuía tato, e a coisa sobre a qual deitava também existia.

Quase no instante em que chegou a esta conclusão, Harry tomou consciência de que estava nu. Convencido de sua total solidão, isso não o preocupou, mas deixou-o ligeiramente intrigado. Perguntou-se se, uma vez que podia sentir, também seria capaz de ver. Ao abrir os olhos, descobriu que os possuía.

Estava deitado em meio a uma névoa brilhante, embora não se parecesse com névoa alguma que já tivesse visto. O espaço que o rodeava não estava toldado, pelo contrário, a névoa vaporosa ainda não se formara ao seu redor. O chão em que estava deitado parecia ser branco, nem quente nem frio, existia apenas, algo plano, vazio sobre o qual estar.

Ele se sentou. Seu corpo parecia ileso. Apalpou o rosto. Não estava mais usando óculos.

Então, do nada informe que o cercava, chegou-lhe aos ouvidos um barulho: as batidinhas suaves de algo que adejava, se açoitava e se debatia. Era um barulho que inspirava piedade, mas também era ligeiramente obsceno. Teve a desconfortável sensação de que estava bisbilhotando alguma coisa furtiva, vergonhosa.

Pela primeira vez, desejou estar vestido.

Mal acabara de formular mentalmente esse desejo, apareceram vestes a uma pequena

distância. Apanhou-as e vestiu-as: eram macias, lim
pas e quentes. Era extraordinário como
tinham aparecido, instantaneamente, no momento em q
ue as desejara...

Ele se levantou e relanceou ao redor. Estaria e
m alguma ampla Sala Precisa? Quanto mais
olhava, mais havia para ver. Um enorme domo de vidr
o faiscava ao sol, lá no alto. Talvez
fosse um palácio. Tudo era imóvel e silencioso, exc
eto por aquelas estranhas lamúrias e
pancadas surdas que vinham dali perto em meio à név
oa...

Harry se virou lentamente no mesmo lugar, e o am
biente pareceu se reinventar diante de
seus olhos. Um grande vão, claro e limpo, um salão
muito maior do que o Salão Principal com
aquele teto abobadado de vidro. Vazio. Ele era a ún
ica pessoa ali, exceto por...

Encolheu-se. Localizara a coisa que estava produ
zindo os ruídos. Tinha a forma de uma
criancinha nua, enroscada no chão, a pele em carne
viva e grossa, parecendo açoitada, e
tremia embaixo de uma cadeira onde fora deixada, in
desejável, posta fora de vista, tentando
respirar.

Teve medo. Pequena, frágil e ferida como estava,
Harry não quis se aproximar dela.
Contudo, ele foi se acercando devagar, pronto para
saltar para trás a qualquer momento. Logo
estava perto o suficiente para tocá-la, ainda que
não conseguisse se obrigar a isso. Sentiu-se
um covarde. Devia consolá-la, mas ela lhe causava r
epugnância.

- Não há nada que você possa fazer.

Ele virou-se depressa. Alvo Dumbledore vinha ao
seu encontro, animado e aprumado,
trajando amplas vestes azul-escuras.

- Harry. - Ele abriu bem os braços, e suas mãos
estavam, ambas, inteiras, brancas e ilesas.
- Garoto maravilhoso. Homem corajoso, muito corajos
o. Vamos caminhar.

Aturdido, Harry acompanhou-o; Dumbledore se afas

tou da criança flagelada que
choramingava, e o conduziu a duas cadeiras em que H
arry não reparara antes, dispostas a
alguma distância sob aquele teto alto e cintilante.
 Dumbledore sentou-se em uma delas e Harry
se largou na outra, fitando o seu antigo diretor. O
s longos cabelos e barbas prateadas de
Dumbledore, os olhos azuis penetrantes por trás dos
 oclinhos de meia-lua, o nariz torto:
exatamente como ele lembrava. Contudo...
- Mas você está morto - disse Harry.
- Ah, sim - respondeu Dumbledore, sem rodeios.
- Então... eu estou morto também?
- Ah - disse o diretor com um sorriso ainda maio
r. - Essa é a dúvida, não é? De modo
geral, meu caro rapaz, acho que não.
Eles se encararam, o velho ainda sorrindo.
- Não? - repetiu Harry.
- Não.
- Mas... - Harry levou instintivamente a mão à
cicatriz em forma de raio. Aparentemente
sumira. - Mas eu deveria ter morrido... não me defe
ndi! Deliberadamente deixei que me
matasse!
- E isso, acho eu, terá feito toda a diferença.
A felicidade parecia se irradiar de Dumbledore c
omo luz, como fogo: Harry jamais vira um
homem tão absoluta e palpavelmente satisfeito.
- Explique - pediu Harry.
- Mas você já sabe. - E Dumbledore girou os pole
gares.
- Eu deixei que me matasse. Não foi?
- Foi - assentiu Dumbledore. - Continue!
- Então a parte da alma dele que estava comigo..
.
Dumbledore assentiu ainda mais entusiasticament
e, instando Harry a prosseguir, um amplo
sorriso de incentivo no rosto.
- ... se foi?
- Ah, sim! Ele a destruiu. A sua alma é inteira
e totalmente sua, Harry.
- Mas então...

Harry espiou por cima do ombro, para onde a pequena criatura mutilada tremia embaixo da cadeira.

- Que é aquilo, professor?

- Uma coisa além da nossa possibilidade de ajudar.

- Mas se Voldemort usou aquela Maldição da Morte - recomeçou Harry -, e desta vez ninguém morreu por mim... como posso estar vivo?

- Acho que você sabe. Faça uma retrospectiva. Lembre o que ele fez em sua ignorância, cobiça e crueldade.

Harry pensou. Deixou o seu olhar vaguear pelo ambiente. Se de fato fosse um palácio o lugar em que estavam, era estranho, com cadeiras em pequenas fileiras e gradis aqui e ali, e Dumbledore e a criatura atrofiada embaixo da cadeira eram os únicos seres presentes. Então a resposta aflorou aos seus lábios facilmente, sem esforço.

- Ele tirou o meu sangue - respondeu Harry.

- Exato! - exclamou Dumbledore. - Ele tirou o seu sangue e usou-o para reconstruir o próprio corpo vivente! O seu sangue nas veias dele, Harry, a proteção de Lílian nos dois! Ele prendeu você à vida enquanto ele viver!

- Eu vivo... enquanto ele viver? Mas pensei... pensei que fosse o contrario! Pensei que nós dois tínhamos que morrer? Ou dá no mesmo?

Harry foi distraído pelo choro e as batidas da criatura angustiada às suas costas, e tornou a se virar para vê-la.

- Tem certeza de que não podemos fazer nada?

- Não há ajuda possível.

- Então me explique... melhor - pediu Harry, e Dumbledore sorriu.

- Você foi a sétima Horcrux, Harry, a Horcrux que ele nunca pretendeu criar. Voldemort deixou a alma tão instável que ela se fragmentou quando ele cometeu aqueles atos de indizível maldade, o assassinato dos seus pais, a tentativa de matar uma criança. Mas o que escapou

daquele quarto foi ainda menos do que ele percebeu
. Voldemort deixou ali mais do que o seu
corpo. Deixou uma parte de si mesmo presa a você, a
 pretensa vítima que sobrevivera.
   "E o conhecimento dele permaneceu lamentavelment
e incompleto, Harry! Aquilo a que
Voldemort não dá valor ele não se dá sequer o trab
alho de compreender. De elfos domésticos
e contos infantis, amor, lealdade e inocência, Vold
emort não entende nada. Nadinha. Que
todos tenham um poder que supere o dele, um poder q
ue supere o alcance da magia, é uma
verdade que ele jamais compreendeu.
   "Ele tirou o seu sangue acreditando que isto o f
ortaleceria. Integrou ao próprio corpo uma
parte mínima do encantamento com que sua mãe o reco
briu quando morreu para salvá-lo. O
corpo dele guarda vivo o sacrifício de Lílian, e e
nquanto esse encantamento sobreviver, você
também sobreviverá, assim como a última esperança d
e Voldemort."
   Dumbledore sorriu para Harry, e o garoto o encar
ou.
   - E o senhor sabia disso? Sabia... o tempo todo?

   - Tive um palpite. Mas os meus palpites normalme
nte têm sido muito bons - respondeu ele,
feliz, e os dois ficaram sentados em silêncio por
um tempo que pareceu muito longo, enquanto
a criatura continuava a choramingar e tremer.
   - Tem mais - disse Harry. - Tem mais coisas. Por
 que a minha varinha partiu a que ele
pediu emprestada?
   - Quanto a isso, não tenho muita certeza.
   - Dê um palpite, então - pediu Harry, fazendo Du
mbledore rir.
   - O que você precisa entender, Harry, é que você
 e Lorde Voldemort empreenderam juntos
uma jornada ao reino de uma magia até agora desconh
ecida e não comprovada. Imagino,
porém, que tenha acontecido o seguinte, e não há pr
ecedentes, nem fabricante de varinha

algum, acho eu, que pudesse jamais ter predito ou e
xplicado isso a Voldemort.
"Sem querer, como você agora sabe, Lorde Voldemo
rt duplicou o vínculo entre vocês
quando retomou a forma humana. Uma parte de sua alm
a já estava presa a você, e, pensando
em se fortalecer, ele incorporou uma parte do sacri
fício de sua mãe. Se pudesse ter
compreendido o poder exato e terrível daquele sacr
ifício, talvez não tivesse ousado tocar no
seu sangue... mas se ele fosse capaz de compreende
r, não seria Lorde Voldemort, e, talvez,
nunca tivesse matado ninguém.
"Tendo garantido essa dupla vinculação, tendo am
arrado os seus destinos juntos, mais
seguramente do que dois bruxos jamais fizeram em to
da a história, Voldemort atacou você
com uma varinha que possuía o mesmo núcleo que a su
a. Então, ocorreu algo muito estranho,
como sabemos. Os núcleos reagiram de uma forma que
Lorde Voldemort, que nunca soube que
a sua varinha era gêmea da dele, não poderia prever
.
"Ele sentiu mais medo do que você naquela noite,
Harry. Você tinha aceitado, e até
considerado bem-vinda, a ideia da morte, coisa que
Lorde Voldemort jamais foi capaz de
fazer. Sua coragem venceu, sua varinha dominou a d
ele. E ao fazer isso, aconteceu entre as
duas varinhas uma coisa que refletiu a relação entr
e os seus donos.
"Acredito que a sua varinha tenha absorvido par
te do poder e das qualidades da varinha de
Voldemort naquela noite, ou seja, o objeto captou u
m pouco do próprio Voldemort. Então, a
sua varinha o reconheceu enquanto ele o perseguia,
reconheceu um homem que era, ao mesmo
tempo, parente e inimigo mortal, e regurgitou contr
a Voldemort um pouco de sua própria
magia, magia muito mais poderosa do que qualquer co
isa que a varinha de Lúcio pudesse
realizar. Sua varinha passou a conter simultaneamen

te o poder de sua enorme coragem e da perícia letal de Voldemort: que chance teria aquela mísera varinha de Lúcio Malfoy?"

- Mas, se a minha varinha ficou tão poderosa, como Hermione pôde quebrá-la? - perguntou Harry.

- Meu caro rapaz, seus efeitos excepcionais eram dirigidos apenas a Voldemort, que mexeu de forma tão imprudente com as mais profundas leis da magia. Apenas contra ele aquela varinha era anormalmente poderosa. Nos demais casos, era uma varinha como outra qualquer... embora, sem dúvida, fosse boa - concluiu Dumbledore bondosamente.

Harry parou refletindo um longo tempo, ou talvez segundos. Ali, era muito difícil ter certeza de dimensões.

- Ele me matou com a sua varinha.

- Ele não conseguiu matar você com a minha varinha - corrigiu-o Dumbledore. - Acho que podemos concordar que você não está morto... embora, é claro - acrescentou ele, como se receasse ser indelicado -, eu não esteja minimizando os seus sofrimentos que, seguramente, foram rigorosos.

- Mas estou me sentindo ótimo no momento - replicou Harry, olhando para suas mãos limpas e intactas. - Exatamente onde estamos?

- Bem, eu ia lhe perguntar isso - disse Dumbledore, olhando ao redor. - Onde você diria que estamos?

Até Dumbledore perguntar, Harry não fazia ideia. Então, descobriu que tinha uma resposta pronta para lhe dar.

- Parece - disse, lentamente - a estação de King's Cross. Exceto que muito mais limpa e vazia, e, pelo visto, não há trens.

- A estação de King's Cross! - Dumbledore estava dando gargalhadas. - Valha-me Deus, sério?

- Bem, onde o senhor acha que estamos? - perguntou Harry, um pouco na defensiva.

- Meu caro rapaz, não faço a menor ideia. Como c
ostumam dizer, a festa é sua.
Harry não entendeu o que isso queria dizer; Dumb
ledore estava aborrecendo-o. Olhou
carrancudo para o diretor, então se lembrou de uma
pergunta muito mais urgente do que a
presente localização.
- As Relíquias da Morte - disse, e ficou satisf
eito ao ver que as palavras tinham apagado o
sorriso do rosto de Dumbledore.
- Ah, sim - disse ele, parecendo até um pouco pr
eocupado.
- Então?
Pela primeira vez desde que Harry conhecera Dumb
ledore, ele pareceu menos que um
homem idoso, muito menos. Pareceu, por um momento f
ugaz, um garoto apanhado em uma
travessura.
- Será que pode me perdoar? Será que pode me per
doar por não ter confiado em você? Por
não ter lhe dito? Harry, eu só receei que você fra
cassasse como eu. Só temi que repetisse os
meus erros. Imploro o seu perdão, Harry. Já faz alg
um tempo que sei que você é um homem
melhor do que eu.
- Do que está falando? - perguntou o garoto, ass
ustado com o tom de Dumbledore, com as
lágrimas repentinas em seus olhos.
- As Relíquias, as Relíquias - murmurou Dumbledo
re. - O sonho de um homem
desesperado!
- Mas elas são reais!
- Reais e perigosas, além de uma sedução para os
 tolos. E eu próprio fui um tolo. Mas você
sabe disso, não é? Não tenho mais segredos para voc
ê. Você sabe.
- Que é que eu sei?
Dumbledore virou-se de frente para Harry e as lá
grimas ainda cintilavam em seus olhos
muito azuis.
- Senhor da Morte, Harry, senhor da Morte! Em úl
tima análise, terei sido melhor que

Voldemort?
- Claro que foi. Claro... como pode fazer essa p
ergunta? O senhor nunca matou quando
pôde evitar!
- Verdade, verdade. - E ele parecia uma criança
precisando de reafirmação. - Contudo, eu,
também, busquei um modo de vencer a morte, Harry.
- Não como ele. - Depois de toda a sua raiva po
r Dumbledore, era estranho sentar ali, sob
aquele teto abobadado, e defendê-lo de si mesmo. -
Relíquias, não Horcruxes.
- Relíquias - murmurou Dumbledore -, não Horcrux
es. Exatamente.
Houve uma pausa. A criatura choramingou, mas Har
ry não se virou.
- Grindelwald as estava procurando também? - per
guntou ele.
Dumbledore fechou os olhos por um momento e asse
ntiu.
- Foi isso, acima de tudo, que nos aproximou - d
isse ele, em voz baixa. - Dois rapazes
inteligentes e arrogantes com uma obsessão em comum
. Ele quis ir a Godric's Hollow, como
você certamente adivinhou, por causa do túmulo de
Ignoto Peverell. Queria explorar o local
em que o terceiro irmão falecera.
. - Então, é verdade? A história toda? Os irmãos
Peverell...
- ... eram os três irmãos do conto - confirmou D
umbledore. - Ah, sim, acho que sim. Agora,
se encontraram a Morte em uma estrada deserta... a
cho mais provável que os irmãos Peverell
fossem simplesmente bruxos talentosos e temerários
que conseguiram criar esses objetos
poderosos. A história de que seriam as próprias Re
líquias da Morte me parece o tipo de lenda
que pode ter surgido em torno de suas criações.
"A capa, como você agora sabe, passou durante sé
culos de pai para filho, de mãe para
filha, até o último descendente vivo de Ignoto, que
nasceu na aldeia de Godric's Hollow."
Dumbledore sorriu para Harry.

- Eu?
- Você. Você conjecturou, eu sei, por que a capa estava em meu poder na noite em que seus pais morreram. Tiago a mostrara a mim poucos dias antes. Ela explicava muitos dos seus malfeitos, na escola, que passavam despercebidos! Mal consegui acreditar no que via. Pedi a capa emprestada para examiná-la. Havia muito tempo que desistira do meu sonho de juntar as Relíquias, mas não pude resistir, não pude deixar de vê-la de perto... Era uma capa como eu jamais vira, imensamente velha, perfeita sob todos os aspectos... então seu pai morreu, e eu tinha finalmente duas Relíquias só para mim!
Seu tom era insuportavelmente amargurado.
- A capa não teria ajudado meus pais a sobreviver - apressou-se Harry a dizer. - Voldemort sabia onde meu pai e minha mãe estavam. A capa não os tornaria à prova de maldição.
- Verdade - suspirou Dumbledore. - Verdade.
Harry aguardou, mas o diretor não disse mais nada, então, ele o instigou.
- Então, desistiu de procurar as Relíquias quando viu a capa?
- Ah, sim - respondeu Dumbledore, com a voz fraca. Ele parecia fazer força para fitar Harry. - Você sabe o que aconteceu. Você sabe. Você não pode me desprezar mais do que eu me desprezo.
- Mas eu não o desprezo...
- Então deveria. - Dumbledore inspirou profundamente. - Você conhece o segredo da precária saúde da minha irmã, o que aqueles trouxas fizeram, no que a transformaram. Você sabe como o meu pobre pai buscou vingança e pagou por isso, morrendo em Azkaban. Você sabe como minha mãe abriu mão da própria vida para cuidar de Ariana.
"Tive raiva disso, Harry."
Dumbledore confessou abertamente, friamente. Olhava agora por cima da cabeça de Harry,

para longe.
- Eu era talentoso, era brilhante. Queria fugir. Queria brilhar. Queria a glória.
"Não me entenda mal", disse ele, e a dor perpassou o seu semblante, fazendo-o parecer novamente muito idoso. "Eu os amava. Amava meus pais. Amava meu irmão e minha irmã, mas era egoísta, Harry, mais egoísta do que você, que é uma pessoa extraordinariamente generosa, poderia imaginar.
"Então, quando minha mãe morreu, e me deixou a responsabilidade de uma irmã incapacitada e um irmão rebelde, voltei para minha aldeia enraivecido e amargurado. Preso e desperdiçado, pensei! Então, naturalmente, ele chegou..."
Dumbledore tornou a fitar Harry nos olhos.
- Grindelwald. Você não pode imaginar como as suas ideias me contagiaram, Harry, me inflamaram. Trouxas forçados à submissão. Nós, bruxos, vitoriosos. Grindelwald e eu, os jovens líderes gloriosos da revolução.
"Ah, eu tinha alguns escrúpulos. Aliviava a minha consciência com palavras vãs. Tudo seria para o bem maior, e qualquer dano causado seria compensado cem vezes em benefícios para os bruxos. Se eu sabia, no fundo do meu coração, quem era Gerardo Grindelwald? Acho que sim, mas fechei os olhos. Se os planos que estávamos fazendo viessem a frutificar, todos os meus sonhos se concretizariam.
"E, no cerne dos nossos projetos, as Relíquias da Morte! Como elas o fascinavam, como fascinavam a nós dois! A varinha invencível, a arma que nos conduziria ao poder! A Pedra da Ressurreição significava para ele, embora eu fingisse não saber, um exército de Inferi! Para mim, confesso, significava o retorno dos meus pais e a remoção de toda a responsabilidade dos meus ombros.
"E a Capa da Invisibilidade... por alguma razão, nunca a discutimos muito, Harry. Nós dois

éramos capazes de nos ocultar muito bem sem a capa, cuja magia, naturalmente, é poder ser usada para proteger e escudar outros, além do seu dono. Pensei que, se algum dia a encontrássemos, ela poderia ser útil para ocultar Ariana, mas o nosso interesse na capa era apenas completar o trio, porque, dizia a lenda, o homem que reunisse os três objetos seria verdadeiramente o senhor da Morte, e, para nós, invencível.

"Senhores invencíveis da Morte, Grindelwald e Dumbledore! Dois meses de insanidade, de sonhos cruéis e descaso com os dois únicos membros da família que me restavam.

"Então... você sabe o que aconteceu. A realidade retornou, na forma do meu irmão rude, iletrado e infinitamente mais admirável. Eu não quis ouvir as verdades que ele atirou na minha cara. Não quis ouvir que não poderia partir em busca das Relíquias levando comigo uma irmã frágil e instável.

"A discussão virou uma briga. Grindelwald se descontrolou. Aquilo que eu sempre percebera nele, embora fingisse não existir, revelou-se de um modo terrível. E Ariana... depois de todo o cuidado e a cautela de minha mãe... jazia morta no chão."

Dumbledore ofegou e começou a chorar profusamente. Harry estendeu a mão, e ficou contente de constatar que podia tocá-lo: apertou seu braço com força, e Dumbledore gradualmente recobrou o controle.

- Bem, Grindelwald fugiu, como todo o mundo, exceto eu, poderia ter previsto. Sumiu com os seus planos de tomar o poder e seus projetos de torturar trouxas, e seus sonhos com as Relíquias da Morte, sonhos em que eu o encorajara e ajudara. Ele fugiu, me deixando sozinho para enterrar minha irmã e aprender a viver com a minha culpa e o meu terrível pesar, o preço da minha vergonha.

"Os anos passaram. Correram boatos a respeito de

le. Diziam que obtivera uma varinha de
imenso poder. Entrementes, me ofereceram o posto d
e ministro da Magia, não uma, mas várias
vezes. Naturalmente, recusei. Aprendera que não se
ria confiável se tivesse o poder em minhas
mãos."

- Mas o senhor teria sido melhor, muito melhor d
o que o Fudge ou o Scrimgeour! -
exclamou Harry.

- Teria? - perguntou Dumbledore, abatido. - Não
estou muito seguro. Na adolescência, eu
tinha comprovado que o poder era a minha fraqueza
e a minha tentação. É uma coisa curiosa,
Harry, mas talvez os que têm maior talento para o p
oder sejam os que nunca o buscaram.
Pessoas, como você, a quem empurram a liderança e q
ue aceitam o manto do poder porque
devem, e descobrem, para sua surpresa, que lhes cai
bem.

"Eu estava mais seguro em Hogwarts. Acho que fui
um bom professor..."

- O senhor foi o melhor...

- É muita bondade sua, Harry. Mas, enquanto eu m
e ocupava com o ensino de jovens
bruxos, Grindelwald estava reunindo um exército. Di
ziam que tinha medo de mim, e talvez
fosse verdade, mas teria menos do que eu tinha dele
...

"Ah, não de morrer", explicou Dumbledore em resp
osta ao olhar indagador de Harry. "Não
do que ele pudesse me fazer usando a magia. Eu sabi
a que nos equiparávamos, talvez eu fosse
até um tantinho mais talentoso. Eu temia a verdade.
Entende, eu nunca soube qual de nós,
naquela última luta horrenda, havia realmente lança
do o feitiço que matara minha irmã. Você
pode me chamar de covarde: e teria razão. Harry, eu
temia mais que tudo o conhecimento de
que fora eu o causador de sua morte, não apenas po
r causa da minha arrogância e estupidez,
mas que eu, de fato, tivesse dado o golpe que lhe t
irara a vida.

"Acho que ele sabia disso, acho que sabia o que me apavorava. Adiei o confronto com ele até que finalmente fosse demasiado vergonhoso resistir por mais tempo. As pessoas estavam morrendo, e ele parecia irrefreável, e tive que fazer o que pude.

"Bem, você sabe o que aconteceu a seguir. Ganhei o duelo. Ganhei a varinha."

Novo silêncio. Harry não perguntou se algum dia Dumbledore havia descoberto quem matara Ariana. Não queria saber, e menos ainda que o diretor se visse obrigado a lhe dizer. E, finalmente, ele soube o que Dumbledore teria visto no Espelho de Ojesed, e por que compreendera tão bem a fascinação que o objeto exercia sobre Harry.

Eles se sentaram em silêncio por muito tempo, e o choro da criatura às suas costas praticamente deixou de incomodar Harry.

Por fim, o garoto disse:

- Grindelwald tentou impedir que Voldemort fosse atrás da varinha. Mentiu, sabe, fingindo que nunca a tivera em seu poder.

Dumbledore assentiu, olhando para o colo, as lágrimas brilhando em seu nariz torto.

- Dizem que ele demonstrou remorso nos últimos anos, sozinho em sua cela em Nurmengard. Espero que seja verdade. Gostaria de pensar que ele percebeu o horror e a vergonha do que tinha feito. Talvez aquela mentira a Voldemort fosse a sua tentativa de compensar... de impedir que Voldemort se apossasse da Relíquia...

- ... ou violasse o seu túmulo, talvez? - arriscou Harry, e Dumbledore secou as lágrimas.

Após mais um breve intervalo, Harry disse:

- O senhor tentou usar a Pedra da Ressurreição.

Dumbledore fez que sim.

- Quando a descobri, depois de tantos anos, enterrada na casa abandonada dos Gaunt, a Relíquia mais desejável de todas, embora na minha juventude eu a quisesse possuir por

motivos muito diversos, perdi a cabeça, Harry. Esqu
eci que fora transformada em Horcrux,
que o anel certamente carregaria um feitiço. Apanhe
i-o e coloquei-o no dedo, e, por um
segundo, imaginei que estava prestes a ver Ariana,
minha mãe e meu pai e lhes dizer o muito
que eu lamentava...

"Fui muito tolo, Harry. Depois de tantos anos,
eu não aprendera nada. Eu era indigno de
unir as Relíquias da Morte, evidenciara isso repeti
damente, e ali estava a prova final."

- Por quê? Era natural! Queria rever sua família
. Que há de errado nisso?

- Talvez um homem em um milhão possa unir as Rel
íquias, Harry. Eu só merecia possuir a
mais mesquinha delas, a menos extraordinária. Eu m
erecia possuir a Varinha das Varinhas, e
não me gabar disso, e não usá-la para matar. Tinha
permissão de domar e usar a varinha,
porque a conquistara, não para meu ganho pessoal, m
as para salvar outros do seu poder.

"Mas a capa, eu a tomei por mera curiosidade, po
r isso nunca poderia ter funcionado para
mim como funciona para você, seu verdadeiro dono. A
 pedra, eu a teria usado na tentativa de
trazer de volta aqueles que estão em paz, e não pa
ra permitir o sacrifício da minha vida, como
você fez. Você é o digno possuidor das Relíquias."

Dumbledore deu uma palmadinha afetuosa na mão d
e Harry, e o garoto ergueu os olhos para
o velho e sorriu; não pôde se conter. Como poderia
continuar zangado com Dumbledore,
agora?

- Por que precisou dificultar tanto as coisas?

O sorriso de Dumbledore foi trêmulo.

- Receio que tenha contado com a srta. Granger
para refreá-lo, Harry. Tive medo que sua
cabeça quente pudesse dominar o seu bom coração. S
enti pavor que, se lhe apresentasse logo
os fatos sobre esses objetos tentadores, você pudes
se se apoderar das Relíquias, como fiz, no
momento errado, pelos motivos errados. Se pusesse

as mãos nelas, eu queria que fossem suas
sem perigo. Você é o verdadeiro senhor da Morte, po
rque o verdadeiro senhor não busca fugir
da morte. Ele aceita que deve morrer, e compreende
 que há coisas piores, muito piores do que
a morte no mundo dos viventes.

- E Voldemort nunca ouviu falar nas Relíquias?

- Acho que não, porque ele não reconheceu a Pedr
a da Ressurreição quando a transformou
em Horcrux. Mas, mesmo que tivesse ouvido falar, Ha
rry, duvido que se interessasse por
qualquer delas, exceto a primeira. Não iria achar q
ue precisasse da capa e, quanto à pedra,
quem ele iria querer ressuscitar? Ele teme os morto
s. Ele não ama.

- Mas o senhor esperava que ele saísse em busca
da varinha?

- Tive certeza de que tentaria, desde que a sua
varinha derrotou Voldemort no cemitério de
Little Hangleton. A princípio, ele receou que você
o tivesse vencido por possuir maior
perícia. Uma vez que sequestrou Olivaras, porém, el
e descobriu a existência dos núcleos
gêmeos. Achou que isso explicava tudo. Entretanto,
a varinha emprestada não apresentou
melhor resultado contra a sua! Então, Voldemort, em
 vez de se perguntar que qualidade havia
em você que tornava sua varinha tão forte, que dom
você possuía que lhe faltava, naturalmente
saiu à procura da única varinha que, diziam, derro
taria qualquer outra. Para ele, a Varinha das
Varinhas se tornara uma obsessão que rivalizava à q
ue tinha por você. Ele acredita que a
Varinha das Varinhas elimina sua última fraqueza e
o torna verdadeiramente invencível.
Coitado do Severo...

- Se o senhor planejou morrer nas mãos de Snape,
 pretendia que ele acabasse dono da
varinha, não?

- Admito que tive essa intenção, mas não se real
izou como eu pretendi, não é?

- Não. Essa parte saiu diferente.

A criatura às costas deles estremeceu e gemeu, e Harry e Dumbledore continuaram sentados, sem falar, fazendo a pausa mais demorada até aquele momento. A compreensão do que aconteceria a seguir foi pouco a pouco se consolidando em Harry, nesses longos minutos, como a neve caindo suavemente.

- Tenho que voltar, não é?

- Isto depende de você.

- Tenho opção?

- Ah, sim. - Dumbledore sorriu. - Estamos em King's Cross, não foi o que você disse? Acho que, se decidir não voltar, você poderia... digamos... tomar um trem.

- E aonde ele me levaria?

- Em frente - respondeu Dumbledore, com simplicidade.

Novo silêncio.

- Voldemort tem a Varinha das Varinhas.

- Verdade. Voldemort tem a Varinha das Varinhas.

- Mas o senhor quer que eu volte?

- Acho que se você escolher voltar, há uma chance de que ele seja liquidado para sempre. Não posso prometer. Mas de uma coisa eu sei, Harry, você tem menos a temer do que ele ao retornarem para cá.

Harry tornou a relancear a coisa em carne viva que tremia e engasgava na sombra, sob a cadeira distante.

- Não tenha piedade dos mortos, Harry. Tenha piedade dos vivos e, acima de tudo, dos que vivem sem amor. Ao regressar, você poderá assegurar que menos almas serão mutiladas, menos famílias serão destroçadas. Se isso lhe parecer um objetivo meritório, então, por ora, diremos adeus.

Harry assentiu e suspirou. Deixar esse lugar não seria tão difícil quanto fora entrar na Floresta, mas ali era quente, claro e tranquilo, e ele sabia que estaria voltando à dor e ao temor de outras perdas. Ele se ergueu, Dumbledore o

acompanhou, e os dois se fitaram demoradamente.

- Me diga uma última coisa - disse Harry. - Isso é real? Ou esteve acontecendo apenas em minha mente?

Dumbledore lhe deu um grande sorriso, e sua voz pareceu alta e forte aos ouvidos de Harry, embora a névoa clara estivesse baixando e ocultando seu vulto.

- Claro que está acontecendo em sua mente, Harry, mas por que isto significaria que não é real?

-- CAPÍTULO TRINTA E SEIS --

A falha do plano

Harry estava novamente deitado com o rosto no chão. O cheiro da Floresta enchia suas narinas. Ele sentia a terra dura e fria sob sua face, e a dobradiça dos seus óculos, deslocados para um lado durante a queda, cortando sua têmpora. Cada centímetro do seu corpo doía, e, no ponto em que a Maldição da Morte o atingira, parecia ter levado um murro de punho de ferro.

Ele não se mexeu, manteve-se exatamente onde caíra, com o braço esquerdo dobrado em um ângulo estranho e a boca aberta.

Esperara ouvir vivas de triunfo e júbilo por sua morte, mas, em vez disso, o ar se encheu de passos apressados, sussurros e murmúrios solícitos.

- Milorde... milorde...

Era a voz de Belatriz, como se falasse a um amante. Harry não ousou abrir os olhos, deixou seus outros sentidos explorarem a situação. Sabia que a varinha continuava guardada sob suas vestes porque a sentia espremida entre seu peito e o chão. Um fino acolchoamento na área do estômago lhe informava que a Capa da Invisibilidade também estava ali, escondida.

- Milorde...

- Agora chega. - Ele ouviu a voz de Voldemort.

Mais passos: várias pessoas estavam retrocedendo do mesmo lugar. Desesperado para ver

o que estava acontecendo, e por quê, Harry entreabr
iu os olhos um milímetro.
Aparentemente, Voldemort estava se levantando. V
ários Comensais da Morte se afastavam
depressa dele, reintegrando a multidão à volta da c
lareira. Somente Belatriz continuou ali,
ajoelhada ao lado de Voldemort.
Harry fechou os olhos e considerou o que vira. O
s Comensais da Morte tinham se
aglomerado em torno de Voldemort, que, pelo visto,
caíra ao chão. Algo havia ocorrido
quando atingira Harry com a Maldição da Morte. Teri
a tombado também? Parecia provável.
Ambos teriam caído, momentaneamente desacordados, e
 agora ambos recobravam os
sentidos...
- Milorde, me deixe...
- Não preciso de sua ajuda - respondeu Voldemor
t, friamente, e, embora não pudesse ver,
Harry visualizou Belatriz, solícita, afastando a mã
o. - O garoto... está morto?
Fez-se absoluto silêncio na clareira. Ninguém se
 aproximou de Harry, mas ele sentiu que os
olhares se concentravam nele, pareciam empurrá-lo m
ais fundo no chão, e apavorou-se que
uma pálpebra ou um dedo seus pudessem mexer.
- Você - disse Voldemort, e houve um estampido e
 um gritinho de dor. - Examine-o. Me
diga se está morto.
Harry não sabia quem ele mandara verificar. Só l
he restava ficar parado, com o coração
batendo forte, traindo-o, e aguardar ser examinado,
 mas, ao mesmo tempo, registrando,
embora isso não fosse grande consolo, que Voldemort
 tomava a precaução de não se
aproximar dele, que Voldemort suspeitava que tivess
e havido uma falha no plano...
Mãos, mais leves do que imaginara, tocaram o seu
 rosto, ergueram uma pálpebra, se
introduziram sob sua camisa e sentiram seu coração
. Ele ouvia a respiração rápida da mulher,
seus longos cabelos fizeram cócegas em seu rosto. H

arry sabia que ela ouvia a pulsação
ritmada da vida contra suas costelas.
- Draco está vivo? Está no castelo?
O sussurro era apenas audível; os lábios dela es
tavam a meros centímetros do seu ouvido,
sua cabeça tão curvada que a cabeleira protegia seu
rosto dos espectadores.
- Está - sussurrou ele em resposta.
Harry sentiu a mão em seu peito se contrair; su
as unhas o espetaram. Então, ela retirou a
mão. Sentara.
- Está morto! - anunciou Narcisa Malfoy para os
Comensais.
E agora eles gritaram, agora deram berros de tr
iunfo e bateram com os pés no chão, e, entre
as pálpebras, Harry viu clarões vermelhos e pratead
os subirem ao ar, comemorando.
Ainda fingindo-se de morto, ele compreendeu. Nar
cisa sabia que a única maneira de lhe
permitirem entrar em Hogwarts e procurar o filho er
a participar do exército conquistador. Ela
já não se importava se Voldemort venceria ou não.
- Viram? - guinchou Voldemort, sobrepondo-se ao
tumulto. - Harry Potter foi morto por
minha mão, e agora nenhum homem vivo poderá me amea
çar! Vejam! Crucio!
Harry estivera esperando aquilo: sabia que não
deixariam o seu corpo descansar intocado
no chão da Floresta, teria que ser humilhado para c
omprovar a vitória de Voldemort. Ele foi
erguido no ar, e precisou de toda a sua força de v
ontade para continuar inanimado; entretanto,
a dor que previra não ocorreu. Foi atirado uma, dua
s, três vezes no ar, seus óculos voaram do
rosto e ele sentiu a varinha escorregar um pouco s
ob suas vestes, mas continuou mole e sem
vida e, quando caiu no chão pela última vez, a cla
reira ressoou com insultos e risadas agudas.
- Agora - disse Voldemort -, vamos ao castelo lh
es mostrar o que restou do seu herói.
Quem arrastará o corpo? Não... esperem...
Houve nova explosão de risadas e, transcorridos

alguns instantes, Harry sentiu o chão
tremer sob seu corpo.

- Você o carrega - ordenou Voldemort. - Ficará bem visível em seus braços, não é mesmo? Apanhe o seu amiguinho, Hagrid. E os óculos... repo nha os óculos... ele precisa ficar reconhecível.

Alguém chapou os óculos no rosto de Harry com in tenção de machucá-lo, mas as mãos
enormes que o ergueram no ar foram extremamente gen tis. Harry sentiu os braços de Hagrid
tremendo com a violência dos seus profundos soluços , grossas lágrimas choveram sobre ele
quando Hagrid o aninhou nos braços, e Harry não ous ou, por movimento ou palavra, insinuar
ao amigo que nem tudo estava perdido, ainda.

- Ande - ordenou Voldemort, e Hagrid avançou aos tropeços, abrindo passagem entre as
árvores muito juntas, em direção à saída da Florest a. Os galhos prenderam nos cabelos e nas
vestes de Harry, mas ele continuou inerte, a boca a berta molemente, os olhos fechados, e no
escuro, enquanto os Comensais da Morte se aglomerav am ao seu redor, e enquanto Hagrid
soluçava às cegas, ninguém se preocupou em verifica r se pulsava uma veia no pescoço nu de
Harry Potter...

Os dois gigantes acompanharam com estrondo os Co mensais da Morte; Harry ouvia as
árvores partindo e tombando à sua passagem; faziam tanto barulho que os pássaros levantavam
voo, aos gritos, abafando até as caçoadas dos Comen sais. A procissão da vitória marchou
para campo aberto, e depois de algum tempo, Harry p ercebeu, pelo clareamento da escuridão
através de suas pálpebras fechadas, que as árvores estavam começando a rarear.

- AGOURO!

O inesperado berro de Hagrid quase forçou Harry a abrir os olhos.

- Estão felizes agora por não ter lutado, seu b ando covarde de mulas velhas? Satisfeitos de

ver Harry Potter... m-morto...?

Hagrid não pôde continuar, sucumbiu às lágrimas. Harry ficou imaginando quantos centauros estariam assistindo à procissão passar; não se atreveu a abrir os olhos para avaliar. Alguns Comensais da Morte gritaram insultos para as criaturas, à medida que as deixavam para trás. Pouco depois, Harry sentiu, pelo refrescamento do ar, que tinham chegado à orla da Floresta.

- Pare.

Harry achou que Hagrid devia ter sido forçado a obedecer, porque ele cambaleou ligeiramente. Agora baixava uma frialdade sobre o lugar em que haviam parado, e Harry ouviu os arquejos roucos dos dementadores que patrulhavam as árvores naquele ponto da Floresta. Não o afetariam agora. A realidade de sua sobrevivência abrasava-o por dentro, um talismã contra eles, como se tivesse no coração o veado Patrono de seu pai a guardá-lo.

Alguém passou perto de Harry e ele percebeu que era Voldemort, porque ele falou em seguida, sua voz magicamente amplificada de modo a se propagar pelos terrenos da escola, retumbando nos tímpanos do garoto.

"Harry Potter está morto. Foi abatido em plena fuga, tentando se salvar enquanto vocês ofereciam as vidas por ele. Trazemos aqui o seu cadáver como prova de que o seu herói deixou de existir.

"A batalha está ganha. Vocês perderam metade dos seus combatentes. Os meus Comensais da Morte são mais numerosos que vocês, e O-Menino-Que-Sobreviveu está liquidado. A guerra deve cessar. Quem continuar a resistir, homem, mulher ou criança, será exterminado, bem como todos os membros de sua família. Saiam do castelo agora, ajoelhem-se diante de mim e serão poupados. Seus pais e filhos, seus irmãos e irmãs viverão e serão perdoados, e vocês se unirão a mim

no novo mundo que construiremos
juntos."
Houve silêncio nos jardins e no castelo. Voldemo
rt estava tão perto que Harry não se
atreveu a abrir os olhos.
- Venha - ordenou Voldemort. Harry ouviu-o avanç
ar e Hagrid foi forçado a segui-lo.
Harry abriu minimamente os olhos e viu Voldemort c
aminhando à frente, levando em torno dos
ombros sua grande cobra, agora, livre da gaiola enc
antada. Harry, porém, não tinha
possibilidade de sacar a varinha guardada dentro d
as vestes sem ser visto pelos Comensais da
Morte que o ladeavam, marchando na escuridão que gr
adualmente se dissipava...
- Harry - soluçava Hagrid. - Ah, Harry... Harry.
..
O garoto tornou a fechar os olhos com força. Sa
bia que estavam se aproximando do castelo,
e apurou os ouvidos para distinguir, acima das voze
s alegres dos Comensais da Morte e dos
seus passos pesados, sinais de vida em seu interior
.
- Parem.
Os Comensais pararam: Harry os ouviu debandar, p
ara formar uma linha em frente às portas
abertas da escola. Via, mesmo através das pálpebras
 fechadas, a claridade avermelhada
indicando que a luz que o iluminava saía do saguão
de entrada. Ele aguardou. A qualquer
momento, as pessoas por quem ele tentara morrer o
veriam, deitado aparentemente morto, nos
braços de Hagrid.
- NÃO!
O grito foi ainda mais terrível porque jamais es
perara ou sonhara que a professora
McGonagall pudesse emitir tal som. Ouviu uma risada
 de mulher ali perto, e percebeu que
Belatriz exultava com o desespero de McGonagall. El
e tornou a espreitar por um segundo, e
viu a entrada começar a se encher de gente, à medi
da que os sobreviventes da batalha saíam

aos degraus, para encarar os seus vencedores, e con
statar, com os próprios olhos, a realidade
da morte de Harry. Viu Voldemort parado um pouco à
frente dele, acariciando a cabeça de
Nagini com um dedo branco. Ele fechou os olhos outr
a vez.

- Não!

- Não!

- Harry! HARRY!

As vozes de Rony, Hermione e Gina foram piores q
ue as de McGonagall; tudo que Harry
queria era gritar em resposta, manteve-se, porém,
deitado e calado, e os gritos dos amigos
tiveram o efeito de um gatilho, a multidão de sobr
eviventes se uniu a eles, gritando e berrando
insultos para os Comensais da Morte até...

- SILÊNCIO! - exclamou Voldemort. Em seguida, um
 estampido, um forte clarão, e o
silêncio se impôs a todos. - Acabou! Ponha-o no chã
o, Hagrid, aos meus pés, que é o lugar
dele!

Harry sentiu que Hagrid o pousava na grama.

- Estão vendo? - disse Voldemort, e Harry sentiu
-o andando de um lado para outro,
paralelamente ao lugar em que ele jazia. - Harry P
otter está morto! Entenderam agora, seus
iludidos? Ele não era nada, jamais foi, era apenas
um garoto, confiante de que os outros se
sacrificariam por ele!

- Ele o derrotou! - berrou Rony, e o feitiço se
rompeu, e os defensores de Hogwarts
voltaram a gritar e a insultar até que um segundo
estampido mais forte tornou a extinguir mais
uma vez suas vozes.

- Ele foi morto tentando sair escondido dos ter
renos do castelo - disse Voldemort, e, na sua
voz, havia prazer com a mentira -, morto tentando s
e salvar...

Voldemort, no entanto, foi interrompido: Harry o
uviu uma movimentação e um grito, em
seguida mais um estampido, um clarão e um gemido de
 dor; ele abriu infinitesimalmente as

pálpebras. Alguém se destacara da multidão e inves
tira contra Voldemort: Harry viu o vulto
bater no chão, desarmado, Voldemort atirar a varinh
a do desafiante para o lado e rir.

- E quem é esse? - perguntou com o seu silvo sua
ve de ofídio. - Quem está se
voluntariando para demonstrar o que acontece com o
s que insistem em lutar quando a batalha
está perdida?

Belatriz deu uma gargalhada prazerosa.

- É Neville Longbottom, milorde! O garoto que an
dou dando tanto trabalho aos Carrow! O
filho dos aurores, lembra?

- Ah, sim, lembro - disse Voldemort, baixando o
s olhos para Neville, que fazia força para
se pôr de pé, sem arma nem proteção, parado na terr
a de ninguém entre os sobreviventes e os
Comensais da Morte. - Mas você tem sangue puro, não
 tem, meu bravo rapaz? - perguntou
Voldemort a Neville, que o encarava, as mãos vazias
 fechadas em punhos.

- E se tiver? - respondeu Neville em voz alta.

- Você demonstra vivacidade e coragem, e descend
e de linhagem nobre... Você dará um
valioso Comensal da Morte. Precisamos de gente como
 você, Neville Longbottom.

- Me juntarei a você quando o inferno congelar.
Armada de Dumbledore! - gritou ele e, da
multidão, ouviram-se vivas em resposta, que os Feit
iços Silenciadores de Voldemort
pareceram incapazes de conter.

- Muito bem - disse Voldemort, e Harry detectou
 um perigo maior na suavidade de sua voz
do que no feitiço mais poderoso. - Se essa é a sua
escolha, Longbottom, revertemos ao plano
original. A culpa será toda sua - disse ele, calmam
ente.

Ainda observando por trás das pestanas, Harry vi
u Voldemort acenar com a varinha.
Segundos depois, das janelas estilhaçadas do castel
o, algo semelhante a um pássaro disforme
voou na semiobscuridade e pousou na mão de Voldemor

t. Ele sacudiu o objeto mofado pelo
bico e deixou-o pender vazio e roto: o Chapéu Selet
or.
- Não haverá mais Seleção na Escola de Hogwarts
- disse Voldemort. - Não haverá mais
Casas. O emblema, escudo e cores do meu nobre antep
assado, Salazar Slytherin, será
suficiente para todos, não é mesmo, Neville Longbot
tom?
Ele apontou a varinha para Neville, que ficou rí
gido e calado, então forçou o chapéu a
entrar na cabeça do garoto, fazendo-o escorregar ab
aixo dos seus olhos. A multidão que
assistia à porta do castelo se movimentou e, sincr
onizados, os Comensais da Morte ergueram
as varinhas, acuando os combatentes de Hogwarts.
- Neville agora vai demonstrar o que acontece co
m quem é suficientemente tolo para
continuar a se opor a mim - anunciou Voldemort e, c
om um aceno da varinha, fez o Chapéu
Seletor pegar fogo.
Gritos cortaram o amanhecer, e Neville ardeu em
chamas, pregado ao chão, incapaz de se
mexer, e Harry não pôde suportar: tinha que agir...

Então, muitas coisas aconteceram no mesmo instan
te.
Ouviu-se um clamor nas distantes divisas da esco
la, dando a impressão de que centenas de
pessoas escalavam os muros fora do campo de visão d
e todos e corriam em direção ao
castelo, proferindo retumbantes brados de guerra.
Nessa hora, Grope apareceu contornando a
quina do castelo e berrou "HAGGER!". Seu grito foi
respondido por urros dos gigantes de
Voldemort: eles avançaram para Grope como elefantes
 estremecendo a terra. Depois vieram
os cascos, a vibração de arcos distendendo e flecha
s começaram repentinamente a chover
entre os Comensais da Morte, que romperam fileiras,
 gritando, surpresos. Harry tirou a Capa
da Invisibilidade de dentro das vestes, cobriu-se e

ergueu-se de um salto, ao mesmo tempo
que Neville.
Com um único movimento rápido e fluido, Neville
se libertou do Feitiço do Corpo Preso
que o imobilizava; o chapéu em chamas caiu de sua c
abeça e, do fundo dele, o garoto puxou
um objeto prateado com um punho cravejado de rubis.

O ruído da espada de prata cortando o ar não pôd
e ser ouvido acima do vozerio da
multidão que se aproximava, ou o estrépito dos gig
antes se enfrentando, ou a cavalgada dos
centauros, contudo, pareceu atrair todos os olhare
s. Com um único golpe, Neville decepou a
cabeça de Nagini, que girou no alto, reluzindo à lu
z que vinha do saguão de entrada, e a boca
de Voldemort se abriu em um berro de fúria, que nin
guém pôde ouvir, e o corpo da cobra
bateu com um baque surdo aos seus pés...
Oculto pela Capa da Invisibilidade, Harry lançou
um Feitiço Escudo entre Neville e
Voldemort antes que este pudesse erguer a varinha.
Então, sobrepondo-se aos gritos, rugidos e
ao pesado sapateio dos gigantes em luta, ouviu-se o
berro de Hagrid mais alto que tudo.
- HARRY! - gritou ele. - HARRY... ONDE ESTÁ HARR
Y?
Reinou o caos. A investida dos centauros disper
sava os Comensais da Morte, todos fugiam
das pisadas dos gigantes, e, cada vez mais próximos
, estrondeavam os reforços que ninguém
sabia de onde tinham vindo; Harry viu grandes criat
uras aladas, os testrálios e Bicuço, o
hipogrifo, rodeando as cabeças dos gigantes de Vold
emort, gadunhando seus olhos, enquanto
Grope os esmurrava; e agora os bruxos, defensores d
e Hogwarts, bem como os Comensais de
Voldemort, estavam sendo empurrados para dentro do
castelo. Harry lançava feitiços contra
cada Comensal da Morte à vista, e eles caíam sem sa
ber o que ou quem os atingira, e seus
corpos eram pisoteados pela multidão em retirada.

Ainda sob a capa, Harry foi empurrado para dent
ro do saguão: procurou Voldemort e viu-o
do lado oposto, a varinha disparando feitiços para
todo lado enquanto recuava para dentro do
Salão Principal, ainda berrando ordens para os seu
s seguidores; Harry lançou mais Feitiços
Escudo, e as supostas vítimas de Voldemort, Simas F
innigan e Ana Abbott, passaram por ele
correndo e entraram no Salão Principal, onde se uni
ram à luta que já se desenvolvia ali.

E agora havia mais, muito mais gente irrompendo
pela escadaria da entrada, e Harry viu
Carlinhos Weasley alcançar Horácio Slughorn, que ai
nda usava o pijama verde-esmeralda.
Pareciam ter reassumido a liderança dos familiares
e amigos de cada estudante de Hogwarts
que ficara para lutar, acompanhados dos lojistas e
habitantes de Hogsmeade. Os centauros
Agouro, Ronan e Magoriano invadiram o saguão em um
forte tropel, no momento em que a
porta que levava à cozinha era arrancada das dobrad
iças.

Uma enxurrada de elfos domésticos de Hogwarts ad
entrou o saguão, gritando e brandindo
seus trinchantes e cutelos, e à frente deles, com o
medalhão de Régulo Black pendurado ao
peito, vinha Monstro, sua voz de rã audível, apesar
da zoeira:

- À luta! À luta! À luta pelo meu senhor, defens
or dos elfos domésticos! À luta contra o
Lorde das Trevas, em nome do corajoso Régulo! À lut
a!

Eles cortavam e furavam os tornozelos e canelas
dos Comensais da Morte, seus pequenos
rostos brilhando de malícia, e, por onde quer que H
arry olhasse, os Comensais estavam se
dobrando à superioridade dos números, vencidos pelo
s feitiços, arrancando flechas dos
ferimentos, esfaqueados na perna pelos elfos, ou, s
implesmente, tentando fugir, mas engolidos
pela horda invasora.

A batalha, contudo, ainda não terminara: Harry d

isparou entre os duelistas, passou por prisioneiros que se debatiam e entrou no Salão Principal.

Voldemort estava no centro da luta e atacava e fulminava tudo ao seu alcance. Harry não conseguiu um ângulo desimpedido para mirar, então lutou para se aproximar, ainda invisível, e o Salão Principal foi lotando sempre mais, pois todos que podiam andar entravam à força.

Harry viu Yaxley ser nocauteado por Jorge e Lino Jordan, viu Dolohov cair com um grito às mãos de Flitwick, viu Walden Macnair ser atirado do outro lado do salão por Hagrid, bater na parede de pedra e escorregar, inconsciente, para o chão. Viu Rony e Neville abaterem Lobo Greyback, Aberforth estuporar Rookwood, Arthur e Percy derrubarem Thicknesse, e Lúcio e Narcisa Malfoy correndo entre a multidão, sem sequer tentar lutar, chamando, aos berros, pelo filho.

Voldemort agora duelava com McGonagall, Slughorn e Kingsley ao mesmo tempo, e seu rosto transparecia um ódio frio ao vê-los trançar e se proteger ao seu redor, incapazes de acabar com ele...

Belatriz também continuava a lutar, a uns cinquenta metros de Voldemort e, como seu senhor, ela duelava com três de uma vez: Hermione, Gina e Luna, todas empenhadas ao máximo, mas Belatriz valia por todas juntas, e a atenção de Harry foi desviada quando uma Maldição da Morte passou tão perto de Gina que por menos de três centímetros não a matou...

Ele mudou de rumo, avançando para Belatriz em lugar de Voldemort, mas dera apenas alguns passos quando foi empurrado para o lado.

- A MINHA FILHA NÃO, SUA VACA!

A sra. Weasley atirou sua capa para longe enquanto corria, deixando os braços livres. Belatriz girou nos calcanhares, às gargalhadas, ao ver quem era sua nova desafiante.

- SAIAM DO MEU CAMINHO! - gritou a sra. Weasley

às três garotas, e, fazendo um gesto
largo com a varinha, começou a duelar. Harry observ
ou com terror e animação a varinha de
Molly Weasley golpear e girar, e o sorriso de Bela
triz Lestrange vacilar e se transformar em
um esgar. Jorros de luz voavam de ambas as varinhas
, o chão em torno dos pés das bruxas
esquentou e fendeu; as duas mulheres travavam uma l
uta mortal.

- Não! - gritou a sra. Weasley quando alguns est
udantes correram, em seu auxílio. - Para
trás! Para trás! Ela é minha!

Centenas de pessoas agora se encostaram às pared
es observando as duas lutas, Voldemort e
seus três oponentes, e Belatriz e Molly, e Harry pa
rado, invisível, dilacerado entre as duas,
querendo atacar e ao mesmo tempo proteger, incapaz
de garantir que não iria atingir um
inocente.

- Que vai acontecer com seus filhos depois que e
u matar você? - provocou Belatriz, tão
desvairada como o seu senhor, saltando para evitar
os feitiços de Molly que dançavam ao seu
redor. - Quando a mamãe for pelo mesmo caminho que
o Fredinho?

- Você... nunca... mais... tocará... em... nosso
s... filhos! - gritou a sra. Weasley.

Belatriz deu uma gargalhada, a mesma gargalhada
exultante que seu primo Sirius dera ao
tombar para trás e atravessar o véu, e de repente H
arry previu o que ia acontecer.

O feitiço de Molly voou por baixo do braço estic
ado de Belatriz e atingiu-a no peito,
diretamente sobre o coração.

A risada triunfante de Belatriz congelou, seus o
lhos pareceram saltar das órbitas: por uma
mínima fração de tempo, ela percebeu o que ocorrera
 e, então, desmontou, e a multidão que
assistia bradou, e Voldemort deu um grito.

Harry sentiu como se estivesse virando em câmara
 lenta; viu McGonagall, Kingsley e
Slughorn serem arremessados para trás, debatendo-s

e e contorcendo-se no ar, quando a fúria
de Voldemort, face à queda de sua última e melhor t
enente, explodiu com a força de uma
bomba. Voldemort ergueu a varinha e apontou-a para
Molly Weasley.

- Protego! - berrou Harry, e o Feitiço Escudo e
xpandiu-se no meio do Salão Principal, e
Voldemort olhou admirado ao redor, procurando de on
de viera, ao mesmo tempo que Harry
despia, finalmente, a Capa da Invisibilidade.

O berro de choque, os vivas, os gritos de todos
os lados de "HARRY!", "ELE ESTÁ
VIVO!" foram imediatamente sufocados. A multidão s
e amedrontou, e o silêncio caiu brusca e
completamente quando Voldemort e Harry se encararam
 e começaram no mesmo instante a se
rodear.

- Não quero que mais ninguém tente ajudar - dis
se Harry em voz alta e, no silêncio total,
sua voz ecoou como o toque de uma trompa. - Tem que
 ser assim. Tem que ser eu.

Voldemort sibilou.

- Potter não está falando sério - disse ele, arr
egalando os olhos vermelhos. - Não é assim
que ele age, é? Quem você vai usar como escudo hoje
, Potter?

- Ninguém - respondeu Harry, com simplicidade. -
 Não há mais Horcruxes. Só você e eu.
Nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver, e
um de nós está prestes a partir para
sempre...

- Um de nós? - caçoou Voldemort, e todo o seu c
orpo estava tenso e seus olhos vermelhos
atentos, uma cobra armando o bote. - Você acha que
vai ser você, não é, o garoto que
sobreviveu por acaso e porque Dumbledore estava pux
ando os cordões?

- Acaso, foi? Quando minha mãe morreu para me sa
lvar? - desafiou Harry. Eles
continuaram a se movimentar de lado, os dois, em um
 círculo perfeito, mantendo a mesma
distância entre si, e para Harry só existia um ros

to, o de Voldemort. - Acaso, quando decidi
lutar naquele cemitério? Acaso, quando não me defe
ndi hoje à noite e, ainda assim, sobrevivi
e retornei para lutar?

- Acasos! - berrou Voldemort, mas ainda assim nã
o atacou, e os circunstantes
permaneceram imóveis como se estivessem petrificad
os, e, das centenas de pessoas no salão,
ninguém parecia respirar, exceto os dois. - Acaso e
 sorte e o fato de você ter se escondido e
choramingado atrás das saias de homens e mulheres s
uperiores a você, e me permitido matá-
los em seu lugar!

- Você não matará mais ninguém hoje à noite - di
sse Harry, enquanto se rodeavam e se
encaravam nos olhos, verdes e vermelhos. - Você não
 será capaz de matar nenhum deles,
nunca mais. Você não está entendendo? Eu estive dis
posto a morrer para impedir que você
ferisse essas pessoas...

- Mas você não morreu!

- ... mas tive intenção, e foi isso que fez a d
iferença. Fiz o que minha mãe fez. Protegi-os de
você. Você não reparou que nenhum dos feitiços que
lançou neles são duradouros? Você não
pode torturá-los. Você não pode atingi-los. Você nã
o aprende com os seus erros, Riddle, não
é?

- Você se atreve...

- Me atrevo, sim. Sei coisas que você ignora, T
om Riddle. Sei muitas coisas importantes
que você ignora. Quer ouvir algumas, antes de comet
er outro grande erro?

Voldemort não respondeu, continuou a rondá-lo em
 círculo, e Harry percebeu que o
mantivera temporariamente hipnotizado e acuado, det
ido pela tênue possibilidade de que
Harry pudesse, de fato, conhecer o segredo final...

- É o amor de novo? - disse Voldemort, a zombari
a em seu rosto ofídico. - A solução
favorita de Dumbledore, amor, que ele alegava conqu

istar a morte, embora o amor não o
tivesse impedido de cair da Torre e se quebrar como
uma velha estátua de cera? Amor, que
não me impediu de matar sua mãe sangue-ruim como um
a barata, Potter; e ninguém parece
amá-lo o suficiente para se apresentar desta vez e
receber a minha maldição. Então, o que vai
impedir que você morra agora quando eu atacar?

- Só uma coisa - respondeu Harry, e eles contin
uavam a se rodear, absortos um no outro,
separados apenas por aquele último segredo.

- Se não for o amor que irá salvá-lo desta vez -
retrucou Voldemort -, você deve acreditar
que é dotado de uma magia que não tenho, ou, então,
de uma arma mais poderosa do que a
minha?

- Creio que as duas coisas - replicou Harry, e o
bservou o choque perpassar aquele rosto de
cobra e instantaneamente se dispersar; Voldemort co
meçou a rir, e o som era mais apavorante
do que os seus gritos; desprovido de humor e sanid
ade, o riso ecoou pelo salão silencioso.

- Você acha que conhece mais magia do que eu? Do
que eu, do que Lorde Voldemort, capaz
de magia com que o próprio Dumbledore jamais sonhou
?

- Ah, ele sonhou, sim, mas sabia mais do que voc
ê, sabia o suficiente para não fazer o que
você fez.

- Você quer dizer que ele era fraco! - berrou V
oldemort. - Fraco demais para ousar, fraco
demais para se apoderar do que poderia ser dele, do
que será meu!

- Não, ele era mais inteligente do que você, um
bruxo melhor e um homem melhor.

- Eu causei a morte de Alvo Dumbledore!

- Você pensa que causou, mas se enganou.

Pela primeira vez a multidão que assistia se mo
veu quando as centenas de pessoas em torno
das paredes unanimemente prenderam o fôlego.

- Dumbledore está morto! - Voldemort atirou as p
alavras para Harry como se pudessem

lhe causar uma dor insuportável. - O corpo dele est
á apodrecendo no túmulo de mármore nos
jardins deste castelo, eu o vi, Potter, e ele não i
rá retornar!
- Dumbledore está morto, sim - respondeu Harry,
calmamente -, mas não foi você que
mandou matá-lo. Ele escolheu como queria morrer, es
colheu meses antes de morrer, combinou
tudo com o homem que você julgou que era seu servo.

- Que sonho infantil é esse?! - exclamou Voldem
ort, mas, ainda assim, ele não atacou, e
seus olhos vermelhos não se afastaram dos de Harry.

- Severo Snape não era homem seu. Snape era de D
umbledore, desde o momento em que
você começou a caçar minha mãe. E você nunca perceb
eu, por causa daquilo que não pode
compreender. Você nunca viu Snape conjurar um Patro
no, viu, Riddle?
Voldemort não respondeu. Eles continuaram a se r
odear como dois lobos prestes a se
estraçalhar.
- O Patrono de Snape era uma corça - disse Harry
-, o mesmo que o de minha mãe, porque
ele a amou quase a vida toda, desde que eram crianç
as. Você devia ter percebido - disse
Harry quando viu as narinas de Voldemort incharem -
, ele lhe pediu para poupar a vida dela,
não foi?
- Ele a desejava, nada mais - desdenhou Voldemor
t -, mas, quando ela se foi, ele
concordou que havia outras mulheres, de sangue mais
puro, mais dignas dele...
- Naturalmente foi o que Snape lhe disse, mas e
le se tornou espião de Dumbledore a partir
do momento em que você a ameaçou, e dali em diante
trabalhou contra você! Dumbledore já
estava morrendo quando Snape o matou!
- Não faz diferença! - guinchou Voldemort, que a
companhara cada palavra com extasiada
atenção, mas, em seguida, soltou uma gargalhada dem

ente. - Não faz diferença se Snape era
meu seguidor ou de Dumbledore, ou que mesquinhos ob
stáculos ele tentou colocar em meu
caminho! Eu os esmaguei como esmaguei sua mãe, o pr
etenso grande amor de Snape! Ah, mas
tudo isso faz sentido, Potter, e de modos que você
não compreende!

"Dumbledore tentou me impedir de possuir a Vari
nha das Varinhas! Queria que Snape fosse
o verdadeiro senhor da varinha! Mas passei à sua fr
ente, garotinho: cheguei à varinha antes
que você pudesse pôr as mãos nela, compreendi a ve
rdade antes que você a percebesse. Matei
Severo Snape há três horas, e a Varinha das Varinha
s, a Varinha da Morte, a Varinha do
Destino é realmente minha! O último plano de Dumble
dore falhou, Harry Potter!"

- É, falhou. Você tem razão. Mas, antes de você
tentar me matar, eu o aconselharia a pensar
no que fez... pensar, e tentar sentir algum remorso
, Riddle...

- Que é isso?

De tudo que Harry lhe dissera, acima de qualquer
revelação ou zombaria, nada chocara
tanto Voldemort. Harry viu suas pupilas se contraír
em até virarem finos traços, viu a pele em
torno dos seus olhos embranquecer.

- É a sua última chance - continuou o garoto -,
e é só o que lhe resta... vi em que se
transformará se não aproveitá-la... seja homem... t
ente sentir algum remorso...

- Você ousa...

- Ouso, sim, porque o último plano de Dumbledore
não saiu às avessas para mim. Saiu às
avessas para você, Riddle.

A mão de Voldemort estava tremendo em torno da V
arinha das Varinhas e Harry apertou a
de Draco com força. O momento, ele sabia, estava ap
enas a segundos de distância.

- A varinha não está funcionando corretamente pa
ra você, porque você matou a pessoa
errada. Severo Snape jamais foi o verdadeiro senhor

da Varinha das Varinhas. Ele jamais derrotou Dumbledore.

- Ele matou...

- Você não está prestando atenção? Snape nunca derrotou Dumbledore! A morte de Dumbledore foi planejada pelos dois! Dumbledore pretendia morrer sem ser derrotado, o último e verdadeiro senhor da varinha! Tudo correu conforme ele planejou, o poder da varinha morreria com ele, porque jamais foi arrebatada de suas mãos!

- Mas, então, Potter, Dumbledore praticamente me entregou a varinha! - A voz de Voldemort tremeu de malicioso prazer. - Roubei a varinha do túmulo do seu último senhor! Retirei-a, contrariando o desejo do seu último senhor! O seu poder é meu!

- Você ainda não entendeu, não é, Riddle! Possuir a varinha não é o suficiente! Empunhá-la, usá-la, não a torna realmente sua. Você não escutou o que Olivaras disse? A varinha escolhe o bruxo... A Varinha das Varinhas reconheceu um novo senhor antes de Dumbledore morrer, alguém que jamais tinha posto a mão nela. O novo senhor tirou a varinha de Dumbledore contra sua vontade, sem perceber exatamente o que tinha feito, ou que a varinha mais perigosa do mundo lhe dedicara a sua fidelidade...

O peito de Voldemort subia e descia rapidamente, e Harry sentiu a maldição a caminho, sentiu-a crescer no cerne da varinha apontada para o seu rosto.

- O verdadeiro senhor da Varinha das Varinhas era Draco Malfoy.

Absoluto aturdimento surgiu no rosto de Voldemort por um momento, mas logo desapareceu.

- Que diferença faz? - perguntou, brandamente. - Mesmo que você tenha razão, Potter, não faz a menor diferença para você nem para mim. Você não possui mais a varinha de fênix: duelaremos apenas com a perícia... e depois de tê-

lo matado, posso cuidar de Draco Malfoy...
- Mas é tarde demais. Você perdeu sua chance. Cheguei primeiro. Subjuguei Draco faz semanas. Arrebatei a varinha dele.
Harry girou a varinha de pilriteiro e sentiu convergirem sobre ela todos os olhares no salão.
- Então, a questão se resume nisso, não é? - sussurrou Harry. - Será que a varinha em sua mão sabe que o seu último senhor foi desarmado? Porque se sabe... eu sou o verdadeiro senhor da Varinha das Varinhas.
Um brilho ouro-avermelhado irrompeu subitamente no céu encantado e incidiu sobre eles, quando um retalho ofuscante de sol surgiu no parapeito da janela mais próxima. A luz iluminou o rosto dos dois ao mesmo tempo, de modo que Voldemort se tornou subitamente um borrão chamejante. Harry ouviu o seu grito agudo quando ele próprio berrou sua grande esperança para o céu, apontando a varinha de Draco:
- Avada Kedavra!
- Expelliarmus!
O estampido foi o de um tiro de canhão e as chamas douradas que jorraram entre as duas, no centro absoluto do círculo que eles tinham descrito, marcaram o ponto em que os feitiços colidiram. Harry viu o jato verde da maldição de Voldemort ir de encontro ao seu próprio feitiço, viu a Varinha das Varinhas voar para o alto, escura contra o nascente, girar pelo céu encantado como a cabeça de Nagini, girar pelo ar em direção ao senhor que se recusava a matar e que viera, enfim, tomar legitimamente posse dela. E Harry, com a habilidade infalível de um apanhador, agarrou a varinha com a mão livre ao mesmo tempo que Voldemort caía para trás de braços abertos, as pupilas ofídicas dos olhos vermelhos virando para dentro. Tom Riddle bateu no chão com uma finalidade terrena, seu corpo fraco e encolhido, as mãos brancas vazias, o rosto de cobra apático e inconsciente. Voldemort estava morto, atingido pelo

ricochete de sua própria maldição, e Harry ficou parado com as duas varinhas na mão, contemplando o invólucro do seu inimigo.

Um segundo arrepiante de silêncio, o choque do momento suspenso no ar: então sobreveio o tumulto em torno de Harry, quando os gritos e vivas e brados dos circunstantes rasgaram o ar. O intenso nascente ofuscou as janelas, e eles correram com estardalhaço para ele, e os primeiros a alcançá-lo foram Rony e Hermione, e foram os seus braços que o envolveram, seus gritos incompreensíveis que o ensurdeceram. Depois Gina, Neville e Luna estavam ali, e todos os Weasley e Hagrid e Kingsley e McGonagall e Flitwick e Sprout, e Harry não conseguia ouvir uma palavra do que cada um deles gritava nem dizer de quem eram as mãos que o agarravam, puxavam, tentavam abraçar alguma parte do seu corpo, centenas de pessoas se empurrando, todas decididas a tocar n'O-Menino-Que-Sobreviveu, a razão de aquilo ter finalmente terminado...

O sol subiu gradualmente sobre Hogwarts, e o Salão Principal resplandecia de vida e luz. Harry era uma parte indispensável da mescla de manifestações de júbilo e luto, de pesar e comemoração. Todos o queriam ali, seu líder e símbolo, seu salvador e guia, e que ele não tivesse dormido, que desejasse a companhia de apenas uns poucos, não parecia ocorrer a ninguém. Ele devia falar aos consternados, apertar suas mãos, testemunhar suas lágrimas, receber seus agradecimentos, ouvir as notícias que agora chegavam aos poucos de todos os lados ao longo da manhã, que os que estavam sob o efeito da Maldição Imperius no país tinham voltado a si, que os Comensais da Morte estavam fugindo ou sendo capturados, que os inocentes de Azkaban estavam sendo libertados naquele exato momento, e que Kingsley Shacklebolt fora nomeado ministro da Magia interino ...

O corpo de Voldemort foi retirado e posto em uma câmara ao lado do Salão Principal, longe dos corpos de Fred, Tonks, Lupin, Colin Creevey e cinquenta outros que tinham morrido, combatendo-o. McGonagall havia reposto as mesas no salão, mas ninguém estava sentado de acordo com as Casas: todos estavam misturados, professores e alunos, fantasmas e pais, centauros e elfos domésticos, e Firenze convalescia deitado a um canto, e Grope espiou para dentro, por uma janela quebrada, e as pessoas estavam atirando comida em sua boca sorridente. Depois de algum tempo, exausto - física e emocionalmente -, Harry se viu sentado em um banco ao lado de Luna.

- Se fosse eu, iria querer um pouco de paz e sossego - comentou ela.

- Eu adoraria - respondeu ele.

- Eu os distrairei. Use a sua capa.

E, antes que Harry pudesse falar, ela exclamou:

- Aaah, vejam que máximo aquele bliberente! - E apontou para as janelas. Todos que a ouviram olharam, e Harry escorregou a capa por cima do corpo e se levantou.

Ele pôde, então, andar pelo salão sem interferências. Localizou Gina a duas mesas de distância; estava sentada com a cabeça no ombro da mãe: haveria tempo para conversarem depois, horas e dias e talvez anos. Ele viu Neville, a espada de Gryffindor pousada ao lado do seu prato enquanto comia, cercado por um grupinho de fervorosos admiradores. Ao longo dos corredores entre as mesas, ele caminhou e viu os três Malfoy juntinhos, como se não soubessem se deviam ou não estar ali, mas ninguém lhes dava a menor atenção. Para todo lado que se virava, Harry via famílias reunidas, e, por fim, viu os dois cuja companhia ele mais desejava.

- Sou eu - murmurou, agachando-se entre os amigos. - Podem me acompanhar?

Eles se levantaram imediatamente e juntos, ele,

Rony e Hermione deixaram o Salão
Principal. Faltavam grandes pedaços da escadaria de mármore, parte da balaustrada
desaparecera e, a intervalos, havia entulho e manchas de sangue nos degraus que subiam. Em
algum lugar distante ouviam Pirraça disparando pelos corredores, cantando o hino da vitória
que ele compusera:

Vencemos, esmagamos a fera, Potter é o Máximo,
Voldy já era, então agora vamos nos divertir à vera!

- Realmente passa o sentimento da amplitude e tragédia da coisa, não é mesmo? - comentou
Rony, abrindo uma porta para deixar Harry e Hermione passarem.

A felicidade viria, pensou Harry, mas, no momento, estava anuviada pela exaustão e a dor
de perder Fred, Lupin e Tonks o atravessava pelo caminho como se fosse uma dor física. E,
principalmente, ele sentia um estupendo alívio e um grande desejo de dormir. Primeiro,
porém, devia uma explicação a Rony e Hermione, que o tinham apoiado por tanto tempo, e que
mereciam ouvir a verdade. Meticulosamente, narrou o que vira na Penseira e o que acontecera
na Floresta, e eles nem sequer tinham começado a expressar todo o seu choque e assombro
quando, finalmente, chegaram ao lugar a que estavam se dirigindo, embora nenhum deles
tivesse mencionado esse destino.

Desde que a vira pela última vez, a gárgula que guardava a entrada para o gabinete do
diretor tinha levado um tranco; estava inclinada para um lado, parecendo meio bêbada, e
Harry ficou em dúvida se ela ainda seria capaz de distinguir senhas.

- Podemos subir? - perguntou ele à gárgula.

- À vontade - gemeu a estátua.

Eles passaram por cima dela para chegar à escada em espiral, que subiu lentamente como
uma escada rolante. Harry abriu a porta no alto.

Deu uma única olhada na Penseira de pedra que de

ixara sobre a escrivaninha, e um barulho
de estourar os tímpanos o fez gritar, pensando em m
aldições e no retorno dos Comensais da
Morte e no renascimento de Voldemort...

Eram, porém, aplausos. A toda volta das paredes
, os diretores e diretoras de Hogwarts lhe
ofereciam uma vibrante ovação; acenavam com os chap
éus e, em alguns casos, com as
perucas, esticavam-se através das molduras para se
cumprimentarem; dançavam para cima e
para baixo das cadeiras em que tinham sido pintados
; Dilys Derwent chorava sem
constrangimento, Dexter Fortescue agitava a corneta
 acústica; Fineus Nigellus gritava com sua
voz fina e esganiçada: "E que se registre que a Ca
sa da Sonserina fez a sua parte! Que a nossa
contribuição não seja esquecida!"

Harry, entretanto, só tinha olhos para o homem p
intado no maior retrato logo atrás da
cadeira do diretor. As lágrimas escorriam por trás
 dos oclinhos de meia-lua e penetravam nas
longas barbas prateadas, e o orgulho e gratidão que
 emanavam do bruxo inundaram Harry com
o mesmo bálsamo do canto da fênix.

Por fim, o garoto ergueu as mãos e os retratos r
espeitosamente silenciaram, sorrindo,
enxugando os olhos e aguardando, ansiosos, que ele
falasse. O garoto, porém, dirigiu-se a
Dumbledore, e escolheu suas palavras com enorme cui
dado. Exausto e com a vista turva como
estava, precisava fazer um último esforço, para bus
car um último conselho.

- A coisa que estava escondida no pomo - começo
u ele - deixei-a cair na Floresta. Não sei
exatamente onde, mas não vou sair procurando. O sen
hor concorda?

- Meu caro rapaz, concordo - respondeu Dumbledor
e, enquanto seus colegas retratados se
mostravam confusos e curiosos. - Uma decisão sábia
e corajosa, mas eu não esperava menos
de você. Alguém mais sabe onde caiu?

- Ninguém mais - disse Harry, e Dumbledore assen

tiu satisfeito. - Mas vou guardar o
presente de Ignoto - acrescentou Harry, e Dumbledor
e abriu um largo sorriso.
- Naturalmente, Harry, será sua para sempre até
você passá-la adiante!
- E tem mais isto.
Harry ergueu a Varinha das Varinhas, e Rony e He
rmione a olharam com uma reverência
que, mesmo em seu estado de tonteira e falta de son
o, Harry não gostou de ver.
- Não a quero - disse Harry.
- Quê?! - exclamou Rony em voz alta. - Você é ma
luco?
- Eu sei que é poderosa - continuou Harry, exten
uado. - Mas eu era mais feliz com a minha.
Portanto...
Ele procurou na bolsa pendurada ao pescoço e ret
irou as duas metades do azevinho ainda
ligadas apenas por um fio de pena de fênix. Hermion
e tinha dito que não poderia ser
consertada, que o dano era sério demais. Tudo que
ele sabia era que, se isso não resolvesse,
nada mais resolveria.
Ele colocou a varinha partida sobre a escrivaninh
a do diretor, tocou-a com a ponta da
Varinha das Varinhas e disse:
- Reparo!
E, enquanto sua varinha se emendava, faíscas verm
elhas subiram de sua ponta. Harry
percebeu que conseguira. Apanhou a varinha de azevi
nho e fênix, e sentiu um repentino calor
em seus dedos, como se a varinha e a mão se rejubil
assem com a sua reunião.
- Estou devolvendo a Varinha das Varinhas - comun
icou ele a Dumbledore, que o
contemplava com enorme afeição e admiração - ao lu
gar de onde veio. Ela pode continuar lá.
Se eu morrer de morte natural como Ignoto, o seu po
der será rompido, não é? O senhor
anterior nunca foi vencido. E será o fim dela.
Dumbledore assentiu. Eles sorriram um para o outr
o.

- Você tem certeza? - perguntou Rony. Havia um le víssimo vestígio de desejo em sua voz
ao olhar para a Varinha das Varinhas.
- Acho que Harry está certo - disse Hermione em v oz baixa.
- A varinha não vale a confusão que provoca - res pondeu Harry. - Sinceramente - deu as
costas aos retratos, pensando na cama de dossel à s ua espera na Torre da Grifinória, e
imaginando se Monstro lhe levaria um sanduíche lá em cima -, já tive problemas suficientes
para a vida inteira.

DEZENOVE ANOS DEPOIS

O outono pareceu chegar de repente naquele ano. A m anhã do dia primeiro de setembro
estava revigorante e dourada como uma maçã, e, quan do a pequena família atravessou
saltitante a rua, em direção à grande estação enca rdida, a fumaça que os carros expeliam e a
respiração dos pedestres cintilavam como teias de a ranha no ar frio. Duas grandes gaiolas
sacudiam em cima dos carrinhos cheios que os pais e mpurravam; as corujas dentro delas
piavam indignadas, e a menina ruiva acompanhava cho rosa os irmãos, agarrada à mão do pai.

- Não vai demorar muito, e você também irá - dis se-lhe Harry.
- Dois anos - fungou Lílian. - Quero ir agora!

Os passageiros olharam curiosos para as corujas quando a família se encaminhou em zigue-
zague para a barreira entre as plataformas nove e dez. A voz de Alvo chegou aos ouvidos de
Harry apesar do barulho reinante; seus dois filhos tinham retomado a discussão começada no
carro.

- Não quero ir! Não quero ir para Sonserina!
- Tiago, dá um tempo! - pediu Gina.
- Eu só disse que ele talvez fosse - defendeu-s e Tiago, rindo do irmão mais novo. - Não
vejo problema nisso. Ele talvez vá para Sonse...

Tiago, porém, viu o olhar da mãe e se calou. Os cinco Potter se aproximaram da barreira.

Lançando ao irmão um olhar ligeiramente arrogante p
or cima do ombro, Tiago apanhou o
carrinho que a mãe levava e saiu correndo. Um insta
nte depois tinha desaparecido.
- Vocês vão escrever para mim, não vão? - pergun
tou Alvo aos pais, capitalizando
imediatamente a ausência momentânea do irmão.
- Todo dia, se você quiser - respondeu Gina.
- Todo dia não - replicou Alvo, depressa. - O T
iago diz que a maioria dos alunos recebe
carta de casa mais ou menos uma vez por mês.
- Escrevemos para Tiago três vezes por semana no
ano passado - contestou Gina.
- E você não acredite em tudo que ele lhe disser
sobre Hogwarts - acrescentou Harry. -
Ele gosta de brincar, o seu irmão.
Lado a lado, eles empurraram o segundo carrinho
e ganharam velocidade. Ao alcançarem a
barreira, Alvo fez uma careta, mas a colisão não o
correu. Em vez disso, a família emergiu na
plataforma nove e meia, que estava encoberta pela d
ensa fumaça clara que saía do Expresso
de Hogwarts. Vultos indistintos pululavam na névoa,
em que Tiago já desaparecera.
- Onde eles estão? - perguntou Alvo, ansioso, es
piando os vultos brumosos pelos quais
passavam ao avançar pela plataforma.
- Nós os acharemos - tranquilizou-o Gina.
Mas o vapor era denso, e estava difícil disting
uir os rostos das pessoas. Separadas dos
donos, as vozes ecoavam anormalmente altas. Harry p
ensou ter ouvido Percy discursar
sonoramente sobre o regulamento para uso de vassou
ras, e ficou feliz de ter um pretexto para
não parar e cumprimentar...
- Acho que são eles, Al - disse Gina, de repente
.
Um grupo de quatro pessoas que estava parado ao
lado do último vagão emergiu da névoa.
Seus rostos só entraram em foco quando Harry, Gina,
Lílian e Alvo estavam quase em cima
deles.

- Oi - disse Alvo, parecendo imensamente aliviado.

Rosa, que já estava usando as vestes de Hogwarts recém-compradas, deu-lhe um grande sorriso.

- Afinal, conseguiu estacionar direito? - perguntou Rony a Harry. - Eu consegui. Hermione não acreditou que eu pudesse passar no exame de motorista dos trouxas, não é mesmo? Achou que eu ia precisar confundir o examinador.

- Não pensei, não - replicou Hermione -, fiz a maior fé em você.

- Pois eu o confundi, mesmo - sussurrou Rony para Harry, quando, juntos, embarcaram o malão e a coruja de Alvo no trem. - Só me esqueci de olhar pelo retrovisor externo, e, cá entre nós, posso usar um Feitiço Supersensorial para isso.

De volta à plataforma, eles encontraram Lílian e Hugo, o irmão mais novo de Rosa, entretidos em uma animada discussão sobre a Casa para a qual seriam selecionados, quando finalmente fossem para Hogwarts.

- Se você não for para a Grifinória, nós o desrdaremos - ameaçou Rony -, mas não estou pressionando ninguém.

- Rony!

Lílian e Hugo riram, mas Alvo e Rosa ficaram muito preocupados.

- Ele não está falando sério - disseram Hermione e Gina, mas Rony já não estava prestando atenção. Atraindo o olhar de Harry, ele acenou discretamente com a cabeça para um ponto a uns cinquenta metros. O vapor tinha rareado por um momento, e três pessoas estavam paradas destacando-se contra a névoa em movimento.

- Veja só quem está ali.

Draco Malfoy estava parado com a mulher e o filho, um sobretudo escuro abotoado até o pescoço. Seus cabelos já revelavam entradas que salientavam o seu queixo fino. O novo aluno parecia com Draco tanto quanto Alvo parecia com Har

ry. Draco viu Harry, Rony, Hermione e
Gina olhando para ele, deu um breve aceno com a cab
eça e se afastou.
- Então aquele é o pequeno Escórpio - comentou R
ony em voz baixa. - Não deixe de
superá-lo em todos os exames, Rosinha. Graças a Deu
s você herdou a inteligência da sua mãe.
- Rony, pelo amor de Deus. - O tom de Hermione m
esclava seriedade e vontade de rir. -
Não tente indispor os dois antes mesmo de entrarem
para a escola!
- Você tem razão, desculpe. - Mas, incapaz de s
e conter, ele acrescentou: - Mas não fique
muito amiga dele, Rosinha. Vovô Weasley nunca perdo
aria se você casasse com um sangue
puro.
- Ei!
Tiago reaparecera; tinha se livrado do malão, d
a coruja e do carrinho e, evidentemente,
estava fervilhando de novidades.
- Teddy está lá atrás - disse ele, sem fôlego,
apontando por cima do ombro para as gordas
nuvens de vapor. - Acabei de ver! E adivinhe o que
ele está fazendo? Se agarrando com a
Victoire!
Ele ergueu os olhos para os adultos, visivelment
e desapontado com a falta de reação.
- O nosso Teddy! Teddy Lupin! Agarrando a nossa
Victoire! Nossa prima! E perguntei a
Teddy que é que ele estava fazendo...
- Você interrompeu os dois? - indagou Gina. - Vo
cê é igualzinho ao Rony...
- ... e ele disse que tinha vindo se despedir de
la! E depois me disse para dar o fora. Ele
está agarrando ela! - acrescentou Tiago, preocupado
que não tivesse sido suficientemente
claro.
- Ah, seria ótimo se os dois se casassem! - sus
surrou Lílian enlevada. - Então o Teddy ia
realmente fazer parte da nossa família!
- Ele já aparece para jantar quatro vezes por se
mana - disse Harry. - Por que não o

convidamos para morar de uma vez conosco?
- É! - concordou Tiago, entusiasmado. - Eu não m
e importo de dividir o quarto com o
Alvo... Teddy poderia ficar com o meu!
- Não - disse Harry, com firmeza -, você e Al s
ó dividirão um quarto quando eu quiser ter
a casa demolida.
Ele consultou o velho relógio arranhado que, no
passado, tinha pertencido a Fábio Prewett.
- São quase onze horas, é melhor embarcar.
- Não se esqueça de transmitir a Neville o nosso
carinho! - recomendou Gina a Tiago ao
abraçá-lo.
- Mamãe! Não posso transmitir carinho a um profe
ssor!
- Mas você conhece Neville...
Tiago girou os olhos para o alto.
- Aqui fora, sim, mas, na escola, ele é o profes
sor Longbottom, não é? Não posso entrar na
aula de Herbologia falando em carinho...
E, balançando a cabeça para a tolice da mãe, ele
sapecou um pontapé em Alvo.
- A gente se vê, Al. Cuidado com os testrálios.
- Pensei que eles fossem invisíveis. Você disse
que eram invisíveis!
Tiago, porém, riu apenas, permitiu que a mãe o b
eijasse, deu no pai um rápido abraço e
saltou para o trem que se enchia rapidamente. Eles
o viram acenar e sair correndo pelo
corredor à procura dos amigos.
- Não precisa se preocupar com os testrálios - d
isse Harry a Alvo. - São criaturas meigas,
não têm nada de apavorante. E, de qualquer modo, vo
cê não irá para a escola de carruagem,
irá de barco.
Gina deu um beijo de despedida em Alvo.
- Vejo vocês no Natal.
- Tchau, Al - disse Harry, e o filho o abraçou.
- Não esqueça que Hagrid o convidou para
tomar chá na próxima sexta-feira. Não se meta com o
Pirraça. Não duele com ninguém até
aprender como se faz. E não deixe Tiago enrolar voc

ê.
- E se eu for para Sonserina?
O sussurro foi apenas para o pai, e Harry perceb eu que só o momento da partida poderia ter forçado Alvo a revelar como o seu medo era grande e sincero.
Harry se abaixou de modo a deixar o rosto do men ino ligeiramente acima do dele. Dos seus três filhos, apenas Alvo herdara os olhos de Lílian .
- Alvo Severo - disse Harry, baixinho, para nin guém mais, exceto Gina, poder ouvir, e ela teve tato suficiente para fingir que acenava para Rosa, que já estava no trem -, nós lhe demos o nome de dois diretores de Hogwarts. Um deles era da Sonserina, e provavelmente foi o homem mais corajoso que já conheci.
- Mas me diga...
- ... então, a Sonserina terá ganhado um excelen te estudante, não é mesmo? Não faz diferença para nós, Al. Mas, se fizer para você, po derá escolher a Grifinória em vez da Sonserina. O Chapéu Seletor leva em consideração a sua escolha.
- Sério?
- Levou comigo.
Ele jamais contara isso a nenhum dos filhos, e notou o assombro no rosto de Alvo ao ouvi-lo. Agora, entretanto, as portas estavam começando a se fechar ao longo do trem vermelho, e os contornos indistintos dos pais se aglomeravam ao avançar para os beijos finais, as recomendações de última hora. Alvo pulou para o vag ão, e Gina fechou a porta do compartimento dele. Os estudantes estavam pendurado s nas janelas mais próximas. Um grande número de rostos, tanto dentro quanto fora do trem, parecia estar virado para Harry.
- Por que eles estão todos nos encarando? - perg untou Alvo, enquanto ele e Rosa se esticavam para olhar os outros estudantes.
- Não se preocupe - disse Rony. - É comigo. Sou

excepcionalmente famoso.

Alvo, Rosa, Hugo e Lílian riram. O trem começou a se deslocar, e Harry acompanhou-o, olhando o rosto magro do filho já iluminado de excitação. Continuou a sorrir e acenar, embora tivesse a ligeira sensação de ter sido roubado ao vê-lo se distanciando dele...

O último vestígio de vapor se dispersou no ar de outono. O trem fez uma curva, a mão erguida de Harry ainda acenava adeus.

- Ele ficará bem - murmurou Gina.

Ao olhá-la, Harry baixou a mão distraidamente e tocou a cicatriz em forma de raio em sua testa.

- Sei que sim.

A cicatriz não incomodara Harry nos últimos dezenove anos. Tudo estava bem.

Títulos disponíveis da série Harry Potter no Le Livros, em ordem de leitura (Clique no nome para abrir o livro):

Harry Potter e a Pedra Filosofal

Harry Potter e a Câmara Secreta

Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban

Harry Potter e o Cálice de Fogo

Harry Potter e a Ordem da Fênix

Harry Potter e o Enigma do Príncipe

Harry Potter e as Relíquias da Morte

Livros da Biblioteca de Hogwarts

Animais Fantásticos & Onde Habitam

Quadribol Através dos Séculos

Os Contos de Beedle, o B

ardo

Explore o primeiro capítulo do próximo livro da série Harry Potter ...